

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

A MÃO DO

DIABO

r o m a n c e



gradiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FICÇÃO

A Ilha das Trevas, Temas & Debates, 2002; Gradiva, 2007.

A Filha do Capitão, Gradiva, 2004.

O Codex 632, Gradiva, 2005.

A Fórmula de Deus, Gradiva, 2006.

O Sétimo Selo, Gradiva, 2007.

A Vida Num Sopro, Gradiva, 2008.

Fúria Divina, Gradiva, 2009.

O Anjo Branco, Gradiva, 2010.

O Último Segredo, Gradiva, 2011.

A Mão do Diabo, Gradiva, 2012.

A MÃO DO
DIABO

romance

Nós somos o nosso próprio diabo e fazemos deste mundo o nosso inferno.

- Oscar Wilde

Às minhas três diabinhas, Florbela, Catarina e Inês

Toda a informação histórica, financeira e económica
incluída neste romance é verdadeira.

Prólogo

As palmeiras pareciam sentinelas irrequietas ao longo da faixa verde que separava os dois sentidos da marginal, as folhas balouçando animadamente ao vento como se dançassem ao ritmo alegre da cidade no bulício da estação do veraneio. O Sol deitava-se no enfiamento da costa e as lâmpadas brilhavam já nos candeiros de época que bordejavam a serpenteante Promenade des Anglais, iluminando Nice com o brilho resplandecente de uma tiara de diamantes, os reflexos a cintilarem nas águas inquietas do Mediterrâneo como chamuscamas bamboleantes.

Os turistas iam abandonando em grupos a praia de Neptuno, onde em vez da areia se estendia um tapete de seixos acinzentados sobre os quais se plantavam toldos azuis e se alongavam ainda os banhistas mais teimosos. As pessoas enchiam os passeios no caminho de regresso aos hotéis e aos apartamentos, as conversas descontraídas e as gargalhadas a cruzarem-se pelo ar.

O olhar inquieto do homem louro contrastava com o clima distendido do estio na grande cidade da Côte d'Azur. O homem atirou uma mirada preocupada para trás e estugou o passo ao ponto de quase começar a correr ao longo do passeio largo entre a praia e a marginal, zigzagueando entre os turistas que se lhe atravessavam pelo caminho. Fez-se à estrada num ímpeto e esteve à beira de ser atropelado por um Mercedes negro num sentido e depois por um Aston Martin prateado no sentido contrário, mas conseguiu esgueirar-se entre os automóveis que cruzavam as seis faixas da marginal e, apesar do seu evidente nervosismo, chegou sem mais incidentes ao passeio do lado oposto. A marcha apressada transformou-se em corrida e o homem passou pela porta do Negresco tão perturbado que nem sequer deitou uma espreitadela à magnífica fachada do hotel de esquinas arredondadas e à sua famosa cúpula cor-de-rosa e verde, o edifício tão branco e tão bem trabalhado que parecia uma monumental peça de marfim encaixada na Promenade des Anglais.

A brisa soprava fresca e vinha carregada de odores a mar, a sol, a iodo e a férias, mas tudo isso ele ignorou. Meteu pela rue de Rivoli até apanhar a movimentada rue de la Buffa. Uma tabuleta indicava Centre Ville à direita, para onde virou. Deteve-se diante da porta do primeiro prédio no outro lado da rua, um edifício de cinco andares cinza-claro com as múltiplas varandas protegidas por grades de ferro contorcido em arabescos, a fachada a lembrar a elegância dos blocos da rue de Rivoli parisiense, e espreitou com olhos vigilantes para os dois lados do passeio, como um coelho assustado. A rue de la Buffa era larga e não vislumbrou ninguém suspeito, mas isso não o tranquilizou. Carregou sucessivamente no botão do segundo andar esquerdo, esperando com tal insistência apressar uma resposta.

"Quem é?", perguntou uma voz irritada pelo intercomunicador, obviamente agastada pela obstinação enervada do toque. "Quem está aí?"

"Sou eu, o Hervé. Abre a porta! Depressa!" "Já vai, já vai. Tem calma!"

Com um zumbido e um estalido, a porta da rua destrancou-se e, depois de espreitar de novo em redor para se certificar de que ninguém o seguira, Hervé entrou no edifício. Demasiado impaciente para aguardar o elevador, galgou as escadarias saltando os degraus de dois em dois e só parou quando, já ofegante, chegou ao segundo andar. A porta do apartamento esquerdo estava entreaberta e deparou-se com o amigo a aguardá-lo de braços cruzados.

"Temos de sair daqui", atirou, entrando apressadamente no apartamento. "E o mais depressa possível!..."

O amigo desviara-se para o deixar passar e, enquanto fechava a porta, lançou-lhe um olhar inquisitivo.

"Que se passa?"

O recém-chegado correu até à sala e, afastando ligeiramente a cortina, espreitou para o exterior. O Mediterrâneo era visível da sala, e em particular o enorme paquete que se afastava em direcção à linha do horizonte, proveniente da vizinha Villefranche-sur-Mer, mas Hervé ignorou-o e concentrou-se antes no que se passava na rua lá em baixo.

"Acho que me viram."

A informação arrancou um esgar intrigado ao amigo. "Porque dizes isso?"

Hervé não largou a janela, varrendo a rua em busca de qualquer movimento suspeito que confirmasse os seus receios; precisava de ter a certeza de que não fora seguido.

"Dei com um homem na Prom a tirar fotografias na minha direcção. Quando se apercebeu de que o topei virou-se para o lado e disfarçou."

"Que tipo de homem? Como estava vestido?"

"Era um gajo com calções brancos e um pólo azul do Yacht Club do Mónaco."

O amigo pôs as mãos na ilharga e inclinou a cabeça numa postura de repreensão.

"Ah, meu grande camelo!", exclamou num tom de repreensão paternal. "Andas mais nervoso que uma barata, hem? Zut alors, até um simples turista te põe a tremer de cagufa!" Fez uma careta de escárnio. "Não imaginava que vocês lá em Paris tinham medo dos turistas!..."

O parisiense desprendeu o olhar da cortina e voltou-se para o seu interlocutor.

"Escuta, Éric, o tipo estava a espiar-me!" Éric sorriu sem humor.

"A sério? Um espião de calções e pólo do Yacht Club? Deixa cá ver... seria o zero zero oito? Porque não o Arsène Lupin?" Abanou a cabeça. "Deves estar a gozar comigo..."

"A roupa era um disfarce."

O sorriso do amigo transformou-se numa gargalhada.

"Tu sabes lá o que é um disfarce", exclamou Éric, passando os dedos pelos cabelos grisalhos. "Quando eu era estudante e enfrentei a polícia lá na Sorbonne, em Maio de 68, no tempo dos comunas e da Indochina e da Argélia e daquela loucura toda, aí é que havia espionagem a sério." Fez um gesto displicente para a janela. "O que tu viste, meu caro, não passou de um turista a fotografar a Prom ao anoitecer. Haverá coisa mais normal em Nice?" Virou as costas e dirigiu-se ao corredor. "Acho que este caso está a dar-te cabo dos nervos. Anda, vem daí e acalma-te."

Sentindo-se de repente ridículo, Hervé hesitou; talvez o amigo tivesse razão, o caso estava de facto a torná-lo paranóico. "Achas mesmo que era um turista?"

Éric nem olhou para trás.

"Vamos, anda daí", insistiu num tom paternal. "Temos muito trabalho pela frente."

A descontracção do parceiro deixou Hervé desconcertado. Momentos antes teria jurado pela saúde dos seus filhos que o homem dos calções o estava a vigiar, mas agora já não se sentia assim tão certo. No fim de contas talvez Éric tivesse razão, o homem dos calções não passava provavelmente de um turista encantado com a Promenade des Anglais, e ele, sentindo-se acossado e nervoso com o trabalho que andavam a fazer, vira uma ameaça onde ela não existia. Que tolo!

Ainda pensou em espreitar uma última vez pela janela, mas concluiu que tudo aquilo era de

facto uma completa idiotice e, vencendo a hesitação, meteu pelo corredor do apartamento e foi no encaicho de Éric; havia realmente muito trabalho pela frente.

Fez mal, porque se tivesse seguido o seu instinto e olhado de novo para a rua provavelmente teria visto o homem dos calções e pólo azul do Yacht Club do Mónaco plantado na esquina a inspecionar o edifício.

Além disso, o que era igualmente importante, teria percebido que o desconhecido não viera sozinho.

Os ecrãs dos portáteis estavam iluminados e enchiam-se de folhas de cálculo repletas de algarismos. Já estava na hora de jantar, mas Hervé e Éric encontravam-se de tal modo embrenhados na tarefa que tinham em mãos que nem deram pela passagem do tempo nem pelos protestos mudos dos seus estômagos; tudo o que parecia interessar-lhes eram os dígitos que enchiam os painéis dos computadores portáteis.

"Olha para isto", observou Éric, rompendo o mutismo para indicar um dos números registados no ecrã. "Não admira que tenhamos chegado onde chegámos!..."

O parisiense esticou o pescoço para o lado e espreitou o painel do portátil vizinho.

"Típico, hem?"

Voltaram a mergulhar nos números e o silêncio regressou ao apartamento, apenas rasgado pelo zumbido manso dos computadores e pelo ocasional dedilhar nervoso do teclado. O trabalho que estavam a desenvolver, talvez o mais importante em que alguma vez se tinham envolvido na sua vida profissional, requeria minúcia, grande concentração e muito empenho, e mostravam-se determinados a levá-lo até ao fim.

Um ruído metálico.

Hervé e Éric endireitaram as costas e altearam a cabeça, subitamente em alerta. Que barulho era aquele? Ouviram um som indefinido e compreenderam que vinha do corredor. Primeiro com espanto, depois com horror, perceberam que alguém tentava nesse momento inserir uma chave ou um outro objecto metálico, talvez um arame, na fechadura da porta do apartamento.

"Que é isto?"

Puseram-se de pé num salto, atarantados, e hesitaram. Era evidente que alguém tentava entrar no apartamento, mas quem? Pensaram em várias possibilidades mas depressa as puseram de lado. Ninguém sabia que eles se haviam escondido ali para levar a cabo o trabalho. Consequentemente, quem estava nesse instante a tentar abrir a porta, fosse lá quem fosse, não vinha com boas intenções. Que fazer? Deveriam enfrentar os intrusos?

Mas enfrentá-los como? Eles não eram guerreiros nem sabiam lutar, a resistência física parecia-lhes coisa de homens primitivos. Não seria melhor fugir? Deram alguns passos numa direcção e depois noutra, como galinhas tontas, sem saberem como reagir.

O barulho de um metal a rodar no interior da fechadura tornou-se mais forte. Tomando por fim consciência de que não tinham meios nem capacidade para resistir, Hervé desviou a atenção para a cozinha, ao fundo da qual havia uma porta que dava para as escadas de emergência. Agarrou Éric pelo braço e puxou-o com força. "Vamos!", exclamou. "Depressa!"

Correram para a cozinha e abriram a porta do fundo. No momento em que Hervé pôs o pé no degrau da escada metálica escutaram um clique proveniente do corredor e perceberam que a fechadura estava prestes a ceder.

"Despacha-te!", gritou Éric, a voz impregnada de pânico. "Eles vêm aí!"

Hervé sentiu-se de tal modo tomado pelo medo que quase teve vontade de se atirar lá para baixo. Mas estavam no segundo andar e dominou o impulso suicida. Saltou dois degraus, depois três e mais três, as escadas metálicas a tremerem e a rangerem e a balouçarem, mas deteve-se a meio do primeiro lanço quando viu o caminho cortado por dois homens que o encaravam lá de baixo com uma expressão ameaçadora.

"Para trás!", disse. "Para trás!"

"Estás doido?", espantou-se Éric dois degraus acima, sem compreender o comportamento do amigo. "Continua! Continua!"

Mas o parisiense já recuava e, fazendo um gesto para o fundo das escadas, apontou para os homens que entretanto haviam começado a trepar os degraus em sua perseguição.

"Eles estão aí!"

Éric olhou naquela direcção e vislumbrou os vultos a aproximarem-se. Percebeu nesse instante o problema, pelo que estacou e recuou também. Os dois subiram a escada com a convicção de que a sua única esperança era a fechadura da porta do apartamento resistir ainda aos intrusos, o que lhes daria a possibilidade de se armarem com as facas de cozinha e, se ainda tivessem tempo, telefonarem a pedir ajuda.

Voltaram à cozinha e viram-se rodeados por três vultos, como lobos a talharem-lhes o caminho. A fechadura cedera e os três desconhecidos cercaram-nos, dois à frente e um atrás, os semblantes carregados, as posturas ameaçadoras.

"Quem são os senhores?", perguntou Hervé, tentando imprimir autoridade à voz. "Que fazem aqui?"

Dois dos desconhecidos deram um passo em frente e as presas sentiram os seus braços poderosos envolverem-lhes o tronco e prenderem-lhes os braços, impossibilitando-lhes os movimentos. Tentaram libertar-se do aperto, mas os braços dos agressores eram demasiado fortes e o mais que conseguiram foi esprepear. Não adiantava.

Mudando de tática, o parisiense acalmou-se e encarou o desconhecido que ficara a observá-los, evidentemente o chefe da quadrilha. Pensou em negociar, mas apercebeu-se de que se tratava do homem dos calções e pólo azul do Yacht Club do Mónaco, o "turista" que avistara umas horas antes na Promenade des Anglais e que sorriu de forma estranha no momento em que se tornou evidente que os dois ocupantes do apartamento não tinham escapatória.

"Xeque-mate."

As cordas que amarravam Hervé à cadeira haviam sido estreitadas com tal força que ele já sentia as mãos dormentes. Olhou para Éric e percebeu que o seu companheiro mais velho não se encontrava melhor; na verdade apresentava até a face mais pálida do que era normal, sinal de que as cordas que o atavam estavam tão apertadas que o sangue tinha até dificuldade em subir à cabeça.

Passeou os olhos pelo espaço em redor e registou o caos em que se havia transformado a sala de estar. Não conseguia destrinçar o que se passava nas restantes divisões do apartamento, mas a barulheira era elucidativa e não lhe parecia difícil imaginar o que ali acontecia. Os intrusos esventravam os compartimentos e revistavam tudo o que havia para ver, espalhando pelo soalho roupas e livros e papéis e objectos de decoração e tudo o mais que

encontravam nas gavetas e nas estantes.

Ao fim de meia hora, o homem dos calções e do pólo azul regressou à sala de estar e abeirou-se de Hervé.

"O DVD?"

O cativo abanou a cabeça. "Qual DVD? Não sei o que..."

Duas estaladas, seguidas de um violento pontapé numa face, interromperam a resposta.

"Não te armes em parvo!", vociferou o agressor num tom carregado de ameaça. "Onde está o DVD?"

Hervé tentou encolher-se para se defender, mas estava demasiado bem amarrado e o mais que conseguiu foi virar a cabeça. Sentia a face incendiada e o nariz a latejar, mas só percebeu que sangrava quando viu pingos vermelhos salpicarem a madeira do chão em sucessivos círculos imperfeitos.

"Eu... não sei...", balbuciou, "não sei do que... do que está o senhor a falar."

Apanhou com um novo pontapé na cara que lhe deve ter rebentado o lábio inferior, pois sentiu aí um pulsar intenso e doloroso.

"Fala, idiota! O DVD?"

O prisioneiro tentou responder, mas as primeiras palavras afogaram-se na garganta e não lhe saíram. Respirou fundo e voltou a concentrar-se.

"Por favor, pare com isso", murmurou, ofegante. "Não sei de nenhum DVD."

O homem dos calções fitou-o durante uns longos cinco segundos, como se tentasse decidir se o indivíduo amarrado diante dele dizia a verdade ou mentia, e, talvez convencido, ou se calhar apenas mudando de tática, acabou por se dirigir ao segundo prisioneiro. Encarou Éric de pernas abertas e olhar carrancudo, como um toureiro a preparar-se para o embate.

"O DVD?"

Foi a vez de o cativo mais velho se encolher. "Não sei."

O homem dos calções pontapeou sucessivamente o segundo prisioneiro, empregando ainda maior selvajaria do que quando agredira Hervé. Éric tinha todo o tronco atado às costas da cadeira e a cabeça absolutamente desprotegida. Quando as agressões pararam, a cara do segundo prisioneiro cobrira-se de sangue e de hematomas, a testa tão inchada da parte direita que quase lhe tapava o olho.

"O DVD?", insistiu o interrogador. "Onde está a porra do DVD?"

Mas a cabeça de Éric estava caída, como a de uma marioneta abandonada pelo manipulador, e o prisioneiro parecia à beira de perder a consciência; era evidente que a agressão o tinha deixado incapaz de responder. O homem dos calções praguejou de frustração e, com gestos repentinos, foi buscar um computador e começou a montá-lo sobre a mesa que ocupava o centro da sala.

A ligação visual através do Skype levou dez minutos a ser estabelecida. Hervé passou esse tempo a estudar maneiras de escapar daquela armadilha, mas depressa percebeu que não havia fuga. Estava demasiado bem amarrado e, mesmo que se conseguisse libertar, teria de enfrentar os cinco desconhecidos, três deles muito corpulentos. A verdade é que se encontravam à mercê daqueles homens.

O ecrã do computador animou-se e um vulto difuso apareceu por fim na imagem. O agressor fez uma vénia.

"Poderoso Magus, preciso da tua preciosa orientação."

Hervé tentou destrinçar as feições do homem que aparecera em linha, mas o ecrã estava de lado e só lhe ouvia a voz.

"Então, Balam?", perguntou o vulto. "Que se passa? Apanhaste Dupond e Dupont?"

"Sim, estão aqui."

"E o DVD? Já o tens?"

"Não."

O homem dos calções e do pólo azul respondeu em voz baixa, quase a medo; sabia que tinha razões para isso.

"Tu garantiste-me que me trazias o DVD!", rosnou o homem no Skype. "Não te atrevas a quebrar a promessa!..."

"Não, poderoso Magus, fique descansado", apressou-se Balam a responder, com gotas de suor a descerem em ziguezague pela testa. Hesitou, na dúvida sobre como expor o problema. "É que... já os interroguei e eles dizem que não sabem do que estou a falar. Será possível?"

"Claro que não", retorquiu Magus. "Os tipos estão a mentir. Tens de os apertar melhor."

Balam desviou o olhar para Éric, que permanecia atordoado depois do ataque selvagem a que fora submetido, e respirou fundo.

"Só se for o mais novo", constatou. "O velhote já não está em condições de falar."

O vulto no ecrã emudeceu por uns instantes, decerto a ponderar o melhor caminho.

"Elimina um", sentenciou num tom gélido. "Isso fará o outro cantar que nem um canário."

Sem hesitar, Balam endireitou-se e tirou uma navalha do bolso traseiro dos calções. Hervé observou-o com o horror a crescer-lhe nos olhos, receando que a ordem lhe dissesse respeito a si. Em vez disso o agressor aproximou-se de Éric. Pegou-lhe pelo cabelo grisalho de modo a endireitar-lhe a cabeça e, com um gesto repentino, passou-lhe a lâmina pelo pescoço e o sangue começou a jorrar em golfadas. O parisiense virou a cara e fechou os olhos, mas isso não o impediu de ouvir o sangue a borbulhar do pescoço e o esperar impotente das pernas de Éric durante alguns segundos até ao estertor final.

Quando tudo ficou de novo quieto, Hervé sentiu o agressor aproximar-se dele.

"É a tua última oportunidade", sussurrou Balam, quase como se segredasse. "Onde está o DVD?"

A imagem e o som da brutal execução de Éric ecoavam na mente do prisioneiro no momento em que, a medo, levantou os olhos assustados e encarou o verdugo. Balam tinha as mãos ensanguentadas e manchas encarnadas a sujarem-lhe o pólo azul do Yacht Club do Mónaco. A navalha suja dançava-lhe na ponta dos dedos.

"Por favor", gemeu, as lágrimas a começarem a rolar-lhe pela face inchada e manchada de sangue e transpiração, "não me mate!..."

O agressor inclinou-se e fitou-o com intensidade, como se a paciência tivesse chegado ao limite.

"O DVD?"

Hervé percebeu que não dispunha de qualquer alternativa. Se queria sobreviver, tinha de cooperar. Uma voz dizia-lhe na cabeça que, fosse qual fosse a sua decisão, o destino estava traçado; ia ser morto. Mas uma esperança cega calou essa voz interior e a vontade de viver revelou-se tão grande que o fez acreditar que poderia escapar se desse ao agressor o que ele

viera buscar.

"Não o temos", murmurou, pela primeira vez a admitir implicitamente que sabia bem o que os desconhecidos procuravam. "O DVD está com... com outra pessoa." Balam arreganhou os lábios e exibiu os dentes.

"Quem?"

A pergunta foi feita tão próximo que Hervé sentiu o hálito a vinho do carrasco. O coração do prisioneiro ribombava-lhe descontroladamente no peito e os lábios entumecidos pelas pancadas tremiam-lhe de medo e dor.

"O português", confessou, a arfar de medo. "É o português... é ele que tem esse maldito DVD."

Consciente de que o homem à sua mercê dizia a verdade e revelara enfim tudo o que sabia, Balam endireitou-se, pousou-lhe a mão sobre a cabeça como se o afagasse e, com súbita brutalidade, puxou-o pelos cabelos. Com a ponta da navalha suja ainda a cintilar, fez um movimento rápido e degolou-o como havia degolado Éric dois minutos antes.

O cheiro a mofo e a pó das antiguidades era o suficiente para manter qualquer pessoa de bom senso o mais afastada possível do armazém dos documentos raros, mas o odor bafiento dos papéis a desfazerem-se com os séculos era para Tomás Noronha o melhor dos bálsamos. Com as mãos enludadas, como requerido pelo protocolo quando se manuseiam manuscritos tão antigos, o historiador português pegou no rolo de pergaminho bolorento e estendeu-o sobre o estirador. Aproximou a lâmpada da superfície amarelecida e iluminou as linhas misteriosas que percorriam o velho documento como uma cifra arcana; parecia vagamente árabe mas era algo diferente, infinitamente mais enigmático e difícil de decifrar.

"Que alfabeto é esse, professor?"

A pergunta foi feita pelo homem que lhe entregara o rolo, o responsável pela equipa de arqueólogos que dias antes o chamara a Atenas e o arrastara até àquela cave sombria do Museu Arqueológico.

"Avéstico", respondeu o historiador português, os olhos fascinados a deslizarem pelas palavras que enchiam o rolo. "A língua é a das escrituras do zoroastrismo, usada na Pérsia até ao século VI antes de Cristo."

"Então confirma que esse texto é mesmo dos Avestá?"

Absorto no texto diante dele, Tomás não respondeu; na verdade nem ouviu a pergunta, tão concentrado estava nas palavras que devorava com fascínio incontido. Nunca imaginara vir um dia a estar diante de um manuscrito daqueles. E a sua surpresa ia aumentando à medida que decifrava as palavras ali gravadas havia mais de dois milénios, como se o copista da antiguidade as tivesse escrito especificamente para ele. Parecia incrível que uma descoberta de tal magnitude lhe viesse cair nas mãos daquela maneira.

"Diga-me, professor Markopoulou, onde foi que vocês encontraram isto?"

"Na ruínas da Biblioteca de Pantainos", devolveu o arqueólogo. "Ali na zona da ágora."

"Isso já vocês me disseram quando me convidaram a vir cá", observou sem desviar a atenção do pergaminho decrépito, quase como se tivesse medo de que ele desaparecesse. "Mas onde exactamente?"

"Na escavação da parte da biblioteca junto à Porta de Atena. Demos com uma câmara subterrânea totalmente protegida da humidade. Era aí que os rolos estavam guardados."

Tomás não tirava os olhos do manuscrito; o seu conteúdo era demasiado fascinante, deixara-o hipnotizado. Mesmo que quisesse, não seria capaz de afastar dali o olhar. E quem o poderia censurar? Não era aquilo o sonho de qualquer historiador? Parecia impossível um documento tão antigo ter sobrevivido tanto tempo nas condições de humidade típicas da Europa. Se fosse no Médio Oriente, isso não o surpreenderia; as descobertas de Qumran e de Nag Hammadi constituíam a prova de que os climas secos de Israel e do Egipto eram os mais adequados para a preservação de manuscritos antigos. Mas... a Grécia?

"Este texto é impressionante", murmurou, assombrado. "Verdadeiramente impressionante!"

O arqueólogo grego que lhe fazia companhia aproximou mais a cabeça para contemplar o rolo aberto no estirador, como se só o facto de o olhar lhe permitisse arrancar do texto os seus segredos.

"São mesmo Os Avestá?", perguntou de novo. "Confirma-se, professor?"

Tomás assentiu com um suave movimento afirmativo da cabeça. "São os Avestá, são", anuiu.

"Mais exactamente o Gathas, o livro dos dezassete hinos que se pensa terem sido escritos pela mão do próprio Zoroastro."

O professor Markopoulou indicou o rolo bafiento cujas palavras misteriosas a luz amarelada da lâmpada acariciava com um hálito quente, resgatando o texto da treva que durante milénios o abrigara da curiosidade humana.

O historiador português aproximou o olhar de uma palavra sem as últimas letras, substituídas por um pequeno buraco cavado pelo tempo e talvez aberto pelas traças, num esforço para lhe extrair o sentido que o furo escondera.

"É um trecho sobre Angra Manyu." "Quem é esse?"

Pela primeira vez, Tomás desviou a atenção do manuscrito e encarou o seu colega com um sorriso que as sombras da cave tornaram vagamente sinistro, como se a atmosfera daquele lugar lúgubre fosse a mais adequada para o tema que o texto invocava.

"O Diabo."

Ao ouvir o nome maldito, o arqueólogo abriu muito os olhos e recuou instintivamente, quase assustado; parecia reçar o próprio manuscrito.

"Perdão?"

O português passou a palma da mão por cima do rolo aberto no estirador e redigido no alfabeto avéstico, como se o quisesse acariciar.

"Este trecho do Gathas descreve-nos o aparecimento de Angra Manyu", revelou, a voz abafada pelo ambiente opressivo da cave escura. "Sabe, o zoroastrismo foi a primeira religião monoteísta. O judaísmo, o cristianismo e o islão vieram beber ao zoroastrismo, que nasceu na antiga Pérsia. Os textos pré-zoroastrianos falam na vinda de Mitra, que nasceria numa gruta, evento que seria assinalado por uma estrela."

"Isso parece-me familiar..."

"Vejo que é observador. Os evangelistas cristãos inspiraram-se obviamente nesta lenda para falar no nascimento de Jesus numa gruta e na estrela de Belém", explicou. "Depois veio Zoroastro, um ser humano com ligação a Deus e que impôs o monoteísmo. O seu verdadeiro nome seria Zarosht Spitama, igualmente conhecido por Zaratustra, e parece que era um zaotar, ou sacrificador. Ou seja, um mago, uma casta clerical que naquele tempo existia na Pérsia."

"Mago, hem? Também isso me parece familiar."

"Com certeza. O conceito dos três reis magos que seguiram a estrela de Belém é outra evidente influência zoroastriana nos evangelhos cristãos. Acontece que Zoroastro estabeleceu que só existe um Deus, Ahura Mazda, literalmente o Senhor Sábio, o Criador do Céu e da Terra, o juiz supremo, mestre da matéria e do espírito, único, onipotente e onisciente. Foi a primeira vez na história da humanidade que uma religião apresentou o conceito inovador de que existe um único Deus. Toda a doutrina do zoroastrismo se encontra exposta nas suas escrituras sagradas, os Avestá, um conjunto de textos redigidos ao longo de centenas de anos e que inclui os Gathas."

O professor Markopoulou fez um gesto na direcção do rolo que o seu colega português estudava.

"Isso são os Gathas?"

"Um trecho dos Gathas."

"E diz-me que fala sobre o... o Diabo?"

Tomás voltou a aproximar a lâmpada do rolo. Ao deslocar-se, a luz fez mover as sombras e criou um efeito surreal, como se a própria cave estivesse assombrada e os fantasmas deslizassem pelo ar bafiento.

"Os Gathas revelam que Deus, ou Ahura Mazda, é pai de várias entidades, incluindo dois irmãos gémeos a quem deu a liberdade de escolher entre o bem e o mal. Um deles, Spenta Manyu, ou Espírito Santo, preferiu o bem e a vida. O outro, Angra Manyu, também conhecido por Ahriman, optou pelo mal e pela morte. Os discípulos de Ahriman são os dregvant, ou seguidores da mentira, e os druj, enganados pela mentira."

O arqueólogo arregalou os olhos. "Esse Ahriman é... é..."

"O Diabo, sim", assentiu o historiador com o brilho da lâmpada a cintilar-lhe no olhar verde. "Foi a primeira vez que um texto religioso mencionou a existência do Príncipe das Trevas." Tocou com o indicador no manuscrito. "É justamente este texto." Afastou a cabeça e contemplou as linhas grafadas à mão no rolo como se as admirasse. "Percebe então a sua importância?"

O académico grego engoliu em seco, intimidado com o poder surdo, maligno até, que aquele alfabeto enigmático parecia encerrar.

"Sim."

O historiador português assinalou uma linha do pergaminho com a ponta do indicador, como se quisesse reforçar a ideia.

"Este trecho, meu caro, descreve o nascimento do Diabo."

O silêncio na cave do Museu Arqueológico de Atenas prolongou-se por mais de uma hora; apenas se ouvia o lápis de Tomás a rabiscar no bloco de notas e ocasionalmente o velho manuscrito ser desenrolado para desvendar mais texto. Ao lado do seu convidado, a respiração o mais leve possível para não despertar o Senhor dos Infernos evocado por aquele texto milenar, o professor Markopoulou permanecia no mais profundo mutismo enquanto mirava com temor reverente as estranhas letras que a lâmpada iluminava com o seu clarão amarelado.

Ao chegar ao fim do rolo de pergaminho, e depois dos derradeiros apontamentos, o historiador português fechou o bloco de notas e encarou o anfitrião.

"Disse o professor que este manuscrito foi encontrado numa câmara escondida por baixo das ruínas da Biblioteca de Pantainos?"

"Correcto."

"Era o único manuscrito que lá existia ou havia mais?" O professor Markopoulou hesitou.

"Era o único... acho."

A última palavra fez Tomás semicerrar os olhos. "Acha?"

O grego ficou momentaneamente atrapalhado.

"Quer dizer, pareceu-me ser a única coisa que havia por ali. Mas admito que... enfim, a câmara era muito sombria e talvez não a tenha explorado com todo o rigor. Pode ser que haja mais qualquer coisa, não digo que não."

Tomás endireitou-se e voltou-se para se livrar de uma dor que aparecera após tanto tempo curvado na mesma posição. Depois fez um gesto com a mão, como se o chamasse.

"Vamos andando", disse. "Ainda há trabalho para fazer." O arqueólogo olhou-o com admiração.

"Onde quer o senhor ir?"

"Às escavações, claro. Temos de verificar se há lá mais alguma coisa."

Os dois académicos arrumaram o rolo numa estante climatizada da cave que o professor Markopoulou fechou à chave. Depois encaminharam-se para as escadas e dirigiram-se ao piso térreo do museu.

"De que está o professor verdadeiramente à procura?"

"Os Avestá são escrituras muito antigas", explicou Tomás. "Temos alguns dos seus livros, como o Gathas, o Vendidad, o Dinkard, o Shah- Nama, o Zardusht-Nama, o Yasht, o Visparat e outros. Por exemplo, o Vendidad, denominação do livro também intitulado Lei contra os Demónios, mostra o Diabo a incitar Zoroastro a renunciar à sua fé em Deus seis séculos antes de Satanás fazer o mesmo a Jesus no deserto."

"Está a insinuar que o episódio evangélico da tentação de Jesus no deserto é inspirado nos textos zoroastrianos?"

"É evidente", assentiu o historiador. "O zoroastrismo é muito importante para compreender certos mitos do cristianismo e das outras religiões assentes na Bíblia. Foi aqui que se introduziram conceitos fundamentais como o livre arbítrio e a responsabilidade individual, o Deus único, o mito do Salvador da humanidade, a figura do Diabo, a luta entre o bem e o mal, o fim dos tempos, o julgamento final e a ressurreição dos corpos, ideias que iriam influenciar as restantes religiões e moldar o mundo como ele é hoje."

Chegaram ao piso térreo e, após cruzarem uma porta de serviço, entraram nas galerias abertas ao público e passaram pela colecção Karapanos e pelo Jardim das Esculturas em direcção à saída. Havia turistas por toda a parte e falavam-se várias línguas, sobretudo alemão, o que pareceu incomodar o arqueólogo.

"Porra de nazis!", vociferou o professor Markopoulou numa voz subitamente tensa. "Porque não vão para a terra deles?"

A agressividade e o tom xenófobo da observação foram tão inesperados, sobretudo porque saíam totalmente fora do contexto da conversa, que apanharam Tomas de surpresa.

"Porque? Qual é o problema?"

O académico grego indicou com o polegar um magote de turistas que admiravam a máscara de Agamémnon, a figura mortuária de ouro que constituía uma das principais atracções do Museu Arqueológico, enquanto um guia lhes dava explicações em alemão.

"Esses cabrões andam a infernizar-nos a vida", afirmou o arqueólogo com um semblante pesado. Abanou a cabeça como se quisesse desanuviar e respirou fundo. "Enfim, ignoremo-los." Voltou-se para Tomas e procurou concentrar-se, num esforço para retomar o fio da conversa. "Diga-me, professor, o que espera encontrar de especial na câmara onde descobrimos o manuscrito?"

O incidente desagradou a Tomas, mas optou por não fazer comentários e por se limitar ao assunto que o trouxera a Atenas.

"Os livros perdidos dos Avestá."

"Está a falar de que?"

"Sabe, alguns dos livros das escrituras zoroastrianas não chegaram até nós", explicou. "Quando os muçulmanos invadiram a Persia, no século VII, levaram a cabo um genocídio cultural do zoroastrismo. Saquearam templos, queimaram escrituras, massacraram fiéis. O cânone dos Avestá é composto por vinte e um livros, mas a maior parte desapareceu. Só conseguimos recuperar um quarto dos textos originais. Por exemplo, sabemos através de documentos em

pahlavi que havia escritos apocalípticos que falavam sobre o fim dos dias e uma grande guerra, no final da qual o Céu enviará um grande Deus que destruirá o mal pelo fogo e pela espada."

"Hmm... isso tem tonalidades messiânicas."

"Pois tem. Pensa-se que esse livro perdido terá inspirado várias seitas judaicas, como os essênios e os cristãos, nas suas doutrinas sobre o fim do mundo e o julgamento final."

"O professor está à procura desse livro?"

"Desse e de um outro, o décimo terceiro livro dos Avestá. Chamam-lhe Spend Nask e trata-se na verdade de uma biografia de Zoroastro. Sabemos que o Spend Nask foi escrito, mas desde a invasão muçulmana que nunca mais ninguém lhe pôs os olhos em cima." Soprou. "Puf, sumiu-se!" Um brilho quase imperceptível cintilou no esgar vivo de Tomas. "Encontrá-lo seria como descobrir a arca da aliança do misticismo, percebe? O Spend Nask encerra solução para os grandes mistérios das três religiões monoteístas, todas elas de certo modo fundadas na vida e na ética de Zoroastro."

Chegaram ao átrio e viram a luz do dia jorrar pela porta principal do museu; estavam quase a sair à rua.

"E o que o leva a pensar que esses livros estão aqui em Atenas?", quis saber o arqueólogo, intrigado. "Que eu saiba, a Grécia fica longe da Pérsia..."

"Sim, mas muitos autores gregos antigos fizeram abundantes referências a Zoroastro, a quem chamaram o Príncipe dos Magos e o inspirador de Pitágoras. Platão, por exemplo, disse que ele era filho de Oromazdes. Oromazdes é Ahura Mazda, claro, o Deus zoroastriano, o que significa que Zoroastro era filho de Deus. O próprio Plutarco estabeleceu uma ligação divina a Zoroastro."

"Essa do filho de Deus parece mais uma ideia judaica e cristã", constatou o grego. "E então? Isso não responde à minha pergunta..."

Chegaram à porta principal do Museu Arqueológico e Tomás deteve-se, como se o que tivesse para dizer fosse tão importante que não podia ser expresso enquanto caminhava.

"No Livro de Arda Viraf existe uma lenda segundo a qual os Avestá estavam guardados na biblioteca dos reis do império aqueménida, pilhada por Alexandre, o Grande", revelou. "É possível que os homens de Alexandre tenham trazido esses livros aqui para Atenas. Se assim foi, as escrituras zoroastrianas poderão ter escapado ao grande auto-de-fé muçulmano. Quem sabe se o manuscrito que o professor encontrou nas escavações da Biblioteca de Pantainos não faz parte do espólio de Alexandre? E, se fizer, que outros manuscritos poderemos lá descobrir?"

"Acha que poderá estar lá o..."

O arqueólogo deixou a frase suspensa, incapaz de se lembrar do título do livro, tão estranho ele lhe parecera, e foi Tomás que completou a frase, mas em voz baixa, como se receasse que bastasse pronunciar o título perdido para afugentar o gigantesco golpe de sorte pelo qual ansiava.

"O Spend Nask"

Cruzaram a porta. Quando chegaram às quatro colunas que decoravam a entrada, porém, voltaram a estacar e ficaram plantados no topo da grande escadaria. Desta vez não pararam para conversar; os dois académicos imobilizaram-se porque ficaram estarelecidos com o que viam acontecer diante deles, à frente do grande jardim de acesso ao museu.

"C'os diabos!", exclamou Tomás, boquiaberto. "O que raio vem a ser isto?"

A multidão desfilava em passo lento na rua diante do Museu Arqueológico, empunhando cartazes em caracteres gregos e múltiplas bandeiras, umas vermelhas com a foice e o martelo, outras com símbolos anarquistas. Vozes amplificadas por megafones gritavam palavras de ordem, a que a massa humana respondia num coro ritmado, as frases pontuadas por punhos fechados erguidos no ar.

"A manifestação!", disse o professor Markopoulou, batendo com a palma da mão na testa. "Já me esquecia que hoje havia uma manifestação contra as medidas de austeridade!"

"Oh, não!", soltou Tomás com desânimo. "E agora? A rua parece bloqueada. Como vamos passar?"

Os olhos dos dois académicos percorriam a multidão; deviam estar ali dezenas de milhares de pessoas.

"Porque não vamos com eles?", perguntou o arqueólogo grego. "Devíamos juntar a nossa voz a este protesto. Sempre era uma maneira de lhe dar força!..."

O historiador português fitou o seu colega com incredulidade. "O professor está louco? Nós somos académicos!..."

"E então?"

Desde quando é que os académicos se metem nas confusões da política e das questões laborais?"

O rosto do professor Markopoulou endureceu e os seus olhos escuros tornaram-se frios.

"Desde que me cortaram o salário e me retiraram o décimo terceiro, o décimo quarto e o décimo quinto mês e me aumentaram a idade da reforma!", ripostou com acidez. "O governo foi-me ao bolso e eu deixo-me ficar?" Abanou enfaticamente a cabeça. "Nem pensar!"

Antes que o seu convidado pudesse dizer alguma coisa, o grego começou a descer as escadarias e dirigiu-se à manifestação em passo decidido. Tomás ainda hesitou, mas acabou por correr no seu encalço, percebendo que não tinha grande alternativa, embora estivesse convencido de que aquilo, além de ser um disparate, constituía um comportamento pouco profissional para quem proclamava independência em relação aos poderes políticos.

"Professor, não nos podemos meter nesta confusão", ainda atirou, num esforço para acalmar o seu colega temperamental. "Temos trabalho a fazer!"

"Oiça, meu caro", devolveu o professor Markopoulou, virando-se para trás enquanto caminhava. "Vamos ficar aqui só um bocadinho e depois seguimos para as escavações, está bem? Eles estão a ir para a Praça Syntagma, onde se encontra o parlamento, e quero acompanhá-los para descarregar a fúria que ando a alimentar dentro de mim. Vai fazer-me bem."

Assim postas as coisas, que objecções poderia Tomás levantar? O homem precisava de expressar a sua frustração, que diabo! Em Portugal as pessoas faziam o mesmo nos estádios de futebol quando insultavam o árbitro e a senhora sua mãe; pelos vistos ali na Grécia preferiam fazê-lo nas ruas. Que mal haveria numa coisa dessas? Havia que respeitar os costumes da terra.

Foi assim, sem mais protestos, que o historiador português se juntou à corrente de gente que deslizava pelas ruas de Atenas como um rio imenso e tumultuoso.

Havia já uma meia hora que a multidão não se calava, as palavras de ordem a erguerem-se

num coro mais ou menos disciplinado. O professor Markopoulou fundira-se na multidão e berrava a plenos pulmões, o que não deixava de suscitar admiração no seu colega português. Como era possível um académico deixar-se arrastar daquela maneira pelas emoções contestatárias? Tomás observava tudo com distanciamento, estava dentro da manifestação mas era como se estivesse fora dela; analisava o protesto como se não passasse de um sociólogo a fazer um estudo sobre a psicologia comportamental das multidões.

A certa altura o professor Markopoulou calou-se, talvez já fatigado de tanto gritar, e o português aproveitou a oportunidade para o interpelar.

"Então?", perguntou. "O que estão vocês a dizer?"

O arqueólogo levantou o dedo, assinalando assim uma palavra de ordem que estava nesse momento a ser entoada.

"Os ricos que paguem a crise!", traduziu. Esperou pela palavra de ordem seguinte. "Abaixo os especuladores!" Mais uma pausa. "FMI, rua! Governo, rua! O poder está na rua!"

A atenção de Tomás fixou-se numa bandeira vermelha com a foice e o martelo.

"Isto é uma manifestação comunista?" O grego abanou a cabeça.

"O KKE apoia, claro. Mas a manifestação foi convocada pela GSEE, a Confederação Geral dos Trabalhadores Gregos."

O professor Markopoulou regressou às palavras de ordem com vigor renovado e Tomás calou-se, na esperança de que se cansasse em breve e saíssem enfim dali para retomar a investigação. Achava que era muito importante verificar se havia mais manuscritos na câmara onde fora detectado o documento que lera no Museu Arqueológico e sentia-se levemente irritado com o activismo político do colega, que lhe parecia deslocado para quem tinha responsabilidades académicas.

Quando a sua mente divagava já sobre a possibilidade de vir a encontrar alguns dos livros perdidos dos Avestá, e em particular o Spend Nask, que lhe daria acesso a uma mina de informação biográfica desconhecida sobre Zoroastro, a sua atenção desviou-se quase inadvertidamente para um grupo de homens que avançava como uma corrente forte no meio da manifestação.

As máscaras que lhes cobriam o rosto pareceram-lhe estranhas e levou algum tempo a reconhecê-las; eram dispositivos antigás, com tubos a saírem da zona da boca como focinhos de porcos. As máscaras encontravam-se já devidamente encaixadas nos rostos e os homens transportavam nas mãos tacos de madeira e garrafas de cerveja e Coca-Cola com panos molhados a espreitarem dos gargalos; delas saía um forte odor a gasolina. A certa altura foram desfraldadas bandeiras alemãs e os recém-chegados acocoraram-se junto à berma. Enquanto uns se puseram a arrancar pedras da calçada, outros acendiam os isqueiros e colavam as chamas violáceas aos panos inseridos nos gargalos das garrafas. Depois ergueram-se como se obedecessem a uma só voz. Alguns apontaram os isqueiros às bandeiras alemãs e incendiaram-nas perante a euforia aprovadora da multidão, mas o clamor mudou de tom quando outros manifestantes começaram a atirar as pedras contra as vitrinas das lojas e a lançar as garrafas em fogo na direcção da sucursal de um banco.

"Cuidado!", gritou Tomás, puxando o professor Markopoulou pelo braço. "Já viu o que aqueles tipos estão a fazer?"

Uma vozeria assustada ergueu-se da multidão e os manifestantes começaram a correr em

várias direcções. As labaredas alastraram rapidamente pela fachada do banco e pelo interior; algumas pessoas apanhadas nas instalações atravessaram em corrida a barreira de fogo para a rua, mas atrás delas ouviam-se gritos de aflição.

"Está gente lá dentro!", constatou o arqueólogo grego. "Meu Deus, eles não conseguem sair!"

Tomás observava a cena embasbacado, vendo e sem acreditar. A cena adquiria tons de irrerealidade, parecia que a rua era uma plateia e a fachada incandescente a tela; só assim se explicava a incrível impunidade com que o grupo de manifestantes mascarados lançara cocktails Molotov contra o edifício e provocara um incêndio daquela magnitude. Eram decerto actores a interpretar uma cena, não podia ser outra coisa.

As palavras do professor Markopoulou e os gritos que vinham do interior do banco, no entanto, funcionaram como uma estalada que o trouxe de volta à realidade; aquilo não era cinema, estava mesmo a acontecer. Ao aceitar como verdadeiro o que testemunhava e ao aperceber-se de que havia gente encurralada no edifício em chamas, sentiu-se por fim impulsionado para a acção.

"Vamos"

O corpo pôs-se em movimento quase sem precisar de autorização da cabeça, como se o coração tivesse contornado a razão. Aproximou-se de um dos manifestantes que atirara cocktails Molotov e desferiu-lhe um violento murro nos rins que o deixou momentaneamente knockout. O homem caiu de joelhos e rebolou pelo chão com dores. Com um gesto rápido, Tomás arrancou-lhe a máscara antigás e assentou-a na sua própria face.

"O que diabo está a fazer?", admirou-se o professor Markopoulou, estarecido com a acção do colega português. "Está maluco ou quê?"

Ignorando o arqueólogo, o historiador arrancou o casaco do manifestante que se contorcia por terra e pegou nele como se fosse um escudo. Inspirou fundo, os olhos fixados na entrada do edifício em chamas, e recuou num passo para ganhar balanço.

"Não faça isso!", insistiu o grego, interpondo-se no caminho para evitar o pior. "É uma loucura! Anda vai morrer!"

Enchendo-se de coragem, ou talvez dominado pela mais completa inconsciência, Tomás Noronha tomou a decisão final. Contornou o colega como se ele não passasse de um objecto e desatou a correr, o casaco à frente para sofrer o primeiro impacto das chamas assassinas, os olhos fixos nas labaredas que projectavam braços como um polvo ameaçador, até que se atirou para a fornalha incandescente e mergulhou no archote gigantesco em que se tinha transformado a sucursal do banco.

O professor Markopoulou não queria acreditar no que via. O seu convidado, o homem que viera à Grécia a seu pedido e que tinha a responsabilidade de proteger, atirara-se para o inferno.

A primeira coisa que Tomás sentiu quando se lançou no fogo foi uma vaga de calor que o envolveu num bafo cruel. Pensou que ia morrer e arrependeu-se da sua loucura, amaldiçoou até o seu impulso de bom samaritano, mas num abrir e fechar de olhos aterrou numa sala envolvida em fumo e as chamas deixaram de o queimar.

As nuvens de fuligem no interior do edifício eram tão espessas que lhe dificultavam a visão, como se estivesse mergulhado num nevoeiro denso, mas apercebeu-se de formas difusas diante dele e dirigiu-se a elas. As formas ganharam consistência e deparou-se com uma mulher abraçada a uma criança de uns três anos, ambas deitadas no chão com dificuldade em respirar. Ainda pensou em entregar-lhes a sua máscara, mas reconsiderou; elas não estavam em condição de se ajudar a si mesmas e, se ele inalasse os fumos, também perderia o discernimento e os três ficariam perdidos. A única maneira era retirá-las dali.

"Speak English?", perguntou, encostando a máscara ao ouvido esquerdo da mulher. "Fala inglês?"

Ela lançou-lhe um olhar vago, quase indiferente. Se falava inglês, no estado em que se encontrava isso era irrelevante. Se as queria salvar, tomou consciência, teria de fazer tudo sozinho. Agarrou nas duas e levantou-as, mas sentiu os pulmões a arder com o esforço naquele ambiente quente e saturado de cinzas e pousou-as de novo; tornara-se evidente que assim não conseguiria, apesar de estar protegido pela máscara antigás. A única maneira era tirar primeiro uma e depois voltar para salvar a outra. Se conseguisse voltar, claro. Olhou em redor. O fumo adensava-se a olhos vistos e a visibilidade tornara-se quase nula; estendendo o braço tinha dificuldade em ver a própria mão. Percebeu nesse instante que, além de ter de agir muito rapidamente porque a janela de oportunidade se fechava depressa, não disporia de possibilidade de voltar atrás para salvar a segunda pessoa. Tinha de optar, a mãe ou a filha. A responsabilidade e o poder de vida ou de morte deixaram-no momentaneamente paralisado; sentia-se na pele dos nazis que nos campos de extermínio decidiam quem ia para as câmaras de gás e para os campos de trabalho.

A mãe ou a criança? Como poderia escolher?

Esforçando-se por não pensar no que fazia, horrorizado com os remorsos que intuía haveriam de o consumir mais tarde, segurou a criança nas mãos e, com suavidade mas firmeza, arrancou-a dos braços enfraquecidos da mãe; apercebeu-se nesse instante de que se tratava de uma menina e já tinha perdido os sentidos, quem sabe se não estaria já morta. Valeria a pena arriscar com a menina naquelas condições? Não seria melhor salvar a mãe, que estava comprovadamente viva? Mas como viveria ele sabendo que podia ter deixado uma criança para trás sem ter a certeza de que estava morta?

Foi a derradeira indecisão. Apertou a menina contra o peito e ergueu-se para sair dali. Encaminhou-se às cegas em direcção à saída e, quando tacteava no meio do ar fumarento, deparou-se com uma sombra a formar-se diante dele tão de repente que embateu contra ela.

Era um homem.

Cambaleou, apanhado em contrapé pelo impacto, mas conseguiu reequilibrar-se e fitou o vulto que lhe aparecera à frente.

Tinha uma máscara como a dele e vestia uma camisa e jeans iguais aos do professor Markopoulou.

"Ali!", gritou por baixo da máscara, apontando na direcção da mulher que deixara para trás. "Vá ali!"

A voz saiu-lhe abafada pela máscara e não teve a certeza de que o colega grego havia entendido o que dissera. Os seus gestos eram contudo de tal modo categóricos que o arqueólogo obedeceu e desapareceu na direcção indicada.

Tomás retomou a marcha e viu as labaredas lambem as paredes diante dele. Procurou a porta e encontrou-a dois metros para o lado. Envolveu a menina no casaco que tirara ao manifestante e lançou-se naquela direcção, como um artista de circo a atirar-se para uma parede de chamas. Sentiu o ardor do fogo envolvê-lo outra vez num fôlego infernal e, quando deu por ele, estava na rua e o ar era de novo límpido e fresco.

Passaram-se três minutos e não havia ainda novidades do professor Markopoulou. Tomás tinha entregado a criança a uma mulher grega que interpelara no passeio, dando-lhe instruções para a levar de imediato para o hospital, e quase sem fôlego regressara para diante do edifício em chamas.

O fogo engolia já o segundo andar da sucursal do banco e o arqueólogo ainda não dera sinais de vida. O que fazer?

Dominado pela angústia, o historiador português sentiu que não podia nem conseguia esperar mais. Ajeitou a máscara no rosto e respirou fundo, ganhando coragem para se lançar de novo para o interior do edifício. O que se preparava para fazer parecia-lhe uma completa loucura, não via já hipóteses de sobreviver naquele braseiro descontrolado, a situação deteriorara-se muito para além do razoável. Todavia, algo o impelia a atirar-se mais uma vez para o mar de chamas e tentar o impossível.

Pensou nesse instante na sua própria mãe e hesitou. Se morresse, como lhe parecia provável, quem cuidaria dela? Teria mesmo o direito de pôr assim a vida em risco quando alguém dependia tanto dele? Não fizera já mais do que dele se poderia esperar naquelas circunstâncias? Atirar-se assim para aquela barreira de fogo parecia-lhe puro e simples suicídio e reconsiderou as suas intenções. Mas a angústia corroía-o, tal como o sentido de responsabilidade. Fora ele quem, de forma indirecta, arrastara o colega grego para o interior do edifício e o encorajara a internar-se ainda mais para resgatar a mulher; sentia o dever de ir lá dentro buscá-lo.

Foi nesse momento que viu o vulto cortar o fogo e cambalear para a rua. A figura rolou pelo passeio e separou-se em duas, um homem e uma mulher. Era o professor Markopoulou e a mãe da menina. Tinham chamas a morder-lhes as roupas e Tomás precipitou-se sobre eles. Com o casaco que antes lhe servira de escudo agrediu as labaredas e conseguiu abafá-las. Alguns gregos vieram também acudir e começaram a dar assistência à vítima. Um deles, evidentemente alguém com conhecimentos de medicina, debruçou-se sobre a mulher e fez-lhe respiração boca a boca para tentar reanimá-la.

Tomás desinteressou-se dela, era evidente que estava em mãos competentes, e foi ajudar o professor Markopoulou. O arqueólogo permanecia deitado no chão, de barriga para o ar e a arquejar, a máscara ainda pregada à cara. O historiador português ajudou-o a levantar-se e, também ele ainda de máscara antigás, arrastou-o para o meio da rua de modo a afastá-lo do edifício que se transformara já num enorme archote incontrolável.

Ouviu nesse instante duas detonações, sentiu toda a gente de novo a correr em redor deles

e apercebeu-se de uma nuvem de fumo a envolvê-los. Ainda tentou retirar a máscara, mas uma lufada de fumo embrulhou-lhe a cara, queimou-lhe os pulmões e incendiou-lhe os olhos. "Gás lacrimogénico", balbuciou o professor Markopoulou, a voz abafada pela sua máscara. "Ponha a máscara!"

O português obedeceu e reajustou o dispositivo antigás diante do nariz e da boca. O efeito do gás lacrimogénico desapareceu e foi então que percebeu por que motivo os homens dos cocktails Molotov haviam aparecido na manifestação de máscaras na cara; era para se protegerem do gás lacrimogénico que a polícia inevitavelmente atiraria sobre eles quando comessem a acção violenta.

Uma figura passou a correr ao lado deles e dois outros vultos surgiram de imediato. Tomás fitou-os e ficou por momentos desconcertado com o que viu; traziam grandes escudos rectangulares e capacetes com visores que lhes ocultavam o rosto. Era a polícia de choque que acabava de chegar e limpava a rua de manifestantes. O historiador acolheu-os com alívio. Ele e o seu colega grego estavam enfim em segurança, pensou, mas depressa os acontecimentos contrariaram essa primeira sensação.

Ao verem ali dois civis de máscaras antigás, os polícias da força antimotim alçaram os cassetetes, ajustaram os escudos e, para horror de Tomás, carregaram.

"Esperem!", ainda gritou. "Eu não sou um dos..."

O português não conseguiu terminar a frase. Foi atingido uma e outra vez à bastonada até tombar no chão. Contorceu-se de modo a ficar em posição fetal e proteger a cabeça com os braços, mas continuou a ser agredido por cassetetes e pontapés sucessivos durante longos segundos. Rolou pelo chão e, num salto, pôs-se de pé e desferiu dois murros às cegas, um dos quais atingiu alguém. Os polícias agarraram-no de imediato e um deles apontou-lhe um objecto negro.

"Aaaghh!..."

Sentiu um choque eléctrico e uma dor incrível percorreu-lhe o corpo, contraindo-lhe os músculos e fazendo-o ver estrelas. As agressões pararam tão depressa quanto haviam começado. Sentiu-se içado por braços poderosos, que lhe forçaram as mãos para trás das costas. Tomás tentou libertar-se mas não conseguiu sequer mover os braços; era como se os músculos se tivessem transformado em chumbo. Percebeu então que havia sido algemado.

"Oiçam, não temos nada a ver com isto", murmurou, ofegante. "Fomos apanhados pela manifestação."

Os polícias ignoraram-no. Teve a sensação de flutuar e tomou consciência de que o arrastavam pela rua. Olhou em redor e viu mais polícias de choque emergirem da neblina de gás lacrimogénico e passarem em corrida. Virou-se para trás e apercebeu-se de que o professor Markopoulou também era levado pelos polícias. Arrancaram-lhes as máscaras e o odor apimentado do gás lacrimogénico ardeu-lhes nos olhos e no nariz, mas apenas ligeiramente, uma vez que se afastavam já das nuvens libertadas pelas granadas.

Os dois foram atirados para junto de um poste de iluminação e deram consigo no meio de um magote de manifestantes igualmente algemados, todos eles sentados ou deitados pelos passeios, alguns com o símbolo anarquista tatuado nos braços.

O arqueólogo grego encarou-o enfim, os olhos avermelhados de lágrimas por causa dos efeitos do gás lacrimogénico.

"Já viu isto?", perguntou o professor Markopoulou com uma expressão atarantada. "Está tudo louco! Até nos imobilizaram com electrochoques, veja lá! Estes animais usaram tasers contra nós!"

Fora então isso que provocara o choque brutal que Tomás sentira ao ser imobilizado.

"Pois é", aquiesceu. "Prenderam-nos."

IV

O homem de bata branca aproximou-se de Tomás, observou-lhe as equimoses e disse umas palavras em grego. Antes que o português lhe pudesse explicar em inglês que era estrangeiro e não percebia grego, o professor Markopoulou interveio em seu socorro e falou com o médico. Os dois trocaram algumas palavras até que o arqueólogo se voltou para o seu colega.

"Tem aí duzentos euros?", perguntou. "Dê-lhe o dinheiro."

Tomás devolveu-lhe o olhar vazio, sem entender onde queria o professor Markopoulou chegar.

"Para quê?"

O grego fez um sinal com o polegar a indicar o médico. "Para que ele trate de si."

O historiador arregalou os olhos. "Perdão?", balbuciou.

"Pague ao médico."

Fez-se luz na mente de Tomás, ou pelo menos ele assim pensou. "Ah, isto é um hospital privado?"

"Não, é público."

O português ficou de novo desconcertado.

"E tenho de pagar duzentos euros para ser atendido num hospital público? Ena, as taxas moderadoras não são nada moderadas por estas bandas!..."

O arqueólogo revirou os olhos, impaciente com a compreensão lenta do colega.

"Quais taxas moderadoras?! O dinheiro é para o médico, não é para o hospital."

O olhar de Tomás desviou-se para o homem de bata branca que aguardava pacientemente o desenlace do diálogo.

"Para o médico?", admirou-se mais uma vez. "Não estou a perceber..."

"É o suborno", esclareceu o professor Markopoulou. "Pague-lhe o suborno para ele tratar de si!"

O português fitou o colega e depois o médico e depois o colega de novo, atónito com o que acabara de escutar.

"Tenho de subornar o médico num hospital público para ele tratar de mim?!"

"Claro", devolveu o arqueólogo. "Aqui na Grécia é assim, não sabia? Chama-se fakelaki. Temos de pagar aos funcionários públicos por baixo da mesa se queremos que eles façam o seu trabalho."

Foram precisos ainda dois segundos para a situação entrar em pleno na consciência de Tomás. Quando por fim isso aconteceu, não fez mais perguntas. Meteu a mão no bolso, tirou duzentos euros e, com um gesto resignado, entregou-os ao médico.

A deslocação para a esquadra foi feita em silêncio na carrinha celular. A polícia tinha levado os manifestantes feridos para receberem tratamento no hospital, e, agora que haviam sido vistos e tratados, eram transferidos para o posto onde ficariam detidos até que um juiz os ouvisse.

"Não me diga que também é preciso subornar o juiz para ele nos julgar", gracejou Tomás, ainda impressionado com o que acontecera no hospital horas antes. "Só cá faltava mais essa!"

O professor Markopoulou nem levantou a cabeça.

"É natural que tenhamos de lhe pagar alguma coisa." O português fitou o colega, siderado.

"Está a falar a sério?"

O arqueólogo não se deu ao trabalho de responder e o silêncio regressou ao interior do

carro celular. Escutavam-se lá fora sirenes sucessivas; eram as ambulâncias e os carros da polícia e dos bombeiros a passarem de um lado para o outro numa azáfama incessante. O dia havia sido movimentado e, apesar de a noite já ter caído, dava a impressão de que as coisas permaneciam agitadas.

"Parece que morreram três pessoas", acabou o professor Markopoulou por revelar. "Sufocadas no incêndio."

"Como sabe isso?"

"Ouí os polícias no hospital. Os corpos foram levados para lá."

"E a mulher e a menina que retirámos do edifício? Safaram-se?"

O grego encolheu os ombros.

"Sei lá", disse com desprendimento fingido. "Mas acho que sim."

Os três mortos são pessoas encontradas pelos bombeiros dentro do edifício, o que não foi o caso delas."

Tomás suspirou de alívio.

"Ainda bem que as duas se salvaram", observou, sentindo um peso sair-lhe de cima. "O curioso é que, em vez de nos darem os parabéns, estes tipos prenderam-nos. Irónico, hem?"

O professor Markopoulou levantou o olhar fatigado e contraiu o rosto num sorriso forçado.

"Talvez se os subornarmos eles nos dêem os parabéns", gracejou.

"Quem sabe?"

O carro celular travou com um guincho e imobilizou-se. Ouviram-se vozes lá fora e as portas abriram-se com grande fragor. Os polícias puxaram os detidos para o exterior e conduziram-nos para a esquadra. Depois de aguardar a sua vez num banco de madeira, Tomás foi chamado a dar os seus dados de identificação. Perguntaram-lhe o nome, pediram-lhe o passaporte e assentaram a informação num caderno.

"Oíçam, fui detido por engano", explicou o português. "Nem sou grego, como sabem. Ia apenas a passar na rua e..."

"Silêncio!", cortou o graduado de serviço num inglês rudimentar. "Se tem explicações para dar, dê-as ao juiz. Não estou para conversas."

O graduado registou as derradeiras informações sobre a identidade do detido e quando terminou passou-o a um guarda. O polícia agarrou Tomás pelo braço direito e levou-o pelos corredores da esquadra até um sector cujas paredes eram formadas por grades do tecto ao chão, como nas jaulas dos jardins zoológicos. Inseriu a chave na fechadura de uma cela, abriu a porta e empurrou-o para o interior.

O português estava ainda a habituar-se ao novo ambiente quando o professor Markopoulou apareceu, atirado para a cela com mais dois homens. Ao todo havia umas dez pessoas apertadas num espaço estreito com dois beliches e uma sanita; a cela parecia ter sido concebida para apenas dois reclusos, mas a manifestação e os tumultos que se haviam seguido tinham deixado as esquadras a abarrotar.

"Como vão as coisas?", sussurrou Tomás ao recém-chegado. "Trataram-no bem?"

"Como uma princesa", retorquiu o grego num tom irónico. Passeou o olhar pela cela. "Vou é queixar-me desta suíte. Falta-lhe o jacuzzi."

O português não estava virado para o humor e não se riu; a situação era demasiado desagradável para isso. Fez um sinal com a cabeça a indicar os homens que os rodeavam.

"Já viu com quem nos puseram? São os tipos que começaram a confusão."

"Chiu!", soprou o arqueólogo, preocupado com não chamara atenção. "São anarquistas. Não se meta com eles."

Tomás calou-se. Já os vira em acção e sabia que eram capazes dos actos mais extremos. Por causa do que haviam feito a meio da manifestação, três pessoas tinham morrido sufocadas e isso não parecia pesar-lhes na consciência.

"O que nos vai acontecer agora?", murmurou, desviando a conversa. "Irão apresentar-nos ao juiz?"

"Sim. Amanhã ou depois."

A informação surpreendeu o português.

"A sério? Teremos de passar uma noite aqui?"

"Pelo menos. Há demasiados detidos e meter esta gente toda em tribunal vai levar tempo. Precisamos de ter paciência."

"Acha que posso falar com a embaixada do meu país?"

"Só quando eles deixarem." O grego fungou, despreocupado. "Com tanto trabalho, suspeito que não será em breve."

O professor Markopoulou encostou-se à parede e escorregou até ficar de cócoras. A espera ia ser longa e não valia a pena desgastarem-se em pé. Percebendo que teria mesmo de ser paciente, Tomás seguiu-lhe o exemplo e deslizou para o chão até se acocorar ao lado do colega.

O jantar foi uma mistela tão intragável que o professor Markopoulou se recusou a comer. Em vez disso pôs duas notas de vinte euros nas mãos do graduado de serviço e pouco depois o homem reapareceu com um saco de plástico e uma garrafa de branco. O vinho tinha um certo sabor avinagrado que o tornava insuportável para o paladar de Tomás, embora perfeitamente aceitável para os gregos que com ele partilhavam a cela, mas a comida constituiu uma agradável surpresa; eram duas doses de moussaka que lhe souberam ao empadão que a mãe lhe fazia na sua infância.

Na altura em que lambiam os restos do jantar obtido a custo de suborno o guarda abriu de novo a porta da cela e atirou mais um detido para o interior. Para surpresa de todos, o recém-chegado não tinha ar de ser um manifestante. Apresentava o cabelo louro despenteado e usava calções às riscas verticais azuis e brancas. O mais importante é que vestia um pólo branco desportivo com um emblema redondo e negro ao peito. Tratava-se do emblema da Mannschaft, a selecção de futebol da Alemanha.

A chegada do novo recluso desencadeou um burburinho na cela. Os anarquistas trocaram algumas palavras entre eles e um acabou por se dirigir ao loiro do pólo da Mannschaft.

"Deutsch?"

O olhar do recém-chegado iluminou-se ao compreender a palavra que o identificava.

"Jawohl."

A confirmação desencadeou um novo burburinho entre os restantes reclusos.

"O que estás aqui a fazer? Vieste juntar-te à manifestação?"

O alemão arrebitou uma sobrancelha, como se a simples sugestão fosse a coisa mais absurda que jamais escutara.

"Eu? Nem pensar!"

"Então porque te prenderam?"

"Dirigia-me ao Pártenon quando me deparei com uma multidão que atirava pedras contra as vitrinas e saqueava as lojas. De repente apareceu a Polizei e prendeu toda a gente que ali estava. De modo que fui apanhado enquanto me limitava a fazer turismo."

Trocaram-se na cela novas palavras em grego num tom agitado, inflamado até. A certa altura os anarquistas pareceram chegar a acordo e começaram a movimentar-se; de uma forma sub-reptícia, rodearam o alemão e cercaram-no.

"Isto vai acabar mal", sussurrou o professor Markopoulou, o alarme estampado no rosto. "Muito mal mesmo."

"Porquê? O que se passa?"

O olhar preocupado do arqueólogo grego desviou-se para o detido que momentos antes entrara na sala e depois para os homens que o rodeavam com esgares ameaçadores. "Estão a dizer que... que..." "Que o quê?"

O professor Markopoulou engoliu em seco, num esforço para recuperar a frase que lhe morrera na garganta. Quando retomou a fala, quase só lhe saiu um miado amedrontado.

"Que o vão matar."

A primeira provocação foi um empurrão. Os anarquistas tinham estabelecido um anel em torno do alemão e pareciam decididos a desencadear um confronto. O da frente deu o primeiro encontrão no peito e, talvez encorajado pela reacção de surpresa do novo recluso, um outro aplicou-lhe uma carolada.

"Was ist das?", exclamou o recém-chegado, alarmado com o ambiente que se formara em redor dele. "Que é isto?"

"Das ist porrada, meu grande cabrão", retorquiu o grego que arranhava umas palavras de alemão. "Pensam que nos põem a pão e água e ficam a rir-se? A coisa não fica assim!..."

Sentindo as costas expostas, o homem loiro tentou esgueirar-se de modo a ficar encostado à parede, ao menos aí estaria protegido dos ataques da retaguarda e dos flancos, mas os anarquistas cerraram fileiras em torno dele e não o deixaram passar.

"Ach, larguem-me!", exclamou o alemão, a voz a denunciar um princípio de pânico. "Que querem de mim? Deixem-me!"

Seguiu-se um novo empurrão, este tão violento que o detido quase perdeu o equilíbrio.

"Isso querias tu!"

"Nazi da trampa", soltou outra voz num inglês rudimentar. "Pensam que fazem de nós uns sacos de pancada? Pois já vão ver de que massa são os Gregos feitos! Se apenas trezentos dos nossos chegaram para enfrentar os Persas, o que nos impede de travar os Alemães?"

"Andam armados ao pingarelho, hem?", desafiou uma terceira voz no grupo de anarquistas. "Acham que são os donos da Europa e coisa e tal? O nosso governo pode estar todo cagado de medo, mas a malta da rua não, ouviste? A malta da rua não!"

Várias mãos agarraram o alemão e este contorceu-se com violência, tentando sem êxito libertar-se dos tentáculos que lhe começavam a tolher os movimentos.

"Larguem-me, já disse!" gritou em desespero. "Deixem-me em paz!"

Não fiz nada!"

O grupo acercou-se ainda mais da sua vítima e um braço soltou-se daquela mole humana, esmurrando-o no estômago. O alemão dobrou-se com um urro de dor e logo a seguir levou uma bofetada e um empurrão. Surgiu um primeiro pontapé e depois outro e outro ainda, até que o recluso caiu no chão e se dobrou como um ouriço, num esforço desesperado para se proteger das agressões que choviam já de todas as partes.

A observar a cena do outro lado da cela, junto à porta, Tomás avaliou a situação com horror crescente. Primeiro decidira não intervir; já bastava o que se passara na manifestação e não estava para voluntarismos que o metessem em mais sarilhos. Quando as coisas se começaram a degradar na cela, no entanto, ponderou chamar um guarda, mas percebeu que ele levaria muito tempo a aparecer e, no ponto em que estavam, só uma intervenção rápida poderia salvar o alemão.

Suspirou, rendido à inevitabilidade; não havia alternativa, teria mais uma vez de se enfiar num vespeiro.

"Temos de parar isto", acabou por dizer, dando um passo em frente. "Se não fizermos nada, os gajos dão cabo dele."

O professor Markopoulou agarrou-o pelo cotovelo, tentando travá-lo.

"Está louco?", perguntou. "Eles são oito e nós somos só dois. Se nos metemos nisso, os

tipos também acabam connosco! Esteja quieto, que diabo!"

Com uma sacudidela violenta do braço, o português libertou o cotovelo e avançou para o amontoado de homens; a decisão estava tomada, fossem quais fossem as consequências. Esgueirou-se entre dois agressores e penetrou na massa de detidos, num esforço para se interpor entre eles e a sua vítima.

"Parem com isso!", ordenou com voz de comando. "Stop! Parem com isso!"

A intromissão inesperada de Tomás suspendeu as agressões. Os anarquistas desviaram para ele os olhos arregalados, apanhados de surpresa pela intervenção. Um deles, o que aparentava dominar os restantes, atirou-lhe um olhar inquisitivo.

"Quem és tu? Outro nazi?"

"Sou português", identificou-se num registo tranquilo, como se os tentasse amansar com a mansidão que imprimiu à voz. "Vá, acabem lá com isso."

"Acabar o quê? Junta-te mas é a nós. Ou pensas que lá por seres português os Alemães não te estão a fazer a folha? Os Portugueses andam a sofrer tanto como os Gregos!"

"Talvez, mas isto não é maneira de tratar ninguém", retorquiu o historiador. "Além disso, este homem não vos fez nada. Não há razão para o maltratarm."

"Os nazis estão a dar-nos cabo da vida."

"Mesmo que seja verdade, este tipo não tem nada a ver com as decisões tomadas pelos governantes do país dele."

"Achas que não?", rugiu o anarquista. "Quem foi que votou naquele governo imperialista? Quem anda a dizer que os Gregos são uns preguiçosos e incompetentes e que só têm o que merecem?"

Quem anda a dar as ordens ao nosso governo fantoche para despedir trabalhadores e aumentar impostos e cortar salários e pensões? Os Alemães, pois então! Os capitalistas criaram a crise, não criaram? Então porque temos de ser nós, o povo, a pagar a factura? Eles que a paguem! Comeram-nos a carne, não comeram? Agora que nos roam os ossos! Vamos deixá-los abusar mais de nós?" Ergueu o punho com violência. "Nem pensar!" Girou a cabeça, contemplando os restantes membros do grupo, e agitou o punho no ar para pontuar cada frase. "Os ricos que paguem a crise! A luta continua! Liberdade ou morte!"

Os companheiros ecoaram as palavras de ordem num coro vagamente rouco, feito de fúria e sede de justiça, os slogans entoados com crescente fervor e intensidade, as faces rubras, os olhares esgazeados, um desejo incontrolável de vingança a ferver-lhes no sangue.

O homem que aparentava chefiar o grupo berrou uma ordem em grego e os companheiros começaram a pontapear o alemão tombado. Vendo que as coisas se descontrolavam de novo, Tomás conseguiu interpor o seu corpo entre os agressores e a vítima e ergueu os braços, tentando mais uma vez parar o assalto.

"Stop!", berrou. "Stop!"

Os anarquistas ignoraram-no e continuaram a tentar atingir o seu alvo. Como o historiador se interpusera, porém, e constatando que isso dificultava o ataque, alguns dos detidos alteraram o objecto da sua fúria e voltaram-se para o português. Um primeiro murro atingiu Tomás no ombro, um segundo na cintura e um pontapé acertou-lhe na coxa. Foi apenas a introdução ao que aí vinha. Seguindo o exemplo dos companheiros, os restantes reclusos viraram a sua cólera contra o historiador e lançaram sobre ele uma saraivada de murros e pontapés. Tomás podia ter

ripostado, mas sabia que não podia vencer os agressores e que isso apenas os aticaria ainda mais, pelo que optou pela defesa passiva.

Desequilibrado pela violência do ataque, deixou-se cair sobre o alemão e, já por terra, encolheu-se também, tentando proteger sobretudo a cabeça e o ventre. Esperava que a sua atitude acabasse por desencorajá-los. Não foi, contudo, o que aconteceu. Embalados por um chorrilho de palavras de ordem bradadas com zelo implacável, os anarquistas descarregaram sobre ele toda a sua fúria e os golpes, alguns dos quais desferidos com a biqueira de botas, começaram a tornar-se demasiado dolorosos.

Foi então que Tomás perdeu a noção de espaço e até de tempo. A realidade tornou-se difusa e o mundo começou a rodopiar em torno dele; era como se estivesse embriagado. A certa altura sentiu-se tão embrutecido que deixou até de ouvir a gritaria animalesca em seu redor e de sentir os golpes desferidos sobre o seu corpo com intensidade selvática, como se a própria dor o tivesse anestesiado e a sua alma se tivesse transferido para uma outra dimensão, feita de torpor e indiferença.

"Professor?..."

A voz parecia vir do fundo de um túnel, longínqua e envolvida num estranho eco, com a ressonância e a irrealidade próprias das coisas imaginadas a meio de um delírio febril, decerto um efeito do sonho em que a sua mente mergulhara, mera fantasia que o sono profundo debudara. Decidiu ignorá-la, não passava de um débil murmúrio que se perdia no labirinto da imaterialidade, coisa menor e tão irrelevante que não merecia a sua atenção.

"Professor?..."

Desta feita a voz soou bem mais perto, quase como se fosse soprada a dois palmos de distância; parecia que irrompera no sonho e o trazia à realidade. Foi uma surpresa e levou-o a considerar a possibilidade de reagir. O que tinha a perder?

"Há?"

Ouviu-se um suspiro.

"Louvado seja Deus!", devolveu a voz, como se se dirigisse a alguém. "Está a recuperar os sentidos!"

Sentindo o corpo dorido e as pálpebras incrivelmente pesadas, Tomás concentrou toda a sua vontade nos olhos e conseguiu enfim abri-los. Um ponto amarelado de luz rompeu a imagem desfocada que se formou no seu campo de visão. Apercebeu-se de uma sombra difusa a cortar o ponto de luz e voltou a achar que estava a sonhar, pelo que cerrou de novo as pálpebras.

"Professor! Acorde!"

Definitivamente, não podia ser um mero sonho, as palavras eram demasiado reais para isso. Apesar da debilidade que se apoderara dele, reabriu os olhos e concentrou a sua atenção na sombra. Tudo lhe parecia baço e lento, como se estivesse com uma ressaca.

"Que... que se passa?"

Os olhos focaram o vulto diante dele e a mancha escura adquiriu contornos até formar primeiro as linhas de um rosto e depois as expressões de uma pessoa. Mirou a face interrogativamente, como uma criança a estudar um animal que nunca vira antes, e após alguns longos segundos reconheceu por fim o que fitava com tanto esforço.

Era o professor Markopoulou que lhe sorria.

A esponja estava molhada e era fria, mas revelou-se justamente aquilo de que Tomás mais precisava no momento em que recuperou os sentidos. O professor Markopoulou passou-a devagar sobre a testa e o rosto do colega, sempre com especial cuidado nas partes manchadas por nódos negros, inchaços e outros hematomas.

O português passou o olhar dormente pela cela. Viu o recluso alemão sentado na esteira vizinha, a cabeça ligada e dois adesivos na cara, a seguir atentamente os cuidados que o arqueólogo grego dedicava ao colega que viera de Lisboa.

"Ach, parece que lhe devo a vida", disse o alemão num inglês levemente gutural. "Muito obrigado pela sua intervenção. Sem ela..." Bufou, como se nem se atrevesse a pensar no que lhe teria sucedido. "Mein Gott!..."

Tomás fez um esforço para sorrir. "Não se preocupe."

O alemão levantou-se do seu lugar e estendeu-lhe a mão.

"O meu nome é Sammer", apresentou-se. "Josef Sammer, mas os amigos chamam-me Sepp."

Tomás apertou-lhe a mão com um esgar de dor; o esforço de levantar o braço revelou-lhe contusões insuspeitadas no ombro. Depois de trocar algumas amabilidades com o homem pelo qual quase perdera a vida, desviou os olhos para o resto da cela, procurando os anarquistas que o haviam agredido; não vislumbrou sinal deles. Na verdade, o espaço até lhe parecia diferente. "Onde estamos?"

O arqueólogo grego passou uma última vez a esponja pela cara do ferido e depois recolheu-a; já servira o seu propósito.

"Mudaram-nos de cela", revelou, endireitando o tronco. Quando eles o atacaram, conseguiu chamar o graduado de serviço e ele interveio com mais dois colegas. Foi uma tourada, mas os guardas conseguiram retirar-vos dali com ajuda dos tasers. Como não havia condições para permanecermos todos no mesmo espaço, transferiram-nos aos três para esta cela. Depois veio o médico e tratou de vocês. O doutor disse que depois voltaria para vos fazer uns exames."

Tomás arrebitou as sobranceiras, subitamente animado. "Ena! E sem receber um tostão, hem?"

O professor Markopoulou inclinou a cabeça de lado, esboçando um esgar de repreensão.

"Sem receber um tostão de si", precisou. "Eu cá tive de lhe pagar cem euros de fakelaki para ele vos tratar."

O alemão, que escutava a conversa com um certo ar constrangido, soltou neste ponto uma gargalhada sonora.

"Ach! Este país não existe!..."

O arqueólogo voltou a cabeça para trás e lançou-lhe uma mirada carregada de ressentimento.

"Olha lá, ó nazi, tu está calado, ouviste?", disparou com súbita agressividade. "Se fosse a ti tinha mas é tento nessa língua de porco! Estás cheio de sorte por teres ficado vivo e devias era agradecer a todos os santinhos que vocês têm lá na nazilândia em vez de andares armado em engraçadinho."

"Como se atreve?", protestou Sepp. "Não sou nazi e não tolero que me trate desse modo!"

"Ai não? Então por que razão falas a língua do Hitler?" "O que tem uma coisa a ver com

outra?"

"Tem que vocês pensam que a Europa é um feudo do Reich e toda a gente está aqui para ser escravizada. "Apontou o indicador ao seu interlocutor. "Pois tenho notícias para ti, ó palerma! Isso não resultou em 1939 e não vai resultar agora! A Alemanha deu-se mal na altura e vai dar-se mal outra vez! Os filhos dos nazis não têm o direito de dar ordens aos Gregos, ouviste? Vocês andam a brincar com o fogo e depois admiram-se que toda a gente vos odeie..."

O alemão centrou a atenção em Tomás, querendo testar a afirmação que acabara de escutar.

"O senhor odeia-me?" "Eu? Claro que não."

O professor Markopoulou soltou um estalido agastado com a ponta da língua.

"Isso é porque o professor Noronha anda distraído e ainda não reparou no medicamento que vocês, lobos a fingirem-se de cordeiros, andam a receitar. Transformaram o nosso país numa Dachau económica e farão o mesmo com o resto na Europa! Quando o professor Noronha provar a vossa receita de Zyklon-B de austeridade até à última gota logo muda de opinião. Espere e verá!..."

A observação extraiu um esgar contrariado de Sepp, que abanou insistentemente a cabeça como se estivesse diante de um caso perdido.

"O vosso problema é que são incapazes de assumir as vossas próprias responsabilidades", considerou. "A única coisa que pelos vistos sabem fazer é atirar as culpas para os outros."

"Atiramos-vos as culpas porque vocês é que nos puseram nesta situação!", devolveu o grego de dedo apontado. "Os Alemães é que estão a fugir às suas responsabilidades!"

Sepp Sammer fez um gesto largo a indicar a cela onde se encontravam.

"O senhor já reparou que o seu país ainda vive na Idade Média?", atirou com desdém. "A Grécia é governada desde a Segunda Guerra por apenas duas famílias, os Papandreou e os Karamanlis." Ergueu dois dedos em V. "Duas famílias! Já pensou bem? Isso mostra o tipo de país onde estamos. Já viu que a Grécia é o estado da Europa que tem vivido mais anos em incumprimento da dívida? Desde 1826 que vocês têm passado cinquenta por cento da vossa existência em incumprimento! Como podem agora dizer que a culpa é da Alemanha?"

"Não desvie o assunto", retorquiu o professor Markopoulou, a cara enrubescida de irritação. "Vocês estão a estrangular-nos com a vossa chantagem e a vossa austeridade cega! Se ela é assim tão boa, porque não a praticam?"

"E quem disse que não a praticamos? Para sua informação, a Alemanha viveu uma crise económica e social na década que se seguiu à reunificação. Em 2003, quando vocês estavam em pleno regabofe de despesas descontroladas com o nosso dinheiro, o meu país congelou os salários, limitou as contratações públicas, cortou regalias aos desempregados, facilitou o lay-off e ajudou as empresas. E isto sem choramingar, sem estender a mão a ninguém e sem receber a ajuda de quem quer que fosse! Se hoje estamos bem é porque actuámos em tempo útil. A nossa economia, ao contrário da vossa, não depende de fantasias irrealistas."

"Isso é tudo conversal!"

"Não é não! O que fizeram vocês quando nós estávamos a apertar o cinto em silêncio? Andavam a gastar à tripa-forra o dinheiro que não tinham! Aliás, desde a década de 1980 que a Grécia vive num mundo de faz-de-conta. Elege um governo, aumenta desmesuradamente salários e pensões, a economia rebenta e lá vem o vosso país de mão estendida pedinchar ajuda

externa. Quantas vezes isso não vos aconteceu já? O vosso estado era responsável por trinta por cento do PIB em 1980 e, dez anos depois, essa percentagem subiu para quarenta e cinco. Esse estado grego gigantesco, impregnado de corrupção, clientelismo e ineficiência endémicas, anda há décadas a estrangular o vosso país." Pôs a mão sobre o peito. "E a culpa é da Alemanha?!"

"Lá vem você com o passado", protestou o grego. "Se quer falar no passado, porque não fala do tempo em que a Alemanha invadiu a Grécia e matou trezentas mil pessoas de fome em Atenas no Inverno de 1941-1942, depois de ter saqueado toda a nossa comida e combustível? Se quer falar no passado, porque não fala em toda a população masculina a partir dos catorze anos que vocês executaram em Kalavryta? Se quer falar no passado, porque não fala no ouro que os nazis roubaram do Banco da Grécia e nunca devolveram Ou no dinheiro e nos bens que subtraíram à população, a quem até a corda dos sapatos gamaram? Porque não fala em tudo isso?"

"A Alemanha pagou mais de cem milhões de marcos à Grécia em reparações de guerra ao abrigo de um tratado assinado em 1960. Além disso, indemnizou as vítimas gregas de trabalhos forçados no tempo do Terceiro Reich. As nossas contas estão saldadas."

"Esse tipo de contas nunca se salda, grandes camelos! E cem milhões de marcos é uma gota ridícula no mar de prejuízos e desgraça que vocês aqui espalharam. Se as contas ao que vocês nos roubaram fossem devidamente feitas e actualizadas a valores correntes, a Alemanha teria de nos pagar mais de cento e cinquenta mil milhões de euros de reparações. Percebeu, seu nazi?"

O alemão calou-se; conhecia as contas e sabia que a avaliação não era disparatada.

"Além do mais", prosseguiu o grego, ganhando balanço, "deviam respeitar-nos porque somos o berço da civilização ocidental!"

O argumento fez o alemão rir-se.

"E isso concede-vos direitos especiais? Isso permite-vos gastar o dinheiro dos outros como vos dá na real gana? O vosso passado confere-vos imunidade quando chega o momento de prestar contas?" Apontou para Tomás. "Até aposto que há em Portugal e noutros países alguns idiotas que compram essa balela de que os Gregos estão autorizados a fazer os disparates que quiserem porque são o berço da nossa civilização. Mas aposto que, se os Gregos começarem a viver à custa do dinheiro dos impostos cobrados em Portugal, os Portugueses deixarão de achar graça a essa conversa do berço." Ergueu o dedo. "Ser o berço da civilização não vos desresponsabiliza. Quando muito, até vos confere responsabilidades acrescidas: portem-se à altura dos vossos antepassados, não como fedelhos mimados!"

O olhar do professor Markopoulou dançou entre os seus dois companheiros de cela, na dúvida sobre se naquela conversa Tomás era um aliado ou se tornara um adversário.

"Bem, no que diz respeito à crise não estou a falar do passado, mas do que se passa hoje. E hoje, sim, a Alemanha tem culpa!"

"O passado da economia grega mostra-nos um padrão de comportamento", argumentou Sepp. "Mas o mais importante é que a vossa economia não tem qualquer capacidade de competir com as outras economias europeias. Vocês entraram no euro com contas aldrabadas e a pensar que a moeda única vos ia automaticamente resolver os problemas. Pois não resolveu. Pelo contrário, agravou-os! A única coisa que a Grécia produz é turismo, agricultura e navios. Além de subsídios estatais em quantidades industriais financiadas pelos impostos cobrados aos

outros, claro. Isso é que é uma economia competitiva? Antigamente vocês competiam através da desvalorização do dracma, que tornava os vossos produtos mais baratos. Mas desde que entraram no euro que não podem desvalorizar a moeda. Para compensar isso teriam de começar a produzir bens que toda a Europa quisesse comprar. Além de umas férias nas vossas ilhas, contudo, não há nada na Grécia que os europeus desejem aos preços que vocês pedem. Conclusão? Voltaram à bancarrota." Fez uma pausa. "E a culpa é de quem? Da Alemanha?"

"É verdade que a nossa economia é atrasada", concedeu o professor Markopoulou. "Mas o euro devia servir para a modernizar. Foi o que sempre nos disseram."

O alemão suspirou.

"Oíça, uma economia não se moderniza por artes mágicas", sublinhou. "Quem faz a economia da Grécia são os Gregos, não são os restantes europeus. Como poderia a vossa economia mudar se vocês não a mudaram? Pior anda, o dinheiro que vos chegou foi esbanjado à grande e à francesa! Vocês gastaram o crédito que o euro vos proporcionou em importações e subsídios e a vossa economia continuou a funcionar nos mesmos termos medievais. Aliás, nada funciona a não ser através da ilegalidade. A fuga ao fisco é generalizada e a corrupção também."

O arqueólogo voltou a corar.

"Temos alguns problemas nessa área, reconheço, mas não é assim tão grave!..."

"Ai não? Então não foi o senhor que ainda há pouco teve de subornar o médico para nos tratar?"

"A fakelaki é uma velha tradição cultural."

"A fakelaki é corrupção institucionalizada. Aqui na Grécia pagam-se subornos para receber tratamento no serviço público de saúde e pagam-se subornos para obter autorizações de construção. Até se pagam subornos aos inspectores do fisco, ou não é verdade?"

O professor Markopoulou engoliu em seco e baixou os olhos. "Não vou dizer que não."

"Cada família grega paga em média mil e quinhentos euros por ano em fakelaki e toda a gente acha isso normal. Até conheço os preços que se praticam! São trezentos euros por baixo da mesa para passar numa inspecção automóvel e dois mil e quinhentos euros para avançar numa lista de espera para uma operação num hospital do estado. E isto é apenas a ponta do icebergue da festarola que o FMI aqui encontrou. As filhas dos funcionários públicos reformados recebiam pensões vitalícias mesmo depois da morte dos pais desde que não casassem. O estado grego iniciou um programa chamado Turismo para Todos em que pagava aos pobres para irem passar férias. Os caminhos-de-ferro gregos têm tantos prejuízos que se calculou que ficaria mais barato pagar um táxi a cada um dos seus utentes. O país não produz nada, mas o salário mínimo quando o FMI aqui chegou andava nos setecentos e cinquenta euros, quase o dobro de Portugal. E quando chegamos às pensões?" O alemão soltou uma gargalhada. "Ui, aqui a fantasia atinge o clímax! O valor da reforma dos Gregos foi fixado em noventa e seis por cento do seu salário, mais do dobro da proporção alemã. A idade de reforma na Grécia era de apenas cinquenta e oito anos, quando na Alemanha chega aos sessenta e sete. Vocês até davam reforma mais cedo a quem tinha profissões supostamente árduas, profissões de incrível dureza física como cabeleireiros, lavadores de automóveis, técnicos de rádio, recepcionistas de banhos turcos..."

O arqueólogo fez um gesto irritado com a mão direita.

"Está bem, exageramos um bocadinho", admitiu. "Mas isso não é motivo para nos tratarem

dessa maneira!"

"A única coisa que se vos pede é que tenham juízo e só gastem o dinheiro que o vosso país efectivamente produz, não o dinheiro que os outros produzem" disse Sepp. "Vocês adoptaram uma política social irrealista e decidiram pagá-la com o dinheiro dos outros. Chamaram a essa fantasia desmedida 'modernização da economia'. Mas, como é evidente, a pândega não podia durar para sempre. Não era sustentável. Quando a realidade se impôs, o que fizeram vocês? Estenderam a mão e exigiram que pagássemos pelos vossos desmandos! O resgate de um país que usou tão mal O nosso dinheiro é um roubo aos contribuintes alemães! E em vez de perceberem o que realmente fizeram de mal e entenderem os nossos protestos preferiram transformar-nos em bodes expiatórios." Abriu os braços. "Até parece que a culpa é dos Alemães!"

Fez-se um silêncio pesado na cela. O professor Markopoulou parecia ter desistido de contra-argumentar e Sepp Sammer, vendo-o baixar os braços, decidiu poupá-lo a mais embaraços. Restava Tomás, que assistira à conversa em silêncio e que se sentia cada vez mais surpreendido com a avalanche de dados debitados pelo alemão. Não lhe parecia normal ver um turista tão bem informado sobre a economia da Grécia.

"Diga-me uma coisa, Sepp", disse. "O que faz você na vida?" "Tenho uma estalagem em Darmstadt."

A revelação adensou a perplexidade e a curiosidade do historiador português.

"Como é que um estalajadeiro de Darmstadt sabe tanta coisa sobre a economia grega?"

A pergunta suscitou um brilho no olhar azul do alemão. Os lábios de Josef Sammer desenharam um sorriso orgulhoso e a sua face quase irradiava luz quando chegou o momento de revelar a fonte dos seus conhecimentos, o sítio onde quase todos os Alemães iam beber as informações sobre como a Grécia geria o seu dinheiro.

"Ach, é simples", exclamou. "Li no Bild Zeitung."

A primeira coisa que Tomás fez quando chegou à sua casa em Lisboa foi atirar a mala para cima da cama, despir-se e meter-se no chuveiro. Os últimos dias haviam sido inesperadamente desgastantes, sobretudo com os tumultos nas ruas de Atenas, a detenção durante setenta e duas horas e as agressões que sofrera na cadeia às mãos dos anarquistas.

Tudo isso fora demasiado. Daí que, quando finalmente o juiz grego o enviou em liberdade, tivesse decidido regressar de imediato a Portugal. O Museu de Arqueologia de Atenas havia-o contratado para fazer uma peritagem ao pergaminho em avéstico que tinha sido descoberto nas escavações da Biblioteca de Pantainos, mas considerando as circunstâncias ninguém levantou qualquer obstáculo quando solicitou dispensa do trabalho. Ficou combinado que regressaria no mês seguinte para completar a peritagem e investigar a possibilidade de haver mais antigos manuscritos zoroástricos escondidos no local das escavações, questões que, considerando as circunstâncias, tinham perdido toda a urgência.

Quando saiu do banho ligou o pequeno televisor que tinha no quarto e sintonizou-o num canal de notícias.

"Iorque o índice Dow Jones sofreu um novo colapso alimentado pelos receios relativos aos activos tóxicos na posse da banca e à instabilidade na zona euro", disse a apresentadora do programa de economia, uma rapariga coquette que dava as notícias com o sorriso de quem apresentava a meteorologia e falava dos activos tóxicos como se fossem o anticiclone dos Açores. "Os juros da dívida soberana voltaram a disparar, com os investidores a desconfiarem da capacidade de vários países europeus de cumprir os seus compromissos."

Havia já alguns meses que o historiador ouvia estas notícias na televisão, pelo que não ligou. Era verdade que a sua experiência em Atenas lhe dera um contacto em primeira mão com realidades da crise grega, mas tudo aquilo lhe parecia acontecer num mundo irreal, situado no outro canto da Europa ou do outro lado do ecrã.

"A taxa de desemprego disparou na Grécia, em Portugal, na Irlanda e em Espanha, países onde atingiu novos máximos dos últimos trinta anos", prosseguiu a apresentadora do sorriso artificial. A imagem no televisor passou a mostrar uma multidão em fúria. "Uma nova greve geral na Grécia, acompanhada por uma manifestação culminou em Atenas com tumultos na Praça Syntagma, diante do parlamento, com manifestantes e polícia a envolverem-se em confrontos que se saldaram em dois mortos, trinta feridos e duzentas pessoas detidas."

Estas imagens prenderam a atenção de Tomás; eram-lhe familiares e a sua experiência estava ainda demasiado viva para as ignorar. Viu confrontos nas ruas, bandeiras alemãs em chamas, a polícia de choque a carregar e, nesse instante, virou a cara. Tudo aquilo lhe parecia deprimente. Sem voltar a mirar o ecrã, vestiu-se rapidamente e saiu.

O homem gordo de bigode estava junto à mesa em mangas de camisa, os pêlos do peito a espreitarem pelo colarinho, gotas de transpiração a deslizarem-lhe pela face rechonchuda. Ao ver o cliente entrar na tasca puxou a cadeira e fez-lhe sinal para se sentar.

"Ora viva, sô professor!", saudou o anfitrião com descontraída familiaridade. "Bons olhos o vejã!"

Tomás sorriu e sentou-se no lugar que lhe era indicado. "Olá, Horácio."

"O que lh'aconteceu à cara, sô professor? Andou no recreio à porrada ou quê?"

"Foi... uma queda", devolveu o cliente, sem vontade de explicar o inchaço sobre o olho e os

curativos no rosto. "Está tudo bem?"

Os lábios finos do homem curvaram-se num esgar e ele esboçou uma careta.

"Nem por isso, sô professor. Ist'anda mal."

"Ai anda?", surpreendeu-se Tomás. "Que aconteceu? Não me diga que está doente..."

"Isso não, graças a Deus! Tenh'uma saúde de ferro!" "Ah, ainda bem."

Com um gesto largo a indicar o restaurante, Horácio fez um ar desalentado.

"O problema é o negócio, c'um catano!" Apontou para três mesas vazias junto à janela. "Ó p'ra isto, sô professor! Já viu? Onde é que no ano passado a esta hora eu tinha uma mesa vazia aqui no restaurante? Mas agora... ó, é só ver!"

O historiador desviou o olhar para as mesas vazias; teria sido realmente impensável ver o restaurante assim no ano anterior.

"Que aconteceu?"

"São os cortes nos salários, sô professor. Isso e mais a subida do IVA. O governo está a apertar, a apertar, a apertar... Uns abutres! Onde irá isto parar, meu Deus? Só lhe digo, é uma desgraça..."

"Pois é, Horácio. Também eu já levei um cortezinho no ordenado."

O anfitrião inclinou-se para o cliente e Tomás sentiu-lhe o fedor ácido a transpiração e o bafo quente de vinho tinto.

"Lá p'ró Norte a coisa 'inda é pior, sô professor. Sou de Santo Tirso, como sabe. Pois as fábricas por lá estão todas a fechar, é um horror. Aqui em Lisboa as pessoas nem fazem ideia. A minha prima Ermelinda, o Zé da Pipa, o Chico Lingrinhas... anda tudo nos centros de emprego à cata de trabalho. E não há nada de nada, o que pensa o senhor? Aqui em Lisboa ainda há o estado e todos os negócios em redor dele, como os restaurantes e o comércio, tudo a alimentar-se dos funcionários públicos. Mas lá em cima não há nada, sô professor, as pessoas estão entregues a si mesmas. A Ermelinda, coitadinha, já fala em emigrar p'rá Suíça ou p'ró Canadá, como á anos fez o pai dela, o Ti Nando. E o resto do pessoal está na mesma."

O cenário não era animador e Tomás ficou sem saber o que dizer. "Pois é, Horácio. Isto parece mesmo difícil."

O homem do restaurante respirou fundo, como se ele próprio estivesse já a preparar-se para fugir para o estrangeiro.

"Atão não está, sô professor? Estes políticos falam, falam, mas não fazem nada! Só sabem apertar e gamar, e a malta é que se lixa, n'é verdade?"

"Pois é, pois é."

Horácio retirou o bloco de apontamentos do bolso e preparou-se para tomar notas.

"Ora diga lá, sô professor", entoeou num tom subitamente profissional. "O que vai ser hoje? Temos um bacalhau à Zé do Pipo que está um estalo. E a douradinha... ui, veio tão fresquinha qu'até parece qu'inda se passeia pelo mar, a malandra."

"Está mesmo fresca ou isso é conversa?" O empregado fez uma expressão ofendida.

"Or'essa, sô professor! Acabou de vir da lota, eu próprio fui lá buscá-la. Um mimo, só lhe digo."

"Então traga-a lá."

"A douradinha grelhada com arrozinho de tomate e um copinho de branco, sô professor?"

"Isso." Ergueu o dedo para fazer uma ressalva. "Branco do Douro, se fizer o favor. Bem

geladinho."

O empregado registou o pedido no bloco de notas e afastou-se em passo apressado. Tomás recostou-se na cadeira e descontraíu; tinha fome e o peixe grelhado vinha mesmo a calhar depois da dieta forçada da moussaka e calamari na esquadra de Atenas.

Sem nada para fazer enquanto esperava pelo prato, desviou a atenção para o televisor pregado à parede. Decorria o noticiário e um apresentador orelhudo com expressão sisuda dava notícias frescas da crise; uma imagem gráfica ao lado dele mostrava o rosto compenetrado do presidente da Comissão Europeia, um juiz de profissão que abraçara a política, e, por baixo, a palavra "inquérito".

"Axel Seth foi nomeado juiz do processo judicial às origens da crise financeira e económica", noticiou o apresentador. "O processo está a ser conduzido pelos procuradores Agnès Chalnot e Carlo del Ponte, a quem o presidente da Comissão Europeia exige resultados rápidos. O juiz Seth responsabilizou os mercados financeiros e os banqueiros gananciosos pelo colapso da economia mundial e acusou-os de terem um plano secreto para destruir o estado social."

O ecrã encheu-se com a imagem do homem-forte de Bruxelas, um francês alto e magro, a falar num palco em tom solene perante uma plateia atenta de homens engratados.

"Os especuladores, essa gente sem rosto que opera na sombra e busca o lucro fácil à custa do trabalho e do sofrimento do cidadão comum, têm de responder pelos seus actos criminosos, porque a culpa, meus caros amigos, a culpa não pode morrer solteira!", declarou o juiz Seth com grande convicção, as palavras pronunciadas com força, gestos enfáticos a reforçá-las. "Aqui assumo pois o meu compromisso de que a justiça actuará, célere e impiedosa, no sentido de restituir a ordem e punir os responsáveis pela dramática situação em que o mundo mergulhou!"

Uma entusiástica salva de palmas no auditório acolheu estas palavras. O apresentador passou para a notícia seguinte e Horácio regressou à mesa com o couvert, uma cesta de pão e um queijo de Azeitão fatiado.

"G'and'a homem!", exclamou o empregado com um suspiro aprovador. "É ele que vai pôr enfim a malandragem na ordem!"

"Convenhamos que é um bocado estranho o presidente da Comissão Europeia ser nomeado juiz..."

"O gajo é juiz de profissão, s'ô professor. A malta de Bruxelas quer mostrar assim que leva esta coisa muito a sério e que o processo vai ser a doer. Houve um tipo que disse no telejornal que uma situação extraordinária como esta crise requer um juiz extraordinário."

"Já vi que você anda a seguir as notícias, Horácio."

"Pois atão, tenho de seguir! Preciso de perceber se terei ou não de fechar o estaminé, n'é? As notícias ajudam-me a topar o que se passa neste mundo louco!" Fez um gesto a indicar o televisor. "Esse juiz, por exemplo, é a nossa grande esperança! Um homem íntegro e religioso como não há muitos!"

"Religioso? Como sabe você isso?"

"Atão não sei, s'ô professor? Noutro dia contaram a vida dele ali na televisão. O homem chamava-se Bagus ou coisa qu'ô valha, e aos vinte e tal anos mudou de apelido e adoptou o nome de um personagem bíblico."

"Seth?"

"Seth, terceiro filho d'Adão e Eva, irmão de Caim e Abel", disse Horácio. "Leia a Bíblia, sô professor! Leia o Gênesis, 4:25!"

"Pois, tem razão. Seth foi concebido para substituir Abel, que Caim tinha morto. Se bem me lembro, a tradição judaica estabelece Seth como antepassado de Noé, o que faz dele antepassado de todos nós, não é verdade?"

"Tem nome de planta, dizem."

"Nome de planta?", admirou-se Tomás. Fez um esgar, pensativo. "Quer dizer, a origem etimológica do nome Seth está na palavra hebraica que se refere à semente das plantas. Suponho que isso faz de Seth uma semente."

O homem fez um novo gesto na direcção do televisor. "A semente da justiça", proclamou. "Um santo nome para um santo homem!"

Nesse semestre Tomás não tinha aulas, razão pela qual aceitara o trabalho que lhe fora solicitado pelo Museu Arqueológico de Atenas, mas isso não impedia que houvesse coisas para fazer. Havia sido publicadas recentemente em Israel novas descobertas referentes aos manuscritos do Mar Morto e o historiador queria incorporar essa informação na matéria do semestre seguinte.

Depois do almoço, Tomás regressou por isso ao seu apartamento. Foi preparar um café e acomodou-se no escritório com o caderno de apontamentos para as aulas, uma lupa e as cópias dos pergaminhos de Qumran que lhe haviam chegado recentemente de Jerusalém. Começou a lê-los e a rabiscar a tradução no caderno, mas depressa se sentiu oprimido pela solidão e ligou o rádio em busca de companhia.

O som de uma canção dos U2, "Sometimes You Can't Make It on Your Own", encheu o escritório e embalou-o para o trabalho. Os pensamentos dos essénios eram realmente apaixonantes, em particular a sua visão da grande batalha final entre os filhos da luz e os guerreiros das trevas, ou seja, entre o bem e o mal, Deus e o Diabo. Parecia-lhe evidente que os essénios faziam a ligação entre o pensamento zoroástrico, que profetizava a derrota de Ahriman no fim dos tempos, e a escatologia cristã, que previa a chegada do Reino de Deus e a submissão dos ímpios ligados ao mal.

Às três da tarde em ponto, como sucedia de hora a hora, a estação de rádio onde o seu aparelho estava sintonizado interrompeu a programação musical para um pequeno noticiário. Soou o curto genérico musical do noticiário e uma voz Masculina rasgou o ar.

"Boa tarde, o Tribunal Penal Internacional anunciou que irá marcar para breve a sessão preliminar do processo para investigar as causas da crise e acusar formalmente os responsáveis por crimes contra a humanidade", anunciou o apresentador. "O anúncio seguiu-se à nomeação do presidente da Comissão Europeia, Axel Seth, para juiz desse processo. Seth tem exigido que o processo seja mais célere, de modo que se punam o mais depressa possível os especuladores, que ele responsabilizou pelo caos na economia mundial."

O noticiário prosseguiu com informações sobre os preparativos para a Cimeira Europeia em Roma, onde a crise das dívidas soberanas seria de novo discutida daí a alguns dias, mas a atenção de Tomás regressou aos manuscritos do Mar Morto e à teologia dos essénios, assuntos que lhe pareciam bem mais apaixonantes.

Nesse instante tocou o telemóvel.

"Boa tarde", cumprimentou a voz feminina do outro lado da linha com uma certa musicalidade. "Posso falar com o professor Tomás Noronha?"

"Sou eu mesmo."

"Olá, professor. Daqui Graciete Batalha, do gabinete do director da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. O senhor director convocou-o para uma reunião amanhã de manhã, pelas nove horas. O professor Água pode contar consigo?"

"Com certeza." Hesitou. "Qual é o assunto?" Foi a vez de a voz do outro lado hesitar.

"Isso... enfim, não posso dizer, receio bem", balbuciou a secretária, evidentemente embaraçada. "É... é matéria confidencial."

"Hmmm... estou a ver. Nove da manhã, não é?" "Nove em ponto, se fizer o favor. Até amanhã."

Tomás desligou o telefone e permaneceu um longo minuto a passar em revista a conversa. "Matéria confidencial", dissera ela. Que estranho. E a própria perturbação quando a questionara sobre o tema da reunião também não lhe parecia normal. Que raio de assunto delicado seria esse que não podia ser exposto ao telefone?

Incapaz de encontrar respostas nesse momento, abanou a cabeça e sacudiu a perplexidade da mente; cada coisa a seu tempo.

No dia seguinte saberia.

VIII

O murmúrio suave do ar condicionado e o ambiente soturno das paredes forradas de madeira conferiam ao secretariado do gabinete do director um ar tranquilo e acolhedor propício à sonolência. Tomás chegara à hora prevista à sua faculdade da Universidade Nova de Lisboa, onde leccionava no Departamento de História, e a secretária do director mandara-o aguardar sentado num sofá tão macio que parecia convidá-lo a uma soneca. O historiador acordara nessa manhã cedo para vencer o trânsito de Lisboa, nos tempos que corriam menos intenso do que noutros anos mas mesmo assim suficientemente irritante, e, mergulhado na modorra doce em que a ambiência suave do gabinete o embalara, fez um esforço por se manter acordado e combater o peso que se lhe formara nas pálpebras, mas sem grande sucesso.

"Senhor professor?", murmurou uma voz feminina. "Senhor professor, está a ouvir-me?"

Como se fosse atingido por um raio invisível, Tomás endireitou-se com um salto e, o olhar desfocado pelo sono, viu Graciete Batalha plantada diante dele.

"Desculpe!", titubeou, atarantado e estremunhado. "Acho que passei pelas brasas!..."

A secretária exibiu um sorriso profissional.

"Fez muito bem", disse no mesmo tom suave. Indicou com um gesto a porta ao lado do secretariado. "O senhor director já o pode atender. Faça o favor de entrar."

O historiador bocejou e pôs-se de pé com vontade de se espreguiçar, mas conteve-se e conseguiu distender os músculos com discrição. Seguindo as indicações da secretária, dirigiu-se à porta do gabinete do director da faculdade e franqueando-a, deparou-se com o seu superior hierárquico sentado numa escrivaninha a assinar papéis.

"Dá-me licença?"

O director da faculdade levantou o olhar por cima dos óculos encavalitados na ponta do nariz.

"Ah, professor Noronha!" Ergueu-se do seu lugar e, de mão estendida, veio acolher o recém-chegado à porta e indicou-lhe um sofá. "Entre, faça o favor! Esteja à vontade!"

"Obrigado."

Com gestos formais, quase a sentir-se uma múmia dentro de um fato, Tomás instalou-se no lugar indicado e o seu anfitrião sentou-se num cadeirão diante dele.

"Vai um cafezinho?"

"Não, obrigado. Já tomei o pequeno-almoço."

O director prendeu nesse instante a atenção no rosto maltratado do seu subordinado.

"Oh, o que lhe aconteceu?", admirou-se. "Foi atropelado por um camião ou quê?"

O historiador passou a ponta dos dedos pelo inchaço sobre o olho esquerdo e hesitou; poderia aldrabar uma desculpa qualquer, como fizera nos últimos dias sempre que o interrogavam sobre as equimoses na face, mas estava diante do director da faculdade e pareceu-lhe que deveria ser sincero.

"Foi uma chaticezinha que tive na Grécia", explicou. "Fui convidado para fazer uma peritagem a um manuscrito avéstico recentemente descoberto em Atenas e acabei por me ver apanhado numa manifestação contra a crise. Aquilo acabou tudo à batatada e... olhe, acabei por levar por tabela." Encolheu Os ombros num gesto de resignação. "Ossos do ofício, não é verdade?"

"Que horror!", exclamou o director. "O professor já foi ao hospital ver isso?"

"Sim, está tudo bem."

O anfitrião abanou a cabeça com incredulidade, a atenção ainda presa às equimoses que desfiguravam a cara do seu subordinado.

"Veja lá o ponto que as coisas chegaram! Aquilo por lá está mesmo assim tão mal?"

"Nem imagina."

O director calou-se por momentos, possivelmente a meditar nos acontecimentos que abalavam a periferia da Europa. Os dois homens conheciam-se apenas de pequenas conversas de circunstância; no fim de contas tinham origens diferentes e a faculdade era um espaço tão vasto que nem todos os Professores se relacionavam. O director da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa chamava-se João Água e viera do Departamento de Ciências da Comunicação, enquanto Tomás fizera toda a sua carreira académica no Departamento de História. O convívio entre professores de departamentos diferentes era raro e quase só acontecia em assembleias-gerais ou em reuniões especiais da faculdade.

João Água respirou fundo.

"Como sabe, nós também não estamos grande coisa" disse. "A crise alastrou pela Europa e depois da Islândia, dos países bálticos, do Leste da Europa, da Grécia e da Irlanda, Portugal foi atingido com toda a força por este furacão destruidor antes de ele seguir para Espanha e Itália. Desde que o FMI, o Banco Central Europeu e a Comissão Europeia cá chegaram que isto é só cortar, cortar, cortar. O desemprego disparou e a austeridade não tem fim."

"Então não sei?", retorquiu Tomás. "Cortaram-me o salário e aumentaram os impostos. A vida está cada vez mais difícil e parece que não vamos para melhor."

"Os principais cortes estão a decorrer na saúde, na Segurança Social e nos transportes, onde as despesas estavam pelos vistos descontroladas. Mas a razia estende-se a todos os sectores do estado e, receio bem, envolve também o Ministério da Educação."

"Parece que houve milhares de professores do secundário que não foram colocados, não foi?"

O director da faculdade revirou os olhos. "Um horror!"

"O que nos vale é a autonomia do ensino universitário", observou Tomás. "Senão, também os tínhamos à perna!..."

A observação desencadeou um ataque de tosse do anfitrião. João Água bebeu um gole de água e, quando pousou o copo, respirou fundo, como se ganhasse balanço.

"Pois, o problema é que a autonomia universitária tem limites", observou. "E os maiores limites têm a ver justamente com a questão do financiamento. Como sabe, o estado está sem dinheiro e por isso deixou de ser o principal financiador das universidades. Para compensar a perda desses fundos, temos andado a virar-nos para os privados e a fazer investigação vocacionada para o mercado e paga pelas empresas. Essa actividade tornou-se uma importante fonte de financiamento. Outra são as propinas, claro. O problema é que a crise tem estado a afectar também todo o sector privado, que retraiu as suas despesas e deixou de nos fazer encomendas, e as famílias, que têm menos dinheiro disponível para pagar propinas. Há até um número crescente de estudantes a desistir da faculdade por falta de dinheiro. Ou seja, o estado, as empresas privadas e os estudantes começaram a pagar menos, o que significa que entra menos dinheiro nas universidades. A situação está a tornar-se insustentável."

"Então, presumo eu, é preciso cortar nas despesas."

"Pois, é justamente isso o que estamos a fazer. Controlámos os gastos em energia, nas fotocópias, em material educativo, em equipamento de limpeza, na compra de livros..., enfim, cortámos em tudo o que podíamos cortar."

Fez-se um silêncio inesperado no gabinete. "E então?"

O director da faculdade abanou a cabeça. "Não chega."

"Não chega como?" "Não chega."

"Tem de chegar", insistiu Tomás. "As despesas têm de ser equivalentes às receitas, isso é evidente. É uma questão de ver qual a principal fonte de despesa da faculdade e actuar aí."

João Água agitou-se no seu lugar; parecia incomodado e o seu subordinado percebeu que isso não estava relacionado com o cadeirão onde se encontrava sentado, mas com o tema da conversa.

"A nossa principal fonte de despesa é o pessoal", indicou. "Mais exactamente o quadro docente."

"A sério?", admirou-se o historiador. "Não fazia ideia. Qual é o peso dos professores nas despesas da faculdade?"

"Mais de noventa por cento."

A revelação deixou Tomás boquiaberto. Por momentos chegou a pensar que ouvira mal, o peso era tão incrível que só poderia tratar-se de um equívoco, mas o semblante carregado do seu interlocutor não lhe deixava dúvidas. Ouvira bem...

"Noventa por cento?"

O director balançou afirmativamente a cabeça. "Receio bem que sim."

"Mas... mas... como é isso possível?", questionou o historiador, ainda atónito. "Não há outras despesas?"

"Haver, há. Mas são relativamente marginais. Repare, uma universidade é sobretudo feita pelos professores e pelos alunos. Tudo o resto, se for a ver bem, é coisa pouca. São as instalações e alguns funcionários administrativos ou de limpeza, a generalidade com salários baixos. A fatia de leão das despesas vai para os professores, como é evidente. Acredite ou não, eles levam mais de noventa por cento do orçamento anual."

Tomás permanecia estarrecido; nunca imaginara que as universidades gastassem tanto no corpo docente. Mas, bem vistas as coisas, os professores eram realmente os principais activos das universidades. Sem eles nada seria possível.

"E... e agora?"

"Temos de cortar as despesas", repetiu o director da faculdade. "As receitas caíram e, como o professor reconheceu ainda há momentos, os gastos têm de se adequar a essa realidade. Em conformidade, iniciámos um programa para reduzir o nosso quadro de pessoal. Passei toda a semana a chamar aqui ao meu gabinete professores que não pertencem ao quadro para lhes explicar a situação e lhes dizer que, infelizmente, não podemos continuar a contar com eles, como seria nosso desejo, devido à situação terrível em que nos encontramos."

O silêncio voltou ao gabinete, mais pesado que nunca. Tomás manteve os olhos cravados no seu anfitrião, tentando digerir o verdadeiro significado do que acabara de escutar. Ele próprio, tomou consciência, não pertencia aos quadros e fora chamado pelo director.

"O professor convocou-me para... para me despedir?"

Incapaz de se sustentar perante a brutalidade da pergunta, o olhar de João Águas baixou para o soalho de cerejeira do gabinete. O director engoliu em seco antes de reunir coragem para voltar a encarar o seu abismado interlocutor.

"Lamento muito, Tomás."

IX

Um enorme e profundo vazio instalou-se na vida de Tomás. Chegou nessa manhã a casa com a angústia a pesar-lhe no peito e deitou-se na cama ao abandono, sentindo-se invadido pelo mais absoluto dos despojamentos. Era como se tivesse sido declarado um inútil, um falhado, um pedaço de nada, reduzido à insignificância, humilhado, descartado como um trapo sem valor.

Derrotado.

Sim, a palavra que melhor definia o seu estado de alma era mesmo essa. Fora derrotado. Pela vida, pela universidade, pela crise. Aquela maldita crise que desde 2008 vinha a ruminar, longínqua mas sempre a aproximar-se com insidiosa malícia, até o atingir com a força de um murro no estômago. Um murro não, um pontapé. E que pontapé! Abalara-o de alto a baixo, atingira-o no seu âmago mais profundo, vergara-o com a simplicidade desconcertante de apenas três palavras.

"Lamento muito, Tomás."

A frase que lhe fora dita apenas uma hora antes ainda lhe reverberava na memória. O director dissera que lamentava muito. Lamentaria mesmo? Que idiota, aquele tipo! Como era fácil dizer a alguém que se lamentava uma coisa e depois passar à frente, adeus que eu tenho mais que fazer. O director lamentava, mas continuava no seu emprego, confortável, o salário assegurado, decerto de consciência tranquila; despedira um subordinado com palavras delicadoces e um ar compungido adequado, mas o mais provável era àquela hora já se ter esquecido do assunto e estar entretido a apalpar as tetas da secretária.

Ele, Tomás, não esquecera. Fora ele afinal quem realmente ficara com o problema nas mãos, ou não fora? O problema do director resumira-se ao anúncio da decisão, o seu problema era viver com as respectivas consequências. Respirou fundo e esforçou-se por ir para além do ressentimento e da humilhação e perceber que o director se limitara a fazer o que tinha de fazer. Não fora pessoal, pensou repetidamente. Não fora pessoal.

"Não foi pessoal uma ova!", murmurou com fúria mal contida, vertendo em palavras os pensamentos que lhe fervilhavam na mente. "Não foi pessoal para ele, cabrão!, mas foi bem pessoal para mim!"

Revirou-se na cama e esforçou-se por pensar noutra coisa. Como se sentia só! Lembrou-se da filha e da mulher de quem se separara e sentiu uma enorme saudade delas, uma saudade tão grande que lhe fez doer o corpo e lhe roubou o ar nos pulmões. Ah, como se sentia só e como daria tudo para refazer a sua vida com as que perdera. Mas a realidade era aquela e não outra. Aprendera no Tibete que a vida era mudança e o sofrimento resultava da incapacidade de aceitar essa verdade cruel. A vida é mudança. Se queria sobreviver, se tencionava reerguer-se, se desejava uma segunda oportunidade, teria de interiorizar isso.

A vida é mudança.

O pensamento martelou-lhe a consciência e agarrou-se a ele como uma bóia de salvação. Se a vida era mudança, o que acabava de lhe acontecer não passava de um reflexo dessa realidade, decerto mais fácil de enunciar do que de aceitar. Mas teria de aceitar e viver com a realidade. A vida era mudança e a sua acabara de mudar. Quanto mais depressa interiorizasse isso mais depressa se poderia reerguer. E para o fazer teria de lutar. Lutar.

O pensamento deu-lhe energia. Levantou-se da cama e, com ânimo súbito, disposto a não se deixar vencer, empenhado em fazer das fraquezas forças, foi à escrivaninha buscar a sua

agenda de contactos. Se a Universidade Nova de Lisboa prescindia dos seus serviços, outras universidades haveria que estariam até dispostas a matar para o ter nas suas fileiras. Poderia haver dúvidas disso?

Quando desligou o telefone pela última vez nesse dia já passava das cinco da tarde e o sentimento de derrota voltara a apossar-se dele. Ligara para a Universidade Clássica, para a Universidade Católica, para a Universidade de Coimbra, para a Universidade do Porto, para a Universidade do Minho, para a Universidade de Évora, tentara as privadas, como a Universidade Lusíada, a Universidade Fernando Pessoa e muitas outras.

Nada. Todos os contactos, todos os telefonemas, todas as conversas deram num grande nada. Nada de nada.

"A crise também aqui chegou", dissera-lhe um colega de Coimbra. "Estamos a reduzir quadros, a cortar despesas, a eliminar cursos. O estado já paga pouco, as empresas privadas andam afitas e diminuíram as encomendas, os alunos começaram a desistir porque as famílias não conseguem pagar os estudos, o desemprego aumentou e isto está mal e vai para pior. Não dizem que o governo vai fazer mais cortes, que a troika está a fazer mais exigências, que o mercado irá encolher ainda mais?"

Quando estava a fazer telefonemas para ver se arranjava alguma coisa, e enquanto procurava o número de telefone do Departamento de História da Universidade do Porto, o seu telemóvel tocou. Pousou nele os olhos esperançados. Seria finalmente uma resposta afirmativa?

"Professor Noronha?"

Do outro lado da linha soou uma voz feminina que não conseguiu identificar; talvez a secretária de um reitor qualquer com uma proposta que o retirasse do limbo para onde fora atirado.

"Sim, sou eu. Quem fala?"

"Daqui Maria Flor..." "Quem?"

"do Lugar do Repouso."

Como tinha a cabeça programada para os contactos com as universidades levou uma fracção de segundo a identificar a referência. Tratava-se da directora do lar onde a mãe vivia.

"Que se passa?", sobressaltou-se, alarmado. "A minha mãe está bem?"

Era raro receber chamadas do lar e, sempre que elas aconteciam, diziam respeito a problemas com a mãe.

"Está ótima, fique descansado." A directora do Lugar do Repouso hesitou. "Quer dizer, dentro das circunstâncias da doença, claro. Mas sim, ela encontra-se bem."

"Ah", exclamou Tomás, aliviado. "Então o que... enfim, em que lhe posso ser útil?"

A voz na linha pigarreou, como se tacteasse o terreno antes de prosseguir.

"Precisava que o professor viesse cá a Coimbra", disse ela por fim.

"Existe um assunto urgente que temos de discutir."

"Há algum problema?"

"De certo modo, sim. Mas não tem a ver com a saúde da sua mãe, fique descansado", apressou-se a esclarecer. "Pode vir cá?"

Tomás massajou as têmporas com a ponta dos dedos; a última coisa de que precisava nesta altura confusa era de ir a Coimbra.

"Não me pode dizer ao telefone?"

"Receio bem que não. É... é um assunto delicado."

Por outro lado, havia já algumas semanas que não visitava a mãe. Estava na altura de ir, até porque tinha saudades dela. Porque não agora?

"Muito bem", decidiu. "Vou aí na terça-feira. Combinado?"

"Excelente."

Passou o resto do dia a preparar currículos, a mandar e-mails e a recuperar contactos antigos em busca de uma solução. Um colega da Universidade do Minho lembrou-lhe no final de mais uma recusa que, com as suas qualificações, talvez ele arranjasse lugar numa universidade britânica ou francesa, quem sabe mesmo se haveria uma americana ou uma israelita interessada nos seus conhecimentos de línguas antigas. Emigrar, todavia, estava fora dos seus horizontes.

"Só em último recurso", respondeu Tomás num tom peremptório, rejeitando a ideia. "Se for para fazer um ou outro trabalho de peritagem, ainda vá, tenho feito isso com frequência e, para ser sincero, até gosto. Aliás, ainda na semana passada o Museu de Arqueologia de Atenas me contratou para levar a cabo uma peritagem dessas. Mas... ir trabalhar para o estrangeiro? Não, nem pensar. A minha mãe está a viver cá e não a vou abandonar. Só se estiver a passar fome e não tiver para onde me virar é que admito ir para o estrangeiro."

Depois considerou a possibilidade de mudar de trabalho; afinal nada o obrigava a ser historiador até ao fim da vida. Telefonou ao Matias, um colega do liceu de Castelo Branco que ocupava um cargo de direcção numa grande empresa de vendas a retalho e com quem mantinha contactos regulares, e perguntou-lhe se tinha alguma coisa de interessante em perspectiva. Matias acolheu-o bem, como seria de esperar, mas esclareceu logo que as coisas andavam mal, a empresa estava a dispensar pessoal e não tinha margem para fazer novas contratações a não ser para carregadores de material de ar mazém, tarefa para a qual ele, Tomás, não estava evidentemente vocacionado. Além disso já não tinha idade para andar a carregar caixas às costas.

"Onde vai isto parar, meu Deus, já não há dinheiro para nada, nós que ainda há cinco anos íamos de férias para as Caraíbas com o dinheiro que os bancos nos imploravam que aceitássemos a juros baixíssimos!", lamentou-se Matias num desabafo já no final da conversa. "Até faziam telefonemas para minha casa a perguntar se não queríamos mais um emprestimozinho, veja lá, o juro está baixinho, diziam, vá lá, o senhor sempre fica com mais uns tostõezinhos, vai a Cancún e a Punta Cana com a sua senhora e os pequerruchos, nós financiamos que somos uns porreirões, não vê que até temos anúncios na televisão a oferecer crédito como se fossem papos-secos? E agora, e agora..."

E agora Tomás não tinha emprego.

Saiu muito cedo de casa nessa manhã de segunda-feira. O céu azulava e o bafo luminoso da aurora crescia ainda no horizonte. Dirigiu-se à paragem do autocarro; decidira não voltar a usar o automóvel enquanto não arranjasse trabalho. Esperou dez minutos até o laranja da Carris aparecer. Quando o viu chegar quase se arrependeu da promessa de deixar o carro na garagem; o autocarro vinha apinhado de passageiros. Contudo não se deixou desencorajar e saltou para bordo.

"Um euro e setenta e cinco por um bilhete?", admirou-se quando teve de pagar. "Ena, isto está caro!..."

A observação arrancou gracejos aos outros passageiros.

"Olha lá, em que mundo é que andas, pá?", perguntou um homem de barba rala. "Isto agora é pagar e calar. Somos nós a trabalhar e os gajos, os políticos, a roubar!"

"Eu pago quase cinquenta euros por um passe L1", soltou uma mulher de faces coradas e ar de poucos amigos. "Um escândalo, é o que é! um roubo! Gatunos!"

Tomás quase lamentou ter-se queixado em voz alta do preço do bilhete. Furo a massa compacta de passageiros e foi instalar-se a meio do veículo, perto da porta de saída. Olhou pela janela e avaliou o trânsito; felizmente não era muito compacto, o que significava que a viagem seria relativamente rápida. Lembrou-se do que era o trânsito naquela mesma rua àquela hora uns anos antes e sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo; parecia impressionante como a circulação automóvel diminuía tanto em apenas dois ou três anos.

Saltou para o passeio quinze minutos depois e encaminhou-se para o seu destino, um prédio branco de traça ultrapassada, um daqueles formigueiros inestéticos construídos nos anos 60 e 70, de varandas transformadas em marquises de alumínio pavorosas. Uma longa fila de gente enchia o passeio da esquina à porta e Tomás interpelou a última pessoa, um rapaz de barba densa e cabelos revoltos.

"É esta a bicha para o centro de emprego?" "É sim."

"Caramba, é enorme!"

O rapaz sorriu sem humor.

"E são só oito da manhã", observou. "Espere mais uma hora e já vai perceber." Indicou um poste distante. "Está a ver aquele poste ali ao fundo, ao pé do semáforo? Daqui a pouco a bicha chega lá."

"A sério? Assim tão cedo?"

"A malta quer ficar com as primeiras senhas. Senão arriscamo-nos a nem sequer ser atendidos. É por isso que há gente que chega aqui às cinco da manhã. Só quando o centro abrir portas e o pessoal começar a tirar as senhas é que a bicha desaparece. Quem chegar mais tarde já não apanha senha nenhuma."

A situação era pior do que Tomás alguma vez imaginara. É certo que via nas notícias que o desemprego disparara, mas sempre achara que aquilo era um exagero dos jornalistas. No fim de contas até então sempre tivera trabalho e as pessoas à volta dele também. Ao pôr-se nessa manhã na fila do centro de emprego, porém, tomou enfim consciência da verdadeira dimensão do problema; o tamanho da fila àquela hora era eloquente.

"Isto está mesmo mal, hem?", observou para o rapaz com quem entabulara conversa. "Há quanto tempo anda à procura de emprego?"

"Um ano."

"Tanto tempo? Qual é a sua área?" O rapaz suspirou.

"Tirei Direito e quando saí da faculdade pus-me a fazer oficinas. O problema é que o estado pagava com atraso superior a um ano.., e isto quando pagava! Tinha colegas que andavam há sete e oito anos para receber uns pagamentos e, por mais requerimentos que fizessem, nada. Assim não dava, claro. Não se podia viver dessa maneira. Decidi por isso mudar de vida e, como sempre tive jeito para mecânica, consegui emprego na garagem de um primo meu em Coimbra."

"Você é de Coimbra?"

"Não, mas o meu primo é. Fiquei lá uns tempos. Só que as pessoas começaram a poupar nos arranjos, deixaram de meter os carros na oficina e a garagem... enfim, teve de cortar no pessoal. Como a lei protege os mais velhos, fui dos primeiros a saltar. Desde então que vivo à custa do subsídio de desemprego."

"Que chatice!"

"E tenho sorte! Conheço muita malta que fez a faculdade, não arranja emprego e não tem direito ao subsídio de desemprego porque nunca trabalhou e por isso nunca descontou. Só quem trabalhou é que tem direito ao subsídio. A malta jovem está tramada."

Esta última observação deixou Tomás a pensar no assunto. "Pois é, a maior parte dos desempregados são jovens..."

"É estranho, não é?", disse o seu interlocutor. "Vendo bem, nós, os jovens, temos muito mais sangue na guelra e em geral até somos menos exigentes quanto aos salários. Seria normal que os empresários nos preferissem, não acha?"

O historiador abanou a cabeça.

"Tudo isso é verdade", admitiu. "Mas o problema, e sobretudo o vosso problema, é que a lei protege quem tem trabalho. É difícilimo um empresário despedir um funcionário dos quadros, de maneira que ninguém quer criar mais empregos. Para quê? Para depois não conseguir reduzir o número de funcionários se o negócio correr mal? Isso criou um desequilíbrio no mercado de emprego, é evidente. Vocês, os jovens, é que pagam a factura. Quem tem emprego, isto é, os mais velhos, só o perde se a empresa for à falência. Quem tem trabalho precário ou não tem emprego, ou seja, os mais novos, não consegue ser contratado porque os empresários têm medo de, se as coisas correrem mal, nunca mais o conseguirem despedir. Conclusão? Os jovens é que se tramam!"

A fila atingiu de facto o poste e foi mais além. Quando o centro de emprego abriu as portas, no entanto, as pessoas começaram a movimentar-se e, poucos minutos depois, já Tomás estava a tirar a senha que lhe permitiria ser atendido. O seu papel era o quarenta e dois. Ao olhar para o placard electrónico instalado dentro do centro de emprego verificou que o número que estava a ser atendido nesse momento era o quatro. Aguardou vinte minutos e constatou que, nesse meio tempo, o placard só tinha avançado dois algarismos e se fixara no seis. Isso significava que o ritmo de progressão rondava uma pessoa de dez em dez minutos. Ora ele tinha a senha quarenta e dois. Àquele ritmo, fez as contas, seria atendido daí a umas..., seis horas.

"Porra!", exclamou, chocado. "Seis horas?!"

Seguindo o exemplo de outras pessoas que também tinha m levantado senha, saiu do centro de emprego e foi dar um passeio pelas redondezas. Depois de passar por um centro comercial e

de ir ao supermercado voltou a casa de autocarro, fez um almoço rápido de bife de peru com ovo estrelado e, pelas duas da tarde, pôs-se a caminho de regresso ao centro de emprego. Ao preço a que estavam os bilhetes dos transportes públicos, concluiu com desalento, se queria continuar a usar os autocarros da Carris teria mesmo de comprar um passe social.

O placard do centro de emprego assinalava o número trinta e nove. Faltavam três para chegar a sua vez. À média de um utente de dez em dez minutos, tinha ainda meia hora pela frente. Deixou o olhar percorrer o espaço em redor. Na salinha de espera todos os lugares estavam ocupados; viam-se mulheres com crianças, jovens, alguns velhos e muitos estrangeiros, em particular africanos. Passando os olhos pelos balcões, percebeu que só havia três funcionárias a atender o público e que cada caso era um caso. Uns levavam cinco minutos a ser despachados, outros precisavam de vinte.

"O quê, vou perder o subsídio de desemprego?", protestou um rapaz que estava a ser atendido a um dos balcões, erguendo de repente a voz e chamando a si as atenções na sala. "O que quer dizer com isso?"

"O senhor não se apresentou na junta de freguesia..." "Já lhe disse que não pude! Estive doente!"

"Onde está o atestado médico?"

"Não fui tratado por nenhum médico, já lhe expliquei! Tive febre e fiquei em casa, foi só isso."

"Mas o senhor sabe que tem de se apresentar na junta de quinze em quinze dias."

Os balcões estavam tão perto que era impossível não ouvir. Tomás desviou a atenção daquele diálogo em tom mais exaltado, não queria saber da vida do rapaz nem da sua febre, e olhou para duas mulheres à conversa diante dele.

"O meu Manel há muito que deixou de trabalhar", dizia uma delas. "Para quê? Desde que criaram o rendimento social de inserção que não está para se chatear."

"Mas isso não chega a duzentos euros, dona Ermelinda!"

"E então? Ainda são mais cento e trinta por mim e quase cem por cada uma das três crianças. Tudo junto dá uns seiscentos euros, o que pensa a senhora? É mais do que o salário mínimo! Quando o Manel trabalhava a terra, lá em Rio Maior, ganhava uns quinhentos com muita suadeira. Agora dão-nos mais para não fazermos nada. Para que ia ele trabalhar? Só se fosse parvo!"

"Realmente", concordou a amiga. "Ganhar seiscentos euros sem fazer nada é obra."

"E com os biscates que ele e eu fazemos por fora, sem facturas nem recibos, está a ver?, a coisa vai para cima de mil à vontade."

"Mas, ó dona Ermelinda, a ser assim quem é que trabalha a terra?"

Dona Ermelinda encolheu os ombros.

"Ninguém, ora essa!" Solto uma risada. "Só se forem os otários e os imigrantes que não têm direito a nada..." A amiga suspirou.

"Pois olhe, o meu Zezinho é o contrário", disse num tom resignado. "Por mais que se esforce não consegue arranjar trabalho, coitadinho, e anda aos caídos lá em casa. Já bateu a todas as portas, já implorou por emprego, até nem se importa que lhe dêem uma coisinha menos prestigiante desde que seja trabalho, mas nada. Dizem que está velho, veja lá! Tem quase quarenta anos e, desde que o banco lhe ficou com o apartamento, ele e a família vieram viver

connosco. Agora não me desamparam a loja! Está a ver a minha vida?"

Tomás sacudiu a cabeça. Era feio ouvir a conversa dos outros, ensinara-lhe a sua mãe, e ele estava a prevaricar em grande. Não podia ser. Concentrou-se por isso no jornal que o seu parceiro do lado lia com afinco. Tratava-se de um diário desportivo de grande circulação e o tema do momento era, pelos vistos, uma qualquer contratação que o FC Porto acabara de fazer. Espreitou a notícia e viu a fotografia do jogador em causa, um defesa brasileiro que custara dezassete milhões de euros, Tomás até releu o número para ver se tinha visto bem, dezassete milhões por um defesa! , mas a leitura foi interrompida por um movimento brusco do seu parceiro. Olhou instintivamente para ele e verificou que o homem do jornal o fitava com ar furioso, irritado por ter o vizinho a ler-lhe as "suas" notícias.

O número do placard electrónico mudou e assinalou por fim o quarenta e dois. Tomás ergueu-se de um salto, aliviado pelo fim da espera, e dirigiu-se ao balcão dois, que ficara livre para o atender. Do outro lado estava uma mulher de olhar cansado que o encarou sem um sorriso.

"Venho aqui porque perdi o trabalho e, enquanto não soluciono a minha situação, preciso de receber o subsídio de desemprego."

"Tem aí a declaração de situação de desemprego?" "O que é isso?"

"O seu anterior patrão não lhe passou um documento a declarar que o senhor ficou sem emprego?"

O historiador tirou um papel dobrado no bolso e entregou-o à funcionária.

"Está a referir-se a isto?", quis saber. "É o que a minha faculdade me entregou."

"Faculdade? O senhor era estudante?" "Não, professor. Fui despedido."

A funcionária estudou o papel; era de facto a declaração necessária. Com um suspiro, como se assim ganhasse energia para lidar com mais aquele caso, voltou-se para o computador e inseriu no seu sistema informático os dados que constavam do documento. Pediu ainda o bilhete de identidade do seu interlocutor e, quando acabou de teclar no computador, tirou de uma gaveta uma resma de papéis impressos e passou-a a Tomás.

"Leia este dossiê com atenção", recomendou com secura, como se estivesse a declamar uma deixa muito gasta. "Chama-se deveres dos beneficiários e é o documento onde se estabelecem todas as regras para se poder continuar a receber o subsídio de desemprego." Ergueu dois dedos num gesto maquinal, decerto mil vezes repetido todos os dias. "Há dois deveres que são muito importantes. O primeiro é o de se apresentar quinzenalmente na junta de freguesia onde estiver recenseado. Se não o fizer, perde o subsídio. O segundo é o dever de procurar emprego. Tem de contactar pelo menos uma empresa por semana e tem de comprovar que o fez."

Tomás mirou-a com uma expressão de pasmo estampada na face. "Comprovar que andei à procura de trabalho?", espantou-se.

"Como raio se faz isso?"

"Fique com comprovativos de que contactou a empresa à procura de emprego", disse a funcionária sem pestanejar, quase como se recitasse um refrão. "Se mandar o currículo por carta registada, por exemplo, guarde o registo dos correios. Se for à empresa procurar trabalho, solicite uma declaração de que o fez." Levantou o indicador para sublinhar o ponto essencial. "Se não tiver comprovativos, perde o direito ao subsídio de desemprego, entendeu?"

O historiador tudo entendeu, mas foi com sentimentos mistos que abandonou o balcão; estar sem trabalho dava, pelos vistos, algum trabalho. Além disso, aquela ideia de se apresentar quinzenalmente na junta parecia-lhe própria de um presidiário em liberdade condicional. Mas enfim, o que poderia fazer?

Ao cruzar a porta e sair para a rua quase chocou com outra pessoa que também abandonava o edifício. Olhou para ela e reconheceu o rapaz barbudo com quem conversara na fila matinal para a senha.

"Isso dos comprovativos é simples", explicou o jovem quando o ainda perplexo Tomás o questionou sobre as burocracias relacionadas com a actividade de desempregado. "Vá ao portal

Sapo Emprego na internet e envie o seu currículo por e-mail às empresas lá registadas. O próprio computador lhe dá o comprovativo de que enviou o e-mail. Guarde-o."

"E depois?"

Depois as empresas contactam-no, claro."

Considerando as montanhas de dificuldades que antevira, Tomás estranhou a facilidade do processo.

"Isso funciona?" O rapaz riu-se.

"Claro que funcionar", exclamou. "Volta e meia recebo uma resposta das empresas. Querem que vá a uma entrevista ou que vá prestar provas ou até que entre já no dia seguinte ao serviço. Há umas até que estão muito ansiosas por arranjar pessoal."

O historiador hesitou, desconcertado com a informação; havia ali com certeza alguma coisa que lhe estava a escapar.

"Mas se as empresas o querem contratar, isso é ... é ótimo!", constatou. Indicou o centro de emprego com o polegar. "O que está aqui a fazer?"

O seu interlocutor fez uma careta.

"Respondo-lhes sempre que já arranjei trabalho e mando-os dar uma volta."

"Perdão?"

"Oiça, esses trabalhos não me interessam", explicou com uma ponta de impaciência. "Querem pessoal para atender ao balcão ou um operário de têxteis que trabalhe todo o dia fechado na fábrica ou um angariador imobiliário que ande de porta em porta ou um camionista que transporte mercadorias para a Polónia... eu sei lá!" Fez uma careta de escárnio. "Não tirei o curso de Direito para andar a guiar camiões ou passar os dias numa fábrica, pois não? Era o que mais faltava! Para isso já me bastou a aventura na garagem do meu primo."

A resposta deixou Tomás embasbacado. Durante dois segundos abriu e fechou a boca sem produzir qualquer som, até conseguir por fim formatar em palavras a interrogação que lhe enchia a mente.

"É trabalho!", disse, quase escandalizado. "Nos tempos que correm qualquer coisa serve, não lhe parece? Com tanta falta de emprego que por aí há, isso parece-me excelente! ..."

O rapaz abanou a cabeça.

"Mas em que mundo anda o senhor?", questionou de novo em tom irónico. "Não temos por aí tantos imigrantes estrangeiros a trabalhar?" Arregalou os olhos para enfatizar a ideia principal. "O que não existe é o trabalho que eu quero com o salário que aceito!"

Tomás permaneceu um instante especado no passeio, um olhar abismado estampado na cara.

"Oiça, não se pode pensar assim..."

O seu interlocutor esboçou um gesto impaciente com a mão.

"Não me venha com conversas dessas, parece a minha mãe!", disse. "Olhe, sabe o que me preocupa? É o meu primo, que ainda não me pagou os últimos dois meses em que trabalhei lá na garagem! Isso é que me preocupa!" Fez um estalido com a língua. "Tenho de ir lá falar com ele."

"A garagem não é em Coimbra?"

"Pois é. Mas estou teso que nem um carapau e ando a adiar a viagem. Talvez quando receber a próxima mensalidade possa..."

"Por acaso vou amanhã a Coimbra", atalhou Tomás. "Se quiser, dou-lhe boleia. Dá jeito levar companhia, sempre vou mais entretido."

O rapaz, que virava já as costas para se ir embora, deteve-se e fitou o historiador.

"A sério? Fixe!"

Trocaram contactos. O rapaz chamava-se Alexandre e marcaram o ponto de encontro no Campo Pequeno para o dia seguinte.

Depois de se despedirem Tomás encaminhou-se para a paragem da Carris, meditando sobre tudo o que acontecera e vira desde que nessa manhã chegara ao centro de emprego; parecia-lhe incrível como, vista de perto, a situação do desemprego revelava contradições e complexidades tão insuspeitadas.

Foi com a cabeça mergulhada nos seus pensamentos, o corpo a guiar-se como se tivesse um piloto automático, que fez a viagem de autocarro e, quase mecanicamente, saiu na sua paragem e encaminhou-se para casa.

Sentiu algo travá-lo.

Despertou dos seus pensamentos e olhou para o lado, espantado. Viu um homem de capuz de chuva na cabeça a segurá-lo pelo braço, a face tapada pela sombra projectada pelo carapuço.

"Então? Já não se fala aos amigos?"

Ultrapassada a surpresa inicial, Tomás fixou o rosto ensombrado e, habituando-se à penumbra, reconheceu-o.

"Filipe!", exclamou. "O que estás aqui a fazer?"

Era Filipe Madureira, o seu velho compincha dos tempos do liceu de Castelo Branco. O amigo esboçou um leve sorriso, olhou em volta para se certificar de que ninguém olhava para eles e, tranquilizado, aproximou a boca do ouvido de Tomás.

"Preciso de ajuda", sussurrou. "Estou em perigo."

A chama oscilante das velas projectava sombras fantasmagóricas que mudavam constantemente de configuração; pareciam gigantes a dançar e a transfigurar-se nas paredes rugosas do templo. As velas alinhavam-se pelo chão num pentagrama, duas pontas para cima e uma para baixo. Os vários fios de fumo suave erguiam-se como serpentes bamboleantes até se entrelaçarem a meio caminho na lenta ascensão para o tecto; davam a impressão de pequenos vulcões a expirar fúria suave.

As figuras de túnica negra e capuz posicionaram-se em silêncio em torno do pentagrama formado pelas velas, todas voltadas para o púlpito a encararem um vulto de túnica escarlate que se encontrava de costas; atrás do grupo permanecia uma única figura com uma túnica branca, isolada das restantes. O homem no púlpito virou-se lentamente e enfrentou os seus apaniguados.

"Em nome do grande Satanás, ocupamos este altar do senhor dos Infernos", entoou o vulto escarlate no púlpito, erguendo os braços e fazendo com eles um movimento circular. "Abençoado seja o nosso senhor."

"Ele traz-nos alegria!", retorquiu a congregação em coro. "Abençoado seja o senhor Satanás."

O vulto escarlate, que evidentemente era o líder e conduzia a cerimónia, retomou a palavra.

"O nosso senhor infernal abençoa-nos com a sua ajuda."

"Ele é o mestre da Terra", devolveu a congregação. "Glória a Satanás."

"A Terra é tua, senhor Lúcifer", disse o mestre-de-cerimónias. "Ajuda-me contra os meus inimigos, pois eu sou o teu servo. Protege-me daqueles que me perseguem."

"Salva-nos dos que nos odeiam", entoou o grupo. "Protege os que te veneram."

A cerimónia decorria em ritmo de parada e resposta. O vulto escarlate recitava um versículo ritual e a congregação respondia em coro com outro versículo.

"Vem até nós, senhor Ahriman, e dá-nos nova vida."

"Somos o teu povo e os teus escravos."

"Dá-nos o teu poder para tua glória, senhor Satanás." "Com ele derrotaremos os que se te opõem." "Escuta-nos, poderoso Belzebu! Escuta-nos, grande Lúcifer!" "Que as nossas vozes cheguem a ti."

"Que o senhor do Inferno esteja convosco."

"E contigo também."

O mestre-de-cerimónias voltou a abrir os braços, como se acolhesse no peito aquele por quem rezava.

"Todo o poder e glória para ti, ó Satanás, grande Lúcifer, abençoado Belzebu, eterno Ahriman!"

"Abençoamos e honramos o suserano da Terra e do Inferno."

A figura de escarlate fez uma vénia e a congregação devolveu-a. Terminada a oração principal, o mestre-de-cerimónias percorreu a congregação com o olhar.

"Meus irmãos, a hora da grande batalha aproxima-se", disse em tom formal. "Os nossos inimigos posicionam-se contra nós e não podemos mostrar fraqueza neste momento decisivo." Ergueu as mãos e fechou-as em dois punhos diante do peito. "Unidos, venceremos. Divididos, falharemos. Que não haja dó nem piedade no momento de desferirmos o golpe. A vitória será nossa!"

"Glória a ti, senhor Satanás."

Fez-se um súbito silêncio no templo. Magus estendeu a mão esquerda e com o indicador fez sinal na direcção do elemento de túnica branca que se encontrava isolado ao fundo do templo.

"Decarabia, chegou a hora."

A figura de túnica branca avançou entre o mar de túnicas negras e imobilizou-se diante do altar.

"Aqui estou, grande Magus."

Com movimentos apropriadamente lentos, tão vagarosos que se tornavam solenes, Magus desceu do altar e abeirou-se do prosélito.

"Quem és tu?"

"Sou Decarabia, o demónio da estrela dentro do pentáculo mágico e que assume a forma humana sob o teu comando."

"Estarás à altura do teu nome demoníaco, Decarabia?" "Sim, grande Magus."

Os olhos castanhos faiscantes de Magus aproximaram-se dos azuis de Decarabia, como se quisessem vasculhar no que se escondia para além deles. O mestre estudou-os longamente antes de formular a pergunta seguinte.

"Sob o meu comando, Decarabia, estarás disposto a..." Fez uma pausa, para enfatizar a pergunta. "...a matar?"

A figura da túnica branca nem hesitou.

"Sim, grande Magus. Serei a mão do senhor dos Infernos, o punhal de Ahriman, a flecha de Lúcifer."

O mestre-de-cerimónias abraçou o discípulo em sinal de que o acolhia e a congregação soltou um urro de aprovação e, cantando em coro, entoou "glória a ti, senhor Satanás".

De seguida, Magus fez sinal com a cabeça na direcção de um elemento que se encontrava na primeira fila. A figura encapuzada abandonou o grupo e deixou cair a túnica negra, ficando inteiramente nua. Era uma mulher. Subiu ao altar e, sempre com movimentos lânguidos, deitou-se sobre a estrutura de barriga para cima e pernas abertas.

Com a mulher em posição ritual, Magus voltou-se para o discípulo que acabara de acolher na sua congregação.

"Toma-a, Decarabia", ordenou. "Acede por ela à irmandade do Cultus Sathanas."

Não foi preciso repetir a ordem. Decarabia deixou por sua vez tombar a túnica e, igualmente nu, subiu ao altar e deitou-se sobre a mulher que se lhe oferecia.

XIII

Passada a surpresa inicial, veio o choque. O aspecto de Filipe era verdadeiramente o de um mendigo; trazia o cabelo sujo e desgrenhado, a barba por fazer, os olhos encovados em profundas sombras de olheiras e, o mais perturbador de tudo, cheirava mal, exalava um fedor ácido a urina e transpiração.

"Que te aconteceu?"

O olhar do amigo dos tempos do liceu emitia um brilho nervoso que contrastava com o estado de fadiga geral.

"Preciso de ajuda..."

A atenção de Tomás desceu para as roupas; apresentavam ar de não ser lavadas havia pelo menos um mês. Além disso, o amigo transportava um grande saco já meio roto e conspurcado de nódoas.

"Isso sobre eu", constatou. "Não me digas que também perdeste o emprego!..."

Estavam a meio do passeio e Filipe indicou com a cabeça a porta do prédio onde o seu amigo historiador vivia, uns metros mais adiante.

"Deixas-me entrar?"

A questão nem se discutia. Tomás levou-o para o seu apartamento e deu-lhe o que sobrava do seu almoço, tendo o cuidado de estrelar mais dois ovos. Depois ajudou-o a despir-se e empurrou-o para a banheira com ordens de sair dali "mais perfumado que uma donzela".

Enquanto Filipe tomava banho, decerto o primeiro em muito tempo, o anfitrião atirou as vestimentas imundas para o cesto e foi buscar roupa lavada para lhe emprestar. Depois pegou no saco que ele trouxera e abriu-o, à procura de mais coisas para limpar. O saco estava de facto repleto de trapos malcheirosos, que Tomás também deitou no cesto da roupa suja. A empregada, que aliás teria de despedir devido à sua nova situação de desempregado, vinha todas as quintas-feiras e nessa semana teria pelos vistos trabalho acrescido.

Voltou ao saco para procurar outras coisas que requeressem limpeza. Apenas encontrou um envelope com uma estranha sequência de letras rabiscadas no lugar do remetente.

GQsanSEC Otat+&AR HERTATO. OVSANSMB

"Que raio de charada!..."

Era incrível ver ali uma coisa daquelas feita pela mão do seu velho amigo Filipe Madureira; afinal tinha sido com ele que ganhara o gosto das charadas e dos criptogramas, muitos anos antes, andavam os dois no liceu de Castelo Branco. Adolescentes e criativos, preenchiam o ócio forçado das longas férias de Verão com um jogo que eles próprios inventaram; um escondia um livro ou um qualquer "tesouro" e ocultava o itinerário numa charada que o outro tinha de desvendar. A tarefa era sempre entregue com as palavras "tens uma missão, soldado", ao que o jogador respondia "sim, meu capitão", fazendo continência antes de partir para resolver o mistério. Tomás sorriu perante a lembrança desses tempos; se a memória não o traía, era ele quem ganhava quase sempre.

As imagens do passado desfizeram-se-lhe na mente como uma nuvem de pó que a aragem dispersara com brusquidão; não era o momento adequado para se perder em reminiscências da juventude.

Não querendo vasculhar nos segredos do amigo, pousou o envelope no chão e voltou a deitar a mão ao saco, pondo-se a remexer o interior. Os dedos tocaram num objecto duro e frio,

que às apalpadelas não reconheceu. Pegou nele e retirou-o, mas arregalou os olhos de estupefacção e horror quando viu o que segurava nas mãos.

Uma pistola.

No momento em que a porta do quarto de banho se abriu e Filipe emergiu do meio de uma densa nuvem de vapor envolto numa toalha e o rosto aparentemente rejuvenescido, afinal tinha a barba feita e estava enfim penteado, Tomás entregou-lhe as roupas novas e indicou-lhe o quarto de hóspedes.

O amigo reapareceu dez minutos depois e vinha diferente; só as olheiras se mantinham, mas ambos sabiam que só um sono retemperador poderia resolver esse problema.

"Ah, sinto-me como novo!", exclamou Filipe com evidente satisfação. "Desde Itália que não tomava uma banhoca."

Levou a mão ao nariz e inspirou fundo. "Caramba, até já cheiro bem."

O anfitrião levou o seu hóspede para a sala e instalaram-se no sofá. O saco do amigo encontrava-se abandonado no chão, devidamente espalmado como um balão vazio, mas mesmo assim Tomás inclinou-se para ele e puxou-o para junto dos seus pés. Retirou o envelope com o criptograma que se encontrava no seu interior e estendeu-o a Filipe.

"Isto é teu", disse. "É para guardar ou para deitar fora?"

O amigo segurou o envelope com o criptograma como se fosse uma peça de cristal em risco de se quebrar.

"Isto é muito importante!", exclamou. "Não posso perder estes documentos."

Tomás estranhou a intensidade das palavras do convidado e a sua inusitada preocupação em relação ao envelope com a charada rabiscada, mas nada perguntou; se Filipe não lhe dera explicações adicionais lá teria os seus motivos. Quem era ele para se meter no assunto?

A mão do anfitrião voltou ao interior do saco e reapareceu de imediato com a pistola, que exibiu com movimentos cuidadosos, como se, aquilo sim, fosse um objecto muito delicado.

"O que é isto?"

O rosto de Filipe contorceu-se num sorriso forçado, talvez até embaraçado.

"É um brinquedo."

"Desculpa lá, mas essa não pega." Voltou a exibir o objecto, reforçando a pergunta. "O que é isto?"

O visitante suspirou, vencido. "É uma arma de defesa."

"Agora andas com uma pistola?" Filipe estendeu o braço e pegou na arma.

"Não é bem uma pistola", observou, levantando o objecto para que o amigo o visse melhor. "Já reparaste no formato?"

Tomás já havia de facto reparado, mas estudou melhor a arma. Embora tivesse a configuração de uma pistola, na verdade não parecia uma pistola tradicional. Tinha a coronha, mas o cano era uma abertura, como uma boca vertical, e havia uma faixa amarela a indicar X-26; parecia uma arma futurista retirada de um filme de ficção científica, tipo Blade Runner ou Total Recall.

"Sim, de facto", concordou, "o formato é estranho."

O dedo de Filipe colou-se à ranhura vertical que se encontrava no lugar do cano.

"Estás a ver isto?", perguntou. "É um arco eléctrico entre dois eléctrodos." O olhar do anfitrião carregou-se numa expressão inquisitiva. "Uma arma eléctrica?"

O visitante assentiu.

"Um taser", identificou. "Actua por electrochoques. O taser faz uma descarga eléctrica que perturba o controlo voluntário dos músculos. Ou seja, quem levar com um tiro de taser fica logo knockout, mas não morre. É uma arma não letal."

O olhar de Tomás manteve-se preso ao taser e a cabeça balançou afirmativamente; experimentara os efeitos daquelas armas uma semana antes em Atenas. Vira-as nas mãos dos polícias gregos, mas apenas de fuga. Só por isso não identificara o objecto no saco do seu convidado.

"Então isso é que é um taser, hem?", perguntou em tom retórico, como se não esperasse resposta. "Pois é, conheço-lhe os efeitos bem de mais. É... é de facto eficaz."

"Então não é?" Acariciou a arma de electro choques. "Aqui a X-26 é a minha melhor amiguinha."

Tomás desviou os olhos do taser para o amigo e esboçou um esgar interrogativo.

"Diz-me uma coisa, para que precisas tu de uma arma de defesa?"

Filipe endireitou-se e guardou a pistola eléctrica no cinto, à maneira de um gangster.

"Não te expliquei já que estou em perigo?", lembrou, remetendo para a primeira coisa a que disse a ao amigo o quando o interpelara na rua. "Ou pensas que cheguei a este estado de indigência absoluta por opção própria?" Abanou a cabeça. "Não, não foi opção. A verdade, meu caro, é que ando em fuga." Voltou a pegar na arma de electrochoques. "E aqui a X-26 é que me protege. A X-26... e tu, claro."

A conversa entrara numa área fulcral. Para Tomás era evidente que o que se passara na última hora, do inesperado aparecimento do amigo ao seu aspecto indigente e à arma de defesa, tudo isso se relacionava com a fuga que ele acabava de mencionar.

"Fuga de quê?", quis saber. "Andas a fugir de quem?"

O visitante emudeceu, os olhos semicerrados e fixos no infinito, como se ponderasse o que queria ou podia dizer.

"Receio que não te possa contar nada", acabou por dizer. "Desculpa, mas é melhor para ti."

O olhar de Tomás saltitou entre o taser e o amigo, na dúvida sobre se aceitaria manter-se na ignorância. A verdade é que ele já o arrastara para o seu problema, fosse ele o que fosse. Tinha o dever de o ajudar mas não tinha o direito de saber porque o ajudava? A posição não lhe parecia razoável. Por outro lado, nutria a convicção de que devia confiar no amigo; se ele achava melhor não revelar sobre as suas circunstâncias, porque não aceitar isso?

"Está bem", acabou por concordar. "Mas tenho aqui um problema para resolver."

"Então?"

"Preciso de ir amanhã a Coimbra ver a minha mãe", revelou. "Ela sofre de Alzheimer desde os tempos em que... olha, desde a última vez que nos vimos, na Austrália, lembras-te? Desde essa altura que ela está internada num lar e ainda não a fui ver depois de ter regressado da Grécia. Além do mais telefonaram-me do lar e precisam de falar comigo. A viagem até não me dá muito jeito. Desde que perdi o emprego tenho andado atarefado a..."

O visitante abriu a boca, chocado com a novidade. "Perdeste o emprego?"

Tomás esboçou com os braços um gesto de resignação.

"É a crise, o que queres tu? A faculdade teve de fazer cortes no quadro docente e... olha, ando à procura de trabalho."

"Ah! E agora?"

"E agora tenho de ir lá vê-la." Hesitou, uma ideia a formar-se na mente. "Olha lá, porque não vens comigo? Partimos pela manhãzinha e voltamos ao fim da tarde. Era bom para desanuviarmos."

São duas horas para ir e outras duas para voltar. Vou dar boleia a um tipo que conheci no centro de emprego e juntavas-te a nós."

Filipe anuiu de imediato.

"Conta comigo", disse. "Dar um passeio a Coimbra parece-me muito melhor do que ficar aqui fechado em tua casa."

O anfitrião ergueu-se com um movimento enérgico.

"Então está combinado!", exclamou, encerrando o assunto. "Saímos amanhã pelas oito, está bem?"

Cruzou a porta da sala para o corredor e encaminhou-se para o escritório, onde tinha assuntos a ultimar, em particular a burocracia relacionada com o lar onde a mãe se encontrava hospedada.

"Tomás!"

A voz do amigo travou-o a meio do percurso. Deu meia volta e espreitou pela porta de acesso à sala de estar.

"Que foi?"

Filipe esboçou um sorriso caloroso. "Obrigado."

"Não tens nada que agradecer."

A mão do convidado desceu para o taser que se encontrava anichado no cinto das suas calças.

"Acho que te devo uma explicação por isto, mesmo que simples", disse. "Tu merece-la."

"Ah, não. Não te preocupes."

"Não, a sério", insistiu Filipe. "Não te posso dar pormenores, isso só serviria para agravar as coisas, mas é importante que saibas que a minha presença na tua casa pode constituir um perigo para ti."

Apesar de previsível, a informação esmurrou Tomás com a força de uma ameaça por fim verbalizada. O anfitrião permaneceu um longo instante a fitar o seu interlocutor, tentando ler-lhe os olhos e perceber o verdadeiro alcance do que acabara de lhe dizer.

"De que perigo estás a falar?"

O convidado respirou fundo; parecia evidente que vivia um conflito interior. Ou nada dizia e tudo ficaria na mesma ou dizia alguma coisa e corria o risco de perder o porto de abrigo em que se transformara a casa do seu anfitrião. A decisão de levantar uma ponta do véu da verdade, contudo, acabou por prevalecer.

"Andam à minha procura."

XIV

A caneta de tinta permanente deslizava pelo documento, rabiscando a assinatura em tinta negra, quando alguém bateu na madeira da porta do gabinete. O homem sentado à secretária ignorou o toque e continuou a garatujar assinaturas; havia muita burocracia a despachar e ele tinha reservado aquela hora para essa função. A batida, suave e seca, voltou a assinalar a presença de alguém do outro lado da porta; era um toque-toque mudo mas inequívoco.

O homem das assinaturas suspendeu a caneta e respirou fundo, desagradado com a interrupção.

"O que é?", rosnou em direcção à entrada do gabinete, a irritação a espreitar-lhe na voz. "Que se passa?"

A porta abriu-se devagar, quase a medo, e um homem engravatado espreitou para o interior.

"Poderoso Magus, perdoe a interrupção", disse o homem num tom submisso, receando até fitar o chefe nos olhos. "Está muito ocupado?"

"Claro que estou muito ocupado!", disparou Magus com mal contida agressividade. "Que me queres tu, Balam? Não sabes que dei instruções rigorosas para ninguém me incomodar? Como te atreves a desobedecer? Espero que tenhas uma boa desculpa."

O subordinado quase se encolheu; as mãos tremiam-lhe e o rosto assumira a expressão aterrorizada de um animal encurralado.

"É que... recebemos agora uma comunicação de prioridade máxima", balbuciou. "É dirigida exclusivamente a si com encriptação de alta segurança."

A informação acalmou o olhar escuro e selvagem de Magus. O mestre recostou-se na cadeira e, passando os dedos pelo rosto, serenou.

"Quem a enviou?"

"A equipa Alfa, poderoso Magus", informou-o o subordinado com presteza, mais tranqüilizado pela reacção do chefe. "Quer que lhe passe a comunicação?"

"Passa."

A ordem mais pareceu um grunhido, mas o subordinado entendeu à primeira. Fechou a porta com uma vénia e por momentos fez-se silêncio absoluto no gabinete.

O telefone tocou.

"Decarabia, és tu?"

"Sim, grande Magus."

A voz do outro lado da linha estava longe, mas soou tão forte que parecia encontrar-se na sala ao lado; era incrível a qualidade das linhas de comunicação nos dias que corriam.

"Encontraste o português?"

"Sim, grande Magus."

Magus ronronou com agrado. Este Decarabia fora uma excelente aquisição para o grupo; tinha talentos imprescindíveis que até à sua entrada haviam faltado na organização. A dificuldade em concluir este assunto desde o interrogatório e execução dos dois franceses em Nice era de resto prova disso. Com Decarabia e toda a sua vasta expertise tudo seria diferente daí em diante.

"Onde está ele?"

"Em Lisboa, grande Magus."

"Ah, voltou a casa!", exclamou o líder da organização. "Tens a localização exacta?"

"Ainda não, grande Magus. Estou neste momento a ver no sistema o registo do bilhete de

avião que ele comprou para Portugal com um nome falso."

A informação suscitou espanto do outro lado da linha.

"Ele comprou um bilhete?! Mas... como? Não lhe cortámos o acesso à conta?"

"Deve ter sido com o dinheiro do último levantamento que conseguiu fazer. De qualquer modo, já acedi ao sistema de vídeo-segurança do aeroporto de Lisboa e confirmei visualmente que ele de facto desembarcou no destino. A seguir vou tratar de identificar com precisão

o seu paradeiro." Magus descontraiu. "Excelente!", disse em tom de aprovação, claramente impressionado com a eficiência do novo recruta; entregara-lhe o caso havia apenas vinte e quatro horas e já apresentava resultados palpáveis. "Pareces estar muito bem encaminhado, sim senhor. Há alguma coisa em que te possa ser útil?"

"A rapidez é essencial", indicou a voz do outro lado da linha. "Preciso de autorização para partir imediatamente para Lisboa. Depois de

o localizar, não lhe quero dar tempo de reagir."

"Com certeza", indicou o chefe. "Avança quando entenderes e usa os fundos que forem precisos, ouviste? O importante é deitar a mão a esse canalha!"

"Sim, grande Magus."

Fez-se silêncio na linha e por momentos apenas se ouviu o estralejar indiferenciado da estática.

"Decarabia?"

"Sim, grande Magus?"

"Depois de lhe sacares tudo o que precisamos, fá-lo sofrer, ouviste? Fá-lo sofrer bem."

"Sim, grande Magus."

Com um movimento da língua, Magus aspirou um pedaço de carne que lhe tinha ficado preso entre os dentes depois do almoço, emitindo assim um silvo inesperado.

"Mata-o bem devagarinho."

A longa recta apresentava-se quase vazia. Nesse instante apenas se via a traseira de uma camioneta ao longe e dois carros a virem na faixa contrária. A decisão de não voltar a conduzir enquanto não arranjasse emprego era apenas válida para o transporte dentro da cidade de Lisboa. Tomás seguia por isso agarrado ao volante do seu já enferrujado Volkswagen azul, a velha chapa conspurcada por densas camadas de pó e até de lama; lavara-o quando da última revisão e só voltaria a fazê-lo na próxima.

"Sempre que venho a Portugal", observou Filipe com o olhar perdido no asfalto, "fico surpreendido com a qualidade destas estradas que agora temos por toda a parte."

"É incrível, não é?", concordou Tomás. "Em 1990 não havia sequer uma auto-estrada a ligar as duas principais cidades do país. Agora existem duas auto-estradas entre Lisboa e Porto e já depois de a crise ter rebentado foi decidido arrancar com uma terceira."

"Uma terceira?"

O historiador riu-se.

"Imaginal!"

O amigo abanou a cabeça, desagrado.

"Uma auto-estrada era essencial", disse. "Mas... três? Isso é um esbanjamento criminoso de recursos."

Tomás encolheu os ombros, os olhos sempre fixos no percurso diante dele.

"São os fundos comunitários", indicou. "Se a União Europeia pagava, porque não aproveitar?"

O silêncio regressou ao interior do Volkswagen. Apenas se ouvia o rugido suave do motor instalado na traseira do automóvel, coisa a que Filipe não estava habituado; tratava-se de uma idiossincrasia daquele modelo em particular.

"Foi assim que Portugal foi parar ao buraco..."

Disse-o num sussurro imperceptível, com excepção da última palavra, que elevou a voz para pronunciar. O condutor, que se distraíra com a estrada, quase deu um salto no assento.

"Buraco?", quis saber com o alarme a encher-lhe o rosto e os olhos a esquadriharem apressadamente o alcatrão em busca de uma ameaça. "Onde?"

"No país", explicou Filipe com uma gargalhada. "Estava a falar com os meus botões, a dizer que foi a construir estas auto-estradas todas que o país se meteu no atoleiro em que agora se encontra."

Tomás quase bufou de alívio.

"Ah, bom! Estava a ver que ainda pisava um buraco..." Descontraiu e tirou por momentos os olhos do caminho. "Sabes, a governação tem sido um caos."

Filipe indicou o exterior.

"Pois tem. Olha, se estás no desemprego também o deves a estas auto-estradas todas."

No banco traseiro sentava-se o rapaz do centro de emprego a quem haviam dado boleia. A ouvir a conversa até aí em silêncio, Alexandre remexeu-se no assento e não aguentou mais.

"Peço desculpa, mas isso não faz sentido", declarou. "Qual a relação entre as auto-estradas e o desemprego? Que eu saiba, a construção das auto-estradas deu até emprego a muita gente."

Filipe virou a cabeça para trás.

"Ilusões", disse. "Tudo ilusões."

"Como pode dizer isso? A auto-estrada que estamos a percorrer não é nenhuma ilusão."

"Olhe, o desemprego que existe resulta de várias crises que se manifestaram ao mesmo tempo", indicou, levantando três dedos. "Digamos que, à crise de fundo provocada pela transferência da produção do Ocidente para as economias emergentes, se acrescentaram três crises: a dos mercados financeiros, a do euro e a das economias periféricas, incluindo a portuguesa. São coisas separadas, embora a dos mercados financeiros tenha posto a nu as outras, claro. As crises do Ocidente, do euro e da economia portuguesa já existiam, mas estavam silenciosas."

O rapaz do banco traseiro esboçou uma expressão céptica.

"Sim, e depois?", questionou com uma certa insolência. "O que têm as auto-estradas a ver com isso? A sua construção não deu emprego a tanta gente? Como se pode questionar tal evidência?"

"Tenha calma", riu-se Filipe, divertido com a impaciência do companheiro de viagem. "Tem de compreender que as crises financeira e do euro se manifestaram com grande aparato e atingiram toda a gente no planeta, mas houve países que foram mais afectados que outros porque já estavam em crise por razões próprias, embora não o tivessem percebido."

"Está a falar de nós?"

"De nós e da Grécia, por exemplo, mas não só. A Irlanda, a Espanha e a Itália também sofrem de problemas até aqui silenciosos. É isso que explica que estes países tenham sido mais atingidos que outros quando surgiu a crise financeira e a crise do euro."

Persistente, Alexandre indicou a auto-estrada.

"Está a insinuar que a nossa crise foi provocada pela construção da rede de auto-estradas? Isso é um disparate!"

"A crise da economia portuguesa tem várias causas, umas internas e outras externas. As internas são da nossa responsabilidade e relacionam-se com a perda de competitividade dos nossos produtos no mercado internacional e o recurso à dívida para disfarçar essa realidade, com a crescente insustentabilidade do estado social e com a aposta

descontrolada no sector produtivo não-transaccionável."

"Sector não-transaccionável? O que é isso?"

Foi a vez de Filipe apontar para a estrada.

"Olhe, as auto-estradas, por exemplo", indicou. "Será que podemos vender auto-estradas aos estrangeiros? Não podemos. É um bem que não pode ser transaccionado. Já os sapatos podem ser vendidos ao estrangeiro. Ou a roupa, o vinho e o azeite. São bens transaccionáveis. Acontece que os sucessivos governos portugueses, chefiados por gente iluminada, decidiram que o melhor era mesmo investir no sector não-transaccionável, em coisas que não pudessem ser exportadas. Pusemo-nos assim a construir estradas, pontes, aeroportos, estádios, rotundas, túneis... eu sei lá! Está a ver como estas auto-estradas constituem parte do problema?"

"Que eu saiba as obras públicas deram trabalho a muita gente!"

"Mas não são exportáveis, entende? Pior ainda, o estado garantiu esses investimentos por muitos e longos anos. Mesmo que queiramos, já não podemos deixar de gastar dinheiro neles."

Alexandre sacudiu a cabeça, baralhado.

"Não percebo", admitiu. "Se acharmos que esses investimentos são ruinosos e quisermos parar com eles, paramos. O que nos impede?"

"Uma coisa chamada PPP. Já ouviu falar?"

"As parcerias público-privadas", esclareceu Tomás. Apesar de estar agarrado ao volante, ia seguindo a conversa com interesse. "Toda a gente sabe o que são."

"As pessoas sabem mesmo o que são as PPP?", questionou Filipe com uma careta céptica. "Duvido. Se soubessem, saíam à rua em massa para derrubar qualquer governo que anunciasse mais alguma."

"Porquê?", admirou-se o rapaz do banco traseiro. "O que têm as PPP de especial? Não são elas uma maneira de fazer obra sem gastar um tostão dos dinheiros públicos?"

Filipe e Tomás soltaram uma gargalhada em unísono.

"Isso é o que eles dizem!", exclamou o historiador. "Você acreditou mesmo nessa patranha desavergonhada?"

A reacção dos dois homens da frente atrapalhou Alexandre.

"Quer dizer... enfim, era o que eles diziam. Não havia custos para o contribuinte... ou havia?"

"Santa ingenuidade!", proclamou Filipe, revirando os olhos. Voltou a virar-se para trás. "Vou explicar-lhe o que são as PPP." Fez uma curta pausa, como se planeasse a melhor forma de fazer a demonstração. "Apesar de terem estourado com todo o dinheiro público no betão, os nossos geniais governantes, gente de elevada craveira e douda sapiência, decidiram que não chegava. Era preciso fazer mais betão! Então o que inventaram esses crânios? Uma maneira de fazer betão e pôr os outros a pagar."

"Esses 'outros' somos nós, claro", esclareceu Tomás. "Nós, mas no futuro, que aliás já é o presente."

"Isso mesmo", concordou Filipe. "Repare, uma PPP faz sentido se o estado decidir fazer uma obra cuja exploração pague o investimento e a manutenção. Como não tem dinheiro, o estado chega ao pé de uns privados e diz-lhes assim: se vocês fizerem esta ponte, por exemplo, prevemos um tráfego de um milhão de automóveis por ano e, com as portagens, vocês recuperam o investimento em quinze anos, pelo que vos concedemos a exploração durante trinta anos, de modo a terem lucro. Os privados ouvem isto e perguntam: que acontece se o tráfego for menor do que o previsto? Azar o vosso, responde o estado, o risco faz parte do investimento numa sociedade capitalista, ou não faz? Os privados vão pensar, fazem as suas contas e, se chegarem à conclusão de que o risco compensa, avançam. É isto uma boa PPP. O privado arrisca, investe e fica com os lucros da exploração ou, se as coisas correrem mal, com os prejuízos. Os contribuintes não gastam nem ganham um tostão, mas têm a obra feita."

"Pois, é isso uma PPP."

"É isso uma PPP, mas não em Portugal, meu caro! O que se passou cá foi que o estado chegou ao pé dos privados e disse: construam uma auto-estrada e fiquem com a exploração durante trinta anos, mas se der prejuízo os contribuintes pagam. Está a entender? Nas PPP portuguesas, o risco dos privados é zero e o risco para os contribuintes é total. Os privados ficam com o lucro e sem risco, o estado fica sem o lucro e com o risco. Assim os governantes apresentavam obra para serem eleitos, claro, e nós depois pagávamos. Ou seja, pagamos agora, porque o futuro já chegou. Fizeram-se desse modo contratos em que os privados se comprometiam a financiar a obra a troco dos direitos de exploração durante trinta anos."

"Conheço o conceito das PPP", assentiu Alexandre. "Isso tem uns anos, não tem?"

"O primeiro projecto do género foi a Ponte Vasco da Gama, que acabou por ser objecto de sete acordos de reequilíbrio financeiro sempre penalizadores para os contribuintes. Depressa o vírus pegou e a partir daí foi um faltar vilanagem. Um sistema que até poderia ser vantajoso se se limitasse a algumas obras estratégicas que se revelassem muito rentáveis e com o risco todo do lado dos privados generalizou-se com o risco transferido para os contribuintes e tornou-se regra ruinosa. Começaram a fazer-se PPP a torto e a direito, muitas vezes sem avaliação prévia nem cuidadosa análise da relação custo-benefício, em alguns casos até para obras menores que davam voto rápido, como o Metro Sul do Tejo. O que importava era fazer coisas para o eleitor ver. Se o país se tramava no entanto, não era problema que tirasse o sono aos governantes."

"As PPP foram mesmo assim tão más?"

"Piores do que más! Quase todos os contratos de PPP derraparam, em alguns casos trezentos por cento. As renegociações foram sucessivas, sempre em desfavor dos dinheiros públicos. Projectos apresentados como financeiramente auto-sustentáveis, como a Lusoponte e a Fertagus, acabaram subsidiados pelo estado. Diziam que era a custo zero e mentiam com todos os dentes. Só as Scut custam quinze mil milhões de euros aos contribuintes! Para que perceba melhor a enormidade deste valor, basta dizer que todo o dinheiro que o estado recolheu por nos aumentar os impostos e cortar os salários só deu para pagar pouco mais de metade das Scut." Apontou para os seus dois companheiros de viagem. "Você e aqui o Tomás estão no desemprego porque é preciso remunerar este desvario eleitoralista! E isto é apenas a ponta do icebergue. Por exemplo, em 2001 mandaram-se construir dez hospitais em regime de PPP. Dez anos depois, só um tinha sido inaugurado, o de Cascais, entretanto renegociado... a expensas, claro, dos contribuintes. Os projectos dos hospitais derraparam sucessivamente e nos próximos trinta anos irão custar oito mil milhões de euros ao erário público, valor quase equivalente a todo o dinheiro que o estado português recolheu com as medidas de austeridade até 2012. O terminal de Alcântara foi negociado sem concorrência e por ajuste directo, condições propícias à corrupção, e renegociado com prejuízo para os contribuintes. A Casa da Música, mandada construir para celebrar em 2001 o Porto Capital Europeia da Cultura, só foi inaugurada cinco anos depois do evento, após atrasos e renegociações penalizadoras para os dinheiros públicos. O projectista atrasou-se na entrega do trabalho e, em vez de ser penalizado, foi premiado com mais de um milhão de euros!" Fez um gesto expressivo com a mão. "Paga, Zé!"

"Há ainda os estádios do Euro 2004", lembrou Tomás. "Isso é que foi um bem produtivo, hem?"

"Então não foi?"

"Quantos estádios foram? Sete?"

Filipe abriu as palmas das duas mãos.

"Dez", exclamou com ênfase. "Sete era o que a UEFA exigia, mas os nossos voluntariosos governantes, pessoas que respeitam escrupulosamente o dinheiro dos contribuintes, mandaram construir em regime de PPP um total de dez estádios, bem mais do que os necessários, a um custo de quase setecentos milhões de euros. Só o estádio de Braga teve um desvio médio relativo ao custo previsto muito superior a trezentos por cento. O governante com a pasta do Desporto, José Lello, tendo sido informado de que o estádio de Leiria iria custar o equivalente a vinte milhões de euros, é citado como tendo dito: 'Vinte milhões? Tem de ser muito mais!' Primeira pergunta: porquê? Resposta: porque havia uns governantes e uns autarcas parolos

que queriam brilhar junto do seu eleitorado. Segunda pergunta: que riqueza geram os estádios? A relação custo-benefício foi devidamente acautelada? Não. O que foi acautelado foi a reeleição desses autarcas e o brilharete dos governantes junto do eleitorado e, má-língua decerto, dos construtores amiguinhos. Terceira pergunta: o que aconteceu a esses estádios? A resposta é triste. O volume das receitas geradas nos estádios de Leiria, Loulé e Aveiro é insuficiente para cobrir as despesas. Os prejuízos são tantos que a Câmara de Aveiro até já anda a pensar em demolir o dela." Olhou para o condutor. "Pergunto-te eu: alguém foi preso por estes crimes contra a economia portuguesa?"

A pergunta desencadeou um ataque de riso do historiador.

"Que eu saiba não."

"Mas as parcerias público-privadas serviram ainda para outra coisa", indicou Filipe. "As PPP rodoviárias passaram em 2007 para uma coisa chamada Estradas de Portugal, que mais não parece do que um esquema concebido para fazer desaparecer dinheiro. O valor actual líquido dos encargos previstos para essas PPP era em 2009 de doze mil milhões de euros, valor que no ano seguinte desceu por artes mágicas para cinco mil milhões."

Tomás fez um rápido cálculo de cabeça.

"São menos sete mil milhões", observou. "Para onde foi esse dinheiro?"

"Sei lá! Nunca isso foi explicado nem justificado de uma forma adequada! Mas o facto é que, de um ano para o outro, desapareceram sete mil milhões de euros em termos de valor actual líquido! Alguém foi preso?"

O condutor, sempre de olhos na estrada, sorriu.

"Pois..."

"A verdade é que uma fatia crescente das receitas e das despesas públicas foi colocada fora do Orçamento do Estado. Os esquemas para o fazer são inúmeros. O estado e as câmaras têm limitações orçamentais? Abrem-se umas empresas estatais e municipais para fazerem despesa não controlada pelo Orçamento do Estado nem pelo parlamento. Foram criadas perto de mil sociedades de capitais públicos para gastar à farta e sem controlo e os dinheiros públicos têm de alimentar mais de treze mil entidades, entre institutos, fundações, observatórios e afins. Os hospitais gastam muito dinheiro e isso está a aumentar a despesa do Orçamento do Estado? Em vez de controlar a despesa transformam-se os hospitais em empresas públicas, como aconteceu em Lisboa com o Curry Cabral, e assim deixam de fazer parte do Orçamento, que fica mais magro e permite aos governantes dizerem com ar sério e pose de estado que estão a diminuir os gastos. A despesa continua a ser feita, claro, mas ficou invisível. Através de todas essas empresas públicas, os governos contraíram grandes empréstimos e fizeram despesas brutais sem que nada ficasse registado no Orçamento do Estado."

"Se bem me lembro", atalhou Tomás, "os geniais homens e mulheres que nos governaram ao longo do tempo chamavam a isso 'engenharia orçamental'."

"Pois eu chamo-lhe aldrabice, gatunagem e vigarice desavergonhada!", exclamou Filipe. "É como se um hotel começasse a arder e os donos decidissem esconder esse facto dos hóspedes para manter a reputação do estabelecimento." Balançou a cabeça. "O curioso, meus caros, é que ficaram todos muito admirados quando viram que o país se incendiou! Para alijar responsabilidades, desataram a dizer que a culpa é toda da crise internacional..."

Fez-se silêncio dentro do automóvel. Os três ocupantes iam de olhar fixo na estrada e o

passageiro de trás amadurecia o que acabara de ouvir. Já todos tinham lido coisas sobre o assunto, claro, mas eram notícias soltas, aparentemente sem relação umas com as outras, como folhas num galho. Dessa vez era diferente, tudo aparecia relacionado, via-se toda a árvore e vislumbravam-se até os primeiros contornos da floresta.

"Isso é uma tristeza", acabou Alexandre por reconhecer, tentando redireccionar a conversa para o ponto por onde ela tinha começado. "Não podemos esquecer, no entanto, que as infra-estruturas são necessárias num país. É evidente que houve inúmeros abusos, má gestão e aldrabice, mas isso não invalida a necessidade dessas obras. Como pode a economia crescer se não houver infra-estruturas?"

"Claro que os bens não-transaccionáveis são importantes", aceitou Filipe. "Mas não podem é constituir o centro da actividade económica nem desequilibrar as contas públicas, como acabou por acontecer em Portugal! Em vez de apostar em coisas que se exportassem, os governos optaram por derreter o dinheiro em betão. Foi este o sector da economia que cresceu e que atraiu os melhores salários. Para responder à competição do sector não-transaccionável, o transaccionável teve de aumentar os salários, o que fez com que os seus produtos encarecessem e se tornassem menos atraentes do que os estrangeiros. Aconteceu assim uma coisa incrível: não só os produtos portugueses se tornaram pouco apelativos para os consumidores estrangeiros, por serem demasiado caros, como se tornaram pouco apelativos para os próprios consumidores portugueses! Considera isto aceitável?"

Alexandre ficou sem saber o que dizer.

"Realmente..."

"Vendo uma coisa destas acontecer, o que fizeram os governos?"

Ao volante Tomás encolheu os ombros.

"Assobiaram para o ar", disse com um sorriso amargo. "E, se bem me lembro, anunciaram grandes investimentos na economia, não foi?"

"Investimentos em quê? Mais obras públicas, mais betão, mais bens não-transaccionáveis!" Filipe soltou uma gargalhada. "Uns génios! Umas luminárias! Os nossos governantes eram tão bons, tão bons, que nos conduziram alegremente à bancarrota, os idiotas! Tornaram o sector não-transaccionável a estrela da economia, afundaram aí milhões e milhões de euros, atraíram para aí os melhores talentos, esmagaram o país sob um manto de betão! Auto-estradas, Scut, estádios... foi uma pândega!"

"Mas as construtoras civis estão agora a trabalhar em Angola e noutros países", observou Alexandre. "Desse modo estão a exportar, não estão?"

"Não exportam nada!", devolveu Filipe com a voz carregada de sarcasmo. "Quando a construtora chega à Angola contrata operários angolanos. O betão usado em Angola é feito lá. A única coisa que a construtora exporta é o trabalho de um punhado de engenheiros e arquitectos. Ou seja, nada de significativo. Ao internacionalizarem-se, as empresas do sector não-transaccionável não exportam bens nem serviços em quantidade relevante. Acredite em mim, rapaz. Só o sector transaccionável é exportador. Desde o início do euro, Portugal está na lista da frente dos países que fizeram maior esforço de investimento em percentagem do PIB, mas esse dinheiro foi derretido em betão e... puf!, desapareceu. Investimos muito e mal."

"Mas o que poderia o estado fazer?", questionou-se o passageiro do banco traseiro. "Deveria investir em bens transaccionáveis? O estado punha-se a fazer sapatos e vinho e azeite?"

Isso não faz sentido!..."

"Claro que não", concordou Filipe. "Numa sociedade de mercado como a nossa, o sector transaccionável está entregue aos privados. São eles que fazem esses bens para exportação."

"Então o que deveria ter feito o estado?"

"Em vez de estourar o dinheiro em betão, usava-o para ajudar o sector transaccionável a tornar-se mais competitivo."

"Mas como? Dava o dinheiro directamente aos privados? Isso queriam eles!"

"Financiava a aquisição de tecnologia, por exemplo. Pagava a requalificação dos trabalhadores. Baixava os impostos cobrados às empresas."

Alexandre franziu o sobrolho.

"Ajudava os privados a terem mais lucro, quer o senhor dizer..."

"Também", admitiu Filipe. "E então? O lucro não é um crime, como você insinua e muita gente quer fazer crer neste país, mas um objectivo legítimo da actividade económica. Você por acaso trabalha de graça?"

"Eu?"

"Sim. Imagine que, em vez de o terem despedido, os tipos da garagem do seu primo lhe sugeriam que trabalhasse sem receber dinheiro. Aceitava?"

"Claro que não, que disparate! Isso era aceitar ser explorado."

"Ah, malandro!", exclamou com voz de falsete. "Isso quer dizer que você só pensa no dinheiro, no lucro..."

"Não é isso! Preciso do salário porque tenho de viver."

"Quem trabalha por salário trabalha por dinheiro, meu caro. Ou seja, de certo modo trabalha por lucro. Isso não é vergonha nenhuma, fique descansado. Trabalhar por dinheiro e por lucro é perfeitamente legítimo." Ergueu um dedo. "O que é válido para si, contudo, é também válido para um empresário. Procurar o lucro é natural e salutar numa economia, não há nada de errado nisso. Se todos lucrarem, a economia torna-se muito saudável."

Enredado na rede deste argumento, Alexandre sacudiu a cabeça como se assim se conseguisse livrar da armadilha.

"Bem., estamos a desviar-nos", observou. "A minha dúvida é perceber em que medida baixar o IRC das empresas é socialmente justo. Parece-me correcto que elas paguem impostos, como qualquer trabalhador. Por que razão haveriam os empresários de pagar menos? Era o que mais faltava!"

"As empresas já pagam menos, meu caro", lembrou Filipe. "E existe uma boa razão para isso. Reduzir os impostos às empresas é legítimo e desejável se beneficiar o conjunto da sociedade. O que é o caso."

"Ai é? Como?"

O amigo calou-se por um instante, ponderando a melhor maneira de responder.

"O que é um empresário?"

Alexandre riu-se.

"É um tipo que anda a explorar os trabalhadores para se encher de dinheiro."

"Um empresário é uma pessoa qualquer que decide abrir uma empresa. Posso ser eu ou o Tomás ou você. Imagine que é você. Foi despedido da garagem, não arranja nenhum trabalho que lhe interesse e, desesperado, pega no dinheiro que poupou ao longo destes anos e abre um

negócio. Uma fábrica de sapatos, por exemplo. Ao fazer isso vai ter de avaliar os ganhos e as perdas. De que maquinaria vai precisar e quanto custa ela? Qual a matéria-prima? Couro? Quanto custa o couro? E trabalhadores? De quantos vai precisar? De dez? Quanto terá de lhes pagar? Quanto terá de pagar à Segurança Social por cada um deles? E quanto dinheiro terá de pagar de IRC ao estado? Você faz as suas continhas e começa a perceber que assim não dá, vai ter prejuízo. A maquinaria é cara, o salário do pessoal é elevado, os impostos comem-lhe o resto."

"Sim, com certeza que o trabalho de um empresário tem as suas dificuldades, não digo que não..."

"Repare, meu caro, se você não abrir a fábrica, o que irá acontecer? Há dez trabalhadores que vão continuar no desemprego, além de você, claro. Todos a receberem o subsídio de desemprego de um estado que já está falido. Além disso você não produz riqueza nenhuma, pelo que o fisco fica de mãos a abanar. O que ganhou o estado com isso? Nada. Só ficou a perder."

"Pois, admito."

"Ou, se mesmo assim quiser abrir a fábrica, pode fazê-lo... na República Checa. Os trabalhadores aí são mais baratos e mais qualificados. Ou na Irlanda, onde só se paga doze e meio por cento de IRC e é mais fácil despedir trabalhadores se as coisas correrem mal. Ou seja, Portugal perdeu o seu investimento e a República Checa ou a Irlanda ganharam-no. Dez trabalhadores irlandeses ficaram com o emprego, o estado português ficou com os encargos sobre os dez desempregados que você empregaria e não empregou e sem cobrar uma percentagem, mesmo que pequena, sobre os lucros que afinal você vai ter noutro país."

O passageiro do banco traseiro abanou a cabeça.

"A seguir essa lógica, a escravatura é que era boa..."

"É o que pensa, e pratica, a China comunista", observou Filipe, sublinhando a palavra comunista. "Vivemos numa economia global e estamos a competir com países que têm os seus habitantes na miséria absoluta, a trabalhar como escravos a troco de quase nada. Não digo que desçamos a esse nível, não precisamos, mas nalguma coisa teremos de ceder."

"Os Alemães não cederam", observou Alexandre. "Vivem na mesma economia global em competição com a China e não baixaram o seu nível de vida." "Está muitíssimo enganado", corrigiu-o Tomás, quebrando o silêncio com a conversa que escutara na cela de Atenas bem presente na memória. "Em 2003 os Alemães iniciaram uma política de degradação dos salários reais e de cortes nas despesas e no estado social. É por isso que hoje a economia deles está saudável. Adaptaram-se à competição. Além do mais, têm uma economia de bens transaccionáveis de alta tecnologia e utilizam o capital para a apoiar. Já nós, em vez de investirmos na qualificação da nossa economia transaccionável, utilizámos o capital, insisto, para fazer betão. O estado investiu em auto-estradas, as famílias em casa própria, automóveis e férias, enquanto muitas empresas têm vivido à custa do crédito que lhes tapa os buracos e financia os investimentos. Se a dívida pública portuguesa é uma catástrofe, a dívida privada é ainda pior."

Meio contorcido para encarar o companheiro de viagem que se encontrava no banco traseiro, Filipe retornou o fio da conversa.

"Deixe-me no entanto retomar o exemplo do seu projecto de uma fábrica de sapatos." Fez uma pausa teatral. "E se o estado português o ajudasse? E se o estado português lhe desse

metade do dinheiro para pagar a maquinaria? E se o estado português pagasse a formação dos seus trabalhadores? E se o estado português lhe baixasse o IRC? Nesse caso você faz as suas contas outra vez e... pimba, descobre que tem lucro!"

"Aí já posso abrir o negócio em Portugal." "Claro! Era isso que devia ter sido feito, em vez de se estourar a massa toda no betão! Olhe o que fez a Irlanda. Em 1960 a Irlanda era o quarto país mais pobre da Europa ocidental. O quarto mais pobre! Mas em 1994 teve um ministro das Finanças chamado Ruairi Quinn que mudou esse destino. O senhor Quinn decidiu cortar brutalmente os impostos para as empresas."

Alexandre quase saltou no banco traseiro.

"Isso é neoliberalismo, exclamou em tom de acusação, a revolta a incendiar-lhe o espírito. "Foram essas ideias neoliberais que nos conduziram ao estado em que nos encontramos!"

Filipe esboçou um gesto de desagrado.

"Isso do neoliberalismo são catalogações criadas para intimidar os críticos e inibir quaisquer reformas", disse. "Na verdade o senhor Quinn era socialista." Levantou o dedo para sublinhar o ponto. "Socialista, entendeu? Tão socialista como o chanceler alemão Gerhard Schröder, que em 2003 reduziu os salários reais e cortou no estado social para restituir competitividade à economia alemã." Baixou o dedo. "Acontece que o pai do senhor Quinn tinha sido um bem-sucedido comerciante de automóveis e isso permitiu-lhe perceber como funcionava o mundo dos negócios. Então o que fez ele? Manteve as despesas do estado sob controlo férreo e isso deu-lhe margem para a sua experiência revolucionária: baixou o IRC das empresas para doze e meio por cento."

"Neoliberalismo!"

"Não diga disparates", repreendeu-o Filipe. "O que se passou foi que o senhor Quinn tinha percebido uma coisa elementar: impostos baixos atraem investimentos altos. A aposta resultou em cheio. Os Irlandeses desataram a abrir negócios, os empresários de todo o planeta puseram-se a investir na Irlanda, o dinheiro começou a jorrar para o país em catadupa, o emprego disparou e o crescimento também. Quando Quinn subiu ao poder, o crescimento do PIB na Irlanda era de dois e meio por cento. Com a redução drástica do IRC saltou para mais de dez por cento. Apesar de taxar menos, o estado irlandês passou a cobrar mais dinheiro e a Irlanda tornou-se um país per capita mais rico do que a Alemanha ou os Estados Unidos."

"Pois, pois", resmungou Alexandre. Franzziu o sobrolho. "Não é a Irlanda que está agora em crise?" "Por outros motivos que não têm directamente a ver com os gastos públicos, mas com o impacto da importação de produtos das economias emergentes, com o crédito barato que gerou a bolha do imobiliário e sobretudo com as aventuras irresponsáveis dos seus bancos", sublinhou Filipe. "O importante no exemplo irlandês é verificar o efeito positivo que uma baixa dos impostos às empresas pode trazer à economia em geral e a importância que as empresas têm na saúde económica de um país. O problema é que existe em Portugal uma cultura antiempresarial. Os empresários são tratados como inimigos e antagonizados, penalizados por serem empresários e por procurarem o lucro. A pensar assim, o país não vai a parte nenhuma."

Alexandre mantinha-se firme.

"Os empresários são exploradores sem escrúpulos", vociferou. "Uma classe a abater que vive à custa do suor dos trabalhadores. O grande capital é o sugador do povo. Os grandes empresários só querem abocanhar o mais que..."

"E quem é que falou em grandes empresários?", cortou Filipe. "Em primeiro lugar devia-se acabar com o anátema que a nossa cultura colou aos empresários. Temos maus empresários? Temos sim. Só assim se explica, aliás, parte da gigantesca dívida privada portuguesa. Mas mesmo sendo geralmente maus, são eles que criam riqueza, não é o estado. Por outro lado, é bom lembrar que o que faz a riqueza de um país não são apenas os grandes empresários, meu caro!"

O passageiro de trás carregou as sobranças, desconcertado.

"Peço desculpa? O senhor estava a defender a importância dos empresários e agora... está a contradizer-se."

"Não estou não. O que faz a riqueza de um país são sobretudo os pequenos e médios empresários, os trabalhadores que pegam no seu pé-de-meia e investem num negócio. Os pequenos e médios empresários representam noventa e nove vírgula sete por cento do tecido empresarial em Portugal. São eles que têm de ser defendidos!"

Que disparate!"

"É o que dizem os estudos. Embora também criem emprego, as grandes empresas são destruidoras de emprego. O verdadeiro motor da economia não é o estado, são as empresas, e em particular as pequenas e médias empresas. Cerca de setenta por cento da criação de emprego depende delas.

Além do mais, elas são responsáveis por quase metade das nossas exportações: as pequenas fábricas de sapatos de luxo em São Pedro do Sul, as pequenas fábricas de têxteis do Vale do Ave, os produtores de vinho, os produtores de azeite, os restaurantes e as lojas e as gelatarias que servem os turistas no Algarve. Ajudem-nas e ajudar-se-á a economia. Mas o que se fez em Portugal? Os governos, além de engordarem o estado e estourarem o dinheiro no betão, só ajudaram as grandes empresas, com quem estabeleceram aliás relações de cumplicidade, compadrio, proteccionismo e trocas de favores e influência." Desenhou um "0" com os dedos. "Para as pequenas e médias empresas não foi nada. Zero. Qual o resultado dessa brilhante política? Acabámos na bancarrota!"

"Tudo bem", admitiu Alexandre. "Mas os grandes investimentos do estado ajudam a economia..."

"Se assim é, porque não ajudaram? O estado português passou os últimos dez anos, até ao colapso da economia, a despejar dezenas de milhares de milhões de euros na política do betão, fazendo obra pelo país inteiro. A crer nessa tese, o PIB do país deveria ter disparado aí uns sete por cento, não lhe parece?"

"Bem... sim."

"Pois a taxa média de crescimento de Portugal nos dez anos que culminaram com a chegada do FMI, ou seja, de 2001 a 2011, foi inferior a um por cento! Mais exactamente zero vírgula três por cento."

O jovem passageiro arregalou os olhos, atónito.

"Zero vírgula três?"

Filipe abriu os braços, como se tivesse acabado de fazer uma demonstração.

"É para que veja, meu caro. Ao contrário do que foi propagandeado, o investimento do estado criou pouquíssimo ou nenhum crescimento económico. Grande parte do dinheiro foi gasta em obras que nem sequer geram metade da riqueza necessária para pagar as amortizações e

os juro.

Alexandre sacudiu a cabeça, ainda estupefacto. Apesar de todo o investimento de uma década nas obras públicas, espantou-se, a economia estava com um crescimento médio anual do PIB quase a zero. Como era possível uma coisa dessas?

"Quer dizer que se deve apostar nas pequenas e médias empresas?"

"Com certeza." Ergueu um dedo, para fazer uma ressalva. "Mas há um problema. O crowding out."

O passageiro do banco traseiro contraiu a face num esgar de incompreensão.

"Crowding... quê?"

"Os bancos têm normalmente dinheiro para emprestar, não é?", disse Filipe, tentando tornar a expressão compreensível. "É um valor limitado, claro. Imagine que o dinheiro disponível é um bolo. Uma metade seria emprestada ao estado e aos grandes empresários e a outra aos pequenos e médios empresários. Conseguem imaginar isso?"

"Sim, o dinheiro seria um bolo cortado ao meio."

"Acontece que o estado, devido às suas políticas ruinosas, está teso e precisa do bolo todo. O que faz então? O governo chega ao pé do banqueiro e diz-lhe: passa para cá tudo. Como o banqueiro tem relações de cumplicidade e trocas de favores com o governo, cede. Conclusão, o bolo vai todo para o estado, com uma pequena fatia a sobrar para os grandes empresários amiguinhos. E as pequenas e médias empresas? Ficam sem nada, claro. É isso o crowding out. O estado empurra as pequenas e médias empresas para fora do bolo."

"Mas isso é mau para a economia!"

"O que pensa que tem estado a acontecer em Portugal, meu caro? É isto! Não há dinheiro nem ajuda para as pequenas e médias empresas, que são o verdadeiro motor da economia! Depois admiram-se que o país seja pouco competitivo e chegue a uma situação de pré-falência!"

A conversa era deprimente e, talvez por isso, morreu nesse instante. De olhos sempre colados à estrada mas a mente a digerir toda aquela informação, Tomás manteve-se mudo durante a generalidade do diálogo, enquanto o amigo e o passageiro do banco traseiro discutiam como se tivessem eles próprios a responsabilidade de salvar o país.

O mutismo instalou-se no interior do automóvel, com os passageiros a contemplarem a paisagem em movimento, as mãos de Filipe sempre a acariciarem o envelope com as misteriosas linhas cifradas. Uma dúvida, porém, começou a corroer o espírito do historiador; havia ali qualquer coisa que não batia certo.

"Olha lá, Filipe", acabou por dizer, rompendo o silêncio. "Tu estás anormalmente bem informado sobre tudo isto..."

Não o disse num tom interrogativo, mas tratava-se claramente de uma pergunta: como diabo sabia ele tudo aquilo? Tomás era historiador e, devido ao seu interesse pela história económica, acompanhava naturalmente o assunto. Porém, e que ele soubesse, não era esse o caso de Filipe.

O seu companheiro de viagem continuou a afagar o envelope; dava a impressão até que se tratava de um animal de estimação, e tardou um longo instante a responder. Desviou a atenção da paisagem e fitou enfim o seu velho amigo, uma expressão estranha a bailar-lhe nos olhos.

"Porque pensas tu que ando a fugir?" Suspirou. "Sei de mais."

Entrar no sistema informático do banco não fora coisa para amadores. As protecções firewall usadas pela instituição eram do melhor e mais sofisticado que havia, mas a verdade é que não constituíam desafio à altura dos múltiplos talentos do intruso que nessa manhã acedeu pela internet ao principal servidor. Decarabia passou três longas horas a testar as defesas da rede interna do banco e a descriptar as respectivas palavras-chave, até que identificou a cifra mestra. Digitou-a no teclado, carregou em enter e esperou.

O ecrã iluminou-se.

"Já está...", murmurou com um bafo de alívio por ter concluído a primeira etapa. "Bons, mas previsíveis."

Entrara no sistema.

A firewall era poderosa, havia que reconhecê-lo, mas sabia que o calcanhar de Aquiles estava no fabricante. Quase todas as instituições bancárias usavam barreiras de protecção colossais produzidas por uma mesma empresa, uma companhia californiana com trabalho de grande qualidade, embora padecesse de um defeito que o intruso identificara havia algum tempo: as firewalls eram sempre concebidas com a mesma arquitectura. Quem soubesse como funcionava a cabeça do programador, cedo ou tarde acabaria por perceber como quebrar as barreiras montadas para manter os hackers afastados.

Acontece que Decarabia conhecia o fabricante daquela firewall bem de mais. Vira-o, estudara-o, testara-o. Quebrara-o.

"Piece of cake", exclamou, regurgitando auto-satisfação pela sua proeza. "Brincadeira de crianças."

Respirou fundo, ganhando ânimo para a segunda parte da operação. Agora que conseguira penetrar no sistema havia que alcançar o objectivo e retirar-se sem ser notado, como um caçador furtivo. Inseriu na rede interna do banco uma fotografia do seu alvo e carregou na tecla search. Uma ampolheta minúscula materializou-se no ecrã, sinal de que o computador estava a fazer a busca. Ao fim de alguns segundos formou-se a imagem do ficheiro de um cliente, os movimentos da conta em baixo, o nome e a fotografia em cima.

Filipe Madureira.

"Gotcha!", soltou Decarabia, dando um soco no ar como um desportista no momento do triunfo. "Apanhei-te!"

Era ele.

Passou os olhos pelo ficheiro e estudou as movimentações da conta. Até um mês antes estavam todas concentradas em Haia. Depois tinham ocorrido alguns levantamentos de dinheiro em Paris, um em Nice, dois em Florença e um em Roma; tratava-se evidentemente da rota da fuga. A seguir apareceu uma tentativa de levantamento numa sucursal da Via del Corso, negada pela caixa. Fora nesta altura que o acesso à conta havia sido negado ao alvo. As duas últimas tentativas de levantamento ficaram registadas nas últimas quarenta e oito horas. Em Lisboa.

Eram estas que interessavam.

Carregou na linha destas últimas tentativas e o ecrã mudou de imagem, entrando numa página que mostrava valores solicitados, datas, horas, e sobretudo a localização das caixas multibanco onde a tentativa fora feita. Comparou as duas linhas e percebeu que ambas as operações tinham sido levadas a cabo com um intervalo de vinte e quatro horas na mesma caixa.

Na mesma caixa.

A descoberta ecoou na mente de Decarabia; esta era a informação mais relevante de todas. Recostou-se na cadeira onde estava sentado e estreitou as pálpebras, a cabeça transformada num super computador, o pensamento a processar aquela pista e a contemplar o seu significado.

"Estás a esconder-te perto dessa caixa", concluiu, os dedos a afagarem pensativamente o queixo. "Ai estás, estás..." Fez um esgar. "Deves ter por aí alguém conhecido. Um familiar, um amigo..."

O intruso ponderou opções. O alvo estava próximo, já lhe sentia o cheiro, mas ainda não chegara a ele. Ainda não. Precisava de apertar o cerco e montar a emboscada, mas para isso teria de obter mais uma informação. Só mais uma. Como descobrir o paradeiro da pessoa que estava a ajudar o seu alvo?

Meditou durante alguns minutos no problema, considerando e descartando ideias sucessivas; algumas até pareciam boas mas depressa se levantavam um ou dois obstáculos que as inviabilizavam. Contudo, não desistia, não podia desistir, era impensável fazê-lo. Ao descartar uma hipótese considerava a possibilidade seguinte, e quando esta também falhava vinha outra e outra ainda, vinham as que fossem necessárias até por fim atingir o objectivo último.

O olhar incendiou-se de súbito.

"Já sei!"

XVII

Uma neblina densa pairava languidamente sobre o Mondego, criando a estranha ilusão de que o casario de Coimbra se erguia sobre as nuvens como uma cidade do céu, a torre sineira da universidade a coroá-la no alto, resplandecente à luz baça da manhã. O velho Volkswagen azul cruzou a rua ladeada de plátanos e virou à esquerda, na zona da Quinta de Santa Comba. Depois de deixar Alexandre a uma esquina, não muito longe da garagem do primo, Tomás meteu por uma ruela que desaguou numa praceta tranquila, rodeada de pinheiros mansos cujos ramos acariciavam os telhados de várias vivendas.

O automóvel imobilizou-se junto de uma moradia branca protegida por um muro coberto de trepadeiras e com uma sebe bem adelgada plantada no topo.

"Chegámos!", anunciou o condutor enquanto desligava o motor e puxava o travão de mão. Voltou-se para o companheiro de viagem. "Tenho de ir ver a minha mãe. Ficas aqui ou vens?"

Filipe soltou o cinto de segurança.

"Vou, claro", disse, sempre agarrado ao seu envelope. "Preciso de desenferrujar as pernas."

Aparearam-se e dirigiram-se para a vivenda. Ao lado do portão havia um azulejo branco com um nome e a azul. O Lugar do Repouso. Entraram no jardim a pisar as pedras semeadas pelo caminho entre a relva acabada de regar, como ilhotas cinzentas num mar verde, e só pararam diante da porta. Tomás carregou na campainha e ouviu um som eléctrico contínuo no interior do edifício.

Volvidos alguns segundos, a porta abriu-se e apareceu uma mulher de bata e touca branca.

"Professor Noronha!", exclamou ela, reconhecendo o visitante. "Bons olhos o vejam!"

"Olá", devolveu o historiador, embaraçado por não se lembrar do nome da enfermeira. "Vim visitar a minha mãe."

A mulher da bata branca fez-lhes sinal de que entrassem.

"Venha daí, ela está na varanda a apanhar sol."

O interior da moradia exalava um odor característico, talvez uma mistura de sopas, medicamentos e detergentes; era um cheiro que Tomás inadvertidamente associava à velhice. A enfermeira conduziu os visitantes pelas escadas para o piso superior.

"Como está ela?"

A enfermeira exibiu a mão e dançou com ela no ar, num gesto não muito optimista.

"Tem dias, como sabe", disse. "Hoje parece-me que não é dos melhores, receio bem. Prepare-se."

O aviso desanimou Tomás. Não valia a pena dizerem-lhe que se preparasse, sabia; a verdade é nunca se está verdadeiramente preparado para um dia mau de alguém que sofre de Alzheimer. A degradação do estado da mãe era felizmente muito lenta, mas parecia-lhe inevitável que com o tempo ela perdesse faculdades.

Dona Graça estava sentada a uma esquina da varanda com uma manta amarela sobre os joelhos, voltada para a mata fronteira à vivenda, os olhos fechados a saborearem o bafo quente do sol. O ar enchia-se do estridular irrequieto dos insectos, sobretudo das cigarras que enxameavam a mata e embalavam a manhã com a sua estranha melodia.

"Dona Graça, olhe quem a veio visitar."

O olhar verde da velha senhora desviou-se para a enfermeira, depois para o filho e a seguir

para o amigo que o acompanhava, mas depressa se voltou a fechar, sempre inexpressivo, como se nada tivesse visto de relevante.

Mantendo um sorriso nos lábios, Tomás dobrou-se sobre ela e beijou-a na testa.

"Olá, mãe. Está boa?"

Apanhada de surpresa pelo beijo, dona Graça abriu os olhos com um sobressalto e atirou-lhe uma nova mirada, desta prolongada e inquisitiva.

"Quem é o senhor?"

O filho respirou fundo para apagar o golpe; a mãe não estava realmente num dos seus melhores dias. Não era a primeira vez que ela não o reconhecia, mas ainda não se habituara a essa realidade. Suspeitava aliás que nunca se habituaria.

"Sou o seu filho", retorquiu com suavidade. "O Tomás, lembra-se?"

Ela abanou a cabeça.

"O meu Tomás está na escola", disse ela com súbito orgulho. "A professora disse-me que ele é o melhor da classe. Vivaço que até esmilha!" Sorriu. "Ah, sai ao meu pai, que também era muito esperto..."

O filho não insistiu, sabia que em dias assim não valia a pena; as memórias da mãe confundiam-se e parecia evidente que nesse momento a sua mente estava presa num qualquer ponto do passado. Trocou com ela algumas palavras de circunstância e saboreou também o sol da manhã. Dona Graça manteve-se alheada da sua presença, apenas lhe prestando atenção ocasional. Ao fim de vinte minutos, sentindo-se incapaz de aguentar a situação, o filho deu à mãe um beijo de despedida e abandonou cabisbaixo a varanda.

Os olhos achocolatados da directora da instituição acolheram-no no átrio com um calor que lhe consolou a alma. Maria Flor tinha um esgar sonhador, doce e carinhoso, uma face abolachada, bonita e fresca, com cabelo castanho ondulado em madeixas claras e lábios carnudos que lembravam gomos de laranja; vendo-a sorrir, parecia impossível não pensar em beijá-la.

"Que tal a sua mãe?"

Tomás suspirou.

"Hoje não está grande coisa", disse. "Não me reconheceu."

A directora do lar afagou-lhe o ombro.

"Há dias assim, não se apoquento. Às vezes ela deita os medicamentos fora às escondidas e piora um pouco. Mas vou dar ordens para a acompanharem melhor à hora de tomar os comprimidos. Vai ver que melhora logo."

O toque no ombro foi feito para o consolar, mas teve um efeito eléctrico no visitante. Tomás já conhecia Maria Flor havia alguns anos e, apesar de a achar muito atraente, nunca se atrevera a tentar o que quer que fosse. Talvez não passasse de parvoíce, mas ela de certo modo puxava pela sua timidez natural, quase como se o intimidasse.

"Estou certo que sim", acabou por dizer, ciente de que a responsável pelo lar tinha razão. "Da próxima vez que cá vier ela estará melhor."

Ficaram ambos momentaneamente sem saber o que fazer ou dizer. Ele queria alimentar a conversa e partilhar um momento mais com a sua anfitriã, mas não tinha tema. A mãe e a sua velhice não lhe pareciam o assunto mais empolgante para discutir com uma mulher tão interessante e as circunstâncias tornavam desapropriada qualquer iniciativa mais arrojada.

Convidá-la-ia para jantar? Ali, no sítio onde a mãe vivia e pouco depois de ela nem sequer o reconhecer? Não podia ser. Além do mais, sentiu a presença de Filipe e da enfermeira atrás dele, a aguardarem o desfecho da conversa. Na verdade havia ainda um assunto para discutir, aquele que ela mencionara ao telefone sem nunca o explicar, mas cabia à directora mencioná-lo.

"Sabe, professor Noronha..."

"Chame-me Tomás."

Ela hesitou e enrubescceu, mas acatou a sugestão.

"Muito bem... Tomás." Fitou-o com os seus grandes olhos castanho-claros, como se avaliasse a reacção dele à forma como ela pronunciara o seu nome. Depois fez uma careta, a indicar que tinha algo desagradável a dizer. "Sabe, Tomás, telefonei-lhe porque apareceu agora um problema aborrecido que queria discutir consigo. Não é exclusivo da sua mãe, note bem, mas..."

"Que se passa?", perguntou ele, levemente alarmado com o embaraço que lhe lia nos olhos. "Sucedeu alguma coisa?"

Maria Flor suspirou, claramente incomodada com as suas responsabilidades nesse momento.

"É um problema de... de dinheiro."

A palavra surpreendeu Tomás.

"Dinheiro?", estranhou. "Dinheiro como? Vocês recebem na íntegra a reforma dela, não é verdade?"

A directora do lar engoliu em seco.

"Com certeza", assentiu. "O problema é que... a reforma foi cortada, lembra-se?"

"Como?"

"Então não sabe?", admirou-se ela. "Por causa da crise, além de reduzir salários e eliminar subsídios o governo fez cortes nas pensões. Ela levou uma talhada de quase dez por cento na reforma, veja lá." Vacilou. "Ela não. Nós. Passámos a receber menos dinheiro, mas temos os mesmos gastos." Abanou a cabeça e suspirou num lamento. "Ah, é um problema! Como sabe, não sou dona do lar, apenas a directora. Os proprietários já me chamaram a atenção para a questão e... enfim, temos de resolver isto. Há várias pessoas aqui que estão na mesma situação, não é só a sua mãe, pelo que temos pedido às famílias que... que reponham a parte em falta."

Maria Flor desviou os olhos quando concluiu a sua exposição, evidentemente embaraçada com o que era forçada a pedir.

"Eu daria o dinheiro de muito bom grado", devolveu Tomás, desconcertado com a situação com a qual era confrontado. "O problema é que perdi o emprego."

A sua interlocutora levou a mão à boca.

"Ah!", exclamou, chocada. "Não me digal!"

"É verdade", confirmou ele. "Também por causa da crise a minha faculdade teve de começar a dispensar os professores que não são do quadro. Fui apanhado na varridela."

Fez-se um súbito silêncio enquanto a directora do lar digeriria a notícia e as suas implicações.

"Quer dizer que... que não tem modo de cobrir o dinheiro em falta?"

A pergunta ia direita ao centro do problema e Tomás teve de respirar fundo antes de responder.

"Bem, disponho de algum dinheiro amealhado", disse. "Além do mais, estou agora a receber do fundo de desemprego, claro. Isso dá-me alguma margem."

Maria Flor estudou-o com atenção.

"Sem querer ser indiscreta, esse dinheiro amealhado é coisa que se veja? "

"Não muito, infelizmente. Nem sei se chegará para aguentar a minha mãe muito tempo aqui." "Então o que vai fazer?" Tomás respirou fundo. "Pois, não sei. A verdade é que não posso deixar que a ponham na rua, isso nem pensar. O que tem de ser tem muita força. Preciso de arranjar trabalho, nem que tenha de ir para as obras."

A sua interlocutora soergueu as sobrancelhas.

"Quais obras? Não vê que a construção civil está parada?"

"Era uma forma de expressão", explicou ele. "O que quero dizer é que farei tudo o que for preciso para resolver o problema."

A directora do lar ficou por momentos a fitá-lo, os olhos presos nele, evidentemente a matutar no problema. Depois respirou fundo e esboçou um sorriso fraco, mas suficientemente caloroso para pelo menos lhe aquecer o coração. De seguida e sorriso desfez-se.

"Isto é uma chatice", desabafou com desânimo. "Os proprietários do lar não querem nem um tostão em falta. Como as pensões dos reformados estão a ser reduzidas, as famílias têm mesmo de entrar com a diferença. Os Proprietários disseram-me que comunicasse às famílias que têm de repor a diferença até... até quinta-feira à noite."

Tomás fez um gesto de desalento; como era terça-feira, seria daí a dois dias.

"Quinta-feira? Veja se me dão mais algum tempo..."

Maria Flor voltou a pousar a mão no ombro dele, derramando a doçura quente do seu olhar sobre a expressão preocupada do visitante.

"Posso falar com eles, mas não vão aceitar..."

O historiador suspirou, resignado.

"Está bem, terei de avançar com as minhas poupanças", rendeu-se. "Quando chegar a Lisboa vou pedir ao banco que faça uma transferência, não se apoquente."

XVIII

Uma vez dentro da rede interna do banco, o acesso às gravações das câmaras de videovigilância daquela sucursal em particular revelou-se relativamente simples. Depois de decifrar a palavra-chave, Decarabia inseriu-a no sistema e entrou na página de segurança. Procurou a ligação à sucursal e entrou.

"Então vamos lá a ver!...", disse para si próprio, entrelaçando os dedos e fazendo-os estalar pelas articulações enquanto contemplava a informação que enchia o ecrã. "O primeiro levantamento foi feito pouco depois das três e meia da tarde de ontem..." Passeou os olhos pelo banco de imagens e procurou o registo da câmara que gravara as operações àquela hora. "Ora bem... ora bem... o que queremos é o que a câmara da caixa multibanco registou. Ora deixa cá ver."

Clicou no arquivo da câmara da caixa e escolheu as imagens gravadas entre as três e as quatro da tarde de segunda-feira. Uma imagem vídeo encheu de imediato o ecrã.

Via-se um plano largo que mostrava o passeio e a rua, com circulação normal de peões e viaturas de um lado para o outro. De repente um peão dirigiu-se à câmara, inseriu um cartão multibanco na ranhura da caixa, digitou o código de acesso e as instruções, retirou o dinheiro e o cartão e abalou dali, os bolsos mais aconchegados.

"Vamos lá, vamos lá!...", impacientou-se o intruso. "Quando é que aparece o nosso homem?"

O vídeo de segurança continuou a rolar no ecrã, mostrando cenas repetitivas. O passeio, pessoas a passarem para a esquerda e para a direita, a rua, automóveis e autocarros e motos de um lado para o outro, um cliente que se dirigia à máquina, levantava o dinheiro e se ia embora, depois mais passeio e mais rua, outro cliente, e assim sucessivamente. Tudo muito monótono.

Decarabia bocejou.

"Shit! Isto anda ou não anda?"

O hacker mantinha um olho na imagem e o outro preso à contagem dos minutos.

15:23:15.

Ainda mais doze minutos de espera! Se pudesse, faria fast forward para chegar rapidamente à hora que desejava, mas o dispositivo que o permitia não estava disponível no ecrã. Decididamente a rede interna do banco ainda tinha coisas a melhorar.

Foi buscar um café. Não quis estar ausente muito tempo, não fosse o seu alvo aparecer na imagem antes do previsto, pelo que depressa voltou ao lugar. A imagem parecia normal e verificou de novo a contagem do relógio.

15:26:47.

Mais do mesmo. Passeio, rua, transeuntes, automóveis, clientes. E tudo a passar incrivelmente devagar, dava a impressão de que o tempo fazia de propósito para o irritar. Estudou a imagem que enchia o ecrã. Felizmente a câmara da caixa multibanco parecia usar uma grande angular, pensou; isso permitia-lhe ter uma visão ampla do que se passava naquele espaço e estudar cada uma das pessoas que por ali deambulavam, da origem ao destino.

O olhar baixou para o relógio.

15:32:03

Três minutos. O tédio desapareceu, substituído por um assomo de concentração. A todo o instante o seu alvo iria aparecer na imagem. Viria da esquerda ou da direita? Estaria já

acompanhado? Decarabia fazia votos ardentes de que sim; isso poupar-lhe-ia imenso esforço. Não que temesse o trabalho; o que se passava é que a rapidez era essencial.

15:34:11.

Um minuto. Varreu o ecrã com atenção redobrada, detendo-se no rosto de cada pessoa que passava. Segundos depois viu um homem aproximar-se do ecrã, o cabelo em desalinho, a barba por fazer, o olhar cansado, a ansiedade estampada na face.

"Ah, cabrão!", exclamou. "Apanhei-te!"

Era Filipe Madureira.

Viu-o inserir o cartão na ranhura, digitar o código, pedir a quantia, ver a recusa no ecrã e a face contorcer-se de frustração e gritar algo que não se percebia. A gravação não tinha som mas também não era preciso, era evidente que insultava o banco ou quem quer que lhe tinha interditado o acesso ao seu próprio dinheiro.

"Estás à rasca, hem?", sorriu Decarabia, divertido com a reacção que via na imagem. "Pois isso não é nada comparado com o que te espera, grande camelo!..."

A gravação mostrou Filipe a guardar o cartão, contrariado, e a fazer meia volta. O hacker seguiu-lhe os movimentos com grande atenção. O seu alvo afastou-se para a direita, tapou a cabeça com um capuz de chuva, encostou-se a uma tília e consultou o relógio, como se estivesse a passar o tempo. Com o olhar, porém, pôs-se a varrer todo o espaço em redor, procurando à direita e à esquerda, sem cessar. Volta e meia baixava a cabeça, umas vezes para descansar e outras para olhar de novo para o relógio, mas logo a seguir e voltava a espreitar em volta dele.

Este comportamento arrancou um sorriso satisfeito a Decarabia. "Estás à espera de alguém..."

O ficheiro de vídeo correspondente ao período entre as três e as quatro da tarde esgotou-se sem que houvesse novidade. O intruso clicou no da hora seguinte e deixou correr as imagens. Filipe permanecia à sombra da tília, evidentemente a aguardar num misto de paciência e impaciência, a mesma mistura que nesse instante assaltava Decarabia. Mas o que poderia fazer? Tinha de ver o vídeo em tempo real para captar o momento crucial, aquele em que terminava a espera do seu alvo e tudo se decidia; desejava ardentemente que as imagens fossem elucidativas e lhe dessem a pista de que precisava.

16:08:28.

A espera prolongou-se. Transeuntes, automóveis, o alvo encostado à árvore, os clientes que se dirigiam sucessivamente ao multibanco para levantar dinheiro ou fazer outras operações. Tudo se repetia com monotonia inenarrável, extraindo do intruso bocejos sucessivos e mais café para os combater.

16:27:03.

De repente viu Filipe sair disparado do lugar onde estava e dirigir-se em passo rápido a um homem que acabava de saltar de um autocarro. O seu alvo puxou o braço do desconhecido, este voltou a cara e, após uma hesitação, reconheceu a pessoa que o interpelara e começou a falar com ela. Decarabia clicou sucessivamente num dispositivo para registar a imagem no ecrã. Viu os dois homens darem meia volta e dirigirem-se à porta de um edifício de apartamentos. O desconhecido meteu uma chave na fechadura, a porta abriu-se e ambos desapareceram para lá dela.

"Apanhei-te!", exultou, pondo-se de pé para descontrair depois da pasmaceira da longa

espera. "Apanhei-te, cabrão!"

Fora melhor do que alguma vez se atrevera a esperar. Não só registara a imagem da pessoa que o seu alvo contactara como conseguira ver para onde ambos se dirigiram, decerto o lugar onde o homem que procurava se escondia. Que mais poderia desejar?

Pousou o olhar no ecrã do seu computador e estudou as imagens que gravara no momento em que Filipe Madureira interpelara o desconhecido. Ampliou o segmento referente ao rosto deste e estudou-o com cuidado.

"Quem és tu?", perguntou num murmúrio, os olhos fixos naquela cara. "Quem és tu?"

Não tinha dúvidas de que em breve saberia a resposta.

Depois de parar à esquina da garagem para apanhar Alexandre, o carro esquadrinhou as ruas de Coimbra e virou na curva onde uma tabuleta branca com letras e linhas azuis indicava a auto-estrada e a direcção de Lisboa. Tomás ia calado ao volante, a atenção concentrada na condução, a mente a passar em revista o que na última hora acontecera no lar onde a mãe se encontrava.

"Gaja gira, hem?"

A pergunta de Filipe, feita num tom provocador, quebrou o silêncio no interior do Volkswagen.

"Quem?"

O amigo soltou uma gargalhada.

"Não te faças despercebido, Casanova!", atirou o amigo, usando a velha alcunha dos tempos do liceu. "Conheço-te de ginjeira."

O condutor não tirou os olhos da estrada.

"Estás a falar de quê?"

"Da senhora directora, de quem haveria de ser?" Estreitou as pálpebras, como se puxasse pela memória. "Como se chama ela? Maria... Maria..." O olhar acendeu-se. "Flor, não é? Maria Flor." Arqueou as sobrancelhas para cima e para baixo, peguilhento. "Uma brasa!"

"Oh! Não digas disparates!"

"Aqueles olhinhos de chocolate, aqueles lábios suculentos, aquele sorriso de sardoninha... ui, a miúda estava mesmo a pedi-las!" Deulhe um empurrão amigável no ombro. "Ou me engano muito ou em breve vais fazer-te ao piso. Estou mesmo a ver o filme..."

"Cala-te, pá!"

Filipe voltou a rir-se, divertido com a reacção do velho companheiro de tropelias do liceu. Sabia que tocara num ponto fraco e não tencionava largá-lo tão cedo.

"Diz lá que não achas a moça uma brasa?", atirou, sempre a provocar. "Hã? Ora diz lá, se és capaz..."

Tomás manteve os olhos fixos na estrada, sem sorrir, as mãos agarradas com força ao volante, o semblante de quem ia concentrado; não se sentia com vontade de brincar.

"Estou preocupado com a minha mãe", acabou por desabafar, mudando o rumo à conversa. "Cortaram-lhe a pensão e estou no desemprego. Ou seja, há menos dinheiro e preciso de pagar o lar. Vou ter de mexer nas minhas poupanças, que já não são muitas. Como é que um gajo se safa?"

A pergunta não obteve resposta imediata. Filipe endireitou-se no seu lugar, o tema era sério, incompatível com o registo de graçola inofensiva com que falara da directora do lar. O carro entrou na auto-estrada e acelerou em direcção a Lisboa, proporcionando-lhes a pausa que o problema requeria.

"Nada disso vai melhorar, aviso-te já", disse por fim o amigo. "É bom que te mentalizes."

"Não vai melhorar como? Achas que não arranjo emprego?"

"Arranjas, fica descansado. Todos os estudos mostram que as pessoas mais qualificadas conseguem safar-se em períodos de crise. O desemprego atinge mais duramente aqueles que não têm estudos, não aqueles que os têm."

"Eu sei", disse o condutor. "Então porquê o teu pessimismo?"

Com os olhos postos nas casas espalhadas pelos montes ao lado da auto-estrada, Filipe passou a língua pelos lábios para os molhar.

"O meu pessimismo refere-se à pensão da tua mãe."

Tomás respirou fundo, consciente do problema.

"Eu sei, é uma chatice", bufou. "Isto não vai para melhor. Ela trabalhou durante muitos anos, coitada. Descontou para a reforma a vida inteira, tem direito à pensão e... e... agora que precisa dela cortaram-na."

De novo sentado no banco traseiro, Alexandre inclinou-se para a frente.

"É uma injustiça o que estão a fazer aos idosos", protestou. "É totalmente indecente!"

"Pois é", concordou Tomás. "Uma situação terrível. Há pessoas a passar muito mal."

"Temos de sair à rua e protestar", insistiu o passageiro que vinha atrás. "Temos de os obrigar a inverter esta política criminosa! O estado tem de assumir as suas responsabilidades e proteger as pessoas. Temos de obrigar os políticos a aumentar os salários, a subir as pensões, a investir na saúde, na educação e na Segurança Social e a elevar as condições de vida de toda a gente."

"Isso era o ideal, sem dúvida", concordou Tomás. "O problema é que não é assim tão simples, não é verdade?"

"Só não é simples porque não queremos que o seja", afirmou Alexandre num assomo de indignação. "Basta tomar a decisão e assinar a lei, mais nada."

Apesar de abatido, o historiador não conseguiu reprimir um sorriso ténue.

"Ah, quem dera que fosse tão fácil..."

Por momentos calado, Filipe desviou a atenção do que se passava para além da berma da auto-estrada para se virar para trás e fitar Alexandre.

"Infelizmente a vida não é como queremos", sentenciou. "Ela é como é. Também eu gostava de viver para sempre e acho que a morte é uma injustiça. Mas por mais que proteste e esperneie, o facto é que vou morrer. A realidade é o que é, não o que gostaríamos que fosse."

"Recuso-me a alinhar nesse discurso de resignação. Se a vida é como é, está ao nosso alcance mudá-la. O estado tem o dever de nos proteger a todos e não pode fugir a esse dever!"

Filipe riu-se.

"Já vi que você pertence ao Partido do Estado", ironizou. "Tem as quotas em dia?"

O rapaz fez um esgar de incompreensão.

"Perdão?"

"O Partido do Estado." Voltou-se para Tomás. "Sabes quantos militantes tem, não sabes?"

"Então não sei?", devolveu o condutor com uma expressão conhecedora. "Ora deixa cá fazer as contas." De sobrolho erguido pôs-se a reflectir em voz alta: "O Partido do Estado é constituído por todas as pessoas que dependem do estado, não é verdade? São setecentos mil funcionários das administrações central, regionais e municipais, três milhões e meio de pensionistas, mais de um milhão de desempregados e outro milhão de pessoas que auferem diversas prestações sociais e regalias, coisas que pesam no erário público." Endireitou as sobrancelhas. "Dá seis milhões de pessoas. É o maior partido de Portugal."

Filipe voltou a encarar Alexandre.

"Você já viu?", perguntou. "Isto significa que sessenta por cento dos Portugueses vivem graças ao dinheiro dos contribuintes. Funcionários públicos, pensionistas, desempregados,

pessoas que ganham o rendimento social de inserção, doentes, os muitos membros das clientelas partidárias e todos os que recebem os mais diferentes subsídios e prestações sociais."

"E então?"

"E então? Sabe qual é a percentagem das receitas fiscais gastas pelo estado em pessoal e prestações sociais?" Fez uma pausa para preparar a revelação do valor. "Em 2010 eram noventa e seis por cento."

"Noventa e...?" Alexandre ficou de boca aberta. "Mas isso é... é quase todo o dinheiro!"

"Pois é! Praticamente todo o dinheiro que os impostos arrecadam em Portugal é derretido em salários, pensões e subsídios das pessoas que vivem à custa do estado."

"E as obras financiadas pelo estado? As auto-estradas, os hospitais, as escolas... as outras despesas todas? De onde vem o dinheiro para pagar isso?"

"Do futuro", respondeu Filipe. "Através das PPP, remetendo o pagamento das obras para um futuro que aliás já chegou, ou pedindo dinheiro emprestado ao estrangeiro, outro futuro que também já chegou, uma vez que estamos neste momento a pagar esses empréstimos a juros incomportáveis. A dívida externa líquida do país passou de cerca de quarenta por cento do PIB em 2001 para cento e dez por cento do PIB quando o FMI cá chegou, dez anos depois, um crescimento médio de doze mil milhões de euros por ano. Ou seja, Portugal passou a sustentar-se com dinheiro que não produzia. É por isso que se diz que vivemos acima das nossas possibilidades. A massa que o estado recebe dos impostos vai toda para as despesas com pessoal e prestações sociais. Não sobra nada."

Sempre de olhos postos na estrada, Tomás abanou a cabeça com tristeza.

"Estão a ver o filme, não estão?", perguntou com sarcasmo. "Não cortaram as despesas para não perder votos..."

"É evidente. O Partido do Estado tem muita força, meus caros. Esta situação insustentável era do perfeito conhecimento dos governantes e dos partidos da oposição, não tenham dúvida disso. O problema é que todos querem ser eleitos e, como sabem, cortar na despesa não dá votos a ninguém. Uma vez que o Partido do Estado soma seis milhões de eleitores, quem der mais dinheiro a quem vive à custa do estado acaba por ganhar mais votos. Entrámos assim numa espiral despesista sem retorno."

Estas palavras foram acolhidas com um gesto de impaciência de Alexandre.

"Isso é tudo conversa neoliberal", considerou. "Essas profecias da desgraça não alimentam ninguém e apenas reflectem uma visão economicista das coisas."

A observação arrancou uma gargalhada a Filipe.

"Ora aí está um discurso típico de quem vive à custa do Partido do Estado", observou. "Sempre que alguém se atreve a fazer contas e a mostrar que algo é economicamente insustentável é de imediato apelidado 'neoliberal', 'pessimista' e 'profeta da desgraça', um 'economicista' que 'não alimenta a esperança'." Fez um aparte. "Por 'economicista' entenda-se alguém que sabe somar números e percebe que a realidade não se sustenta em fantasias, claro, e por 'alimentar a esperança' entenda-se 'alimentar a ilusão'." Retomou o tom normal. "Confrontados com a dura e desagradável realidade dos números, o que fizeram os nossos distintos líderes? Disseram: 'Há vida para além do Orçamento!' E assim desvalorizaram o problema e tiraram o tapete de debaixo de quem tentava lidar com ele. Esta lógica atingiu o

cúmulo em 2009, já depois do colapso financeiro na América, quando o governo, pouco antes das eleições, baixou o IVA e aumentou os salários da função pública quase três por cento."

"Pois foi", lembrou-se Tomás. "Ganharam as eleições."

"Então não haviam de ter ganho? Quem satisfaz o Partido do Estado ganha." Afinou a voz. "O problema é que a economia não aguenta todo esse despesismo populista. Nos dez anos até 2011, quando o FMI chegou a Portugal para pôr fim ao regabofe, as despesas sociais cresceram mais de dois por cento, enquanto o PIB apenas cresceu..."

"Zero vírgula três por cento", completou o historiador. "Sim, já tinhas dito."

"Essa disparidade entre o forte crescimento da despesa social e o débil crescimento da economia não é despiendo, meus caros."

"Com certeza que não", admitiu Tomás. "Só se pode distribuir a riqueza que se tem. Se não se cria riqueza, não se pode distribuí-la. Isso é evidente."

"É evidente para ti e para qualquer pessoa que pare dez segundos para pensar no assunto, mas pelos vistos não foi evidente para os génios que nos governaram durante anos e anos. Eu sei que muitas pessoas vivem com dificuldades tremendas e precisam mesmo de ajuda, mas o estado social não se decreta à revelia da economia. Para se distribuir riqueza é preciso criá-la primeiro. Os estudos mostram até que o crescimento da dívida pública é inversamente proporcional ao crescimento da economia. Ou seja, quanto mais dívida pública menos crescimento económico, e vice-versa. Acontece que as despesas sociais aumentaram a taxas médias sete vezes superiores às do crescimento económico entre 2001 e 2011, assim descontrolando a dívida pública, e esses cérebros ímpares foram incapazes de fazer uma simples conta de aritmética e perceber que nos estavam a conduzir ao caos. Não só a economia portuguesa não consegue suportar este nível de despesa como foi aniquilada por ele. Como era preciso ganhar votos a todo o custo, o Partido do Estado foi sendo alimentado com mais e mais dinheiro. Para isso revelou-se necessário aumentar os impostos a ponto de o seu peso se tornar proporcionalmente o maior da Europa, considerando o rendimento médio da população. Assim foram estranguladas e atiradas para a falência as empresas que criavam riqueza, o que fez aumentar o número de desempregados e os encargos do Partido do Estado, obrigando a subir impostos, o que asfixiou ainda mais a economia e levou mais empresas à falência, lançando mais trabalhadores para o desemprego, num ciclo vicioso sem fim." "O curioso é que o discurso ao longo deste tempo todo foi o da defesa do estado social..."

"Pois, mas com esta política os governantes tornaram-no insustentável. Os mesmos que falavam em defender o estado social eram aqueles que mais faziam para o destruir. Portugal tem a maior dívida externa desde 1892, a maior dívida pública dos últimos cento e sessenta anos, o maior número de desempregados na sua história e o pior crescimento económico desde a Primeira Guerra Mundial. Com números deste gabarito, como raio é possível sustentar o estado social que criámos?"

O olhar de Tomás desceu para o contador do combustível no tablier do Volkswagen. Já não tinha muita gasolina e em breve teria de entrar numa estação de serviço para reabastecer o carro.

Aproveitando a pausa, Alexandre quebrou o silêncio a que se havia remetido.

"O problema do défice das contas públicas resolve-se com crescimento económico", sentenciou. "Se crescermos, abatemos o défice."

Filipe virou dois dedos na direcção do passageiro do banco traseiro.

"Há duas maneiras de resolver o problema do défice", indicou. "Ou se corta a despesa ou se aumenta a receita. O aumento da receita vem, claro, dos impostos. O problema é que o aumento dos impostos reduz o investimento e provoca falências, pelo que só resulta a curto prazo. A única maneira de aumentar as receitas dos impostos de uma forma sustentável é de facto produzir crescimento económico." Suspirou. "O que se passa, meu caro, é que não estamos a ter crescimento económico, pois não?"

"Zero vírgula três por cento de crescimento médio anual nos dez anos até à chegada do FMI", repetiu Tomás. "É bom nunca esquecer esse número. É muito revelador."

"Ou seja", insistiu Filipe, "quando um político que gasta muito diz que a solução é o crescimento económico, o que está de facto a dizer é que não vai fazer nada para resolver o problema. Lembrem-se que os estudos mostram que o crescimento da dívida pública é inversamente proporcional ao crescimento da economia. Se o governante desequilibra as contas públicas, como pode querer que haja crescimento económico? Isso é mesmo para enganar papalvos."

Alexandre não se deixou vencer.

"Pode incrementar o crescimento económico..."

"Como?"

"Injectando dinheiro na economia."

"Qual dinheiro? Não há dinheiro! Além do mais, insisto que nas últimas décadas têm sido injectados milhares de milhões de euros na economia portuguesa e quase não houve crescimento económico." Fez um esgar, pensativo. "Talvez se pudesse baixar o IRC, como fez a Irlanda nos anos noventa, mas isso só seria eficiente com outras reformas impopulares, como tornar mais fáceis os despedimentos, de modo que quem tenha dinheiro queira abrir empresas em Portugal e assim criar riqueza."

"A lei laboral já foi flexibilizada em 2012."

"É verdade. Mas é ainda preciso fazer outras coisas que o poder não tem conseguido ou querido mudar, como tornar a justiça célere e eficiente, desburocratizar o país a sério, combater a corrupção com legislação eficiente, manter as leis fiscais simples e estáveis durante muito tempo... enfim, um rol de reformas susceptíveis de tornar o investimento interessante e seguro. Qual é o investidor estrangeiro que quer investir em Portugal e assim criar emprego se vê que os impostos lhe comem os lucros, que são precisos quatro anos para obter uma licença, que tem de contratar os arquitectos e os construtores amigos dos governantes ou dos autarcas para conseguir que lhe aprovelem os projectos, que se tiver de processar alguém o assunto se arrastará quinze anos nos tribunais? Ninguém mete dinheiro num país assim!

Existe, porém, um grande medo de mudar e uma ideologia contra os empresários em Portugal que dificulta a alteração deste estado de coisas. Além do mais, os próprios empresários portugueses são em geral fracos e pouco ambiciosos, fruto do nosso débil sistema de educação."

"Não tenha dúvida de que os empresários têm grandes culpas no cartório."

Filipe fez uma careta.

"Sem dúvida", reconheceu. "Mas não são só eles. Além do mais, e para lá da enorme dívida pública, existe uma dificuldade muito mais séria a travar o nosso crescimento."

Meteu a mão ao bolso e extraiu uma caneta. Virou o envelope que não largara desde que havia chegado a Portugal e, na face limpa, rabiscou uma equação.

$$\Delta \text{ PIB} = \Delta \text{ População} + \Delta \text{ Produtividade}$$

"Isso é um delta", constatou Tomás, reconhecendo o triângulo do alfabeto grego. "Significa variação, não é?"

"Isso mesmo", confirmou o amigo. "A variação do PIB depende da variação da população e da variação da produtividade." Pousou a ponta do dedo na última palavra da equação. "Começemos pela produtividade." Voltou-se para Alexandre. "O que é uma pessoa pouco produtiva?"

O passageiro do banco traseiro riu-se; a resposta parecia-lhe óbvia.

"É alguém que trabalha pouco, claro."

Voltando a meter-se na conversa, Tomás abanou negativamente a cabeça.

"Errado", disse o historiador. "Uma pessoa pode trabalhar com uma dedicação intensa durante quinze horas por dia e ser pouco produtiva, enquanto outra pessoa pode trabalhar apenas duas horas e ser muito produtiva."

A correcção surpreendeu Alexandre.

"O quê?!", contestou. "Que disparate!"

"Pode acreditar", insistiu Tomás. "A produtividade refere-se ao valor do produto criado pelo trabalho, não à quantidade de trabalho. Os Portugueses, por exemplo, trabalham mais do que os Alemães, mas são menos produtivos. Porquê? Porque enquanto um português gasta trinta dias de trabalho para produzir cem garrafas de vinho de dez euros cada, um alemão gasta vinte dias para produzir um Mercedes. Só que o Mercedes vale cem mil euros, enquanto as cem garrafas de vinho valem mil. Ou seja, e apesar de ter trabalhado menos dez dias, o alemão é mais produtivo porque o produto que ele fabricou vale mais do que o produto do português."

"Nem mais", concordou Filipe. "Acontece que, para termos crescimento económico, precisamos de aumentar a produtividade, isto é, temos de fazer coisas de maior valor para o mercado internacional. O problema é que o nosso sistema de educação é fraco, com índices baixíssimos de aproveitamento em Matemática, e as pessoas não estão a aparecer convenientemente qualificadas nas áreas científicas e tecnológicas."

"Sim, e o estado apenas ajuda o sector de bens não-transaccionáveis, enquanto o sector de bens transaccionáveis, que é o que produz a riqueza, ficou ao abandono", apressou-se Tomás a acrescentar. "Além do mais, os estudos mostram que o investimento privado cria mais riqueza do que o investimento público, mas em Portugal o estado faz crowding out do dinheiro da banca, deixando pouco para os privados. Sem dinheiro os privados não investem. Sem investimento... adeus crescimento!" Acenou como se se despedisse. "Temos de aumentar a produtividade se quisermos ter crescimento económico."

Filipe apontou para a equação que redigira no envelope que segurava com os dedos.

$$\Delta \text{ PIB} = \Delta \text{ População} + \Delta \text{ Produtividade}$$

"Atenção que a produtividade é apenas um dos elementos da equação", lembrou. "O outro é a população. Se queremos ter crescimento económico, precisamos de crescimento populacional."

O historiador fez com a mão um gesto vago no ar.

"Qual crescimento populacional?", perguntou. "A população portuguesa está a diminuir! À

entrada da década de 2010, por exemplo, cada casal em Portugal tinha em média um virgula três filhos, muito abaixo dos dois virgula um necessários para garantir a substituição das gerações. Pior ainda, nessa mesma altura as populosas gerações do pós-guerra entraram em idade de reforma, engrossando drasticamente o número de pensionistas no país. Não estamos a ter crescimento populacional, mas decréscimo."

"O que quer dizer que há menos população activa a produzir riqueza para distribuir pela crescente legião de velhos, com as suas reformas e cuidados de saúde caros", atalhou Filipe. "E, como muito bem observaste, o índice de natalidade baixou dramaticamente. Vinte e seis por cento da população portuguesa no início da década de 2010 era idosa, um valor verdadeiramente astronómico. Prevê-se que essa taxa atinja em 2050 quase os sessenta por cento."

Alexandre passou a mão pelo cabelo.

"A sério?", scandalizou-se. "Sessenta por cento da população será idosa?!"

"Pois é! Quem é que vai pagar as pensões e os cuidados de saúde cada vez mais caros dessa malta toda? Como é possível ter crescimento económico nessas condições? Repare que a economia pode crescer apesar do problema demográfico, mas para isso seria necessário que a produtividade fosse alta, da mesma maneira que é possível crescer com produtividade baixa, desde que o crescimento demográfico seja grande. Porém, não é possível crescer com baixa produtividade e recuo demográfico."

"A culpa aqui não é só dos políticos", observou Tomás. "A culpa é de cada um de nós, que evita ter filhos. Estamos a cavar a nossa própria sepultura!"

"Em última instância, nós é que somos os verdadeiros culpados de tudo o que se está a passar", concordou Filipe. "Nós é que votamos em políticos que aumentam a despesa, nós é que passamos a vida de mão estendida para o estado, nós é que não estamos a garantir a substituição das gerações e andamos a construir um futuro de velhos."

"Por vezes tendemos a ignorar a história das coisas e fazemos mal", disse o historiador. "É preciso ter presente que as premissas do estado social foram estabelecidas nos anos cinquenta, numa altura em que havia poucos velhos e a esperança de vida era de sessenta e cinco anos. Estabeleceu-se essa idade de reforma na convicção de que pouca gente viveria mais do que isso. Mas com a melhoria das condições de vida e os avanços da medicina a esperança de vida aumentou. Entre 1960 e hoje ela cresceu quinze por cento em Portugal. Além do mais a natalidade caiu. Com a inversão da pirâmide etária, o sistema está à beira de se desmoronar."

"Lá diz o velho princípio de economia", insistiu Filipe, "o que é insustentável não se sustentará."

Os olhos de Tomás largaram a auto-estrada e fixaram pelo retrovisor o companheiro de viagem do banco traseiro.

"Daí que estejam a cortar a pensão à minha mãe, percebeu?"

Sentado ao seu lado, o velho amigo do liceu apontou-lhe o indicador.

"Estás preocupado com a tua mãe?", admirou-se Filipe. "Deias era estar preocupado contigo!" Pousou a mão no peito. "E comigo." Indicou Alexandre atrás. "E com ele. A tua mãe ainda tem gente que cria alguma riqueza que lhe é entregue em forma de pensão de reforma, mesmo com um corte como o que agora ela sofreu. Os idosos queixam-se hoje destes cortes, que são realmente frios e cruéis, mas o que eles estão a passar não é nada comparado com o que nós vamos passar. Em 1960 havia cem jovens para cada vinte e sete idosos, agora há cem

jovens para cerca de cento e trinta idosos. Quem vai criar riqueza para nos pagar a reforma quando chegarmos a essa idade e metade da população do país for velha como nós? Quem?"

"Só se for a imigração em massa", retorquiu Tomás. "De outra maneira..."

"Só se for a imigração", assentiu Filipe, balouçando afirmativamente a cabeça. "Embora apenas os imigrantes pouco qualificados estejam interessados em vir para este país, claro. Como é bom de ver, esses criam pouca riqueza.", Fixou o olhar na vegetação que corria à beirada da estrada. "O importante, meus caros, é perceber que não temos de momento condições para combater o défice pela via do crescimento económico. Assim sendo, só podemos enfrentar o problema do défice através da redução da despesa e de reformas estruturais, que são penosas mas que nos tornam competitivos a médio ou longo prazo. Os países escandinavos e a Alemanha, que produzem muito mais riqueza do que nós e apesar de tudo dispõem de maiores taxas de natalidade, em vez de se meterem na conversa fiada do crescimento económico para nada fazerem já cortaram a sério no seu estado social e nos salários. Também é esse, receio bem, o nosso caminho."

A observação era sombria, mas Tomás não parecia perturbado. A sua preocupação, na verdade, já era outra. Apercebeu-se da saída para a estação de serviço de Pombal e de imediato virou o volante e abandonou a auto-estrada.

Tal como a economia, o depósito de combustível tocara no fundo.

Os olhos de Tomás largaram a auto-estrada e fixaram pelo retrovisor o companheiro de viagem no banco traseiro.

"Daí que estejam a cortar a pensão à minha mãe, percebeu?"

Sentado ao seu lado, o velho amigo do liceu apontou-lhe o indicador.

"Estás preocupado com a tua mãe?", admirou-se Filipe. "Deias era estar preocupado contigo!" Pousou a mão no peito. "E comigo." Indicou Alexandre atrás. "E com ele. A tua mãe ainda tem gente que cria alguma riqueza que lhe é entregue em forma de pensão de reforma, mesmo com um corte como o que agora ela sofreu. Os idosos queixam-se hoje destes cortes, que são realmente frios e cruéis, mas o que eles estão a passar não é nada comparado com o que nós vamos passar. Em 1960 havia cem jovens para cada vinte e sete idosos, agora há cem jovens para cerca de cento e trinta idosos. Quem vai criar riqueza para nos pagar a reforma quando chegarmos a essa idade e metade da população do país for velha como nós? Quem?"

"Só se for a imigração em massa", retorquiu Tomás. "De outra maneira..."

"Só se for a imigração", assentiu Filipe, balouçando afirmativamente a cabeça. "Embora apenas os imigrantes pouco qualificados estejam interessados em vir para este país, claro. Como é bom de ver, esses criam pouca riqueza.", Fixou o olhar na vegetação que corria à beirada da estrada. "O importante, meus caros, é perceber que não temos de momento condições para combater o défice pela via do crescimento económico. Assim sendo, só podemos enfrentar o problema do défice através da redução da despesa e de reformas estruturais, que são penosas mas que nos tornam competitivos a médio ou longo prazo. Os países escandinavos e a Alemanha, que produzem muito mais riqueza do que nós e apesar de tudo dispõem de maiores taxas de natalidade, em vez de se meterem na conversa fiada do crescimento económico para nada fazerem já cortaram a sério no seu estado social e nos salários. Também é esse, receio bem, o nosso caminho."

A observação era sombria, mas Tomás não parecia perturbado. A sua preocupação, na

verdade, já era outra. Apercebeu-se da saída para a estação de serviço de Pombal e de imediato virou o volante e abandonou a auto-estrada.

Tal como a economia, o depósito de combustível tocara no fundo.

Fez duas chamadas sucessivas para o número de telefone e o facto de ninguém ter atendido deu-lhe a indicação segura de que o apartamento estava deserto. Essa era, de resto, a conclusão a que já havia chegado após duas horas a vigiar o edifício.

Manejando com destreza a chave-mestra, Decarabia forçou a fechadura e a porta do apartamento do segundo esquerdo abriu-se com um clique metálico.

"Correio!", anunciou, a cabeça espetada pela entrada a espreitar o interior. "Está alguém em casa?"

Como era de esperar, ninguém respondeu. A pergunta, aliás, só tinha sido lançada como medida adicional de segurança. Confiante de que não haveria surpresas, o intruso fechou a porta atrás dele e começou a revistar o apartamento. Procedeu metodicamente, iniciando a busca pela sala e terminando nos quartos de banho. Era por de mais evidente que estava num espaço masculino, a que faltava o toque artístico de uma mão de mulher. Não havia flores nem nenhum objecto de decoração para além de uns quantos souvenirs de viagem e das mais diversas velharias, um Buda tibetano assente numa coluna, uma placa com hieróglifos sobre a estante, um velho pergaminho com caracteres hebraicos pregado à parede, um boomerang aborígine australiano pousado no estirador, um vaso cheio de moedas romanas antigas.

Decarabia vasculhou nas gavetas, nos armários e até nos colchões, mas nada encontrou de relevante para além de fotografias. Viu espalhadas pelos móveis imagens emolduradas de uma menina com síndrome de Down, a foto de uma mulher com sardas, possivelmente a mãe da menina, um cliché antigo mostrando um casal com uma criança, decerto o morador do apartamento quando era criança a posar com os pais, e algumas fotos de um homem em diferentes pontos do planeta, aqui diante das pirâmides de Guiza, ali rodeado de gelo num cenário polar, acolá à frente do Potala em Lhasa, no outro lado a deambular pelo bairro muçulmano da cidade velha de Jerusalém.

Sentou-se no sofá, sacou do telemóvel que tinha no bolso e digitou o número.

"O nosso alvo não está em casa, grande Magus", disse logo que uma voz atendeu do outro lado. "Aliás, o apartamento está deserto."

"Deserto como? Achas que fugiram?"

Decarabia fez uma careta céptica.

"Não, isso acho que não. Dá a impressão de que simplesmente se ausentaram. Uma fuga em cima da hora implicaria sempre uma certa confusão." Passou os olhos pelo espaço em redor. "Está tudo demasiado arrumado para isso."

A voz na linha pareceu descontrair-se.

"Ainda bem", disse. "Então o que vais fazer agora?"

"Montar-lhes uma emboscada, claro."

"Perfeito." Fez uma pausa e ouviu-se o som de papéis a serem remexidos. "Olha, tenho aqui a identificação do amigo."

"Já sei. É um historiador qualquer que foi colega dele no liceu. Quando vos enviei a imagem registada pela câmara da máquina multibanco disseram-me que..."

"Isso foi a identificação sumária que te deram", disse Magus. "Mas chegou-me agora um relatório completo sobre esse fulano e... com franqueza, fiquei preocupado."

O recurso a esta última palavra por parte do seu interlocutor surpreendeu Decarabia.

"Preocupado, grande Magus? Porquê?"

"Esse tipo significa sarilhos", foi a resposta. "Tem cara de vedeta de cinema e um currículo de menino betinho, mas pelos vistos já esteve envolvido em operações muito delicadas." Baixou a voz. "Coisas com a CIA, se é que me entendes. Até com a Interpol."

O olhar do intruso colou-se à fotografia assente na mesinha ao lado do sofá e que mostrava o proprietário do apartamento a sorrir diante do Palácio da Potala, no Tibete.

"Este gajo?"

"Sim. Tens de ter muita atenção com o fulano. Não foi por acaso que o nosso amigo lhe pediu ajuda. Parece que esse professor Noronha já lhe tinha dado uma mãozinha num caso que ocorreu há uns anos. Se não tivermos cuidado, o nosso projecto pode estar em causa."

A atenção de Decarabia manteve-se fixa no rosto sorridente da fotografia, tentando ler o que a imagem não lhe dizia. "Mas ele não é historiador?"

"Afirmativo."

O operacional coçou a cabeça, sem perceber como poderia um simples historiador constituir uma ameaça, por menor que fosse.

"Ele trabalhou com a CIA e com a Interpol? Isso significa que tem formação específica em combate..."

"O tipo não é perigoso em combate, Decarabia. Mas parece que se trata de um crânio, um ás a resolver problemas complexos. Foi aos seus talentos intelectuais que a CIA e a Interpol recorreram e são eles que nos podem criar dificuldades sérias, não os músculos."

"Um crânio, grande Magus?" Voltou a coçar a cabeça, desconcertado, a tentar retirar um sentido do que lhe era dito. "Hmm... tem ao menos conhecimentos tácticos em operações?"

"Que eu saiba não."

"Então qual é exactamente o problema?"

"O gajo é mais esperto do que tu e eu juntos, ouviste? Foi-me descrito como um adversário formidável, rápido a pensar e fulminante a agir, capaz de improvisar perante o imprevisto e de dar a volta às situações mais desfavoráveis. Tens de ter o máximo cuidado com ele, percebes?"

O intruso respirou fundo; o seu superior hierárquico não podia ter sido mais claro.

"Que lhe devo fazer?"

"Mata-o", foi a resposta imediata. "Antes mesmo de capturares e interrogares o nosso alvo, elimina esse gajo. Não lhe dês oportunidade para criar sarilhos, ouviste?"

O olhar de Decarabia voltou a descer para a fotografia pousada na mesinha ao lado do sofá. Semicerrou os olhos e gravou na memória o rosto que de Lhasa ainda lhe sorria.

"Sim, grande Magus."

Desligou o telemóvel, guardou-o no bolso e levantou-se. Deu três passos e encostou-se à janela da sala. As cortinas brancas estavam corridas para os lados, expondo-o aos olhares de fora. Puxou as cortinas para o centro e, sentindo-se invisível, espreitou enfim para o exterior. Via-se a rua e o passeio lá em baixo. Impossível alguém passar por ali sem que ele desse por isso. Desceu as mãos para o cinto, tirou a pistola, verificou as munições e destravou a cavilha de segurança.

Estava pronto.

A porta da garagem do prédio abriu-se com um zumbido eléctrico. Depois de terem largado Alexandre no Campo Pequeno, Tomás e Filipe dirigiram-se para casa. O Volkswagen azul desceu a rampa da garagem e, como habitualmente, parcou no lugar reservado ao morador do segundo esquerdo. Depois de se certificar de que não se esquecera de nada no carro, o historiador trancou o automóvel e conduziu o seu convidado pelo corredor até à porta interior que levava à escadaria do prédio.

Puxou a maçaneta, mas a porta não se abriu.

"Porra, está trancada!", constatou com um esgar de contrariedade. "Esqueci-me da chave em casa..."

"Então o que fazemos?"

O anfitrião suspirou com irritação, tentando manter a paciência perante a contrariedade; não se tratava de nada grave, como era evidente, mas dispensava a volta que agora teriam de dar pelo exterior do edifício.

"Temos de sair pelo portão e entrar pela porta principal", disse com resignação, fazendo ao amigo um gesto para que ele o seguisse. "Anda."

Per correram o corredor em sentido contrário e dirigiram-se ao portão da garagem do prédio. Tomás carregou num interruptor e o portão voltou a abrir-se. Saíram para o passeio e dirigiram-se para a entrada principal do prédio. O historiador olhou para o amigo e viu-o ainda agarrado ao mesmo envelope de sempre.

"Olha lá", gracejou. "Casaste com esse envelope?"

"É um dossiê que preparei", explicou Filipe. "Não me posso separar dele."

"Um dossiê sobre quê?"

"São informações relacionadas com o processo no qual estou envolvido."

"É por causa disso que andas fugido?"

O olhar do amigo toldou-se com uma sombra fugaz.

"Também", disse num tom velado, cheio de subentendidos. "Não só, mas também."

Tomás achou que não devia fazer mais perguntas; se o companheiro dos tempos do liceu nada ou pouco dissera sobre as circunstâncias da sua presença ali, lá teria as suas razões. A ele, Tomás, cabia apenas o dever de o ajudar na sua hora de necessidade e confiar que não se envolveria em sarilhos, embora quanto a isso não tivesse tanta certeza. Se Filipe ali estava era justamente porque se metera em trabalhos, parecia evidente. Como poderia ter a certeza de que isso não viria de alguma maneira a afectá-lo? Na verdade, não havia quaisquer garantias. Só esperava que estivesse tudo dentro da lei e que o seu convidado não tivesse roubado nem matado ninguém. O pensamento provocou-lhe um arrepio, mas logo tentou sacudi-lo. Tinha a convicção de que Filipe não fizera nada ilegal. Se assim era, contudo, por que razão andava fugido e não fora à polícia? Vendo bem, era estranho, não era? Se tudo era legal, qual o problema de pedir ajuda à polícia?

"Desculpe, senhor, será que..."

Uma mulher idosa, de aspecto educado mas com a cabeça envolta num lenço, como se se quisesse esconder do olhar público, interpelou-o com a mão estendida a medo e a balbuciar alguma coisa que Tomás não entendeu bem.

"Perdão?"

"... para comer e..."

A mulher tinha lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto e nem chegou a terminar a frase. Baixou a cabeça e afastou-se em passo rápido, embaraçada pela vergonha. Estupefacto, sem capacidade de reacção, ficou a vê-la afastar-se no seu passo curvado. Ao que as coisas estavam a chegar!, pensou, chocado; até pessoas de aspecto educado andavam a pedir esmola. Pelo aspecto, aquela mulher podia ser sua mãe ou sua tia e andava pela rua a implorar ajuda. O espanto e o desconforto levaram-no quase instintivamente a desviar os olhos para a janela do seu apartamento, como se buscasse a protecção de um lugar familiar que mantivesse intactos os pontos de referência.

Deteve-se diante da porta do prédio.

"Que estranho", murmurou, estreitando as pálpebras. "Muito estranho mesmo..."

"O quê?", quis saber o amigo. "Passa-se alguma coisa?"

Os olhos de Tomás mantinham-se colados à janela da sala do seu apartamento.

"Antes de sair de casa abro sempre as cortinas para deixar entrar o sol e fazer parecer que o apartamento está ocupado", observou. "Mas agora estão fechadas..."

"Deves ter-te esquecido de as abrir."

"Não esqueci não", devolveu o historiador com grande convicção. "Abri-as e agora estão fechadas."

Ficaram os dois um longo instante plantados diante da porta principal, voltados para a janela do segundo andar, os olhos fixos nas cortinas corridas, as mentes a laborarem como formigas para retirar as consequências do que acabavam de descobrir. As cortinas tinham sido abertas antes de saírem e nesse momento estavam corridas. Se não tinha havido esquecimento, como se explicava isso?

A cortina mexeu-se.

"Está ali alguém!", exclamou Tomás, estupefacto. "Viste? Está ali alguém!"

Entreolharam-se, confusos. Após uma breve hesitação, Filipe desatou a correr na direcção da rua.

"Foge!", gritou. "Foge!"

O historiador ainda vacilou. Então havia um desconhecido em sua casa e ele é que fugia? As prioridades pareciam-lhe trocadas, mas o alarme do amigo e as estranhas circunstâncias em que ele lhe aparecera constituíam indício evidente de que algo de anormal se passava. Se Filipe lhe dizia que fugisse, teria com certeza boas razões para isso. Na dúvida, o melhor era seguir o conselho.

Tomás começou a correr, mais no encalço do amigo do que propriamente para escapar do que quer que fosse. Filipe já ia lá à frente, mas não parecia em forma e depressa o alcançaria. Acelerou a passada e, quando estava quase a apanhá-lo, sentiu um zumbido rente ao ouvido e, acto contínuo, ouviu um estampido atrás dele. Virou-se e vislumbrou um homem de negro a correr na sua direcção com um objecto fumegante na mão.

Uma pistola.

A constatação de que alguém o perseguia e acabara de o alvejar deixou-o estarrecido. Não havia dúvidas, Filipe tinha de facto boas razões para fugir. Não era propriamente a melhor hora para indagar o que se passava, mas à primeira oportunidade o amigo teria de lhe explicar em pormenor os sarilhos em que o metera. No entanto, primeiro urgia escapar à mira do

perseguidor.

Assustado com o zumbido que cortara o ar mesmo ao lado dele, correu mais depressa e apanhou Filipe, que tinha a respiração pesada e evidentemente não seria capaz de prolongar o esforço muito mais tempo. Atirou um olhar de relance para trás e viu o homem de negro mais próximo; não era preciso ser muito perspicaz para perceber que em breve os alcançaria.

Olhou em redor e detectou uma farda azul na berma da rua; era um barrigudo da PSP.

"Senhor guarda!", berrou, chamando a atenção do polícia. "Senhor guarda, estamos a ser perseguidos!" Apontou para trás. "Aquele homem! Aquele homem vem armado!"

O polícia olhou na direcção indicada e, para seu espanto, constatou que assim era. Empertigou-se e, puxando as calças para cima da pança vasta, pôs-se a caminhar na direcção do desconhecido, de apito na boca e modos plenos de autoridade.

"Co'a breca, alto!", ordenou, levantando a mão como se quisesse parar o trânsito. "O senhor venha cá, se faz favor! Identifique-se!"

Tomás viu o desconhecido abrandar e sentiu um frémito de alívio percorrer-lhe o corpo. Felizmente aquela situação bizarra terminara e poderia enfim apurar o que se passava; o amigo teria muitas explicações a dar.

Sentiu algo puxá-lo pela mão.

"Anda! Foge!"

Voltou-se e viu Filipe, o pânico ainda a colorir-lhe a expressão do rosto.

"Tem calma", disse-lhe. "O polícia já o..."

Escutou nesse instante um novo estampido vindo lá de trás e voltou-se para perceber o que acontecera. Viu o polícia estendido no chão de barriga para o ar, a nuca desfeita numa massa de sangue e massa encefálica, e o desconhecido a correr de novo na direcção deles com a pistola fumegante na mão.

"O gajo... o gajo matou-o!"

Filipe voltou a puxá-lo, a voz tingida de medo. "Foge, caraças! Foge!"

Recomeçaram a correr e agora Tomás tinha a perfeita convicção de que corria para salvar a vida. Não só o desconhecido o alvejara como, sobretudo, abatera um polícia a sangue-frio no meio da rua e à luz do dia. Quem fazia uma coisa dessas, sabia, faria muito mais. A ameaça era séria.

Várias pessoas vinham em sentido contrário e viu-se forçado a ziguezaguear entre elas. No instante em que o fez sentiu um novo zumbido perto da orelha e escutou outro estampido. Fora mais uma vez alvejado. Em boa hora mudara de direcção, caso contrário com toda a probabilidade teria sido atingido. Estranhou momentaneamente o novo disparo na sua direcção; dava a impressão de que ele próprio era o verdadeiro alvo do perseguidor, não o seu amigo, mas o momento não lhe parecia adequado para reflectir, apenas para correr e escapar-se.

Atirou um novo olhar para trás. O desconhecido em breve apanhá-los-ia, não só porque parecia muito ágil mas também porque Filipe já dava as últimas; o amigo estava ofegante, tinha os pulmões exangues e perdia rapidamente o fôlego. Só um golpe de asa lhe permitiria escapar com vida.

Olhou para a rua, desesperado, à procura de um táxi. O trânsito estava imobilizado por causa de um semáforo vermelho e não havia qualquer táxi livre à vista. Para compensar, viu um jovem sentado numa Kawasaki encarnada de aspecto potente, com rodas grossas e dois grandes

tubos de escape.

Estava ali o golpe de asa.

"Anda daí!"

Agarrou em Filipe e puxou-o na direcção da moto. Quando se abeirou dela desferiu um murro inesperado nos rins do motociclista, que se contorceu com dores, e fê-lo saltar da Kawasaki. Ajudou o amigo a montar, saltou para a posição de piloto e arrancou com um rugido furioso e tanta fúria que quase empinou a moto. Controlou-a de imediato e, em ziguezague entre os automóveis, passou o semáforo vermelho entre um coro desordenado de buzínadelas.

"Ufa!", bufou. "Já nos safámos!"

Espreitou brevemente para trás, de modo a verificar a posição do perseguidor, e vislumbrou o vulto negro junto a outro motociclista parado à espera do verde. Seria possível que ele continuasse a perseguição? Precisava de se certificar, mas não tinha modo de o fazer, a condução da moto requeria toda a sua atenção.

"Que se passa?", quis saber Filipe, gritando para se fazer ouvir sobre o ronco da Kawasaki e do vento. "Está tudo bem?"

"Vê o que o tipo está a fazer!"

Sentiu o amigo voltar-se para trás e aguardou as novidades. Elas não tardaram.

"O gajo vem atrás de nós!", berrou Filipe, de novo o pânico a dominar-lhe a voz. "Mais depressa!"

Não era fácil acelerar pelas ruas de Lisboa, mesmo estando elas menos congestionadas do que no passado, até porque havia já alguns anos que Tomás não pegava numa moto e sentia que lhe faltava prática. Apesar disso carregou um pouco mais no acelerador e sentiu que ganhava confiança e destreza a cada minuto que passava; era um pouco como andar de bicicleta, depois de se aprender nunca mais se esquecia.

"Então?", atirou para trás. "Já o despistámos?"

"Não. Tens de ir ainda mais depressa!"

Mais depressa?, interrogou-se Tomás. Como? Mais veloz do que aquilo parecia-lhe impossível, ou pelo menos imprudente. Sentia o vento esbofetear-lhe a cara e esforçava-se por encontrar um compromisso entre velocidade e agilidade, imprescindível para manter um mínimo de segurança, mas o facto é que a Kawasaki levava duas pessoas e isso, dando um peso extra ao veículo, roubava-lhe equilíbrio e atrasava-os alguns metros preciosos. Como poderia ser mais rápido?

"Mais depressa!"

A voz de Filipe transmitia urgência e Tomás percebeu que a fuga não se poderia arrastar até que um deles ficasse sem combustível. Isso dar-lhe-ia uma hipótese em duas de ser apanhado; não podia entregar-se a esse tipo de probabilidades. Aliás, antes disso seria decerto apanhado; o outro vinha só na moto e tinha assim maior liberdade de movimento. Precisava de um plano. Mas qual? O que poderia fazer? Por mais que carregasse no pedal, o perseguidor não desgrudava; parecia uma carraça.

Aceleravam pela Avenida da Índia e percebeu que se aproximavam do Cais do Sodré. Como por encanto, ou mais provavelmente devido à pressão das circunstâncias, uma ideia começou a formar-se na sua mente.

Um plano.

"O tipo que está atrás de nós", atirou para o companheiro nas suas costas, "é português ou vive em Portugal?"

"Quem? O pistoleiro?"

"Sim. Ele é de cá?"

"Não, claro que não. É de certeza um estrangeiro. Porquê?"

Tomás não respondeu. Desrespeitou o semáforo vermelho situado diante do Cais do Sodré, evitou o trânsito que vinha do outro lado e meteu pela Ribeira das Naus até ao Terreiro do Paço, confiante de que o arrojo da manobra lhe tinha conquistado alguns segundos valiosos. Olhou para a direita e apercebeu-se de que um cacilheiro estava colado ao cais flutuante e se preparava para iniciar a travessia do Tejo rumo à outra banda. Saltou com a moto para o passeio à frente do Cais das Colunas, acelerou até ao cais dos cacilheiros travou com um guincho diante do hangar de cal branca e suja, a roda traseira a girar em semicírculo como numa prova de motocross.

"Sai!", ordenou, empurrando apressadamente Filipe para fora da moto. "Espera por mim!"

O empurrão foi tão forte que o amigo caiu no chão.

"O que estás a fazer?"

Mais uma vez Tomás não lhe deu resposta, não porque não o quisesse fazer, mas porque não havia tempo. Rodou o manípulo do acelerador e arrancou com um novo rugido entre uma

nuvem arroxeadada que os tubos de escape cromados da Kawasaki exalaram num bafo, refazendo o caminho por onde viera.

O perseguidor apareceu diante dele.

"Agora nós", rosnou entre dentes. "Vamos ver se gostas de passar de caçador a caça!..."

Acelerou na direcção do desconhecido e sentiu-o hesitar, surpreendido e desconcertado com a mudança de tática da sua presa, agora transformada em predador. Tudo se passou tão depressa que o pistoleiro não teve tempo de agir. Tomás carregou sobre ele como uma bala e, no último instante, virou o guiador e, rodando no eixo, embateu com a roda traseira na moto do outro.

Por instantes o mundo deixou de fazer sentido, o alcatrão em cima e o céu azul em baixo, num momento estava sobre a Kawasaki e na fracção de segundo a seguir já rebojava pelo chão, projectado pelo impacto do embate. Rolou sobre si mesmo e ficou imóvel sobre o passeio, embalado pelos grasnidos melancólicos das gaivotas que descansavam sobre as colunas imersas na água.

Sentiu o corpo.

Após uma pausa em que permaneceu quieto no chão, quase receando mover-se, começou por verificar se os dedos mexiam. Assim era. A seguir tentou perceber se tinha alguma dor; tirando o corpo moído, parecia que estava bem. Depois mexeu os braços e a seguir as pernas; pareceu-lhe tudo normal.

Levantou-se devagar, quase a medo, e olhou na direcção do inimigo. O trânsito parara diante do Cais das Colunas, havia duas motos deitadas no meio da rua sobre uma grande mancha de óleo e viu o homem de negro sentado sobre o alcatrão, combalido com o choque. Não ficara knockout, percebeu Tomás com desânimo, mas estava aberta a oportunidade de que precisava.

Largou a correr, primeiro com prudência, uma vez que não tinha a certeza absoluta de ter saído ileso da colisão, mas quando constatou que estava tudo bem ganhou velocidade e dirigiu-se para o cais dos cacilheiros, uma centena de metros adiante. Deu com Filipe espedado à sua frente, atarantado e sem saber o que fazer, e apontou para o cacilheiro que se preparava para largar.

"Vamos!", disse. "Depressa!"

"Mas... mas... não temos bilhete."

Se não estivesse a correr, Tomás teria revirado os olhos. Quem diabo pensaria em comprar bilhetes numa altura daquelas? Se tivessem de pagar uma multa, pagariam! Que interessava isso perante o homem que andava aos tiros atrás deles para os matar?

"Corre!"

Puxou-o pelo braço, mas nesse instante sentiu-o desfalecer.

"Agh!..."

Ouviu um estampido distante e percebeu que o amigo tinha sido atingido; como sempre, a bala chegara antes do som da detonação da pistola.

"Filipe!", chamou, fazendo força para o obrigar a erguer-se. "Levante!"

Pegou-lhe pela nuca e virou-lhe a cara; estava pálido e os olhos reviravam-se nas órbitas, como uma bússola que tivesse perdido o norte, mas ainda não largara o precioso envelope; devia ser coisa importante, raciocinou Tomás, admirado com a tenacidade com que o amigo segurava

o sobrescrito. Espreitou e viu uma mancha vermelha a crescer e a empapar-lhe as costas. Tinha sido atingido ali.

Levantou a cabeça e varreu o horizonte. Viu o homem de negro ao fundo, em pé e a caminhar na sua direcção. Parecia arrastar a perna esquerda, mas isso pelos vistos não o travava. Virou-se para o lado e apercebeu-se de que o cacilheiro ia partir dentro de segundos. O amigo permanecia prostrado, entre a consciência e a inconsciência. E era evidente que precisava de cuidados médicos urgentes. O que fazer? Pensou em procurar ajuda, mas apercebeu-se de que o pistoleiro se aproximava, devagar mas inexoravelmente. Estava fora de questão permanecer naquelas paragens.

Respirou fundo e levantou Filipe com o esforço de um halterofilista numa final olímpica.

"Uuuuupa!"

Era pesado o amigo; não admirava que estivesse tão em baixo de forma. Devia comer como um lorpa, o lambão! Caminhando como um ébrio, o peso do corpo que transportava a coarctar-lhe os movimentos, arrastou-se até ao cais e, com um derradeiro e supremo esforço, conseguiu saltar para o cacilheiro.

Já a embarcação tinha partido em direcção a Cacilhas quando os passageiros se aperceberam de que um dos dois últimos passageiros a entrar, aquele que parecia adormecido, tinha afinal as costas em sangue. Os tripulantes quiseram dar meia volta, nem pensar em prosseguirem naquelas condições, mas Tomás explicou que não podia ser, o amigo fora baleado e o atacante estava à espera deles junto ao cais; voltar ao ponto de partida era entregá-los ao assassino.

Tudo aquilo parecia aos tripulantes fruto de uma imaginação demasiado fértil, coisa de alucinado, um enredo de filme americano, mas o estado do passageiro ferido e a mancha de sangue no chão constituíam a prova de que algo de grave realmente acontecera e acabaram por aceitar seguir viagem.

O elemento da tripulação com mais responsabilidades recolheu à cabina e, instantes depois, a sua voz encheu os altifalantes do cacilheiro.

"Senhores passageiros, a vossa atenção", pediu. "Se houver algum médico a bordo, faça o favor de se apresentar à tripulação com a maior urgência. Obrigado."

Por momentos ninguém se mexeu, todos na expectativa de haver algum médico no cacilheiro, até que uma senhora de meia-idade abriu caminho entre os passageiros e aproximou-se do espaço onde Tomás e dois tripulantes se encontravam, com Filipe estendido a seus pés.

"Chamo-me Avelina e sou enfermeira no Hospital de Santa Maria", apresentou-se a mulher. "Como pelos vistos não há nenhum médico, talvez eu possa ajudar."

A oferta foi prontamente aceite. Avelina ajoelhou-se ao lado do ferido e franziu o sobrolho perante o taser que ele escondia no cinto, mas nada disse. Com uma tesoura rasgou a camisa para expor as costas ensanguentadas. À falta de água fervida, pediu água mineral e lavou as costas de Filipe até expor um pequeno buraco escuro na região lombar; tratava-se evidentemente do ponto por onde a bala entrara. Estudou a ferida com atenção e, voltando-se para a cabeça, analisou os olhos mortícios do paciente.

"Então, senhora enfermeira?", quis saber Tomás, ansioso. "O que acha disso?"

Avelina suspirou.

"Embora tenha tido há uns anos uma experiência de alguns meses nos politraumatizados,

hoje em dia trabalho sobretudo em pediatria", explicou. "Por isso, acho prudente não fazer nenhum diagnóstico."

A escusa não era aceitável para o historiador.

"Sim, mas o que lhe parece? Ele safa-se?"

A enfermeira mordeu o lábio inferior, relutante em exprimir o que pensava, mas ao mesmo tempo percebia que alguma coisa teria de dizer.

"O senhor é familiar?"

"Não, sou amigo", impacientou-se ele, a irritação a transparecer-lhe na voz. "Diga lá o que se passa."

Avelina encolheu os ombros; se lhe pediam com tanta insistência um diagnóstico, ela dá-lo-ia.

"É impossível ter certezas", acabou por dizer. "É preciso fazer-lhe uma TAC para ver quais as áreas que a bala perfurou." Hesitou. "Mas se o projectil lhe destruiu o fígado, o baço ou o pâncreas... enfim, isso não é nada bom."

"O que quer dizer exactamente com 'nada bom'?"

Ela voltou a titubear.

"Pode não sobreviver."

O olhar de Tomás desviou-se para o amigo. Custava-lhe acreditar num desfecho daqueles. Seria possível que Filipe tivesse vindo ter com ele a pedir ajuda e acabasse por... por morrer?

"Ele está inconsciente?"

A mão da enfermeira dançou de um lado para o outro. "Meio cá meio lá", disse. "Mas deve ser possível despertá-lo totalmente em caso de necessidade."

Tomás respirou fundo.

"Então faça-o", pediu. "Preciso de falar com ele."

O cais de Cacilhas estava bem à vista do cacilheiro e a embarcação preparava-se já para iniciar as manobras de acostagem quando a enfermeira Avelina se voltou para Tomás e lhe fez sinal de que se aproximasse. O historiador acocorou-se junto à cabeça de Filipe e viu-lhe os olhos acesos de vida. Estava desperto apesar da expressão nublada que lhe turvava o rosto pálido.

"Então pá? Como vai isso?"

O ferido forçou um sorriso.

"Já estive melhor", gracejou com voz débil. "O sacana apanhou-me, hem?"

"Sim", confirmou. "Mas vamos agora ao hospital e já vão tratar de ti, fica descansado. Daqui a uns dias estás porreirão. Vais até dar umas pinocadas às enfermeiras..."

Filipe voltou a sorrir, agora com mais naturalidade.

"Sempre foste um péssimo mentiroso, pá", murmurou. "E isso das pinocadas é mais contigo. Não é por acaso que a malta do liceu te chamava Casanova, grande malandrão." Desfez o sorriso e esboçou uma careta de contrariedade. "Que chatice, isto!" Todo ele estremeceu, como se alguma coisa tivesse acabado de ocorrer, e tentou levantar a cabeça, de repente alarmado. "O meu envelope? Onde está o meu envelope?"

O amigo acenou-lhe com o sobrescrito.

"Calma, está aqui!", disse. "É justamente por causa dele que queria falar contigo. Ao longo deste dois dias não o largaste de modo algum. Nem quando foste baleado. Não é preciso ser um génio para perceber que o conteúdo é precioso." Afinou a voz e aproximou-se mais da cabeça do antigo companheiro do liceu.

"Precisas que o mande a alguém?"

Filipe engoliu em seco e balançou afirmativamente a cabeça.

"Sim."

"Quem?"

O ferido ficou uns segundos calado, como se juntasse energia para responder.

"Ouve com atenção", pediu. "Há uns tempos, dois técnicos franceses de electrónica que trabalhavam na Comissão Europeia, em Bruxelas, vieram ter comigo para me pedir ajuda", disse, falando pausadamente. "Chamavam-se Éric Garnier e Hervé Chopin. Já tinham feito uns trabalhos comigo e sabiam que eu tenho uma ligação ao Tribunal Penal Internacional."

"Tens?"

"Sim, tenho. Era um segredo meu." Respirou fundo. "Não sei se sabes, mas o TPI abriu um processo por crimes contra a humanidade contra quem..."

"... tenha provocado a crise económica", completou Tomás. "Sim, ouvi isso nas notícias. Não me digas que estás envolvido!..."

"Mais do que gostaria", admitiu o amigo. "Graças ao Éric e ao Hervé. Eles andavam nervosos com um material que tinham em mãos. Um DVD, para ser mais exacto. Achavam que alguém os andava a vigiar e sentiam-se pouco seguros. Decidiram por isso entregar-me o DVD e desaparecer de circulação. Na altura não liguei muito, até porque estava mais envolvido no processo dos crimes contra a humanidade cometidos no Ruanda, mas depois li no jornal que eles foram encontrados mortos num apartamento de Nice com sinais de terem sido torturados."

"Assassinados, portanto."

"Claro. O jornal dizia que a polícia suspeitava de um ajuste de contas da máfia marselesesa, mas... hmm, não me cheira." Fez um novo esgar de dor e a voz tornou-se mais arrastada. "Percebi logo que eles afinal tinham razão para ter medo e que alguém andava mesmo atrás do material que tinham recolhido. Acontece que esse material estava agora na minha posse, era decerto o DVD. Fui ver o que lá se encontrava registado e... fiquei embasbacado. Perante o que ali encontrei caí em mim e tomei consciência de que a seguir viriam no meu encalço. Se o Éric e o Hervé tinham sido torturados, com certeza que se viram obrigados a falar no meu nome. Tinha de me pôr ao fresco. Fugi para Itália e..."

"Viste o DVD?"

Filipe assentiu.

"O conteúdo é explosivo."

O historiador passou os dedos pelo cabelo do amigo; tinha a fronte molhada e o suor deslizava-lhe em gotas pelas têmporas.

"Está bem", murmurou. "Quando ficares melhor vemos tudo isto. Agora vamos levar-te para o hospital e..."

Filipe abanou a cabeça com as poucas forças que lhe restavam; o olhar começava já a apagar-se.

"Não", sussurrou. "Tens de partir agora."

"Não digas disparates. Não vou a sítio nenhum."

"Tens... tens de partir." Respirou fundo, como se precisasse de recuperar o fôlego. "Eles... eles virão atrás de nós... atrás de ti. Se ficares, eles apanham-te. Entendes?"

"Não te preocupes com isso", tranquilizou-o Tomás. "Vou pedir a protecção da polícia e os tipos não se atreverão a..."

O ferido voltou a sacudir a cabeça.

"A polícia não pode nada", disse, a voz num fio. "Eles são demasiado poderosos. A tua... a tua única hipótese é partires imediatamente. Senão dão cabo de ti."

"Que disparate!..."

O peito de Filipe arfava, o fôlego nas últimas.

"Há uma pessoa que te pode ajudar". Fez uma pausa para recuperar energia. "Chama-se Raquel... Raquel de la Concha. Trabalha para a Interpol em Madrid." Desviou o olhar para o sobrescrito. "O número dela está no envelope." Fez um esforço para sorrir. "Quando a vires vais gostar dela." Nova pausa. "Diz-lhe que não vou poder levá-la à Disneylândia." Um sorriso débil desenhou-se nos seus lábios mas depressa se desfez. "Não confies em ninguém, ouviste? Em ninguém." Fez um esforço para inspirar e expirar. "Mas nela... nela podes confiar." Nova pausa. "Tens de encontrar o DVD e levá-lo para o Tribunal Penal Internacional. Vai ser essencial para... para..."

"Vamos os dois ter com a tua miúda."

Os olhos de Filipe já se reviravam nas órbitas, como se se aprestassem a perder o contacto com a realidade.

"Leva o dossiê que está no sobrescrito e lê-o", repetiu. "Leva o... o taser também. Podes precisar dele."

"Vamos os dois, já te disse. Não te abandono."

"Tens de partir", insistiu o ferido. "Não podes ficar aqui. Eles vêm aí e..."

"Achas que te vou deixar sozinho a enfrentá-los? Deves estar a brincar!..."

A expressão do rosto de Filipe recuperou momentaneamente vida e a sua atenção fixou-se no companheiro do liceu.

"Tens uma missão, soldado!", exclamou com súbita voz de comando, num derradeiro assomo de energia. "Cumpre-a!"

A ordem era remanescente das brincadeiras de juventude entre ambos e Tomás sabia que havia um acordo tácito que recuava a esses tempos, o entendimento de que para tais palavras não havia recurso nem recuo. Uma vez proferidas, a missão estava entregue. Claro que aquilo eram brincadeiras de moços entediados, coisas que no complexo mundo dos adultos não tinham o mínimo valor, mas...

"Onde encontro esse famoso DVD?"

O ferido tentou falar, mas nenhum som lhe saiu da boca. Em desespero, desviou os olhos para o grosso envoltório que o antigo companheiro do liceu lhe tinha entre os dedos e, a mão trémula, quase descontrolada, apontou para a cifra rabiscada numa face.

GOsAnSEC
OTat+&AR
HERTATO.
OVSANSMB

Acto contínuo, a mão tombou no chão e o olhar ausentou-se. Ao perceber que nesse momento se encontrava sozinho, Tomás reprimiu um soluço. Os olhos de Filipe Madureira estavam im móveis, esvaziados de sentido, a fitar um p onto no infinito, paralisados com a expressão vidrada daqueles que tinham ptinham perdido a vida.

Com um gesto ter no, Tomás passou-lhe os deedos pelo rosto, numa derradeira caríciia. Depois pegou no envel lope e no taser pousados ao seu lado e ergueu-se devagar, com respeito mudo. Endireitou-se e, sempre fiel aos rituais da juventude e, colocou a mão às têmporas e reproduziu a continência que faz zia sempre que brincavam às charadas n nas longínquas férias de Verão.

"Sim, meu capitão!"

Um burburinho miúdo enchia a grande sala onde se espalhavam os homens de fato e gravata à conversa uns com os outros enquanto aguardavam o começo da reunião. Uns riam, outros pareciam sisudos, alguns consultavam documentos. Sentado ao centro da grande mesa oval, Magus consultou o relógio. Eram três e vinte e cinco da tarde; daí a cinco minutos daria início formal ao encontro.

Sentiu uma mão pousar-lhe no ombro e virou-se para ver quem o interpelava.

"Peço desculpa", disse o seu homem de confiança em tom obsequioso. "Está ali uma chamada para si."

Magus indicou o telefone negro pousado diante dele, sobre a mesa.

"Então passa-a."

O subordinado fez um sinal subtil com os olhos.

"Receio que não seja uma conversa adequada para este local", explicou veladamente. "Se me permite, aconselharia que fosse atender na sala de segurança. Estará mais à vontade."

"Porquê? Passa-se alguma coisa?"

O homem baixou a voz, quase a segredar.

"É uma chamada de... de Lisboa."

A mensagem em foi instantaneamente percebida. Magus ergueu-se de imediato do seu lugar e abandonou a sala de reuniões em passo acelerado, acompanhado pelo seu homem de confiança. Percorreram ambos o corredor até aos ascensores. Sem trocarem uma palavra, subiram dois andares e meteram pelo corredor até chegarem à sala de segurança, onde sabiam que nenhuma comunicação podia ser interceptada por ouvidos indiscretos.

"Passa-me a chamada."

Entrou e sentou-se à mesa. Tratava-se de uma sala simples, sem janelas e despojada de decoração, as paredes cobertas por material de isolamento de som. Havia seis cadeiras vazias, a mesa e, pousado precisamente no centro, um telefone branco; à volta estavam ainda espalhadas umas folhas brancas e lápis. Mais nada. As linhas telefónicas eram seguras e todas as manhãs os serviços de segurança faziam uma busca na sala para garantir que não havia microfones nem qualquer outro tipo de escuta. Magus sentia-se perfeitamente à vontade. A única coisa que o afectava era a ansiedade pelas notícias que iria receber. Esperava fervorosamente que tudo tivesse corrido bem e que...

O telefone tocou.

"Está sim?"

"Sou eu, grande Magus", devolveu a voz do outro lado, identificando-se. "Decarabia." Baixou a voz tornando-a um tudo-nada lúgubre. "Tenho más notícias."

O líder da organização sentiu um baque no coração. Ah, não, más notícias não! Aquela operação era demasiado importante para sofrer um novo revés.

"Não me digas que o tipo escapou..."

A voz na linha hesitou.

"O nosso alvo? Não, ele foi neutralizado."

Magus contraiu as sobrancelhas, de repente aliviado mas sem perceber o problema.

"Ah, bom. Então qual é o engulho?"

"O alvo não tinha o DVD com ele", devolveu Decarabia. "O envelope desapareceu."

Sentado na sala de segurança, o seu chefe afagou o queixo enquanto digería a informação. "O ideal seria sem dúvida deitar a mão a esse maldito DVD", considerou, falando devagar, a avaliar as consequências do que lhe fora comunicado. "Mas... enfim, se o DVD desapareceu, isso não me parece muito grave. O importante é que está fora de circulação, não é verdade? Isso é que realmente importa."

A conclusão foi recebida pelo seu interlocutor com uma breve pausa desajeitada.

"O problema é o outro."

"Qual outro?"

"O amigo, o historiador", precisou Decarabia. "Aquele Tomás Noronha. Acho que... que ele ficou com o DVD."

Foi a vez de Magus se calar por um instante de perplexidade, chocado com a informação.

"O quê?!"

O operacional engoliu em seco, evidentemente embaraçado com as novidades que se via forçado a comunicar.

"Grande Magus, o senhor tinha razão", disse, num tom submisso, falando muito depressa. "Não percebo como, mas o tipo apercebeu-se de que eu os esperava no apartamento dele e, nem sei bem como foi, mas ele improvisou uma fuga e... e... e mudou de tática a meio da perseguição e... e..."

Exalou um suspiro constrangido e, de súbito, quase em jeito de conclusão, abrandou o ritmo das palavras. "Receio tê-lo subestimado."

Sozinho na sala de segurança, o chefe deu um salto e pôs-se de pé, incapaz de se conter perante o que acabava de escutar.

"Eu avisei-te, Decarabia!", vociferou para o bocal do telefone. "Eu avisei-te, porra! Os relatórios que me chegaram eram taxativos quanto a esse tipo e eu avisei-te! Como pudeste ignorar o que te disse?"

"Não ignorei, grande Magus", devolveu o operacional, aflito com a reprimenda. "Mas... enfim, admito que nunca pensei que ele pudesse ter aquela capacidade de improviso numa situação tão desvantajosa. Julguei que os tinha sob controlo mas... enfim. Peço desculpa, não voltará a suceder."

Magus respirou fundo e fez um esforço para se conter; não era com ataques de fúria que ia resolver o problema. Tinha uma crise entre mãos e havia que manter o sangue frio para lidar com a situação. A avaliação do desempenho do seu homem no terreno viria mais tarde e seria feita em função dos resultados. Tudo o que interessava agora era pôr um fim a todo aquele imbróglio, custasse o que custasse.

"Onde estás tu?"

"Em Lisboa, grande Magus."

O dirigente máximo voltou a sentar-se e, esforçando-se por se descontraír, apoiou os cotovelos na mesinha enquanto magicava num novo curso de acção.

"Deixa-te estar aí", disse num tom subitamente frio. "Contame tudo o que se passou. Ao pormenor. Depois vou fazer uns telefonemas para as autoridades locais e mexer uns cordelinhos para ver se te entrego esse estafermo embrulhadinho."

Decarabia relatou então todos os acontecimentos dessa tarde, desde que os seus alvos se detiveram diante da porta do prédio até à correria pela rua, aos tiros, ao polícia abatido, à

perseguição de moto, à colisão diante do Cais das Colunas, ao alvo atingido e à fuga para o cacilheiro.

Quando o seu subordinado terminou a exposição, Magus despediu-se de forma seca e expedita, desligou o telefone e, acto contínuo, digitou o número de um gabinete governamental em Lisboa. Quando o seu contacto atendeu, as primeiras palavras que proferiu foram directas ao assunto.

"Tenho um problema e preciso que o resolvas com a polícia."

O final de tarde dessa terça-feira foi passado a fazer exames no hospital. Os hematomas sofridos na Grécia já haviam desaparecido, agora substituídos por feridas e nódos negras nas costas, nos cotovelos e nas pernas, provocadas pela brutal colisão de motos diante do Cais das Colunas. Tomás ainda pensou que lhe fariam uma TAC para o examinar com mais pormenor, mas os médicos disseram-lhe que esse tipo de exame era demasiado caro e que os apertos orçamentais nos gastos da saúde lhes restringiam as opções. Teriam de se contentar com os raios X.

O exame radiológico, contudo, nada acusou de relevante; os ossos estavam intactos e as lesões eram superficiais. Mesmo assim passou pela enfermaria para desinfectar as feridas, em particular as dos cotovelos, e para lhe porem uns pensos. Depois ainda teve uma consulta com o médico e ao sair uma enfermeira passou-lhe para a mão um papel oficial com as armas da PSP.

"É a convocatória da polícia", indicou ela. "Convém dar um salto à esquadra para prestar declarações e explicar o que aconteceu."

Ao sair do hospital com o envelope do dossiê de Filipe debaixo do braço, Tomás ponderou o que fazer. Ainda admitiu voltar ao seu apartamento, mas depressa pôs a ideia de lado. Nem pensar. Com toda a probabilidade tinha a casa sob vigilância; ir para lá seria meter-se direitinho na boca do lobo. Assim sendo, para onde iria? Os hotéis estavam fora de questão, eram demasiado caros; além disso, quem quer que estivesse atrás do famoso DVD poderia ligar para todos os hotéis de Lisboa e arredores a perguntar por um hóspede chamado

Tomás Noronha. Não podia correr esse tipo de risco.

Onde diabo iria dormir?

Pousou o olhar na convocatória da PSP, a solicitar que comparecesse na esquadra no dia seguinte para fazer declarações, e teve uma ideia. Porque não ir imediatamente à esquadra? Logo que pensou nisso percebeu que era esse o único curso de acção verdadeiramente razoável. Se estava sob ameaça, quem melhor que a polícia para o proteger? Por outro lado, como não se entendia com a Internet do banco, precisava de ir a uma sucursal ordenar a transferência do dinheiro para o lar da mãe, mas já era tarde e os bancos estavam fechados; teria de deixar isso para a manhã seguinte.

Estudou de novo a convocatória e verificou o endereço da esquadra; era no Largo dos Bombeiros Voluntários. A informação nada lhe dizia; tratava-se de uma praça de que nunca ouvira falar em Almada, de resto uma localidade que, vendo bem as coisas, nem sequer conhecia.

Dirigiu-se por isso à fila de táxis estacionados diante do hospital e interpelou um motorista que aguardava os clientes de janela aberta, o braço pendurado na porta.

"O amigo, onde é o Largo dos Bombeiros Voluntários?" O taxista estendeu o braço na direcção oriental.

"É depois da auto-estrada, perto do cais de Cacilhas!", indicou. "Quer que o leve lá?"

Tomás hesitou; o táxi era sem dúvida a melhor e mais fácil solução, mas... e o preço? Estava no desemprego, teria de ser poupadinho.

"Quanto tempo a pé?"

"Uma boa horita", calculou o motorista, deitando já mão à ignição. "De carro é um instantinho..."

Com um aceno rápido, o historiador ajeitou o envelope que trazia debaixo do braço e virou as costas. "Obrigado, mas vou a pé."

O graduado de serviço era um rapaz novo, de aspecto apumadinho e ar atinado; sempre constituía uma variação dos habituais barrigudos da PSP, pensou Tomás ao encostar-se ao balcão. O graduado preenchia um formulário e levou um bom minuto a levantar a cabeça e a encamar o recém-chegado.

"Faz favor?"

O visitante estendeu-lhe a convocatória que lhe fora entregue à saída do hospital.

"Fui convocado para prestar declarações."

O polícia deitou um olhar zeloso ao papel.

"Diz aqui para aparecer amanhã..."

"Digamos que estou com pressa", sorriu Tomás. "Penso que existe uma ameaça sobre mim e preciso de saber o que pode a PSP fazer para me proteger."

O guarda fitou-o por um instante, talvez a avaliar se o homem diante dele estaria na brincadeira. Voltou a espreitar a convocatória e, na dúvida, desviou o olhar:

"Espere ali."

O lugar indicado era uma salinha de espera. Tomás dirigiu-se a ela e acomodou-se num lugar debaixo da janela, o envelope pousado no regaço, o taser preso no cinto por baixo da camisa para entregar à polícia quando prestasse declarações. Ao longo do espaço estavam espalhadas umas quinze cadeiras onde se sentavam mais três pessoas; duas mulheres de cara lacrimante e um velho de barba rala branca e vestido de negro. O recém-chegado presumiu que se tratava de vítimas que vinham apresentar queixa ou de familiares de detidos à espera de novidades dos seus entes queridos.

Um televisor no canto da sala tinha o ecrã iluminado e, como passava já das oito da noite, nesse momento davam as notícias. A litania sobre a crise parecia infundável. A Alemanha exigia numa linguagem professoral que todos os países da zona euro, e em particular os incumpridores, "fizessem o trabalho de casa", e uma agência de rating tinha baixado a cotação de Portugal mais um nível abaixo de lixo, conceito que lhe parecia insultuosamente humilhante, e descera também as cotações de Espanha, Itália e Bélgica.

"Que tristeza", murmurou o velho de negro e barba rala branca. "Ao que nós chegámos..."

Vieram ainda notícias sobre a subida do desemprego para novos valores recorde, preparativos para mais Uma cimeira "decisiva" da União Europeia e novas medidas de austeridade destinadas a cortar a despesa pública. Depois vinha a oposição dizer que "o caminho não é a austeridade" e uma manifestação dos sindicatos para contestar "o ataque brutal que o pacto de agressão com a troika estava a lançar aos direitos dos trabalhadores". Em suma, percebeu Tomás, mais do mesmo. Dia após dia as notícias tornavam-se tão previsíveis que pareciam sempre as mesmas; até as imagens se repetiam.

Ao fim de vinte penosos minutos de crise, as notícias mudaram. Um incêndio num prédio em Setúbal fizera quatro feridos, um deles em estado grave; a GNR tinha detido uma actriz no desemprego a fazer de correio de droga em Vilar Formoso; um tiroteio nas ruas de Lisboa provocara a morte de duas pessoas, um polícia e...

Tomás arregalou os olhos, atónito.

O Telejornal passava nesse instante a notícia do que acontecera com ele e Filipe nessa

mesma tarde. Inclinou-se na cadeira e digeriu com a máxima atenção as informações que jorravam do televisor através da voz monocórdica do apresentador sobre imagens que mostravam os cacilheiros a cruzarem o Tejo.

"...investigação foi entretanto entregue à unidade de combate ao banditismo armado da Polícia Judiciária, que há minutos divulgou uma fotografia do principal suspeito." De repente o ecrã foi preenchido com uma imagem dele próprio. "Trata-se do historiador Tomás Noronha, que se encontra a monte e foi avistado por testemunhas a executar as vítimas com tiros à queima-roupa."

A estupefacção de Tomás não conhecia nesse instante limites. Principal suspeito?! Avistado por testemunhas a executar as vítimas?! Disparara tiros à queima-roupa?! Como? Onde? Quem? A perplexidade deixou-o por momentos paralisado, as interrogações a cruzarem-se na sua cabeça num caos sem igual; estava incapaz até de crer no que via e ouvia. Devia haver ali algum engano, um equívoco, uma troca de...

Não.

Fez um esforço para se acalmar e pensar a direito. O que ali estava a acontecer não podia ser normal, considerou. Como era possível que tivesse passado tão depressa de perseguido por um homicida a principal suspeito? Espreitou a convocatória da PSP que lhe fora entregue menos de uma hora antes no hospital. Se naquela altura não passava ainda de uma mera testemunha convocada para prestar declarações na esquadra, o que tinha acontecido em tão pouco tempo para a judiciária mudar o ângulo da investigação e fazer dele o homicida?

Lembrou-se do medo que surpreendera no olhar de Filipe e das suas palavras a alertá-lo repetidamente para o poder daqueles que os perseguiam. Sentiu nas mãos o peso do envelope que herdara do amigo e o taser escondido à cintura e percebeu que não estava metido num simples caso de polícia. O perseguidor dessa tarde abatera o guarda da PSP com um tiro na cabeça em plena rua e à luz do dia, recordou. Só fazia isso quem estivesse totalmente louco.

Ou quem se soubesse impune.

O seu pensamento voltou a Filipe, em particular à insistência com que o amigo usara os seus últimos instantes de vida para lhe suplicar que fugisse de imediato e o avisara de que "eles" viriam aí e o iriam perseguir. O companheiro do liceu batera muito nessa tecla e Tomás começava a reflectir no caso com outro cuidado. Na altura não prestara atenção, parecia-lhe alarmismo injustificado, se calhar um complexo de perseguição, decerto não passariam de sintomas de paranóia, mas agora...

"Senhor guarda!", gritou uma das mulheres sentadas com ele na sala de espera. "Senhor guarda, ele está aqui!"

A mente de Tomás voltou ao sítio onde se encontrava e, com ar surpreendido, viu a mulher apontar-lhe o dedo denunciador.

"É mesmo ele!", exclamou por sua vez o velho de barba rala branca e roupa negra. "É ele o... o bandido!"

Caindo em si, o historiador apercebeu-se de que toda a gente naquela sala de espera tinha visto a mesma notícia no Telejornal e a fotografia que a judiciária acabara de distribuir, reconhecendo nela o rosto do homem que se sentava debaixo da janela.

"O bandido... o assassino está aqui!"

O graduado olhava-os por detrás do balcão com uma expressão de incompreensão no rosto,

sem perceber exactamente a origem de toda aquela excitação, e Tomás tomou consciência de que dispunha apenas de alguns breves segundos para tomar uma decisão. Ficaria ali para esclarecer todo aquele equívoco? A tentação era grande, seria decerto a solução mais simples, mas concluiu que era justamente o que os seus perseguidores queriam. Tudo aquilo não passava de um estratagema para o localizarem e para lhe deitarem a mão.

Levantou-se e largou a correr.

"Alto!"

Ouviu o grito atrás dele e percebeu que o graduado de serviço vinha no seu encalço. Que raio de azar o seu, pensou enquanto corria desenfreado rua abaixo, o corpo ainda dorido mas a adrenalina a ferver-lhe no sangue; com tantos pançudos na PSP, logo tinha de lhe calhar de plantão um polícia novinho e ágil.

"Alto ou atiro!"

Pois, pois!, raciocinou; estás mesmo à espera que acredite que vais disparar? A ameaça não o intimidou, sabia que não passava de um truque a ver se pegava. Mas tinha igualmente consciência de que o seu perseguidor era mais novo e estava fresco, enquanto ele passara um dia absolutamente infernal, sofrera vários hematomas e feridas em todo o corpo, incluindo nas pernas, e não conseguiria manter o ritmo de corrida muito mais tempo. Precisava de arranjar maneira de se escapar ao guarda que o caçava pelas ruas escuras de Almada.

A noite caíra e havia pouco trânsito e ainda menos transeuntes nos passeios. As calçadas eram iluminadas pela luz amarelada dos candeeiros públicos e pelos focos esquivos dos faróis de automóveis ocasionais. Tomás percebeu instintivamente que a sombra poderia ser sua aliada; tinha de tirar partido da escuridão para despistar o betinho da PSP. O problema é que, e ao contrário do seu perseguidor, não conhecia Almada e não podia planear o itinerário de fuga.

Teria de improvisar.

Ao passar para o outro lado da rua vislumbrou o lençol tranquilo do Tejo a reluzir entre dois prédios e percebeu que o cais de Cacilhas ficava a meros dois passos de distância; era a via óbvia de fuga. Virou naquela direcção e meteu por uma área arborizada que desembocou numa zona habitacional. Atrás dele, o seu perseguidor deixara de gritar, talvez para poupar energia, se calhar porque percebera que de nada servia ordenar-lhe que parasse, provavelmente pelas duas coisas.

Virou à esquerda, direitinho ao cais, até que mergulhou numa zona de sombra e, tirando proveito da invisibilidade momentânea, dobrou a esquina de um prédio e contornou-o pelas traseiras, metendo por um caminho de cabras numa zona descampada. Agora é que se ia ver se o polícia se deixava ou não enganar.

"Alto!", gritou o seu perseguidor, a voz de novo a ecoar entre as ruas. "Faça o favor de se entregar!"

Mergulhado na sombra, e apesar de se encontrar à beira da exaustão, Tomás deixou escapar um sorriso. Despistara-o. Os berros eram a prova de que o polícia lhe perdera o rasto; só assim se compreendia o regresso àquele método desesperado.

A nova realidade impunha uma bem-vinda mudança tática; em vez da correria desenfreada em que tanto se desgastava, teria de se mover devagar e sub-repticiamente pela penumbra. A invisibilidade constituía o seu maior trunfo. Caminhou com cuidado e procurou o abrigo de um arbusto para repousar por momentos. Os pulmões suplicavam por ar e precisava de lhes dar o que eles pediam.

Ouviu sirenes e percebeu que o polícia recebia reforços. Em breve toda a zona de Cacilhas estaria enxameada de guardas, mas isso não o preocupou. Encontrava-se a quinhentos metros do prédio atrás do qual desaparecera e o arbusto e a noite protegiam-no dos olhares perscrutadores dos homens da PSP.

O que fazer? O seu olhar desviou-se quase instantaneamente para os cacilheiros encostados ao cais, ao fundo da colina. Era a escapatória evidente, pensou de novo; talvez por isso mesmo fosse a rota que mais convinha evitar. Se ele fosse polícia, com certeza poria ali homens a vigiar os passageiros. De facto, aquela via estava-lhe interdita. A alternativa parecia-lhe a Ponte 25 de Abril, claro, mas depressa concluiu que a PSP ia ter a mesma ideia e provavelmente estabeleceria vigilância apertada na zona das portagens.

Em suma, o acesso a Lisboa estava-lhe vedado. "Mas o que raio vou eu fazer a Lisboa?"

Sussurrou a pergunta por baixo da respiração e percebeu que tinha acabado de formular a questão mais importante de todas naquele momento. Sim, o que iria ele fazer a Lisboa? Não podia usar o apartamento porque os perseguidores, e se calhar a esta hora também a polícia, o estavam a vigiar. Para onde quer que fosse na cidade sujeitava-se a ser localizado e apanhado pelas autoridades. Como se tornava cada vez mais claro que as forças que o perseguiam de uma maneira ou de outra controlavam a polícia, ser capturado pela PSP ou pela Judiciária era equivalente a ser apanhado por elas.

Um coro longínquo de latidos excitados irrompeu na noite.

"Cães!"

Ergueu-se de um salto e retomou o caminho de fuga, agora já recuperado e espetado pelo medo que os latidos distantes lhe provocaram. Que burro fora em não ter pensado naquilo!, repreendeu-se a si mesmo; era evidente que a polícia iria recorrer aos cães e isso poderia desequilibrar os pratos da balança contra ele. Os homens da PSP estavam cegos pela treva nocturna, mas os cães tinham o faro a guiá-los e não havia noite que apagasse o odor da transpiração que lhe empapava a camisa.

Saiu do descampado à primeira oportunidade e emergiu nas ruas de Almada, que percorreu em passo lesto, suficientemente devagar para não atrair atenções, prudentemente rápido para se escapar da zona onde a polícia e os cães operavam. O movimento permanecia baixo, dava a impressão de que toda a povoação se recolhera a casa, mas ainda se viam algumas pessoas a circular por ali.

Reconheceu a rua onde desembocara do trajecto que fizera ao final da tarde até à esquadra e seguiu-a em sentido inverso, como se regressasse ao hospital. Ao fim de quarenta minutos chegou a um troço que dava acesso à auto-estrada. Viu as luzes de um restaurante acesas e apercebeu-se de que estava esfaimado; não comia desde que haviam parado na estação de serviço de Pombal para reabastecer. Pareceu-lhe que isso tinha acontecido uma semana antes mas afinal fora nesse mesmo dia. Quantas coisas haviam sucedido entretanto!

Meteu a mão ao bolso e verificou que, embora não tivesse dinheiro, possuía ainda os seus dois cartões de crédito; estava à vontade para o jantar. Entrou no restaurante, sentou-se num canto discreto e, depois de consultar a ementa, pediu um bife. Enquanto esperava pôs-se a pesar as alternativas diante dele. Ir para Lisboa, como já constataria, era um disparate; arriscava-se a ser apanhado pela polícia ou pelo pistoleiro, estava absolutamente fora de questão regressar ao apartamento.

Assim sendo, o que faria? Tudo pesado, percebeu que só lhe restava cumprir o desejo de Filipe. Ele tinha falado numa mulher qualquer da Interpol em Madrid... Como se chamava ela? Rute... não, não era Rute. Começava também por R, mas não era Rute. Rita? Hmm... também não. Se bem se lembrava, tinha um a no meio. Ra... Raquel, não seria? Isso, Raquel. Raquel

qualquer coisa.

Suspirou de alívio por se lembrar do nome próprio e a seguir ocorreu-lhe que o amigo lhe dissera que o número de telefone dela estava no envelope. Voltou os olhos para o sobrescrito, mas quando o ia inspeccionar foi interrompido pelo empregado com o bitoque.

Comeu com gosto e teve vontade de repetir, mas achou que devia ser prudente nos gastos e matou o resto da fome com pão. Pediu a conta, entregou o cartão e digitou o código.

"Não está a aceitar", disse o empregado, mostrando o visor da máquina a indicar que a transacção não tinha sido autorizada. "Tem de tentar outra vez."

Digitou novamente o código e o resultado foi o mesmo.

Que estranho!", observou, inspeccionando o cartão; parecia-lhe normal. Meteu a mão ao bolso e tirou o outro cartão. "Tente este."

A operação repetiu-se com o segundo cartão e mais uma vez o resultado veio negativo. O suor brotou-lhe na testa no momento em que começou a suspeitar que nada daquilo era accidental; sabia que tinha fundos nas contas, pelo que só podia haver um bloqueio no acesso ao dinheiro.

O rosto do empregado fechou-se.

"Quer tentar de novo?"

O cliente assentiu, mais por descargo de consciência do que por convicção, e o resultado negativo repetiu-se.

"Pois, não está a aceitar", disse, embaraçado. Meteu as mãos ao bolso para verificar o que já sabia. "E a chatice é que não trouxe dinheiro comigo." Encarou o seu interlocutor com uma expressão de impotência. "E agora?"

O empregado manteve o semblante cerrado.

"Vou chamar o patrão."

O homem deu meia volta e Tomás percebeu que se avizinhavam problemas. O dono ia com certeza chamar a polícia e... e...

Saltou do lugar e correu até à rua, mergulhando de imediato na noite. Ainda ouviu um grito atrás dele, mas ignorou-o; perdido por cem perdido por mil. Se era para enfrentar as autoridades, ao menos tentaria a sua sorte. Passou pelo troço que conduzia à auto-estrada na direcção de Lisboa e prosseguiu em corrida até chegar a um ramal que conduzia à Auto-Estrada do Sul.

Passavam alguns automóveis pelo local e estendeu a mão a pedir boleia. Permaneceu assim durante dez minutos, ignorado pelos carros que por ali passavam. As luzes encandearam-no por momentos dando-lhe a ilusão de que seria dessa vez, para de imediato o desapontarem fazendo-o regressar à escuridão. Por fim um enorme camião TIR ligou o pisca-pisca e encostou na berma com um bafo profundo. A porta abriu-se, empurrada por uma mão, para o deixar entrar.

"Muito obrigado", agradeceu Tomás ao saltar para o lugar de passageiro. "Para onde vai?"

O motorista, um homem peludo com um bigode negro farfalhado e a barba por fazer, estudou-o com o olhar.

"Marselha", disse. "Como vou viajar a noite toda, dá-me jeito a companhia."

"Passa por Madrid?"

"Com certeza."

Com o primeiro sorriso de satisfação desde que viera de Coimbra, o passageiro recostou-

se no seu lugar e apertou o cinto. "Então vamos."

Um homem engravatado e de aspecto sisudo assomou à saída do gabinete e espreitou para a salinha de espera. Sentado no sofá com ar de menino bem-comportado que aguardava o momento de ser recebido estava o recém-chegado. O homem da gravata atirou-lhe um esgar carregado de desdém antes de lhe fazer um sinal com a cabeça.

"Faça o favor", disse num tom seco, convidando-o a entrar. "Ele quer falar consigo."

Decarabia levantou-se de pronto e, como um aluno que era chamado ao reitor para receber o correctivo, encaminhou-se em silêncio para a porta e entrou no gabinete, o rosto comprometido, os olhos baixos, mas o porte altivo.

Sentado no grande cadeirão atrás de uma vasta secretária, Magus parecia absorto na leitura de um dossiê volumoso. Seguindo uma instrução silenciosa do homem engravatado, o visitante deslizou até à secretária e, de pé, quase como se fosse uma sentinela, aguardou que o responsável máximo terminasse a leitura e lhe dirigisse a palavra.

Teve de esperar cinco minutos.

"Não tenho de te dizer que estou muito decepcionado contigo, pois não?"

Magus falou de repente com uma voz assustadoramente baixa e controlada, prenhe de ameaças, os olhos ainda presos aos documentos que lia. Perturbado com o tom, mas aliviado por o seu chefe lhe dirigir enfim a palavra, Decarabia manteve a postura hirta.

"Sim, grande Magus."

"Foste acolhido de braços abertos, mostraste-nos as tuas credenciais e garantiste-nos que não falharias. Mas não foi o que aconteceu, pois não?"

O operacional ponderou por momentos como deveria responder.

"Nas operações existe sempre uma dose de imprevisibilidade", disse. "Neste caso ela assumiu a forma do historiador."

O olhar sombrio de Magus ergueu-se por fim do dossiê e deteve-se no interlocutor.

"No entanto, tinhas sido avisado."

"É verdade", reconheceu Decarabia. "O problema é que uma coisa destas não se planeia assim. Não o tinha estudado em pormenor, não conhecia o seu *modus operandi* e... enfim, fui apanhado de surpresa." Estreitou as pálpebras, numa expressão de forte determinação. "Não voltará a acontecer, grande Magus."

O chefe ajeitou-se no cadeirão e pegou no dossiê que acabava de consultar.

"Podes estar certo que não", murmurou com a voz carregada de tensão. "Logo que fui informado de que a polícia portuguesa falhara na captura desse indivíduo pedi um relatório completo sobre ele. O passado, os dinheiros, os trabalhos, os amigos, as gajas que comeu e anda a comer, o que vê na Internet, a declaração de IRS..." Largou o dossiê sobre a mesa com estrondo. "Está tudo aqui. Tudinho." Calou-se por um instante e inclinou-se sobre a secretária, os olhos cravados no seu interlocutor para obter um melhor efeito. "Incluindo a maneira como lhe poderemos deitar a mão."

A atenção de Decarabia assentou por instantes no dossiê.

"Que maneira é essa, grande Magus? Tem alguma coisa em mente?"

O superior hierárquico cruzou os braços e ficou a contemplar o seu subordinado com a expressão de um avaliador, como se ponderasse ainda o destino que haveria de lhe dar.

"Como posso ter a certeza de que desta vez não falharás?"

O fantasma de um sorriso perpassou por momentos no rosto do operacional.

"Não falharei", disse com grande ênfase. "Já o vi em acção, sei como raciocina sob pressão... desta vez não haverá surpresas. Pode confiar em mim, grande Magus."

"Ver para crer", devolveu o chefe sem pestanejar uma única vez enquanto o fitava. "Vou dar-te uma segunda oportunidade, ouviste?"

Decarabia manteve-se impassível, mas no olhar perpassou um lampejo de alívio.

"Sim, grande Magus", soltou. "Não se arrependerá."

"Mas não irás sozinho."

O subordinado pareceu ficar desconcertado.

"Não preciso de amas-secas, grande Magus. Sou perfeitamente capaz de dar conta do recado e de..."

"Já não vou correr mais nenhum risco", atalhou Magus com ar de quem não admitia que a decisão fosse discutida e muito menos contestada. "Vais levar alguns irmãos para esta operação e não falharás. Entendeste?"

Decarabia baixou a cabeça.

"Sim, grande Magus."

O chefe indicou o dossiê com o olhar.

"Leva a papelada e lê", ordenou. "Presta em particular muita atenção à ligação do nosso homem à mãe. Ele tem pelos vistos o hábito de falar regularmente com ela e tenho a certeza de que... enfim, tu sabes."

O operacional sorriu pela primeira vez desde que um jacto privado o trouxera de emergência de Lisboa ao local da reunião.

"Não escapará, grande Magus."

O envelope que Filipe lhe deixara continha uma agradável surpresa. No meio das centenas de páginas de um dossiê sobre a crise e de uma pequena folha de papel com o nome e o telefone do contacto em Madrid, a tal Raquel de la Concha, Tomás descobriu um maço de notas atadas com um elástico. Devolveu-as ao envelope logo que percebeu do que se tratava, não fosse o camionista ver o dinheiro e assustar-se ou começar a alimentar suspeitas em relação ao passageiro.

Com toda a excitação acumulada ao longo do dia, o fugitivo tomou consciência de que não conseguiria dormir tão cedo, pelo que ligou a luz de leitura e passou as horas de viagem a estudar o dossiê. A leitura apenas foi interrompida uma ou duas vezes, quando o condutor do camião TIR, evidentemente para combater a solidão e o sono, fez alguns comentários sobre futebol, em particular a propósito do último jogo do Glorioso, o nome que dava ao Benfica, e insurgindo-se contra "as tralhalices do Bimbo".

"Com as arbitragens nas mãos dos corruptos é que não vamos lá", resmungou. "Não viu aquele penalty que nos gamaram? Um roubo de catedral, foi o que foi!"

O camionista era um transmontano de Alfândega da Fé a quem Tomás, que nem ligava muito ao futebol, respondeu polidamente com vários "pois é!", um "este ano vamos ganhar tudo" e outro "precisamos é de um novo Eusébio", antes de voltar ao dossiê.

Às três da manhã o motorista saiu da auto-estrada e estacionou na zona de descanso de uma área de serviço.

"Não posso mais com o sono", confessou, os olhos a pestanejarem assustadoramente. "Vamos mas é bater uma soneca."

Desligou o motor e uma calma retemperadora assentou no interior do camião. Os dois homens inclinaram os assentos para trás e Tomás, o sono enfim a tomar conta dele, escondeu o taser dentro do envelope por recear que ele se tornasse visível à sua cintura e cerrou as pálpebras, preparando-se para dormir.

De repente sentiu um desagradável e intenso odor a queijo estragado e abriu um olho.

"Que é isto?"

Espreitou para o lado e constatou que o motorista acabava de descalçar os sapatos. Com um grunhido conformado, o passageiro virou-se para o outro lado, na ilusão de que as costas chegariam para tapar o cheiro. Ainda matutava naquele fedor pestilento quando, sem dar por isso, escorregou para o sono solto.

Chegaram a Madrid por volta das dez da manhã e o camionista saiu da Autovia de Extremadura e largou-o na zona de Alcorcón, junto ao Parque de los Castillos. Não foi fácil encontrar cabinas telefónicas num mundo de telemóveis, mas acabou por localizar uma delas ao lado da sucursal de um banco. Entrou na cabina, procurou o papel com o contacto que Filipe lhe dera e digitou o número.

Ao terceiro toque atendeu uma voz feminina.

"Hola?"

"Buenos días", saudou Tomás, ele próprio arrepiado com o seu portunhol horripilante. "Raquel de la Concha?"

"Si, soy yo."

"Chamo-me Tomás Noronha", identificou-se, desistindo do portunhol e optando por falar um

português lento. "Sou amigo de Filipe Madureira, não sei se conhece..."

"Sí, muy bien. Como está Filipe?"

O historiador engoliu em seco.

"O Filipe... enfim, ele morreu. Ontem."

"Perdón?"

"O Filipe morreu", repetiu, quase soletrando cada sílaba. "Ontem... uh, ayer. Foi assassinado."

"Filipe? Asesinado?"

"Receio bem que sim."

"Dios mio!"

Sentiu o choque do outro lado da linha e deixou a notícia assentar. Não sabia o tipo de relação que o amigo tinha com a espanhola e achou que era melhor ser cauteloso.

"Antes de morrer deu-me o seu contacto", explicou. "Quem o matou está agora a perseguir-me e o Filipe disse-me que viesse ter consigo. Encontro-me agora em Madrid e estou na posse de material importante para a investigação na qual ele estava envolvido e que..."

"Sí, venga, vengar, atalhou Raquel, ainda mal refeita do choque. "Estou numa pequena povoação pertinho de Madrid, alguns quilómetros a sul. Pode vir até cá?"

"Com certeza", assentiu Tomás, aliviado com a abertura mostrada pela amiga de Filipe e preparando a caneta para rabiscar o endereço. "Onde é isso?"

"Em Seseha, a quarenta minutos de carro."

"Não tenho automóvel e não posso pagar táxi, receio bem. Há autocarro ou comboio?"

"Existe um serviço de autocarros que parte de Madrid. Pode tomar nota?"

"Diga."

"Vá à Plaza Beata Maria Ana de Jesús e apanhe o 304 às onze e meia. Leva quarenta minutos de viagem, é um tirinho."

"Estará à minha espera à chegada?"

Ela fez uma pausa para pensar.

"O mais fácil é encontrarmo-nos à entrada do Café Nirvana. Que tal ao meio-dia e meia?"

"Perfeito."

Quando desligou e saiu da cabina telefónica Tomás consultou o relógio; eram dez e vinte da manhã, tinha muito tempo. Cravou o olhar na sucursal do banco instalada mesmo ao lado e vacilou, indeciso em relação ao que fazer a seguir. Deveria confiar inteiramente em Raquel ou seria melhor manter-se prudente? Filipe assegurara-lhe que ela era de confiança absoluta, mas o historiador não tinha assim tanta certeza; os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas haviam-no ensinado a ser cuidadoso.

Vencendo as dúvidas, entrou no banco e pôs-se na fila dos clientes. Quando chegou a sua vez encostou-se ao balcão e encarou a funcionária bancária.

"Hola, señorita!, disse, regressando ao seu portunhol trapalhão. "Será possível alugar um cofre?"

"Sí, como no?", devolveu ela. "Terá de abrir uma conta, por supuesto."

A funcionária ao balcão indicou-lhe um espaço privado protegido por biombos onde uma segunda funcionária se encontrava sentada a uma mesa. Tomás dirigiu-se a ela e explicou-lhe o que desejava. Depois de preenchida a papelada e cumpridas as formalidades, a segunda

funcionária entregou-lhe uma chave e passou-o a um segurança que o conduziu por um corredor até ao sector onde se situavam os cofres. O segurança indicou ao cliente o cofre que lhe estava destinado e afastou-se, deixando-o a sós.

Sentindo-se enfim à vontade, Tomás tirou o maço de notas do interior do envelope e contou a soma. Eram quinhentos euros em notas de vinte; não se tratava de nenhuma fortuna mas dava para as despesas correntes agora que tinha as contas bloqueadas. Satisfeito com a maquia, certificou-se a seguir de que o taser se encontrava também dentro do sobrescrito. Assim era. Por fim depositou o envelope no cofre e trancou-o com a sua chave.

"Já está!", disse, fazendo sinal ao segurança de que terminara. "Podemos ir."

O homem acompanhou-o até à saída e deixou-o no passeio. Ao sentir o bafo do sol quente queimar-lhe a face, Tomás consultou o relógio; eram quase onze, hora de partir para Seseña.

Abeirou-se da rua para procurar um táxi, mas o seu olhar desviou-se quase irresistivelmente para a cabina telefónica; havia um telefonema que tinha mesmo de fazer. Verificou de novo as horas, no gesto quase reflexo de quem procurava convencer-se de que ainda tinha tempo para mais uma chamada.

Depois de inserir a moeda, digitou o número. Fazia calor no interior da cabina, mas nada disso o incomodava.

O sinal de chamada soou duas vezes e foi interrompido por um clique.

"O Lugar do Repouso, bom dia."

Reconheceu a voz de mulher que atendera e não reprimiu um sorriso; como era bom escutar uma voz amiga nas circunstâncias em que se encontrava nesse momento.

"Maria Flor? Daqui Tomás Noronha, como está?"

Fez-se uma curta pausa do outro lado da linha.

"Professor Noronha!", exclamou por fim a directora do lar num tom de surpresa. "Confesso que..." Hesitou e pareceu mudar a direcção da frase. "Vi-o... vi-o nas notícias."

"Não acredite em nada disso", apressou-se Tomás a esclarecer. "Trata-se de um terrível equívoco e estou neste momento a tratar de

o desfazer. Fique descansada que não sou assassino nenhum." Ouvia um suspiro aliviado do outro lado da linha.

"Ah, não imagina como folgo em ouvi-lo dizer isso", desabafou ela, de repente mais leve. "Nem sabe o choque que senti quando estava ontem a ver o Telejornal. Não queria acreditar! Parecia que... sei lá, o mundo tinha enlouquecido..."

Falava como se lhe tivessem retirado um peso de cima, a voz modulada em simpatia e familiaridade. Dava até a impressão de que eram íntimos havia muito tempo e que ela o conhecia tão bem que percebia pela voz que ele lhe dizia a verdade.

"Esta situação é terrível", desabafou Tomás. "Mataram o meu amigo e estão a acusar-me do crime."

"É incrível!", exclamou ela. "O senhor está bem?"

"Tanto quanto é possível", assentiu. "Por favor, chame-me Tomás. Achava que já tínhamos acertado isso."

"Está bem... Tomás."

"Oiça, queria também saber da minha mãe. Como vai ela?"

"Já comecei a vigiar mais a medicação e notei-lhe esta manhã uma evolução. Falou-me um

bocadinho do estado do tempo, coisa que ontem não fazia."

Tomás respirou fundo, ganhando balanço para abordar o tema que realmente o preocupava.

"Sabe, quanto ao pagamento da mensalidade da minha mãe... neste momento não estou em condições de aceder às minhas poupanças, como deve compreender. Será que pode esperar mais algum tempo?"

Fez-se um silêncio do outro lado da linha tão desconfortável que não augurava nada de bom.

"Quando vi a notícia sobre si no Telejornal, e prevendo justamente este problema, tomei a iniciativa de falar com os proprietários do lar sobre o assunto."

"E... e então?"

"Lamento muito, mas eles dizem que não haverá excepções. A diferença em falta tem de ser reposta até quinta-feira à noite."

"Isso é já amanhã! ..."

"Eu sei". Fez uma pausa embaraçada. "Olhe, insisti muito, acredite..."

Agarrado ao telefone, Tomás encostou a testa ao vidro da cabina e, com as pontas dos dedos da mão livre, esfregou o couro cabeludo em desespero; as suas opções estavam a esgotar-se e, sem emprego e com a polícia à perna, não via maneira de resolver o problema. Como era possível que a sua vida se tivesse desestruturado daquela maneira em tão pouco tempo?

"E agora?", murmurou para o bocal. "O que vou eu fazer?"

Fez-se uma pausa ao telefone.

"Não desespere, Tomás", disse ela. "Vou pensar numa solução qualquer."

"Mas que solução? O que se pode fazer?"

Novo silêncio embaraçado na linha.

"Pois, não sei", admitiu ela. "Sabe o que é, as filas de espera para entrar no lar são tão grandes que os proprietários se podem dar ao luxo de ser implacáveis com qualquer atraso nos pagamentos. Disseram-me por isso que, se a situação com a sua mãe não for regularizada até amanhã à noite, ela será posta na rua logo na manhã seguinte."

"Meu Deus!", exclamou Tomás em desespero. "Eles não podem fazer isso!"

"Mas olhe que vão fazer."

"Oiça, fale com eles, peça-lhes mais tempo."

"Vou tentar."

"Tem de conseguir. Enquanto a minha situação não for resolvida não posso aceder à minha conta. Explique-lhes isso!"

"Eu explico", prometeu ela, compadecida. "E vou pensar noutras soluções. Ligue-me mais logo, pode ser?"

"Com certeza."

Depois de trocarem mais algumas palavras, despediram-se e Tomás desligou o telefone. Quando saiu da cabina, e apesar da preocupação que o atormentava, a imagem que tinha na cabeça não era a da mãe, mas a de Maria Flor.

O café já estava morno, mas Decarabia bebericou-o na mesma; se havia coisa que detestava no seu trabalho era a espera. Sabia que as operações requeriam paciência e tempos de espera prolongados, mas não era isso que fazia com que gostasse da inacção. Além do mais tinha umas contas a ajustar com o seu alvo, não gostava que ninguém o fizesse passar por parvo. Este caso tornara-se por isso quase uma questão pessoal.

O técnico dos serviços de intercepção entrou nesse instante no pequeno gabinete e dirigiu-se a ele com uma expressão de urgência estampada no rosto.

"O Rato deu sinais de vida."

O olhar de Decarabia pareceu iluminar-se.

"Finalmente!", exclamou. "Onde está ele?"

"Espanha", foi a resposta. "Acabou de ligar para o lar da mãe a partir de um telefone público no Sul de Madrid."

"Ainda bem que pusemos esse lar sob escuta", congratulou-se. "Disse alguma coisa de relevante que nos permita determinar o seu paradeiro e intenções?"

O técnico abanou a cabeça.

"Nada, foi uma conversa normal." Pousou um CD sobre a mesa. "Está aqui o registo, pode ouvir se quiser. A única informação verdadeiramente útil veio da localização da origem da chamada. Madrid."

Decarabia era uma pessoa desconfiada, por isso ouviu o CD e certificou-se do seu conteúdo; não passava realmente de uma conversa inócua. Mandou o técnico embora e abriu o dossiê sobre Tomás que mantinha pousado sobre a sua secretária. Procurou-lhe contactos em Madrid ou no resto de Espanha, mas não havia nada; a única referência era a uma académica de Santiago de Compostela, mas a mulher já morrera.

Depois de vasculharem toda a documentação fechou a pasta com um movimento brusco, carregado de frustração, e pôs-se a afagar o queixo, intrigado e pensativo.

"O que raio estarás a fazer em Madrid?", murmurou, como se a simples formulação em voz alta dos seus pensamentos o ajudasse a raciocinar. "O que foste aí procurar se não conheces ninguém? Se fosse o outro tipo, esse se calhar..."

Imobilizou-se, de olhos vidrados, a boca entreaberta, a respiração suspensa. O raciocínio acabava de lhe abrir uma porta e uma ideia assaltava-o.

"E se... E se..."

Levantou-se com brusquidão e foi à estante buscar o outro dossiê. Sentou-se de novo no seu lugar e, quase sôfrego, abriu a pasta. Na primeira página via-se a fotografia do rosto sorridente de Filipe Madureira, mas Decarabia saltou de imediato para as páginas seguintes e só se deteve naquelas que identificavam as pessoas próximas do alvo que abatera na véspera.

"Ah, está aqui..."

O assassino concentrou-se num rosto de gata, de olhos verde-claros e cabelo castanho encaracolado até aos ombros. Era a única pessoa amiga de Filipe em Espanha. O dossiê indicava tratar-se de uma rapariga chamada Raquel Maria de la Concha González. Por baixo da fotografia vinha, a letra vermelha, a referência da sua profissão.

Agente da Interpol.

"Gotcha."

Ao chegar ao local combinado uma pequena surpresa esperava Tomás. Apesar do nome, o Café Nirvana não era propriamente um café, mas o campo do clube de futebol de Sesefia. O recém-chegado dirigiu-se à entrada do campo e viu uma rapariga de jeans azul-claros e colete carmesim, o cabelo castanho com madeixas encaracoladas até aos ombros a fitá-lo inquisitivamente.

"Perdón", disse ele no seu portunhol sempre trapalhão. "Es aqui la entrada de el Café Nirvana?"

O que mais nela se destacava eram os olhos hipnóticos de felino, de um esmeralda-claro tão luminoso que pareciam dois focos de luz verde cravados no rosto. A rapariga levou um longo instante a responder. Manteve os olhos intensos espetados nele. Não se percebia se estavam alarmados ou desconfiados, o facto é que o estudavam com enorme atenção, talvez mesmo cautela.

"O senhor é o amigo de Filipe Madureira?"

Falou devagar, como se tacteasse o terreno, e o recém-chegado quase bufou de alívio.

"Tomás Noronha", apresentou-se, estendendo a mão. "Presumo que seja a Raquel."

A rapariga apertou-lhe a mão com uma certa hesitação, dir-se-ia relutância, mas depressa pareceu ganhar à vontade. "Sim, sou eu. Quem é o senhor exactamente?"

"Sou um amigo de infância de Filipe", disse. "Fizemos o liceu juntos."

"Então porque nunca me falou ele em si?"

"Os nossos caminhos separaram-se quando fui para a faculdade tirar História", explicou Tomás. "Os contactos entre nós tornaram-se esporádicos. Acontece que há uns dias ele apareceu-me em Lisboa com ar desganhado e pediu-me ajuda. Parece que estava envolvido numa investigação sobre a crise e que entrara na posse de determinada informação que..." "Aqui não!", interrompeu-o Raquel, lançando miradas em redor para se certificar de que ninguém os escutava. "Vamos para o meu apartamento, espero que não veja inconveniente nisso." "Como queira." A espanhola virou-se e começou a caminhar na direcção de uma

fila de automóveis estacionados junto ao passeio. Tomás foi atrás dela e, quase sem querer, obedecendo a um instinto de homem, desceu o olhar para os jeans apertados, e em particular o traseiro arredondado; Raquel era uma rapariga incontestavelmente atraente, de um desportivo elegante, o corpo curvilíneo e adelgado.

"Certificou-se de que ninguém o seguiu?"

Numa reacção reflexa, Tomás olhou para trás.

"Não tenho qualquer qualificação ou talento especial para despistar pessoas", observou. "Mas não creio que me tenham seguido, fique descansada."

Raquel destrancou por controlo remoto um Ford Fiesta encarnado impecavelmente lavado e acomodaram-se ambos no interior da viatura. Fazia calor, mas ela ligou de imediato o ar condicionado e a temperatura ficou regularizada. Fez marcha atrás e arrancou rua fora sem dizer uma palavra. Não parecia conversadora, mas isso não incomodou Tomás. Tinha dormido mal nessa noite e aproveitara a curta viagem entre Madrid e Sesefia para pôr o sono em dia. Agora que ia no carro apetecia-lhe voltar a adormecer, mas achou que não faria boa figura e esforçou-se por manter os olhos abertos.

As ruas de Sesefia apresentavam-se desertas, com os blocos de apartamentos repletos de

cartazes a dizerem "se vende" ou "alquila" e a indicarem números de telefone. Viam-se parques infantis sem vivalma, lojas fechadas e erva a nascer nos passeios. Algumas estruturas de prédios estavam em esqueleto, como se a construção tivesse sido abandonada a meio. Parecia que circulavam numa cidade-fantasma.

"Caramba!", exclamou o visitante, surpreendido. "É impressionante, isto! Olhe só para o número de apartamentos para venda ou aluguer... Incrível, hem?"

"É a crise", disse a espanhola sem tirar os olhos do caminho. "Já deve ter ouvido falar na crise, não?"

Disse-o com uma ironia amarga que não escapou ao português.

"Sim, com certeza", respondeu Tomás. "Eu próprio perdi O emprego." Indicou os prédios que ladeavam a rua. "Mas Uma coisa assim nunca tinha visto..."

Raquel respirou fundo, como se se rendesse à evidência de que, contra a sua vontade, seria forçada a falar.

"Aqui em Seseña foram construídos dezasseis mil apartamentos, com capacidade para quarenta mil pessoas. Desde que a crise rebentou sabe quantos desses apartamentos estão ocupados?"

"Em dezasseis mil? Não faço ideia. Mil? Cinco mil?" A espanhola virou a cara para ele.

"Sessenta."

O visitante assobiou, os olhos colados às ruas desertas e aos blocos de prédios vazios.

"Incrível!", exclamou. Depois balançou afirmativamente a cabeça, como se aquilo batesse certo com tudo o que sabia. "Não há dúvida, a bolha imobiliária espanhola foi a maior de todas." Indicou as fachadas com o polegar. "Tanto quanto sei foram construídas mais habitações em Espanha do que em França, Alemanha e Itália juntas. Estamos a falar de seiscentas mil casas por vender e outras seiscentas mil em construção, o que dá mais de um milhão, não é? É muito. Os empréstimos para os construtores espanhóis subiram oitocentos e cinquenta por cento desde 2000 até ao colapso financeiro." Suspirou. "Vocês estão atulhados em porcaria até ao pescoço, receio bem."

Raquel fitou-o com uma expressão admirada na face.

"Caramba! Tem os dados todos na cabeça!"

O seu passageiro sorriu.

"Desde que esta crise começou que tenho aprendido alguma coisa", confessou. "E o dossiê do Filipe, admito, é muito esclarecedor. Tal como os meus conhecimentos em história económica, aliás."

A condutora indicou as tabuletas azuis e vermelhas com indicação dos apartamentos para venda ou aluguer. "Então o que acha que nos vai acontecer?"

"Nada de bonito, lamento dizê-lo", vaticinou Tomás. "Tal como a Grécia e Portugal, a Espanha está endividada até ao tutano. Sabe, todos nós andámos a viver de dinheiro emprestado a juros baixos. Os Portugueses derreteram-no em auto-estradas, vocês derreteram-no em imóveis. A grande diferença é que, ao contrário da Grécia e de Portugal, que entraram na crise com enormes défices públicos, a Espanha entrou na crise com excedente nas contas públicas do estado central. O vosso problema foi a dívida dos governos regionais e sobretudo a dívida privada, que alimentou a bolha imobiliária e que, proporcionalmente, foi até muito maior do que a bolha imobiliária americana que provocou o colapso de 2008. Com o rebentamento da bolha, os

bancos espanhóis ficaram com as mãos cheias de hipotecas que não valem nada e credores de empréstimos que ninguém paga. O estado espanhol teve de intervir para salvar a banca, transferindo assim a dívida privada para o sector público central. Agora que os juros dispararam, ninguém empresta dinheiro barato e esperam-nos a todos anos e anos de cortes nas despesas, com empresas a falirem e o desemprego a aumentar. A vossa sorte é que, ao contrário da Grécia e de Portugal, a Espanha é talvez um país demasiado grande para se deixar cair assim sem mais nem menos. Mas o tempo do dinheiro fácil, minha cara, acabou. Se calhar para sempre."

O "minha cara" saiu-lhe de propósito, para criar maior proximidade com aquela rapariga de ares distantes, mas ficou na dúvida sobre se ela teria gostado.

"Sim, a Espanha viveu uma loucura de construção", admitiu Raquel, talvez demasiado concentrada no teor da conversa para notar o toque de familiaridade. "O que vemos aqui em Sesefia passa-se um pouco por toda a Espanha. Construímos que nem loucos, muitos empresários modestos fizeram fortunas incríveis na construção civil..."

"Como esse Florentino Pérez, do Real Madrid."

"Exacto. O dinheiro estrangeiro entrava no país a juros baixos, os preços das casas subiam e... toca a construir mais. Espanha transformou-se num estaleiro gigantesco. Só que a crise rebentou, os bancos estrangeiros deixaram de nos emprestar dinheiro, as pessoas deixaram de ter crédito para comprar casa e a bolha do imobiliário... pumba, explodiu! Sem compradores, as construtoras entraram em colapso, atrás delas vieram outras empresas que tiveram de fechar e o desemprego disparou. Mais de cinco milhões de pessoas sem trabalho."

Tomás ergueu dois dedos.

"Vocês têm outros dois problemas relacionados", indicou. "Um é o dos bancos, em particular as cajas, que ficaram totalmente entalados. Empréstaram dinheiro às construtoras para fazerem esta obra toda e emprestaram dinheiro às pessoas para comprarem as casas que as construtoras faziam. Um clássico esquema piramidal que os vossos governos e o banco central não tiveram a sensatez de travar. A bolha rebentou, o dinheiro deixou de fluir, as pessoas pararam de comprar casa, as construtoras foram à falência e as pessoas que haviam comprado no passado deixaram de pagar os empréstimos. Conclusão, os bancos ficaram de repente com uma data de propriedades nas mãos que não valem nada porque ninguém as pode comprar." Mostrou o segundo dedo. "O outro problema são as autarquias e os governos regionais, que faziam obras a torto e a direito e financiavam-nas com o dinheiro dos impostos cobrados à custa destes empreendimentos. Como as obras pararam e as vendas também, as receitas dos impostos caíram. Está toda a gente crivada de dívidas e a Espanha inteira a dever centenas de milhares de milhões de euros aos bancos estrangeiros."

Com um gesto de desânimo, Raquel indicou os prédios em redor.

"A Espanha agora é isto."

O automóvel encostou junto ao passeio poeirento e Raquel desligou o motor.

"Chegámos", anunciou. "Vamos."

Tomás apeou-se e olhou em redor. A rua estava deserta e emparedada por prédios vazios e oliveiras solitárias; pareciam espectros em poses teatrais. O silêncio era perturbador e o sopro do vento tornava-o lúgubre. Além das tabuletas de venda e arrendamento, descortinou uma placa com o nome da rua.

Calle Velázquez.

"Você vive aqui?", estranhou. "Neste local abandonado?" A espanhola esperava no passeio que ele se habituasse ao estranho cenário que os cercava.

"Aluguei um apartamento. Porquê?"

O português ficou desconcertado com a pergunta, tão evidente era a resposta.

"Bem, é... é um sítio original."

Raquel fez-lhe sinal de que a seguisse e começou a andar na direcção da entrada de um prédio.

"O Filipe tinha-me pedido que procurasse um local discreto", explicou. "Mais discreto que isto é impossível, não?"

Tomás estugou o passo e pôs-se ao lado dela.

"Um sítio discreto para quê?"

"Para levar a cabo a investigação, claro. Qualquer que ela seja..."

"Qualquer que ela seja como?", admirou-se o historiador. "Então não sabe qual é a investigação?"

"Claro que não", esclareceu a espanhola, abrindo a porta do prédio e entrando no edifício. "Apenas falei com ele ao telefone e por e-mail e mostrou-se sempre muito cuidadoso com o que dizia, com receio de ser interceptado. Só me faria um briefing completo quando estivéssemos juntos, o que aconteceria depois de ele ter ido a Lisboa. A única coisa que percebi foi que se tratava de uma operação que requeria o maior cuidado."

Entraram no elevador e Raquel carregou no botão do segundo andar. O ascensor deu um solavanco e começou a subir.

"A sua área não é o crime económico ou coisa do estilo?" "Não. Sou uma mera operacional da Interpol. " "Então porque a contactou ele?"

"Precisava de protecção. Para quê, não sei."

O elevador chegou ao segundo andar e Tomás abriu a porta, virou-se para a espanhola e, com um gesto galante, fez-lhe uma vénia.

"Faça o favor."

Quando levantou os olhos, viu-a fitá-lo com uma expressão tensa, de predador, gata transformada em fera, uma pistola na mão apontada para ele.

"Quieto, cabrón!", rosou ela, os olhos verde-claros a chisparem fogo. "Foste apanhado!"

Os três homens de negro percorreram a manga do avião em passo apressado e desembocaram no terminal do Aeroporto de Barajas, em Madrid. Caminhando à frente, Decarabia ligou o telemóvel enquanto caminhava e aguardou que o aparelho apanhasse rede. Seguiram as setas a indicar Salida e imobilizaram-se diante do tapete rolante com as bagagens. O tilintar de sucessivos SMS a chegarem ao telemóvel foi o sinal de que a ligação estava estabelecida.

Olhou para o ecrã do aparelho e viu uma sucessão de mensagens engarrafadas. As três primeiras eram informações das operadoras a darem-lhe as boas-vindas a Espanha e a comunicarem-lhe as tarifas de roaming. Apagou essas mensagens e passou para as duas seguintes; tratava-se de vários telefonemas do mesmo número, que reconheceu de imediato. Carregou no botão verde e a chamada para esse número foi devolvida.

"Sou eu, grande Magus", disse Decarabia logo que atenderam do outro lado. "Chegámos agora. Tentou falar comigo?"

"Sim, Decarabia. O nosso contacto secreto dentro da Interpol acabou de me enviar a informação solicitada. Ele conseguiu acesso ao ficheiro confidencial da nossa amiga."

"E então?"

"Parece que essa Raquel de la Concha é uma recruta promissora. Boa na sedução e traiçoeira nas operações. Usam-na sobretudo como isco para atrair os suspeitos." Pigarreou. "Há no entanto um problema.

A gaja meteu férias esta semana."

"Porra! Onde foi ela?"

A voz na linha manteve um tom neutro.

"A informação não consta do ficheiro, como é evidente", disse Magus.

"Mas conseguimos penetrar no endereço pessoal dela na Internet e vimos que a tipa alugou um apartamento numa terriola a sul de Madrid."

"Excelente! Tem a morada?"

"Calle Velázquez", foi a resposta, com indicação do número de porta do prédio e do andar. "Isto é num sítio chamado Seseria."

"Mais alguma coisa?"

"É tudo. Desta vez não falhes, ouviste?"

O homem no Aeroporto de Barajas ia responder, mas a linha morreu nesse instante. Magus tinha desligado.

O operacional guardou o telemóvel no bolso e, com recurso a um iPad, entrou na Internet e digitou o nome da terra que o líder da organização lhe dera. Um mapa de Espanha encheu de imediato o ecrã. Decarabia deslocou o dedo para baixo de Madrid e, a meio caminho de Toledo, uns quarenta quilómetros a sul da capital, lá estava o que procurava.

Sesefia.

Decarabia endireitou-se e, no meio da bagagem de todos os passageiros, viu a mala diplomática saltar para o tapete rolante; era ali que vinham as armas. Inspirou cheio de confiança e sorriu.

"A caçada começou."

O cano escuro da pistola permanecia voltado para Tomás. O historiador sentara-se na cadeira que Raquel lhe indicara e sentia-se infinitamente nervoso por estar sob a mira da arma; quem lhe garantia que, devido a um tropeção ou a qualquer outro incidente, ela não premia acidentalmente o gatilho?

"Isto é ridículo!", considerou. "Faça o favor de afastar essa arma, isso ainda pode..."

"Cale-se!", cortou a espanhola numa voz ameaçadora e autoritária. "Nem se atreva a fazer um gesto brusco, ouviu?"

Intimidado, Tomás obedeceu. Fora revistado com as mãos encostadas à parede e algemado antes de ser atirado para o sofá, atônito com a forma como havia sido traído; não lhe dissera Filipe que esta rapariga era de confiança? O que mais o incomodava, porém, era a pistola; não conseguia desviar os olhos do cano.

A sua captora sentou-se diante dele e cruzou as pernas, ficando a contemplá-lo em silêncio; parecia estar a ponderar as suas opções e a decidir o que faria.

"O que se passa?", arriscou ele. "Porque me algemou?" Raquel manteve o olhar de gata cravado nele.

"Estou aqui a debater-me com uma dúvida", revelou num tom mordaz. "Devo matá-lo ou entregá-lo à polícia portuguesa?" Uma luzinha cintilou-lhe na íris. "O que acha?"

Assim postas as coisas, a opção preferível parecia-lhe a segunda. Mas Tomás percebeu que não poderia entrar naquele jogo, teria de entender primeiro o que estava a acontecer para poder lidar com a situação.

"Qual é o seu problema?"

A pergunta enrubescceu a espanhola.

"Como se atreve a fazer essa pergunta?", rugiu ela, o olhar a chispar fúria. "Aconselho-o a não brincar comigo."

"Não estou a brincar com ninguém", retorquiu o português de uma forma categórica. "Não percebo o que se está a passar e agradecia que me esclarecesse, se fizer o favor."

Raquel fitou-o com atenção, esforçando-se por lhe ler a expressão do rosto. A convicção que captou deixou-a um tudo-nada desconcertada.

"O senhor é um assassino", acabou por dizer, talvez com menor firmeza do que gostaria. "Matou o Filipe e veio aqui..."

"Eu matei o Filipe?"

O olhar de Tomás ateou-se com uma expressão de tão genuíno escândalo que a sua interlocutora voltou a vacilar. Puxou o computador portátil que tinha pousado sobre a mesa e começou a digitar no teclado com a mão esquerda, a direita sempre a segurar a pistola.

"Depois do seu telefonema esta manhã contactei o meu serviço para verificar se teria havido algum assassinio em Lisboa", revelou. "Como deve calcular, a notícia que me deu deixou-me em estado de choque. A resposta veio pouco depois por e-mail. Filipe tinha de facto sido morto e a polícia portuguesa emitiu um mandado de captura com o nome do assassino. Mandaram-me a fotografia que Lisboa enviou para a Interpol com o rosto do suspeito. Quando há ROUCO você veio ter comigo ao Café Nirvana, pode imaginar a minha surpresa ao deparar-me com a sua cara."

Virou o computador para o português com a imagem difundida pela Polícia Judiciária.

Previsivelmente, o ecrã mostrava o seu próprio rosto.

"Não sei como explicar-lhe isto", murmurou ele. "Mas eu não matei o Filipe."

"Então como justifica que a polícia do seu país esteja a difundir a sua imagem e o seu nome?"

"Não sei explicar", confessou. "Mas tenho uma teoria. O Filipe deu-me a entender que a sua investigação mexia com pessoas muito poderosas. Tenho de concluir que são suficientemente poderosas para manipular a polícia portuguesa e lançá-la contra mim."

Raquel considerou o argumento.

"Suponhamos que essa teoria é verdadeira", propôs ela. "Porque fariam isso?"

"Porque existe um DVD muito comprometedor e o Filipe estava na posse dele", explicou. "Os homens que o mataram pelos vistos acreditam que ele me passou esse DVD. Estão a usar a polícia para me capturarem e terem acesso a ele."

"O DVD está mesmo consigo?"

Tomás levou um longo instante a responder à pergunta. "Sim e não."

A resposta suscitou o visível desgosto da espanhola. Raquel fez um estalido impaciente com a língua e agitou a pistola.

"Não brinque comigo!", avisou. "Tem ou não tem o DVD do Filipe?"

"Não tenho", foi a resposta directa. "Receio que ele tenha falecido antes de me dizer onde estava esse maldito DVD. Porém, e quando tentava dar-me essa informação, nos seus últimos momentos, o Filipe apontou-me para uma cifra. Presumo pois que ela contenha o paradeiro do DVD."

"Onde se encontra essa cifra?"

"Num envelope que guardei no cofre de um banco, em Madrid, antes de vir para cá", revelou. "Pareceu-me mais seguro."

A espanhola calou-se. De olhos fixos no seu prisioneiro e a morder o lábio inferior, ficou a amadurecer durante momentos o que acabara de escutar. A pistola dançava na sua mão enquanto ia considerando os vários ângulos do problema, como se os dedos irrequietos reflectissem o debate interior que nesse instante processava mentalmente.

"A sua explicação bate certo com algumas coisas que o Filipe me explicou ao telefone e por e-mail quando pedi a minha ajuda", acabou por admitir. "E há outras duas coisas que jogam a seu favor. A primeira é que está desarmado. Um fugitivo não viria ter com uma agente da Interpol sem uma arma. A segunda deriva das suas motivações. Se é o assassino, por que motivo veio ter comigo? Para quê procurar uma agente da polícia quando na verdade deveria estar a fugir? Que eu saiba não tenho nada que lhe interesse..."

O raciocínio abriu uma janela de esperança em Tomás. "Justamente."

Raquel semicerrou os olhos, mostrando que havia ainda o outro lado do problema a considerar.

"Para compensar, não posso ignorar a existência de um mandado de captura em seu nome", lembrou. "E, tenho de o dizer, custa-me a acreditar que, considerando todo o secretismo com que Filipe me envolveu nesta operação, o tivesse mandado vir ter comigo sem nada a autenticar a sua idoneidade."

"Ele estava à morte quando me deu o seu nome", justificou-se Tomás. "Não foi nada que tivesse sido planeado, entende?"

"Mesmo assim..."

Os acontecimentos da véspera, incluindo o que se passara dentro do cacilheiro, haviam ficado gravados a fogo na memória do historiador; no fim de contas, não era possível esquecer facilmente coisas daquelas. Mas a informação era tanta que se amontoava quase caoticamente no espírito de Tomás. As palavras da sua captora, porém, acenderam uma luzinha no seu cérebro. Realmente, seria natural que Filipe lhe tivesse passado algo a autenticá-lo junto de Raquel. Agora que ela falava nisso, e pensando bem, o amigo moribundo dissera de facto qualquer coisa que... que...

"Diz-lhe que não vou poder levá-la à Disneylândia!" A agente da Interpol arregalou os olhos.

"Perdão?"

"Foi o recado que ele deu quando me pediu que viesse ter consigo", explicou o português, a lembrança da conversa ainda fresca, os pormenores a realinharem-se como peças de um puzzle. "Diz-lhe que não vou poder levá-la à Disneylândia." Foram exactamente essas as palavras que o Filipe proferiu quando me deu o seu contacto."

Raquel pareceu ficar abalada. As pálpebras humedeceram e o olhar tornou-se brilhante; era evidente que a frase queria dizer alguma coisa pessoal para ela. Ao fim de um longo instante respirou fundo e baixou enfim a pistola.

"Muy bien", disse. "Estou convencida."

O português bufou de alívio.

"Ufa, ainda bem!", sorriu. "Estava a ver que esta história ia acabar mal!..."

Raquel levantou-se e, abrindo o colete carmesim, guardou a arma num coldre preso por baixo do braço esquerdo. Depois aproximou-se dele e inseriu uma chave nas algemas. Libertou-o e afastou-se em direcção à cozinha.

"Tem fome?", perguntou, atirando um olhar ao seu interlocutor. "Quer tomar alguma bebida?"

"Confesso que era menino para trincar qualquer coisinha. O que tem por aí que se coma?"

"Paella."

Tomás revirou os olhos, desagradado; os arrozinhos espanhóis, secos e salgados, estavam longe de ser os seus pratos favoritos. Mas poderia darse ao luxo de ser exigente? A mãe costumava dizer-lhe que em tempo de guerra até ratos se comem. Até nova ordem, paella era infinitamente melhor que rato.

"Ótimo."

Ouiu pratos a tilintar na cozinha, o som de uma portinha a fechar e o zumbido de um microondas a funcionar. Três minutos depois, Raquel reapareceu na sala a segurar uma bandeja com dois pratos e dois copos de vinho tinto. Pousou a bandeja sobre a mesa e convidou o historiador a sentar-se. Depois de se acomodar, Tomás meteu a primeira garfada à boca e, saboreando a comida, sorriu.

"Foi feito ontem", revelou a anfitriã. "Está bom?" Era horrível.

"Excelente!", mentiu ele. "Uma maravilha!"

Em boa verdade, a fome mitigava o desagrado que a paella lhe suscitava. Preferia mil vezes os arrozinhos portugueses, molhados e suculentos, mas naquelas circunstâncias o apetite dominava e, após as primeiras garfadas, até começou a achar que o seu prato talvez não fosse

tão mau quanto isso, sobretudo quando regado com o Rioja. "Ternos de desenvolver um plano de acção", sentenciou ela. "Tem alguma coisa em mente?"

Tomás mastigou à pressa o que tinha na boca; falar com arroz a entaramelar-lhe a língua não fazia o seu género.

"O plano de acção é muito simples", disse depois de engolir a comida. "Deixe-me descansar ao longo do dia de hoje." Pôs-se a gesticular com o garfo. "Amanhã de manhã vamos a Madrid, levantamos o material que o Filipe me passou e vou tentar decifrar a chave que nos conduzirá ao DVD. O resto será fácil. Vamos buscar esse maldito DVD, espreitamos o que está lá dentro e entregamos o material ao Tribunal Penal Internacional." Encolheu os ombros. "Como vê, nada mais elementar."

A espanhola arqueou uma sobrancelha.

"O Filipe já me tinha falado no TPI", observou. "Mas confesso não perceber bem porquê."

"O TPI abriu um processo aos responsáveis pela crise por crimes contra a humanidade. O DVD contém material relevante para esse processo."

"Tem alguma ideia do que seja?"

Tomás balançou afirmativamente a cabeça.

"O conteúdo é explicado num dossiê que o Filipe me entregou. Trata-se de matéria muito sensível relacionada com a crise."

"Ah, bueno", assentiu Raquel. "Confesso, no entanto, que não percebo bem a natureza da crise."

"Sabe ao menos como foi ela desencadeada, não?" "Quem não sabe? A bolsa caiu em Nova Iorque e... alastrou pelo planeta."

O português meteu mais uma porção de arroz à boca e esforçou-se por mastigar rapidamente. Depois de engolir encarou a sua interlocutora.

"Está habituada a lidar com crimes?"

"Com certeza", foi a resposta pronta. "Enfrentar crimes é a minha profissão."

Tomás pousou o garfo no prato e sorriu, uma expressão de desafio a bailar-lhe no rosto.

"Então vou contar-lhe como foi executado o crime do século."

O Mercedes negro de vidros fumados deteve-se à esquina da calle Velázquez. Após um instante de espera, como uma fera a ronronar enquanto estudava o terreno para lançar o ataque, começou a rolar devagar; parecia estar a testar as presas, o motor quase mudo e os pneus a fazerem estalar as folhas secas que se espalhavam pelo asfalto sujo.

Com as mãos firmes no volante, Decarabia varreu a rua com o olhar. A calle Velázquez estava estranhamente deserta, apenas atravessada por uma nuvem de poeira que se ergueu da direita e arrastou com ela papéis e plásticos, os sacos a esvoaçarem aos solavancos, para a direita, depois para cima, a seguir com outra direcção e noutra velocidade, sempre ao sabor dos humores voláteis do vento inconstante.

Nada daquilo lhe agradava.

"Estamos mais expostos que um pato numa carreira de tiro", observou. "Temos de sair daqui."

O Mercedes dobrou a primeira esquina e estacionou ao lado de um renque de oliveiras, já abrigado de olhares indiscretos que pudessem espreitar dos prédios alinhados ao longo da calle Velázquez. Decarabia desligou o motor e, quebrando o súbito silêncio, os três homens saíram do automóvel, os olhares conhecedores a perscrutarem o quarteirão em busca de qualquer ameaça.

Tudo parecia incrivelmente vazio. Apenas se escutava o farfalhar variável da brisa, agora forte, a seguir mais brando, para logo depois voltar a levantar. O claque seco das portas do carro a fecharem-se encheu por instantes a rua, ecoando entre os prédios abandonados. Decarabia abriu a bagageira e um dos seus companheiros destrancou a mala diplomática, deixando à vista dos três as armas atadas a um painel.

Decarabia estendeu a mão para uma das pistolas.

"A Beretta é minha."

Os seus dois companheiros ficaram com as Glock. Os três homens pegaram nas peças anexas e ajustaram-nas às armas, atarraxando os silenciadores aos canos.

"Estamos prontos para enfrentar um exército", disse um dos operacionais. "Com estas meninas vamos arrasar." Decarabia olhou-o de esguelha.

"Vais é ter juízo, ouviste?", avisou. "Estes brinquedos são para usar com discrição. Não queremos atrair atenções indesejadas."

O homem assentiu com um aceno; era um mero executor, fazia o que lhe mandavam, os outros que passassem.

Decarabia verificou as balas na sua Beretta e, satisfeito, guardou a arma à cintura. Tirou do bolso o papel e verificou a morada exacta do alvo. Depois esquadrinhou a calle Velázquez com o olhar, inspecionando um a um os números fixados sobre as portas, até se deter num edifício ao fundo da rua.

"É ali."

Os pratos de sobremesa eram uns petit gâteaux que Raquel tirou do congelador e apressadamente cozinhou no microondas. Pô-los tempo de mais no aparelho, uma vez que os doces vieram a fumegar e com o molho de chocolate solidificado. Tomás retirou um pedaço da sua sobremesa e provou-a quase a medo.

"Então?", quis a espanhola saber. "Qual foi o crime do século?" O seu interlocutor apontou com a pequena colher para o doce pousado diante dele. "Este petit gâteau", indicou. "Cozinhá-lo desta maneira é o crime do século. Não podia ao menos ter preservado o molho de chocolate?" A anfitriã fez uma careta.

"Vá, não abuse. Ter sobremesa já não é mau, isto não é nenhum restaurante." Mordeu o lábio inferior. "Dizia você que foi cometido o crime do século. Explique lá isso melhor."

Tomás trincou mais um pedaço do seu doce; havia de facto sido demasiado cozinhado, mas continuava delicioso.

"Estamos perante a tempestade perfeita", começou por dizer enquanto se lambuzava com o seu petit gâteau. "A uma crise estrutural do Ocidente e em particular das economias do Sul da Europa juntou-se a crise financeira americana e a crise estrutural do euro."

"Tudo relacionado?"

"De certo modo", assentiu o historiador. "Acontece que as crises estruturais, a do Ocidente, a das economias sul-europeias e a do euro, eram silenciosas e prolongadas. Só se tornaram visíveis graças à crise financeira, que pôs tudo a nu. É um pouco como se víssemos numa casa com as estruturas rachadas, está a ver? Um dia vem um terramoto e... pimba, lá vai a casa abaixo! O que dizemos então? Ai, a minha casa foi destruída pelo terramoto!" Estreitou as pálpebras. "Mas estaremos a dizer a verdade?"

"Sim e não", retorquiu a agente da Interpol. "Sim, porque foi o terramoto a causa próxima. Não, porque a casa já tinha as estruturas debilitadas e mais dia menos dia viria abaixo."

"O mesmo se passou com esta crise. As economias ocidentais e o euro são a casa com os pilares rachados, a crise financeira americana foi o terramoto. Para perceber esse terramoto temos de recuar no tempo e ver o que aconteceu no terramoto anterior, ocorrido em 1929."

"Ou seja, a Grande Depressão", observou Raquel. "Porque diabo vocês, os historiadores, explicam tudo recorrendo ao passado?"

"Porque o passado dá-nos pistas para o presente, ora essa!", exclamou Tomás, defendendo a sua formação académica. "Já viu como para se perceber alguma coisa do presente é preciso conhecer a história?" Pigarreou. "Recuemos pois aos anos 20. Ao longo de quase toda essa década, a Reserva Federal dos Estados Unidos manteve as taxas de juro artificialmente baixas, o que encorajou os bancos a emprestarem dinheiro em condições arriscadas. Como o dinheiro era tão barato, as pessoas endividaram-se à louca, criando uma bolha de consumo, em particular na bolsa e no imobiliário. Com tanta procura, os preços começaram a subir. Receando que a inflação se descontrolasse, em 1928 o Fed foi forçado a aumentar os juros. Isso fez rebentar a bolha. Os consumidores viram de repente dificultado o acesso ao crédito a que estavam habituados e, como passaram a ter menos dinheiro, deixaram de pagar as dívidas e de comprar acções, bens e propriedades. Os bancos não conseguiam reaver o dinheiro que haviam emprestado e as empresas produziam bens que ninguém comprava. Sem conseguirem vender, baixavam os preços para atrair clientes, mas o consumo permaneceu baixo porque os juros

continuavam altos. As empresas acumularam prejuízos e começaram a falir. Com as empresas a perderem dinheiro ou a fecharem, as acções aceleraram a queda e provocaram o colapso de Wall Street."

"O famoso colapso de 1929, não é?"

"Foi na chamada terça-feira negra. A derrocada da bolsa ameaçou ainda mais a liquidez dos bancos, muitos dos quais tinham investido demasiado em acções. Os depositantes assustaram-se com as informações de que os bancos não estavam bem e correram para levantar os dólares e trocá-los por ouro ou escondê-los debaixo dos colchões. Em vez de injectar dinheiro na economia, onde faltavam dólares, o Fed manteve as taxas de juro altas. Com os cofres vazios, os bancos faliram em cascata. Os que sobreviveram, escaldados, tornaram-se muito conservadores nos empréstimos. Sem os bancos a financiá-las, as acções em baixo e o dinheiro dos consumidores guardado debaixo dos colchões ou em ouro, as empresas não vendiam produtos nem se financiavam, e as insolvências aceleraram. Mais pessoas ficaram sem emprego. O caos espalhou-se pela América e depois pelo mundo."

"Isso é estranho, não é?", interrogou-se Raquel. "Se o problema era americano, porque contagiou o resto do mundo?"

"Porque a Europa vivia à custa de dinheiro que vinha da América. Os Aliados europeus combateram na Primeira Guerra Mundial com dinheiro emprestado pelos bancos dos Estados Unidos. Quando a guerra acabou chegou a hora de pagar. Mas pagar com quê, se a Europa não tinha dinheiro? Assim, pediram empréstimos novos para pagar os antigos. Ou seja, resolveram a dívida com mais dívida, um esquema piramidal que caracterizou a vida nos anos 20. Por outro lado, a Alemanha, sobrecarregada pelas reparações de guerra, também só se sustentava com o dinheiro que pedia emprestado à América. Quando os bancos americanos entraram em colapso toda a pirâmide se desfez. Os países europeus, que viviam viciados nos empréstimos americanos, viram a torneira fechar-se e ficaram sem dinheiro. As economias paralisaram e os estados entraram em incumprimento. Como metade do planeta estava nas mãos dos europeus, a crise globalizou-se."

Raquel emitiu um assobio.

"Mãre de fios, sempre ouvi falar na crise de 1929 mas nunca a tinha entendido realmente", observou em tom aprovador. "Você explicou isso muito bem, sim senhor!"

O historiador arqueou as sobrancelhas sucessivamente para cima e para baixo, brincalhão.

"Não é por acaso que sou... ou era, o professor mais requisitado da minha faculdade."

Ela soltou uma gargalhada.

"Ai que vaidoso!", gracejou com uma careta trocista. "Já vi que é peneirento."

"Não confunda sinceridade com vaidade", retorquiu Tomás. "De qualquer modo, vale a pena notar que, se for a ver bem, tudo o que lhe expliquei referente à Grande Depressão é hoje estranhamente familiar, não acha?" Começou a enumerar com Os dedos. "Dinheiro fácil, endividamento das pessoas, endividamento dos países, bolhas que crescem, subida das taxas de juros, bolhas que rebentam, dívidas que ficam por pagar, bancos sem dinheiro, países insolventes, desemprego a alastrar..."

"Tem razão, hoje em dia ouvimos tudo isso nas notícias."

"A história económica tem o seu quê de monotonia", notou o português. "Tende a repetir-se com previsibilidade enfadonha. Como dizia Aldous Huxley, 'o charme da história e a sua lição

enigmática consiste no facto de que, de era em era, nada muda e apesar disso tudo é completamente diferente'."

"Acha que a actual crise é igual à de 1929?"

O historiador passou o indicador pelas manchas de chocolate que restavam no prato de sobremesa.

"Sabe, convém primeiro perceber como foi enfrentada a Grande Depressão", disse ao lamber o dedo. "Uma das coisas que as autoridades americanas perceberam foi que os bancos desempenharam um papel crucial em toda a crise. Fecharam onze mil bancos na América, e isso não podia ser. Os governantes tentaram perceber o que corria mal e tomaram consciência de que, na mira do lucro fácil, os bancos se haviam envolvido em investimentos de alto risco. Além disso, emprestaram dinheiro a pessoas, empresas e países que não tinham condições de pagar e que, quando as dificuldades surgiram, entraram em incumprimento. Por outro lado, havia um problema de confiança dos depositantes, que nessa época corriam aos bancos para levantar o dinheiro à menor notícia de que eles enfrentavam dificuldades, com receio de perderem todos os seus depósitos. Havia, pois, que mudar isso."

"Ah, foi assim que nasceram as garantias do estado aos depósitos até um determinado valor, não é verdade?"

"Exactamente. Essa foi a medida concebida em 1933 para parar com as corridas aos bancos. O problema é que essa garantia tinha algo de imoral. Ela significava que, se o banco gerisse mal, os contribuintes pagariam para cobrir essa má gestão, mas se gerisse bem o banco ficaria com todos os lucros, nada entregando aos contribuintes que arriscavam o dinheiro com a garantia que davam. Não podia ser. Assim, como contrapartida pelo risco que passou para o bolso dos contribuintes, o governo americano impôs aos bancos um quadro de regulação do mercado que limitou a competição selvagem e atingiu o seu expoente máximo com a aprovação no mesmo ano da Lei Glass-Steagall, que separou os bancos comerciais dos bancos de investimento. Esta decisão foi crucial."

"Porquê? Como é que uma simples separação de bancos muda alguma coisa?"

"Repare, o que são bancos comerciais e bancos de investimento? Os bancos comerciais limitam-se a guardar as poupanças dos depositantes e a fazer empréstimos, enquanto Os bancos de investimento se caracterizam por gerir o dinheiro dos ricos e envolver-se em actividades de risco, como investimentos em acções e obrigações. Ora o que se estava a passar? Os bancos que recebiam os depósitos andavam a fazer investimentos arriscados com o dinheiro dos depositantes.

Além do mais, ao juntarem as duas actividades, comercial e investimento, os bancos haviam-se tornado demasiado grandes e as suas falências afectavam todo o sistema e paralisavam a economia. Não podia ser. Foi por isso que a Lei Glass-Steagall os separou."

A espanhola fez uma careta e resmungou com cepticismo.

"Pois, mas essa medida falhou..."

"Pelo contrário", apressou-se Tomás a esclarecer. "As medidas de regulação foram um grande sucesso e as falências praticamente pararam logo que as novas regras entraram em vigor. Os bancos comerciais passaram a ser muito mais prudentes na gestão do dinheiro dos depositantes. Por um lado, o cidadão comum não queria de modo nenhum que as suas poupanças fossem arriscadas no casino das bolsas, pelo que o investimento de risco cessou.

Por outro, os bancos comerciais passaram a viver exclusivamente da diferença entre os juros que pagavam aos depositantes e o juro que recebiam das pessoas, das empresas e dos países a que emprestavam o dinheiro. Como é evidente, tinham todo o interesse em só emprestar a quem pagasse, não é verdade? Isso garantiu a solidez do sistema."

"Desculpe, mas se assim fosse não teria havido o colapso financeiro em 2008, pois não? A ocorrência desse colapso prova que a regulação não funcionou."

"Não, minha cara", retorquiu Tomás com grande ênfase. "O colapso de 2008 prova que a regulação funcionou. Veja bem, durante um quarto de século o sistema financeiro não sofreu qualquer sobressalto, pois não?"

"Então o que correu mal?"

"O que correu mal foi que, nos anos 60, os bancos começaram a ser geridos por uma nova geração de banqueiros, gente que não tinha vivido os tempos da Grande Depressão e que queria expandir a sua actividade para áreas de maior risco, que eram mais lucrativas. Os novos políticos também não tinham passado pela grande crise de 1929 e aceitaram flexibilizar algumas regras de regulação, o que teve como consequência um maior comportamento de risco por parte dos bancos e o consequente aumento das falências nos anos 70."

"Se as falências aumentaram, porque não voltaram à regulação que tinha sido revogada?"

"Porque o clima ideológico se alterou", explicou o historiador. "Lembre-se que a nova geração de líderes não tinha vivido a Grande Depressão e achava que os tempos tinham mudado e já não se justificavam determinadas medidas restritivas. Foi por isso que em 1980 o presidente Carter aprovou uma lei que permitia que os bancos se tornassem mais competitivos no pagamento de juros aos depositantes. Mas os grandes investidores de Wall Street achavam que isso não era suficiente e queixavam-se de que, ao limitar as actividades de risco, a regulação não os deixava fazer muito dinheiro. O que era verdade. A limitação do risco impedia as perdas catastróficas, mas também os lucros mirabolantes." Abriu os braços e sorriu. "Foi assim que, em 1981, a América elegeu para a Casa Branca um actor de Hollywood que tinha, o que não era inocente, o apoio entusiástico de Wall Street."

Raquel arregalou os olhos e, num tom de espanto, pronunciou o nome muito devagar.

"Ronald Reagan?"

Com um aceno afirmativo, o historiador anuiu.

"A retórica do mercado livre e da regulação conheceu um novo e poderoso impulso com a eleição do presidente Reagan. A ideia era simples: os mercados funcionam bem por si mesmos, os regulamentos são empecilhos que impedem o bom funcionamento da economia livre, a regulação não é a solução mas o problema, o mercado deve ser totalmente livre. Desregule-se!"

"Há uma certa lógica nesse raciocínio..."

"Uma lógica que só um tolo engole!", devolveu Tomás num tom categórico. "Imagine que não havia uma lei a proibir o homicídio. O que aconteceria? Um homem com fome via uma velhota sair do supermercado e matava-a na rua para comer o que ela tinha no saco. Ou seja, as pessoas estavam sempre a matar-se umas às outras por dá cá aquela palha. Foi justamente para impedir isso que o homicídio foi proibido. As leis são o que nos separa da bestialidade. Ora a lei é uma regulação criada para impedir que um determinado sistema entre em curto-circuito. É uma estupidez pensar que não é preciso proibir os homicídios porque Os homicidas se auto-regulam livremente. Isso nunca funcionaria. No futebol, por exemplo, há uma lei que impede que se jogue

a bola com a mão. Se se acabar com essa lei, os jogadores começam a agarrar a bola com as mãos sempre que lhes convém e o jogo é destruído." Fez um gesto a indicar o que estava para lá da janela da sala. "Até a natureza está repleta de leis! As leis são regulação, minha cara. Se o universo, a natureza, a vida, a sociedade e até os desportos precisam de regulação para funcionarem, por que razão o mercado haveria de ser a excepção e prescindir de regulação? Isso não faz sentido nenhum!"

Raquel ponderou o argumento.

"Pois, tem razão", acabou por reconhecer. "A verdade é que a própria natureza é regulada por leis. Mas se assim é, como se passou a defender a desregulação do mercado?"

"Porque isso interessava aos tubarões da alta finança, uma vez que lhes abria a porta a fortunas fabulosas. Que isso destrísse o próprio mercado e pusesse em causa a economia e a sociedade não era problema deles. Esses tubarões lançaram uma campanha ideológica a favor da desregulação e puseram-se a financiar com centenas de milhões de dólares as campanhas de políticos de vários partidos em troca de promessas de que, uma vez eleitos, removeriam as regulações que impediam a alta finança de fazer lucros pornográficos."

"E foram removidas?"

"Com certeza! A primeira coisa que Ronald Reagan fez foi pôr fim aos limites às taxas de juro oferecidas aos depositantes, permitindo assim a competição selvagem entre bancos e encorajando comportamentos de risco. Depois autorizou que as caixas bancárias fizessem investimentos arriscados com o dinheiro dos depositantes. A seguir tentou anular a Lei Glass-Steagall e expandir os poderes dos bancos, mas não conseguiu. Então o que fez Reagan? Nomeou para secretário do Tesouro o GEO do banco de investimento Merrill Lynch e pôs-se à procura para o cargo de regulador de alguém que não acreditasse na regulação. A escolha recaiu num tipo chamado Alan Greenspan. Com Greenspan à frente do Fed, os reguladores reinterpretaram os seus poderes no sentido de permitir que os bancos entrassem em actividades de risco que até então lhes estavam vedadas. A ideologia da desregulação alastrou, apoiada por economistas também subvencionados pela alta finança. Os presidentes seguintes, George H. Bush, Bill Clinton e George W. Bush, prosseguiram a mesma política e chegaram ao ponto de exportar esta ideologia de desregulação para o resto do mundo. Até que, em 1999, o grande objectivo foi finalmente alcançado."

"Desregularam tudo?"

"Na prática, sim. Isso foi conseguido com a Lei Gramm-Leach-Bliley, que eliminou enfim o que restava da Lei Glass-Steagall. Os bancos comerciais foram autorizados a ter actividades de bancos de investimento, exactamente como acontecia antes do colapso de 1929."

Raquel olhou-o de olhos semicerrados.

"Essa lei foi eliminada em 1999, diz você?"

"Exacto", confirmou ele. "Nove anos depois, em 2008, veio o colapso financeiro."

"Acha que foi coincidência?"

O historiador afastou o prato de sobremesa que o seu indicador limpava de chocolate e encarou a sua interlocutora com uma expressão de desafio no rosto.

"Não me diga que também acredita no Pai Natal..."

Os três homens levaram meia hora a aproximar-se do prédio situado a meio da calle Velázquez. Saltaram de ponto em ponto com cuidado para não serem notados, os olhos a dispararem em todas as direcções, as armas escondidas, os movimentos dominados pela preocupação de as suas presenças se manterem invisíveis.

Quando chegaram enfim junto do edifício, Decarabia projectou um olhar na direcção de um dos companheiros.

"Sobe até ao segundo andar", ordenou, indicando o prédio onde se abrigavam, mesmo diante do imóvel no qual supostamente se encontravam os alvos. "Diz-me o que vês no edifício em frente."

Sem pronunciar palavra, o homem mergulhou na estrutura abandonada e desapareceu no interior, os primeiros passos da escalada das escadas a ecoarem no átrio e a perderem-se na distância. Decarabia ficou escondido atrás de um pilar, a vigiar a rua e à espera de novidades.

O batedor regressou dez minutos mais tarde e encostou-se ao pilar para apresentar o seu relatório.

"O apartamento do segundo andar está de facto ocupado", revelou, indicando o prédio que vigiavam nesse instante. "Vi um homem e uma mulher na sala."

"O que fazem eles?"

"Estão sentados à mesa a conversar", foi a resposta. "Têm uns pratos diante deles."

"São os nossos pombinhos?"

O batedor fez uma careta e encolheu os ombros.

"É difícil dizer", acabou por admitir. "Estão um pouco distantes, o vidro tem reflexos e, além do mais, apenas vi fotografias dos nossos alvos. Mas nada vi que me faça pensar que não eram eles. As idades conferem e os cabelos também."

O olhar de Decarabia mantinha-se colado à janela da sala do segundo andar do prédio em frente. Havia sempre a hipótese de não serem eles, mas isso parecia-lhe pouco provável. Numa rua em que quase todos os apartamentos estavam abandonados, era significativo que encontrassem um par homem e mulher exactamente no sítio onde deveriam encontrar. Uma coisa dessas não podia ser coincidência.

Desceu os olhos da janela e fixou os dois homens que Magus lhe tinha atribuído para a operação. Estariam eles à altura das dificuldades? Provavelmente sim, mas na verdade nada disso era importante. Se se revelassem incapazes, ali estava ele próprio, Decarabia, para fazer o que fosse necessário.

Fez um gesto com a mão a indicar o prédio onde se escondiam os seus alvos. "Vamos!"

Apeteceu-lhes aquecer a digestão com uns goles de chá e interromperam a conversa para Raquel ir à cozinha ferver água. A anfitriã tinha porém tanta curiosidade de saber como em nove anos os bancos haviam levado a economia ao caos que deixou a chaleira a aquecer a água e apressou-se a voltar à sala para retomar o fio da conversa.

"Então diga lá", lançou ao seu convidado. "O que aconteceu depois de eles terem desregulado tudo em 1999?"

Sentindo-se cansado e até algo saturado, Tomás fez um estalido impaciente com a língua.

"Oh, isso conto-lhe depois!", exclamou. "Agora deixe-me descontraír um pouco, pode ser?"

Raquel desferiu uma palmada na mesa.

"Não! Conte-me agora!"

"Para quê a pressa? Deixe-me descansar."

Mas a espanhola não era mulher para se deixar vencer com tanta facilidade. Mudando de tática com agilidade desconcertante, inclinou-se sobre a mesa e, sempre de olhos cravados no interlocutor, esboçou um sorriso que lhe deu um ar perturbadoramente insinuante.

"Sabe que os homens inteligentes me atraem?"

Disse-o com uma voz infinitamente doce e o historiador, que esticava as pernas por baixo da mesa num movimento lânguido, endireitou-se de repente, espicaçado pela observação.

"Deveras?"

"Ah, sim. Muito." Voltou a acomodar-se na cadeira, cheia de confiança na eficácia dos seus poderes de sedução. "Estou certa de que não me desapontará..."

Tomás pigarreou. Os argumentos da espanhola poderiam parecer um tanto básicos, mas a verdade é que produziam o seu efeito.

"Estava então eu a falar na Lei Glass-Steagall, não é verdade?", perguntou, talvez excessivamente ansioso por se mostrar brilhante. "A primeira grande consequência da eliminação dessa lei em 1999 foi o crescimento desmesurado de certos bancos. Em 1995, os cinco maiores bancos americanos controlavam oito por cento do mercado, fatia que poucos anos depois do fim formal da Lei Glass-Steagall ascendeu a trinta por cento. Essa evolução foi muito grave e deveria ter obrigado a uma intervenção do Fed. Mas, como os reguladores eram ideologicamente contra a regulação e contra os princípios da Lei Glass-Steagall, cruzaram os braços e nada fizeram."

"Porque diz que o crescimento dos maiores bancos foi grave?", estranhou Raquel. "Qual a relevância disso?"

"Um dos fundamentos do capitalismo é a livre concorrência", lembrou Tomás. "Para que ela exista, o mercado tem de ser cuidadosamente regulado. Quando deixa de o ser, como foi o caso, o sistema capitalista atrofia e criam-se os oligopólios e os monopólios, que são muito nocivos à concorrência. Foi o que sucedeu. A primeira grande fusão ocorreu entre o Citicorp e o Travelers para formar em 1998 a maior companhia de serviços financeiros do mundo, o Citigroup, uma fusão ilegal porque violava a Lei Glass-Steagall. Foi aliás essa fusão que precipitou o fim da lei no ano seguinte. Os grandes bancos começaram então a abocanhar outros e a engordar mais e mais, engordaram tanto que de repente se tornaram demasiado grandes. Ficaram de tal modo gigantescos que o seu eventual colapso se tornou impensável porque arrastaria toda a economia com eles, percebe?"

"Criou-se um risco sistémico, como em 1929."

"Isso mesmo. Com uma agravante: como eles próprios sabiam que se tinham tornado demasiado grandes para que se aceitasse a sua falência, começaram a sentir-se impunes. Isto é, podiam correr todos os riscos imagináveis para ganhar dinheiro. Se corresse bem, ficavam com os lucros só para eles. Se corresse mal, o estado interviria com o dinheiro dos contribuintes para os salvar e impedir o colapso geral da economia. Está a ver o esquema? Arriscar passou a compensar porque os grandes bancos ficariam com os prémios e jamais com os prejuízos, uma vez que o estado nunca os deixaria cair."

A espanhola assentiu com um movimento pendular da cabeça. "Hmm... estou a entender", murmurou. "Mas que riscos correram eles exactamente?" O historiador esfregou as mãos com indisfarçável entusiasmo, preparando-se para entrar no filet mignon.

"Ah, isto agora é que se torna interessante!", exclamou. "Em primeiro lugar, desenvolveram um esquema de bónus em que recebiam uma fortuna por desempenhos anuais e até trimestrais. Se, por exemplo, tomassem uma medida que desse muito lucro imediato, embora fosse ruínosa a prazo, recebiam o bónus no final do ano ou mesmo do trimestre. Quando os efeitos negativos da decisão viessem, ao fim de alguns anos, já ninguém lhes podia tirar os seus ricos bónus." Piscou o olho. "Está a ver a marosca?"

"Estou, estou."

"Isso escancarou os portões da ganância desenfreada, como é evidente", disse. "Tradicionalmente os bancos comerciais faziam lucro a emprestar o dinheiro dos depósitos a um Juro maior do que aquele que pagavam aos depositantes. Mas com os novos poderes que lhes foram entregues pela desregulação descobriram novas maneiras de fazer dinheiro. Uma delas foram as comissões. O cliente faz uma transferência de dinheiro para a conta da avó? Paga uma comissão. O cliente compra à namorada um perfume com cartão de crédito? Paga uma comissão. Tudo paga comissão!"

"É um horror, eu própria me queixo disso", observou a espanhola. "O meu banco cobra-me pela mínima coisa que faça..."

"Na altura em que a Lei Glass-Steagall foi finalmente eliminada, em 1999, estava em curso a bolha dot com, em que toda a gente investia à maluca em empresas da internet", disse Tomás. "Acontece que essa bolha rebentou logo no ano seguinte, precipitando uma recessão nos Estados Unidos. O que fez o Fed? Baixou as taxas de juro, num esforço para encorajar o crescimento económico. O dinheiro ficou muito barato e para onde começou a fluir? Para o mercado imobiliário, até porque o presidente Bush tinha acabado de isentar de impostos as casas até meio milhão de dólares. As propriedades são produtos caros e, como as comissões são muitas vezes cobradas em percentagens, os bancos viram aqui uma mina de ouro. Portanto, toca a emprestar dinheiro para as pessoas comprarem casa!"

O olhar de Raquel desviou-se quase instintivamente para Os prédios abandonados de Seseria, visíveis da janela da sala.

"Foi assim que começou a bolha do imobiliário?"

"Nem mais", confirmou o seu interlocutor. "Para alimentar essa bolha, os bancos contaram com as taxas de juro muito baixas e com uma série de inovações financeiras que pouca gente compreendia. Os derivados, por exemplo, produtos novos que uma lei de 2000 garantiu não poderem ser regulados."

A espanhola esboçou um esgar de incompreensão. "Deriva... quê? O que é isso?"

"Nem os próprios banqueiros percebem muito bem", riu-se Tomás.

"Como o próprio nome indica, os derivados derivam o seu valor de qualquer produto. Por exemplo, imaginemos que eu aposto que o valor das ações da vossa companhia aérea, a Ibéria, daqui a um ano está mais alto. Essa aposta é um derivado, está a perceber? No fundo trata-se de um mercado de apostas. Fazem-se apostas sobre o valor futuro das ações das empresas, do estado do tempo, do preço do petróleo, do ouro, do milho... do que quer que seja. Isso são derivados. A aposta de que o valor da aposta de que as ações da Ibéria valem mais daqui a um ano é um derivado baseado num derivado."

Raquel revirou os olhos verdes luminosos.

"Santa Madre de Dios, as coisas que eles inventam!"

"Um verdadeiro casino, como vê. O mercado dos derivados passou a valer cinquenta biliões de dólares na numeração latina, cinquenta triliões na numeração anglo-saxónica. Nada era regulado e, isto é que é importante, os bancos receberam luz verde para investir neste jogo de sorte e azar o dinheiro que os seus depositantes lhes confiaram."

A verdadeira dimensão do problema começou a assentar na mente da agente da Interpol.

"Joder!"

"Está a ver a coisa, não está? Acontece que o mercado imobiliário tinha, e tem, os seus derivados. Trata-se de um processo chamado securitização."

"É outro sistema de apostas?"

"É uma forma inovadora de contrair dívida. Imagine que a Ibéria precisa de dinheiro, mas tem Uma situação financeira tão duvidosa que os bancos só lhe emprestam a um juro muito alto. Nesse caso, a Ibéria pode emitir um papel comercial com promessa de devolver o dinheiro com juros a quem lhe emprestar dinheiro."

"Isso não são obrigações?"

"São", confirmou o historiador. "O problema é que, se a situação da Ibéria for má, as agências de rating darão a essas obrigações uma má nota, o que as torna menos apelativas para o mercado. Quem quer emprestar dinheiro a uma empresa que pode falir amanhã? Só unido. Perante este problema, o que pode a Ibéria fazer? Pode recorrer à securitização. Um grupo de investidores compra à Ibéria as suas obrigações e corta-as em dez tranches, como uma salsicha separada em dez partes. Depois pega em obrigações com boa nota das agências, por exemplo a TAP, e corta-as também em dez tranches."

"Ay coño!", protestou Raquel com sarcasmo. "Está-se mesmo a ver que, na boca de um português, a empresa espanhola é a má e a portuguesa a boa..."

Tomás reprimiu um sorriso.

"A Ibéria está muito bem e apenas estou a inventar estas notas para facilitar a compreensão do mecanismo", disse, preocupado com não ferir susceptibilidades. "A seguir os investidores pegam numa fatia das obrigações da TAP e colam-na a Uma fatia das obrigações da Ibéria e depois a uma fatia das obrigações da Alitalia e a outra das obrigações da British Airways. O novo produto é uma mistura de tranches de obrigações de diferentes companhias aéreas, umas bem cotadas pelas agências outras mal cotadas." Abriu os braços. "É isto a securitização."

"Continuo a dizer que não gostei de o ver a desconsiderar a nossa companhia aérea", resmungou a espanhola, fingindo-se ofendida. "Mas... pronto, desta vez passa."

"Podem-se securitizar obrigações de dívidas do ramo automóvel, de cartões de crédito, de empresas... enfim, de tudo o que for dívida."

"Mas qual é a vantagem desse sistema?"

"Se a empresa estiver mal cotada, através da securitização consegue ligar-se a obrigações de outras empresas bem cotadas e assim obter uma boa cotação. Com boa cotação não terá de pagar juros tão elevados para que lhe emprestem dinheiro."

"Ah, entendi."

"Acontece que se começaram a securitizar as hipotecas das pessoas que compravam casa." Bateu com a ponta do indicador na mesa. "E foi aqui, minha cara, que nasceu o problema que iria conduzir ao colapso do sistema financeiro internacional."

Um silvo prolongado cortou o ar. Voltaram-se ambos para a fonte do som e constataram que vinha da cozinha.

"A chaleira!", exclamou Raquel, dando um salto e correndo na direcção da cozinha. "A água já ferveu!" Da porta da cozinha ergueu a mão para o seu convidado, pedindo-lhe que aguardasse. "Eu já venho, está bem? É só um instante."

A espanhola desapareceu para lá da porta da cozinha e o olhar de Tomás desviou-se para os prédios abandonados do outro lado da rua. Enquanto mirava os apartamentos vazios por detrás dos vidros sujos, o historiador reflectiu nos estranhos tempos que vivia, em que os acontecimentos no outro lado do Atlântico se propagavam quase à velocidade da luz e mudavam para sempre a vida neste lado. As alterações tinham sido tão grandes que ele próprio acabara por perder a coisa que mais o realizava na vida. O seu trabalho.

A primeira coisa que os três homens fizeram quando entraram no prédio da calle Velázquez foi carregar no botão e chamar o elevador. O aparelho desceu ao rés-do-chão, sempre a emitir um zumbido suave, e imobilizou-se com um soluço, como se estivesse ébrio. Decarabia abriu a porta e fez sinal aos operacionais que o acompanhavam.

"Mantenham-na aberta."

Garantindo assim que o ascensor não entraria em movimento, pegou numa chave de fendas e soltou o painel de comando onde os botões assinalavam os vários andares. Depois pegou num alicate e cortou as ligações eléctricas por detrás do painel.

As luzes interiores apagaram-se de imediato, como se o elevador tivesse morrido nesse instante.

"Já está."

O ascensor estava inutilizado; se por algum motivo as Presas conseguissem escapular-se do apartamento, esta via de fuga estava cortada. Teriam de descer pelas escadas, o que tornava a escapatória bem mais demorada.

Decarabia saiu do interior da caixa escura e deitou a mão à Beretta, até então escondida à sua cintura.

"Já não estamos na rua", lembrou num sussurro tenso. "Podem preparar a artilharia."

Os dois companheiros obedeceram e tiraram as Glock que também haviam prendido aos cintos, por baixo das camisas. Com as pistolas na mão iniciaram a lenta escalada do prédio, os passos leves para não fazerem barulho.

O primeiro lanço das escadas terminava num pátio estreito com uma janela rectangular. Espreitaram por ela para verificar o que se encontrava nas traseiras. Viram um outro prédio abandonado, exactamente igual àquele em que se encontravam. Decarabia analisou as paredes exteriores do edifício e verificou que havia escadas metálicas a escalamem as traseiras em Z sucessivos, uns por cima dos outros.

"Atenção às saídas de emergência", disse, alertando para a existência das escadas. "Se aqueles prédios as têm, este também as terá." Voltou-se para um dos seus homens, o mais leve. "Quando entrarmos no apartamento, a tua missão é selar essa escapatória. Percebeste?"

"Afirmativo", devolveu o operacional. "Tivemos o mesmo problema em Nice, quando lá fomos despachar os dois franceses. Na altura bloqueámos as escadas de emergência. Faço o mesmo agora?"

"Não, não é preciso", decidiu Decarabia. "A nossa entrada no apartamento será muito mais rápida, eles não vão ter tempo de fugir para as traseiras. Quando penetrarmos no local, se os nossos pombinhos não estiverem juntos, selas de imediato a saída de emergência. Mas se os apanharmos um ao lado do outro basta que faças uma inspecção ao apartamento para nos certificarmos de que não está lá mais ninguém. Compreendeste?"

"Afirmativo."

Retomaram a ascensão. Pararam momentaneamente no primeiro andar e escutaram o interior dos diversos apartamentos com os ouvidos colados às portas, para perceberem se havia atividade.

"Tudo limpo", decretou Decarabia depois de terem corrido todo o andar. "Vamos."

Subiram ao segundo andar e os olhos dos três fixaram-se na porta que constituía o seu alvo,

as armas apontadas nessa direcção, as respirações quase suspensas. Decarabia tocou nos ombros dos dois homens que o acompanhavam e apontou para a porta.

"Vigiem-na."

Correu as restantes portas do andar e certificou-se de que os seus interiores estavam silenciosos. Sentindo-se mais à vontade, aproximou-se da porta que Magus lhe apontara como alvo e encostou os ouvidos à madeira.

Ouviu barulho no interior. Concentrou-se melhor, a orelha totalmente colada à superfície lisa, e destrinçou vozes.

"Um homem e uma mulher", sussurrou para os companheiros. "São eles."

Os três recuaram dois passos e verificaram as munições nas pistolas. Depois Decarabia tirou duas caixas pretas que trazia no bolso traseiro das calças e abeirou-se de novo da porta. Um dos homens que o acompanhavam mostrou-lhe um rolo de fita adesiva que ele cortou com os dentes. Usou o pedaço de fita adesiva para colar as duas caixas pretas uma à outra e depois à fechadura. Decarabia ultimou as ligações do controlo remoto e os três recuaram para trás da escada, de modo a ficarem protegidos de um impacto directo.

Abrigados pela parede do átrio do segundo andar, entreolharam-se para se certificarem de que estavam todos prontos. Um a um, fizeram que sim com a cabeça. Decarabia ergueu a mão com o controlo remoto e deu início à contagem decrescente para o assalto.

"Cinco... quatro... três... dois... um..."

Uma nuvem de vapor ascendia em coluna do bico do bule de porcelana, como o ruminar de uma cratera prestes a entrar em erupção. Raquel precipitou-se sobre a mesa e serviu o chá nas duas chávenas. Depois recostou-se na cadeira e, de braços cruzados, pousou nele os olhos expectantes.

"E então?"

O português bebericou o novo chá.

"Não está mal."

Ela riu-se.

"Não é isso", disse. "Então como é que as securitizações das hipotecas geraram a crise financeira?"

O historiador indicou a sua interlocutora com um gesto, interpelando-a directamente.

"Oíça lá, qual foi a primeira vez que pediu dinheiro emprestado para comprar casa?"

A pergunta apanhou Raquel em contrapé. Ainda pensou que o seu convidado estava a desviar a conversa, mas concedeu-lhe o benefício da dúvida.

"Eu?" Fez um ar pensativo. "Sei lá, foi há uns quinze anos, tinha acabado de tirar o meu curso de Direito. Porquê?" "Foi fácil convencer o banco?"

"Ui, não. Quiseram ver o meu salário, as minhas condições de trabalho, as minhas contas... foi um inferno." Nova gargalhada. "Quase só faltou verem-me as cuecas. E só me emprestaram dinheiro porque meti na casa vinte por cento do meu bolso e porque arranji um fiador. "Fez um ar pensativo. "Ah, e também porque passei no exame de saúde da seguradora. Se não fosse isso..."

"Ou seja, o banco foi muito cauteloso a emprestar-lhe o dinheiro. Quis certificar-se primeiro de que você tinha de facto condições para pagar mensalmente o empréstimo mais os juros."

"Sim, pode dizer-se que foi isso."

"Na avaliação do banco, você era portanto uma cliente com bom rating, chamemos-lhe uma cliente AAA. Foi por isso que lhe emprestaram o dinheiro." Afinou a voz, preparando-se para ir ao ponto principal. "A grande novidade na bolha imobiliária americana é que os bancos se puseram também a emprestar dinheiro para compra de casa a pessoas que ganhavam pouco, clientes BB, ou que tinham rendimentos incertos ou até que estavam desempregadas, clientes CC, alguns deles com historial de não pagarem as suas dívidas. E não lhes exigiam que entrassem nem com um tostão, ouviu? O banco dava cem por cento do crédito e às vezes dava mesmo cento e vinte por cento, ou seja, mais do que a casa valia."

Raquel carregou as sobrancelhas e fitou-o com uma expressão de incredulidade.

"Está a brincar..."

O português abanou enfaticamente a cabeça.

"Não estou não!", exclamou. "Não se lembra de ver na televisão aqueles anúncios dos bancos a dizer 'o crédito está fácil!', ou 'porque não pedir um empréstimozinho?', ou 'peça... e nós damos!?' Em Portugal passava publicidade dessa a toda a hora."

"Tem razão! Em Espanha também."

"Não achou estranho ver tantos anúncios desses?" A espanhola soltou uma gargalhada.

"Agora que menciona isso, confesso que sim. Como tinha sido muito difícil obter o meu primeiro empréstimo fiquei pasmada com a facilidade com que passaram a emprestar dinheiro.

Era para a casa, para o carro, para a escola dos miúdos... até para as férias! Emprestavam todo o dinheiro que pedíssemos para o que quiséssemos e não tínhamos de entrar com nada! Eram só facilidades!"

Tomás apontou-lhe o dedo.

"Essas facilidades só foram possíveis graças à securitização", atalhou. "O que aconteceu foi que os bancos americanos pegaram em hipotecas de pessoas como você, clientes AAA que podiam pagar o empréstimo, e cortaram-nas em tranches. Depois o que fizeram? Misturaram uma fatia dos clientes bons pagadores com fatias de clientes medianamente pagadores e com fatias de clientes que teriam dificuldade em pagar, os tais de baixos salários ou até desempregados. Ou seja, tranches de clientes AAA, BB e CC todas misturadas no mesmo produto."

"Mas... mas era óbvio que isso ia dar barraca!" "Pois era."

"Então como é possível que uma coisa dessas tivesse ,ido aceite? Os investidores não perceberam o que estavam a comprar?"

O olhar de Tomás acendeu-se.

"É que os bancos fizeram um truque adicional", revelou. "Conseguiram que as agências de rating dessem nota máxima a esses produtos de qualidade duvidosa!"

"O quê?", admirou-se Raquel. "Como conseguiram eles uma coisa dessas?"

"Na década de 70, quando a desregulação começou a ganhar terreno, decidiu-se que quem pagava o trabalho das agências de rating era quem emitia os produtos que elas avaliavam. Isso criou um evidente conflito de interesses. Se as agências dependiam de quem emitia os produtos, não lhes interessava desagradar-lhes, não é verdade? Se as avaliações fossem más, os emissores não as pagariam e iam ter com uma agência rival que fosse mais... digamos, simpática. Portanto, havia que agradar aos emissores dos produtos. Quando os bancos apresentaram às agências as securitizações de hipotecas, chamaram-lhes a atenção para o facto de esses produtos terem fatias de clientes bons pagadores, clientes AAA."

"Mas esses produtos também tinham tranches de clientes CC", lembrou Raquel. "E esses clientes não têm o hábito de pagar o que devem."

"Pois é, mas as agências precisavam de agradar aos bancos que lhes pagavam as avaliações. Por isso avaliaram estas securitizações de hipotecas com nota AAA. Isso abriu as comportas para uma avalanche de compras destas securitizações. O mercado confiava nas avaliações das agências e, quando viram que estes produtos eram AAA, os investidores acreditaram que se tratava de uma coisa segura. Portanto toca a comprar! Até os fundos de pensões, que só adquirem produtos seguríssimos e pouco especulativos, investiram nestas securitizações AAA. Fluíram assim rios de dinheiro para o mercado imobiliário."

"Com os bancos sempre a facturarem..."

"Claro! Já viu o dinheiro que fizeram em comissões? Dois por cento da venda de uma casa é muito mais do que dois por cento da compra de um perfume com cartão de crédito! Quando estenderam os empréstimos aos clientes CC, também chamados subprime, multiplicaram-se as operações que cobravam comissão. Os lucros de curto prazo dispararam e os bónus dos banqueiros também. Os empréstimos quase quadruplicaram todos os anos entre 2000 e 2003 e os cinco maiores bancos da América abocanharam dois terços de todo o dinheiro gerado pelas securitizações. A cereja em cima do bolo deste esquema piramidal é que os bancos não ficavam

necessariamente com as securitizações nas mãos. Elas eram vendidas a investidores de todo o mundo que não percebiam o que estavam a comprar, excepto que se tratava de um produto AAA. Ou seja, os bancos não tinham de se preocupar com saber a quem emprestavam o dinheiro, uma vez que venderam as securitizações a terceiros e, se as coisas corresse mal, estes é que pagariam a factura. Portanto havia um enorme incentivo para arriscar mais e mais." Apontou para a sua interlocutora. "Imagine que lhe davam um bónus de dez milhões de euros para tomar Uma decisão que pusesse a sua empresa em risco, e com uma vantagem adicional: quando chegasse a hora alguém pagaria a factura, mas não você. Tornaria essa decisão?"

Raquel hesitou na resposta.

"Gostaria de dizer que não, mas tenho de reconhecer que seria muito tentador."

"Pois foi assim que os banqueiros também pensaram, com a cobertura dos políticos a quem financiavam as campanhas em troca de promessas de que o mercado permaneceria desregulado."

"Mas os bancos sabiam que esses produtos eram maus?"

"Muitos sabiam, com certeza. O Goldman Sachs e o Morgan Stanley, por exemplo, apostaram dinheiro em como as securitizações iriam correr mal, isto numa altura em que eles próprios estavam a convencer os seus clientes a adquiri-las."

"Inacreditável!", espantou-se a agente da Interpol. "E as pessoas que compraram casa sem terem dinheiro para pagar o empréstimo? Não estavam preocupadas?"

"Porque haveriam de estar? Compraram uma casa sem meterem um tostão do seu bolso e o imóvel todos os anos ia valorizando, uma vez que a bolha imobiliária estava a crescer. Só se fossem doidas é que não alinhavam nisto! Os juros eram baixos, os bancos ofereciam dinheiro como se fosse tremoços e as casas estavam sempre a valorizar. Como não aproveitar? Foi uma festa de arromba! À medida que a procura aumentava os preços dos imóveis subiam, tendo duplicado de valor em apenas sete anos. Como as casas valorizavam e os bancos continuavam a oferecer dinheiro em condições óptimas, mais e mais pessoas iam comprando casa, acreditando que iriam ganhar muito dinheiro quando as vendessem daí a uns anos. Estava montado um verdadeiro esquema piramidal."

"Mas isso era sustentável?"

"Nenhum esquema piramidal é sustentável!" Ergueu o dedo, professoral. "Lá diz a velha máxima em economia: o que não é sustentável não se sustentará. E não se sustentou. O encarecimento das casas gerou inflação, que foi agravada pela escalada do preço do petróleo. Receando que a inflação disparasse, o Fed começou a subir as taxas de juro. Tal como na Grande Depressão, foi isso que fez estourar a bolha. A subida dos juros encareceu as amortizações mensais e os clientes CC, que tinham salários baixos ou estavam desempregados, não tinham dinheiro para as pagar."

"Então o que fizeram?"

Tomás encolheu os ombros, como se a resposta fosse evidente.

"Não pagaram", disse. "Tinham comprado a casa sem meter um tostão seu, pelo que não lhes custou muito devolvê-la no momento em que as prestações mensais encareceram ao ponto de lhes levarem metade dos seus rendimentos mensais. Em vez de pagarem, os clientes CC preferiram entregar as chaves aos credores. Os bancos viram-se de repente com milhares de casas devolutas nas mãos e voltaram a colocá-las no mercado para venda, mas as coisas já

tinham mudado. Os juros estavam a subir, tornando menos atractivo pedir empréstimos para a compra de imóveis, e o regresso dessas casas ao mercado implicou que de repente a oferta disparasse, o que fez baixar os preços do imobiliário. Os clientes BB viram que o valor das casas tinha começado a baixar e... toca a vender, antes que baixasse mais. A oferta disparou e os preços caíram a pique. Em certas zonas da América houve casas que perderam quase sessenta por cento do seu valor."

Raquel voltou a indicar os prédios do outro lado da rua, visíveis da sua janela.

"Exactamente o que aconteceu aqui em Espanha."

"O que se passou aqui, minha cara, foi consequência directa destes acontecimentos na América. Os clientes americanos entraram em default e abandonaram as suas casas em massa. As securitizações das hipotecas, avaliadas em AAA mas carregadas de fatias de obrigações BB e CC, começaram a dar prejuízos tremendos e tornaram-se verdadeiros sorvedouros de dinheiro. Quem as tinha estava tramado. Foi o caso de vários bancos gigantescos que, apesar de terem vendido muitas securitizações, ainda possuíam grandes stocks delas e descobriram que por causa disso se tinham tornado insolventes. O problema é que a falta de regulação permitira que os bancos crescessem tanto que eram agora demasiado grandes para caírem sem riscos para a economia e os banqueiros, que antes exigiam aos altos berros que o estado não interviesse no mercado livre, correram para o estado a suplicar de joelhos que interviesse."

"E o estado interveio?"

"Em grande! A administração Bush, até aí um arauto da desregulação e do não envolvimento do estado no livre funcionamento do mercado, injectou centenas de milhares de milhões de dólares dos contribuintes em gigantes falidos. Directamente ou através de outras instituições financeiras foram salvos o Bear Stearns, o Merrill Lynch, o Citigroup, o Washington Mutual e o Wachovia, e ainda empresas de hipotecas como a Fannie Mac e o Freddie Mac, que tinham sido incumbidas pelo poder político de ajudar pessoas sem posses a comprar casa e que também se afundaram em securitizações tóxicas. Até a maior seguradora do mundo, a AIG, teve de ser salva com o dinheiro dos contribuintes."

"Isso é irónico", riu-se Raquel. "Já viu? A desregulação, concebida para retirar o estado do mercado, acabou por obrigar à maior intervenção de sempre do estado no mercado."

"Um contra-senso total", concordou o português. "A chatice é que o problema não se ficou pela América, uma vez que muitas dessas securitizações haviam sido vendidas a bancos europeus. O governo britânico teve de nacionalizar os bancos Lloyds, Royal Bank of Scotland e Northern Rock, o governo francês fez o mesmo ao BNP Paribas, o holandês ao ABN Amro e ao Fortis e o suíço ao Crédit Suisse. Até que, quando chegou a vez do americano Lehman Brothers, em Setembro de 2008, a administração Bush decidiu mudar de tática e deixá-lo falir."

"Ah, lembro-me de ver isso na televisão", observou Raquel. "Foi essa falência que provocou o colapso das bolsas, não foi?"

"Mais do que isso, o encerramento do Lehman Brothers, que a desregulação tinha permitido que se tornasse demasiado grande para cair, paralisou a economia quando caiu. Os bancos começaram a ter dúvidas sobre a solvibilidade dos outros bancos e deixaram de lhes emprestar dinheiro, com medo de não o ver de volta. Tal como em 1929, o dinheiro parou de circular. Como os empréstimos foram suspensos, o problema contaminou o resto da economia. As pessoas, por exemplo, deixaram de ter dinheiro para comprar automóveis. As vendas de

carros caíram a pique e, sem negócio, construtoras como a General Motors e a Chrysler tiveram de despedir milhares e milhares de trabalhadores. Com a crise a alastrar, os consumidores cortaram nos gastos, deprimindo ainda mais as vendas. A economia e o mercado de trabalho entraram assim em colapso, mas os banqueiros mantiveram os bónus ganhos com a sua gestão danosa e os políticos que levaram a cabo a desregulação assobiaram para o ar como se não tivessem nada a ver com o que estava a acontecer."

"E nós?", quis saber a espanhola. "Como foi que isso afectou a Espanha?"

"Grande parte do crédito fácil na Europa era dinheiro gerado pelas securitizações americanas e pelas taxas de juro muito baixas. Como as taxas subiram e a securitizações começaram a dar prejuízos incriveis, porque as pessoas na América entraram em default no pagamento das suas hipotecas, o dinheiro deixou de fluir para a Europa. O crédito foi cortado e os bancos europeus deixaram de emprestar. Foi por isso que as empresas europeias enfrentaram de repente dificuldades em financiar-se e, sem dinheiro, começaram a abrir falência umas atrás das outras. Com as empresas a fecharem, o desemprego disparou na Europa."

"E veio a crise das dívidas soberanas."

"Sim, mas num segundo tempo. Inicialmente o problema restringiu-se aos bancos e às empresas europeias e aos países europeus fora da zona euro, como a Islândia, os bálticos, a Ucrânia, a Bulgária, a Hungria e a Roménia. A crise da dívida soberana da zona euro só surgiu quando..."

Um estrondo brutal soou no interior do apartamento e uma fumarada cinzenta encheu a entrada como uma nuvem piroclástica. Tomás e Raquel viraram-se para a porta, surpreendidos, e aperceberam-se dos vultos que atravessavam a neblina metálica como espectros fugidios. Obedecendo ao treino, a agente da Interpol deitou a mão ao coldre escondido debaixo do braço mas teve de se imobilizar.

Três homens apontavam-lhes pistolas.

De rostos voltados para a parede, pernas abertas e mãos erguidas, Tomás e Raquel sujeitaram-se à revista que lhes foi feita pelo mais corpulento dos assaltantes que haviam invadido o apartamento. O homem retirou à agente da Interpol a pistola que ela trazia e, aproveitando o embalo, apalpou-lhe o seio.

"Bom material!"

"Tira a pata daí, cabrón!", vociferou a espanhola, tentando dar-lhe uma sapatada com o cotovelo. "Não te atrevas a tocar-me com essas mãos de porco!"

O assaltante corpulento travou o braço da agente da Interpol e começou a torcê-lo, mas Decarabia deteve-o.

"Quieto!", ordenou. "Primeiro o trabalho, depois a brincadeira."

O homem ainda manteve o braço de Raquel preso nas mãos, debatendo se deveria obedecer ou desafiar a ordem, mas acabou por largá-la com relutância e atirá-la contra a parede. Depois encostou-se à mulher e aproximou a boca do seu ouvido esquerdo.

"Quando isto acabar", soprou-lhe entre dentes com uma voz a ressumar agressão, "até vais uivar de prazer, minha linda..."

Com os alvos neutralizados e à sua mercê, Decarabia fez-lhes sinal de que se voltassem e indicou-lhes o sofá. Obedientes, os dois sentaram-se no lugar assinalado e Tomás não pôde deixar de reflectir sobre a ironia de ser a segunda vez que se instalava no mesmo sofá com uma arma apontada à cabeça. Era incrível como desde a véspera a sua vicia pacata se havia transformado num verdadeiro filme de Hollywood.

Dando um passo em frente, Decarabia posicionou-se diante do historiador e curvou-se para ele fitando-o nos olhos com intensidade.

"Lembras-te de mim?"

Tomás observou o rosto que o encarava e um súbito fogacho de reconhecimento iluminou-o.

"És o pistoleiro!", exclamou, estarrecido. "O homem que nos perseguiu por Lisboa e matou o... o..."

"... o teu amiguinho abelhudo", sorriu Decarabia. "Sim, sou eu. Fico contente por não me teres esquecido." "Meu grande filho da..."

Sentindo uma fúria descontrolada apossar-se dele, a meio do insulto Tomás não se conteve e deferiu um murro furioso na direcção do seu captor, mas Decarabia ergueu o braço esquerdo e bloqueou o ataque. Acto contínuo, respondeu com uma bofetada com as costas da mão que segurava a Beretta. O impacto foi tão forte que o português bateu com a nuca na parede.

"O teu amiguinho não se devia ter portado mal", rosnou o agressor em voz baixa. "Ficou com uma coisa que não lhe pertence e isso não é bonito." Voltou a inclinar-se para a sua presa, que parecia atordoada. "Onde está o DVD?"

Apesar de estonteado, Tomás endireitou a cabeça e fez um esforço para focar os olhos no homem que o agredira.

"Qual DVD? Não sei de..."

Uma bofetada fulminante incendiou a face do historiador. "Não te armes em parvo!", rugiu Decarabia. "Onde está a porra do DVD?"

Tomás teve vontade de se encolher para se proteger, mas o orgulho foi mais forte e, ainda aturrido, voltou a encarar o seu adversário.

"Não tenho nenhum DVD", cuspiu em tom de desafio. "A não ser que te estejas a referir ao último filme do Steven Spielberg, Os Imbecis do DVD Perdido."

Com os olhos fixos na sua presa e a medi-la de alto a baixo, Decarabia endireitou-se e na sua cara desenhou-se um sorriso sem humor, carregado de cinismo e desprezo.

"Estás armado em engraçadinho, hem?", atirou-lhe com desdém. "Então já vamos ver se vais continuar a rir."

Deu um passo para o lado e, com um movimento súbito, agarrou no cabelo de Raquel e puxou-o com brutalidade.

"Ai, coñol!", gritou ela de dor. "Larga-me!"

Decarabia mergulhou a mão atrás das costas e extraiu um canivete suíço do bolso traseiro das calças. Aproximou o canivete da mulher e libertou a lâmina, encostando-a à face dela.

"Vou começar por lhe rasgar esta carinha laroca", anunciou, passeando a lâmina pela pele enrubescida da vítima. "Depois corto-a viva aos bocadinhos, sempre muito devagar e contigo a observar o espectáculo." Arqueou as sobrancelhas para cima e para baixo e soltou uma gargalhada baixa. "Vai ser divertido..."

Vendo Raquel à mercê do agressor e com a lâmina a acariciar-lhe a face, Tomás percebeu que não tinha margem para resistir. Não havia ele visto este mesmo homem a abater um polícia a sangue frio nas ruas de Lisboa em plena luz do dia? Sabia já que ele era capaz de tudo.

Respirou fundo e, de semblante derrotado, baixou os olhos. "O que quer saber?"

A pergunta arrancou um sorriso a Decarabia, desta vez com naturalidade; ganhara a partida. Recolheu a lâmina, mas manteve o canivete perto da cara da espanhola.

"Onde está o DVD?"

"Não sei."

O sorriso do agressor desfez-se e, com um movimento dos dedos, soltou de novo a lâmina do canivete e aproximou-a da sua vítima.

"Resposta errada", rosnou. "Vou perguntar outra vez: onde está o DVD?" "O Filipe escondeu-o", revelou Tomás, falando depressa para evitar o pior. "Não sei onde o pôs, mas ele... ele deu-me uma pista."

"Uma pista?"

"Uma charada para eu decifrar. Ela contém a informação que me conduzirá ao DVD."

O rosto de Decarabia contraiu-se num esgar de perplexidade, como se nada daquilo fizesse sentido.

"Para que raio te deu ele uma charada? Porque não te disse directamente onde estava a porcaria do DVD?"

"Tinha medo que a informação caísse nas mãos erradas", retorquiu o historiador. "Quando éramos miúdos costumávamos brincar às charadas e ele achou que seria boa ideia ocultar assim a informação. Desse modo achava que só eu a poderia quebrar."

Na boca de Decarabia desenhou-se um sorriso retorcido enquanto ele considerava o que acabara de ouvir.

"Essa explicação é de tal modo estapafúrdia que é bem capaz de ser verdadeira", observou. "Onde está a charada?"

O português hesitou, como se duvidasse da sensatez de partilhar tal informação. Porém, a lâmina estava tão perto do rosto da agente da Interpol que ele convenceu-se de que não dispunha

de alternativa a colaborar.

"Está rabiscada num envelope que o Filipe me entregou antes de... enfim, antes de morrer."

O agressor virou-se para trás e passou os olhos perscrutadores pela sala do apartamento, varrendo as mesas e todas as superfícies onde algo pudesse encontrar-se pousado.

"Onde está esse envelope?"

"No banco."

Arregalou os olhos de surpresa, uma centelha de alarme a atravessar-lhe o rosto.

"Qual banco?"

"Quando cheguei a Madrid fui a um banco e aluguei um cofre. O envelope foi depositado nesse cofre."

"Um cofre, hem? Se assim é, há-de haver uma chave..."

Com um movimento do braço, executado lentamente para mostrar que não ia fazer nada de ameaçador, Tomás meteu a mão no bolso e extraiu uma pequena chave que exibiu aos captores.

"É esta."

Decarabia pegou na chave e estudou-a com atenção. Depois fitou o historiador e estreitou as pálpebras enquanto o examinava, como se visse através dos olhos dele.

"Espero bem que não me estejas a dar tanga", avisou num tom ameaçador. Fez com o cano da pistola um gesto na direcção de Tomás. "Vá, levanta-te."

O português ergueu-se com um movimento incerto. "Onde vamos?"

"Ao banco, claro." Indicou o seu companheiro mais corpulento. "Tu vens comigo." Desviou o olhar para o terceiro assaltante. "Tu ficas com ela. Não lhe toques enquanto a operação não estiver concluída, ouviste? Depois faz-lhe o que entenderes."

Raquel trocou com Tomás um olhar de alarme, como se lhe suplicasse que fizesse alguma coisa.

"Ela... ela tem de vir connosco", titubeou o historiador. "Senão não resulta."

Decarabia carregou as sobrancelhas, surpreendido. "Ora essa! Porquê?"

"Porque se trata de uma conta conjunta", mentiu. "Foi a condição que impusemos para a abertura do cofre. Temos ambos de estar presentes quando ele for aberto. Se não estivermos os dois, nenhum tem acesso ao cofre."

O olhar de Decarabia dançou entre Tomás e Raquel, que confirmou com um movimento afirmativo da cabeça, e voltou a imobilizar-se no português.

"Não disseste que tinhas aberto sozinho a conta no banco?"

Tomás esboçou uma expressão cheia de inocência.

"Eu? Claro que não. Ela foi buscar-me a Madrid e, antes de me trazer aqui a Seteria, recomendou que se guardasse o envelope num cofre. Como vimos o banco ali ao lado, aproveitamos."

-Decarabia desviou o olhar para os companheiros, como se lhes quisesse pedir a opinião, mas depressa percebeu que dali não viria ajuda; aqueles homens eram executores, não planificadores. Respirou fundo e, fitando Tomás, assentiu com um movimento leve da cabeça.

"Muito bem", acabou por decidir. "Vamos todos."

O Mercedes dos vidros fumados contornou vagar a rotunda e imobilizou-se junto ao passeio, ao lado da cabina telefónica de onde Tomás ligara nessa manhã para Raquel e para o lar onde a mãe vivia. O historiador e a agente da Interpol apertavam-se um contra o outro no assento traseiro, em silêncio e sob a vigilância apertada do assaltante corpulento.

Logo que desligou o motor, Decarabia voltou-se para trás e mirou as duas presas.

"Vamos sair agora", anunciou. "Teremos as armas escondidas no bolso dos casacos, prontas para entrarem em acção em caso de necessidade. Não quero nem um gesto em falso, entenderam?" Apontou para Raquel, mas manteve os olhos fixos no português. "Se alguém do banco se aperceber de alguma anomalia, aqui a nossa beldade leva logo com um balázio nos miolos." Desviou o indicador para Tomás. "E, se as coisas se descontrolarem, tu vais a seguir. Não ficará ninguém para contar a história. Está claro?"

O historiador susteve o seu olhar.

"Se nos abaterem, não poderão aceder ao DVD..."

Decarabia encolheu os ombros com indiferença.

"Que importa isso?", perguntou, alardeando total despreocupação. "A nossa prioridade é neutralizar o DVD. O ideal será ficarmos com ele, claro. Mas se esse material desaparecer por nós tudo bem." Levantou o dedo, à laia de aviso. "Portanto juizinho, hem? Não quero cá brincadeiras."

Depois de deixar por momentos a mensagem assentar nos dois prisioneiros, abriu a porta do condutor e apeou-se. Acto contínuo, as portas traseiras do Mercedes destrancaram-se com um claue simultâneo e os passageiros saíram para a rua. Fazia calor e o sol batia forte, escaldando as faces desprotegidas. Tomás pôs a palma da mão sobre a testa em pala e centrou o olhar na sucursal do banco onde entrara nessa manhã.

"É ali."

Decarabia fez-lhe sinal de que o acompanhasse à frente enquanto os seus dois homens enquadravam Raquel imediatamente atrás. Cruzaram o passeio em grupo e, diante do banco, as portas automáticas abriram-se com um som de aspiração. Entraram na sucursal e Tomás, sempre com toda a trupe no encalço, dirigiu-se directamente ao balcão.

"Olá", disse, cumprimentando a funcionária do guichet. "Queria aceder ao meu cofre, por favor."

"Tem identificação?"

"Está aqui."

O português entregou à funcionária do banco o bilhete de identidade e, preocupado com manter as aparências perante os seus captores, fez sinal a Raquel de que fizesse o mesmo. Na posse de ambas as identificações, a bancária inseriu os dois nomes no computador e aguardou. Ao ver o resultado negativo na busca do nome de Raquel Maria de la Concha González, esboçou um esgar de incompreensão.

"A señorita não está..." "Ela veio comigo", apressou-se Tomás a dizer, antes que a bancária estragasse tudo. "Bem vê, o cofre tem os nossos pertences."

A funcionária encolheu os ombros; não era anormal nem irregular, embora não fosse usual uma pessoa aceder ao seu cofre na companhia de amigos. Identificou no sistema o nome de Tomás Noronha e certificou-se de que a fotografia era da pessoa encostada ao balcão. Deitou

uma última espreitadela do ecrã do computador e encarou de novo o cliente.

"A conta foi aberta esta manhã, não foi?", perguntou em jeito retórico, como se falasse consigo mesma e não esperasse resposta. "Tem a chave do cofre?"

O historiador tirou-a do bolso e mostrou-a.

"Está aqui."

A bancária ergueu-se por momentos de modo a ver por cima do balcão, varreu o átrio com os olhos e, lobrigando o segurança que vigiava o acesso ao banco, fez-lhe sinal a indicar o cliente.

"Estebán, acompanha os senhores ao cofre, por favor."

O segurança indicou o caminho e viu o grupo de cinco pessoas seguir-lhe os passos; franziu o sobrolho, não era comum tanta gente ir visitar um cofre, mas nada o interditava e por isso ficou calado e seguiu em frente. Meteram pelo corredor e chegaram a uma porta metálica, que o homem do banco abriu ao inserir um código num teclado digital pregado à parede.

Entraram na sala dos cofres e Tomás, instado por Decarabia, voltou-se para o segurança.

"Muchas gracias", agradeceu. "Eu sei qual é o nosso cofre. Pode aguardar lá fora, por favor."

O segurança deu meia volta e regressou para junto da porta da sala dos cofres. Decarabia fez com a cabeça sinal ao seu acompanhante mais companheiros com os dois reféns. Os quatro ficaram todos muito juntos diante do cofre. Pareciam uma matilha bizarra, e Tomás, sentindo-se apertado, voltou-se para Decarabia. ágil, indicando-lhe o guarda do banco.

"Fica com ele", sussurrou. "Neutraliza-o em caso de necessidade."

O operacional foi para a porta, deixando os seus dois

"Dêem-me espaço!", protestou. "Assim não me consigo mexer."

"Não quero que te mexas", cortou o seu captor com um sorriso insidioso. "Abre o cofre e cala-te."

Com um trejeito de desagrado, o português voltou-se para o cofre e introduziu a chave. A porta destrancou-se com um dique suave e, como a caverna de Ali Babá, desvendou o seu segredo. Os olhares inquisitivos dos assaltantes precipitaram-se para o interior obscurecido, tentando destrinçar o que ele escondia. Apenas se via um sobrescrito volumoso pousado na base do cofre, mas na sombra era difícil determinar se não haveria ali mais alguma coisa.

"É aquele o envelope", disse Tomás. Abriu no rosto um sorriso convidativo. "Quer retirá-lo?"

Decarabia fitou-o nos olhos, desconfiado; o sorriso da sua presa não lhe inspirou confiança. Haveria ali alguma armadilha?

"Tira-o tu."

Era o que o português queria ouvir.

Inseriu a mão no interior do cofre e sentiu os dedos deslizarem sobre a superfície lisa do envelope. Meteu-os dentro do sobrescrito, como se a sua mão fosse uma aranha que explorava o desconhecido, e agarrou o objecto duro e frio que se ocultava no interior.

O taser.

Encheu a mão com ele, acomodando-o na palma e pôs o indicador no gatilho. Fechou os olhos e respirou fundo, preparando-se mentalmente para o momento decisivo que aí vinha. Contou em silêncio até três e, com um gesto fulminante, retirou-o de repente do cofre e apontou-o ao peito de Decarabia.

Carregou no gatilho.

Souo um estalido e o captor gritou de dor. Apercebendo-se que algo de terrivelmente errado se passava, o assaltante corpulento retirou a Glock que escondia no bolso, mas não teve tempo de actuar porque Tomás já tinha voltado para ele o taser e disparado uma nova descarga eléctrica.

Alertados pelos berros junto ao cofre, os dois homens que aguardavam à porta entraram na sala, o assaltante já com a pistola na mão, o segurança sem perceber o que sucedia.

"Qué pasa?", perguntou, estupefacto. "Que está a acontecer?"

Nesse momento Raquel mostrou o que valia o seu treino. Vendo os dois captores a contorcerem-se de dores no chão, a agente da Interpol precipitou-se sobre o homem mais corpulento e arrancou-lhe a Glock da mão.

Souo um tiro.

O corpo do segurança tombou no chão, a cabeça desfeita como uma melancia em pedaços; o assaltante abatera-o para não interferir no que tinha de fazer. Afastado o empecilho, saltou para o corredor dos cofres de modo a ficar em linha com os alvos, os braços estendidos para a frente e as duas mãos a segurarem a pistola, um dedo colado ao gatilho preparado para abrir fogo.

Novo tiro.

Desta vez foi Raquel quem disparou. Atingido no abdómen, o assaltante que viera da porta dobrou-se e caiu para a frente. Apercebendo-se de que Decarabia já começava a recuperar do electro-choque, Tomás voltou a premir o gatilho do taser na direcção dele, mas a arma desta vez não funcionou; estava descarregada.

Tomando consciência de que a janela de oportunidade se fechava rapidamente, agarrou a espanhola pelo braço e puxou-a.

"Depressa!", gritou, a urgência a dominar-lhe a voz. "Vamos sair daqui antes que eles se recomponham!"

Raquel ainda hesitou, no fim de contas tinha uma Glock na mão, mas percebeu que os seus inimigos lutariam até à morte. Baleara um deles, mas estaria disposta a matar os outros dois enquanto ainda se encontravam indefesos? E quando recuperassem, daí a três ou quatro segundos, deixar-se-iam eles prender? Se não se deixassem, teria coragem de os abater também? A resposta às três perguntas, sabia, era negativa.

"Vamos!", insistiu Tomás em desespero. "Temos de fugir!"

Largaram em corrida, saíram da sala dos cofres e percorreram o corredor até ao átrio. O alarme começou a soar nesse momento no banco, no fim de contas haviam acabado de soar dois tiros no interior do edifício, mas os fugitivos lograram escapar para a rua antes que as portas exteriores se trancassem.

Encontraram abrigo no banco de um parque, onde se sentaram ofegantes depois da longa corrida. O lugar parecia um refúgio seguro, uma vez que estava protegido dos olhares indiscretos por uma fileira de arbustos. Dali viram o Mercedes negro dos vidros fumados esquadriñar apressadamente as ruas, como se tentasse localizá-los ao mesmo tempo que se assegurava de que não era seguido, e desaparecer por fim em direcção a sul.

"Perderam-nos o rasto", bufou Tomás com alívio. "Acho que estamos safos..."

Ouviram sirenes uivarem no ar e, segundos mais tarde, viram três carros da polícia passar na rua vizinha ao parque com as luzes de emergência a girarem sobre o tejadilho, seguidos por uma ambulância, todos a correrem em direcção ao banco. Já com a respiração regular, Raquel pôs-se de pé

"Vamos."

O português lançou-lhe um olhar admirado, dir-se-ia até alarmado.

"Onde quer ir?"

A agente da Interpol devolveu-lhe o ar surpreendido. "Ter com a polícia, claro", retorquiu. Hesitou perante a expressão inquieta do seu interlocutor. "Porquê?"

"Está louca?"

"Qual é o problema?"

Tomás apontou com o polegar na direcção onde os carros da polícia tinham desaparecido.

"Se nos pomos nas mãos da polícia, estamos tramados."

A espanhola revirou os olhos, de súbito impaciente.

"Oh, não diga tonterias!", admoestou-o. "Temos de ir ter com a polícia e contar o que aconteceu. Eles vão de imediato lançar um alerta para localizar o Mercedes e deitar a mão àqueles bandidos."

A agente da Interpol fez tenção de se afastar, mas o português agarrou-a pela mão e travou-a.

"Pense, Raquel", implorou. "Estamos a meter-nos com gente muito poderosa. Eles vão virar o bico ao prego e... e acusar-nos de termos morto o segurança do banco."

"Que disparate!"

"Acha que sim? Então deixe-me fazer-lhe uma pergunta: depois de tudo o que aconteceu nas últimas horas ainda acha que matei o Filipe?"

"Claro que não. No apartamento em Sesefia eu própria ouvi um dos tipos dizer que tinha sido ele quem..."

"Então por que razão ando fugido?", perguntou Tomás, desferindo o seu ataque. "Então por que razão a polícia portuguesa está à minha procura e enviou para a Interpol informações a dizer que eu era um homicida? Porquê?"

Os dois ficaram de olhar trancado um no outro, ele a fazer valer os seus argumentos, ela a ponderá-los. O seu interlocutor tinha acabado de lembrar razões muito pertinentes, percebeu Raquel. Havia verdade no que acabara de ouvir.

"Acha mesmo que eles nos vão acusar de... de ter morto o segurança do banco?"

Tomás manteve o olhar firmemente cravado nela.

"Tenho a certeza", garantiu. "Provavelmente não de imediato. Os tipos estão em fuga e ainda têm de informar os seus chefes do sucedido. Mas daqui a algumas horas verá como a

posição da polícia mudará. Vão logo aparecer testemunhas de que eu ou você abatemos o segurança e quando dermos por ela estamos apanhados." Pousou a palma da mão no peito. "Eles conseguiram pôr a minha fotografia na televisão, veja lá! O Filipe foi morto pelo fulano que comandava este grupo e os gajos conseguiram transformar-me em principal suspeito!" Apontou na direcção onde os carros da polícia haviam mergulhado. "Se nós nos apresentarmos, estamos tramados. Ouvia? Tramados!"

A agente da Interpol amadureceu estes argumentos. Fugir à polícia ia contra todos os seus instintos. No fim de contas, ela própria era polícia. Como poderia desconfiar da sua gente? No entanto, o que Tomás lhe dizia fazia sentido. O DVD que todos procuravam devia comprometer gente muito importante; só assim se explicava que tivesse sido sequestrada por um comando de profissionais no seu próprio apartamento, todos em busca do material que Filipe tinha escondido. O próprio Filipe lhe falara da extrema sensibilidade da operação para a qual pedia a sua ajuda. Não era isso prova de que algo de importante se passava? Feitas as contas, o que eram uma simples agente da Interpol e um historiador desempregado ao pé dos poderosos interesses instalados que, pelos vistos, o tal DVD punha em causa?

Rendeu-se com um suspiro.

"O que sugere que façamos?"

Foi a vez de Tomás se pôr de pé, pronto para retomar a marcha.

"Temos de fugir."

Abriam a porta do apartamento, situado no bairro madrileno de Tres Olivos, e espreitaram para o interior. A sala estava mergulhada na sombra e apenas meia dúzia de pequenos focos de luz logravam atravessar as persianas fechadas, iluminando pelo caminho pontinhos de poeira que fluíam no ar, pareciam pó de diamante em suspensão. Cheirava a mofo e era evidente que o espaço estivera fechado durante muitos dias, provavelmente semanas.

"De quem é esta casa?"

"De uma colega da Interpol que foi fazer um trabalho em Haia", respondeu Raquel. "Só volta na próxima semana e pediu-me que lhe regasse as plantas."

O apartamento tinha de facto um toque feminino de bom gosto, com plantas junto às janelas e cortinados a condizer com o tecido do sofá e dos abat-jours. Nas paredes havia pequenos quadros e várias fotografias emolduradas estavam espalhadas pelos móveis a mostrar uma trintona magra sozinha ou com outras pessoas, talvez familiares. Tomás pegou numa delas.

"É ela?"

"Sim. Chama-se Marilú." Deteve-se e olhou para ele. "Porquê? É bonita?"

Tomás levantou os olhos das molduras e apresentou-lhe o seu melhor sorriso.

"Não tanto como você."

O piropo arrancou uma gargalhada a Raquel.

"Ah, os Portugueses não resistem a um galanteio, não é?" "Não me diga que não gostou..."

A face da espanhola enrubescceu e os seus dedos enroscaram-se no fio de prata que trazia ao pescoço.

"Não digo que não."

O historiador preparou-se para atacar com mais um piropo, não era todos os dias que se encontrava a sós num apartamento com uma beldade daquelas e preparou-se para lhe elogiar os olhos, mas a sua atenção ficou presa num objecto pousado sobre um móvel.

Um telefone fixo.

"Acha que o posso usar?", perguntou, deitando já a mão ao aparelho. "A sua amiga importar-se-á?"

Raquel arqueou as sobrancelhas, surpreendida.

"O que diabo está a fazer?", quis saber. "Quer ligar a quem?"

O português pegava já no auscultador do telefone.

"Ao lar onde a minha mãe está internada", disse. "Tenho um problema sério para resolver. Cortaram-lhe a pensão e os donos do lar exigem que eu pague a..."

A agente da Interpol arrancou-lhe o telefone da mão e devolveu ao seu lugar. "Não toque nisso!" Tomás arregalou os olhos, estupefacto com a proibição. "Porquê?"

Qual é o problema?" "Não vê que eles devem ter o telefone do lar da sua mãe sob escuta?", perguntou. "Se ligar para lá, localizam-nos logo!" "O quê?" "É um procedimento elementar, Tomás. Sempre que andamos atrás de um fugitivo vigiamos os familiares. Quando o contacto é estabelecido... pimba, apanhamo-lo. Funciona sempre." Pousou o olhar no telefone fixo. "De certeza que estão a fazer o mesmo."

O português recuou um passo, desconcertado, olhando para o telefone como se ele emitisse radiações letais.

"Esta manhã liguei para o lar", disse. "Acha que... que..." A espanhola reviu os olhos luminosos.

"Está explicado!", exclamou. "Foi assim que souberam que você estava aqui em Madrid. Provavelmente descobriram a minha ligação ao Filipe e bastou-lhes somar dois e dois."

Estas palavras soaram como uma repreensão e Tomás baixou a cabeça, acabrunhado e preocupado. Sentia-se vexado por ter cometido um erro tão elementar, atraindo o inimigo para o apartamento de Raquel em Sesefia. Pior do que isso, no entanto, era o sentimento de impotência perante a situação da mãe. Havia um problema sério para resolver com o pagamento da mensalidade do lar e, se as suas circunstâncias já eram difíceis, tinham-se tornado ainda piores. Se não podia contactar o lar, como poderia manter-se a par do que se passava com ela? E se os donos do lar pusessem mesmo a mãe na rua? Poderia perdoar-se pela sua negligência? Mas, e vendo a situação friamente, que poderia ele realmente fazer? Render-se? Em que medida isso ajudaria a resolver o problema? Apenas o agravaria, até porque era quase certo que, uma vez nas mãos da polícia, seria entregue àquele bando de gente poderosa.

Ergueu a cabeça e fitou Raquel.

"Temos de resolver isto", disse. "E eu tenho um plano."

O gemido baixo que vinha do banco traseiro obrigou Decarabia a espreitar para trás enquanto conduzia. Não conhecia nem queria conhecer os nomes dos dois homens que o acompanhavam na operação, mas sabia que tinha uma emergência entre mãos. O ferido contorcia-se de dores depois de ter sido baleado no abdômen e o brutamontes que tentava cuidar dele não parecia realmente saber o que fazer; a sua especialidade evidentemente era matar, não salvar.

Nada daquilo fora previsto. Decarabia voltou a concentrar-se na condução, buscando mentalmente soluções para a situação que se criara, até que se convenceu de que precisava de instruções superiores. Pegou no auricular, ligou-o e ajustou-o à orelha direita. Depois marcou o número de telefone.

"Então?", foi a primeira coisa que ouviu do outro lado da linha quando a ligação foi estabelecida. "Já tens o DVD?"

Respirou fundo, preparando-se para dar a má notícia; sabia que não ia ser fácil.

"Infelizmente não, grande Magus", comunicou num tom neutro, blindando as emoções para enfrentar o vendaval que adivinhava. "O passarinho fugiu do ninho e levou o ovo."

Fez-se um breve silêncio na linha.

"O quê?"

A pergunta foi feita com um misto de choque e ameaça, mas Decarabia não se deixou intimidar; desde os seus tempos nas forças especiais que estava habituado a lidar com o perigo e não era a irritação do seu mestre que o faria tremer de medo.

"Capturámos os dois pombinhos no apartamento que nos indicou", disse. "Acontece que o nosso homem, e ao contrário do que me foi sempre comunicado, não tinha o DVD consigo."

"Estás a brincar..."

"Receio bem que não, grande Magus. O que ele tinha era uma informação qualquer que estava num envelope e que conduziria ao local onde o DVD se encontrava escondido."

"Que porra de confusão é essa? Estás a falar de quê?"

O operacional bufou e encheu os pulmões de paciência.

"Estou a falar das informações incompletas que me foram fornecidas", disse. "Uma operação destas requer sempre informações exactas e minuciosas para correr bem. Disseram-me que o tipo tinha o DVD e afinal isso não era verdade. O que ele tinha era uma informação sobre o paradeiro do DVD, o que é bem diferente."

A voz do outro lado acalmou.

"Já percebi. E então?"

"E então isso mudou tudo, até porque o tipo que andamos a caçar é um vivaço de primeira água. Por medida de segurança, o gajo guardou a informação no cofre de um banco." Respirou fundo. "Tivemos de improvisar, como calcula. Meti os pombinhos no carro e levei-os ao banco."

"Enlouqueceste?"

"Era a única maneira de obtermos o paradeiro do DVD, grande Magus", explicou. "Mas correu tudo mal. O cabrão tinha uma arma de electrochoques escondida no cofre e usou-a contra nós. Depois a gaja da Interpol sacou a Glock aqui do brutam... uh... enfim, arrancou-nos uma das nossas armas e abriu fogo contra nós. Um dos nossos ficou ferido. Os tipos fugiram, tivemos de liquidar um segurança do banco e estamos agora mergulhados na maior confusão." Voltou a

bufar. "Tenho um ferido comigo e não sei o que fazer com ele."

"Leva-o ao hospital."

"Mas qual hospital, grande Magus? Se entrar num serviço de urgências com um homem baleado na barriga, é evidente que a polícia será de imediato informada..."

"Não te preocupes com a polícia", replicou o seu interlocutor. "Vou estabelecer um contacto com as autoridades espanholas e o problema será de imediato resolvido. O mais importante neste momento é pôr as mãos nesse maldito DVD. Onde estão agora os pombinhos?"

Decarabia suspirou, desalentado com o falhanço.

"Não sei, grande Magus", admitiu com impotência. "Escaparam no meio da confusão e, apesar de termos ido atrás deles, já não os apanhámos. Tínhamos um ferido nas mãos, não é? Isso atrapalhou as coisas, como deve calcular."

Foi a vez de a voz do outro lado da linha respirar fundo, claramente desagradada com as novidades.

"Vou avisar as autoridades espanholas", disse Magus. "Quanto a vocês, seus imbecis encartados, venham de imediato para aqui."

Desligou sem esperar pela resposta.

"Qual é então o seu plano?"

A pergunta de Raquel foi feita com cepticismo, como se lhe parecesse impossível que uma situação tão complexa como aquela pudesse ser resolvida por um simples historiador. Não era ela afinal a polícia profissional?

Sem perceber a descrença da agente da Interpol, Tomás deu meia volta e regressou ao corredor. Pegou no envelope, que pousara sobre o estirador ao entrar no apartamento, e voltou à sala. A espanhola ficara sentada no sofá e olhava-o sem entender nada. O português ergueu o sobrescrito e mostrou uma das faces à sua interlocutora.

"Está a ver isto?"

GOsAnSEC
OTat+RAR
HERTATO.
OVsANSMB

Raquel inclinou-se na direcção do envelope e estudou as quatro linhas rabiscadas de um dos lados.

"Que raio de salganhada é esta?"

O historiador voltou o criptograma para si e deitou-lhe um olhar analítico, contemplando as múltiplas possibilidades que as suas linhas encerravam.

"É o enigma que o Filipe me deixou", explicou. "Presumo que contenha a referência ao paradeiro do famoso DVD que toda a gente procura. Se o decifrarmos, chegaremos a ele."

Raquel pegou no sobrescrito e estudou a charada; parecia-lhe demasiado confusa e sabia que seria incapaz de quebrar o segredo.

"Não serve para nada", concluiu com altivez, devolvendo-lhe o envelope. "Isto não vai lá com segredinhos de adolescentes..."

A forma sumária e categórica como a espanhola despachou o assunto deixou Tomás desconcertado, ou até acabrunhado. Segredinhos de adolescentes? Era assim que ela via a coisa? De certa forma tinha razão, a ideia de Filipe para aquele criptograma nascera das brincadeiras de ambos nos tempos do liceu, e em particular de quando queriam preencher o tempo livre nas férias. Mas, que diabo, se a charada contivesse a solução para o problema, por que razão não deveriam seguir a pista até ao fim?

"Se este caminho não lhe agrada", perguntou Tomás, "o que sugere então que façamos?"

O olhar luminoso de Raquel estava nesse instante fixo no infinito, como se a sua mente se encontrasse longe dali, ocupada com coisas bem mais importantes. De repente estremeceu, como se voltasse à sala ou ao presente.

"A Interpol vai ajudar-nos, claro."

O ecrã iluminou-se como se ganhasse vida e o computador emitiu um zumbido ao começar a funcionar. Raquel acabara de se dirigir ao quarto pequeno com uma escrivaninha que a sua colega ausente transformara em escritório e ligara o computador. A Internet estava acessível e a primeira página a aparecer-lhe foi o Google. Subiu à linha dos endereços, digitou a morada electrónica da Interpol e, instantes depois, conectou-se ao site da polícia internacional. Entrou na página dos funcionários, digitou a sua password e, para sua enorme surpresa, viu o acesso negado. Sem que nada fizesse, foi automaticamente reconduzida para uma página com Uma nota do seu chefe a mandar-lhe uma mensagem.

"Querem que entre em contacto com eles", disse, lendo a mensagem. "O mais depressa possível."

"Que quer isso dizer?"

A espanhola fechou o rosto e não respondeu; ter o acesso vedado à página dos funcionários da sua própria polícia deixou-a inquieta. Após reflectir durante um momento mudou-se para o site da Guardia Civil e dirigiu-se directamente para a página da actividade das últimas horas. A primeira coisa que viu quando a página ficou disponível foi a sua própria fotografia, ao lado de uma imagem de Tomás, e a informação de que ambos eram procurados por causa de um assalto a um banco e pelo homicídio de um guarda. Raquel permaneceu um longo instante pregada ao ecrã, vendo e recusando-se a acreditar.

"Está tudo louco!", sussurrou, incrédula. Desviou o olhar atónito para Tomás, quase como se lhe pedisse que resolvesse o problema. "Já viu isto?", perguntou, fazendo um gesto impotente para as fotografias estampadas no ecrã. "Acusam-nos de termos assaltado o banco e de termos assassinado o guarda."

O português acenou afirmativamente; nada daquilo o surpreendia.

"Eu avisei-a."

O olhar da agente da Interpol saltitou sucessivamente entre o rosto de Tomás e o ecrã, quase como se esperasse que um dos dois, o historiador ou o computador, solucionasse o problema por artes mágicas. Mas ele não se resolveu assim e a realidade começou a assentar sobre Raquel.

"E agora?"

Fez a pergunta com a ansiedade de quem se sentia encurralada e acabava de tomar consciência de que tomara um caminho que não levava a parte alguma. Se a própria polícia internacional, para quem ela trabalhava e onde conhecia toda a gente, a riscara do mapa, que hipóteses na verdade tinham? Tudo aquilo lhe parecia incrível e reforçava a convicção de que enfrentavam forças muito poderosas, demasiado para as suas capacidades limitadas.

"E agora?", disse Tomás, ecoando a pergunta da espanhola e preocupado com o seu semblante derrotado. "Isso pergunto-lhe eu, você é que é a profissional. Qual é a sua análise da situação?"

A expressão de Raquel, de olhos esbugalhados e presos nele, roçava o pânico.

"Estamos perdidos."

A agente da Interpol passou a tarde sentada no sofá, prostrada pelo desânimo, o televisor ligado num canal de notícias mas a atenção a deambular por parte incerta, perdida no labirinto da armadilha que sobre eles se fechara.

Depois de sair para comprar comida numa mercearia do bairro, Tomás sentou-se ao lado dela no sofá e entregou-lhe uma chávena de café que tinha trazido da rua. Na televisão passava um noticiário com os preparativos para a cimeira europeia em Roma, onde supostamente se iria preparar mais um "pacote decisivo" que poria fim à crise das dívidas soberanas, e informações sobre a sessão preliminar do TPI, marcada para o dia seguinte em Florença e presidida pelo próprio presidente da Comissão Europeia. Depois vieram imagens de tumultos estudantis em Madrid e a seguir um acidente numa carreteira qualquer, assunto que lhe pareceu desinteressante e o fez desviar a atenção para outras prioridades.

Foi ao escritório buscar uma caneta e um bloco de notas e, sempre acompanhado do envelope que Filipe lhe dera, voltou ao sofá e pôs-se a estudar o criptograma escrevinhado no sobrescrito.

GOsAnSEC
OTat+&AR
HERTATO.
OVsANSMB

"GOsAnSEC não quer dizer coisa nenhum ma", murmurou, entabulando uma conversa consigo mesmo. "Nem OTat+&AR nem qualquer das outras liinhas horizontais." Leu as linhas verticais, começando pela primeira à esquerda. "GOHO." Pensou na palavra. "Parece Soho, o bairro d de Londres ou Nova Iorque." Abanou a cabeça. "Mas é GOHO." Separou u a palavra. "GO HO? GO de e vai? Vai a HO? Hmm..." Passou à segunda linha vertical. "OTEV." Pa arou aqui. O jogo entre vogais e consoantes sugeria de facto uma palavra. Leu ao contrário, de baixo para a cima. "VETO." Ora aqui estava uma palavra. A solução seria ler de baixo para cima? Tentou com a primeira linha vertical. "OHOG." Depois com a terceira linha vertical. "SRas." Não, não podia ser essa a rota adequada. Aliás, era até de demasiado simples e Filipe jamais escolheria a uma solução tão elementar. . "Hmm... e se..."

Sentada ao lado dele, Raquel, Raquel pareceu despertar.

"Que está você a fazer?" azer?"

As múltiplas hipóteses cruzavam-se na mente do historiador, como se a charada fosse um

imenso Sudoku, mas desfizem-se como uma nuvem de vapor quando se sentiu interpelado.

"Eu?" Indicou as quatro linhas enigmáticas garatujadas no sobrescrito. "Estou a decifrar isto, u a decifrar isto, claro."

"Está a perder o seu tempo", resmungou ela. "Não é assim que resolvemos o nosso problema." ma."

O português virou-se para ela com um sorriso a aafloar-lhe o rosto.

"Está enganada", sentenciou, deixando transparecer mais confiança do que aquela que verdadeiramente sentia. "Está aqui a nossa salvação."

A forma categórica como falou pareceu emprestar algum ânimo à agente da Interpol. Raquel pousou os olhos felinos no criptograma, uma ténue luz de esperança a acender-lhe o rosto.

"Descobriu alguma coisa?"

Tomás abanou a cabeça e concentrou-se de novo na charada.

"Ainda não", reconheceu. "Mas tenho a certeza de que vou desvendar a mensagem aqui escondida."

"Como pode ter a certeza? Isso parece tão... tão estranho..."

O historiador riu-se.

"Tenho a certeza porque sou bom no que faço."

A agente da Interpol fez uma careta e, brincalhona, deitou-lhe a língua de fora.

"Convencido!"

Tomás ia responder, mas deteve-se e ficou a observá-la. Os olhares de ambos presos um no outro, verde-berlinda com verdeesmeralda, ele a desfazer o sorriso, ela a recolher a língua mas não totalmente, os lábios entreabertos e molhados, as chamas a acenderem-se e a transformarem-se num incêndio.

Caíram um no outro.

A sua experiência de combate era extensa e digna de respeito, com múltiplas operações das forças especiais no Iraque, no Afeganistão e até no Iémen, mas nada disso impediu que, no momento em que entrou no gabinete e encarou o seu superior hierárquico, Decarabia se sentisse muito mais nervoso do que alguma vez imaginara possível.

O espaço era o mesmo, só que mais escuro. As persianas haviam sido corridas e, como um juiz instalado no lugar supremo do tribunal, Magus aguardava-o por detrás da sua secretária com cara de poucos amigos. Ao seu lado, de pé, encontrava-se o brutamontes que também estivera envolvido na operação e que o chefe supremo quisera ouvir em primeiro lugar. Decerto o desmiolado não dissera coisas agradáveis, considerou Decarabia, sentindo-se um réu prestes a ser julgado num processo cujas regras não dominava.

"Aproxima-te."

A ordem de Magus foi proferida com a voz rouca de uma fera e um gesto imperial. O operacional obedeceu e aproximou-se da secretária, plantando-se diante do chefe. O brutamontes saiu do lado de Magus e posicionou-se atrás do seu companheiro de operação. Decarabia não gostou daquele movimento, achou-o muito hostil e deixou-o transparecer no olhar de esguelha que lançou ao energúmeno nas suas costas, mas não se mexeu.

"Falhaste mais uma vez", disse Magus com uma expressão pesada. Ergueu dois dedos. "Duas operações, dois fracassos. Como raio justificas isto?"

"Já lhe disse, grande Magus", defendeu-se Decarabia. "As operações, para não terem falhas, requerem informação completa e detalhada. Não tive nada disso. Na primeira operação, em Lisboa, não fui devidamente informado do perfil do sujeito que acompanhava o alvo. Acabei por ser apanhado de surpresa e..."

"Isso foi a operação de Lisboa", cortou o chefe. "E esta? Qual é a desculpa?"

O operacional abanou a cabeça.

"Não há desculpas, apenas explicações", disse. "Vocês informaram-me de que o nosso homem tinha o DVD. A operação foi desencadeada com sucesso nesse pressuposto. Apanhámo-lo como previsto. O que falhou foi a informação que nos foi dada. O tipo não tinha o DVD com ele, só umas indicações quaisquer que supostamente guardou no banco. A partir daí tive de improvisar e, quando isso acontece, os factores de risco multiplicam-se por mil, uma vez que temos de entrar num novo teatro de operações sem qualquer planificação."

Magus semicerrou Os olhos, claramente pouco convencido.

"É essa a tua desculpa?"

"Não é desculpa, já disse", retorquiu Decarabia com firmeza. "É a explicação para este... enfim, para o que se passou. Se a informação que me foi dada tivesse sido exacta, a planificação teria sido diferente e o sucesso assegurado. Não posso é garantir sucesso quando me confronto com..."

O chefe desferiu um murro inesperado no tempo da secretária.

"Isso não passa de conversa!", vociferou, perdendo de repente a calma. "Desculpas esfarrapadas para justificar o injustificável!" Apontou-lhe com veemência o dedo acusador. "O facto é que falhaste! Falhaste como um miserável! Garantiste-me que tudo iria correr bem e voltaste aqui de mãos a abanar! Falhaste! Admite-o, cobarde! Tu falhaste!"

Fez-se um silêncio pesado no gabinete, o ambiente esmagado pela violência inaudita da

erupção furiosa de Magus. Intimidado, o operacional engoliu em seco e, depois de tentar sustentar o esgar colérico do chefe, baixou os olhos em sinal de submissão.

"Sim, grande Magus."

Passada a explosão de ira, Magus inspirou e expirou ruidosamente, retomando o domínio das emoções. Endireitou-se, ajeitou o casaco e, apoiando os cotovelos sobre a mesa, juntou as palmas das mãos e fitou o subordinado.

"Tens de perceber uma coisa, Decarabia", afirmou num tom de novo tranquilo, talvez até demasiado sereno. "A nossa pequena organização é muito exclusiva. Não entra qualquer pessoa no Cultus Sathanas, entendes? É a elite da elite."

"Sim, grande Magus", voltou o operacional a assentir. "Tenho plena consciência disso e sinto-me orgulhoso pela suprema honra que me foi concedida."

O chefe manteve as palmas das mãos coladas uma à outra.

"Recrutámos-te com um único objectivo: resolver os problemas operacionais que nos afectam. O teu passado nas SAS britânicas faziam de ti a solução perfeita." Abriu as mãos, como se estivesse profundamente desapontado. "Mas, hélas, os acontecimentos provaram que não era assim. Independentemente das desculpas, as duas operações em que te envolveste revelaram-se fracassos absolutos." Suspirou. "Lamento, mas vamos ter de dispensar os teus serviços."

A decisão apanhou Decarabia de surpresa.

"Perdão?", admirou-se, sem entender plenamente onde queria o líder máximo chegar. "Dispensar os meus serviços? O que quer dizer com isso? Está a despedir-me?"

Magus recostou-se na sua poltrona e Decarabia sentiu movimento atrás de si. Percebeu quase instintivamente que estava sob grave ameaça, mas a reacção foi tardia. Uma corda fina e cortante, decerto metálica, rodeou-lhe o pescoço e cortou-lhe a respiração de um momento para o outro. Percebeu que era o brutamontes que o estrangulava. Tentou gritar, mas a garganta sem ar não emitiu um único som. Desferiu duas cotoveladas, num esforço desesperado para se libertar, mas foi como se tivesse agredido almofadas; os golpes foram amortecidos pelo corpo compacto do seu assassino. A falta de ar enfraqueceu-o; sentiu uma dor lancinante nos pulmões e os olhos encheram-se de milhares de luzinhas encandeantes, como se a própria galáxia lhe enchesse o cérebro moribundo.

A noite eterna abateu-se então sobre Decarabia.

Era como se um magneto irresistível os unisse.

Numa explosão incontrolável do desejo até aí reprimido, os corpos de Tomás e Raquel colaram-se, boca com boca, gemendo e arfando, agarrados num abraço de carne, ele a afagar-lhe as costas, ela a despenteá-lo na nuca. Rolaram pelo sofá até ao tapete, sôfregos, gulosos, na voracidade do prazer, o calor de um a incendiar o outro, as línguas ardentes a entramelarem-se, a lutarem, a saborearem-se, melancolia portuguesa e paixão espanhola, mar lusitano e fogo castelhano, veludo e ferro, sal e sangue, olá e bola.

Tacteando às cegas o corpo dele, Raquel agarrou-lhe o cinto e começou a abri-lo; Tomás respondeu arrancando-lhe a blusa e soltando-lhe o soutien, trapalhão e impaciente. Sentiu os seios quentes e gelatinosos encherem-lhe as palmas das mãos, não pareciam grandes mas eram bem desenhados, altivos, os mamilos largos e rosados como biberões suculentos que, num acometimento irrefreável de lascívia, abocanhou com sofreguidão.

"Dulce", sussurrou ela, ofegante, os olhos cerrados na volúpia do momento. "Dulce, dulce."

Tomás lambeu-lhe a boca e depois os mamilos e depois a boca, o corpo ateadado pelo desejo cego, pareciam dançarinos a executar uma coreografia instintiva, as mãos dele a acariciarem-lhe as formas, as narinas dela a encherem-se com Os cheiros, ambos a partilharem o calor palpitante do outro. Teria alguma vez Filipe provado aquela mulher?, foi a pergunta que, vinda do nada, passou pela mente de Tomás. Se não o fizera, era um tolo. Um tolo. Ele, no lugar de Filipe, não a teria largado. No lugar de Filipe ele teria... teria...

Parou.

Raquel abriu os olhos, estranhando a pausa súbita, e fitou-o com as sobrancelhas a desenharem uma expressão interrogativa de incompreensão.

"Qué pasa, cariño?"

De olhos arregalados e perdidos num ponto indefinido na parede, como se de repente se tivesse transferido para uma outra dimensão, o português sentou-se no tapete.

"Se estivesse no lugar de Filipe, o que teria feito?"

Formulou a pergunta numa voz estranha, como se a questão não fosse dirigida a ninguém senão a ele próprio; parecia que de repente havia ficado sozinho na sala, Tomás e as suas perplexidades, mergulhado num mundo onde ninguém senão ele podia entrar.

"Qué?", admirou-se a espanhola, ainda sem nada entender. Pegou na blusa caída aos pés do sofá e tapou com ela os seios nus. "O que aconteceu? Porque... porque paraste? Senteste-te bem?"

O beijo quebrara a formalidade entre eles, a barreira do tu fora vencida. Ao ver o seu novo amante sentado sobre o tapete, hirtos, os olhos vidrados, mergulhado num mundo só seu, distante e impenetrável, contudo, Raquel ainda duvidou. Ter-se-iam mesmo aproximado?

As feições de Tomás exibiam a rigidez de um autómato. "No lugar dele, o que teria eu feito?"

"Por Dios, estás a falar de quê?"

O historiador estremeceu e deu sinais de voltar a si, o olhar abraçado pela luz que a acabara de se acender no seu cérebro.

"O criptograma!", e exclamou, estendendo a mão o para o envelope ainda pousado sobre o sofá. "Já sei como é que o Filipe ocultou a mensagem no criptograma!"

Raquel abriu a boca a e esboçou uma expressão de e pasmo absoluto.

"Mas... mas estás a pensar no criptogrma? Agora? No criptograma?" A sua estupefacção não conhecia limites. "Por Dios, Tomás, isso não pode esperar para depois de... enfim, para depois? Tem mesmo de ser agora a, madre mia?"

O seu amante, contudo, não parecia sequer ouvi-la. Com a determinação cega de um sonâmbulo, Tomás leva antou-se e, nu e pouco preocupado com isso, mergulhou na charada que o amigo havia garatujado no envelope.

GOsAnSEC
OTat+XAR
HERTATO.
OVSANSMB

"Um itinerário", disse. "Quando éramos miúdo os, os anagramas que fazíamos eram elaborados com um itinerário e depois partidos ao meio." Pegou na caneta a e no bloco de notas e sentou-se no sofá. "Se eu estivesse no lugar dele e quisesse mandar uma a mensagem para mim, teria elaborado um itinerário igual àqueles que e nós fazíamos no tempo do liceu."

"Mas que itinerário? Explica-te!"

Com movimentos quase frenéticos da mão, experimentou colar as quatro linhas numa única

linha.

G O s a n S E C H E R T A T O . O V S A N S M M B

Não parecia fazer o menor sentido. A presença do ponto a dois terços da linha, todavia, chamou-lhe a atenção. O que seria normal era o ponto terminar a linha. Vendo bem, parecia-lhe seguro que o ponto representava o final da mensagem. Como realinhar o criptograma de modo a conseguir esse efeito? Talvez a solução fosse começar pela quarta linha e dar a volta até chegar à terceira, onde o ponto se encontrava. Fez a experiência.

O V S A N S M B G O s a n S E C H E R T A T O .

Continuava a não fazer muito sentido. Teria de facto de apostar num itinerário qualquer. Tentou várias opções em que transformou as quatro linhas em duas, mas foi-as alterando até chegar a uma configuração em que se deteve mais tempo.

G O s a n S E C H E R T A T O . O T a t + & A R O V S A N S M B

Deteve os olhos neste arranjo e ficou um longo momento a fitá-lo, a respiração suspensa, o olhar esgazeado. De repente desviou a atenção para Raquel, voltou a pousá-la no rearranjo da charada e encarou-a mais uma vez, os olhos a saltar de um lado para o outro como se tentasse confirmar no rosto da espanhola ou nas letras do criptograma a solução que se lhe formara diante dos olhos.

"Eureka!", gritou de repente, o corpo a estremecer na libertação da descoberta. "já sei!"

"Já sabes o quê?"

O historiador bateu com a ponta do indicador no último rearranjo, atraindo para ali a atenção da interlocutora. "Não vês? Não vês?"

Raquel olhou mais uma vez para a sequência de letras mas ela nada lhe dizia; apenas lia uma algaraviada sem sentido, como se os caracteres tivessem sido rabiscados ao acaso.

"Vejo o quê? Do que estás a falar?"

Tomás colocou a caneta ao criptograma rearranjado e traçou uma sequência de setas, a primeira a descer da primeira letra da primeira linha para a primeira letra da segunda linha, a segunda seta da primeira letra da segunda linha para a segunda letra da segunda linha, a terceira seta a subir da segunda letra da segunda linha para a segunda letra da primeira linha e assim sucessivamente, num ziguezague constante entre as duas linhas que só terminou no ponto final.

G O s a n S E C H E R T A T O .
↓ ↑ ↓ ↑ ↓ ↑ ↓ ↑ ↓ ↑ ↓ ↑ ↓ ↑
O T a t + & A R O V S A N S M B

"Estás a ver?", perguntou com um brilho triunfante a cintilar-lhe nos olhos verdes. "Consegues ver agora?"

A agente da Interpol concentrou-se no rearranjo do criptograma.

"G...", balbuciou, aos solavancos, esforçando-se por acompanhar a sequência de setas.

"O... T... O..."

Impacientando-se, Tomás fez um estalido com a língua que denunciava a sua agitação e, com um gesto frenético da mão, grafou a solução numa única linha, prescindindo assim das setas.

GOTOsatan+&SEARCHOVERSATANSTOMB.

Depois afastou o bloco de notas para contemplar o resultado. Não ficou muito satisfeito, pelo que reescreveu a solução respeitando os devidos espaços.

GO TO satan + & SEARCH OVER SATAN'S TOMB.

Voilà!"

Raquel inclinou-se sobre o bloco de notas.

"Vai para satanás mais e procura sobre o túmulo de Satanás?", leu num tom interrogativo.

Levantou os olhos para o português. "Que raio quer isto dizer?"

O rosto de Tomás refulgia de satisfação.

"São as instruções que nos conduzem ao DVD."

Os homens sentados à volta da mesa evitavam olhar uns para os outros. De expressão taciturna e olhos perdidos no labirinto do problema, ponderavam a questão aparentemente sem serem capazes de encontrar uma solução convincente. Instalado à cabeça da mesa a presidir à reunião, Magus passeou devagar os olhos por eles, fitando cada um por sua vez, como se assim esperasse arrancar a algum o contributo decisivo. O que via, porém, não lhe agradava.

"Já percebi", disse por fim, desviando o olhar dos seus subordinados. "Vocês é que são os homens da segurança, mas tenho de ser eu a resolver este problema."

Balam, chefe da secção de segurança do Cultus Sathanas, pigarreou, como se a observação lhe tivesse sido dirigida e requeresse resposta.

"Decarabia fez-nos perder tempo e opções", lamentou-se. "Não se pode esperar que..."

"Decarabia foi recrutado porque vocês não estavam a fazer bem o vosso trabalho", atalhou Magus, sem paciência para ouvir mais desculpas. "Vocês falharam na operação de Nice e, para falar com franqueza, não tenho grande confiança na vossa capacidade de resolver este engulho."

O chefe da segurança não desarmou.

"Nice não foi um fracasso completo", argumentou. "Neutralizámos os dois abelhudos."

"Mas não recuperaram o DVD!"

"É um facto", reconheceu Balam. "O problema é que Decarabia, com os seus falhanços em Lisboa e Madrid, piorou as coisas. Se nos tivesse permitido actuar, poderoso Magus, teríamos acabado o que ficou incompleto em Nice. Em vez disso foi recrutado esse artolas só porque veio da SAS e, como está à vista de todos, a coisa correu mal."

Consciente de que não era com recriminações que iam resolver o problema, Magus fez um gesto vago com a mão.

"Bem, não vale a pena chorar sobre leite derramado", sentenciou, esforçando-se por olhar em frente. "Estas operações deixaram os nossos inimigos de sobreaviso. A questão é esta: como poderemos agora chegar até eles?" Voltou a passear o olhar pelos seus subordinados. "Alguém tem alguma ideia?"

O silêncio regressou à mesa. Sentindo-se desconfortável por se revelar incapaz de sugerir o que quer que fosse, o chefe de segurança levantou a mão para falar.

"Proponho que mantenhamos a mãe do tipo sob vigilância e esperemos que ele..."

"Não digas disparates", cortou Magus. "A mãe continua sob vigilância, claro, mas o gajo não é parvo e não vai agora voltar a cometer o mesmo erro. Não vale a pena contar com isso."

"Então o que poderemos fazer?"

Era uma boa pergunta. Magus recostou-se na sua poltrona e considerou as várias circunstâncias e possibilidades que condicionavam o caso. O mutismo na sala prolongou-se, apenas quebrado pela ocasional tosse ou arranhar de gargantas. O chefe do Cultus Sathanas parecia a milhas dali, equacionando hipóteses e opções.

Ao fim de algum tempo, no entanto, pareceu regressar ao presente.

"Só vejo uma maneira de o apanhar", acabou por dizer. "Temos de lhe estender uma armadilha."

As portas fecharam com um sopro, a composição pareceu bufar para se encher de coragem e, com um solavanco, começou a rolar pelos carris e ganhou velocidade. De olhos ansiosos presos à multidão que enchia a plataforma da estação de Atocha, Tomás e Raquel só descansaram quando o comboio deixou a gare e acelerou na sua viagem para leste.

"Se tivéssemos apanhado o AVE", resmungou a espanhola, "estávamos lá em duas horas."

O historiador abanou a cabeça.

"Demasiado arriscado", sentenciou. "O comboio de alta velocidade pode estar sob vigilância. O Combinado é mais lento, mas também mais discreto."

A agente da Interpol não discutiu; sabia que o seu companheiro de viagem estava certo. Na verdade tinha consciência de que fizera o protesto porque se sentia mal-humorada e apenas por isso. Não havia Tomás interrompido aquele momento de intimidade para tratar da porcaria do criptograma?

Que homem fazia uma coisa daquelas num momento desses? Seria obcecado pelo trabalho? Ou não a desejaria o suficiente? Uma coisa assim não lhe parecia possível; nunca homem algum, pelo menos homem amante de mulheres, lhe dera uma tampa. E depois o português obrigara-a a pegar nas coisas e a sair apressadamente de casa, a ir levantar dinheiro antes que a sua conta fosse bloqueada e a apanhar o comboio sem jamais verdadeiramente lhe explicar o seu raciocínio.

"Barcelona é o nosso destino final?"

"Não", disse Tomás. "Depois apanhamos outro comboio." "Para onde?"

O historiador passou os dedos pelos lábios, como se os tivesse selados.

"Digo-te mais tarde."

Raquel fez uma interjeição desagradada.

"Oh, para quê esse teatro?"

"Medidas de segurança", retorquiu ele. "Se há coisa que aprendi nesta história é que só devo dizer o que é estritamente necessário. Imagina que te punham as mãos em cima..." Voltou a sacudir negativamente a cabeça. "Não, há coisas que é melhor que não saibas. Quando, e se, chegar O momento, dir-te-ei."

O seu companheiro de viagem estava a aprender depressa, percebeu a agente da Interpol. Numa operação sigilosa era essencial que cada elemento da equipa só soubesse o que precisava estritamente de saber. Foi por ter noção disso que Raquel, apesar da irritação subliminar, aceitou permanecer no escuro quanto ao destino da viagem. Na sala dos cofres do banco aprendera a confiar em Tomás e percebeu que teria de levar essa confiança até ao limite do razoável.

A espanhola permaneceu alguns minutos de olhos presos ao exterior, contemplando as casas cor de tijolo e depois as vastas planícies amareladas dos arredores de Madrid. Conhecia bem o seu país e nada do que via era novo. Suspirou de tédio e percebeu que precisava de se distrair.

Encarou Tomás.

"Porque não me contas o resto?"

O seu companheiro de viagem, que fechara os olhos para tentar descansar, contraiu o rosto numa expressão interrogativa.

"Qual resto?"

"Lembras-te de me explicares a crise financeira no meu apartamento? Ias contar-me mais alguma coisa quando aqueles... aqueles idiotas entraram."

"Ah, sim. A falar na crise do euro e das dívidas soberanas." "Isso é relevante para a nossa investigação?"

"Claro."

"Então conta-me."

O português sacudiu a cabeça, como se tentasse que o abanão pusesse os miolos a funcionar; para quem ainda alguns segundos antes tentava dormir não era fácil concentrar-se num tema daqueles. Felizmente era professor universitário; isso dava-lhe o treino necessário para organizar rapidamente a mente e expor informação.

"Para perceber a crise do euro temos de recuar no tempo", disse, os instintos de historiador como sempre a tomarem conta dele. "Lembras-te de te ter falado na Primeira Guerra Mundial e na dívida contraída pelos aliados europeus com os bancos americanos?"

"Sim, contaste que foi essa ligação que fez alastrar a Grande Depressão à Europa."

"O que fizeram os aliados europeus para pagar o dinheiro que deviam aos Americanos? Como a guerra tinha decorrido essencialmente em França e na Bélgica, o aparelho industrial alemão permanecera intacto e ameaçava dominar a Europa. Então impuseram à Alemanha reparações de guerra duríssimas, de modo a porem os Alemães a pagar a dívida dos aliados. Por causa dessas reparações, mas também para as boicotar, a Alemanha pôs-se a imprimir notas à doida. Imprimiu tantas que gerou inflação e a seguir hiper-inflação. Presumo que tenhas consciência do que isso significou para o modo de vida diário..."

"Os preços subiram."

Tomás riu-se.

"Subiram? Não, dispararam! Vou contar-te uma pequena história que te vai ajudar a entender o que aconteceu. Um estudante sentouse à mesa de um restaurante em Freiburg e, consultando a ementa, viu que o café custava cinco mil marcos. Pediu o café e, passado um bocado, pediu um segundo café. Dá dez mil marcos, correcto?"

"Sim."

"Quando a conta chegou, no entanto, era de catorze mil marcos. Ou seja, no período entre o primeiro e o segundo pedido o preço do café tinha subido. É isso a hiper-inflação. Outro exemplo. Um americano foi a Berlim e deu um dólar de gorjeta a um cozinheiro. O cozinheiro chegou a casa e reuniu a família. Depois de muito debater o assunto, a família decidiu abrir um trust com esse dinheiro e confiar a um banco a melhor forma de investir o dólar." Exibiu o indicador. "Um dólar."

"Madre de Dios! A coisa estava assim tão mal?"

"Péssimo. A vida na Alemanha foi um inferno na primeira metade da década de vinte. As pessoas recebiam o salário diariamente em sacos cheios de notas e iam logo a correr às lojas para comprar os bens porque sabiam que no dia seguinte eles estariam muito mais caros. A hiper-inflação alemã atingiu em 1923 os dezasseis milhões por cento ao ano, e só acabou com a introdução de Uma nova moeda no final desse ano. No rescaldo de toda esta história, os Alemães responsabilizaram as reparações de guerra e os banqueiros judeus pela hiper-inflação. O liberalismo ocidental ficou desacreditado e, alguns anos depois, Hitler subiu ao poder com a

promessa de ajustar contas com o passado."

"Muy bien", disse Raquel, querendo adiantar a conversa. "Mas isso tem alguma relevância para a crise do euro?"

"A hiper-inflação dos anos vinte deixou marcas profundas nos Alemães." Mostrou dois dedos. "Depois disso estabeleceram dois axiomas inegociáveis na sua política económica." Cruzou o primeiro dedo. "Primeiro axioma: a estabilidade de preços é fundamental. Os Alemães perceberam que a inflação destrói a riqueza e o tecido social e deve ser evitada custe o que custar. Acontece que a inflação é um fenómeno monetário, isto é, resulta essencialmente da decisão de um governo de imprimir dinheiro. Quanto mais dinheiro for impresso e chegar à economia, mais alta é a inflação. Se o dinheiro deixar de chegar à economia, a inflação pára."

"Ah, curioso", surpreendeu-se a espanhola. "Sempre pensei que a inflação era um fenómeno espontâneo da economia. Nunca tinha percebido que ela é intencionalmente provocada e pode ser deliberadamente travada."

"Para parar a inflação basta deixar de inundar a economia de notas", repetiu Tomás. Cruzou o segundo dedo. "Segundo axioma: a independência do banco central é inegociável. Cabe ao banco central a decisão de imprimir dinheiro. Se o banco estiver às ordens dos políticos, fará o que os políticos quiserem e não necessariamente o que é correcto do ponto de vista económico. Pode dar jeito a um político adoptar uma determinada política monetária que é boa a curto prazo, isto é, que o ajuda a ganhar uns votos antes das eleições, mas é desastrosa a longo prazo. Por isso os Alemães entendem que o banco central tem de ser independente do poder político. Isso permite-lhe adoptar políticas monetárias adequadas, em vez de estar sujeito aos eleitoralismos do governo do momento."

"Estou a entender", disse Raquel com uma expressão pensativa. "Está bem visto, sim senhor. Se calhar devíamos fazer o mesmo aqui em Espanha..."

"E fazem. Vocês, os Portugueses, os Italianos.... todos nós fazemos isso agora."

A sua companheira de viagem esboçou uma expressão incrédula.

"A sério?"

"Claro. Chama-se euro."

A espanhola soltou uma gargalhada.

"Ah, bom! Só assim!..."

Tomás recostou-se no assento. O comboio fez uma curva em arco pela planície e apontou para leste, posicionando o Sol à direita. Uma cortina de luz desceu sobre os dois passageiros e o historiador saboreou o calor suave que jorrava do exterior.

"Os dois axiomas da política monetária alemã revelaram-se um sucesso nas décadas que se seguiram", disse, prosseguindo a sua viagem pela história económica. "Quando dos choques petrolíferos dos anos setenta, por exemplo, a resposta dos Estados Unidos e da maior parte dos países europeus foi aumentar os gastos públicos e a dívida, e imprimir dinheiro. Em consequência disso, a inflação disparou para a casa dos vinte a trinta por cento e o desemprego subiu. Mas a Alemanha, com a sua obsessão pela estabilidade de preços, recusou-se a imprimir dinheiro e manteve os gastos públicos controlados. Com isso a inflação ficou abaixo dos sete por cento e o desemprego permaneceu reduzido. Ou seja, a economia alemã emergiu vitoriosa do choque entre teorias económicas nos anos setenta." Impressionada, Raquel esboçou um assobio.

"Muy bien, muy bien..."

"Aliada a uma política monetária restritiva e independente, a Alemanha sempre registou uma forte produção industrial. Para se poderem manter competitivos, os países concorrentes, como a França, a Grã-Bretanha e a Itália, recorreram ao expediente da impressão de dinheiro para desvalorizar as suas moedas. Com o franco mais barato, por exemplo, os Franceses conseguiam vender os seus produtos a um preço mais baixo que os Alemães."

"Então os Alemães tiveram de desvalorizar, não foi?"

"Pois, essa é que é a questão", sublinhou o historiador. "Os Alemães, que não queriam inflação, não desvalorizaram o marco."

"Então como mantiveram a competitividade?"

Tomás abriu as mãos e sorriu, como se se preparasse para revelar o segredo do ovo de Colombo.

"Baixando os salários", revelou. "Com os salários dos trabalhadores mais baixos, os produtos alemães tornaram-se mais baratos. Com a vantagem de o país não sofrer inflação."

A agente da Interpol franziu o sobrolho.

"E a população? E os sindicatos?", estranhou, a incredulidade a impregnar-lhe a voz. "Aceitaram?"

"Tens de perceber que os Alemães aceitam tudo o que não dê inflação", insistiu o português. "Tudo. A hiper-inflação dos anos vinte é um trauma nacional. Além disso, os custos da fusão com a antiga Alemanha de Leste relembraram-lhes a importância da estabilidade monetária. Os sindicatos alemães, que não são liderados por radicais de vistas curtas, perceberam o problema da competitividade e actuaram em articulação com o governo para baixarem o preço dos bens produzidos no país sem ser através do expediente da desvalorização, que provocaria inflação e que o banco central, que era independente, não aceitava."

"Mas como se baixa o preço dos produtos? A cortar salários?"

"Reduzindo o custo da produção", respondeu Tomás. Mostrou três dedos. "Ou seja, baixando os custos de três coisas: matérias-primas, impostos sobre as empresas e salários. O problema é que as matérias-primas têm um preço que não é controlável, portanto esse factor de custo não pode ser reduzido. Os impostos sobre as empresas podem ser reduzidos, mas isso reflectir-se-ia negativamente nas receitas que financiam o estado social. Assim sendo, só restava reduzir os salários. Foi o que eles fizeram." "Caramba!", exclamou Raquel. "É preciso tê-los no sítio para fazer uma coisa dessas..."

"Estás a ver a coisa, não estás? Enquanto os vários países da Europa ganhavam competitividade através da desvalorização das suas moedas, baixando assim salários disfarçadamente, a Alemanha ganhava competitividade através da redução directa dos salários. Os europeus em geral, e em particular os Franceses, andavam doidos com isso, até porque os Alemães estavam a pôr a nu a incompetência da governação alheia. Os Franceses perceberam também que o banco central alemão, o Bundesbank, dispunha de imensas reservas e queriam usar a Comunidade Económica Europeia para lhes deitar a mão. Mas não conseguiam." Levantou a mão, como se assim travesse o curso da história. "Até que, numa bela noite de 1989, o Muro de Berlim caiu."

A espanhola fez uma careta de incompreensão.

"O Muro de Berlim?", interrogou-se. "Que raio tem o Muro de Berlim a ver com esta

história?"

"Foi a oportunidade que se abriu à concretização de uma aspiração alemã", disse Tomás. "Desde a Segunda Guerra Mundial que a Alemanha estava dividida em dois países, simbolicamente separados pelo Muro de Berlim. A queda do Muro abriu a possibilidade de os dois países se reunificarem. Qual o alemão que desdenharia a possibilidade de..."

"Tudo isso já eu sei", cortou ela com impaciência. "Mas qual a relevância desse acontecimento para a crise do euro? Isso é que eu não entendo."

"O problema é que a Grã-Bretanha e a França se opunham à unificação alemã, por recearem, e com fundamento, que o regresso da Grande Alemanha provocasse um desequilíbrio na Europa. Com a sua sólida produção industrial, os Alemães tornar-se-iam de novo arrogantes e ameaçadores. Uma coisa dessas era inaceitável."

"Bem... o facto é que a Alemanha se reunificou mesmo."

"Porque a França acabou por ceder", explicou Tomás.

"Mas só o fez em troca de uma cedência alemã."

"Cedência? Qual cedência?"

"A moeda única", revelou o historiador. "Os Franceses disseram aos Alemães: damos-vos a vossa reunificação se vocês nos derem o marco. Queremos acesso às vastas reservas detidas pelo vosso Bundesbank, exigiram os Franceses. Temos de nos assegurar, acrescentaram eles, de que, uma vez a Alemanha reunificada, ela não volta a ameaçar-nos. A moeda única será a maneira de o conseguir. É ela que vai atar a Alemanha ao resto da Europa."

Pela primeira vez em longos minutos, a espanhola acenou afirmativamente.

"Ah...estou a entender."

"Os Alemães aceitaram o negócio e, três anos depois da queda do Muro de Berlim, a União Europeia assinou o Tratado de Maastricht para criar a moeda única."

"O euro."

Ciente de que o demónio se esconde nos detalhes, Tomás mordeu o lábio inferior.

"Acontece que o trauma da hiper-inflação continuava presente na mente dos Alemães. Além do mais, as suas políticas monetárias mantiveram o desemprego baixo. Porque haveriam eles de pôr isso em perigo? Conhecedores dos excessos dos governantes dos seus parceiros europeus, e receando que os outros países da moeda única conduzissem as habituais políticas económicas eleitoralistas e catastróficas que acabassem por arrastar a Alemanha para o abismo, impuseram algumas condições para viabilizar todo o projecto. Como queriam estabilidade de preços a todo o custo, exigiram no tratado o estabelecimento de um Pacto de Estabilidade com alíneas a prever limites de três por cento do PIB no défice público e de sessenta por cento na dívida pública. Quem violasse estes limites seria automaticamente penalizado. Além do mais, perceberam que, uma vez debaixo do guarda-chuva do euro, muitos países poderiam pôr-se a esbanjar dinheiro dos contribuintes alemães e por isso obrigaram à inclusão de uma cláusula de no-bailout, ou seja, nenhum estado pagará a dívida de um outro que andou a gastar à tripa-forra. A outra coisa que impuseram foi a total independência do banco central, mais tarde designado Banco Central Europeu, com autoridade para imprimir dinheiro e um mandato que privilegiasse a estabilidade dos preços."

"Todos concordaram, claro."

Tomás esboçou um esgar.

"Por acaso, não. Os Franceses em particular achavam que o banco central não pode ser independente, ou seja, tem de estar às ordens dos políticos. Além do mais, opunham-se à ênfase no combate à inflação. O mais importante para eles não era a estabilidade de preços, mas o crescimento económico. O confronto entre Franceses e Alemães foi brutal e parece que, numa reunião em Dublin, os ministros das Finanças dos dois países quase andaram à estalada."

A revelação provocou uma gargalhada da espanhola.

"Franceses e Alemães à estalada? Ay ay! E nós a julgarmos que eles são muito civilizados..."

"As aparências iludem, minha cara", sorriu Tomás. Deixou o momento passar e assumiu o semblante sério necessário para concluir a sua explicação. "Feitas as contas, os Alemães obtiveram quase tudo o que queriam."

"Quase?"

"Os Franceses conseguiram acrescentar ao mandato do Banco Central Europeu a obrigação de políticas de crescimento, e o Pacto de Estabilidade, por insistência francesa, tornou-se Pacto de Estabilidade e Crescimento."

"O famoso PEC."

"Isso. Outra coisa que os Franceses conseguiram, e que veio a revelar-se crucial, foi impedir o estabelecimento de sanções automáticas aos países que violassem os limites do défice e da dívida. Essas sanções foram substituídas por uma vaga ameaça de inquérito por parte da Comissão Europeia."

"Porque dizes que isso foi crucial?"

"Porque retirou eficácia aos limites do endividamento. Se uma criança gulosa for proibida de comer um bolo mas for informada de que, caso desobedeça, nada lhe acontecerá, O que achas que ela fará?"

"Come o bolo, claro."

"É por isso que a retirada da cláusula das sanções automáticas se revelou crucial. Sem ela, a imposição dos limites do défice e da dívida tornou-se um verbo de encher."

"Pois, tens razão."

"Ou seja, os compromissos políticos acabaram por derrotar os objectivos alemães de recriar totalmente no euro o perfil do marco", disse. "Pior ainda, as medidas deixaram de ser coerentes entre elas e criaram buracos na arquitectura monetária europeia. Isso veio a ser uma debilidade crítica da moeda única num contexto de grandes dificuldades operacionais que se previam para o euro."

"Que dificuldades? Estás a falar da crise financeira?" Tomás abanou a cabeça.

"Isso foi depois", disse. "Repara, a existência de uma moeda tem sempre subjacente um estado centralizado. Portugal era um estado centralizado e tinha o escudo, a Espanha era outro estado centralizado e tinha a peseta. O desafio diante da União Europeia era, no entanto, criar uma moeda que não estava associada a um estado. Isso nunca tinha sido feito com sucesso."

"Também nunca tinha sido tentado..."

"Pelo contrário, foi tentado várias vezes na Europa e de diversas formas. No século XIX, por exemplo, a Itália, a Suíça, a França e a Bélgica criaram a União Monetária Latina, a que se juntaram depois outros países, incluindo a Espanha e a Grécia, e que fracassou. Também no século XIX fadou a União Monetária Escandinava. A própria União Europeia tinha feito duas

tentativas, o Cobra e o ECU, que falharam igualmente. A verdade é que todas as uniões monetárias bem-sucedidas, como o dólar e outras, tinham como ponto em comum a existência de um governo central unificado com poderes para elaborar um orçamento comum, cobrar impostos, redistribuir riqueza pelas regiões e contrair dívida. Além do mais, tem de haver mobilidade laboral. Se uma pessoa não consegue trabalho em Évora, vai para Lisboa e isso não é considerado nenhuma tragédia. Se outra não consegue trabalho em Chicago, vai para Detroit. Acontece que nenhuma dessas condições existia ou existe na União Europeia. Não há estado central forte e a mobilidade laboral é risível."

"Então como queriam que o euro funcionasse?", espantou-se Raquel. "Por artes mágicas?"

"Quase", concordou o historiador. "Os políticos europeus, inebriados pela grandeza do projecto, confundiram a realidade com os seus desejos. Os mais lúcidos, por seu turno, sabiam que o euro não funcionaria sem unificação política europeia, mas acharam que a moeda única poderia, com o tempo, levar a essa unificação."

Ouviram um tilintar de porcelanas e viram uma mulher com farda de empregada aparecer no corredor do vagão com um carrinho cheio de pratos e garrafas. Ao sentir o aroma suculento da comida quente, Tomás pôs-se a seguir o carrinho com os olhos.

"Então?", quis saber Raquel. "Estás com fome?" "Claro. Vamos comer?"

"Só se prometeres contar o resto a seguir."

O português tinha tanta fome que já estava a salivar como o cão de Pavlov. Mesmo assim manteve o semblante impassível; desviou o olhar do carrinho para a sua companheira de viagem e sorriu.

"Daqui a pouco já vais perceber o futuro do euro."

XLVIII

Havia já algum tempo que Magus abandonara o gabinete, chamado para resolver assuntos urgentes, e deixara os seus homens sozinhos a congeminar uma solução para o problema que lhes apresentara ao convocá-los. Ao fim de meia hora, no entanto, o chefe regressou ao local da reunião e assumiu o seu lugar à mesa.

"Então?", quis saber enquanto ajeitava o casaco. "Como é que vamos montar a armadilha aos nossos pombinhos?"

Os subordinados mantiveram a cabeça baixa e não se atreveram sequer a cruzar os olhares entre eles. Apenas Balam, e por dever da sua responsabilidade de chefe da segurança, se viu na obrigação de responder à pergunta.

"Estivemos a debater o assunto, poderoso Magus, e a verdade é que... enfim, não vai ser fácil. Eles não estão a usar os cartões de crédito nem a fazer telefonemas para amigos ou familiares que tenhamos sob vigilância. Temos de esperar que..."

"Esperar o quê?", impacientou-se Magus. Fitou os seus homens com ar furioso. "Não há cá mais esperas! Temos de ser nós a tomar a iniciativa, entenderam? Não podemos estar aqui sujeitos a um golpe de sorte qualquer que pode nunca surgir."

Balam passou as costas da mão pela testa para limpar a transpiração que lhe germinava no couro cabeludo.

"Talvez se pusermos todas as polícias europeias de sobreaviso..."

O superior hierárquico cravou nele os olhos escuros e fez um grunhido sibilino.

"Só as polícias?", ironizou. "E porque não o exército também? E, já agora, porque não decretar o estado de emergência em toda a União Europeia? Hã? Ou então convocar o Conselho de Segurança da ONU e aprovar uma resolução! Isso é que era!" Ergueu a voz. "Decretar o estado de emergência e aprovar uma resolução porque vocês são absolutamente incompetentes para resolver este problema da treta!"

O sarcasmo não se perdeu na mesa. Os subordinados mantiveram-se calados e até Balam se encolheu.

"Era só uma ideia..."

"Uma ideia parva", cortou o chefe, recuperando a compostura. Endireitou-se na poltrona e enlaçou os dedos uns nos outros. "O que devemos fazer é pôr-nos no lugar desse Tomás Noronha. Estive a consultar a sua lista de chamadas ao longo do ano e constatei que o nosso homem faz imensos telefonemas para o lar onde a mãe vive". Esboçou um sorriso de escárnio. "Um menino da mamã, portanto."

A observação arrancou risos forçados ao longo da mesa; não havia quem não quisesse agradar ao chefe, sobretudo a meio de uma conversa tão tensa.

"Está em forma, poderoso Magus..."

O líder da organização sabia reconhecer a bajulação quando a via; tinha consciência de que fora espirituoso, mas não dissera nada que justificasse tantas gargalhadas. Era o medo que os fazia curvarem-se.

"O que quero dizer é que por esta altura o nosso amiguinho deve andar em pulgas para ligar à sua rica mãezinha", disse, mais para si próprio do que para os seus homens. "Deve no entanto ter consciência de que estamos a vigiar o telefone da senhora, não é verdade?"

"Sim, poderoso Magus."

Não ligou ao assentimento colectivo que percorreu a sala. Os subordinados não passavam de uns yes men, umas baratas tontas que se limitavam a dizer sim a qualquer ideia que ele apresentasse, mesmo a mais disparatada. Parasitas, era o que eram.

"Se eu fosse esse Tomás Noronha, o que faria para falar com a mãe?" Deslizou os dedos pensativamente pelo mogno polido da mesa, imaginando-se no lugar da sua presa. "Se não pudesse telefonar-lhe... se não pudesse telefonar-lhe..." Deteve a mão e levantou a cabeça, os olhos a faiscarem. "Já sei!"

Não se pode dizer que o almoço no comboio tenha sido uma maravilha da arte gastronómica, mas considerando as circunstâncias não caiu mal no paladar dos viajantes; era um pulpo à galega com patatas bravas e um copo de Rioja.

"Bem bom, este polvo", observou Tomás enquanto trincava os tentáculos do pulpo. "Estava com medo que servissem paella."

Raquel atirou-lhe um olhar ofendido.

"Porquê? Tens alguma coisa contra a paella?"

O seu companheiro de viagem percebeu que tinha acabado de dar um passo em falso; não tinha sido ela que lhe havia servido uma paella no apartamento de Sesefia?

"Eu? Não, claro que não", apressou-se a esclarecer, embaraçado com a gaffe. "A paella é... é magnífica." Esperava ter sido convincente, mas não tinha a certeza de o ter conseguido. "Enfim, hoje apetecia-me comida do mar. Sabes como é, sou português e..."

Não chegou a terminar a frase, não era preciso; o sentido havia sido compreendido. Baixou os olhos para o polvo e a seguir para o copo de vinho; parecia-lhe incrível que tivesse tanta fome. Ou, vendo bem, provavelmente o apetite era normal. Não tinha passado as últimas quarenta e oito horas a correr de um lado para o outro, submetido a stresse permanente e sem comer nada de jeito? Só um asceta ou um monge tibetano é que não teria fome.

"O euro", soltou de repente a espanhola. "Qual é o futuro do euro?"

Tomás engoliu o pedaço de tentáculo que havia meio minuto estava a mastigar como se fosse chiclete.

"Para perceber o futuro é preciso entender o passado", voltou a lembrar, a veia de historiador sempre presente. "O euro nasceu formalmente em 1999 e fisicamente em 2002. Para poderem entrar na moeda única, os países tinham de cumprir os exigentes critérios orçamentais de défice e dívida estabelecidos no PEC, e logo aí começaram os problemas. Imagina que a economia é um automóvel. Para estar no euro, a economia dos países membros não pode ser um Fiat nem sequer um Mercedes. Tem de ser um bólido de Fórmula 1, entendes? Acontece que poucos estados estavam nessas condições, pelo que começou então uma inacreditável ginástica orçamental, com malabarismos sucessivos para se chegar a números equivalentes a competições de Fórmula 1. A Itália inventou um imposto único só para cumprir os critérios, por exemplo, e a França transferiu para o orçamento do Estado o fundo de pensões da France Telecom. A Espanha e Portugal também fizeram os seus truques de prestidigitação para fazer desaparecer despesa inconveniente."

"Imagino que os Gregos tenham sido os piores..."

"Os Gregos eram tão maus que nem com batota conseguiram entrar no grupo inicial do euro. O seu padrão de comportamento económico sempre foi o de gastos desmesurados e expansão irracional do estado, seguidos de crise, austeridade e incumprimento de dívida, um historial pouco recomendável para a nova moeda. A Grécia era um Mini Cooper pilotado por um perneta zarolho e queria competir no Grande Prémio da Alemanha com o Ferrari do Michael Schumacher."

"Alonso", corrigiu a espanhola com uma risada. "Fernando Alonso."

"Ou esse. O que importa perceber é que o défice e a dívida grega estavam absolutamente fora de controlo." Calou-se abruptamente, numa pausa dramática. "Mas eis que, ó milagre, a

economia grega sofreu uma metamorfose espantosa entre 1999 e 2001: o défice desceu para um por cento!" Ergueu as mãos num gesto teatral. "Aleluia! Aleluia! Eis que se produziu o milagre! A Grécia cumpriu os critérios! O Mini Cooper caquético transformou-se de um dia para o outro num Fórmula 1 de pontal!"

Nova gargalhada de Raquel.

"Está-se mesmo a ver..."

"Então não está? A manipulação orçamental em Atenas assumiu proporções bíblicas, mas conseguiu o que se pretendia e a Grécia entrou enfim no euro. Para os países com economias mais fracas, como a Grécia, Portugal, Espanha e Itália, também designadas Club Med, estar no euro significava integrar o clube dos ricos. Encarou-se a moeda única como o culminar de um processo e não como o início de um desafio. Foi um erro trágico. O que os palermas dos governantes destes países não perceberam é que estavam na Fórmula 1 e tinham de competir a um nível elevadíssimo de igual para igual com economias super competitivas como a alemã. Uma vez no euro já não podiam desvalorizar a moeda para enfrentar os Alemães nem imprimir dinheiro sempre que estivessem aflitos. A única maneira de sobreviverem era fabricarem produtos que os outros quisessem a preços que os outros estivessem dispostos a pagar. Mais nada."

"Não sei porquê, mas desconfio que não fizemos nada disso..."

"Claro que não. Os países do Club Med julgaram que tinham entrado de borla numa festa de arromba. E a verdade é que, de início, o euro foi mesmo uma festarola. Integrando uma moeda forte que o Banco Central Europeu apoiava com taxas de juro muito baixas, os países do Club Med descobriram que podiam contrair dívida a juros irrisórios para estoirarem o dinheiro como quisessem. Isto foi agravado pelo facto de que, em 2003, as próprias Alemanha e França violaram os limites ao endividamento estabelecidos pelo Pacto de Estabilidade e Crescimento e nada lhes aconteceu. Se não se puniam uns, não se podia punir outros, não é verdade? O tiro de partida para o forrobodó foi dado. uma vez com as mãos agarradas ao filão, a periferia da zona euro desatou a pedir empréstimos. Os Portugueses para comprarem casas e fazerem férias e construírem auto-estradas para todas as povoações com mais de cinco habitantes, os Espanhóis e os Irlandeses para alimentarem as suas gigantescas bolhas do imobiliário, os Gregos para... bem, deve ter sido para fazerem moussaka."

Riram-se os dois.

"Pois, já percebi que foi um fartar vilanagem", observou Raquel. "Confesso que na altura me admirava com o dinheiro que jorrava por toda a parte. Até parecia que crescia nas árvores e era só estender a mão e apanhá-lo..."

"No fundo, foi exactamente o que aconteceu. Mas convém lembrar que o crédito barato não constituiu um fenómeno exclusivo da zona euro. As baixas taxas de juros e o mercado desregulado dos derivados na América geraram grandes quantidades de dinheiro que alimentavam bolhas do imobiliário nos Estados Unidos e no Reino Unido. O que se passava é que esse dinheiro barato fluiu com grande facilidade para a periferia da zona euro, sendo usado de forma totalmente errada pelos sectores público e privado. Em Portugal, por exemplo, o estado gastou o dinheiro emprestado em obras públicas onerosas e os privados em compra de casa própria ou a adquirir automóveis ou até em férias nas Caraíbas ou no Brasil. Ninguém usou o dinheiro de forma reprodutiva."

"Pois, foi aquele período em que a toda a hora apareciam anúncios na televisão com os bancos a oferecerem empréstimos a juros baratíssimos para o que quer que fosse..."

"Nem mais", assentiu Tomás. "Tudo isso era dinheiro que os bancos da periferia iam buscar ao estrangeiro, nada era riqueza gerada pelos próprios países. Vários membros do Club Med consumiam todos os anos dez por cento mais do que produziam. Pior ainda, como estavam numa moeda forte e fizeram grandes aumentos salariais por razões eleitorais, os bens que produziam tornaram-se demasiado caros e ninguém Os queria comprar. De 1999 a 2009, Portugal aumentou os salários da função pública dezassete por cento, enquanto no mesmo período a Alemanha reduziu os salários reais mais de oito por cento. Nestas condições, os Alemães duplicaram as exportações nos primeiros dez anos do euro, sobretudo para os países da periferia. A zona euro dividiu-se entre credores e gastadores, exportadores e importadores, criando assim um desequilíbrio muito grave."

"Mas uma coisa dessas não era previsível?"

"Claro que era. O problema é que os governantes do Club Med, todos eles com cartão de sócio e quotas pagas no Clube dos Imbecis, resolveram fingir que nada disto estava a acontecer e optaram por viver no mundo da fantasia. Essa fantasia era sustentada pelo facto de que, mais do que económico, o euro sempre foi um projecto político."

"Pois, já contaste. Foi a forma inventada pela França de atar a Alemanha."

"Os economistas que trataram dos pormenores estavam plenamente conscientes dos enormes perigos encerrados pela criação de uma moeda única numa área heterogénea e sem estar submetida a um poder central unificado, mas tinham esperanças de que, no plano económico, o euro constituísse uma espécie de catalisador da mudança nos países do Club Med. Essas esperanças revelaram-se uma ilusão. já Marx o dizia: a economia é a infra-estrutura de uma sociedade. O euro foi uma tentativa de impor um projecto político sem a infra-estrutura económica estar instalada. Não podia resultar."

"Mas resultou, Tomás", argumentou a espanhola. "Basta ver que durante anos correu tudo bem."

"O teste à solidez de uma moeda nunca é feito nos tempos bons, minha cara. A União Monetária Latina, a União Monetária Escandinava, o Cobra e o ECU correram muitíssimo bem nos tempos de prosperidade, mas entraram em colapso quando vieram as adversidades. Da mesma maneira, o euro correu bem enquanto o crédito estava barato e eram tudo rosas. Mas será que a moeda única resistiria a um abalo negativo da economia? O teste estava por fazer."

O olhar verde-turquesa de Raquel iluminou-se.

"A crise financeira de 2008 foi esse teste..."

"Com certeza", confirmou Tomás. "A queda do Lehman Brothers, como já te expliquei, desencadeou uma crise de confiança na banca internacional. Ninguém sabia quem estava na posse das securitizações de hipotecas insolventes e, como medida de precaução, os bancos deixaram de emprestar dinheiro uns aos outros, receando perdê-lo. O crédito foi cortado e o dinheiro parou de jorrar para a Europa. Os bancos europeus ficaram sem dinheiro e também deixaram de emprestar, começando primeiro por cortar o crédito às economias emergentes do Leste da Europa, como os países bálticos, a Hungria, a Roménia, a Bulgária e a Ucrânia, e depois à periferia da zona euro. Sem acesso ao dinheiro, ao fim de algum tempo as empresas desses países começaram a falir, atingindo os bancos a que deviam empréstimos e provocando

um efeito dominó que se estendeu aos países do centro. A Alemanha, a França, a Grã-Bretanha e outros países do centro europeu viram-se forçados a salvar os seus bancos da bancarrota, enquanto o FMI teve de ajudar a Hungria, a Islândia, a Bielorrússia, a Ucrânia e a Letónia. Como as empresas fechavam e as pessoas ficavam no desemprego, diminuíram as receitas dos impostos e aumentaram as despesas com subsídios de desemprego."

"Exactamente como em 1929."

"Pois, a contracção da economia mundial em 2008 e 2009 foi igual à contracção ocorrida entre 1929 e 1931." Levantou um dedo. "Com uma diferença. Em 1929 os estados evitaram inicialmente intervir no processo. Um economista britânico, John Maynard Keynes, estudou a resposta ao colapso de Wall Street e concluiu que, numa época de retracção do mercado, cabe aos estados usarem os seus excedentes orçamentais e despejarem dinheiro na economia para criar procura e reactivar o consumo dos bens produzidos nesses países. Keynes defendeu, por exemplo, que era melhor pagar a uma pessoa para abrir e fechar buracos do que deixá-la no desemprego, uma vez que, com dinheiro, ela pode gastá-lo a comprar produtos do país e assim reavivar a economia."

"Faz sentido..."

"Pois faz", concordou Tomás. "O que aconteceu foi que, tendo sido educados nas doutrinas de Keynes sobre como reagir a um colapso destes, os diversos governantes europeus e americanos decidiram seguir essa receita e anunciaram pacotes multimilionários para salvar a economia. Parecia uma competição, com cada país a dizer que ia derreter mais dinheiro que o outro. Até a Grécia e Portugal, que não tinham dinheiro para mandar cantar um cego, anunciaram pacotes de milhares de milhões de euros! Chovia dinheiro de todos os lados!"

"Mas isso não resultou..."

"Nem podia resultar! Keynes tinha previsto que os estados usassem o excedente dos tempos bons para reactivar a economia nos tempos maus, mas a verdade é que não havia excedente nenhum. Como o Club Med e outros países passaram os tempos bons a acumular défices, não sobrava dinheiro para usar em período de crise. Além do mais, Keynes foi muito claro em estabelecer que a injeção em massa de dinheiro público só deveria ocorrer em situações de emergência, mas os governantes passaram a aplicar essa solução a toda a hora. As economias tornaram-se viciadas nessa receita pseudo-keynesiana, o que fez com que ela perdesse eficácia. É um pouco como a droga, estás a ver? Se experimentares um bocadinho de droga, ela faz um efeito tremendo. Mas se continuares a usá-la, ela vai perdendo efeito até acabar por se tornar ineficaz. Dar mais droga não resulta, desmamar é doloroso. O mesmo se passa com a receita económica pseudo-keynesiana. Por fim, e decerto o mais importante, Keynes concebeu as suas soluções para mercados fechados e protegidos, como eram os da sua época, em que, ao dar dinheiro às pessoas, elas iam consumir produtos fabricados nos seus países, reactivando assim a economia doméstica. Mas o mundo mudou e as economias derrubaram as suas protecções e abriram-se. Isto quer dizer que, quando o estado português ou espanhol pede dinheiro emprestado ao estrangeiro e o entrega aos seus cidadãos para reactivar o consumo, as pessoas vão aos supermercados e põem-se a comprar produtos importados."

"Ah, estou a perceber!", exclamou Raquel. "Isso quer dizer que essa solução keynesiana deixa de financiar a economia do país e passa a financiar a economia estrangeira, não é? Se assim é, o único efeito prático da injeção de dinheiro é o aumento do défice orçamental e do

défice externo."

"Isso mesmo! Assim, quando esta crise rebentou, e inspirados em ideias keynesianas mal interpretadas e já desajustadas da nova ordem internacional de mercados abertos, os países decidiram endividar-se ainda mais para enfrentar a emergência da dívida! Era como se uma pessoa corresse para o abismo e se convencesse que se salvaria se corresse ainda mais depressa! Ou seja, os governantes decidiram contrair dívida para combater a dívida, injectando dinheiro que imediatamente saía para o estrangeiro e montando desse modo um verdadeiro esquema piramidal que entraria inevitavelmente em colapso quando os emprestadores deixassem de emprestar!"

"Valha-me Deus!", exclamou Raquel. "E ninguém viu isso?"

O historiador ergueu um dedo.

"Só um país é que chamou a atenção para essa loucura", exclamou. Piscou o olho. "Não consegues adivinhar qual?"

Raquel riu-se.

"Não me digas que foi a Alemanha!..."

Tomás fez que sim com a cabeça.

"Enquanto os Americanos e os restantes europeus pregavam as virtudes da despesa ilimitada, os Alemães disseram que não participariam nessa corrida insensata e avisaram que ninguém pode viver acima das suas possibilidades durante muito tempo. Na verdade foram eles os primeiros a observar que o dinheiro barato era a causa da crise e que a crise não podia ser resolvida com mais dívida."

"Foi assim que começou a crise das dívidas soberanas?"

"Foi assim, mas não só. Na verdade, a zona euro actuou inicialmente como tampão. Se reparares, os primeiros países a sofrer o impacto da crise não pertenciam à zona euro. As economias da Islândia, dos países bálticos e do Leste europeu sofreram colapsos imediatos e os Islandeses começaram até a pensar se não seria melhor aderirem ao euro para se protegerem."

"Lembro-me disso", confirmou a espanhola. "Então como se desencadeou a crise do euro? Foi com a Grécia, não foi?"

"Tens de ter presente que os investidores perderam muito dinheiro com o colapso financeiro. Quem tinha acções perdeu milhões. Quem possuía obrigações, em alguns casos também ficou a ver navios. Os bancos deixaram de emprestar dinheiro e os investidores, escaldados com as perdas, começaram a rever os seus investimentos. Não tinham sido as agências de rating a dar classificações AAA às securitizações tóxicas? Se as agências erraram na avaliação dessas securitizações, em que outras avaliações teriam errado também? Os investidores estavam muito nervosos e, receando perder dinheiro, puseram-se a estudar os seus investimentos com olho clínico."

"Foi aí que deitaram o olho à Grécia..."

"Na verdade não foram os investidores que chamaram a atenção para a Grécia", corrigiu Tomás. "Foram os próprios Gregos."

"Estás a gozar!..."

"A sério. Quando se começou a tornar claro que o aumento das despesas não estava a resolver coisa nenhuma, o governo conservador da Grécia, que tinha aldrabado contas e aumentado criminosamente a dívida do país, defendeu por fim um congelamento dos salários. Os

socialistas disseram que a austeridade não resolvia nada, que só sairiam da crise da dívida a endividar-se ainda mais e outras baleias pseudokeynesianas que dão votos mas não levam a lado nenhum a não ser a uma catástrofe ainda maior. Em Outubro de 2009 a Grécia foi a votos e os eleitores, cansados da crise, elegeram os socialistas e as suas promessas risíveis de que iriam acabar com a austeridade. Logo que chegaram ao governo, e preparando-se para renegar as promessas que de antemão sabiam ser irrealistas, os socialistas acusaram os seus antecessores de terem aldrabado os números. O esquema era o habitual. Queriam alegar que tinham prometido acabar com a austeridade mas, ó desgraça!, quando chegaram ao governo descobriram que afinal a situação era muito pior do que haviam imaginado e outras tretas do género, pelo que teriam de manter a austeridade."

"Aqui em Espanha os políticos fazem o mesmo, seja qual for a cor política", observou Raquel. "E em Portugal?"

"A mesma coisa, fica descansada", confirmou ele. "Para provar que a situação era pior do que pensava, o novo governo revelou que o défice orçamental desse ano não seria de quatro por cento, como tinha sido afirmado pelos seus antecessores, mas de doze. O que eles não imaginavam é que essa conversa para tolos estava a ser seguida pelos investidores internacionais, que andavam muito nervosos com a segurança do seu dinheiro. A Grécia tinha afinal doze por cento de défice? Os investidores foram consultar as suas carteiras de investimentos e muitos deles descobriram que haviam adquirido ao longo do tempo imensas obrigações gregas. Seriam seguras? A Grécia iria pagá-las? O nervosismo instalou-se. Não seria melhor desfazerem-se daquelas obrigações enquanto iam a tempo?"

"Ah!", exclamou Raquel de olhos arregalados. "Foi aí que se puseram a vender..."

"Muitos sim, mas a maioria pensou assim: bem, a Grécia está na zona euro, portanto os Alemães garantem a coisa, não há problema. E os investidores ficaram relativamente descansados, embora permanecessem atentos. Acontece que se realizou logo a seguir uma cimeira europeia e no final os jornalistas lançaram umas perguntas aos líderes europeus sobre o défice da Grécia. Esses líderes responderam que aquele problema era exclusivamente grego e chamaram a atenção para a cláusula de no-bailout que constava do Tratado de Maastricht, a qual, na essência, estabelecia que nenhum país da zona euro era obrigado a pagar as dívidas de outro. Ao ouvir isto, os investidores caíram em si. Perceberam nesse momento que a Grécia não tinha dinheiro para pagar o que lhe tinham emprestado e que ninguém assumiria essa dívida. Em pânico, puseram-se de imediato a vender as obrigações da dívida grega."

"E as agências de rating?" "Essas também estavam escaldadas com os erros que tinham cometido nas avaliações das securitizações tóxicas americanas e perceberam que haviam sobrevalorizado igualmente a segurança das obrigações gregas. Portanto começaram a baixar-lhes a nota."

"Como é que isso se estendeu ao resto da zona euro? Como chegou a nós?"

"Foi o mesmo mecanismo. Vendo que havia uma cláusula de no-bailout no tratado que criara o euro, os investidores puseram-se a inspeccionar as contas de todos os países da moeda única e descobriram enormes vulnerabilidades em algumas delas. O nervosismo alastrou. Os investidores tinham nas mãos obrigações emitidas por Portugal, Espanha, Irlanda e Itália e começaram a perceber que só recuperariam o dinheiro no Dia de S. Nunca à Tarde. Portanto toca a vendê-las enquanto podiam! O problema é que ninguém as queria comprar. O mercado

das dívidas soberanas paralisou e os países do Club Med, que viviam à custa de dinheiro emprestado, deixaram de ter quem lhes emprestasse."

"Foi um ataque brutal dos mercados, hem?"

"Qual ataque? Isso é conversa de idiotas que tentam tapar o sol com a peneira e sacudir a água do capote das suas próprias responsabilidades, atirando as culpas para uns bodes expiatórios sem rosto visível! É verdade que, devido aos mercados de derivados não regulados, surgiram produtos que permitem ganhar dinheiro a quem aposte que determinado país vai à bancarrota, como é o caso dos credit default swaps. Esse esquema desempenhou decerto um papel, embora isso só fosse possível porque esses países se puseram a jeito. No essencial, contudo, o que se passava é que os investidores, incluindo fundos que geriam pensões de reforma, perceberam de repente que, se emprestassem dinheiro a países que viviam de dívidas, nunca mais iam vê-lo." Indicou a sua interlocutora. "Imagina que eu estava desempregado há dez anos e ia ter contigo com umas calças rotas e pedia-te que me emprestasses vinte mil euros para eu ir passar férias às Caraíbas e dar entrada para a compra de um Mercedes e de uma vivenda com piscina no Mónaco. Se isto fosse uma situação real, emprestavas-me?"

"Claro que não!", riu-se Raquel. "Dizia-te que tivesses juízo e fosses mas é trabalhar!"

"Pois foi isso justamente o que os investidores nos disseram." Simulou um diálogo. "Querem dinheiro? Primeiro arranjem emprego e um rendimento fixo e depois falamos." Retomou o tom normal. "Com as calças rotas na mão, fomos a correr de mão estendida para a Alemanha a exigir que eles pagassem as nossas dívidas. Os Alemães ficaram especados a olhar para nós. Olhem lá, perguntaram eles, não leram a cláusula de no-bailout no tratado que assinaram? Não foram avisados de que são vocês que pagam as vossas dívidas? Porque não respeitaram os limites de dívida e de défice a que se comprometeram por escrito?"

Raquel arregalou os olhos.

"Madre mia, boas perguntas..."

"Então não eram? Os europeus em geral, e Os do Club Med em particular, estavam habituados à Alemanha do livro de cheques. Assombrada pelas suas terríveis responsabilidades no matadouro da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto judaico, a Alemanha viveu décadas em expiação. Era preciso uma auto-estrada em Portugal? Os Alemães pagavam. Era preciso financiar as férias dos pobres na Grécia? Os Alemães pagavam. Era preciso um comboio de alta velocidade em Espanha? Os Alemães pagavam. A Alemanha usou o livro de cheques para se redimir do seu passado horrroso e prosseguiu essa política durante décadas e décadas. A França apontava o caminho político, a Alemanha cobria os custos." Cortou o ar com um gesto enfático. "Mas isso mudou."

"É isso que não percebo. Mudou porquê?"

"Porque a geração agora no poder na Alemanha não viveu a Segunda Guerra Mundial e não vê razão para expiar crimes cometidos pelos seus antepassados. E porque, conforme receavam a Grã-Bretanha e a França em 1989, a reunificação alemã restituiu o sentimento de orgulho e a arrogância aos Alemães. A união das duas Alemanhas criou o maior país da Europa ocidental em população e economia, o centro de gravidade de todo o continente. Além disso, a reunificação foi um processo economicamente doloroso e os Alemães sabem bem o que lhes custou pagar para ajudar a antiga Alemanha comunista. Acabados de sair desse pesadelo, que lhes valeu uma crise económica até 2005, vieram agora dizer-lhes que também teriam de pagar para ajudar o

Club Med a desenhá-lo de novo, como se se meteu. Como era previsível, não acharam piada à brincadeira." Fez uma voz teatral. "Nós? Pagar? Paguem eles, que estiveram na festa! Vão trabalhar, preguiçosos! A mama acabou!" Retomou o tom normal. "Ou seja, a Alemanha do livro de cheques já não existe."

"Mas, ó Tomás, achas que precisávamos mesmo da ajuda externa?"

"Então não precisávamos?" O historiador fez um gesto no ar, como se tivesse um objecto rectangular diante dele. "Imagina que a economia de Portugal ou de Espanha é uma caixa multibanco com cem euros no interior. O que se estava a passar é que em cada ano saíam dez euros da caixa. Para os substituir, e uma vez que não podíamos imprimir dinheiro, pedíamos emprestados dez euros aos investidores. Quando os investidores deixaram de dar dinheiro, ele continuou a sair da caixa mas deixou de entrar. Ficámos com noventa euros no multibanco e no ano seguinte seriam oitenta euros e depois setenta. Faltava dinheiro à economia, percebes? Tirávamos dinheiro da caixa para pagar as importações e não imprimíamos dinheiro para o repor nem ninguém nos emprestava." "Então como se resolveu isso?"

"Para evitar o colapso imediato do euro, e depois de muito resmungarem, os Alemães lá perceberam também que os seus bancos, que tinham emprestado imenso dinheiro aos países periféricos para que entre outras coisas eles comprassem produtos alemães, estavam totalmente encravados e entrariam em falência se houvesse um default imediato e generalizado do Club Med. Por isso acabaram por ceder e autorizaram que o Banco Central Europeu violasse o seu mandato e comesse a comprar dívida do Club Med. Como nenhum investidor nos queria emprestar nem um tostão, porque sabia que nunca mais veria o dinheiro, foi o Banco Central Europeu que se chegou à frente e se pôs a comprar as dívidas que mais ninguém queria comprar. Desde então que os países da periferia vivem à conta do Banco Central Europeu, percebes?" Meteu as mãos nos bolsos e puxou-os vazios para fora. "Se não fosse o BCE, não havia salários, nem pensões, nem subsídios para ninguém."

A revelação deixou Raquel por momentos em silêncio, a meditar no que acabara de ouvir.

"Olha lá, agora como saímos disto?"

Como se estivesse pouco à vontade, Tomás mudou de posição. Não era claro se o desconforto que o seu rosto reflectia se devia à postura anterior no assento ou à pergunta.

"O que me estás verdadeiramente a perguntar é se os países do Club Med, incluindo Portugal e a Espanha, vão permanecer no euro", observou ele. "E também se o euro irá ou não acabar."

"Sim, no fundo é isso", confirmou a espanhola. "O que vai acontecer?"

O historiador desviou o olhar para a janela e viu prédios a aparecerem nos arredores da linha férrea e a longa faixa azul do mar estender-se ao fundo, pintalgada por pontos brancos que mais não eram do que barcos de recreio e à vela a deslizarem pelas águas mansas do Mediterrâneo.

"Estamos a chegar a Barcelona", constatou. "Vou então revelar-te o futuro do euro..."

"Ah, ainda bem!"

"... mas só mais logo."

Um rumor de excitação percorreu a mesa depois de Magus ter quebrado com um grito o seu mutismo pensativo. Todos os olhares permaneciam colados ao chefe, ansiosos e subservientes, como se ele fosse o Sol imenso e os que o rodeavam não passassem de planetas minúsculos.

"Já sabe, poderoso Magus?", quis saber Balam com voz submissa. "O que temos de fazer?"

O dirigente máximo projectou um gesto na direcção do computador portátil pousado a meio da mesa.

"Vamos mandar-lhe um e-mail."

A declaração foi tão inesperada que desencadeou uma cascata de gargalhadas à volta da mesa. Todos pareciam divertidos com o que acabavam de escutar.

"Imparável, poderoso Magus", adalou o chefe da segurança.

"Hoje está verdadeiramente imparável! O seu sentido de humor é extraordinário! A graça com que..."

O chefe manteve o semblante fechado.

"Não é piada", atalhou num tom irritado, desagradado com a sabujice oleosa dos seus subordinados. Voltou a indicar o portátil. "Passem-me aí o computador."

As risadas pararam tão depressa como tinham começado quando toda a gente percebeu que a sugestão era séria. Um dos esbirros, o mais ágil em informática, levantou-se de imediato, pressuroso, e levou-lhe o computador. Magus fez-lhe sinal de que se sentasse ao lado dele e o homem obedeceu. Ligou a máquina com gestos rápidos e, entrando no sistema, foi direito ao ficheiro com o perfil dos alvos e seleccionou a pasta de Tomás. A página materializou-se no ecrã e revelou o rosto do historiador no canto superior direito e toda a informação ao lado e em baixo.

"Está aqui", anunciou o homem da informática, ansioso por agradar ao chefe. "Este é o endereço de e-mail dele." Magus tomou nota numa folha de papel.

"Agora entra-me na caixa de e-mail do Filipe Madureira." "Quem? Aquele que..."

"Sim, esse. Entra."

O especialista em computadores mudou para o gmail e, sempre teclando com grande velocidade, digitou o nome de utilizador e a password da página do amigo de liceu de Tomás. Instantes depois a página ficou disponível.

"Já está, poderoso Magus. O que faço agora?"

O chefe nem se deu ao trabalho de responder. Com maus modos, puxou o portátil para si e, com o rato, carregou no botão com pose mau. A página para escrever uma mensagem ficou disponível. Teclou o endereço electrónico de Tomás e procurou Balam com o olhar.

"Tu falas português, não falas?"

"Sim, poderoso Magus. Vivi alguns anos no Brasil, como sabe."

Obedecendo a um gesto imperial do cabecilha do grupo, o homem da informática saltou do lugar e Balam foi ocupá-lo. O responsável pela segurança agarrou o portátil e entrou no corpo do e-mail para redigir a mensagem. Desviou o olhar para o chefe e ficou a aguardar ordens.

"Ora escreve aí", indicou Magus. "Olá, Tomás." Fez uma pausa enquanto o subordinado teclava o texto em português. "As notícias da minha morte foram ligeiramente exageradas." Nova pausa, preenchida pelo matraquear do teclado por parte de Balam. "Só agora me deixaram usar

o computador." Mais uma pausa. "Fiquei um dia em coma, mas já estou a recuperar e esta manhã saí dos cuidados intensivos." Ainda uma pausa. "Lembrei-me de uma coisa crucial que me esqueci de te dizer." Esperou alguns segundos enquanto o chefe da segurança traduzia a mensagem. "É imprescindível que vás urgentemente a Florença." Pausa de novo. "Apresenta-te amanhã à meia-noite nos Uffizi e pergunta por Mefistófeles." Pausa. "Virá alguém que te ajudará a safares-te desta confusão." Última pausa. "Um abraço do teu amigo Filipe."

Balam acabou de redigir a mensagem e releu o texto em voz alta, traduzindo-o de modo que o chefe se certificasse de que estava tudo bem. Quando terminou pegou no rato e assentou a seta sobre o send. Antes de carregar, voltou-se para o líder.

"Envio, poderoso Magus?"

O chefe sorriu, satisfeito consigo próprio.

"Força."

O responsável da segurança carregou no botão direito do rato e a mensagem foi enviada. Um clamor de satisfação ergueu-se na sala, com as congratulações bajuladoras a jorrarem na direcção de Magus.

A armadilha estava estendida.

Um mar de gente enchia Las Ramblas, em plena baixa de Barcelona, caminhando com o propósito de chegar a um destino ou deambulando distraidamente enquanto espreitava as vitrinas. Como o trânsito que subia a grande avenida parecia não avançar, Tomás impacientou-se e estendeu o braço para a frente de modo a tocar no ombro do taxista.

"Deixe-nos aqui", disse por prudência em português, consciente de que nem todos os catalães gostavam de ouvir castelhano. "Fazemos o resto a pé."

Os dois passageiros apearam-se na esquina do Carrer de la Boqueria e Raquel, que conhecia bem a cidade, fez um gesto para o ponto mais alto da avenida.

"A Praça da Catalunha é lá em cima."

"Então vamos."

Subiram Las Ramblas em passo determinado e apenas pararam numa gelataria para comprar dois gelados de chocolate e morango; tinham fome e uma certa gula por algo doce que lhes desse energia. Depois retomaram o caminho e, alguns minutos volvidos, chegaram de facto à Praça da Catalunha. O trânsito era imenso e enchia o enorme largo. Meteram pela esquerda e entraram no grande edifício da FNA.

"Que raio de altura para comprar livros", protestou a espanhola. "De que estás à procura?"

"Não é de livros", retorquiu Tomás, dirigindo-se directamente à secção de computadores. "Quero comprar um portátil."

Raquel arregalou os olhos, espantada.

"Para quê?"

"Preciso de contactar o lar da minha me", explicou. "Se usar um telefone fixo, eles vão perceber que estamos em Barcelona. Se usar um telemóvel, podem localizar-nos por GPS. Só me resta o computador."

"Porque não usas um cibercafé?"

"Porque os tipos iam ver o IP de onde a mensagem foi enviada e perceberiam que estávamos em Barcelona."

A agente da Interpol bateu com a palma da mão na própria testa.

"Ah, pois! Tens razão!", exclamou. "Lá me esquecia da porcaria do IP."

Os portáteis estendiam-se por duas longas estantes. Depois de inspeccionar os vários aparelhos, Tomás acabou por optar por um computador minúsculo de baixo preço e bateria duradoura; a placa de venda falava em sete horas de bateria e acesso a Wi-Fi.

"Este é perfeito."

A Calle Montsió era uma ruela estreita por onde só passavam peões, tão discreta que pareceu a Tomás o local adequado para se instalarem e ligarem a Internet. Meteram por uma porta em arco que se abria à esquerda e refugiaram-se no Eis Quatre Gats, um restaurante típico com ar de tasca, sombrio e de luz amarelada. Escolheram um lugar no salão, junto às janelas foscas e o mais longe possível da porta.

"Que pontaria, Tomás!", disse Raquel, apreciando a decoração e as fotografias antigas emolduradas nas paredes. "Sabes onde estamos?"

"No restaurante que Picasso frequentava", respondeu o historiador. "Porquê?"

A espanhola riu-se e deu-lhe uma palmada no braço. "És impossível!", repreendeu-o de uma forma benigna. "Às vezes penso que sabes tudo..."

"Tudo não direi. Mas tive de estudar História da Arte e Picasso era incontornável. Este restaurante tornou-se o centro do movimento modernista."

O empregado aproximou-se da mesa e estendeu-lhes a ementa. Raquel pegou no grande caderno e, antes mesmo de consultar os pratos, voltou a capa do menu na direcção do seu companheiro de viagem e exibiu o desenho da fachada do Els Quatre Gats mostrando um homem de cinzento sentado com uma bengala a uma mesa de madeira na esplanada.

"Estás a ver?", disse. "O desenho da capa foi feito pelo próprio Picasso."

Consultaram os pratos. Tomás pediu em catalão um arròs caldós de llamàntol enquanto Raquel se ficou em castelhano por um entrecot de vaca. Quando o empregado se afastou, o historiador assentou o portátil sobre a mesa e ligou-o. Logo que a ligação à Internet ficou estabelecida, procurou o site do lar e identificou o endereço electrónico.

A seguir entrou na sua própria conta. Tinha muitas mensagens por abrir. Percorreu-as com os olhos; a esmagadora maioria era lixo.

Naquela sucessão de mensagens irrelevantes identificou um email da faculdade que abriu de imediato; tratava-se da derradeira folha de vencimento a indicar que o salário fora enviado para a sua conta, à qual não tinha acesso por decisão da polícia ou de qualquer outra entidade estranha. Reconheceu a seguir alguns e-mails de amigos e de colegas da faculdade. Abriu dois. Um deles questionava-o sobre as notícias de que a polícia o procurava por homicídio, o outro era de um professor do departamento de História a manifestar-lhe a sua solidariedade. Seria pelo despedimento ou pelo caso da polícia?, interrogou-se; a mensagem não o esclarecia.

Voltou ao inbox e percorreu de novo com os olhos as mensagens ainda por abrir.

Congelou.

"Que é isto?"

A pergunta foi formulada com tal choque na voz e com tamanha estupefacção estampada no rosto que inquietou Raquel.

"Que se passa?", inquiriu ela. "Aconteceu alguma coisa?" "O Filipe!", exclamou Tomás, ainda incrédulo. "Tenho aqui uma mensagem do Filipe!"

"O quê?"

Colaram ambos os olhos ao ecrã do portátil; ali estava, no inbox, a mensagem por abrir de Filipe Madureira. Sem perder tempo, Tomás entrou nela e ambos devoraram o conteúdo a dar conta do coma e do encontro na meia-noite do dia seguinte nos Uffizi para falar com o tal Mefistófeles. "O Filipe está vivo!", exultou Tomás, virando-se para a espanhola. "Vivo!"

Abraçaram-se os dois para festejar a notícia; tudo aquilo lhes parecia incrível, dava a impressão de um filme de Hollywood com final feliz.

"Ainda me custa acreditar!"

O olhar do historiador regressou ao ecrã para se certificar de que lera bem o e-mail.

"Mas... eu vi-o morrer nos meus braços!", interrogou-se. "Além disso houve notícias na televisão e nos jornais a dizer que eu era procurado pelo homicídio do Filipe. Até a Interpol recebeu uma nota da polícia portuguesa a dar conta do caso."

"Viste-o morrer nos teus braços?", devolveu Raquel. "Às vezes o estado de coma confunde-se com a morte. Quanto às notícias, devem ter sido os nossos perseguidores que plantaram tudo isso. É costume a polícia inserir na imprensa notícias falsas para ludibriar os suspeitos que procura. Trata-se de uma prática perfeitamente normal. Os tipos querem deitar a mão ao tal

DVD e simularam a morte do Filipe para conseguirem o que queriam."

Sentindo um peso sair dos ombros, Tomás respirou fundo. "Ufa! Que alívio", suspirou. "Ainda bem que ele está vivo! Ferido, mas vivo! Valha-nos isso!"

Concentraram-se mais uma vez na mensagem que tinham acabado de abrir, desta feita atentos não ao facto de o amigo comum dar notícias e estar vivo, mas às instruções.

"Ele quer-nos em Florença", observou Raquel depois de reler a mensagem. "Amanhã." Virou-se para o seu companheiro de viagem. "Parece que vamos ter de alterar o nosso destino..."

O historiador deitou a mão ao bolso e extraiu dois bilhetes de comboio que adquirira na estação de Atocha, em Madrid.

"O nosso destino sempre foi Florença", revelou, com um : sorriso triunfal. "Esta mensagem apenas confirma aquilo que eu já suspeitava."

Incrédula, a espanhola verificou os bilhetes adquiridos horas antes. As indicações impressas confirmavam que iam de facto apanhar um comboio que saía nessa noite da estação de Barcelona com destino a Florença. Chegariam pela manhã.

"Florença?", admirou-se, levantando os olhos e fitando Tomás.

"Nós íamos para Florença? A que propósito?"

"Lembras-te quando esta tarde estávamos no apartamento da tua amiga? Na altura tinhas a televisão ligada e dava o noticiário. Uma das notícias era que começava amanhã a sessão preliminar do Tribunal Penal Internacional sobre os crimes contra a humanidade que conduziram a esta crise. A informação ficou-me às voltas na cabeça, até que me lembrei que o Filipe me tinha dito que a última vez que tinha tomado banho fora em Itália. Isto só podia significar que havia escondido aí o DVD."

"Está bem, mas como chegaste a Florença?"

"Pela notícia da televisão. O conteúdo do DVD escondido em Itália relaciona-se com os crimes da crise, o TPI reúne-se em Florença para investigar os crimes da crise. É evidente que o Filipe guardou o DVD na mesma cidade onde o Tribunal Penal Internacional irá conduzir o processo, não te parece?"

Raquel voltou a abraçá-lo.

"Brilhante!", exclamou. "És realmente brilhante!"

Como se uma força invisível os atraísse, colaram os lábios num beijo, mas sentiram uma presença ao lado e viraram-se; era o empregado que trazia o arroz de lagosta e o entrecosto de vaca e os fitava com uma expressão desaprovadora por vê-los em cenas daquelas no meio do restaurante. Apartaram-se com relutância e deixaram que ele pousasse os pratos.

Quando o empregado se afastou, Tomás voltou a sua atenção de novo para o ecrã e releu a mensagem. Depois carregou no reply e redigiu a resposta.

Olá, Filipe.

É ótimo saber que estás vivo, rapaz! Estou com a tua amiga Raquel e nem imaginas o que temos passado à tua custa, meu grande camelo! Fingiste que morrias e deixaste-nos uma bela prenda nas mãos, hem? És um ordinário!

;-)

O criptograma está bem apanhado, sim senhor. Ia matando a cabeça para o decifrar! Fez-me lembrar os nossos tempos no Liceu Afonso de Albuquerque, lá em Castelo Branco. Lembras-

te das nossas charadas?

Lá estaremos nos Uffizi amanhã à meia-noite. A coisa está difícil e precisamos mesmo de ajuda. Espero que esse Mefistófeles (que raio de nome o tipo arranjou! — deve ser alcunha, não?) resolva esta maldita embrulhada. Além dos rapazes que te balearam, temos a polícia à perna. Um pesadelo. Depois conto-te.

Um abraço dos teus amigos, Tomás e Raquel.

Deixou a espanhola ler a mensagem e, depois de ela fazer sinal com a cabeça a aprovar, carregou no send e o e-mail foi enviado.

"Esse criptograma", murmurou Raquel. "O que diz ele?"

Tomás saiu do seu endereço electrónico e desligou o computador. Enquanto esperava, levantou os olhos para a agente da Interpol e sorriu. "O sítio exacto onde se esconde o DVD", respondeu. "É isso o que revela o criptograma." Baixou de novo o olhar para o portátil e preparou-se para escrever uma segunda mensagem, esta destinada à directora do Iar. O problema da mãe era outra prioridade sempre presente na sua mente.

O comboio partiu perto das onze da noite da estação de Sants com destino a Roma e com paragens consecutivas ao longo do caminho, incluindo Florença. O itinerário seguia a linha de costa do Mediterrâneo até Itália, mas, e como era noite cerrada, não havia qualquer possibilidade de apreciarem a paisagem.

"Esta viagem vai ser uma estucha", queixou-se Raquel, ajeitandose no assento e preparando-se para muitas horas de monotonia. "Se era para viajar durante toda a noite não podias ao menos ter comprado bilhetes nos beliches? Sempre conseguíamos dormir e...", piscou o olho verde, "...fazer mais alguma coisinha."

Tomás riu-se.

"Sua marota, pensas que não pensei nisso?", perguntou com uma expressão cúmplice. "O problema é que estava tudo cheio." Esboçou com os braços um gesto de resignação. "Lá em Atocha disseram-me que, ou ficava com estes lugares, ou nem sequer entrávamos no comboio. Não tive outro remédio."

A espanhola correu o interior da composição com o olhar; de facto o comboio ia apinhado de gente. A maior parte eram jovens com mochilas e sacos-cama, provavelmente a fazerem o InterRail, mas viam-se também algumas famílias e adultos solitários ou em pares. Havia até duas freiras nos bancos ao lado, com toda a probabilidade a caminho de Roma; tinham guardado nas prateleiras sobre os assentos um saco mal fechado com hábitos brancos a espreitarem do interior.

O tédio arrancou a Raquel um suspiro enfadado. Aborrecida, virou-se para a janela; lá fora estava tudo negro, não havia hipótese de ver fosse o que fosse a não ser alguns pontos luminosos, decerto barcos a cruzarem o mar.

"Convinha prepares-me para o que se vai passar em Florença", acabou ela por dizer. "Seria útil estar dentro de todo o dossiê, não achas?"

"O que queres tu saber?"

Era o que Raquel pretendia ouvir. Sem perder tempo, endireitou-se no lugar e olhou-o com intensidade.

"O euro vai ou não acabar?", perguntou de chofre. "Vamos ou não sair da moeda única? Afinal o que irá acontecer? Esta tarde falaste que te desunhaste, mas não respondeste a estas perguntas..."

Foi a vez de Tomás se ajeitar no assento; o que ela desejava saber não eram coisas de somenos.

"Estás a levantar questões diferentes", constatou. "Complementares, é verdade, embora diferentes." "Sim, mas qual é a resposta?" O historiador cruzou a perna e pôs-se à vontade. "O euro irá acabar?", perguntou em tom retórico. "A crer na história, sim. Todas as uniões monetárias criadas no passado sem estarem assentes num estado centralizado fracassaram." Fez com a mão um gesto peremptório. "Todas."

Não era a resposta que Raquel queria ouvir. A espanhola cerrou os dentes e cravou os olhos no companheiro de viagem.

"Esquece o passado", disse. "O euro é diferente de tudo o que foi criado até agora, não é verdade? Se a sua arquitectura for sólida, o que impede a moeda única de ser bem-sucedida?"

"O problema é que a arquitectura não é sólida. Todos os estudos mostram que as áreas

monetárias de sucesso têm em comum vários factores determinantes: a mobilidade da força laboral, a flexibilidade de preços e salários, taxas semelhantes de inflação, abertura e diversificação das economias individuais, integração financeira, integração orçamental e integração política. Quando um ou mais destes elementos falha, a estrutura do edifício começa a ceder."

"Bueno... realmente falta-nos um ou outro desses elementos..."

Tomás soltou uma gargalhada.

"Um ou outro? Falta-nos metade, Raquel! Metade! Sabes qual é a mobilidade da força laboral na zona euro? Zero vírgula um por cento! Ou seja, nada. Enquanto nos Estados Unidos um choque económico regional é absorvido pela transferência de trabalhadores para outras regiões do país onde a situação é melhor, na zona euro um choque num país não provoca mobilidade laboral para outro, mas desemprego. E aí do governante que se atreva a sugerir mobilidade da força laboral, é logo acusado de querer desertificar o país! Por outro lado, a flexibilidade de preços e de salários é inexistente na zona euro e o mesmo se pode dizer da integração orçamental e da integração política. Enquanto a América tem uma moeda que coincide com um único estado nacional e a sua população fala uma língua comum e goza de uma cultura partilhada, a zona euro não dispõe de nada disso. Os Americanos usam transferências orçamentais para corrigir desequilíbrios, de tal maneira que Nova Iorque paga para ajudar o Oregon, por exemplo. As transferências internas americanas eliminam quarenta por cento do declínio nos rendimentos regionais. Na zona do escudo português, Lisboa pagava para ajudar o Alentejo e, na zona da peseta espanhola, Madrid pagava para auxiliar a Andaluzia. Na zona euro, contudo, nada disso é possível. Se Berlim aceitar pagar para ajudar a Grécia, terá de enfrentar uma rebelião do Bild Zeitung e da população alemã. As pessoas não são solidárias na zona euro porque não têm um sentimento nacional, alimentado por uma língua e uma cultura comuns. Os Alemães estiveram dispostos a ajudar Dresden na reunificação alemã, mas não aceitam ajudar Atenas na unificação europeia."

Raquel baixou a cabeça, esmagada pela evidência. "Pois, tudo isso é verdade."

"Por isso, e a crer em todos os estudos sobre áreas monetárias, o destino do euro está traçado. A moeda única como a conhecemos vai acabar."

A espanhola lançou-lhe um olhar de súplica, quase como se fosse ele o detentor do poder de resolver as insanáveis contradições do euro. "Mas, Tomás, não haverá uma única hipótese de o euro se aguentar? Nem uma única?"

O historiador respirou fundo. A responsabilidade que Raquel lhe atribuía, de salvar o euro, era muito maior do que os seus ombros podiam suportar.

"Está a ser feito um esforço nesse sentido", acabou por dizer. "O caminho é estreito, e, se tudo for bem executado, o euro sobreviverá. Mas não sei se há estômago para fazer o que tem de ser feito."

O rosto da espanhola contraiu-se numa careta. "O que é preciso fazer?"

"A crise da dívida apanhou a zona euro numa terra-de-ninguém onde ela não pode continuar. Os países têm uma moeda comum mas não partilham um orçamento comum, não respeitam as regras financeiras que eles próprios acordaram nem têm uma governação política centralizada. É uma receita para o fracasso. Os Alemães já perceberam isto e estão a tentar dar um passo em frente: estabelecer penalizações para quem viole as regras financeiras e impor que os

orçamentos nacionais requeiram luz verde de Bruxelas para ser aprovados, de modo a criar assim um esboço de orçamento comum. O curioso é que os países do Club Med, que se afirmam empenhados na sobrevivência do euro, estão a resistir a estas medidas destinadas justamente a salvar o euro. Um contra-senso total."

"E com razão", contrapôs a espanhola. "O orçamento de Espanha tem de receber autorização de Bruxelas? Mas afinal quem manda no meu país? Os Alemães?"

Tomás riu-se.

"Esse é justamente o problema", observou. "Os países do euro querem o euro mas não querem as medidas que viabilizam o euro! Todos os estudos mostram que uma moeda só funciona num estado com poder centralizado em que haja unidade financeira, orçamental e política. Se os países não estão dispostos a ceder soberania nesses três pontos, o euro não é possível! Ponto final. Entendes isso?"

"Não é possível como? O euro tem sido possível até agora!..."

"Porque até agora os tempos eram bons, já te disse! O teste a uma moeda faz-se nos tempos maus, não quando tudo corre de feição. Acontece que estamos justamente a viver tempos maus e, surpresa! surpresa!, as contradições emergiram e o euro não está a resistir. Temos de fazer uma escolha. Ou damos um passo em frente ou voltamos para onde estávamos antes do euro. Nesta terra-de-ninguém é que não podemos continuar!"

Raquel suspirou, resignada.

"Muy bien, suponhamos que damos mesmo o passo em frente e perdemos mais soberania. O euro salva-se?" O português torceu os lábios.

"Mesmo assim, não sei. Abriu-se uma fenda na zona euro entre países credores e países devedores. Há sobretudo dois problemas suplementares que será necessário resolver. Em qualquer espaço monetário a periferia perde poder para o centro, mas tem de obter algo em troca: transferências orçamentais. É isso que acontece na América e em qualquer país que tenha uma moeda. Nova Iorque transfere dinheiro para o Oregon, Londres para o Sussex. Para que a zona euro seja viável, os Alemães terão de dar um salto mental e aceitar retomar transferências para a periferia de modo a compensá-la pela perda de poder. Será que darão esse salto?"

"Tenho dúvidas..."

"Se não derem, é um problema sério. O segundo problema não é económico, mas político. Relaciona-se com a legitimidade democrática dos decisores. O euro é sobretudo um projecto político. Foi criado para atar a Alemanha e assegurar a paz na Europa, certo?"

"Claro, já explicaste isso. O euro garante a paz."

"Se assim é, por que razão andam a queimar bandeiras alemãs em Atenas? A troca de insultos entre Alemães e Gregos é uma coisa muito grave e mostra, para quem tivesse dúvidas, que o euro não está a ser o garante da paz, mas uma vulnerabilidade que provoca ameaça de guerra. Este problema é muito sério e tem de ser resolvido para que a moeda única não fracasse. O nó górdio encontra-se na legitimidade dos decisores. Como é possível numa democracia que um poder governe pessoas sem que elas tenham oportunidade de votar nele? Ou seja, com a transferência de poderes para o centro, o que se passa é que os governantes alemães começam a governar de facto os Portugueses sem que os Portugueses tenham tido uma palavra a dizer na eleição desses governantes alemães. Isso não pode ser. Será preciso

que toda a população da zona euro tenha oportunidade de votar em quem de facto a governará. Isto significa que a zona euro terá de se tornar uma federação e qualquer político europeu se poderá candidatar a seu líder executivo, fazendo campanha na Alemanha, em França, Portugal e na Itália da mesma maneira que os candidatos a presidente dos Estados Unidos fazem campanha na Flórida, no Connecticut, no Ohio e no Texas."

Raquel mergulhou os dedos no cabelo e massajou o couro cabeludo.

"Tudo isso é muito complexo", desabafou. "Achas que só nessas condições o euro será viável?"

"Não vejo outra maneira. Se não se lidar com estes problemas todos, o euro entrará em colapso de um momento para o outro. Pode levar anos ou pode ser já amanhã, mas acabará por cair ou por se fracturar. As contradições têm de ser resolvidas."

"Imaginemos que as debilidades são desfeitas e o euro sobrevive", sugeriu a agente da Interpol. "Os problemas de Espanha e de Portugal e de toda a periferia são superados?"

O historiador cruzou os braços e, inclinando a cabeça para o lado, fitou um longo momento a sua interlocutora.

"A primeira coisa que tens de interiorizar é que não há milagres", disse. "Uma análise a mais de duzentas crises bancárias seguidas de crises da dívida permite-nos tirar algumas conclusões claras. Quando as taxas de juro de uma dívida gigantesca ficam maiores que a taxa de crescimento da economia, como está a acontecer no Club Med e noutros países, os empréstimos já não conseguem ser pagos. Nesses casos, as crises da dívida terminam com uma desvalorização da moeda ou dos custos de trabalho, ou com um default. Independentemente do que os demagogos digam, qualquer destas soluções é dolorosa e envolve muita austeridade. Não se conhece um único caso na história em que um desendividamento seja feito sem austeridade. Nem um."

"Portanto, a austeridade é inevitável."

"Infelizmente, sim. Repara, desde o aparecimento do euro e até à crise das dívidas soberanas, a Alemanha tornou-se trinta por cento mais produtiva que a Grécia. Quer isto dizer, e por incrível que pareça, que produzir um bem na Grécia custa trinta por cento mais do que produzi-lo na Alemanha. O que é válido para a Grécia é válido para a generalidade do Club Med, embora com percentagens diferentes consoante os países. Para neutralizar a diferença em relação à Alemanha, e não podendo desvalorizar a moeda nem querendo avançar para o default, o Club Med terá de baixar significativamente os custos do trabalho, o que, receio bem, significa redução de salários. Como os salários descem, o consumo desce e as receitas fiscais também, o que provoca recessão e mais défice, obrigando a baixar ainda mais os salários, o que provoca nova queda do consumo e das receitas fiscais e assim sucessivamente."

"Mas desse modo entra-se num ciclo vicioso..."

"Pois é, mas qual a alternativa? O ajustamento, receio bem, é sempre doloroso e não há soluções boas." Ergueu a mão para sublinhar o ponto. "Vou repetir: não há soluções boas. Digam os demagogos o que disserem, lembre-se de que se chegou a um ponto em que não há soluções boas. A opção diante do Club Med e de todos os países excessivamente endividados são soluções muito más e soluções péssimas. Não existem milagres nem varinhas mágicas, todos os caminhos estão pejados de espinhos. O estudo de mais de duzentas crises bancárias seguidas de crises de dívida mostra que o ajustamento, qualquer que seja o caminho seguido, é

sempre doloroso e o desendividamento nunca é feliz. Nunca. São sempre precisos vários anos para desendividar uma economia e o desemprego cresce em média durante quatro anos seguidos, enquanto o crescimento económico permanece anémico em média durante uns seis ou sete anos. Ao longo desse período há menos crédito disponível e o investimento privado é muito baixo."

"Portanto, os problemas de Portugal e de Espanha não desaparecerão em breve..."

"Com certeza que não."

"Nem se o Club Med sair da moeda única?"

A pergunta era importante, crucial mesmo, e Tomás levou um momento a equacionar a melhor forma de lhe responder.

"Para determinar uma coisa dessas, temos de ler correctamente a situação", acabou ele por dizer. "Por exemplo, a economia portuguesa está muito desequilibrada porque andou sempre a importar muito mais do que a exportar. Para a reequilibrar é melhor estar no euro ou fora dele?"

Raquel estreitou as pálpebras, ponderando a resposta correcta.

"Estar no euro parece-me melhor", acabou por responder. "A moeda única funciona como uma fortaleza e protege-nos das tempestades."

"Ai sim? Então porque não protegeu?"

A espanhola hesitou.

"Quer dizer... de certo modo protegeu, não protegeu? Olha para o que aconteceu à Islândia. Os Islandeses foram imediatamente arrasados pela crise financeira e nós não. O mesmo sucedeu com os países bálticos."

"É verdade", assentiu o historiador. "Mas onde estão os Islandeses agora? A recuperar. Onde estão os bálticos agora? A recuperar. E onde estamos nós?"

A pergunta ficou a flutuar no ar, perversa e insinuante, fazendo o seu caminho na mente de Raquel.

"Achas que é melhor estar fora do euro?"

Tomás enlaçou as mãos, ganhando balanço para atacar o problema.

"Como sabes, os desequilíbrios que estamos a sofrer sempre existiram nas nossas economias", lembrou ele. "É frequente importarmos mais do que exportamos e volta e meia temos de corrigir essa situação. Se assim é, por que razão está esse processo agora a ser mais difícil? Qual a diferença em relação ao passado?"

"O euro?"

"A diferença, minha linda, é que já não controlamos a nossa moeda", disse Tomás, respondendo à sua própria pergunta. "Repara, tal como as pessoas, os países não produzem tudo o que consomem. Produzem umas coisas que vendem ao exterior e, com o dinheiro que ganham, compram o que não produzem. Sempre que as importações excedem as exportações, qual é a solução? Baixar os custos dos nossos produtos para os tornar mais apetecíveis e assim venderem-se melhor. Mas como se baixam esses custos?"

"Baixando os salários, já o explicaste."

Tomás abriu as mãos, num gesto resignado.

"Infelizmente, assim é!", concedeu. "Há uma subtilidade, no entanto, que tens de entender. Antigamente, quando tínhamos as nossas moedas, os salários baixavam-se através de mecanismos monetários: imprimíamos dinheiro e isso gerava inflação. Vamos imaginar que

tínhamos uma inflação de trinta por cento. Os governos chegavam junto dos trabalhadores e diziam: eh pá, vocês estão cheios de sorte, vamos dar-vos quinze por cento de aumento! Quinze por cento? Toda a gente ficava contente. Ena, que grande aumento! O que as pessoas se esqueciam é que a inflação era de trinta por cento, o que significava que os seus salários tinham na verdade diminuído quinze por cento. Com essa redução invisível dos salários, os nossos produtos ficavam mais baratos e vendiam-se melhor no estrangeiro. Por outro lado, ao imprimir dinheiro estávamos a desvalorizar a moeda, o que tornava os produtos estrangeiros mais caros e menos acessíveis. Diminuíam assim as importações."

"Pois, estou a ver", murmurou Raquel. "Mas já não temos uma moeda só nossa, pois não?"

O historiador esboçou uma expressão apreciativa.

"Estás a ver como chegas lá?", atirou. "É isso mesmo. Já não temos uma moeda só nossa. Temos o euro. E é justamente aí que radica o problema. Como já te expliquei, a análise de centenas de outras situações semelhantes no passado mostra que uma crise de dívida descontrolada se resolve de três formas: ou gerando inflação através da impressão de dinheiro, ou desvalorizando directamente os custos do trabalho ou fazendo default. Acontece que os Alemães querem estabilidade de preços e têm horror à inflação. Eles avisaram-nos vezes sem conta que o euro seria uma moeda forte e não se poderia desvalorizar. Os nossos inteligentes governantes fizeram que sim com a cabeça, mas ignoraram os avisos e, como de costume, foram caçar votos com políticas despesistas." Esboçou com as mãos um gesto teatral. "Agora que a coisa deu para o torto, levam as mãos à cabeça e dizem: ó tio, ó tio, acudam que não há dinheiro, a culpa é dos mercados e dos especuladores, a culpa é das agências de rating e do Goldman Sachs, a culpa é da troika, a culpa é da Alemanha e da gorda, a culpa é de todos excepto de mim, eu que sou muito competente e patriota, dei o meu melhor, dei cabo da sustentação do estado social e das finanças do meu país, fiz obras faraónicas e gastei o que não tinha para ajudar os construtores meus amigos, estourei milhões em autoestradas para a Peidaleja e Ranholas de Cima e Alguidares de Baixo, fiz um aeroporto internacional em Beja que só recebe um avião por semana, deixei os bancos emprestarem rios de dinheiro a pessoas que já não conseguem pagar o que devem, mas... oiçam, fiz tudo bem, hã?, a culpa é toda dos outros, eu não tenho nada a ver com isto!"

Raquel riu-se da interpretação do seu companheiro de viagem; já tinham ouvido aquele discurso em Espanha e suspeitava que em Portugal tinha decorrido a mesma conversa.

"Davas para actor", observou, zombeteira. "Qualquer dia ainda és contratado pelo Almodóvar."

"Almodóvar? No mínimo pelo Spielberg!" Fez um gesto no ar, como se visualizasse o letrado de um cinema. "As Aventuras de Indiana Noronha na Terra da Bancarrota, estás a ver o género?"

Juntaram-se numa gargalhada ruidosa, atraindo os olhares reprovadores dos passageiros em redor. Reprimindo a galhofa, a espanhola respirou fundo e por fim recuperou a compostura.

"Agora a sério", disse. "Disseste que antigamente se enfrentava este problema com a desvalorização da moeda..."

"Exacto. Foi o que fez a Islândia, por exemplo. Tendo embarcado na idiotice da desregulação financeira, os Islandeses foram brutalmente atingidos pela crise, desvalorizaram a sua moeda e já estão a recuperar. O mesmo aconteceu com os países bálticos."

"Então e nós? Se estamos no euro e não temos moeda nossa, o que podemos fazer? Entramos em default?"

"O default unilateral está a ser para já posto de lado para não hostilizar e alienar os Franceses e os Alemães, cujos bancos são os grandes credores do Club Med. Não podendo também desvalorizar a moeda, o que permitiria baixar os salários de uma forma invisível, mas querendo obter o mesmo efeito de desvalorização dos custos de produção, receio que tenhamos de cortar directamente os salários. Não há outra opção. Por outro lado, sem poder imprimir moeda não erguer barreiras alfandegárias às importações, a única maneira de diminuir as compras ao exterior é retirar poder de compra aos nossos cidadãos. Sem dinheiro para gastar, eles não compram produtos importados e as importações caem."

Raquel fez um ar escandalizado.

"Retirar o poder de compra aos nossos cidadãos?", quase se indignou. "Mas isso também dá cabo da economia interna! As nossas empresas vão à falência! As pessoas passam a viver miseravelmente!"

"Tens toda a razão, é uma solução horrível, mas qual é a alternativa? Manter o poder de compra e continuar a aumentar as importações? Preservar os salários relativamente altos e manter assim o preço elevado dos nossos produtos, tornando-os pouco apelativos no mercado externo?"

A espanhola manteve a expressão escandalizada.

"Salários relativamente altos?", questionou. "Os nossos salários são uma miséria!"

"É verdade. O problema é que, mesmo sendo baixos, são três vezes mais altos que os salários dos Chineses, o que faz com que os nossos produtos sejam muito mais caros do que os produtos chineses.

Como não temos barreiras que protejam as nossas economias desses produtos, as nossas empresas não conseguem competir com os Chineses e estão a fechar, espalhando o desemprego. Os nossos salários estão, em termos proporcionais, acima até dos salários dos Alemães."

"Dos Alemães? Estás doido? Ganhamos mais que os Alemães?"

"Por incrível que pareça, o custo dos salários em Portugal, Espanha, Irlanda, Grécia, Itália e França, na relação com o PIB de cada um destes países, era no início da crise dez a trinta por cento superior ao custo dos salários na Alemanha. As nossas economias não aguentam isso. Temos, pois, de escolher entre salários baixos e desemprego. Os salários baixos são, receio bem, o mal menor."

Raquel fez um ar atrapalhado.

"Bem... tem de haver outra maneira."

"Não controlando nós a nossa moeda e querendo evitar o default, receio bem que não haja outra forma. A desvalorização da moeda seria o instrumento mais fácil, porque baixaria os salários de forma indirecta e camuflada, mas no euro ela não é possível. Portanto, temos de cortar directamente salários, subsídios e pensões. Não só reduzimos assim a nossa despesa como retiramos poder de compra às pessoas, o que faz diminuir as importações."

"E as nossas empresas?", questionou ela. "Se não vendem a ninguém, como sobreviverão?"

"É terrível, eu sei. Mas o euro não nos deixa alternativa. Temos infelizmente de cortar nos salários para que os nossos produtos tenham um preço mais competitivo e para reduzir o poder

de compra dos consumidores de modo a diminuir as importações. O problema é que isso afecta negativamente a produção nacional. As nossas empresas terão de se adaptar a essa realidade e procurar clientes no mercado externo a preços competitivos. Se o fizerem, aumentamos as exportações e começa a entrar dinheiro nos nossos países."

Raquel ponderou durante alguns segundos o que acabara de escutar.

"Se assim é", concluiu com uma voz arrastada, "parece-me melhor estarmos fora do euro."

"Estar fora do euro facilita o combate ao desequilíbrio, porque se pode desvalorizar a moeda, estar dentro dificulta."

A espanhola, contudo, não estava inteiramente convencida; afinal afeiçoara-se ao euro e de certo modo a moeda única fazia-a sentir-se mais segura e protegida. Porquê pô-la em causa à primeira dificuldade? Voltou por isso à carga.

"Isto não pode ser visto só assim, não achas?", exclamou. "No fim de contas, o euro tem outras vantagens, não tem? Elas podem compensar largamente este inconveniente..."

"Com certeza", concordou Tomás. "Todas as moedas têm duas faces. Até o euro."

"Pois é, pois é", entusiasmou-se a espanhola. "O euro ajuda os nossos países a crescerem economicamente, por exemplo. Isso é muito importante, não te parece?"

"Muito importante", voltou o historiador a assentir. "Terrivelmente importante, sem dúvida". Fez uma pausa intencional. "Se fosse verdadeiro, claro..."

Raquel arregalou os olhos, apanhada de surpresa por esta ressalva inesperada.

"O quê?", espantou-se. "Não é verdadeiro?"

Quando ia a responder, Tomás foi interrompido por um longo e profundo bocejo que lhe subiu das entranhas e lhe pesou imediatamente nas pálpebras. Espreitou o relógio e quase se assustou quando verificou a posição dos ponteiros.

"Ena, já são duas da manhã!", constatou. "É tardíssimo! Vamos mas é dormir."

Raquel olhou-o com um esgar scandalizado.

"Dormir?", protestou com o dedo ameaçador bem levantado. "Tu não te atrevas, Tomás Noronha! Ouviste? Primeiro tens de me responder à pergunta! O euro ajuda ou não as nossas economias?"

Ignorando a pergunta formulada em tom de reclamação, o português estendeu-se no seu lugar, encostou a cabeça à janela e, apesar do desconforto da posição, cerrou as pálpebras.

"Falamos amanhã", sentenciou com um novo bocejo, como se dessa forma mostrasse que não estava em condições de prosseguir a conversa. "Agora, nhó-nhó."

A espanhola ainda abriu a boca para protestar, mas paralisou o movimento quando pousou o olhar no seu companheiro de viagem. Tomás dormia já a sono solto com um semblante tão sereno que lhe apeteceu dar-lhe um beijo.

Parecia um bebé.

Através das cortinas da janela do hotel, situado mesmo por cima da Ponte de Santa Trinitá, Magus apreciava a Ponte Vecchio em todo o seu esplendor; tratava-se da mais antiga das estruturas florentinas sobre o Arno, os pilares e as arcadas devidamente iluminadas na noite, uma maravilha em forma de arquitectura medieval. Um rio de gente fluía pelas ruas da cidade, mas a alma do Arno parecia concentrar-se naquela ponte do século XIV carregada de antiquários e joalheiros como se de uma mera rua de comércio se tratasse.

Alguém bateu à porta do quarto.

"Que raio...?"

Magus consultou o relógio; era uma da manhã, não lhe parecia hora para ser incomodado.

"Quer que vá abrir, signore?"

A pergunta foi formulada entre gemidos pela loira vaporosa que lhe enchia a cama com um olhar dorido. Balam tinha-a recrutado no melhor bordei da cidade e apresentara-a como a cortesã mais estoica de Florença, especialista em fantasias sado-masoquistas e afins. Lançou-lhe um olhar de puro desejo. A verdade é que a rapariga havia aguentado bem o primeiro round e tinha-se portado à altura da sua reputação. Gemera durante as chicotadas e as bastonadas, como aliás convinha, mas nada a desanimou; nem as estaladas, nem os arranhões, nem os insultos. Suportara com galhardia o feroz e selvático ataque sexual que sobre ela lançara. Valente moça!

"Deixa estar", acabou ele por dizer, afastando-se da janela a apertar o roupão. "Eu vou lá."

Chegou à porta da suíte e espreitou pelo óculo; reconheceu Balam a aguardar no corredor. Destrancou a porta e abriu-a, atirando um olhar interrogativo para o exterior.

"Peço perdão, poderoso Magus", desculpou-se o chefe de segurança no seu habitual tom submisso. "Temos uma resposta."

"Uma resposta a quê?"

"Ao e-mail que enviou ao nosso amigo", esclareceu Balam, exibindo o seu portátil já ligado. "Quer saber o que ele disse?"

Magus escancarou a porta do quarto.

"Entra."

O subordinado penetrou no quarto e pousou o computador sobre a escrivaninha. Lançou um olhar quase indiferente à prostituta deitada na cama. Ela tinha a pele cortada por marcas e em sangue, mas isso não o impressionou, já havia visto aquilo muitas vezes e, no fim de contas, a rapariga era paga a peso de ouro para aguentar. Pois então que aguentasse.

Concentrou-se no ecrã e digitou o nome e a password de Filipe Madureira. Instantes mais tarde já estava no inbox do seu endereço electrónico. Clicou na mensagem de Tomás e voltou o ecrã na direcção do chefe.

"Isto está em português", protestou Magus. "Traduz-me lá essa treta."

"Peço perdão, poderoso Magus", desculpou-se, recuperando o computador portátil. "Vou ler-lhe a mensagem."

Leu o texto em português e traduziu-o, hesitando apenas nas palavras "camelo" e "ordinário"; não tinha a certeza de que pudessem ser traduzidas literalmente.

"O gajo caiu que nem um patinho", sentenciou Magus quando o seu esbirro concluiu a tradução. "Virá direitinho à armadilha que lhe montámos."

"Assim é, poderoso Magus."

O chefe indicou o computador.

"É melhor mandarmos-lhe uma resposta."

"Sim, poderoso Magus."

Balam premiu a tecla reply e preparou-se para escrever em português o que o seu superior hierárquico lhe ia ditar.

"Olá, Tomás e Raquel." Fez uma pausa para dar tempo ao subordinado para escrever. "Ainda bem que vocês estão a caminho." Nova pausa. "O Mefistófeles é ótimo e vai tratar bem de vocês." Mais uma pausa. "Fico contente por teres decifrado o criptograma, Tomás." Ainda uma pausa. "Belos tempos, o Liceu Afonso de Albuquerque, hem?" Outra pausa. "Hoje estou cheio de dores e mandaram-me dormir." Última pausa. "Um abraço do Filipe."

"Excelente, poderoso Magus", elogiou o subordinado quando concluiu o texto. "Se me permite, este pormenor do liceu é a cereja em cima do bolo. Um toque de génio."

Magus ronzou com agrado; partilhava a opinião. Releram a mensagem e no final o chefe aprovou.

"Manda -a."

"Sim, poderoso Magus."

Obediente, Balam carregou no send e enviou o e-mail. Acto contínuo, desligou o computador, pegou nele e dirigiu-se à porta para sair, mas o chefe travou-o no momento em que abandonava o quarto.

"Temos de tratar dos pormenores da recepção aos dois pombinhos", disse. "Amanhã quero-te aqui no quarto, ouviste?"

"A que horas?"

"Oito da manhã em ponto". Fez um gesto a indicar o portátil que o seu esbirro levava nas mãos. "E não te esqueças de identificar a origem desse e-mail."

"Sim, poderoso Magus."

A porta fechou-se e Magus atirou um olhar lúbrico para a cama. A loura vaporosa gemia baixinho com as dores. Como habitualmente, aquilo excitou-o. Deixou o roupão cair na alcatifa, foi buscar o chicote e, nu e erecto de desejo, abeirou-se da cama.

"Anda, minha cabra", rosou, desenrolando o chicote.

"Prepara-te para o segundo assalto."

A noite não foi especialmente agradável, nem alguma vez Tomás alimentou ilusões de que o seria. Dormir sentado não lhe parecia propriamente a experiência mais agradável, mas, considerando as circunstâncias, acabara por repousar melhor do que pensava ser possível. Tivera um sono agitado e havia acordado várias vezes, claro, sobretudo quando a composição se imobilizava numa estação, mas em todas as ocasiões acabara por conseguir voltar a adormecer, embalado pelo balouçar ritmado da carruagem.

Excepto da última vez. O comboio acabara de arrancar da estação de Génova e lançara-se ao longo da costa da Ligúria. O Sol nascera pouco antes e, apesar de ainda baixo, reflectia-se numa miríade de luzes relampejantes nas águas adormecidas do Mediterrâneo. Ainda entorpecido a hora tão matinal, Tomás percebeu que dessa vez não seria capaz de voltar ao sono.

Levantou-se e foi ao quarto de banho aliviar a bexiga. Todos dormitavam na carruagem, incluindo os casalinhos e as freiras, os corpos estendidos nas posições mais incómodas, as cabeças penduradas de formas bizarras. O corredor estava pejado de pessoas enfiadas em sacos-cama, pelo que teve de saltitar pelos espaços vazios de modo a não pisar ninguém.

Quando minutos mais tarde regressou ao seu lugar, deu com Raquel a espreguiçar-se.

"Olá", cumprimentou-a com um sorriso. "Dormiste bem?"

A espanhola ainda esticava os braços.

"Nem por isso", resmungou ela. "E tu?"

"Não foi mal de todo."

"Ay, cool!", protestou Raquel com voz de bagaço. "Que inveja tenho! Só consegui pregar olho aí pelas três da manhã."

"Não te podes queixar muito. Sempre que acordei e olhei para ti dormias que nem um anjinho."

Ela riu-se.

"Lá isso é verdade."

A agente da Interpol pôs-se de pé e seguiu para o quarto de banho com o seu saco. Conhecendo as mulheres, o português percebeu que ela iria gastar algum tempo a arranjar-se. Recostou-se no seu assento e ficou a contemplar a paisagem. A seguir levantou-se e tirou o computador do saco que guardava no espaço para a bagagem, sobre os assentos. Ligou-o e ficou a aguardar.

Minutos volvidos, o comboio deu entrada na estação de La Spezia. Tomás verificou se ali na estação haveria ligação à internet. O sinal de Wi-Fi deu positivo. Sabia que tinha pouco tempo, pelo que foi directo ao seu endereço electrónico e inspeccionou o inbox. Ainda não havia resposta do Iar; isso não o preocupou, no fim de contas era ainda cedo. Para compensar deu de caras com um novo e-mail de Filipe. Carregou na linha e abriu a mensagem.

Leu-a três vezes, indeciso em relação ao que fazer. Ainda considerou a possibilidade de responder, mas o comboio voltou a pôr-se em movimento e ele percebeu que a todo o instante iria perder a rede de Wi-Fi. Desligou o computador portátil e devolveu-o ao saco guardado por cima do assento.

"Tiveste saudades minhas?"

Era Raquel que regressava depois de ter feito a toilette; vinha linda, os lábios pintados de

carmesim, o cabelo arranjado e os olhos luminosos.

"Ena, que brasal!"

A espanhola girou sobre si mesma para exibir as suas formas.

"Estou, não estou?" Inclinou-se sobre Tomás e ofereceu-lhe o pescoço. "E o cheirinho?"

O perfume doce invadiu-lhe as narinas.

"Ah, uma maravilha!"

Raquel sentou-se no seu lugar e, pestanejando exageradamente, respirou fundo e pousou as palmas das mãos no peito.

"Sabes, sonhei contigo..."

"A sério?"

"É verdade", confirmou ela. "Sonhei com aquilo que me contaste ontem à noite."

O historiador teve de se concentrar e, ao lembrar-se do que haviam dito, esboçou um esgar de enfado.

"O quê? A conversa do euro?"

"Pois é, sempre achei que o euro era uma maravilha para a economia", confessou ela. "Mas quando me disseste que isso não é verdade fiquei em estado de choque, acredita. Como é tal coisa possível?"

"Eu não disse que o euro não era uma maravilha", corrigiu Tomás.

"Limitei-me a rectificar a tua observação de que o euro ajudava o crescimento económico, só isso."

Raquel fez um gesto rápido com a mão, como se a resposta não passasse de um jogo semântico.

"Bueno, é a mesma coisa. O euro não ajuda as nossas economias a crescerem?"

"Não, segundo os números."

A espanhola manteve uma expressão de cepticismo no rosto.

"Ai não? Então o que dizem eles?"

Tomás suspirou. Não lhe apetecia retomar a conversa. Era cedo, sentia uma certa fome e tinha outras coisas em que pensar, mas percebia a curiosidade e até o entusiasmo que ela manifestava e não teve coragem de fugir à conversa.

"Está bem, vamos então ver isso."

Raquel ergueu-se e espetou-lhe um beijo quente na cara. "Gracias, cariño!"

"Começemos, a título de exemplo, por ver o que aconteceu à economia de Portugal desde o nascimento do euro", propôs. "Com o início da moeda única, as taxas de juro caíram para valores irrisórios e, vendo o dinheiro tão barato, toda a gente se endividou. Estado, empresas e famílias foram buscar o dinheiro aos bancos e puseram-se a gastar como malucos. Em 2000 a dívida externa líquida de Portugal era de quarenta e quatro mil milhões de euros, equivalentes a trinta e oito por cento do PIB, e em 2010 já era de cento e oitenta e cinco mil milhões de euros, equivalentes a cento e nove por cento do PIB. Ou seja, a dívida aumentou doze mil milhões de euros por ano! Qualquer dona de casa percebe que Uma evolução destas é insustentável. Mas como os nossos governantes são burros que nem portas, ou mais provavelmente criminosos diplomados, deixaram andar. Os manuais explicam que, em circunstâncias destas, o estado deve reduzir as despesas ou aumentar os impostos para diminuir a despesa privada ou uma mistura dos dois, mas aqueles camelos, com medo de perder votos, fizeram exactamente o contrário."

"Então a culpa não é do euro..."

"Não é de facto do euro", reconheceu o historiador. "Mas a moeda única, com as suas taxas de juro baixas, criou as condições para este descalabro. A má governação fez o resto."

"Pois, tens razão."

"Agora vejamos o desemprego", prosseguiu. "A taxa de desemprego em Portugal em 2000 era de quatro por cento. Em 2011, ano da chegada da troika, estava já nos catorze por cento. Ou seja, o euro não ajudou a combater o desemprego." "Coñio!", praguejou ela. "E o crescimento económico? Qual o impacto do euro no crescimento económico?" "Uma desgraça", respondeu Tomás. "O crescimento económico em Portugal em 1998 era de cinco por cento."

"Não é assim tão mau..."

"Isso foi no ano antes de nascer o euro", notou o historiador. "A moeda única apareceu em 1999 e, a partir daí, foi uma miséria. De 1999 a 2009, ano em que começou a crise das dívidas soberanas, a economia portuguesa cresceu a uma taxa média anual de um vírgula dois por cento, sempre em plano descendente com o avanço da década e em divergência com o resto da Europa. Foi o pior crescimento anual médio do país desde a Primeira Guerra Mundial."

Raquel abanou a cabeça, ainda a digerir estes números.

"Dios miol!", murmurou. "Não imaginava que tivesse sido assim tão mau. Isso deveu-se mesmo ao euro?"

"É difícil ter a certeza. O período do nascimento do , euro coincidiu com o crédito barato que vinha da América, com a integração dos países do Leste da Europa na União, . com a adesão da China em 2001 à Organização Mundial do Comércio e com o maior envelhecimento da população, factos que pressionaram negativamente a economia europeia em geral e a de Portugal em particular. Considero até que o mais importante destes factores tenha sido a entrada da China no mercado global, que conduziu a uma assustadora desindustrialização do Ocidente. Mas todos estes acontecimentos eram do conhecimento público e os diversos governos, e neste caso os portugueses, deviam ter actuado para enfrentar os desafios que aí vinham. Nada fizeram, com medo de perderem os seus ricos votinhos. Os governantes portugueses foram criminosamente lapsos na preparação do país para os desafios do euro. Os economistas tinham avisado que a perda da moeda nacional, e consequente impossibilidade de proceder a desvalorizações que desencorajassem as importações e fomentassem as exportações, obrigava a reformas estruturais que criassem flexibilidade laboral. Nada foi feito. Pior ainda, em Portugal os governos puseram-se a aumentar os salários acima da taxa de crescimento económico. Enquanto a economia crescia entre 1999 e 2009 a uma taxa média anual de um vírgula dois por cento, no mesmo período os salários da função pública cresciam a uma taxa média anual de um vírgula sete por cento, o que significa que parte desses aumentos não resultava de efectivo crescimento da riqueza do país, mas de empréstimos contraídos no exterior. Como os salários cresceram mais do que a economia, os produtos portugueses tornaram-se mais caros e, consequentemente, ainda menos atractivos no estrangeiro. Nestas condições, a economia portuguesa era um desastre à espera de acontecer."

"Sim, mas qual o contributo do euro para esse desastre?"

"Olha, Raquel, desde que nasceu o euro correu tudo mal a Portugal", sublinhou o historiador. "O crescimento económico abrandou, o desemprego disparou, a dívida ficou descontrolada, a competitividade caiu. O euro até pode não ter culpa, mas o facto é que não nos

protegeu." Levantou o dedo, como se tivesse algo mais a dizer. "Além disso, os modelos desenvolvidos pelos economistas mostram que Portugal teria crescido pelo menos mais meio ponto em média anual do que cresceu no período de 1999 a 2009 se estivesse fora do euro, e estaria em convergência com o resto da Europa. Teria, é certo, sido mais abalado pela crise financeira, tal como aconteceu com a Islândia e os países bálticos, mas a recuperação também teria sido muito mais rápida." Afastou os braços e todo o seu corpo pareceu formar um grande ponto de interrogação. "O que ganhámos nós afinal com a moeda única? Será que alguém me pode explicar?"

A espanhola parecia pensativa, tentando enumerar as vantagens.

"Bem... podemos viajar sem trocar dinheiro, o que é bem agradável. Há também a credibilidade da moeda a considerar. O euro é muito mais credível do que a peseta ou o escudo."

"É verdade. Mas não achas que isso é pouco, sobretudo quando comparado com os inconvenientes?"

Raquel mordeu o lábio inferior.

"Talvez", admitiu. "De qualquer forma, apenas falaste no caso português. A situação é com certeza diferente nos outros países da zona euro..."

"O caso português, e ao contrário do que pensas, é típico. Onde eu disse 'Portugal' podes ouvir, com diferentes nuances, o nome de qualquer país do Club Med. É certo que a Espanha registou neste período um crescimento interessante, mas isso nada teve a ver com um aumento da produtividade. O crescimento espanhol foi essencialmente sustentado pela dívida contraída para alimentar a colossal bolha do imobiliário e os gastos nas regiões. Uma vez interrompido o fluxo de dinheiro do estrangeiro, a bolha rebentou, os bancos e os orçamentos regionais entraram em colapso e a economia espanhola precipitou-se na crise. Da Grécia nem vale a pena falar, toda a gente já percebeu o desgoverno do país. O governo grego usou o dinheiro que vinha do exterior para contratar pessoas para trabalhos inexistentes. Derreteram assim o dinheiro." Mudou de posição no assento. "Há, porém, um caso interessante. A Irlanda."

"Esse não é do Club Med..."

"Pois não, mas é um país periférico e tem uma história ilustrativa. Quando o governo irlandês cortou os impostos das empresas para doze e meio por cento, a economia disparou. Todos queriam investir na Irlanda! Em 1993, ano em que o imposto foi reduzido, o crescimento económico do país estava nos dois e meio por cento. Em 1997, apenas quatro anos depois, tinha cavalgado para cima dos dez por cento."

"Joder!", pasmou-se Raquel. "A sério?"

"A Irlanda entrou no euro em velocidade de cruzeiro, as finanças públicas em ordem e a inflação controlada. O euro, no entanto, trouxe-lhe taxas de juro muito baixas, que alimentaram uma gigantesca bolha do imobiliário. Em resultado disso, a dívida total do país relativamente ao PIB mais do que duplicou de 2001 a 2008. Para que percebas melhor o que aconteceu, basta veres que, em cada oito euros que circulavam no país, a Irlanda tinha criado apenas um e pedido emprestados os restantes sete. Quando os bancos alemães deixaram de emprestar dinheiro, foi o caos neste país que até ao nascimento da moeda única ia tão bem." Cruzou os braços, como se desse por terminada a sua argumentação. "Conclusão, o euro revelou-se uma catástrofe total para os Irlandeses..."

"De certeza que a culpa foi do euro?"

"A coincidência temporal entre o nascimento da moeda única e o declínio das economias europeias é perturbadora", disse o historiador. "Claro que a entrada da China na economia global é o principal responsável por grande parte destes problemas, juntamente com o crédito barato, mas tenho uma certa dificuldade em isentar o euro de responsabilidades."

Raquel manteve os olhos cravados nele; queria uma resposta final à sua preocupação central e não a obtivera ainda.

"Muito bem", disse. "Mas, se o euro sobreviver, afinal vamos ou não sair dele?"

A insistência implacável da espanhola arrancou um sorriso divertido a Tomás.

"Deixa-me responder deste modo", retorquiu. "Para nos mantermos no euro, algo que me parece perfeitamente possível, é fundamental que algumas coisas mudem. Primeiro, temos de respeitar uma rigorosa disciplina orçamental, coisa que até agora não fomos capazes de fazer sem o FMI ou Bruxelas a darem-nos ordens. Segundo, temos de reduzir o investimento no sector não transaccionável e focar-nos no sector transaccionável para exportação, coisa que até agora também não fomos capazes de fazer. Terceiro, temos de aceitar cortes directos nos salários, nos subsídios e nas pensões de forma que os nossos produtos se tornem mais baratos e as importações mais inacessíveis, coisa que até agora só conseguimos aceitar quando é o FMI ou Bruxelas a ordená-lo. Quarto, temos de aceitar a perda quase total de soberania e a substituição da ordem constitucional dos nossos países por uma ordem federalista que transforme os nossos estados em regiões europeias e submeta os nossos orçamentos a controlo alheio, coisa que muitos europeus dão mostras de não tolerar. E, quinto, os Alemães têm de aceitar fazer transferências orçamentais para a periferia, coisa que começam a não estar dispostos a fazer."

"Achas que vamos conseguir cumprir essas cinco condições?" O historiador abanou lentamente a cabeça.

"Duvido."

"Porquê?"

"Porque os eleitores têm tendência a votar em políticos que lhes vendam ilusões e prometam facilidades, subsídios, pensões e salários mais altos do que a produtividade. O Partido do Estado domina os países do Club Med, cujas receitas fiscais vão inteirinhas para salários da função pública, para a segurança social e para a saúde. Ora disciplina orçamental e investimento no sector transaccionável são coisas que implicam menos estado. Além disso, a manutenção no euro significa que, sempre que houver crise, e uma vez que não se pode desvalorizar a moeda, terá de se voltar a cortar directamente nos salários e nas pensões para reduzir as importações e aumentar as exportações. Estás a ver os governantes portugueses e espanhóis a fazerem esses cortes? Os eleitores destes países não vão aceitar. Uma coisa dessas e à primeira oportunidade elegerão políticos que façam despesa e contraiam dívida."

"Pois é, tens razão", acabou Raquel por reconhecer. "Isso significa que temos mesmo de sair do euro..."

"Ou mudamos muito ou isso é inevitável", anuiu ele. "Falta saber quando acontecerá. Poderá suceder de um momento para o outro, precipitados por uma agudização súbita e irreversível da crise, ou levar anos e anos de sofrimento, com a economia sempre a arrastar-se na estagnação e em crise, até que nos convençamos que o euro está formatado para defender os interesses de economias como a alemã, não como as nossas."

"Mas como se sai do euro?", perguntou a espanhola. "Aqui em Espanha os economistas

dizem que as consequências seriam terríveis..."

O historiador assentiu.

"E têm razão."

"Têm?"

Tomás espreitou a paisagem. A costa da Ligúria era um lugar espantoso, com as suas pequenas praias de pedrinhas e tendas cuidadosamente arranjadas. Olhando para ali, tudo o que lhe apetecia era apear-se e dar um mergulho naquelas águas tranquilas e quentes, enlevado pela superfície azul-turquesa que afagava as rochas e beijava as praias.

"Poderá ser um evento catastrófico."

O toque suave na porta despertou-o. O quarto estava escuro, mas Magus conseguiu espreitar o relógio; eram oito da manhã, só poderia ser Balam que viera para receber as instruções. Deslizou da cama, estremunhado, vestiu o roupão e lançou uma olhadela à loura com a qual passara a noite; apesar de ter a pele pálida coberta de vergastadas e de feridas, a prostituta dormia profundamente, efeito do sedativo e do analgésico que tivera de tomar após a segunda dose que ele lhe aplicara.

A visão da mulher alquebrada na cama despertou-o da letargia de quem acabara de acordar e arrancou-lhe um trejeito de satisfação.

"Estiveste à altura, minha linda", murmurou. "Aposto que não me vais esquecer tão cedo..."

Antes que se excitasse de novo, e fiel ao princípio de que o trabalho estava sempre à frente do prazer, dirigiu-se à porta e espreitou pelo óculo; do outro lado aguardava-o de facto o seu chefe de segurança. Abriu a porta e, sem uma palavra, fez sinal a Balam de que entrasse.

"Tenho novidades, poderoso Magus."

"Tens?", respondeu o chefe, fazendo um sinal a indicar os sofás da suíte. "Senta-te e conta-me tudo."

O subordinado obedeceu e encaminhou-se directamente para o lugar. Não conseguiu reprimir a curiosidade e, tal como na véspera, lançou um olhar indiscreto para a cama; viu os lençóis manchados de sangue e as algemas, enquanto o chicote e as correias jaziam espalhados pelo chão. Nada daquilo constituía novidade, já muitas vezes em ocasiões anteriores se tinha deparado com preparos semelhantes nos aposentos do chefe; apenas as raparigas eram diferentes. Duas vezes tivera mesmo de as levar para o hospital; desta feita, contudo, isso não lhe pareceu necessário, bastaria comprar o silêncio da camareira com uma centena de euros.

"Identifiquei o IP do computador utilizado pelo português para enviar o e-mail", anunciou, voltando a concentrar-se no assunto do momento. "Trata-se de um portátil."

"Porra!", praguejou Magus, contrariado com a novidade. "O gajo está a proteger-se."

Balam levantou a mão, a sinalizar que ainda não havia terminado.

"Mas o tipo cometeu um erro, poderoso Magus." "A sério? O que fez ele?"

"Fui verificar o registo comercial do portátil e descobri que só foi vendido ontem." Fez uma pausa, como se quisesse sublinhar a importância da informação seguinte, e inclinou-se para a frente. "Em Barcelona."

Os olhos do chefe iluminaram-se.

"Não me digas!", exclamou. "Boa, Balam!"

O esbirro recostou-se no sofá e cruzou a perna, muito satisfeito com a sua descoberta e sobretudo com a reacção de agrado do dirigente máximo da organização.

"Que poderemos concluir daqui, poderoso Magus?"

A pergunta era desnecessária porque, confortável no seu assento, o chefe já equacionava a situação.

"Sabemos neste momento duas coisas muito importantes sobre os nossos pombinhos", considerou, pensativo. "Ontem estavam em Barcelona e hoje estarão aqui, em Florença, não é verdade? Esses factos são seguros. A questão é esta: como se farão transportar de Barcelona para Florença?"

"De avião não pode ser", lembrou Balam. "Precisariam de mostrar os documentos de

identificação. Uma vez que estão referenciados pela polícia, sabem que seriam localizados se apanhassem um voo."

Magus fez um gesto impaciente.

"Claro que o avião está fora de questão, isso é óbvio." Soergueu o sobrolho. "Só vejo duas hipóteses: ou vêm à boleia ou de comboio. A boleia parece-me mais segura, mas tem o inconveniente de não garantir que estarão aqui a horas." Abriu as mãos como se expusesse uma evidência. "Portanto vêm de comboio."

O responsável da segurança assentiu com a cabeça. "Deverei vigiar a estação?"

Magus levantou-se do sofá e aproximou-se da janela para espreitar o Amo. O dia nascera sombrio, com uma neblina prateada a erguer-se lentamente do rio como vapor, e uma luz metálica rodeava a Ponte Vecchio e conferia-lhe um aspecto vagamente espectral. Permaneceu vários segundos entre as cortinas a contemplar a paisagem e a tentar imbuir-se da serenidade que a cidade irradiava, consciente de que precisava de cabeça fria para enfrentar o que aí vinha; o dia seria longo e muita coisa se jogaria nas vinte e quatro horas seguintes.

Virou-se para trás e, com os olhos cruéis a reflectirem o gelo da decisão, fitou o seu subordinado.

"Acaba com eles."

Havia já algum tempo que a costa mediterrânica ficara para trás, substituída pelos belos campos verdes e ondulados da Toscana, aqui florestas e ali vinhedos e olivais. De vez em quando cruzavam uma ponte medieval ou uma povoação pitoresca, mas a maior parte do tempo corriam entre o vale que se abria para abraçar a manhã soalheira.

Acomodada no seu assento, Raquel ignorava a paisagem deliciosa. Tudo o que lhe interessava nesse momento era perceber o futuro, saber o que poderia esperar da crise, como preparar-se para ela, conhecer o destino do euro.

"Vamos imaginar que, após vários meses ou anos de agonia dentro do euro, um dia se chega à conclusão de que o teu país tem de abandonar a moeda única", sugeriu. "O que acontecerá então?"

Tomás ansiava por dedicar a sua atenção a outros assuntos que lhe pareciam mais prementes. Sentiu que as pessoas na carruagem começavam a despertar, um burburinho crescente fervilhava no ar, mas constatou que as duas freiras ao lado ainda dormiam a sono solto. Sabia, porém, que a sua interlocutora não o largaria enquanto não satisfizesse a sua curiosidade. Respirou fundo, resignado, e concentrou-se na resposta à pergunta que ela formulara.

"Mantenhamo-nos no exemplo de Portugal, embora tudo o que vou dizer seja válido para qualquer outro país", propôs. "A decisão de sair do euro é de tal modo sensível que não me parece possível mantê-la em segredo. Por isso, no dia em que for tomada terá de se proibir de imediato o levantamento de dinheiro nos bancos e as transacções financeiras, exceptuando pequenos valores para garantir a vida no dia-a-dia. Isto porque toda a gente perceberá que o escudo será desvalorizado e por isso as pessoas tentarão levantar os euros ou transferi-los para o estrangeiro, o que provocaria a fuga de capitais e a consequente falência em cadeia dos bancos. Isso não pode ser permitido. Daí que, durante o tempo que levar a impressão de escudos, as transacções tenham de ser reduzidas ao mínimo."

"Será uma confusão."

"Com certeza, mas o pior não é isso", disse o historiador. "O novo escudo sofrerá uma desvalorização de pelo menos cinquenta por cento, o que significa que as pessoas passam, de um dia para o outro, a ter metade do dinheiro que tinham. Os seus salários, as suas pensões, as suas poupanças... tudo isso passa a valer metade. Isto implica um colapso súbito do nível de vida. Em apenas vinte e quatro horas, tudo o que é importado duplica de preço: comida, roupa, medicamentos, combustíveis... tudo. Haverá por isso uma corrida aos supermercados, às lojas, às farmácias e às bombas de gasolina. É possível até que ocorram tumultos e saques e que o exército tenha de intervir para proteger estabelecimentos comerciais e bancos."

"Dios mio!", exclamou Raquel, levando a mão à boca. "Não sei se quero que a Espanha saia do euro..."

"As consequências imediatas serão duras", insistiu Tomás. "Ninguém deve ter ilusões quanto a isso. E de um ponto de vista macroeconómico há ainda a considerar o problema das dívidas. Mantenhamos Portugal como exemplo. O meu país contraiu a sua dívida em euros, pelo que terá de a pagar em euros. Acontece que, saindo do euro, o estado passa a cobrar os impostos em escudos, o que implica um colapso das receitas fiscais. Os efeitos são igualmente devastadores na dívida privada. A desvalorização do escudo implica que a dívida das famílias

duplica de um dia para o outro. No dia 1 uma família deve duzentos mil euros ao banco, no dia 2 já deve oitenta mil contos, o equivalente hoje a quatrocentos mil euros. Isto é uma catástrofe! As pessoas, que já pagam com dificuldade as suas dívidas aos bancos, entrarão imediatamente em default, isto é, deixam de pagar o que devem. Como toda a gente entra em default ao mesmo tempo, os bancos ficam sem dinheiro e abrem falência. O país paralisa."

"Há uma maneira de dar a volta a isso", considerou a espanhola. "Se os euros passam a escudos, a dívida passa a escudos e ela própria acompanha a desvalorização dos escudos. Assim as pessoas mantêm o mesmo valor da dívida, só que em escudos."

"A escudização das dívidas é uma hipótese. O problema é que as dívidas dos bancos portugueses ao exterior continuam em euros, mas as receitas e os depósitos entram em escudos desvalorizados. Nestas condições, os bancos não conseguem pagar o que devem ao exterior e abrem falência. O país também paralisa."

Raquel pestanejou, desconcertada com os dois cenários. "Sendo assim, o resultado é sempre o mesmo!..."

"É por isso que se chama uma catástrofe."

A espanhola abriu os braços num gesto impotente e, desconcertada, sacudi a cabeça.

"Quer dizer, isto é o cúmulo! Não podemos permanecer no euro nem podemos sair! Estamos enfiados num verdadeiro colete-de-forças! Como fazemos então?"

Tomás passou as mãos pela franja.

"É simples", sorriu. "Cortamos o cabelo."

O despropósito da observação extraiu de Raquel um esgar de estranheza.

"Não digas tonterias, repreendeu-o. "A sério, como saímos desta embrulhada?"

"Já te disse, cortamos o cabelo", insistiu o historiador com o mesmo sorriso. "Chama-se haircut e significa um default parcial. Em 2012 a Grécia impôs aos credores privados que lhe perdoassem mais de metade da dívida, não foi? Isso foi um haircut. Em geral os default não são totais, mas parciais. A Grécia chamou os credores e disse-lhes: meus amigos, chegámos ao fim da linha, nós temos culpa porque contraímos dívida que agora não conseguimos pagar, vocês têm culpa porque nos emprestaram dinheiro sem avaliarem devidamente se tínhamos condições de vos pagar. Portanto temos de resolver isto de forma que todos sejam penalizados pelos seus erros. Ou seja, a Grécia paga a dívida, mas só paga uma parte. Os credores recebem o dinheiro, mas só recebem uma parte." Abriu as mãos, como se tivesse acabado a demonstração. "É isso um haircut."

"Ou seja, as duas partes ficam tosquidadas..."

"Nem mais. E assim se pode sair do euro de uma forma que, sendo péssima, não é totalmente catastrófica. Todos os que cometeram erros, países e bancos, pagam a sua quota-parte."

"Mas esse haircut não é uma forma de default?"

"Com certeza", confirmou Tomás. "O incumprimento parcial de Portugal, contudo, é inevitável. O mesmo é verdadeiro para a Irlanda, a Espanha e, se as coisas correrem mal, a Itália. Sabes, a crise não se resolve sem austeridade, mas também não se resolve só com austeridade. Em Portugal foram aumentados os impostos e feitos cortes na saúde, na educação, na segurança social, nos subsídios e nos salários. Quanto é que se arrecadou com estas medidas de austeridade? Nove mil milhões de euros. Quanto é que Portugal pagou em juros da dívida, por

exemplo ao longo de 2012? Mais de oito mil milhões de euros. Ou seja, toda a austeridade serviu apenas praticamente para pagar os juros da dívida, não para pagar a dívida propriamente dita. E como as medidas de austeridade provocaram recessão, as receitas dos impostos baixaram, agravando assim o problema. Esta trajectória é insustentável. Lá diz o velho princípio de economia: o que é insustentável não se sustentará. Por culpa de Portugal, que se endividou para além das suas possibilidades, e por culpa dos bancos internacionais, que na sua ganância lhe emprestaram dinheiro sem cuidarem de verificar se o país tinha condições para o devolver na íntegra, chegámos a um beco sem saída e todos, incluindo os bancos imprevidentes, vão ter de pagar a factura. Mais cedo ou mais tarde terá de haver um acordo e terá de se proceder a um haircut da dívida portuguesa."

"Há aí um problema", observou Raquel. "Li no jornal que, quando há um incumprimento, durante muitos anos nenhum banco internacional volta a emprestar dinheiro ao país incumpridor."

"Balelas!", devolveu o historiador. "Os bancos querem é fazer dinheiro e investem onde vêem oportunidades. Os estudos mostram que, depois de um incumprimento, em geral os países voltam aos mercados entre um e cinco anos depois do default."

Os esclarecimentos pareceram satisfazer Raquel, que acenou afirmativamente. De repente imobilizou-se, assaltada por uma dúvida.

"Depois de um país sair do euro, de quanto tempo precisa a economia para recuperar?"

"Depende do que o país fez à dívida", sublinhou Tomás. "A simples saída do euro não resolve o problema, uma vez que se trata de uma crise da dívida, que tem na raiz a perda de competitividade perante mercados emergentes como a China, pelo que são estes dois problemas, dívida e falta de competitividade, que têm de ser resolvidos. Caso aproveite a saída do euro para limpar a dívida e recuperar a competitividade, o país passa um ano muito mau, mas a recuperação começa logo a seguir. O abandono de zonas monetárias por parte de alguns países não é, aliás, nenhuma novidade na história do mundo. O caso da Argentina, por exemplo, é muito semelhante ao do Club Med e dá-nos algumas orientações úteis. Tal como nós vivemos colados ao euro, a Argentina vivia nos anos 90 colada ao dólar americano e estava a enfrentar enormes dificuldades, com recessão, dívida descontrolada, desemprego altíssimo e perturbação social, exactamente a nossa situação. Os Argentinos separaram-se do dólar em 2001, desvalorizaram o peso e, em 2002, a sua economia desatou a crescer, tendo o PIB disparado até aos sete por cento, e o desemprego caiu. Não se pode chamar a esta solução uma catástrofe, pois não?"

O olhar verde-esmeralda de Raquel incendiou-se. "Coo! Então temos mesmo de sair do euro!"

O seu companheiro de viagem soltou uma gargalhada perante este súbito entusiasmo.

"Sabes, a grande dificuldade para já é determinar exactamente qual a parte da crise que é responsabilidade da entrada da China no mercado mundial e da consequente desindustrialização do Ocidente e qual a parte que é a dificuldade das nossas economias em funcionarem dentro de uma moeda forte. Se chegarmos à conclusão que a culpa é do euro, o grande desafio será dar o salto mental." Colou a ponta do indicador às têmporas. "Numa tal situação os nossos políticos irão resistir, vão dizer que o euro é que é bom, uma saída será uma catástrofe e coisa e tal, e andaremos a perder tempo precioso." Mostrou os dentes. "É um pouco como quando temos uma dor de dentes, estás a ver? A dor significa que existe um dente estragado. Como temos medo de ir ao dentista, vamos suportando a dor dia após dia, até ao momento em que ela se torna

insuportável e acabamos por nos decidir a enfrentar o horror do dentista e a resolver a coisa de vez. Claro que teria sido melhor ter ido ao dentista mais cedo, não é verdade? Isso ter-nos-ia poupado muito sofrimento posterior, mas os seres humanos comportam-se mesmo dessa maneira, fogem a um acto muito doloroso e adiam-no enquanto podem. A crise também é assim. Um dia, após crise atrás de crise, e sem vermos as coisas melhorarem significativamente, atingiremos um ponto de dor insuportável que levará alguém a cair em si e a tornar enfim a decisão que se impunha há muito tempo."

"Achas então que vamos deixar arrastar a decisão?"

"A não ser que os acontecimentos obriguem a uma resolução imediata, será isso o que acontecerá", rematou. "Começaremos por escolher um horror sem fim, até ao momento em que percebermos que é preferível um fim horrível."

"Saindo do euro, passamos pois a imprimir moeda e, através da inflação assim gerada, baixamos os salários de uma forma invisível. Ficaremos então muito melhor, não é?"

Tomás fez uma careta, desconfortável com a conclusão.

"Repito que não há soluções milagrosas e que estamos perante opções muito más e opções péssimas", insistiu. "A impressão de dinheiro para pagar as dívidas é a solução mais fácil e mais atraente para os políticos, mas também muito perigosa e, atenção, só funciona a curto prazo. É preciso lembrar que a inflação quase só existe devido à excessiva impressão de dinheiro. Quando há demasiado dinheiro a circular, o dinheiro perde valor e os produtos tornam-se mais caros. Isso obriga a que se imprima mais dinheiro, encarecendo os produtos ainda mais, e entra-se assim numa espiral inflacionista. Um estudo de doze episódios de hiperinflação mostra que todos eles têm em comum a impressão excessiva de dinheiro para pagar défices monstruosos."

"É um preço que teremos de pagar para nos vermos livres da dívida..."

"Pois é, mas a prazo surgem dois efeitos que dificultam o pagamento da dívida através desta solução. O primeiro é que os sindicatos exigem que se indexem os aumentos salariais à inflação e as próprias empresas passam a fazer negócios contratualmente ligados à inflação, de modo que uma subida na inflação corresponda a uma igual subida nas prestações. O segundo efeito é que os estados só recebem os impostos dos cidadãos uma vez por ano, o que faz com que, na altura em que o fisco arrecada determinada quantia e algum tempo depois, quando a começa a gastar, esse dinheiro já valerá muito menos. O objectivo do exercício acaba assim derrotado. Daí também que os Alemães rejeitem tal solução. Eles sabem que a prazo a inflação é exclusivamente destruidora de riqueza."

"Mas não foram os Americanos e os Britânicos que andaram a imprimir dólares e libras à doida?"

"É verdade", assentiu Tomás. "O próprio Banco Central Europeu começou a fazer isso de uma maneira camuflada, para consternação dos Alemães."

"A inflação não disparou..."

"É um facto. Sabes, o que faz a inflação, na verdade, não é estritamente a impressão do dinheiro, mas a chegada desse dinheiro ao mercado. O que aconteceu é que os bancos centrais imprimiram o dinheiro mas os bancos comerciais, que tentavam desesperadamente equilibrar os seus balanços, não o injectavam na economia. Foi sobretudo por isso que a inflação não disparou. No caso americano aconteceu até que a grande maioria desses dólares não entrou na

economia dos Estados Unidos porque foi parar à China, com os Americanos a beneficiarem assim das enormes vantagens de terem uma moeda que é usada como unidade monetária internacional, regalia de que mais nenhum país goza. Mas no instante em que o dinheiro novo começar a inundar a economia americana a inflação poderá tornar-se de repente galopante. Todos os estudos mostram que o rebentamento de uma grande bolha especulativa gera poderosas forças deflacionárias, de queda de preços, que desencadeiam crises bancárias graves e que estas provocam crises de dívida, as quais são seguidas da tentação quase irresistível de imprimir dinheiro, que conduz a grande inflação ou até a hiper-inflação."

"Em qual dessas fases estamos agora?"

"Na segunda, a crise da dívida, mas temos de estar conscientes de que a terceira fase envolve geralmente grande inflação. É essa terceira fase que os Alemães estão desesperadamente a tentar evitar. Saindo nós do euro e escolhendo a desvalorização como solução, temos de estar conscientes de que iremos viver um período de grande inflação e que ela não é nenhuma panaceia miraculosa. Além disso, a inflação é uma outra maneira de transferir para a população o pagamento da dívida. Esse é, aliás, o grande argumento que se pode invocar para defender a manutenção dos países do Club Med no euro. Muitos políticos têm uma tendência patológica para recorrer à impressão de dinheiro para resolver os problemas da sua má governação. Como é criada inflação, fingem que a inflação é um fenómeno que não é provocado por eles e tentam assim safar-se da punição do eleitorado. Dentro do euro, e não podendo imprimir moeda, terão mesmo de controlar as despesas e adequá-las às receitas. Se não o fizerem, os seus erros de governação ficarão a nu."

O comboio começou nesse instante a abrandar e o som da intercomunicação irrompeu na carruagem.

"Senhores passageiros, a seguir é Santa Maria Novella", anunciou uma voz. "Próxima estação, Florença."

A estação de Santa Maria Novella regurgitava de gente. As plataformas estavam cheias de passageiros que aguardavam a ligação para

o seu destino, sendo Roma e Milão os principais. Quando uma composição entrava na gare, uma multidão desaguiava das carruagens para a plataforma e as coisas só normalizavam quando os viajantes de partida entravam nessas mesmas carruagens e os de chegada se dirigiam, numa massa desordenada, para a saída da gare.

A calma regressava então a Santa Maria Novella.

Balam instalara-se numa cadeira a ler o Corriere della Sera no grande átrio da estação, diante do placard com os horários das partidas e das chegadas. Espreitou o relógio por cima do quadro e sentiu o nervoso miudinho característico das operações delicadas. Baixou a cabeça por detrás do jornal e, abrigado assim dos olhares indiscretos, ligou o walkie-talkie.

"Águia para Condor 1", chamou. "Tudo a postos?"

Após um compasso de espera, o aparelho de comunicação estralejou com o som raspado da estática.

"Condor 1 para Águia", foi a resposta. "Afirmativo. Estou em posição na plataforma."

"Sentes-te tranquilo quanto às fotos? Elas chegam para identificares os alvos?"

"Sim, Águia. Não haverá problema. Tenho a fuça dos gajos marcada a ferro na cabeça."

Balam assentiu, satisfeito, mas não replicou. Em vez disso carregou no segundo botão.

"Águia para Condor 2. Tudo a postos?"

Novo refulhar de estática no walkie-talkie, desta feita com uma voz diferente a responder do outro lado. "Condor 2 para Águia. Afirmativo."

"Os rostos nas fotografias estão memorizados?" "Afirmativo."

Terceiro botão.

"Águia para Condor 3. Tudo a postos?"

"Condor 3 para Águia. Tutto bene."

Escondido atrás do jornal, o olhar de Balam dançava no átrio entre as horas de chegadas no placard e o relógio sobre o quadro. Tratava-se seguramente de um efeito da tensão do momento, mas a verdade é que o ponteiro dos segundos parecia acelerar. Sem já se dar ao trabalho de fingir que lia o Corriere della Sera, o chefe de segurança seguiu a marcha de progressão do ponteiro com crescente ansiedade e esperou que atingisse o ponto mais alto.

Quando isso aconteceu carregou em todos os botões do walkie-talkie e entrou em comunicação simultânea com os três homens que espalhara na plataforma.

"Águia para Condores 1, 2 e 3."

"Sim, Águia?"

"Um minuto", anunciou. "Falta um minuto para o comboio chegar."

O tecido urbano espraiava-se para lá da via-férrea quando apareceu a plataforma com placas a indicarem Firenze. A composição abrandou ainda mais e, pressentindo o fim da viagem, os passageiros que saíam naquela estação puseram-se de pé e comprimiram-se no corredor, alinhando-se numa fila silenciosa até à porta da carruagem, as malas e os sacos nas mãos, os olhares fixos na saída.

O comboio travou e imobilizou-se por fim com um soluço e um longo suspiro. Foi nessa altura que Raquel e Tomás abandonaram o quarto de banho e se juntaram à fila dos viajantes

que se preparavam para desembarcar na estação de Florença.

"Puf, chegámos!", bufou ela, inclinando a cabeça para espreitar

o exterior. "já não era sem tempo." O historiador inclinou a cabeça para a sua companheira de viagem. "Não te esqueças de me ajudar a descer as escadas, hem?" A porta abriu-se automaticamente e os passageiros começaram a

saltar para a plataforma número nove. Por causa das bagagens, o processo não se revelou tão fluido quanto desejável, mas mesmo assim foi avançando e ao fim de alguns segundos Raquel pulou para fora, pousou os dois sacos de viagem e voltou-se para trás para ajudar o português.

"Isso está mal", constatou ela, estendendo-lhe o braço. "Vamos, apoia-te em mim."

Tomás desceu as escadas muito devagar, curvado, até conseguir pousar o pé trémulo em solo firme.

"Ah, chegámos!"

Vendo o companheiro já em terra, a agente da Interpol pegou num dos sacos e esperou que ele pegasse no outro. Tomás, contudo, ignorou o saco e começou a caminhar em passos vacilantes, trôpego e com as costas curvadas. A espanhola revirou Os olhos, encanzinada, pegou também no segundo saco e apressou o passo no encalço do historiador.

"Mira, hombre, estás a exagerar um pouquinho, não te parece?", protestou, mostrando os dois sacos que carregava. "Achas que sou tua criada ou quê?"

Tomás indicou com o polegar as costas curvas. "Desculpa, mas não vês o meu estado?", perguntou. "Não estou em condições de carregar os sacos."

Com os lábios comprimidos, Raquel atirou às costas dele um olhar carregado de suspeita.

"Hmm... não sei. Quer-me cá parecer que isso é tudo uma grande desculpa que inventaste para me pões a carregar esta tralha toda. Não tens vergonha?"

O companheiro de viagem respondeu com um esgar dorido e apoiando a mo direita na região lombar.

"Ui! Isto custa!"

A chegada do comboio atraiu Balam para a porta que ligava o átrio às plataformas. Viu a composição oriunda de Barcelona estacionada na linha nove e os passageiros a desaguiarem continuamente das múltiplas portas e a percorrerem a plataforma com as bagagens. Acto contínuo, os viajantes que partiam entraram para as carruagens e, instantes mais tarde, escutou o apito e o comboio recomeçou a rolar, ganhou velocidade e desapareceu para lá da gare.

Procurou os seus homens com o olhar e confirmou que eles se encontravam nos seus postos, Condor 1 na ponta mais afastada da plataforma nove, Condor 2 na extremidade mais próxima, Condor 3 numa cabina com visão geral sobre a gare. Voltou a atenção para a multidão de passageiros recém-chegados e procurou um rosto familiar em cada uma das pessoas. Nada descortinou que lhe chamasse a atenção.

Impaciente, aproximou o walkie-talkie da boca e carregou no primeiro botão.

"Águia para Condor 1", chamou. "Viste alguém?"

"Negativo, Águia. Mas tenho-os neste momento de costas, pelo que é difícil ver a cara de quem quer que seja. Estão todos a dirigir-se para Condor 2."

Segundo botão.

"Águia para Condor 2. Alguma novidade?"

O segundo homem levou alguns segundos a responder. "Condor 2 para Águia", foi a resposta. "Estou neste momento a proceder a verificação. Stand by."

Quase automaticamente, Balam desviou o olhar para o seu segundo operacional. O homem encontrava-se de facto numa posição frontal aos passageiros que acabavam de desembarcar e estudava todos os rostos com muita atenção, comparando-os discretamente com fotografias que escondia numa mão.

Apesar de o chefe de segurança estar à porta do átrio, e portanto mais afastado, também ele se concentrou nos recémchegados e procurou identificar os alvos que todos procuravam.

O walkie-talkie ganhou vida.

"Condor 2 para Águia", disse uma voz. "Negativo. Não identifiquei ninguém."

Balam premiu o terceiro botão.

"Águia para Condor 3. Qual é a situação?"

"Condor 3 para Águia. Negativo."

A plataforma nove foi-se esvaziando até que só sobravam quatro pessoas: duas freiras e um casal idoso. Balam respirou fundo e, reprimindo a frustração, deu meia volta e regressou ao átrio. Ergueu os olhos para o placard das partidas e chegadas e estudou a lista das origens; não estava prevista para esse dia mais nenhuma ligação proveniente directamente de Barcelona. Teria de contemplar as alternativas.

Voltou a colar o walkie-talkie à boca e carregou nos três botões em simultâneo.

"Águia para Condores 1, 2 e 3", chamou, os olhos sempre colados ao placard. "Provavelmente eles apanharam outra ligação." Estudou as horas previstas de chegada. "Atenção ao próximo comboio. Vem de Milão e chega daqui a cinco minutos."

Pegou no Corriere della Sera e, resignado, sentou-se de novo no seu lugar, alheio ao casal de idosos e às duas freiras que, em passo lento, dir-se-ia mesmo arrastado, atravessavam nesse momento o átrio e se dirigiam para a rua.

O dia ia ser longo.

O ombro de Raquel funcionava quase como uma bengala; era o ponto de apoio que permitia a Tomás progredir. Caminhar curvado e com passos hesitantes constituía uma tarefa muito mais difícil do que se poderia à primeira vista supor, mas o historiador sentia-se satisfeito por ter conseguido atravessar desse modo toda a plataforma sem que nenhum dos dois tivesse sido reconhecido.

"Viste os tipos?", sussurrou a espanhola sem se atrever a virar-se para trás. "Joder, nem se deram ao trabalho de disfarçar!..."

"Vinham com tudo", retorquiu o historiador. "Walkie-talkies e fotografias. Reparaste que uni deles até tinha a coronha de uma pistola a espreitar do casaco?"

"Então não reparei? Madre mia, safámo-nos de boa..." "A quem o dizes!"

Por fim saíram da estação. Já na rua, sentiram o calor do sol banhar-lhes as faces. Foi como se se tivessem libertado nesse instante e só então a agente da Interpol se atreveu a virar-se para o companheiro de viagem.

"E pensar que desconfiei que era tudo um estratagema teu para não carregares as malas!", desabafou. "Como é que adivinhaste que estavam à nossa espera?"

Tomás fez um gesto com a cabeça a indicar-lhe um restaurante de toldos em riscas vermelhas e brancas do outro lado da praça da estação, como se lhe dissesse que deveria prosseguir até lá.

"Chiu, vamos até àquela trattoria", recomendou-lhe. "Os tipos podem ainda estar a observar-nos."

Consciente de que era de facto cedo para se acharem totalmente fora de perigo, a espanhola obedeceu e dirigiu-se à passagem de peões para atravessar a praça. O sinal estava vermelho, pelo que aguardaram que mudasse.

"Sim, mas como adivinhaste?"

"Não adivinhei", respondeu ele sem mexer os lábios, sempre a disfarçar. "Suspeitei."

"Como? Com base em quê?"

Tomás esboçou um sorriso discreto.

"Chama-lhe intuição, se quiseres." Tocou com o dedo na ponta do nariz. "Cheirou-me que eles podiam estar-nos no encalço."

Raquel atirou-lhe o esgar de quem não estava a comprar a resposta e fez um gesto a indicar o saco onde guardava o computador portátil.

"Qual intuição qual carapuça!", devolveu de pronto. "Foi o computador, não foi? Percebeste que os tipos o localizaram pelo GPS!" Olhou-o com admiração. "Que espertalhão me saíste!"

O historiador sorriu, ainda a ocultar o jogo.

"Caraças, não se te pode esconder nada..."

O sinal dos peões mudou para verde e os dois atravessaram a passadeira, sempre a caminharem com enorme dificuldade.

Uma vez no outro lado da praça, dirigiram-se à trattoria do toldo vermelho e branco e entraram no estabelecimento. Ao vê-los cruzarem a porta, um empregado de bigodes revirados, evidentemente um católico fervoroso, esboçou uma vénia respeitosa na sua direcção.

"Buon giorno, irmãs", cumprimentou-os com grande cerimónia. "É um piacere receber as consortes do Senhor no meu humilde estabelecimento." Fez um gesto floreado a indicar uma

mesa livre. "Prego, sentem-se, sentem-se! O que vão desejar?"

Tomás, que até aí caminhava curvado e apoiado em Raquel, endireitou-se de repente, como se tivesse ficado subitamente curado do seu mal de costas, e fitou-o.

"Precisamos de ir ao quarto de banho", disse ele com uma inesperada voz de homem que assustou o empregado. "Depois traganos duas pizzas." Hesitou, pensando no tipo de piza que queria. "A la puttanesca, per favore."

O empregado ficou espedaco a olhá-lo, atónito com o que ouvia e o que via. Indiferente à reacção do italiano, o historiador apressou o passo entre as mesas do restaurante e dirigiu-se ao quarto de banho. A espanhola foi no seu encalço e fecharam-se ambos nos lavabos. "Viste a cara do tipo?", riu-se Raquel depois de trancar a porta. "Nunca imaginou ver uma freira a falar com voz de homem, hem?"

Tomás já despia o hábito que lhe tolhia os movimentos. Ficou em cuecas e tirou de um dos sacos a roupa que ali guardara no comboio e começou a vestir-se.

"O mais chato são as freiras, coitadas", disse enquanto enfiava as pernas nas calças. "Quando acordarem vão perceber que lhes gamaram o saco onde guardavam os hábitos. Arriscam-se a levar uma valente reprimenda da madre superior, hem?"

A agente da Interpol encolheu os ombros.

"Deixa lá, foi por uma boa causa", considerou. "Não se diz que Deus escreve direito por linhas tortas e que os caminhos do Senhor são insondáveis e essas coisas todas? Se não fosse a tua desconfiança e os hábitos que lhes roubámos, tínhamos caído direitinhos nas mãos daqueles tipos." Estremeceu. "Nem quero pensar!"

Acabaram de se vestir e saíram do quarto de banho para se dirigirem para a mesa que lhes havia sido reservada. O empregado de bigodes revirados olhava-os ainda com um semblante estupefacto, os olhos arregalados e a boca entreaberta, sem perceber como duas gentis freiras se haviam de repente metamorfoseado em pessoas tão diferentes. Uma dava ares de atriz de cinema e a outra... a outra era um homem!

"Mamma mia, está tudo doido!", murmurou por fim, abanando a cabeça num gesto resignado e afastando-se para mandar fazer as pizzas a la puttanesca. "Ma che cosa..."

Os dois clientes acomodaram-se à mesa da trattoria e desataram a rir numa descarga nervosa incontrolável. A tensão dos últimos dez minutos fora enorme, sobretudo a partir do momento em que, disfarçados de freiras, tinham saído do comboio e desfilado a passo de caracol diante dos assassinos. Tomás era alto, anormalmente alto para poder passar por uma mulher, pelo que foi forçado a fingir-se uma freira velha e com dores nas costas, a única maneira que lhe ocorrera de evitar as suspeitas. O preço, claro, é que haviam sido obrigados a caminhar muito devagar e a correr o risco de se exporem mais longamente aos olhares dos homens que os tentavam identificar ao longo da plataforma. Felizmente tudo havia terminado bem.

Ansioso por novidades da mãe, Tomás pousou o portátil sobre a mesa e ligou-o. Apanhou uma rede sem fios para turistas, e por isso livre de encargos, e sem perda de tempo entrou no seu endereço electrónico. Havia uma mensagem do lar.

Olá, professor Noronha,

Espero que esteja tudo bem consigo.

Receio que as notícias não sejam boas. Apesar dos meus esforços, os proprietários do lar não aceitam que a sua mãe permaneça na instituição sem a mensalidade totalmente paga.

Insistem que os familiares têm de assumir a diferença entre a parte cortada da pensão e o valor final e lembram que existe uma enorme fila de espera para o lar, pelo que não terão dificuldade em ocupar o quarto da dona Graça.

Em conformidade, recebi ordens explícitas e escritas para a despejar amanhã de manhã, caso até à meia-noite de hoje o pagamento em falta não seja saldado.

Nem sabe como me custa ser portadora desta notícia. Tentei por todos os meios evitar que se chegasse a este ponto, até porque a situação envolve também outros utentes que não a sua mãe. Disse-lhes que não estaria disposta a permanecer à frente do lar se começassemos a despejar idosos para a rua. Mas eles responderam que, com o desemprego que por aí anda, será fácil substituírem-me e eu terei dificuldade em encontrar novo trabalho.

Os tempos são complicados e rezo a Deus para que nos oriente neste mundo em que toda a gente perde direitos e a desgraça alastra.

Um beijo da Maria Flor.

Tomás ficou um longo momento especado diante do computador portátil, os olhos hipnotizados pelo ecrã, o espírito a revoltear numa insurreição surda. Iam despejar a mãe do lar! Como era possível ter-se chegado a um ponto destes? A mãe ia ser atirada para a rua porque tinha em falta o pagamento de uns míseros cem euros! Que país era este que tratava assim os seus velhos? E ele ali, perseguido e em fuga, impotente para desempenhar o seu papel de filho e ir a Coimbra resolver aquele problema absurdo! Que raiva, que...

"Más notícias?"

Raquel lera a sua expressão. Fechando o semblante, o português decidiu guardar o problema da mãe num canto da mente e dedicar-se à questão mais imediata. Se queria ajudar a mãe, primeiro tinha de se envencilhar da embrulhada em que se metera.

Procurou um motor de busca e digitou o nome do Tribunal Penal Internacional. Apareceram-lhe várias opções, incluindo a página oficial da instituição. Acedeu ao site e tentou localizar o processo relacionado com a crise internacional. Uma página materializou-se no ecrã a indicar que a sessão preliminar estava mareada para as quinze horas desse mesmo dia em Florença, no Salone dei Cinquecento do Palazzo Vecchio. Era tudo o que precisava de saber para agir.

Com um movimento brusco, desligou o portátil e, percebendo que teria de precipitar os acontecimentos para se livrar o mais depressa possível do colete-de-forças que lhe tolhia a liberdade de acção, encarou a sua companheira de viagem.

"Tenho um plano", disse. "Ouve-me com atenção..."

O rumorejar baixo da multidão expectante foi subitamente interrompido no momento em que uma porta lateral se abriu e um funcionário judicial em pose formal emergiu dela. Muito hirtó, o funcionário percorreu o longo tapete vermelho assente no piso do enorme salão e subiu à plataforma, detendo-se em pose solene para se dirigir aos presentes.

"Todos de pé!", ordenou, a voz a ecoar nas paredes. "O meritíssimo juiz Axel Seth vai entrar para presidir à sessão."

No instante em que o funcionário se calou e as cadeiras se arrastaram numa cacofonia de movimentos para a multidão se pôr de pé, um homem alto e magro, de toga negra até aos pés, entrou no salão em passo lento, quase marcial, e subiu com pompa ao ponto mais alto da plataforma, dominada pela estátua de mármore de Carrara do papa Leão X a abençoar os fiéis com a mão direita. No centro da plataforma tinham sido colocados uma mesa e um cadeirão e foi ali que a figura de toga se instalou. O juiz Seth era uma celebridade mundial por via das suas responsabilidades à frente da Comissão Europeia, pelo que a sua entrada foi assinalada por uma tempestade de flashes fotográficos que se prolongou por um minuto e só foi interrompida quando o funcionário judicial fez sinal aos carabinieri e estes afastaram os fotógrafos.

Um silêncio repentino abateu-se sobre o Salone dei Cinquecento, a grande sala no Palazzo Vecchio onde funciona a Câmara Municipal de Florença. Com perfeito domínio das artes da gestão dramática do tempo, o juiz Seth permaneceu mudo durante alguns segundos, deixando o olhar severo derramar-se pelos frescos de Vasari, que decoravam as paredes altas para ilustrar os triunfos de Florença sobre Pisa

Siena, e pelas várias estátuas brancas alinhadas nas alas, incluindo a estátua do Génio da Vitória, de Miguel Ângelo. O Salone dei Cinquecento era a maior sala de Itália usada pelos poderes civis e tinha sido construído por ordem do próprio Girolamo Savonarola.

O juiz Seth pegou num pequeno martelo e, com um gesto protocolar, bateu com ele na secretária.

"Minhas senhoras e meus senhores", exclamou com ênfase, as palavras protocolares carregadas de um forte sotaque francês. "Declaro aberta esta sessão preliminar do Tribunal Penal Internacional convocada para formular as acusações relativas aos crimes contra a humanidade cometidos na crise financeira e económica internacional!"

Uma salva de palmas, polida e ordeira, percorreu o salão do Palazzo Vecchio. O juiz pousou o martelo e após pigarrear, preparando-se para as palavras introdutórias, apontou para a principal estátua que decorava o salão.

"Parece-me apropriado que nos reunamos em Florença, a cidade onde nasceu a banca moderna, e estejamos neste lugar carregado de história, sob o olhar vigilante da estátua do Génio da Vitória, do grande Miguel Ângelo, uma vez que é justamente com história e vitória que nesta sessão vamos lidar", proclamou. "A história da justiça e a vitória dos oprimidos. Porque, meus caros, vamos sobretudo fazer justiça." Varreu o salão com um olhar dominador. "O mundo, ninguém o ignora, mergulhou numa crise profunda, uma crise tão grande que só tem comparação com a Grande Depressão dos anos 30 e que, por isso mesmo, já é conhecida por Segunda Grande Depressão. Esta crise, minhas senhoras e meus senhores, tem autores e responsáveis, pessoas que pelos seus actos e omissões nos trouxeram até este ponto. Precisamos de os identificar, de os processar judicialmente e de os sentar em tribunal para

responderem pelos seus crimes. O Tribunal Penal Internacional foi criado justamente para julgar crimes contra a humanidade. Que ninguém tenha dúvidas, pois é de crimes contra a humanidade que estamos a falar quando nos referimos às acções que conduziram a esta crise violentíssima! A culpa, garanto, não morrerá solteira!"

Uma salva de palmas espontânea ergueu-se da multidão que se acotovelava no Salone dei Cinquecento. Não havia uma vítima da crise no planeta que não ansiasse por justiça e pela punição daqueles que haviam arrastado o mundo para a situação que nesse momento se vivia. A ovação ao juiz Seth cristalizava o sentimento de revolta e a sede de justiça.

Como um actor a dominar o palco, o juiz levantou a mão e pediu silêncio. A ovação morreu.

"Nesta sessão preliminar serão identificados suspeitos que irão a julgamento em momento oportuno." Indicou uma mulher de meia-idade, magra e de olhar grave, sentada numa secretária diante do público e rodeada por uma equipa. "A procuradora-chefe do Tribunal Penal Internacional, professora Agnès Chalnot, reuniu a sua equipa e vai apresentar a lista de suspeitos que se sentarão no banco dos réus para responder por estes crimes. Ela passou os últimos tempos a coligir dados e a identificar responsáveis, todos eles inocentes até que este tribunal, após devido julgamento, decida em contrário. Caberá agora à procuradora-chefe e à sua equipa a tarefa de formular a acusação." Voltou a levantar a mão na direcção do causídico. "Professora Chalnot, faça o favor."

A procuradora-chefe estava sentada na mesa da acusação, rodeada da sua equipa. Ergueu-se no seu lugar, exibindo um vestido negro até aos pés, e encarou o juiz.

"Meritíssimo, agradeço a confiança que foi depositada em mim e na minha equipa", começou por dizer. "Como sabe, a minha responsabilidade agora é indiciar suspeitos para que sejam chamados a julgamento neste tribunal. Se não vir inconveniente, entregarei ao meu colega, o procurador Carlo del Ponte, a apresentação da lista de nomes que apurou durante a investigação que até recentemente levou a cabo nos Estados Unidos."

O juiz acedeu com um leve movimento da cabeça. "Com certeza."

Tem então a palavra o doutor Carlo del Ponte."

Vendo-lhe passada a responsabilidade de formular a acusação, o procurador do Tribunal Penal Internacional, um homem de rosto ossudo e sobranceiras densas, ergueu-se devagar do seu lugar, abotoou o casaco e, de papéis na mão, dirigiu-se ao ponto central da plataforma montada no salão.

"Excelentíssimo e meritíssimo juiz, caros colegas, minhas senhoras e meus senhores", disse, recorrendo à habitual formulação no início das intervenções em processos do género. "Todos sabemos que esta crise começou nos Estados Unidos e foi guiada por uma política irresponsável de desregulação dos mercados financeiros. O resultado de tudo isso foi uma recessão global que se transformou numa grande depressão e que custou o emprego a mais de trinta milhões de pessoas, e ainda cortes salariais e subida de impostos para outras centenas de milhões." Fez um gesto a indicar a sua mesa. "Eu e a minha equipa dirigimos por isso os nossos esforços no sentido de identificar os responsáveis por esse acto hediondo e as motivações que conduziram a ele. Irei apresentar os suspeitos e as provas que os envolvem neste crime cometido contra a humanidade."

O procurador fez um gesto imperial na direcção do funcionário judicial que havia anunciado a entrada do juiz no salão.

"Giuseppe, a tela."

O funcionário pegou num controlo remoto e carregou num botão. Escutou-se um zumbido eléctrico e uma tela branca começou a descer de uma parede lateral, tapando o Fresco de Vasari a ilustrar a vitória sobre Pisa.

"Pronto, dottore."

O caudídico do Tribunal Penal Internacional fez um sinal com a cabeça para um dos seus colaboradores e, de imediato, a fotografia de um homem de meia-idade sorridente, de grandes óculos e testa redonda, encheu a tela gigante do salão.

"Primeiro suspeito de crimes contra a humanidade que conduziram à Segunda Grande Depressão", anunciou, projectando a voz com enorme pompa. "Alan Greenspan, presidente do banco central americano, a Federal Reserve, entre 1987 a 2006. O senhor Greenspan tornou-se notado em 1985, quando os reguladores federais começaram a investigar irregularidades cometidas por um homem chamado Charles Keating na gestão de dinheiros de clientes. Contratado por Keating, Greenspan escreveu aos reguladores a elogiar Keating e a garantir que ele sabia investir o dinheiro dos clientes. Keating foi preso pouco depois. O que aconteceu a Greenspan? Foi promovido pelo presidente Reagan a chefe máximo da Fed."

Um burburinho percorreu o Salone dei Cinquecento. O procurador Cano del Ponte apontou para o rosto que permanecia na tela.

"Enquanto presidente da Federal Reserve, Alan Greenspan desenvolveu uma política agressiva de desregulação dos mercados. Um dos seus maiores crimes contra a economia mundial foi cometido quando em 1998 o Citicorp e o Travelers se fundiram para criar a maior empresa de serviços financeiros do planeta, o Citigroup. Essa fusão violava directamente a Lei Glass-Steagall, criada em plena Grande Depressão para impedir a formação de grupos financeiros tão grandes que a sua eventual queda pusesse em risco a economia americana. O senhor Greenspan tinha o dever de fazer aplicar a lei e impedir essa fusão. O que fez ele? Assobiou para o ar, deixou que a ilegalidade fosse cometida e, mais grave ainda, foi um dos cúmplices da revogação da Lei Glass-Steagall no ano seguinte."

Novo burburinho no salão.

"O seu outro grande crime contra a humanidade foram os esforços que desenvolveu para impedir a regulação do mercado dos derivados", prosseguiu Del Ponte. "A comissão que regula os mercados de futuros lançou em 1998 uma iniciativa para regular os derivados, uma acção que alarmou tanto o senhor Greenspan que no mesmo dia emitiu uma declaração a condenar a ideia e a recomendar uma lei que mantivesse os derivados sem regulação. Essa lei foi aprovada em 2000." Manteve o dedo voltado para o rosto sorridente do antigo presidente da Fed. "Pior ainda, Alan Greenspan baixou as taxas de juro para valores mínimos, criando assim as condições para a emergência da bolha do imobiliário na América e depois na Europa. Quando se tornou claro que o mercado de hipotecas estava a funcionar mal, o senhor Greenspan recusou-se a regulá-lo, apesar de ter plenos poderes para tal e ser até seu dever fazê-lo. Todos estes actos estão na origem da desordem que conduziu ao colapso de 2008 e à Segunda Grande Depressão."

O procurador voltou-se para os seus colaboradores e eles carregaram num botão. Um novo rosto apareceu na tela, o de um outro homem de idade, de cabelos brancos atrás das orelhas e olhos pequenos, quase rasgados.

"Segundo suspeito de crimes contra a humanidade", enunciou. "O senador Phil Gramm. No

Congresso dos Estados Unidos, o senador Gramm foi o maior defensor da desregulação financeira. Foi ele a figura central da redacção da legislação que aboliu a Lei Glass-Steagall e da lei de 2000 que manteve o mercado dos derivados fora da acção dos reguladores. Depois de deixar o Senado, e se calhar em agradecimento pelos seus lucrativos serviços, o banco de investimentos UBS contratou-o para seu vice-presidente. A verdade é que, precisamente devido a essa legislação de consequências calamitosas, este antigo senador espalhou miséria pelo planeta inteiro, pelo que merece sentar-se no banco dos réus."

Novo sinal para os colaboradores, nova imagem na tela gigante que ocultava uma parede do salão. Desta feita eram dois rostos, um homem novo de testa alta e outro de cabelo branco abundante.

"Terceiro e quarto suspeitos de crimes contra a humanidade", enunciou. "Larry Summers e Robert Rubin. O senhor Rubin é o antigo GEO do Goldman Sachs e o senhor Summers é um antigo professor de Economia de Harvard. Ambos foram secretários americanos do Tesouro e deram cabo do dito. Presidiram activamente à desregulação dos mercados financeiros. Quando a comissão dos mercados de futuros tentou em 1998 regular os derivados, Larry Summers pegou no telefone e, na presença de treze banqueiros ansiosos por manterem os seus lucros em apostas arriscadas, invectivou a responsável da comissão e obrigou-a a parar com a sua iniciativa de regulação. Juntamente com Greenspan, Rubin e Summers escreveram a famosa declaração que conduziu à lei da desregulação dos derivados. Summers quase insultou um economista que em 2005 alertou para a perversidade do sistema de bónus em vigor na banca. Se calhar graças a estes serviços, Summers foi mais tarde escolhido para presidente de Harvard e contratado por um hedge fund, tendo arrecadado mais de vinte milhões de dólares."

Mais um gesto para a mesa e a imagem na tela mudou de novo. A imagem que apareceu era de um homem totalmente calvo.

"Quinto suspeito de crimes contra a humanidade", identificou. "Hank Paulson, antigo CEO do Goldman Sachs que também se tornou secretário americano do Tesouro. Foi no seu tempo enquanto chefe do Goldman Sachs que este banco de investimento fez mais de três biliões de dólares, três triliões em numeração americana, em lucros com securitizações de hipotecas de pessoas pobres, chamadas subprime e directamente causadoras da crise. O senhor Paulson fez pressão junto dos reguladores para deixarem os bancos endividar-se ainda mais de modo a alimentarem a bolha especulativa. Como prémio, o presidente Bush nomeou-o secretário do Tesouro e foi quando ocupava essas funções que ocorreu o colapso de 2008. Foi ao Congresso pedir setecentos mil milhões de dólares para salvar os bancos de investimento que tinham provocado a crise, assim transferindo para os contribuintes o problema que ele próprio e os seus cúmplices tinham criado. Salvou também a seguradora AIG com dinheiros públicos, mas obrigou-a a pagar mais de sessenta mil milhões de dólares ao Goldman Sachs e impediu-a de processar os bancos de investimento, incluindo o Goldman Sachs, por fraude." Fez um esgar de desdém. "Um verdadeiro artista, este Hank Paulson."

Voltou-se para a mesa e esboçou um novo sinal, que conduziu a mais uma mudança de imagem. Desta feita a tela encheu-se de uma série de símbolos de instituições bancárias.

"As responsabilidades políticas de desregulação dos mercados recaem essencialmente nas pessoas que acabámos de ver", disse. "Mas essas pessoas, e apesar de ocuparem cargos políticos, actuaram a mando de alguém." Indicou os símbolos projectados na tela. "Os bancos,

claro. Se os políticos são os corrompidos, os grandes bancos de investimento são os corruptores. Envolvidos em todo o processo de securitização de hipotecas estiveram o Goldman Sachs, o Morgan Stanley, o Bear Sterns, o Lehman Brothers e o Merrill Lynch, além dos grupos financeiros Citigroup e JP Morgan. Ganharam biliões de dólares com este processo e distribuíram pelo planeta inteiro os activos que sabiam ser tóxicos. O Goldman Sachs, por exemplo, e ao mesmo tempo que aconselhava os seus clientes a comprarem esses activos, fazia apostas de que eles iriam falhar. Isso mostra que sabiam

o que tinham nas mãos. Tiveram até o descaramento de criar activos que, quanto mais dinheiro fizessem perder aos clientes, mais lucro dariam ao Goldman Sachs."

Fez um sinal para a mesa e a imagem de dois e-mails encheu a tela. Um dizia: "Boy, that Timberwolf tuas one shitty deal." O outro, datado do mês seguinte, dizia: "The top priority is Timberwolf."

"Este primeiro é um e-mail interno do Goldman Sachs a classificar um pacote vendido pelo banco, o Timberwolf, como 'uma grande merda'. O segundo é um e-mail dirigido ao Departamento de Vendas do Goldman Sachs a estabelecer o Timberwolf como a principal prioridade de vendas. Isto é, o Goldman Sachs ordenava aos seus vendedores que convencessem os clientes a comprar um pacote que o próprio Goldman Sachs sabia ser 'uma grande merda!'"

O burburinho voltou a encher o Salone dei Cinquecento.

"Este tipo de episódio era comum na actividade dos bancos de investimento. Graças ao fim da Lei Glass-Steagall, estas instituições bancárias tornaram-se gigantes. Poderemos questionar-nos: como conseguiram elas convencer os políticos? Eu respondo-vos: corrompendo-os. O sector financeiro tem ao seu serviço três mil lobistas, ou seja, mais de cinco por cada membro do Congresso. Os bancos contribuíram com generosas ofertas às campanhas dos políticos e, em troca, exigiram desregulação. Fizeram isso corrompendo os políticos, mas também uma outra instituição."

Um novo sinal desencadeou uma nova mudança de imagem na tela, agora para os logotipos de várias universidades; reconheciam-se Harvard, Yale, Columbia e outras.

"Os economistas, que também podemos considerar suspeitos de crimes contra a humanidade", disse. "As instituições financeiras, e em particular os bancos de investimento, queriam deitar a mão a lucros fabulosos e crescer a um ponto em que a sua falência não poderia ser permitida sob pena de pôr toda a economia em risco, não é verdade? O que fizeram elas? Corromperam os políticos para que se mudassem as leis e se desregulassem os mercados. Mas, para que isso fosse possível, era necessário criar um ambiente ideológico adequado. Quem iria fornecer esse ambiente?"

Carlo del Ponte apontou enfaticamente para os logotipos das universidades.

"Os economistas, claro! Foram os economistas que criaram a ideologia da desregulação e venderam ao eleitorado e aos consumidores a ficção de que os mercados se podiam regular a si mesmos e a sua desregulação abriria as comportas a uma riqueza desmesurada." Sorriu num aparte. "Tinham razão, claro. A desregulação permitiu o enriquecimento desmesurado... dos banqueiros." Retomou o tom neutro. "Na verdade, a ideologia da desregulação foi tão bem sucedida que os economistas americanos conseguiram até exportá-la para a Europa. A Islândia, por exemplo, tinha uma economia perfeitamente saudável, com excedentes orçamentais e uma

dívida ridícula. Mas em 2001 teve a infeliz ideia de acreditar nas baleias da desregulação e mudar as suas leis. Num punhado de anos, os seus bancos desregulados acumularam Uma dívida seis vezes superior ao PIB anual do país e a Islândia entrou em colapso."

O procurador fez um gesto para a mesa e os seus colaboradores introduziram uma nova imagem na tela, desta vez de um homem engravatado.

"Gostaria de processar por crimes contra a humanidade uma centena de economistas que nos andaram a vender essa ideologia, mas se tiver de escolher apenas um, a minha opção vai para este suspeito." Fitou o rosto do homem engravatado e pôs as mãos na cintura, como se o enfrentasse em duelo. "Glenn Hubbard, director da Columbia Business School e presidente do conselho económico do presidente George W. Bush. Nessa qualidade, concebeu uma série de cortes fiscais, como a redução de impostos sobre dividendos de acções e a eliminação do imposto sobre a propriedade, alterações que quase só ajudaram Os ricos. O professor Hubbard assinou em 2004 um texto muito influente a elogiar os derivados e o processo de securitização de hipotecas, alegando que eles protegiam os bancos e aumentavam a estabilidade financeira."

A afirmação arrancou gargalhadas no salão.

"O professor Hubbard trabalha também a soldo de grupos que fornecem peritos legais para testemunhar em processos a favor de pessoas acusadas de fraude. Por exemplo, dois banqueiros do Bear Stearns foram processados por fraude no esquema da securitização.

Aflitos, contrataram um desses grupos de peritos, o The Analysis Group, que pagou cem mil dólares ao professor Hubbard para testemunhar a favor desses banqueiros. Os suspeitos foram ilibados." O procurador apontou para o rosto na tela. "O professor Hubbard é um exemplo de tudo o que está mal na profissão dos economistas. Ao propagarem a ideologia da desregulação, e ao deixarem-se comprar pelos banqueiros, muitos economistas tornaram-se cúmplices activos neste crime contra a humanidade e merecem, por direito próprio, sentar-se no banco dos réus."

Carlo del Ponte voltou-se na direcção do juiz.

"Meritíssimo, muitas outras pessoas deveriam também ser indiciadas neste processo, e talvez venham a sê-lo numa fase posterior, mas não posso terminar sem indiciar os responsáveis máximos, os homens que deixaram que tudo isto acontecesse sob a sua tutela, em alguns casos, senão todos, deixando-se comprar por estes interesses financeiros."

O procurador fez um sinal para a mesa e quatro rostos familiares encheram a tela, desencadeando um bruí emocionado na plateia e uma trovada de flashes no Salone dei Cinquecento.

"Os presidentes Ronald Reagan, George H. Bush, Bill Clinton e George W. Bush!", proclamou Carlo dei Ponte numa voz alterada, tentando fazer-se ouvir por cima do rumor conturbado da multidão e da tempestade de diques das máquinas fotográficas. "Foram eles que deram cobertura a todo o processo de desregulação. O presidente Truman tinha na sua mesa uma frase que dizia: the buck stops here, ou seja, eu sou o responsável por tudo. Pois estes presidentes são os responsáveis máximos e não os podemos deixar fugir às suas responsabilidades."

O alvoroço prolongou-se no salão e Cano dei Ponte teve de fazer uma pausa para o deixar morrer. Quando isso aconteceu, dirigiu um último sinal à sua mesa e um novo rosto apareceu na tela, desencadeando um tumulto ainda maior.

"O nosso último suspeito de crimes contra a humanidade na Segunda Grande Depressão é este homem", berrou por cima do rebuliço. "Barack Hussein Obama."

A agitação no grande salão do Palazzo Vecchio era total e o juiz Axel Seth viu-se obrigado a intervir, batendo várias vezes com o martelo na mesa e apelando à ordem.

"Ordem!", gritou Seth. "Ordem!" Bateu de novo com o martelo. "Ordem ou mando evacuar a sala imediatamente! Ordem!"

Quando a algazarra acalmou e voltou a ser apenas um burburinho, o juiz considerou restabelecidas as condições mínimas e fez sinal ao procurador para que prosseguisse.

"Obrigado, meritíssimo", devolveu Cano dei Ponte, voltando-se para o rosto fixado na tela. "O presidente Barack Obama não é minimamente responsável pelo colapso de 2008, uma vez que na altura nem sequer estava em funções. Mas é responsável pela subsequente Segunda Grande Depressão, devido às suas acções e omissões. Manteve à frente da Fed o sucessor de Alan Greenspan, Ben Bernanke, o homem que deixou a bolha do imobiliário crescer sem nada fazer e que chegou ao cúmulo de afirmar, no auge da bolha, que não havia bolha nenhuma. O senhor Bernanke foi também ao Congresso com Hank Paulson pedir setecentos mil milhões de dólares para salvar os bancos da crise que os próprios bancos haviam provocado, transferindo assim para as contas públicas os erros do sector privado. Como prémio por esta maravilhosa actuação, o presidente Obama manteve-o em funções."

O burburinho no salão reacendeu-se, mas não muito.

"Não contente com isso, o presidente Obama escolheu para seu principal conselheiro económico o nosso amigo Larry Summers, indiciado neste processo por crimes contra a humanidade pelo seu papel activo na lei da desregulação dos derivados. A seguir, o presidente Obama escolheu para secretário do Tesouro o presidente da Fed de Nova Iorque durante a crise, Timothy Geithner, um homem que ajudou o Goldman Sachs a ganhar dinheiro no processo das hipotecas. O presidente Obama escolheu para presidente da Fed de Nova Iorque o senhor William Dudley, economista chefe do Goldman Sachs e co-autor com o professor Hubbard do famoso texto a defender a desregulação dos derivados. O presidente Obama escolheu ainda para presidente da Comissão de Comércio de Futuros o senhor Gary Gensler, antigo executivo do Goldman Sachs que ajudou a proibir a regulação dos derivados."

O procurador do Tribunal Penal Internacional calou-se por um momento, deixando estes factos assentarem na sala. "Ou seja, Barack Obama nomeou lobos para protegerem os cordeiros", concluiu. "Foi eleito com a promessa de tudo mudar, mas na verdade nada fez. Escolheu para regular o mercado as mesmas pessoas que o tinham desregulado, e os resultados foram os previsíveis. Sob o seu mandato ninguém foi processado nem nenhuma grande investigação foi aberta para apurar responsabilidades. Pior ainda, o presidente Obama não promulgou nenhuma lei a alterar o sistema de bónus da banca, responsável pelo comportamento suicida de muitos bancos. Não propôs nenhuma lei que repusesse a divisão entre banca tradicional e banca de investimentos, prevista na defunta Lei Glass-Steagall. Não fez nenhuma lei a regular o mercado dos derivados e outros produtos financeiros de grande complexidade, responsáveis directos pela crise. Não criou nenhuma lei que obrigasse os grandes bancos a separarem-se em unidades mais pequenas, de modo que não voltem a existir bancos 'demasiado grandes para caírem'. Na verdade, e se formos a ver bem, os bancos até se tornaram maiores durante a crise devido às sucessivas fusões. O JP Morgan cresceu com a

compra do Bear Stearns, o Bank of America ficou mais gigantesco após adquirir o Merrill Lynch, o Wells Fargo atingiu dimensões estratosféricas com a aquisição do Citigroup. Ou seja, todos os ingredientes que conduziram ao colapso de 2008 permanecem intactos. Todos." Fez um gesto teatral na direcção da imagem na tela. "O presidente Obama, meritíssimo juiz, ocupa assim um lugar de relevo na nossa lista de suspeitos e é por isso indiciado neste processo."

Após uma curta vénia, Carlo del Ponte dirigiu-se à sua mesa e sentouse. A sala permaneceu por um longo instante absolutamente muda, até que um clamor imenso se ergueu da plateia e os espectadores, libertando-se do transe em que pareciam mergulhados, ergueram-se e aclamaram o trabalho do procurador.

Constatando que o acusador do Tribunal Penal Internacional havia concluído a indicição dos suspeitos, e depois de aguardar que a ovação se desvanecesse, o juiz Axel Seth pigarreou.

"Agradeço ao senhor procurador os seus esforços meritórios", começou por dizer. "Antes de concluir esta sessão preliminar e formalizar a indicição dos suspeitos, gostaria de saber junto da procuradora-chefe do Tribunal Penal Internacional, professora Agnès Chalnot, se dá por encerrada a fase de acusação."

A jurista levantou-se do seu lugar e, com um papel na mão, encarou o juiz.

"Não tinha mais nenhuma acusação prevista, meritíssimo", afirmou. "Porém, há cerca de duas horas recebi uma moção inesperada com elementos que poderão revelar-se muito pertinentes para este processo. O meritíssimo vê algum inconveniente na sua inclusão?"

"Depende", respondeu o juiz, cauteloso. "Esses elementos resultam da investigação dos elementos da sua equipa?"

"Sim, meritíssimo. O inquérito foi conduzido por um investigador meu, que infelizmente não está presente, mas a apresentação será feita por outra pessoa."

O juiz Seth esboçou uma expressão de indiferença. "Não vejo inconveniente. Prossiga."

A procuradora-chefe virou-se para trás e passou os olhos pelo público que enchia o Salone dei Cinquecento até se fixar num homem sentado numa das pontas de uma fila de cadeiras, na retaguarda.

"A acusação chama Tomás Noronha."

Quando o nome de Tomás Noronha foi pronunciado no Salone dei Cinquecento do Palazzo Vecchio, a multidão reagiu com curiosidade. O burburinho elevou-se ligeiramente acima do normal e as cabeças voltaram-se em todas as direcções para tentar perceber quem era e onde estava a pessoa invocada pela procuradora-chefe do Tribunal Penal Internacional. Ao fim de alguns segundos, o público apercebeu-se de que um homem alto, de cabelo castanho e olhos verdes, percorria o corredor lateral em direcção à plataforma.

Cruzaram-se cochichos entre as italianas, no meio de esgares de admiração e risadinhas cúmplices.

"Ma che uomo bello!", soprou uma.

"Un vero Marco Antonio!", atirou outra.

"Bellissimo, bellissimo!"

Alheio ao rumorejar indistinto que o rodeava, Tomás subiu à plataforma e abeirou-se da professora Agnès Chalnot.

"Meritíssimo", disse ela voltando-se para o juiz, "dá licença que passe a palavra ao professor Noronha?" Axel Seth pareceu baralhado.

"Desculpe, professora Chalnot, mas primeiro gostaria que esclarecesse quem é esse senhor e o que faz aqui."

"Certamente, meritíssimo", acedeu a procuradora-chefe, tocando no braço do recém-chegado. "O professor Tomás Noronha possui um doutoramento em História e, além da docência universitária em Lisboa, tem estado envolvido em diversas peritagens em todo o mundo ao serviço de várias instituições, incluindo a Fundação Gulbenkian e o Museu Arqueológico de Atenas."

"Um doutoramento em que área, professora Chalnot? História Económica?"

A procuradora-chefe consultou uma cábula que segurava na mão.

"Línguas Antigas, meritíssimo."

O juiz Seth alçou a sobrelance esquerda, uma objecção a ganhar forma na sua mente.

"Que eu saiba essa matéria está totalmente fora do âmbito do processo que temos em mãos", constatou. "Não sei se posso aceitar esse depoimento."

"Com certeza que pode, meritíssimo", devolveu a procuradora-chefe com firmeza. "Pode e, se me permite o atrevimento, deve." Espreitou de novo a cábula. "Nos termos da lei que enquadra o funcionamento do Tribunal Penal Internacional, cláusula sétima, alínea três, o acusador tem liberdade e plenos poderes para contratar os investigadores que entender, desde que respeite o orçamento que lhe está atribuído. Quer que lhe recorde o texto *ipsis verbis*?"

"Não é preciso, obrigado", foi a resposta. "O professor Noronha é um investigador contratado por si?"

"A partir deste momento é, meritíssimo."

O juiz respirou fundo, ultrapassando a objecção. "Nesse caso, pode prosseguir."

A procuradora-chefe desviou o olhar para o seu novo colaborador, passando-lhe implicitamente a palavra. Tomás olhou para ela, depois para o juiz e engoliu em seco.

Chegara a hora de mostrar o que valia.

O café servido ao balcão da cafeteria da estação era intragável, mas Balam sabia que não dispunha de alternativa. Resignado, engoliu um trago; até sentiu a pele eriçar-se de desagradado. O que realmente o irritava, porém, não era o café. Havia já cinco horas que estava de plantão com os seus homens a vigiar a chegada dos comboios a Santa Maria Novella e não vislumbra ainda sinais dos alvos. Começava a duvidar que viessem por ali, mas via-se forçado a permanecer no local porque as suas ordens eram manter a vigilância até às dez da noite.

"Que pincel...", resmungou, espreitando o relógio pela enésima vez. "Isto nunca mais acaba."

Nesse momento o telemóvel tocou. Tirou o aparelho minúsculo do bolso das calças e espreitou o visor; era um dos seus correligionários que lhe ligava.

"O que é, Gãap?", foi a primeira coisa que disparou logo que atendeu, visivelmente maldisposto. "Estou ocupado e com pouca paciência para te aturar. Passa-se alguma coisa?"

"Passa-se, sim senhor!", devolveu a voz do outro lado da linha, claramente nervosa. "Tens de vir aqui!" "Aqui, onde?"

"Ao Palazzo Vecchio. Imediatamente!"

Balam suspirou.

"Isso queria eu", bufou. "Mas o chefe mandou-me ficar de plantão em Santa Maria Novella para..."

"O tipo está aqui!"

"Quem, o chefe?"

"O Noronha, idiota!", disparou Gãap. "O Noronha está aqui no Palazzo Vecchio!"

A informação atingiu Balam como um murro no estômago; era de tal modo inesperada que durante instantes ainda pensou que tinha ouvido mal.

"O quê?"

"É como te digo. Vem imediatamente!"

O chefe da segurança, plantado na cafeteria da estação, ficou momentaneamente atordoado, sem saber o que pensar ou fazer, a informação a ricochetear-lhe na mente como um eco que se recusava a morrer, uma perna a fazer que partia, a outra a manter-se firme no sítio onde se encontrava; parecia um boneco articulado prestes a desconjuntar-se.

"Mas... mas... como é isso possível?" Sacudiu a cabeça, tentando reordenar os pensamentos. "Olha lá, onde está ele? entrada? Na plateia? Ao pé de ti?"

"O gajo está neste momento ao lado da procuradora", retorquiu Gãap com a voz a transmitir urgência. "Vai começar a depor e ninguém sabe o que irá sair dali. Isto é uma catástrofe, Balam! Uma catástrofe!"

"O tipo vai depor?!"

"Está a começar agora e achei que te devia avisar", foi a resposta. "O chefe ainda te vai arrancar a pele, ouviste? Põe-te aqui o mais depressa possível! Temos de o apanhar à saída!"

Ainda siderado, mas consciente de que tinha de actuar e resolver o assunto se não queria acabar com uma corda a asfixiá-lo, como acontecera com Decarabia, Balam desligou o telemóvel e de imediato tirou o walkie-talkie do bolso. Aproximou-o da boca e premiu os três botões ao mesmo tempo.

"Água para Condores 1, 2 e 3", chamou. "Operação terminada. O pombinho está no

Palazzo Vecchio. Encontro dentro de um minuto no átrio da estação. Quer."
Não havia tempo a perder.

A vontade de Tomás era falar para o público, hábito velho de professor viciado nos grandes auditórios, mas tinha a noção de que, para efeitos formais, o seu destinatário não eram as pessoas que enchiam o grande salão do Palazzo Vecchio, mas o juiz. Ajeitou o casaco, consciente de que se encontrava demasiado amarrado após as sucessivas e atribuladas viagens que fizera nas últimas quarenta e oito horas, e pigarreou.

"O meu nome é Tomás Noronha e sou historiador em Lisboa", apresentou-se. "Tenho um amigo de infância chamado Filipe Madureira que, sei-o agora, foi contratado pela digníssima procuradora-chefe do Tribunal Penal Internacional para integrar a equipa de investigação do processo de crimes contra a humanidade relativos à crise. Acontece que, enquanto desenvolvia o seu trabalho, o meu amigo Filipe cruzou-se com dois técnicos franceses que tinham sido contratados há uns anos pelo antigo presidente da Comissão Europeia para investigar suspeitas de fugas de informação dentro da própria Comissão. A contratação desses técnicos tinha sido feita em segredo, de modo a não alertar os responsáveis pelas fugas de informação, e a ambos foi dada carta branca para interceptarem todas as comunicações no interior do edifício da Comissão, em Bruxelas, e todas as comunicações do interior do mesmo edifício para o exterior, incluindo emails e telefonemas. Como o anterior presidente da Comissão Europeia era português, grande parte do trabalho dos dois técnicos incidiu nos gabinetes portugueses, onde eram maiores as suspeitas de fuga de informação, embora as intercepções tivessem também abrangido outros serviços existentes nas instalações."

O juiz Seth remexeu-se no lugar, incomodado com o que escutava.

"Essas intercepções foram autorizadas por algum juiz?" Tomás ainda abriu a boca para responder, mas a procuradora-chefe antecipou-se.

"Sim, meritíssimo", apressou-se ela a dizer, acenando com uma folha. "Está aqui a ordem assinada pelo juiz Joossens." "Deixe-me ver."

"Com certeza, meritíssimo."

A professora Chalnot aproximou-se da mesa do juiz e estendeu-lhe o documento. Axel Seth pôs os óculos de leitura e estudou-o atentamente antes de o devolver. "Parece estar tudo regular", constatou, voltando a tirar os óculos. Desviou o olhar para Tomás. "Prossiga, professor Noronha."

"As escutas e intercepções levadas a cabo pelos dois técnicos franceses na sede da Comissão Europeia em Bruxelas duraram alguns anos e só terminaram quando eles identificaram enfim a fonte da fuga de informação", disse o historiador, retomando o raciocínio. "Todo o material recolhido foi levado para a empresa dos dois técnicos para ser tratado no âmbito do processo judicial instaurado para processar criminalmente o funcionário responsável por essas fugas. Acontece que, por essa altura, a crise desencadeada pelo colapso do Lehman Brothers começou a estender-se à Europa através do problema das dívidas soberanas. Enquanto reviam o material que tinham gravado, os dois técnicos aperceberam-se de que algumas das conversas interceptadas tinham relevância para o apuramento de responsabilidades sobre o que estava a acontecer."

"Esse apuramento de responsabilidades já foi feito pelo procurador Del Ponte", observou o juiz Seth. "Isso que me está a descrever parece-me redundante."

"Receio que não seja bem assim, meritíssimo", corrigiu Tomás, fazendo um gesto a indicar

Carlo del Ponte. "O senhor procurador apurou responsabilidades e indiciou suspeitos ligados ao colapso da bolha do imobiliário e da banca americana em 2008. Acontece que a crise, como o meritíssimo bem sabe, não se limitou à América. A Europa foi profundamente abalada, começando pelo Leste, pelos países bálticos e pela Islândia e acabando na própria zona euro. Por muitas culpas que tenham, e têm, os senhores Obama, Bush, Greenspan, Summers e companhia não são responsáveis pelos problemas europeus. A crise na Europa foi criada na própria Europa."

"Lamento", corrigiu o juiz, "mas toda a gente sabe que foi o colapso de 2008 nos Estados Unidos que provocou a crise europeia."

Apesar da insistência de Axel Seth, o português manteve-se firme na sua posição.

"O colapso de 2008, meritíssimo, apenas apressou uma crise que já estava em gestação na Europa devido à transferência da produção para a Ásia, aos erros na arquitectura do euro e à má governação em vários países. Se não fosse a falência do Lehman Brothers, seria outra coisa qualquer a gerar a crise europeia. Admito que, sem a crise americana, a crise das dívidas soberanas na Europa só viria a ocorrer mais tarde, mas que ninguém duvide que essa ocorrência era inevitável porque a zona euro sofria de desequilíbrios estruturais que não eram sustentáveis e porque a produção de bens se transferiu do Ocidente para a Ásia. Ora, e como todos sabemos, o que não é sustentável não se sustentará. O colapso de 2008 foi o abalo que fez desmoronar mais cedo o baralho de cartas do euro e da economia ocidental."

O juiz fez uni gesto impaciente com a mão.

"Está bem, está bem", concedeu, sem vontade de se embrenhar numa discussão. "Prossiga."

O historiador teve de se concentrar para retomar o fio condutor da sua exposição.

"Pois, dizia eu que..." Fez uni esforço de memória. "Enfim, os dois técnicos franceses contactaram um responsável para lhe comunicar o teor do material que tinham recolhido. Parece, no entanto, que o contacto não correu bem e os técnicos sentiram-se ameaçados e puseram-se em fuga."

"Ameaçados?", estranhou o juiz. "Ameaçados por quem?"

"Pelos vistos o responsável por eles contactado não era inteiramente alheio às actividades ilegais que constavam das escutas, se é que me faço entender."

"Quem era esse responsável?"

"Infelizmente ignoro-o, meritíssimo. Apenas sei, com base em documentos que me foram entregues pelo meu amigo Filipe Madureira, que os dois técnicos foram de algum modo informados de que o Filipe estava encarregado pela senhora procuradora-chefe do Tribunal Penal Internacional de investigar a crise e, em desespero de causa, entraram em contacto com ele. Entregaram-lhe o DVD e depois desapareceram. Uma semana mais tarde os seus corpos foram encontrados num apartamento em Nice."

O juiz arregalou os olhos.

"Está a insinuar que foram... assassinados?" "Torturados e assassinados, sim. É o que está escrito no relatório da autópsia."

A procuradora Chalmot acenou com uni papel.

"Está aqui o relatório, meritíssimo! Vou juntá-lo aos autos." "Muito bem", concedeu Axel Seth, mantendo a atenção concentrada em Tomás. "E o seu amigo?"

"Pouco depois da morte dos dois técnicos franceses, o Filipe começou a ser perseguido e viu as suas contas bancárias bloqueadas. Entrou em pânico e, percebendo que o DVD mexia com interesses ao mais alto nível, cortou os contactos com toda a gente." Indicou a procuradora-chefe do Tribunal Penal Internacional. "Até com a professora Chalnot. Pura e simplesmente, não sabia em quem confiar. Apesar de ter ficado sem meios para se sustentar, arranjou maneira de partir para Portugal, o seu país de origem, e contactar as duas únicas pessoas em quem confiava, uma agente espanhola da Interpol e eu."

"Onde está o senhor Madureira?"

"Infelizmente, foi abatido. Um atirador baleou-o em Lisboa." O juiz Seth abriu e fechou a boca, uma expressão incrédula a bailar-lhe nos olhos.

"Outro homicídio?", admirou-se, quase escandalizado. "Isto já me está a parecer Hollywood a mais! Tem a certeza do que está a dizer?"

"Ele pelo menos perdeu a consciência nos meus braços", confirmou Tomás. "A informação oficial da polícia portuguesa é que o Filipe morreu. Contudo, ontem recebi um e-mail dele a dizer-me que tinha escapado e que está internado no hospital."

Axel Seth revirou os olhos, contrariado.

"Mau, mau!", exclamou com um certo ar de enfado. "Tudo isto está demasiado confuso para o meu gosto. Afinal morreu ou não?" Fez uma pausa, como se aguardasse resposta, mas como nenhuma foi dada prosseguiu. "E esse DVD? Onde está ele? O senhor tem-no consigo?"

"Não. O Filipe nunca mo entregou."

O juiz enrubescou e virou a sua atenção para a procuradora-chefe do Tribunal Penal Internacional.

"Professora Chalnot, tudo isto me parece suspeito e duvidoso. Este seu colaborador vem para aqui com uma história do faroeste e pelos vistos não tem nenhum documento na sua posse que a consubstancie, nem o tal DVD onde supostamente se encontram gravações comprometedoras. Pior ainda, veio para aqui contar a história de um morto que agora lhe envia e-mails do Além. A senhora procuradora-chefe estará por acaso a fazer pouco de mim? Este processo é demasiado importante para andarmos aqui com brincadeiras!"

"Meritíssimo, estamos apenas a expor os factos tal como os conhecemos", respondeu a professora Chalnot, atrapalhada. "Eu sei que tudo isto parece bizarro, mas se as coisas aconteceram deste modo rocambolesco o que podemos fazer?"

O juiz não parecia convencido. Lançou a Tomás um olhar furioso, a roçar o ultimato.

"Onde está esse DVD?"

"Não o tenho, já disse."

Axel Seth fitou-o por um longo momento com uma expressão pensativa; era claro que avaliava o assunto e ponderava uma decisão.

"Oíça, com o DVD o senhor tem um caso", sentenciou. "Sem DVD não há caso nenhum." Pegou no martelo e preparou-se para bater com ele na mesa. "Assim sendo, cumpre-me o dever de pôr fim a esta..."

"Apresento-o amanhã."

As palavras de Tomás tiveram o condão de interromper o juiz a meio da frase. Seth suspendeu o movimento do braço com o martelo e voltou a olhar o historiador.

"Afinal tem ou não tem o DVD?"

"Não o tenho agora, mas tenho-o amanhã."

O juiz esboçou um esgar inquisitivo.

"Porquê amanhã e não agora?"

"Porque o Filipe deu-me indicação do local onde se encontra escondido o DVD, mas ainda não fui lá." "Que indicação é essa?"

"Veremos amanhã."

O olhar de Seth carregou-se de cólera mal contida.

"Professor Noronha, aconselho-o a respeitar este tribunal!", avisou com uma voz ameaçadora. "Faz favor de me dizer que indicação lhe foi dada, para que eu melhor possa avaliar a situação."

O português deixou descair os ombros, vencido. "A indicação é um criptograma que tenho estado a decifrar", revelou. "Dá-me licença que me aproxime?" "De mim? Bem... sim."

Depois de tirar o seu bloco de apontamentos de uma mala, o historiador abeirou-se da secretária do juiz.

"Não posso ler o criptograma em voz alta, não vá alguma das pessoas presentes decifrá-lo e chegar ao material antes de nós", explicou, pousando o bloco na mesa. "O segredo para chegar ao DVD esconde-se nesta frase, meritíssimo."

GO TO satan +& SEARCH OVER SATAN 'S TOMB.

Axel Seth fez a careta de um leigo a quem pediam que lesse em voz alta Os hieróglifos da pedra de Roseta.

"O que raio é isto?"

"É a identificação do paradeiro do DVD. Queria solicitar-lhe que me concedesse o resto da tarde para quebrar esta mensagem críptica. Sugiro que o tribunal se reúna amanhã, altura em que acredito estar em condições de apresentar o material em causa."

O juiz fez Uma careta reticente.

"Não sei se isto é regular", observou, a voz a deixar transparecer a relutância. "Além do mais, tenho amanhã à tarde um importantíssimo conselho europeu em Roma c..."

"Meritíssimo, o regimento que regula este tribunal prevê o prolongamento das sessões preliminares por vinte e quatro horas quando solicitado pela acusação", lembrou a procuradora-chefe, folheando já o dito regimento. "Está aqui na cláusula décima quarta, alínea..."

"Eu sei, eu sei", concedeu Seth. Bufou de impaciência e pegou de novo no martelo. "Muito bem, esta sessão preliminar fica agora suspensa e será retomada amanhã pelas nove da manhã neste mesmo salão. Se o dito DVD não aparecer, no entanto, ficam já avisados de que não mais será admitido neste processo. A acusação teve plena oportunidade para reunir as provas de que necessitava e está na altura de concluirmos esta fase de inquérito e passarmos ao julgamento. Está encerrada a sessão."

Bateu com o martelo na mesa.

A primeira coisa em que Tomás pensou foi que, devido à diferença horária, a hora em que o processo seria reatado no dia seguinte, nove da manhã em Florença, eram oito da manhã em Coimbra, precisamente a hora a que a mãe seria expulsa do lar. O pensamento bateu-lhe no coração e ensombrou-lhe o espírito. O tempo esgotava-se e precisava de resolver o assunto em Itália o mais depressa possível de modo a ficar livre para lidar com o problema da mãe.

Quando o historiador virou as costas e se preparou para sair, a mente mergulhada nesta

dificuldade, um movimento estranho de homens que o observavam com ar suspeito chamou-lhe a atenção. Estudou o movimento e apercebeu-se de que eles assumiam posições estratégicas no Salone dei Cinquecento, preparando-se para o interceptar junto à saída. Tomou nesse instante consciência de que, considerando os altos interesses que o processo punha em causa, as pessoas visadas no DVD que ele se comprometera a trazer a público no dia seguinte não recuariam perante nada, nem perante o escândalo de o assassinar em frente daquela multidão e de toda a imprensa. A realidade pura e dura era que, custasse o que custasse, a pessoa que tudo poderia pôr em perigo tinha de ser travada. Essa pessoa era ele próprio.

Teria pois de lutar pela vida.

O caminho para a porta principal estava vigiado pelos homens que tomavam posição entre a multidão que nesse momento abandonava o Salone dei Cinquecento, pelo que Tomás hesitou. O que deveria fazer? Pedir ajuda à procuradora-chefe? A tentação era grande, mas percebeu que isso de nada serviria se aqueles indivíduos o quisessem mesmo neutralizar. A sua única verdadeira hipótese era escapar da armadilha.

Sentindo o cerco a fechar-se, varreu o espaço com o olhar e a sua atenção recaiu numa porta que ainda não estava vigiada. Parecia-lhe evidente que os homens suspeitos que se aproximavam tinham acabado de chegar e improvisavam o cerco; claramente não haviam notado a existência daquela porta, e muito menos que ela conduzia a outro sector do Palazzo Vecchio.

Sem perda de tempo, convergiu naquela direcção e mergulhou na porta. Apercebeu-se de que a sua fuga desencadeou um rebuliço repentino atrás dele, com empurrões e vozes a protestarem, e presumiu que eram os homens suspeitos a abrir caminho à força no meio da multidão para chegarem à porta e o perseguirem.

Estugou o passo e a marcha acelerada tornou-se, acto contínuo, uma corrida pelos corredores internos do Palazzo Vecchio perante o olhar surpreendido dos vários funcionários camarários com os quais se foi cruzando. Escutou passos desordenados na sua peugada e concluiu que os perseguidores também corriam.

"Stop!", gritou uma voz algures na retaguarda. "Stop!"

Parar era a última coisa que o português planeava fazer. Invadiu a zona dos aposentos dedicados a Leão X; viu uma escadaria e trepou por ela aos saltos de três em três degraus, as coxas a pesarem-lhe do esforço, o peito a arfar, o coração a ribombar mas o olhar sempre a dardejear em múltiplas direcções numa busca desesperada de alternativas e outras vias de fuga. Como poderia escapar àquela ratoeira?

Foi dar à varanda interna superior do salão e meteu por uma porta discreta. O interior dava para um corredor apertado entrecortado por sucessivos lanços de escadas, mas percebeu que o caminho o conduziria a um beco sem saída algures no telhado e optou por ficar onde estava. Aguardou um instante, até os perseguidores chegarem à varanda sobre o salão c, com cuidado, consciente de que o seu esconderijo acabaria por ser avistado, esgueirou-se para essa varanda interna e correu pelo caminho inverso.

"Stop!"

Esperava escapar-se sem ser detectado, mas não teve sorte. Os perseguidores avistaram-no e foram de imediato no seu encalço. Como uma lebre de passo ligeiro, Tomás desceu até ao Salone dei Cinquecento e atravessou-o em corrida até sair pela porta principal, para onde a multidão ainda convergia. Desceu as escadas aos encontros às pessoas e chegou ao átrio, esperando fazer-se à Piazza deita Signoria e fugir assim à armadilha, mas viu o caminho cortado por mais homens com ar ameaçador e, junto às estátuas dos leões, ainda no átrio e sem mais opções, meteu por uma porta e foi dar a uma pequena sala fechada. Estaria de novo encurralado?

Olhou em redor, quase em pânico, e avistou uma saída interna, estreita e escura. Meteu por ela e verificou que era tão apertada que os seus dois ombros roçavam nas paredes, mas avançou porque não lhe restavam alternativas. O corredor foi dar a um lanço acanhado de escadas em espiral, apareceu mais um corredor e novas escadas em espiral, que percorreu sempre aos

encontrões às paredes, afilto e ofegante, sem já perceber onde se encontrava mas sempre a avançar e a subir, até que desembocou numa sala com uma porta. Os passos dos perseguidores estavam próximos. Franqueou a porta e foi dar a uma antecâmara sombria, forrada de quadros com temas mitológicos.

Encurralado.

Não viu qualquer saída e, com o som dos passos dos desconhecidos cada vez mais próximo, percebeu que ia ser apanhado, era uma questão de segundos. Que fazer? Precisava de ajuda e foi nesse momento que pensou em Raquel. Onde diabo se havia ela metido? A espanhola era polícia, não era? Então o que esperava para intervir? Ah, aquilo parecia típico da profissão. A polícia nunca estava onde mais era precisa! A agente da Interpol misturara-se com as pessoas que enchiam o salão para acompanhar a sessão preliminar do processo do Tribunal Penal Internacional e nunca mais lhe pusera Os olhos em cima. Será que ela se tinha apercebido da chegada dos suspeitos? A dúvida instalou-se na mente de Tomás enquanto aguardava o desfecho inevitável naquela antecâmara perdida algures no interior do Palazzo Vecchio. Será que os suspeitos que estavam à beira de o capturar já haviam deitado a mão à agente da Interpol? A possibilidade deixou-o inquieto. Seria por isso que Raquel não dava sinais de vida? Teria sido apanhada? E se...

"Aqui!"

Sentiu uma mão vinda do nada agarrá-lo e puxá-lo para um buraco que aparecera no lugar do segundo quadro à direita. O quadro abriu-se como se fosse uma porta e deu por ele num espaço estreito e sombrio. Sem que tivesse tempo para estudar a abertura para onde fora arrastado, viu o quadro fechar a passagem e com ele levar a luz. Ficou às escuras num lugar estranho, com a impressão de ter sido transportado para uma qualquer quarta dimensão, um buraco perdido entre realidades alternativas.

"Que é isto?", assustou-se ele, atarantado com a forma como fora puxado para ali e com a irre realidade que impregnava o local. "Quem está aqui?"

"Chiui!", foi a resposta sussurrada da treva por uma voz feminina. "Cala-te!"

Era Raquel.

"Raquel, és tu?"

"Cala-te, já te disse!"

Obedeceu e o silêncio impôs-se naquele espaço fechado dentro da parede. Ouviram passos ecoar no outro lado da parede e vozes a disparar em várias direcções. Suspendendo a respiração, perceberam ambos que se tratava dos perseguidores que tinham chegado à antecâmara dos quadros mitológicos e se mostravam desconcertados com a volatilização da sua presa. Ao fim de alguns instantes de aparente desorientação, os ruídos desvaneceram-se e, aliviados, os dois fugitivos começaram a respirar.

"O que é isto?", soprou Tomás, mal se atrevendo a usar as cordas vocais. "Onde estamos nós?"

"Numa passagem secreta", respondeu ela. "Anda. Tem cuidado com os degraus..."

Uma corrente de ar soprou-lhe no rosto, indício seguro de que havia por ali uma qualquer ligação com o exterior, e sentiu a mão de Raquel agarrá-lo pelo braço e puxá-lo para a direita. Receando o que a escuridão ocultava, explorou o chão com o pé até o sentir a embater em algo; tratava-se do primeiro degrau para cima. Tacteando as paredes e sondando o piso, ambos

subiram quatro degraus e deram com uma porta invisível a travar-lhes a progressão.

"Uma passagem secreta, hem?", sorriu Tomás. "Onde raio descobriste isto?"

"Informei-me, ora essa!", retorquiu a espanhola com uma risadinha nervosa. "Parece que esta passagem oculta foi construída na Idade Média por um dos Medei para se esconder no palácio." Deu uma nova risadinha. "Excelente ideia, hem? Dá-nos cá um jeitão..."

"Pois dá", concordou ele. "Só faltavam uns archotes para iluminar o caminho."

Franquearam a porta e acederam a uma câmara apertada em formato cúbico; o chão desenhava um xadrez de mármore gastos, via-se branco de Carrara, vermelho de Siena e verde de Florença. O compartimento secreto era iluminado por uma pequena janela rústica, sem vidros e enquadrada por uma grade de ferro medieval, com vista para os telhados da cidade e por onde brotava a luz solar. A câmara oculta estava rodeada de portas altas de madeira, três em cada parede, doze ao todo. Abriu uma dessas portas e encontrou objectos de cobre e jarros de vidro alinhados em prateleiras.

"Uma câmara de alquimia."

Ao inspecionar a terceira porta deparou-se com uma corda grossa, daquelas usadas no mar. Tomás pegou nela e testou a sua solidez. Satisfeito com a resposta da corda, aproximou-se da janela e, inclinando-se, espreitou lá para baixo; eram dois andares até à rua. Sem hesitar, atou a corda à grade de ferro que enquadrava a janela.

"Que estás a fazer?", questionou-o Raquel, alarmada com o que via.

"Eres loco?"

O português testou a solidez do nó com dois puxões fortes. Constatando que a corda se encontrava bem atada, atirou-a para a rua e virou-se para a sua companheira.

"Vocês na Interpol fazem testes de destreza física, não fazem?", perguntou-lhe em tom de desafio. "Então estou certo de que serás capaz de descer por aqui."

Sem esperar que ela respondesse, empoleirou-se na janela e, agarrando a corda com firmeza, passou para o lado exterior e começou a deslizar pelas muralhas do Palazzo Vecchio. Olhou para cima e viu a espanhola imitá-lo. A descida foi relativamente rápida, as mãos agarradas à corda e as pernas a calcorream a parede como se caminhasse para trás, até que sentiu o chão próximo e, largando a corda, saltou para a rua.

A sua companheira fez o mesmo alguns segundos mais tarde, juntando-se a ele na via della Ninna.

"Ufa!", suspirou Raquel com alívio, inebriada pelo ar fresco. "Desta já nos safámos!"

A trattoria diante da estação de Santa Maria Novella estava a tornar-se o poiso de Tomás e Raquel. Chegaram a considerar a possibilidade de se instalarem num hotel ou numa pousada, mas a necessidade de mostrarem documentos dissuadiu-os; não tinham dúvidas de que os homens que os caçavam percorreriam todos os lugares da cidade onde se pudesse passar a noite.

Quando chegaram ao restaurante, vindos do Palazzo Vecchio, instalaram-se na mesinha que haviam ocupado nessa manhã e mandaram vir comida. Quando o empregado do bigode revirado se afastou com os pedidos, o historiador abriu o bloco de notas sobre a mesa e ambos estudaram o criptograma que teriam de quebrar antes de a sessão preliminar ser retomada na manhã seguinte.

GO TO satan +& SEARCH OVER SATAN 'S TOMB.

"Vai para satanás mais e procura sobre o túmulo de Satanás", leu Raquel literalmente. Levantou os olhos para o português. "Olha lá, não tinhas já decifrado esta algaraviada em Madrid? Na altura fiquei com essa impressão..."

"O que eu percebi no apartamento da tua amiga é que o Filipe tinha escondido o DVD aqui em Florença", esclareceu Tomás. "Foi a notícia dada na televisão sobre a sessão preliminar do Tribunal Penal Internacional, mais o facto de o Filipe me ter dito que viera de Itália, que me puseram nesta pista." Indicou a charada. "Agora o criptograma vai dar-nos a localização exacta do esconderijo."

A agente da Interpol examinou mais uma vez a frase, desta feita com tanta intensidade que dava a impressão que acreditava que os olhos bastavam para arrancar o segredo escondido nas estranhas palavras.

"Isto não se percebe nada!", acabou por desabafar, frustrada. "Que chinesice!"

Também com a atenção centrada na charada, Tomás coçou distraidamente o queixo.

"Já reparaste que há uma coisa bizarra neste criptograma?"

"Uma coisa bizarra?", questionou Raquel, a voz carregada de ironia. "Como! Tudo é bizarro. Tudo."

"Sim, mas... não notaste que, no meio desta frase toda em maiúsculas, existe uma palavra em minúsculas?" Apontou para a palavra em questão. "Este primeiro satan, precedido por um sinal de adição. Está em minúsculas, já viste?"

O olhar da espanhola fixou-se na palavra e no símbolo da adição.

"Sim, e depois? O que tem isso de especial?"

"Por que raio iria o Filipe escrever esta palavra com um formato diferente das restantes? Porquê esta palavra em minúsculas e as restantes em maiúsculas?" Apontou para o "+" colado à palavra. "E, já agora, porquê este símbolo de adição? Ele quer somar o satan a quê?"

Raquel releu a frase em voz baixa, como se falasse para ela própria.

"Vai para satanás mais e..." Calou-se por um instante e fitou Tomás. "Vai para satanás mais!", repetiu, desta vez com intensidade. "Temos de ir a satanás mais!"

O historiador soltou uma gargalhada.

"Pois, mas que raio de lugar é esse? Onde é satanás mais? No Inferno?"

A agente da Interpol ignorou a graça e, contorcendo-se no lugar, levantou o braço e chamou o empregado italiano com um gesto frenético.

"Desculpe, pode dar-me uma informação?"

O empregado abeirou-se dela, solícito.

"Sì, signora. Cosa vuole sapere?"

"Existe aqui em Florença algum sítio chamado... uh... satanás mais?"

O italiano arregalou os olhos, pensando que ouvira mal. "Satanás quê?"

"Satanás mais."

O homem recuou um passo, como se receasse que a cliente se metamorfoseasse no Demónio e lhe lançasse um ataque de fogo com enxofre.

"Scusi, signora, mas eu, de Satanás, felizmente sei pouco. Sabe, sou católico praticante e... enfim... essas práticas do Demo..."

Raquel percebeu que assim não ia lá. Fez um gesto com a mão a mandar o empregado embora.

"Pronto, está bem, está bem!", disse ela com súbita impaciência. "Já percebi..."

O italiano afastou-se, atirando olhares amedrontados à mesa dos clientes ibéricos, talvez a questionar-se quanto à sensatez de os seus antepassados terem ido à Ibéria tentar civilizar loucos daquele calibre.

Distraída momentaneamente na conversa com o empregado, a espanhola não observou a transformação que de repente se operou no olhar de Tomás, fixo naquele satanás mais inscrito no criptograma. O historiador pôs-se a rabiscar letras no bloco de notas, mudando sucessivamente as suas posições até chegar a uma formulação que o satisfizesse.

"Já sei!", exclamou ele de súbito num tom triunfal. "Já sei!"

"O quê? Já sabes o quê?"

"Já sei porque está esta palavra em minúsculas! É um anagrama!"

O olhar dela bailou para cima e para baixo, entre o rosto do seu interlocutor e a charada no bloco de notas. "Um anagrama? Que queres dizer com isso?"

Tomás apontou para o satan+ rabiscado no papel.

"O Filipe pôs o anagrama em minúsculas para assinalar que a sua decifração obedecia a regras diferentes do resto do criptograma, escrito em maiúsculas. Sendo um anagrama, temos de rearranjar a palavra satan de modo a dar uma palavra diferente com as mesmas letras. Entendes? É um anagrama! Uma vez fizemos este truque no liceu."

"Ai sim?", admirou-se ela. "E existe alguma palavra que nasça do rearranjo das letras de satan?"

O português indicou as letras que rabiscara instantes antes no bloco de notas.

"Santa", disse. "A palavra santa escreve-se com as mesmas letras de satan, mas arranjadas numa ordem diferente. Santa é um anagrama de satan. Basta tirar o n do fim e metê-lo no meio da palavra."

"Santa?", interrogou-se a agente da Interpol, voltando a concentrar-se na frase completa do criptograma. "Vai a santa mais e procura sobre o túmulo de santa?"

"O anagrama só se aplica ao satan escrito em minúsculas, pelo que o segundo satan se mantém satan."

"Vai a santa mais e procura sobre o túmulo de Satanás", corrigiu Raquel. "Que raio quer isso dizer? O que é santa mais?" O historiador riu-se.

"Não é mais", observou, apontando para o "+". "Não se trata do sinal de adição, mas de uma

cruz, percebes? Ou seja, a mensagem diz: Vai a santa cruz."

Pegou na caneta e reescreveu o criptograma, desta feita com o anagrama desvendado.

GO TO santa cross & SEARCH OVER SATAN 'S TOMB

"Hmm...", murmurou Raquel, mordendo o lábio inferior. "Começa a fazer sentido."

Desta feita foi Tomás a levantar o braço e a chamar o empregado. O homem aproximou-se num passo um tudo-nada receoso, na dúvida sobre o que o esperava daqueles clientes.

"Signore?"

"Oiça, existe aqui algum sítio chamado santa cruz?"

Ao ouvir o nome, o olhar do italiano iluminou-se.

"Ah, a basílica! Sim, sim, é lá que vou rezar todos os domingos!", revelou. "La basilica di Santa Croce! É famosa e belíssima!" Deu um beijo ruidoso na ponta dos dedos. "Madonna, che bella! Uma obra de arte sem igual!"

Com o olhar de quem começava a relacionar as coisas, o historiador fez um gesto para a rua. "Essa basílica... não é aquela aqui no centro da cidade?" O empregado balançou afirmativamente a cabeça.

"Si, signore."

"É o lugar onde estão enterrados os grandes de Itália, não é? Miguel Ângelo, Galileu..."

O italiano esboçou um gesto largo pelo ar.

"Dawero, signore! A basílica é o tempio dell'Itale glorie! É lá que os grandes dos grandes dormem o sono eterno! Os gloriosos filhos de Florença e de Itália!"

Num movimento que parecia sincronizado, Tomás e Raquel cruzaram um olhar carregado de subentendidos. Enfim decifrado, o criptograma de Filipe tornara-se mesmo um mapa.

A fachada de mármore nêvo da basílica, com três grandes portas de madeira maciça e coberta de relevos rectangulares com uma grande estrela de David no topo, parecia olhá-los de esguelha, quase com sobranzeria. Atravessaram a Piazza della Croce, tranquila ao fim da tarde, e subiram a escadaria exterior. Quando iam a entrar pela porta central, a maior, cruzaram-se com um monge franciscano.

"Desculpe", interpelou-o Tomás, "será que me pode dar uma informação profissional?"

"Com certeza", retorquiu o monge, solícito. "O senhor é da equipa de restauro que vem de Pisa?" Virou-se para o interior da basílica. "Os frescos de Giotto encontram-se ali ao fundo, na capela."

"Não, não é isso", atrapalhou-se Tomás. "Somos... enfim, turistas. Disseram-nos que havia aqui alguns túmulos importantes, designadamente de Miguel Ângelo e Caldeu, de modo que..."

O olhar do monge iluminou-se.

"Ah, os túmulos!", exclamou, percebendo o seu equívoco. "Peço desculpa, confundi-vos com uma equipa que... ah, não interessa." Voltou-se de novo e apontou para as alas. "Os túmulos estão nos dois lados da basílica." Baixou a voz, quase em confidência. "O de Miguel Ângelo é fabuloso, com figuras de Vasari, não o percam." Juntou os dedos para cima, num gesto muito italiano. "Bellissimo!"

"Os corpos deles encontram-se mesmo aqui?"

O franciscano fez um ar escandalizado, como se tal hipótese nem pudesse ser questionada.

"Seguramente!" Hesitou. "Excepto, claro, os de Marconi, Fermi e Dante Alighieri, não é verdade? Esses têm aqui os túmulos mas, receio bem, Os seus restos mortais não se encontram na basílica."

Raquel arregalou os olhos.

"Marconi, Fermi e Dante também têm túmulos na basílica?"

"Madonna!, não sabia? Não é em vão que chamam a Santa Croce, basílica fundada pelo próprio S. Francisco, que Deus o tenha eternamente sentado à Sua direita, o tempio dell'Itale glorie!" Fez uni gesto convidativo a indicar o interior da basílica. "Prego, vejam por vós mesmos!"

Os dois visitantes agradeceram ao monge e penetraram enfim na basílica. O historiador apreendeu o interior com o olhar, assimilando quase instantaneamente as características do santuário. A decoração de Santa Croce era mareada pela austeridade franciscana, com a planta em formato de cruz egípcia e as alas separadas por linhas de colunas octogonais. A luz natural jorrava das janelas e dos vitrais no alto, a despejar focos numas partes do chão de tijoleira e a deixar outras partes na penumbra, competindo com a iluminação amarelada das lâmpadas penduradas do tecto. Pairava um cheiro quente a cera no ar, embora não se avistassem velas em parte alguma.

Depois de absorverem o conjunto, Tomás e Raquel deslizaram para a esquerda e, por detrás das colunas, depararam-se com estruturas de mármore enquadradas por pequenas estátuas e separadas por pinturas gigantescas.

"Que é isto?", quis a espanhola saber. "São capelas?" De olhar fascinado a contemplar as estruturas, o historiador abanou a cabeça.

"Túmulos."

Abeiraram-se do segundo sepulcro a contar da esquerda e viram, na base da urna, uma inscrição em caracteres latinos que se iniciava com o nome Galilaeus Galileus.

"É este o de Galileu?"

Sem pronunciar palavra, Tomás assentiu com a cabeça. Nos minutos seguintes percorreram as duas alas da basílica, sempre a registarem os nomes que iam encontrando, o historiador a identificá-los em voz baixa e a agente da Interpol a tornar nota num pequeno bloco.

"Enrico Fermi, físico", murmurou ele, passando ao seguinte. "Leonardo da Vinci." Parou para contemplar o túmulo do autor da Gioconda, antes de recomeçar a andar. "Vittorio Alfieri, poeta e dramaturgo... Eugenio Barsanti, um dos inventores do motor de combustão... Lorenzo Bartolini, escultor..." Estacou diante do seguinte. "Leon-Battista Alberti, arquitecto e autor de uma das mais famosas cifras de criptografia, a cifra de Alberti."

A espanhola ergueu uma sobancelha, alertada pela observação.

"Ora aqui está um túmulo curioso", constatou. "Não era o Filipe amante da criptografia?"

"De facto", anuiu Tomás, sem tirar os olhos do mausoléu do famoso criptógrafo italiano. "Ele e eu, de resto. Muitas vezes ocultámos mensagens com recurso à cifra de Alberti."

Com esta constatação em mente, prosseguiram a observação das paredes da basílica a estudar os restantes túmulos. Passaram pelo de Leonardo Bruni, entretiveram-se com os de Niccolò Machiavelli e Dante Alighieri, espreitaram furtivamente Os de Ugo Foscolo, Giovanni Gentile e Lorenzo Ghiberti, maravilharam-se com o de Miguel Ângelo, observaram com ar distraído os de Carlo Marsupini, Raffaello Morghen, Clary, Gioacchino Rossini, Louise di Stolberg-Gedern e detiveram-se por momentos diante do mausoléu vazio de Marconi.

Quando terminaram, recuaram para o corredor central da basílica e contemplaram o conjunto dos túmulos.

"Sabes o que te digo?", perguntou Raquel. "Falta um."

Tomás olhou-a inquisitivamente.

"Qual?"

A espanhola recuou umas páginas no seu bloco de notas até encontrar o que procurava. Elevou o bloco ao ar e apontou ao historiador a frase que haviam arrancado do criptograma.

GO TO santa cross & SEARCH OVER SATAN 'S TOMB

"Satanás", disse ela. "Falta o túmulo de Satanás." Baixou de novo os olhos para o bloco de notas. "Vai a Santa Croce e procura sobre o túmulo de Satanás", leu, traduzindo a frase. Voltou a fitá-lo. "Não podia ser mais explícito."

Uma expressão sarcástica desenhou-se no rosto do português.

"Que eu saiba, Satanás não é um herói italiano", observou num tom sibilino. "Duvido que tenha aqui algum túmulo."

Ignorando o sarcasmo, Raquel apontou para as duas últimas palavras da frase.

"No entanto, o Filipe é aqui muito claro quando diz que procure sobre o túmulo de Satanás. Se calhar é melhor espreitarmos outros pontos da basílica, não achas?"

O historiador fez um gesto largo, abarcando todos os túmulos que se encontravam incrustados nas duas paredes de Santa Croce.

"A referência a Satanás na mensagem do Filipe tem de ser lida de forma simbólica, como é evidente", estabeleceu. "Isso significa que o túmulo de Satanás é um dos que aqui estão, não tenhas dúvidas quanto a isso." Hesitou, contemplando as placas a identificar cada figura. "A

questão é saber qual."

Os olhares dos dois visitantes passearam entre os vários túmulos, tentando arrancar o segredo que um deles escondia. Galilcu, Alberti, Alfieri, Miguel Ângelo, Dante, Da Vinci, Machiavelli, Marconi, Fermi, Rossini, Morghen, Gentile, Barsanti,

"Ay, madre mia", suspirou Raquel, indecisa. "Como vou eu adivinhar qual deles é Satanás?"

"Não estamos a falar de alguém que se chame Satanás", insistiu Tomás. "Basta um indício, uma obra que alguém tenha feito e que estabeleça uma qualquer ligação com o Diabo..."

"Mas o quê?"

"Sei lá", retorquiu o historiador. "Algum destes homens escreveu alguma coisa sobre Satanás ou fez uma pintura sobre o Inferno ou um poema a propósito de qualquer coisa do género?"

O olhar da espanhola percorreu de novo os nomes nas paredes da basílica. Galileu, Alberti, Alfieri, Miguel Ângelo, Dante...

Abriu a boca, presa a este último nome.

"Dante!", exclamou, o olhar incendiado pela epifania. "Dante Alighieri!"

Com uma expressão pensativa, Tomás mordeu o lábio inferior como se ponderasse a ideia.

"Dante? Por causa da Divina Comédia?"

A agente da Interpol agarrou-o pelos ombros e obrigou-o a voltar-se para o sepulcro do grande escritor.

"Sim, Dante!", exclamou, alterada. "Dante! O Inferno de Dante!" Fez um gesto impetuoso a indicar o túmulo do famoso florentino. "Dante é a resposta!" Colou-lhe o bloco de notas à cara. "Vai a Santa Croce e procura sobre o túmulo de Satanás, escreveu Filipe. Dante, o autor de A Divina Comédia e o criador do Inferno dos Infernos, é Satanás! Coño!, não é evidente?"

Sem perder tempo, a espanhola acercou-se do túmulo de Dante Alighieri e estudou-o. Era uma estrutura pesada, enquadrada por três estátuas, uma delas inclinada sobre o túmulo. Uma inscrição na base indicava Danti Aligherio.

"Não ouviste o que o monge franciscano disse?", perguntou Tomás. "O túmulo de Dante, tal como os de Marconi e Fermi, estão vazios."

"E então?!", questionou ela. "Isso só reforça a minha ideia, aliás."

Foi justamente por este túmulo estar vazio que Filipe o escolheu! Temos de abrir o túmulo de Dante! As ossadas dele não se encontram lá, mas o material que procuramos sim!"

Sem perder tempo, Raquel encavalitou-se sobre o túmulo e fez força para erguer a tampa de mármore, mas o português travou-a e puxou-a para baixo.

"Enlouqueceste?", perguntou num tom de repreensão. "O que diabo estás a tentar fazer?"

"A abrir o túmulo, ora essa!"

O historiador lançou um olhar em redor, para se certificar de que ninguém os estava a observar; os seus receios, porém, confirmaram-se, pois viu um monge encaminhar-se para eles com ar furioso.

"O que andam vocês aí a magicar?", questionou o monge. "Desça já daí, minha senhora!"

Apanhados em flagrante, Tomás e Raquel ficaram por momentos paralisados. O português foi o primeiro a reagir; recompôs-se de imediato e assumiu um ar doutoral.

"Somos da equipa de restauro", disse com voz surpreendentemente firme. "Viemos de Pisa."

O monge hesitou, desconcertado. .

"Ah! Mas... vocês não vinham restaurar o Giotto?"

"Claro que sim. Só que estamos também a fazer uma inspecção aos mausoléus. Se houver aqui algum problema, faremos o restauro sem encarecer o trabalho. Tudo incluído. Sabe como é, o patrão é muito católico e tem muito gosto em ser útil à nossa santa Igreja."

O monge escançou as mãos, o semblante passando sucessivamente da cólera para a surpresa e depois para a satisfação.

"Ah, muito bem, muito bem!", condescendeu, desenhando uma cruz no ar diante de Tomás.

"Que Deus vos abençoe, a vós e ao vosso patrão." Inclinou-se, muito atencioso. "Precisam de alguma coisa?"

"Apenas de tranquilidade."

"Com certeza! Em caso de necessidade, chamem-me. Estou ali junto ao altar."

O monge virou costas e afastou-se, lançando olhares para trás. Os dois visitantes, conscientes de que estavam a ser vigiados, assumiram uma postura aparentemente profissional, como se inspecionassem o estado do mármore do mausoléu de Dante.

"Excelente capacidade de improviso", elogiou Raquel logo que se sentiu mais à vontade. "Estou impressionada."

"Nada disto seria necessário se tivesses juízo", sussurrou ele em tom de repreensão. "Não se pode chegar a um sítio destes e começar a abrir túmulos, ouviste? Muito menos de personalidades como estas! Que ideia é essa de queres abrir o túmulo de Dante, assim sem mais nem menos?"

"As ossadas de Dante não se encontram dentro do sepulcro, Tomás! Não há problema, o túmulo está vazio!"

"Não interessa! Tens de ter respeito, percebes?" Fez um gesto a indicar a pedra superior do túmulo. "Além do mais, isto é demasiado pesado para se abrir desse modo."

"Mas, Tomás, não percebes?", insistiu ela, indicando enfaticamente o túmulo de Dante. "Este túmulo está vazio! É obvio que foi por isso que Filipe o escolheu para esconder o DVD."

O português abanou a cabeça e indicou o bloco de notas que ela mantinha na mão.

"Lê a frase outra vez."

Sem entender o pedido, e muito menos o cepticismo dele, Raquel espreitou os apontamentos.

"Vai a Santa Croce e procura sobre o túmulo de Satanás", leu, levantando de seguida os olhos para o fitar com grande intensidade. "Isto é muito claro." Apontou com insistência para o sepulcro. "Temos de procurar neste túmulo."

"Procura sobre o túmulo de Satanás", repetiu Tomás. "Sobre o túmulo, não no túmulo ou dentro do túmulo. Entendeste? Não vale a pena abrires o túmulo porque não está nada lá dentro. O material que queremos está sobre o túmulo."

A atenção da agente da Interpol desviou-se de novo para o sepulcro de Dante Alighieri e fixou-se na estátua sobre o túmulo, mostrando um homem sentado de mão no queixo no topo, em pose pensativa.

"Achas que é aquela estátua que tem o material?"

O historiador encolheu os ombros, como se a resposta lhe fosse indiferente.

"Vai lá espreitar."

Raquel voltou a encavalitar-se sobre o túmulo e vasculhou por detrás da estátua no topo.

"Nada", constatou com desânimo. "Não está aqui nada." "Então desce."

A espanhola voltou a espreitar o topo do túmulo.

"Ouve, se calhar é melhor ver se está aqui no..."

"Desce!", ordenou ele com voz de comando. "Imediatamente!"

Ela obedeceu, mas não parecia contente.

"Olha lá, o que se passa contigo?", protestou quando voltou ao chão. "Não vês que temos de passar isto a pente fino? A busca tem de ser minuciosa."

Tomás abanou a cabeça com um movimento vigoroso. "Não é este o túmulo certo."

"Não?", admirou-se Raquel, cruzando Os braços e esboçando a expressão contrariada de uma menina mimada. "Então qual é, senhor Sabe Tudo? 1-lá? Diz-me, qual é?"

O historiador recuou de novo até ao centro da basílica e estudou os vários túmulos ao longo das duas paredes. Após uma pausa para reflexão, encaminhou-se para a parede direita e deteve-se diante do quarto túmulo, pousando a mão na placa com o nome.

"É este."

A espanhola aproximou-se. Tratava-se de um túmulo simples, apenas com uma estátua, uma figura feminina sentada sobre o tampo com a mão direita a segurar um escudo redondo.

"Este?", admirou-se, ainda sem ver o nome esculpido na base. "Porquê este?"

"Porque este homem, no seu tempo, era conhecido por Il Diavolo. O Diabo." Arqueou os olhos. "Satanás."

O olhar de Raquel desceu para a placa na base do túmulo, tentando identificá-lo. O nome estava inscrito na segunda linha.

Nicolaus Machiavelli.

"Maquiavel?"

O historiador anuiu.

"A grande obra de Maquiavel, O Príncipe, foi denunciada repetidamente como uma criação do Diabo devido às suas teses amorais de que os fins justificam os meios e incluído no Index dos livros proibidos pela Igreja por ofender a ética cristã. O seu romance Belfagor arcidiavolo menciona até o Diabo explicitamente no título. Diz-se que o papa visitou Maquiavel no seu leito de morte e lhe perguntou se ele renunciava ao Diabo. Maquiavel não respondeu. O papa perguntou uma segunda vez, de novo sem obter resposta. À terceira, Maquiavel abriu os olhos e disse: 'Esta não é altura para fazer inimigos.'"

A espanhola mostrou os dentes, num sorriso forçado.

"E esta não é a altura para contar graçolas parvas", repreendeu-o. "Se Maquiavel é Satanás, onde está o material que Filipe escondeu?"

Foi a vez de Tomás se empoleirar no túmulo e tactear o espaço por detrás da estátua. Apalhou as costas da figura de pedra e só se deteve quando mexeu na parte de trás do escudo circular. Sentiu com a ponta dos dedos um objecto liso no verso do escudo e percebeu que estava colado por fita-cola. Arrancou a fita adesiva e retirou o objecto do seu esconderijo. Era um DVD.

O Arno gorgolhava de mansinho, o som da água momentaneamente abafado pelo ocasional automóvel ou motociclo que cruzava a pequena rua marginal. Sentados junto ao murete fronteiro ao rio, mais mendigos miseráveis a pedincharem uma esmola, Tomás e Raquel vigiavam a entrada dos Uffizi pela fachada de Vasari, um acesso habitualmente aberto ao público mas que nessa ocasião se encontrava fechado por uma barreira e com a passagem controlada por um homem corpulento. Na última hora haviam notado ali alguma actividade.

"Olha, lá vêm outros", murmurou Raquel, chamando a atenção para três vultos que nesse momento se aproximavam da direita. "É mais do mesmo, hem?"

Sem se virarem, para não denunciar interesse no movimento dos recém-chegados, Tomás seguiu discretamente pelo canto dos olhos a aproximação dos vultos. Eram três pessoas de capuz e com sacos nas mãos, provenientes da Ponte alle Grazie; pela corpulência e pela maneira de caminhar percebia-se que se tratava de dois homens e uma mulher. Vinham calados e pareciam atentos ao espaço em redor, como se estivessem alerta.

"Não há dúvida", concluiu o português, sempre impassível. "É aqui que tudo se passa."

A agente da Interpol seguiu os três vultos com o olhar, vendo-os mergulhar na sombra por detrás das colunas da fachada e desaparecer pelo átrio central dos Uffizi.

"O Filipe disse que nos apresentássemos à meia-noite e perguntássemos pelo Mefistófeles", lembrou ela. "Não será melhor esperar por essa altura?"

Tomás fez um gesto negativo com um movimento quase imperceptível e meteu a mão no bolso.

"Avançamos quando as condições estiverem certas e seguindo o nosso plano", retorquiu, exibindo a coronha do taser. "Vamos ver se aparece alguém que seja adequado."

Permaneceram mais alguns minutos sentados junto ao murete, com o chapéu no chão a pedir esmola e uma folha de cartolina a identificá-los como romenos que precisavam de ajuda. Passou mais um grupo de três pessoas com a cabeça coberta, desta feita duas mulheres e um homem, e a seguir um grupo de quatro, dois homens e duas mulheres. Ninguém parecia vir sozinho.

Quando consideravam já o plano alternativo, o de se apresentarem eles mesmos nos Uffizi conforme requerido no e-mail, aperceberam-se de que um casal também com casacos de capuz a ocultar-lhes os rostos aparecia da esquerda, da Lungarno degli Archibusieri. Tomás fez sinal a Raquel e ambos se levantaram e cruzaram a rua a mancar, como se tivessem dificuldade em caminhar. Uma vez no outro passeio, viraram-se e seguiram ao encontro dos dois desconhecidos.

No momento em que se iam cruzar com eles, Tomás tirou o taser do bolso e disparou consecutivamente sobre um e sobre o outro.

Os dois caíram no chão, atordoados.

"Depressa!", disse Raquel num sussurro prenhe de urgência. "Ajuda-me a puxá-los para a bermal!"

Arrastaram os corpos assarapantados dos dois encapuzados para a estreita galeria do passeio que conduzia à Ponte Vecchio, um espaço convenientemente abrigado dos olhares indiscretos, e colaram-lhes aos narizes algodão embebido em clorofórmio. Os movimentos dos dois cessaram por completo. Enquanto a espanhola verificava se tinham mesmo ficado

inconscientes, Tomás vasculhou-lhes nos sacos.

"Têm dose para duas horas de sono", constatou Raquel, erguendo o olhar para o português. "Então? O que trazem eles?"

O historiador tirou do interior dos sacos um tecido branco sujo, áspero como serapilheira, e exibiu-o com um sorriso de satisfação e um brilho traquina a refulgir-lhe nos olhos.

"Trazem o que precisamos", disse. "Anda, veste-te."

Aproveitando a sombra, despiram os dois corpos inanimados e vestiram as roupas que eles traziam, tendo o cuidado de também taparem a cabeça com o capuz do casaco. Vistoriaram-lhes os bolsos e localizaram uma folha amarrotada que desdobraram de imediato. No centro da folha estava rabiscada a lápis uma mensagem enigmática.

Password: Marcos, 5:9

"Que é isto?"

"É uma referência ao Evangelho de Marcos", constatou Tomás. Estreitou as pálpebras. "Dá a impressão de que se trata da senha para entrar nos Uffizi."

Raquel atirou-lhe um olhar de pânico.

"Meu Deus, onde vamos nós arranjar agora uma Bíblia para ler esse versículo?"

"Não há hipótese", retorquiu o historiador, consultando o relógio. "Já são quase onze da noite, teremos de improvisar."

Sem deixar à espanhola tempo para levantar objecções, Tomás regou de vinho as roupas dos dois e deixou-os inanimados num canto escuro do passeio coberto pela galeria; quem por ali passasse e os visse pensaria que não passavam de uns ébrios que dormiam naquele canto. Depois pegou num saco e fez sinal à companheira de que o imitasse. Não muito convencida, Raquel agarrou no saco da mulher que tinham posto sem sentidos e acompanhou-o em direcção à entrada dos Uffizi, ambos assumindo a identidade do casal encapuzado.

"Estás louco!", sussurrou ela com a voz dominada pelo alarme. "Não podemos entrar sem ler primeiro esse versículo da Bíblia!..."

"Não há tempo."

"Mas... vamos ser apanhados!"

"Temos de arriscar, não há alternativa!"

Cruzaram a entrada pela fachada de Vasari e depararam-se imediatamente com o homem corpulento que vigiava o acesso e lhes cortou o caminho no início do cortile, o pátio interior dos Uffizi.

"Como te chamas?"

Tomás ficou embasbacado, sem saber o que responder.

"Domenico", acabou por dizer, improvisando com o primeiro nome que lhe veio à cabeça. "O meu nome é Domenico."

O homem arreganhou os dentes, numa expressão de contrariedade.

"Não é isso, idiota!", repreendeu-o. "A contra-senha. 'Como te chamas?'"

O historiador percebeu nesse instante que a própria pergunta era a senha; teria de dar a contra-senha. Mas que contra-senha seria adequada a uma senha daquelas? Reflectiu durante uma fracção de segundo e concluiu que só podia tratar-se de uma citação do Evangelho de Marcos, mencionado no papelinho que haviam encontrado nos bolsos do casal que tinham posto fora de combate junto ao Ponte Vecchio. Fez um esforço para se lembrar do que lera no

Evangelho de Marcos e ocorreu-lhe então o episódio do exorcismo de Jesus em Gerasa, descrito pelo evangelista, no qual Jesus perguntou a um espírito maligno como se chamava.

"Legião", disse Tomás de repente, quase como se a palavra fosse a sua bóia de salvação. "Chamo-me Legião, porque somos muitos."

O guarda deu um passo para o lado.

"Podem passar", autorizou, apontando para uma porta à direita. "Subam por ali até ao terceiro andar. Os homens vestem-se na Sala Lippi, as mulheres na Sala Leonardo, e a cerimónia começou na Sala Botticelli, entre a Lippi e a Leonardo. Despachem-se, já vão atrasados!"

Antes que fizessem algo que os denunciasse, Os dois retardatários apressaram o passo e desapareceram para lá da porta indicada, Raquel pasmada com a presença de espírito do historiador.

A sala estava mergulhada na escuridão, apenas iluminada pelas chamas trémulas de quatro velas assentes em cruz, cada uma num ponto cardeal. Vestidos com as tónicas ásperas que haviam retirado dos sacos, Tomás e Raquel entraram em passo leve na Sala Borticelli e juntaram-se ao grupo de acólitos que, também de túnica, se encontrava de costas, toda a gente virada para a parede interior. Diante dessa parede, decorada com um tríptico de Van der Goes a representar a adoração ao menino Jesus, estava uma mesa que, ornamentada por Uma enorme cabeça de bode, parecia desempenhar a função de altar; o contraste entre o altar demoníaco e o tríptico cristão era evidentemente uma maldade intencional.

Os recém-chegados espreitaram e perceberam que havia uma mulher estendida sobre a mesa, deitada de costas com uma vela negra em cada mão, as chamas trémulas a bambolearem como serpentes hipnotizadas. Um homem envolvido num manto escarlate brilhante e com um capuz a ocultar-lhe a cara, como de resto toda a gente naquele espaço, aproximou-se dela em passos lentos e, com um movimento brusco, meteu-lhe a mão por dentro da túnica para lhe apalpar uni seio. De seguida inclinou-se e beijou-a lascivamente na boca.

"Madre mia!", sussurrou Raquel, chocada. "Que é isto?" "Uma missa negra", retorquiu Tomás num sopro. "Chiu." "E aquele? Quem é?" Aquele era o homem de manto escarlate que, inclinado a beijar a mulher, parecia dominar o altar e dirigir o que se passava na Sala Botticelli. "É Magus, o mestre-de-cerimónias." O português colou as palmas das mãos e esboçou um gesto de súplica. "Agora cala-te, por favor. Ainda nos denuncias!..."

Depois de executar os preliminares de natureza sexual, designadamente beijos concupiscentes e prolongadas carícias nos seios e entre as pernas da mulher estendida sobre o altar, Magus endireitou-se e, voltando-se para Os fiéis, passou para um acólito um cálice de bronze com um pentagrama invertido.

O acólito bebeu do cálice e passou-o ao acólito seguinte, de modo que o cálice percorresse toda a congregação. Fez-se assim um compasso de espera, que Os dois intrusos aproveitaram para estudar o que os cercava. Os vários quadros renascentistas que ornavam a sala pareciam espectros sob a luz trémula das velas, sentinelas estáticas a que as sombras em movimento conferiam vida, projectando formas bizarras sobre o chão e as paredes. Os dois intrusos encontravam-se na retaguarda da congregação e nesse instante, com surpresa, o historiador apercebeu-se de que a parede atrás deles era decorada por La nascita di Venere, o célebre quadro de Botticelli que retrata o nascimento de Vénus, uma das pinturas mais notáveis do Renascimento; pareceu-lhe um sacrilégio uma cerimónia daquelas decorrer diante de tal obra.

O cálice chegou por fim às mãos de Tomás, que molhou os lábios com o líquido no seu interior e de imediato o passou a Raquel. A espanhola vacilou, desconfiada, quando espreitou a mistela que se agitava lá dentro.

"O que é isto?"

"Bebe e cala-te."

Percebendo que o momento não era o mais adequado para alimentar dúvidas, a agente da Interpol provou um trago e passou o cálice para o acólito seguinte. Quando o copo se afastou, ela voltou a encostar a sua cabeça à de Tomás.

"Que era aquilo?" "Vinho tinto com álcool destilado e incenso misturado com mirra e ervas tóxicas, como meimendo e beladona. E asfalto, claro." "Agh! Asfalto?"

"As missas negras usam essas substâncias para subverter o ritual de consagração cristã. A beladona, por exemplo, é uma planta cujo nome científico é *Atropa belladonna*, nome que vem de *Átropos*, a terceira das Meras, ou destinos da mitologia grega, aquela que corta o fio da vida. Considerando que esta missa pretende honrar Satanás, trata-se de substâncias adequadas, não te parece?"

O cálice regressou entretanto ao altar. Magus pegou numa lâmpada com carvão incandescente, deitou-lhe incenso e começou a baluçá-la, fumegante, pelo espaço em redor, espalhando o fumo sobre a mulher estendida no altar e sobre a cabeça de bode.

"Que este incenso te faça rejubilar, Senhor dos Infernos", disse Magus com uma voz cavernosa.

"Que os teus poderes venham até nós", respondeu a congregação em coro.

Magus pôs-se então a deambular diante da linha dianteira dos acólitos, espalhando também entre eles o fumo da lâmpada.

"Que Lúcifer esteja convosco."

"E contigo também, poderoso Magus."

"Corações ao alto."

"Ergamos os nossos espíritos a Satanás."

"Dêmos as boas graças ao mestre infernal", entoou Magus, estendendo o braço numa saudação romana. "Ave Belzebu, Senhor do poder, imperador da Terra e do Inferno, nosso guia e rei da morte e da treva infinita."

O mestre-de-cerimónias pousou a lâmpada aos pés do altar e, abrindo a túnica da mulher deitada sobre a mesa, mergulhou a cabeça entre as pernas dela e começou a lambê-la. Acto contínuo, os membros da congregação deixaram cair as túnicas e ficaram nus, mantendo apenas o capuz a tapar-lhes a cabeça.

"Que é isto?", assustou-se Raquel. "Que se passa aqui?" O português imitou o resto da congregação e soltou também a sua túnica.

"As missas negras envolvem orgias rituais", esclareceu em voz baixa. "Despe-te e faz como toda a gente."

Ali estava um conselho que a agente da Interpol não fazia tenções de seguir.

"Ah, isso não!", retorquiu ela, sacudindo enfaticamente a cabeça. "Nem pensar!"

"Despe-te, senão atraís a atenção sobre nós!"

"Não!"

Os elementos da congregação que se encontravam mais próximos começaram a deitar olhares inquisitivos na direcção de Raquel, que por esta altura era a única das fiéis ainda vestida na sala.

"Então?", disparou um deles, a voz e o olhar carregados de censura. "Não te despes?"

A espanhola ficou sem saber o que fazer.

"Ela é nova", apressou-se Tomás a esclarecer, tentando disfarçar. "Ainda tem inibições difíceis de superar. Vamos dar-lhe tempo, meus irmãos."

"As inibições ficam lá fora", rosnou o acólito com um olhar feroz. "Ela que se despa."

Rendendo-se ao inevitável, Raquel respirou fundo. Ou se despia, percebeu, ou seria apanhada. Resignada, deixou a túnica escorregar para o chão e ficou igualmente nua, apenas a cabeça tapada. O problema, tinha consciência, é que aquilo não iria acabar por ali. Não fora

Tomás que falara numa orgia? Que coisas mais seria ela forçada a fazer para manter o disfarce? Será que o mestre-decerimónias também lhe meteria a cabeça entre as pernas, como nesse mesmo instante fazia à mulher deitada sobre o altar? Pior ainda, será que ela, Raquel, teria de lhe fazer o mesmo? As perspectivas pareciam-lhe demasiado grotescas para poderem ser contempladas. Por que raio concordara ela com aquele plano louco? Como sairia daquele imbróglio?

A situação no altar evoluía entretanto. Magus tinha-se libertado também do manto escarlate e a mulher que estava deitada sobre a mesa erguera-se e tinha a cabeça mergulhada entre as pernas dele, fazendo movimentos rítmicos para cima e para baixo. À distância não se viam os pormenores, mas era evidente o que se passava. Depois ela voltou a estender-se de costas sobre o altar e o mestre-de-cerimónias pôs-se em cima dela e levou o acto sexual até ao termo. Terminou entre vagidos e urros e, quando por fim se levantou, pegou num pequeno sino e tocou-o três vezes.

Tratava-se com certeza de um sinal, pois, logo que soou o terceiro toque, os acólitos nus abraçaram-se e começaram a beijar-se com volúpia e gula carnal. Vendo o que se passava em redor, e percebendo que teria de imitar a congregação, Tomás abraçou Raquel e beijou-a nos lábios. A espanhola permanecia hesitante, sem perceber se deveria cooperar ou pôr um travão àquela loucura desenfreada.

"Confesso que estava ansiosa por fazer isto contigo, cariño", sussurrou-lhe ela ao ouvido. "Mas não aqui, não nestas circunstâncias nem desta maneira. O que vamos agora fazer?"

"Teatro", devolveu ele. "Vemos o que eles fazem e fingimos que fazemos o mesmo. Estão todos entretidos, ninguém vai notar."

A espanhola soltou uma risadinha baixa.

"Muy bien", assentiu. "Mas com uma condição: quando esta confusão acabar, fazemos tudo isto, mas a sério e em privado."

Tomás calou-a com um beijo, os olhos meio abertos para espreitar o que se passava em redor. A certa altura os acólitos puseram-se a copular e, sob o olhar virginal da Vénus de Botticelli, o português deitou-se sobre a sua companheira e ambos fingiram que o faziam também.

Por esta altura Magus pronunciava estranhas palavras rituais, como uma litania concebida para acompanhar o acto, segurando diante da boca uma bola de quartzo tetraedro.

"Nee-thrar-ethun-aye-att-arz-oth", entoou. "Binn-ann-ath-ga-waf-amm."

De rosto colado ao de Tomás, Raquel fez um sinal na direcção do mestre-de-cerimónias.

"O que raio está ele para ali a fazer?"

"Usa uma fórmula de Paracelso para invocar Satanás e os demónios, pedindo-lhes que se juntem à orgia", esclareceu o historiador, mantendo os movimentos rítmicos da anca a simular a cópula. "As seitas satânicas acreditam que as orgias libertam a energia sexual reprimida pelo cristianismo. Essa energia é canalizada para a bola de quartzo que ele tem na mão, conferindo-lhe assim maior força. Essa força será depois usada para o Magus cimentar o seu poder."

A espanhola manteve os olhos presos no companheiro por cima dela; parecia na dúvida sobre como o deveria avaliar.

"Como diabo sabes tudo isso?"

"Sou historiador", sorriu ele. "As missas negras vêm da Idade Média e tive de as estudar."

Até li o Malleus Maleficarum."

"Maleus... quê?"

"É um velho manual sobre bruxaria." Ergueu as sobrancelhas. "Muito instrutivo."

Terminaram o acto simulado ao fim de um curto minuto, fingindo o êxtase no final. Quando concluíram olharam em redor. Alguns acólitos também já haviam terminado o sexo ritual e vestiam as túnicas, pelo que os imitaram.

Os mais retardatários da congregação puseram fim à orgia uns cinco minutos mais tarde. Magus encerrou então a formulação das palavras mágicas diante da bola de quartzo tetraedro, escolhida devido às suas vibrações especiais, e regressou ao altar. Pegou na lâmpada e voltou a espalhar incenso pelo espaço em redor.

"Glória a ti, senhor Belzebu, mestre dos Infernos, rei da..." "Dá licença, poderoso Magus?"

A prece foi interrompida pelo homenzarrão que guardava o cortile e que entrou nesse momento na sala. O mestre-de-cerimónias pousou no chão a lâmpada com o incenso.

"Ah, Mefistófeles! Que se passa?"

O guarda aproximou-se de Magus e segredou-lhe umas palavras imperceptíveis à distância. O mestre-de-cerimónias fez um sinal, mandando o homenzarrão de volta para a porta, e encarou a congregação.

"Meus irmãos, a hora aproxima-se", disse Magus. "É meia-noite e Mefistófeles acabou de me anunciar que os nossos convidados chegaram. Dêmos graças ao Senhor dos Infernos."

"Louvado seja Belzebu, o todo-poderoso!", devolveram os acólitos em coro. "Que o poder incomensurável de Satanás esteja connosco!"

Um silêncio pesado abateu-se então sobre a sala, como se todos esperassem pelos acontecimentos. Ouviram a porta chiar e os olhares convergiram para a entrada. O vulto de Mefistófeles recortou-se diante da luz do corredor e atrás dele vinham duas figuras de túnicas negras e cabeças tapadas por capuzes.

Magus abriu os braços para os acolher.

"Sejam bem aparecidos, meus senhores! Entrem, entrem."

Os dois recém-chegados deram uns passos para o interior da sala, hesitantes e a medo, e Mefistófeles, depois de fechar a porta atrás deles, apresentou-os.

"O professor Tomás Noronha e a senhorita Raquel de la Concha!", anunciou o guarda com solenidade. "Ambos ao nosso dispor, poderoso Magus."

Imbuído de perturbadora jovialidade, o mestre-de-cerimónias fez-lhes sinal de que se aproximassem do altar.

"Bem-vindos ao Inferno!"

A configuração da sala mudou quase instantaneamente. Como se fosse uma unidade orgânica que obedecia a uma ordem inaudível, a congregação, até aí voltada para a parede interior diante da qual fora montado o altar, movimentou-se para preencher os flancos e formou um círculo compacto em redor de Magus e dos dois recém-chegados, cortando assim qualquer via de fuga.

Sentindo em torno dele a força surda dos acólitos, o mestre-de-cerimónias era o senhor absoluto da situação. Com a soberba dos vencedores, estudou o casal visitante e, rodeando-o em passos lentos e medidos, abeirou-se do homem.

"Professor Noronha", ciciou. "Finalmente encontramos-nos cara a cara! O senhor, devo admiti-lo, foi um adversário valente e temerário. Congratulo-me por isso. As suas capacidades de improvisação e a sua rapidez de raciocínio conseguiram mantê-lo fora do meu alcance muito mais tempo do que eu julgaria possível. É um feito digno de registo e está de parabéns." Abriu as mãos, num gesto de resignação. "Mas, hélas!, todas as aventuras, mesmo as mais românticas, chegam ao fim." Apontou para o chão. "No seu caso, o fim é aqui, nesta sala dos Uffizi, às minhas ordens e sob a minha autoridade." Estendeu a mão com a palma para cima, como se pedisse alguma coisa. "Acabou-se a farsa, meu caro. Passe para cá esse famoso DVD."

O casal encapuzado permaneceu quieto e silencioso, como se nada tivesse entendido, ou sequer escutado, do que fora dito. A mão de Magus manteve-se estendida por um instante mais, à espera que lhe entregassem o objecto que procurava havia tanto tempo, mas acabou por baixá-la perante a evidência de que o prisioneiro não ia acatar a ordem.

"Continuam os joguinhos, professor Noronha?", perguntou, a irritação a trepar-lhe pela voz. "Pois faz muito mal, porque o tempo para a brincadeira acabou." Voltou a estender a mão. "O DVD, professor Noronha? Aconselho-o a entregá-lo a bem."

O prisioneiro voltou a ignorar a ordem. Despeitado, Magus virouse para a congregação que os cercava e procurou entre os rostos encapuzados.

"Balam, onde estás tu?"

Um acólito, por sinal um dos que se encontravam na primeira linha, abandonou a formação e abeirou-se do mestre-de-cerimónias.

"Aqui estou, poderoso Magus", disse o homem, de túnica brancosuja e capuz na cabeça, pondo-se em sentido quando chegou diante do responsável máximo. "Ao seu serviço."

O chefe fez um sinal na direcção do casal, como se O entregasse ao seu chefe de segurança.

"Sabes o que tens a fazer."

Balam assentiu prontamente e posicionou-se diante do par. Fez um sinal para os seus cúmplices e de imediato Mefistófeles e um outro acólito igualmente corpulento plantaram-se nas costas dos recém-chegados. A um segundo sinal, agarraram-nos por trás e prenderam-lhes os braços e o tronco, imobilizando-os.

"Larguem-me!", protestou a mulher, indignada. "Larguem-me imediatamente!"

Os acólitos, como era previsível, não os largaram. As reacções do par eram diferentes; o homem parecia paralisado, mas a mulher mostrava-se inconformada e só se calou quando viu Balam retirar um punhal do interior da túnica.

"Então, senhorita Raquel de la Concha?", perguntou o chefe da segurança com a voz impregnada de sarcasmo. "Que se passa?"

Esboçou um gesto com o punhal. "A minha laminazinha fez-lhe perder o pio? Se ela tem este efeito mágico só por aparecer, imagine como será quando começar a trabalhar..."

"O senhor... o senhor não se atreva!"

Balam aproximou a lâmina do capuz e passou a ponta diante da cara tapada.

"Aqui quem dá as ordens não é a senhorita!", rosnou num tom ameaçador. "Sou eu e a minha laminazinha." O punhal rodopiou-lhe na mão. "Sabe que foi com esta queridinha que degolei o meu primeiro cordeiro nesta história? Na verdade foram dois cordeirinhos tenros, dois francesinhos que também resolveram armar-se em espertos. Apanhei os idiotas em Nice e eles não ficaram para contar a história." Girou de novo a lâmina entre os dedos, parecia uma ventoinha. "Com a minha amiguinha fiz os primeiros sacrifícios, com a minha amiguinha farei Os últimos." Imobilizou o punhal com a ponta voltada para a base do pescoço da mulher.

"Os vossos."

"Afaste essa faca!", protestou ela, o medo a espreitar pela voz. "Isso é... isso é crime de homicídio na forma tentada!"

A observação arrancou uma gargalhada incrédula ao acólito e à congregação.

"Crime de homicídio na forma tentada?", riu-se ele, quase a soletrar a frase e virando a cara em redor para comungar com os seus companheiros. "Olhem para a senhorita da Interpol a falar caro, hem? Parece que está a testemunhar em tribunal, a idiota!" Fez uma careta e voltou a imitar o que acabava de ouvir. "Isso é crime de homicídio na forma tentada!" A risada prolongou-se por uns segundos mais e acabou por morrer. Nessa altura Balam fitou-a de novo, os olhos a chisparem, a lâmina outra vez com a ponta colada à base do pescoço da mulher. "Acabou-se a reinação, cabra! Passa para cá o DVD!"

A mulher projectou a cabeça para ele, numa postura de desafio.

"Não sei do que estás a falar, imbecil."

A resposta foi recebida por Balam como se a prisioneira tivesse cuspidido nele. O chefe da segurança fez um sinal silencioso a Mefistófeles, que apertou a mulher com mais força. Nessa altura Balam colou o punhal ao pescoço dela e virou-se para o homem.

"Espero, para o seu bem e o dela, que o senhor seja mais inteligente, professor Noronha", disse num tom carregado de ameaças. "Onde está o DVD?"

O refém abanou a cabeça.

"Não o tenho."

"No entanto, disse esta tarde em tribunal que o iria apresentar amanhã de manhã."

"Ai disse?", devolveu o homem num tom sibilino. "Olhe, não o tenho."

"Não o encontrou?"

"Não."

"Nem sabe onde encontrá-lo?"

O homem não respondeu de imediato, vacilando quanto à resposta que deveria dar.

"Talvez."

"O que quer isso dizer?"

"Talvez quer dizer talvez."

Sem saber como prosseguir o interrogatório, se calhar até perdido no rumo que a conversa

tomara, Balam deu um passo para trás e encarou o seu dirigente como se aguardasse ordens. "Que faço, poderoso Magus?" "Se o DVD não apareceu, é melhor que não apareça", retorquiu o mestre-de-cerimónias, atirando um olhar enfatiado para o casal à sua mercê. "Faz o que tens a fazer." Os acólitos que seguravam os dois prisioneiros aplicaram-lhes um golpe nas costas com os cotovelos e obrigaram-nos a ajoelhar-se, a cabeça inclinada para a frente. Balam foi buscar um banco de madeira e pousou a cabeça da mulher sobre a cadeira.

"Por te teres armado em parva, vais tu primeiro, minha linda", disse entre dentes. "E vou fazer de modo que morras devagar e com muita dor, ouviste?"

"Largue-me!", protestou ela. "Socorro!", berrou de repente. "Ajudem-me!"

Balam e o resto da congregação riram-se.

"A berraria não te levará a sítio nenhum, grande palerma", escarneceu ele. "Já passa da meia-noite, os Uffizi estão por nossa conta. Podes berrar à vontade que ninguém te ouve!" Inclinou-se sobre ela e aproximou a boca do ouvido. "Aliás, até prefiro que grites. Dá-me tusa, sabias? Parecem gritos de prazer..."

Uma nova gargalhada percorreu a sala.

"Ajudem-me!"

O chefe de segurança acocorou-se diante dela e pôs-se a estudar o melhor local para aplicar o primeiro golpe. Escolheu o ponto vulnerável mesmo na base do pescoço. Depois encostou a ponta aguçada do punhal ao sítio escolhido e preparou-se para premir a lâmina.

"Parem com isso!"

A ordem foi dada por uma voz que se ergueu do meio da multidão. Apanhados de surpresa, Balam, Magus e os acólitos viraram as cabeças na direcção de quem acabara de falar.

"Que se passa?", perguntou o mestre-de-cerimónias, tentando destrinçar o elemento da congregação que os interrompera. "Quem disse isso?"

A massa humana que rodeava os prisioneiros e os seus algozes começou a movimentar-se para abrir espaço e um dos acólitos, de túnica e rosto ainda tapado por um capuz, avançou para o espaço central.

"Fui eu", disse. Apontou para os dois prisioneiros ajoelhados diante de Balam. "Não os matem."

Magus não estava a entender esta iniciativa inesperada de um dos seus seguidores.

"Ora essa! Porquê?"

O acólito pôs a mão sobre o capuz que lhe ocultava por completo as feições e puxou-o para trás, destapando-se. Um "oooh" surpreendido encheu a sala.

"Porque sou eu o Tomás Noronha."

Ainda Magus e os seus seguidores não se tinham refeito da surpresa quando as portas da sala se abriram com grande fragor e violência e um grupo de homens armados e uniformizados invadiu o espaço no meio de enorme aparato. "Polícia!", gritou uma voz, identificando-se. "Todos de mãos no ar! Que ninguém se mexa!"

O mestre-de-cerimónias e os seus acólitos ficaram por momentos paralisados, sem capacidade de reacção. Os carabinieri tomaram posição em redor da congregação e apontaram-lhe as armas, impondo na sala uma nova relação de forças.

"Que vem a ser isto?", protestou Magus, recuperando a presença de espírito. "Porque estão a interromper esta cerimónia privada? Façam o favor de sair!"

Do meio dos carabinieri destacou-se uma mulher à paisana.

"Silêncio!"

Mefistófeles e o seu comparsa largaram os dois prisioneiros, que se puseram imediatamente de pé e se viraram para os polícias.

"Porque levaram tanto tempo?", perguntou a mulher. Abriu a túnica e exibiu o microfone escondido na lapela. "Não me ouviram gritar por socorro?" Apontou para Tomás. "Se não fosse o professor Noronha, estes energúmenos tinham-nos decapitado!"

"Peço desculpa, senhora professora", respondeu a mulher à paisana. "Os corredores são muito longos e levámos mais tempo do que prevíamos a chegar aqui."

Magus atirou a Mefistófeles um olhar ressentido, como se o responsabilizasse por ter permitido que a intrusa ali penetrasse de microfone escondido. Era verdade que as ordens do guarda eram apenas apreender quaisquer armas que encontrasse, mas isso não desculpava a falha. O mestre-de-cerimónias tinha porém consciência de que o momento não era de recriminações, mas de limitar os danos. Manteve por isso a pose e dirigiu-se à polícia à paisana que parecia controlar as operações.

"Exijo uma explicação", vociferou, a voz carregada de autoridade. "Quem diabo é a senhora?"

A agente encarou-o sem pestanejar.

"Maria Luísa Carvajal y Navarro", identificou-se ela, falando com forte sotaque espanhol. "Os meus subordinados da Interpol conhecem-me por Marilú." Esboçou uma careta de despeito. "E o senhor, quem é?"

"Não tenho de lhe dar satisfações enquanto não souber o que aqui se passa e sob que autoridade se encontram os senhores neste espaço", retorquiu Magus, muito seguro de si. "Onde está o mandado que vos autoriza a interromper esta pacífica cerimónia privada?"

"Pacífica?", riu-se sem gosto a prisioneira que acabava de ser libertada. "É preciso ter lata..."

"Sim, pacífica", insistiu Magus, sempre com grande convicção. "Tudo o que aqui aconteceu não passou de uma encenação."

A agente à paisana tirou do bolso interior do casaco um papel dobrado e acenou com ele.

"O mandado está aqui", disse Marilú. "Agora faça o favor de se identificar."

Magus estendeu a mão.

"Deixe-me ver o mandado, se faz favor. Quero saber quem foi o juiz que o assinou e em que termos." "Mostrar-lhe-ei o mandado depois de o senhor se identificar."

"Isso é que era bom!", devolveu o mestre-de-cerimónias com uma risada teatral. "A lei é muito clara quanto a isso. Estamos numa sala alugada por nós para uma cerimónia privada, o que faz disto um espaço cuja privacidade só pode ser violada pelas autoridades se forem devidamente autorizadas por um juiz e na condição de exibirem o mandado quando solicitado. Uma vez que a senhora se está a recusar a identificar a autoridade que permitiu esta acção, exijo que se retirem de imediato. E com um pedido de desculpas."

A mulher libertada interveio.

"O senhor está invulgarmente informado sobre os seus direitos", notou ela num tom sibilino.

"Saíam daqui!"

A ex-prisioneira, no entanto, não desarmou.

"A Interpol e os carabinieri", revelou, "agiram sob minha autoridade."

"Sua autoridade?", estranhou Magus. "E que autoridade é a sua, senhorita Raquel de la Concha? Que eu saiba, uma mera agente da Interpol não tem qualquer autoridade para mandar invadir espaços privados."

"O problema é que eu não sou a senhorita Raquel de la não sei quantos", devolveu a ex-prisioneira, tirando o capuz para descobrir o rosto. "Sou Agnès Chalmot, procuradora-geral do Tribunal Penal Internacional."

O homem que a acompanhava, e que Magus e os acólitos haviam confundido com Tomás, também tirou o capuz.

"Já agora, eu sou o procurador Carlo dei Ponte, também do Tribunal Penal Internacional."

As duas revelações abalaram Magus. O mestre-de-cerimónias recuou um passo, como se o impacto do que via e ouvia o tivesse desequilibrado.

"O que... quem... como é isto possível?", perguntou, interrogando-se a si mesmo e às pessoas que o rodeavam. "Que se passa aqui? Como é que vocês apareceram? Quem vos trouxe cá?"

Um curto silêncio abateu-se sobre a sala.

"Receio que seja eu o responsável por esta situação", confessou Tomás, quebrando enfim o mutismo a que se remetera desde que os carabinieri haviam entrado para salvar os procuradores do Tribunal Penal Internacional. "Sabe, fiquei desconfiado quando recebi um e-mail do meu amigo Filipe Madureira a anunciar-me que tinha sobrevivido ao tiroteio em Lisboa e a aconselhar-me a vir aos Uffizi falar com o tal Mefistófeles. Como decerto não ignora, Mefistófeles é um dos nomes do Diabo e reparei que havia um comportamento de seita por parte daqueles que nos perseguiam. Além do mais, o Filipe já me tinha dito que viesse vir ter com a Raquel. Por que raio iria agora dizer-me que fosse ter com outra pessoa? Fiz, por isso, um teste. No e-mail de resposta ao Filipe, observei que o criptograma que ele me deixou me fez lembrar os nossos tempos no Liceu Afonso de Albuquerque, em Castelo Branco. No e-mail seguinte, o Filipe confirmou que esses tempos no Afonso de Albuquerque foram realmente magníficos. Foi assim que percebi que nos estava a ser estendida uma armadilha."

Magus esboçou um gesto de incompreensão.

"Porquê? O que tem isso de extraordinário?"

"É que o Afonso de Albuquerque é o liceu da Guarda", sublinhou o historiador. "O liceu de Castelo Branco, onde eu e o Filipe andámos, chama-se Nuno Álvares. Se o interlocutor destes e-mails fosse mesmo o Filipe, ele ter-me-ia decerto questionado sobre a troca de nomes dos

liceus. Dada a rivalidade entre Castelo Branco e a Guarda, nenhum aluno do liceu de Castelo Branco deixaria passar em claro um equívoco desses. Mas o meu interlocutor deixou. Logo, a pessoa que me escrevia não podia ser o meu amigo Filipe."

"Muito esperto, sim senhor", registou Magus com desdém. Fez um gesto a indicar os carabinieri. "Mas isso não explica a presença ilegal destes senhores nesta cerimónia privada."

Emergindo da massa de acólitos, Raquel destapou a cabeça e juntou-se ao português.

"A presença dos carabinieri, apraz-me dizê-lo, é bem legal", ripostou Tomás. "Sabe, a minha amiga da Interpol, Raquel de la Concha, levou-me a casa da sua superiora hierárquica em Madrid, dizendo que o apartamento estava vazio porque a proprietária se encontrava a fazer um trabalho em Haia. Como a sede do Tribunal Penal Internacional é justamente em Haia, não foi difícil deduzir que o trabalho estava a decorrer nessa instituição. Quando chegámos aqui a Florença, e já com tudo claro na minha mente, expus a Raquel o meu plano." Indicou a polícia à paisana. "Ela contactou a sua chefe e amiga Marilú..."

"Sou eu", sorriu Maria Luísa Navarro, a agente à paisana.

"... e explicou-lhe a situação que estávamos a viver e o plano que apresentei. A senhora Marilú concordou e contactou de imediato a procuradora-chefe do Tribunal Penal Internacional, a professora Agnès Chalnot, que se interessou pelo caso quando lhe foi explicado que eu estava na posse de informações que poderiam conduzir ao DVD do Filipe. É que, até começar a ser perseguido, o Filipe trabalhava para a equipa que a professora Chalnot criara no TPI para investigar este processo. Foi assim que apareci esta tarde no Palazzo Vecchio como membro dessa equipa. Só faltava, claro, descobrir o paradeiro do DVD que o Filipe tinha escondido e que continha as provas incriminatórias. Como o e-mail suspeito dizia que eu e Raquel nos tínhamos de apresentar nos Uffizi à meia-noite e pedir para falar com Mefistófeles, sugeri aos procuradores que viessem no nosso lugar para testemunhar os eventos, devidamente protegidos pelos carabinieri, claro. Arranjámos maneira de nos infiltrarmos mais cedo na congregação e... aqui estamos."

Fez-se um silêncio pesado na sala, os olhos de Magus e da congregação presos no DVD, a atenção de Tomás, das duas agentes da Interpol, dos procuradores e dos carabinieri fixada na reacção dos elementos da seita. Foi a procuradora-geral do TPI quem quebrou o súbito mutismo.

"Este senhor ameaçou a minha vida", disse ela, apontando para Balam. "Além disso, confessou há pouco os homicídios de Éric Garnier e Hervé Chopin em Nice. Parece-me que deve ser o primeiro a ouvir a ordem de prisão."

Marilú pegou no capuz do acólito e arrancou-o, destapando-lhe a face.

"Por suspeita de dois homicídios premeditados e um na forma tentada, considere-se detido", disse com voz de comando. "Faça o favor de se identificar."

A cabeça descoberta de Balam revelou um homem de barba rala e cara larga, os olhos castanhos muito juntos. O acólito lançou um olhar desorientado e interrogativo na direcção de Magus, como se lhe pedisse instruções.

"Já sabes", respondeu o mestre-de-cerimónias em tom críptico. "Faz o que tens a fazer."

As palavras foram pronunciadas com suavidade, mas para Balam tiveram a força de uma ordem. O acólito ficou lívido e, inseguro, encarou a agente da Interpol.

"Quer... quer os meus documentos?"

"Se fizer o favor."

Balam meteu a mão trémula no bolso da túnica e, depois de respirar fundo, tirou-a apressadamente e levou qualquer coisa à boca. Acto contínuo, pareceu sofrer um choque e tombou no chão, o corpo a contorcer-se em convulsões violentas. Os polícias caíram sobre ele, tentando reanimá-lo com massagens cardíacas e respiração boca a boca, mas ao fim de alguns instantes Balam estremeceu num derradeiro estertor e imobilizou-se enfim.

"Morreu", constatou Marilú. Apontou para os elementos da congregação. "Revistem-nos!"

Os carabinieri passaram os acólitos em revista e, minutos mais tarde, entregaram uma mão-cheia de pílulas à responsável da Interpol. Marilú entregou um comprimido a Raquel, que o cheirou.

"Cianeto", identificou ela. "Provoca um ataque cardíaco e mata em alguns segundos."

O olhar de Marilú desviou-se para Magus.

"O senhor está preso."

O chefe da seita pôs as mãos na cintura.

"Isso é que era bom!", devolveu em tom de desafio. "Sob que acusação?"

A confiança de Magus, que parecia em pleno controlo da situação, desconcertou a responsável da Interpol. "Bem... homicídio."

"Ai sim? De quem?" Indicou com um gesto o cadáver de Balam. "Com certeza não sou responsável pelos actos treloucados desse senhor. Ou têm provas de que sou?"

Raquel e Marilú entreolharam-se; ambas sabiam que, apesar das aparências, não havia de facto provas de tal coisa.

"Enfim..."

Vendo as duas agentes paralisadas, a procuradora-geral Agnès Chalnot não se conteve.

"O senhor tentou matar-me!"

"Eu?", admirou-se Magus. Voltou a fazer um gesto para o corpo de Balam. "Quem andou com o punhal na mão, que eu saiba, foi esse senhor, não fui eu."

"Mas incitou-o."

"Isso diz a senhora. Que palavras proferi eu a incitar uma qualquer fantasiosa tentativa de homicídio?"

"Quando eu estava sua prisioneira, disse-lhe... disse-lhe que fizesse o que tinha a fazer."

"Em primeiro lugar, ninguém esteve prisioneiro de ninguém", esclareceu Magus. "A senhora e o seu amigo apresentaram-se a Mefistófeles de livre vontade, não foi? E, que eu saiba, vieram para esta sala também pelos vossos próprios pés. Depois eu disse de facto ao meu... uh... companheiro que fizesse o que tinha a fazer. Com isso queria dizer que vos deveria libertar, como é evidente. Que ele se tenha posto com todo aquele teatro não é da minha responsabilidade."

"Teatro? O homem ia-me degolando!"

"Diz a senhora. Pois eu asseguro-lhe que era tudo teatro, percebeu? Teatro!" Encolheu os ombros com uma expressão ambígua. "Como os carabinieri intervieram, nunca saberemos a verdade, pois não? In dubio pro reo."

Tomás, que se tinha remetido de novo ao silêncio, percebeu que chegara o momento de intervir.

"Vejo-o muito seguro de si..."

Magus cruzou os braços, reforçando a imagem de que nada tinha a recear.

"Quem não deve não teme", sentenciou. Baixou os olhos para o corpo de Balam. "Só um homem me poderia incriminar e ele já aqui não está, pois não?"

Com um movimento fulminante, o historiador português pôs-se ao lado de Magus e puxou-lhe de repente o capuz. "Mas estou eu, caro Axel Seth!"

A cabeça do mestre-de-cerimónias ficou finalmente destapada, exibindo o rosto ossudo do presidente da Comissão Europeia e juiz do Tribunal Penal Internacional.

A descoberta de que o Magus daquela seita satânica era o próprio juiz Axel Seth deixou boquiabertos os procuradores do Tribunal Penal Internacional e os elementos da Interpol e dos carabinieri. A consternação generalizou-se entre os presentes.

"Juiz Seth?!", exclamou a procuradora-geral Agnès Chalnot, incrédula. "É mesmo o senhor?"

Magus encolheu os ombros.

"O que faço no meu tempo livre é comigo", disse. "Que eu saiba não cometi nenhum crime. Se cometi, cabe-vos a vós prová-lo. Não me parece que seja tarefa fácil."

Os olhares dos dois procuradores saltaram do juiz para Tomás, o único que não parecia surpreso com a identidade do Magus.

"O senhor sabia quem ele era, professor Noronha?" O historiador anuiu com um movimento da cabeça.

"O nome", disse. "Desde o princípio que o nome do juiz nomeado para este processo me chamou a atenção, em particular quando soube que foi ele que o escolheu. Retirou o apelido dos pais e pôs o nome Seth. Achei estranho e pensei cá para os meus botões: que tipo de pessoa faz uma coisa dessas?"

"Ora essa!", protestou Axel Seth. "Já só faltava acusarem-me também por ter mudado de nome. O senhor não sabe que Seth é um nome bíblico? Seth era o terceiro filho de Adão e Eva e a palavra significa semente em hebraico. Como vêem, não há aqui nada de mal. Porque implicam agora com o meu nome?"

"É verdade que Seth é um nome bíblico", reconheceu o historiador. "Mas Seth é um personagem totalmente secundário no Génesis e praticamente irrelevante na narrativa das Escrituras. Porque diabo iria uma pessoa dar-se ao trabalho de mudar de apelido para adoptar um nome bíblico obscuro? Se mudasse o nome para Abraão ou Noé ou Moisés ou Jesus, tudo bem. Mas.... Seth? Porquê Seth? O que tinha Seth assim de especial? Lendo a Bíblia, percebemos que a relevância dessa personagem é praticamente nula. Foi isso que desde o início me fez espécie. Porque raio escolheu o juiz o nome Seth?" "E então?", quis saber a procuradora-geral, impacientando-se. "A que conclusão chegou?"

"Concluí que o Seth adoptado pelo juiz não podia ser o Seth do Génesis. Acontece que a mitologia egípcia tem um deus muito importante com o mesmo nome. Seth era a divindade egípcia da violência, da guerra e do caos, a encarnação do espírito do mal e o precursor do diabo. Seth remete para sethanismo, ou... satanismo."

Os procuradores arregalaram os olhos.

"Perdão?"

"O nome egípcio Seth está na origem do nome Satã, ou Satanás." Tirou do bolso o bloco de notas com o criptograma decifrado e dirigiu-se ao presidente da Comissão Europeia. "O senhor juiz lembra-se de, no final da sessão preliminar no Palazzo Vecchio, eu lhe ter mostrado nesta folha a mensagem de Filipe?"

Os olhos dos que se encontravam mais perto desviaram-se para a frase garantida numa das páginas do bloco.

GO TO santa cross & SEARCH OVER SATAN 'S TOMB

"Sim", assentiu o juiz Seth. "E então?"

"Quando na basílica de Santa Croce percebi que esta mensagem apontava para o túmulo de Maquiavel, interroguei-me sobre os motivos que levaram Filipe a referir-se duas vezes a Satanás e a escrever Satan's tomb e não Devil's tomb, como seria mais natural. No fim de contas, Maquiavel era conhecido por Il Diavolo, que se traduz por Diabo, Devil em inglês. Por que raio teria Filipe escolhido a palavra inglesa Satan e não a palavra Devil, como seria mais natural? Percebi então que ele estava a fazer uma ligação subtil entre Satan e Seth. A verdadeira chave do criptograma, para além de indicar o caminho para o DVD comprometedor, era nomear Seth como o seu perseguidor."

"Isso é tudo especulação!"

"O que explicava outro mistério", acrescentou o historiador, ignorando o seu inimigo. "Quando começou a ser perseguido, Filipe deveria ter procurado a ajuda da procuradora-geral Agnès Chalnot, no fim de contas a pessoa que o tinha contratado como investigador neste processo e sua natural protectora. Porque não o fez? O problema constituiu para mim um grande enigma, que só resolvi quando me apercebi de que o Satanás a que o criptograma se referia era na realidade o juiz Seth. Sabem, sempre estranhei a nomeação do presidente da Comissão Europeia para juiz deste caso. Cheirou-me a arranjinho. uma vez que Axel Seth mexera cordelinhos para presidir a este processo do Tribunal Penal Internacional de crimes contra a humanidade no escândalo da crise mundial, evidentemente de modo a melhor controlar o que nele era revelado, Filipe temera que a procuradora-geral do mesmo processo estivesse em conluio com o juiz. Filipe não tinha a certeza de nada, claro, mas não podia correr riscos. Daí que tenha evitado pedir ajuda à professora Agnès Chalnot, como era natural que tivesse feito."

A procuradora-geral baixou a cabeça.

"Pauvre Filipe!", murmurou, consternada. "Imagino o que não deve ter passado..."

"O senhor tem muita imaginação, sim senhor", exclamou Axel Seth com sarcasmo. "Mas tudo isso não passa de conversa da treta, como bem sabe. Se não provar nada, e não provará, as suas palavras resumem-se a conjecturas doentias de uma mente delirante. Não terei dificuldade em arranjar quem o interne por patologia psicótica ou por qualquer outra coisa do género."

"Está a ameaçar-me?"

"Não, estou simplesmente a fazer uma previsão do que lhe vai acontecer."

As palavras do juiz, e na verdade toda aquela situação, deixaram os dois procuradores do Tribunal Penal Internacional muito pouco à vontade. Agnès Chalnot abeirou-se de Tomás.

"Desculpe, professor Noronha, mas deverei depreender que, quando veio falar comigo, já sabia que o juiz Seth era o... enfim, o principal suspeito?"

"Desconfiava. Só obtive a certeza final quando percebi que o criptograma se referia ao túmulo de Maquiavel." "Se desconfiava, porque não me disse nada?"

"Ninguém lança suspeitas sobre o presidente da Comissão Europeia, para mais juiz do processo no qual estamos envolvidos, sem ter certezas, não acha?"

A procuradora-geral não desarmou.

"Mesmo assim, poderia ter-me dito alguma coisa..."

Tomás fitou-a com intensidade, como a indicar que, se ela mentisse na resposta à sua pergunta, tal não passaria despercebido.

"Se lhe tivesse dito que suspeitava que a pessoa por detrás de tudo isto era o presidente da Comissão Europeia e JUIZ deste processo do TPI, teria aderido ao meu plano?"

A pergunta pareceu desarmar Agnès Chalnot.

"Zut, alors!", exclamou ela, sem saber como responder. "Tenho de admitir que... enfim, não seria uma decisão fácil. Ninguém se atira a uma pessoa como o juiz Seth de ânimo leve, não é verdade?" Hesitou. "Mesmo que tivesse decidido avançar, reconheço que teria dificuldade em convencer o juiz Joossens a passar o mandado de captura. Provavelmente ele não o passaria."

A resposta pareceu satisfazer o historiador.

"Percebe agora porque optei pelo silêncio?", perguntou. Fez um gesto a indicar o presidente da Comissão Europeia. "Mesmo neste momento, e perante tudo o que se passou aqui, vocês hesitam em deter o juiz Seth. Se é assim em condições destas, imagine como seria se eu tivesse aberto o jogo todo..."

Axel Seth soltou Uma gargalhada sem humor.

"Eles hesitam porque sabem o que os espera se não conseguirem provar nada contra mim", sentenciou. "E a verdade, mon cher, é que vocês nada têm de concreto. Apenas umas especulações fantasiosas, nada que se sustente num processo judicial."

Tomás virou-se para o presidente da Comissão Europeia e lançou-lhe um olhar sibilino, carregado de subentendidos.

"O senhor está esquecido de uma coisa, não está?"

A pergunta deixou o juiz incomodado. Axel Seth mudou a perna em que se apoiava, incapaz de conter a ansiedade que até esse momento conseguira reprimir.

"Está a falar de quê?"

"Esqueceu-se que eu vim a Florença à procura de algo que o Filipe aqui escondeu?"

O presidente da Comissão Europeia não tinha esquecido. Tratava-se do ponto mais importante de todos, aquele que tudo provocara, e o assunto nem por um momento lhe saía da cabeça.

"O DVD", murmurou ele num tom neutro, esforçando-se por ocultar o tumulto que nesse instante lhe revolteava no coração. "Onde está ele? Encontrou-o?"

Tomás meteu a mão no bolso da túnica e extraiu um disco prateado, que exibiu provocatoriamente. "Infelizmente para si", disse com um sorriso largo, o olhar insolente cravado no seu inimigo. "Está aqui."

O computador portátil que Marilú tinha trazido foi instalado no altar satânico, mesmo ao lado da cabeça de bode, e o DVD inserido no espaço próprio. O ecrã registou a presença do disco e fixou a primeira imagem, uma sala vista de cima com homens engravatados lá em baixo à volta de uma mesa cheia de papéis, e uma seta gráfica a indicar play.

"O que vamos agora ver é uma sequência de imagens captadas por dois técnicos franceses, Éric Garnier e Hervé Chopin, em várias salas da sede da Comissão Europeia em Bruxelas", esclareceu Tomás, dirigindo-se especificamente aos dois procuradores do Tribunal Penal Internacional. "Como esta tarde expliquei na sessão preliminar do processo, estes técnicos foram contratados em segredo pelo anterior presidente da Comissão para detectar a fonte de fugas de informação. Foi-lhes dada autorização para interceptarem as comunicações internas e as comunicações para o exterior, incluindo e-mails e telefonemas. O que vamos ver são intercepções relevantes para o processo do TPI contra os responsáveis pela crise por crimes contra a humanidade."

Os olhos dos dois procuradores colaram-se à imagem paralisada no ecrã do portátil.

"Esta imagem", perguntou Agnès Chalmot, "diz respeito a essas intercepções?"

"Correcto", confirmou o historiador. "Segundo o dossiê que o Filipe me deu, corresponde a uma reunião entre o comissário europeu encarregado da arquitectura do euro e economistas a quem foi entregue a tarefa de analisarem as consequências da criação de uma moeda única." Apontou para o comissário. "Reconhecem o comissário europeu?"

Os procuradores inclinaram-se sobre a imagem e, depois de estreitarem as pálpebras num esforço de leitura do que viam, arregalaram os olhos.

"Axel Seth!?"

O juiz bufou.

"Protesto!", vociferou. "Essas imagens são montadas!" Tomás ignorou-o.

"Antes de ser presidente da Comissão Europeia, como sabem, o juiz Seth foi comissário europeu, indicado pela França, e, enquanto tal, esteve envolvido na arquitectura do euro", lembrou. "Vamos então ver o diálogo captado pelas câmaras e pelos microfones escondidos dos senhores Garnier e Chopin."

O português carregou no play e a imagem começou a rolar, com as figuras à volta da mesa a movimentarem os braços e as cabeças, evidentemente em conversa acesa.

"Que porcaria de textos são estes?", questionou na gravação a voz de Axel Seth. "Eu pedi-vos relatórios a enumerar os custos e benefícios da moeda única e vocês... vocês entregam-me esta porcaria?"

"Mas, juiz Seth, estas são as conclusões a que chegámos", respondeu um dos economistas. "Falámos com muita gente e consultámos todos os estudos sobre uniões monetárias e existe um consenso quanto a essa questão: sem união política, a moeda única europeia não vai funcionar! Não há volta a dar ao problema. uma união monetária beneficia sempre o centro e prejudica a periferia. A união monetária que criou o franco em França, por exemplo, beneficiou Paris e prejudicou a Bretanha e o Midi. Em Espanha a peseta beneficiou Madrid e penalizou a Galiza e a Andaluzia. Sempre que há uma união monetária, segue-se uma transferência de recursos da periferia para o centro. Isto implica que a união monetária só é viável se o centro depois estiver disposto a fazer transferências financeiras para a periferia, de

modo a compensá-la pelas suas perdas. Mas sem união política este passo não será dado e as periferias desintegrar-se-ão."

"Está a dizer que os países periféricos não aguentam uma moeda única europeia?"

"Aguentam se houver união política que permita as transferências compensatórias", respondeu o economista. "Caso contrário, não aguentam. E há outra coisa: os países periféricos terão de fazer reformas urgentes no sector laboral para suportarem o impacto da competição internacional. Não se esqueça que eles vão entrar numa moeda forte e não a poderão desvalorizar para reequilibrar as suas contas externas. Sem reformas, vão acabar por ser esmagados pelas importações. Além do mais é preciso que no espaço da moeda única haja mobilidade laboral, flexibilidade de salários e de preços e integração orçamental, coisas que não existem agora e não existirão porque não se vislumbram quaisquer planos para as criar."

"Então qual é a vossa conclusão final?"

"A moeda única, tal como está a ser concebida, não se vai aguentar. À primeira crise poderá desmoronar-se como um baralho de cartas. E se o euro não sofrer um colapso rápido, os países da moeda única irão saltitar de crise em crise numa agonia sem fim até que a união se desfaça."

As imagens mostraram Axel Seth a afagar o queixo com a ponta dos dedos, avaliando o que acabara de escutar.

"Oçam, isto não pode ser assim", disse o comissário europeu por fim, a decisão tornada. "Refaçam-me estes relatórios e mostrem só as vantagens da criação da moeda única. Parece-me que..."

"Mas, senhor juiz, isso não pode ser feito dessa maneira!", protestou um segundo economista. "Ternos o dever de alertar os decisores e a opinião pública para os grandes perigos da arquitectura que está a ser pensada para o euro. Se escrevermos um relatório nos moldes que nos pede..."

"Silêncio!", cortou Axel Seth num tom agreste. "A decisão está tomada. O projecto da moeda única europeia irá avançar, custe o que custar! Quero um relatório que só mostre as vantagens da união monetária!"

"E o que acontecerá depois, quando o euro entrar em colapso?"

O comissário europeu encolheu os ombros.

"Quando isso acontecer, meus caros, provavelmente já cá não estaremos", sentenciou com um sorriso despreocupado. "Quem estiver nessa altura no poder que se desenvencilhe! E os contribuintes que paguem, claro!"

A imagem foi a negro e Tomás carregou no stop. Os olhares dos presentes desviaram-se para o juiz Seth, que abanava a cabeça.

"Tudo montado", repetiu. "Nada disso tem valor em tribunal. Foi tudo montado!"

O historiador ignorou-o de novo.

"A gravação desta reunião é particularmente importante porque mostra que os decisores europeus foram informados dos perigos que a arquitectura pensada para o euro encerrava, e silenciaram os avisos. Pior ainda, manipularam os relatórios para que apresentassem uma imagem cor-de-rosa da viabilidade e do futuro do euro."

"Parece-me realmente um documento muito relevante para o processo do Tribunal Penal Internacional", considerou a procuradora-geral, Agnès Chalnot.

Sem mais comentários, Tomás avançou no DVD e localizou a imagem seguinte. A gravação

mostrava uma outra sala, esta com sofás. Dois homens apareciam sentados, um descontraído e de pernas cruzadas, o outro em posição mais formal.

"Isto foi captado numa reunião entre os ministros das Finanças alemão e português", explicou o historiador. "Decorreu em Bruxelas num gabinete da delegação portuguesa uma hora antes da reunião do Ecofin, o conselho dos ministros das Finanças da União. Antes das cimeiras é normal haver estas reuniões bilaterais, normalmente sem testemunhas, para que as duas partes discutam assuntos de interesse mútuo. Foi o caso, como poderão constatar."

Tomás carregou no play e a imagem começou a rolar.

"Ach, meu caro Augusto, tenho aqui um problemzinho que preciso de resolver consigo", disse em inglês uma voz com um sotaque gutural, evidentemente do ministro alemão. "Nada que com boa vontade não se possa ultrapassar, não é verdade?"

"Então, Günter? Que se passa?"

"Tenho uma empresa lá na Alemanha que está com dificuldade em obter encomendas", disse. "Eles fabricam submarinos de guerra mas, desde a queda do Muro de Berlim, ninguém está interessado nas maquinetas deles. Não há compradores para a porcaria dos U-Boote."

"Pois é, acabaram-se as encomendas militares, não é? Esses fabricantes vão todos à falência..."

O alemão suspirou.

"É uma grande Scheisse, porque esses tipos são bons amigos, financiaram a campanha do meu partido nas últimas eleições, está a ver? Vieram pedir-me ajuda e, como compreende, não posso dizer-lhes que não. Já falei com os gregos e eles vão comprar quatro submarinos, mas é necessária outra encomenda. Então estava a pensar se a Marinha portuguesa não andarás a precisar de uns submarinos..."

"Submarinos, Günter?", admirou-se o ministro português. "Para que queremos nós submarinos? Temos o Barracuda e já nos dá água pela barba. Não precisamos de mais."

"Ach, você não está a compreender, Augusto", rosnou Günter, endurecendo o tom. "Temos-vos ajudado nos fundos de coesão, como sabe, e vocês têm derretido o nosso dinheiro em estradas e obras públicas, entregando-o a construtoras amiguinhas que vos financiam as campanhas eleitorais." Baixou a voz e piscou o olho ao seu interlocutor. "Também vos dão umas verbazitas para as vossas contas pessoais, ou não dão?" Emitiu uma gargalhada intimidatória antes de retomar o tom normal. "Ou seja, o dinheiro dos contribuintes alemães tem sido usado para financiar os vossos esquemas e os vossos partidos. Pois preciso agora que nos devolvam o favor e usem o dinheiro dos contribuintes portugueses para financiar esta empresa que ajudou o meu partido lá na Alemanha." Mostrou os dentes, como um felino a ameaçar a presa. "Entendeu?"

Sentindo que tinha pouco espaço de manobra, o ministro português remexeu-se no 1ugar.

"Quanto é que uma coisa dessas custa?"

"Um submarino anda à volta dos quatrocentos e cinquenta milhões de euros."

"Ah, não pode ser! Andamos com o Orçamento do Estado apertadíssimo, nem imagina! Não há dinheiro."

O ministro alemão forçou uma gargalhada.

"Ó meu caro Augusto, não diga isso!", exclamou, a voz carregada de insinuações. "Esta empresa de que lhe falei está na disposição de apoiar os nossos partidos amigos em Portugal

com uma quantia... digamos, generosa." Olhou o outro em busca de cumplicidade. "Penso que me está a entender, nicht wahr?"

O governante português endireitou-se, subitamente alerta. "Uma quantia generosa para o meu partido?" "Jawohl."

O ministro de Lisboa afinou a voz, a postura alterada.

"Na verdade já ouvi os almirantes protestarem com o Barracuda, dizem que está muito velho e coisa e tal. Pode ser que tenhamos mesmo de fazer essa compra, aliás absolutamente essencial para a defesa da longa costa portuguesa." Baixou a voz. "Essa quantiazinha que referiu... quão generosa seria ela?"

"Quinze milhões por um submarino."

O português emitiu um assobio apreciativo.

"Ena, isso é interessante!", exclamou. Fez uma breve careta contrariada. "Sabe, o problema é a oposição lá em Portugal. Eles vão logo questionar o negócio e fazer ondas e... e será uma chatice. É difícil explicar a compra de submarinos tão caros e tão evidentemente inúteis, não é verdade?"

"Não consegue falar com eles?"

"Com o principal partido da oposição em Portugal?" Fez um gesto de hesitação mas balançou afirmativamente a cabeça. "Sim, isso pode de facto resolver-se. Teremos é de lhes dar uma parte do dinheiro, claro. Assim ficam todos satisfeitos e ninguém questiona nada."

"Wunderbar!", exultou o alemão, esfregando as mãos sapudas. "Então faça isso, mein Freund!"

O encorajamento do alemão bastou para o português vencer a derradeira hesitação. Enchendo o peito de ar, o ministro de Lisboa empertigou-se, todo ele homem de estado a tomar decisões em benefício do seu país.

"Ah, não há dúvida, Portugal precisa urgentemente de submarinos!" Ergueu o dedo, como um tribuno. "Urgentemente, digo-lhe eu! Imagine que os Espanhóis nos invadem? Além do mais, veja a dimensão da zona marítima sob a responsabilidade do meu país. Como é possível que não tenhamos submarinos?" Esfregou as palmas das mãos. "Acho até que vamos precisar de dois." Franziu o sobrolho, reconsiderando o número. "Não, dois não. Três! Três submarinos ainda vão custar mil trezentos e cinquenta milhões de euros, não é brincadeira nenhuma, mas... o superior interesse da nação impõe-se, não é verdade?" Voltou a baixar a voz. "Três submarinos vão dar quarenta e cinco milhões de euros em contribuições, correcto?"

"Jawohl. Quinze milhões por cada submarino." "Excelente! Assim haverá dinheiro suficiente para nós e ainda para calar os tipos da oposição."

"Parece-me sehr gut", aprovou o alemão. "Oiça, como iremos operacionalizar a transacção quando vocês confirmarem esta compra tão... uh... imprescindível para o futuro do vosso país?"

"Temos uns amigos que possuem uma empresa com conta nas Bahamas e nas ilhas Caimão", observou pensativamente o ministro português. "O fabricante dos submarinos alemães mete a massa na Suíça, faz-se uma transferência para as Bahamas, depois para as Caimão, e a seguir, com o rasto já perdido, o guto vai para a empresa portuguesa, que fará um 'donativo' desinteressado ao meu partido e ao principal partido da oposição, com quem vou de imediato falar para assegurar que não haverá problemas." O olhar do português ganhou confiança. "Depois conversarei com os meus amigos para operacionalizar a coisa, mas pode contar

comigo, meu caro Günter. A bem de Portugal, temos acordo!"

O alemão pôs-se em pé e apertou a mão do seu interlocutor.

"Ach, Augusto, é um gross prazer fazer negócios consigo!" A imagem da gravação virou para negro e Tomás parou a imagem. "Ilustrativo, não vos parece?" "Muito", concordou a procuradora-geral, estendendo a mão. "Posso ficar com isso?" Apesar de Agnès Chalmot estar de mão estendida à espera do DVD, o historiador permaneceu imóvel. "Claro que pode", acedeu ele. "Mas olhe que ainda há mais..." "Perdão?" O português sorriu. "A procissão ainda vai no adro, minha cara", revelou. "Este DVD está cheio de gravações muito interessantes." Virou a costas e enfrentou o computador portátil.

A sala dos Uffizi estava reduzida ao silêncio absoluto enquanto Tomás procurava localizar a sequência seguinte. Quando a imagem apareceu, o historiador carregou no pause e o fotograma imobilizou-se, mostrando dois homens em pé. O grupo em redor do historiador, e em particular os dois procuradores do Tribunal Penal Internacional, seguiu com grande atenção todo o diálogo registado pela câmara e pelo microfone ocultos.

"Antes de comentar o que acabámos de escutar vamos ver a gravação seguinte", sugeriu ele. "Esta reunião decorreu na mesma sala da delegação portuguesa, mas com diferentes protagonistas. De um lado o primeiro-ministro português, do outro o então comissário europeu Axel Seth, aqui a falar em representação do governo francês. Esta reunião bilateral ocorreu em privado horas antes de uma cimeira europeia."

Carregou no play e a imagem rolou.

"Então, Axel, vai ser uma cimeira dura, hem?"

"Qual quê, mon cher Gonçalves! Já está tudo cozinhado, como sempre. Quando sentarmos os rabos na sala só temos de ratificar o que já foi acordado pelas nossas delegações. Depois basta sorrir perante os fotógrafos e apertar o bacalhau. Voilà!"

"Isso é verdade", assentiu o chefe de governo português, sentando-se no sofá. "Oiça, disseram-me que você tinha uma coisa importante para discutir comigo."

"Ah, oui! O TGV."

"Pois, essa história das redes transeuropeias." Esboçou uma careta. "Pensa mesmo que é necessário montar redes de alta velocidade pela Europa toda?"

"O TGV é essencial para o progresso económico."

"Acha que sim?", admirou-se o português, ainda céptico. "A América não tem TGV e que eu saiba é um país desenvolvido. Os escandinavos também não possuem alta velocidade e isso não os impediu de se desenvolverem. Porque raio é agora o TGV assim tão prioritário?"

Axel Seth fez um gesto difuso no ar.

"Já vi que você é um vivaço, mon cher Gonçalves!", exclamou. "Não se lhe pode esconder nada!" Suspirou. "Sabe, a história do TGV e do progresso que ele desencadeia é uma balela que inventámos para pôr o fabricante a vender comboios a toda a gente. Está a ver como é, o fabricante financiou o meu partido na última campanha e agora temos de o recompensar..."

"Nem me fale nisso, Axel! Em Portugal tenho sempre os financiadores do meu partido à perna, é um horror..."

"Pois é." O comissário europeu afinou a voz. "Estamos a vender comboios de alta velocidade para a Europa toda, já convencemos os Espanhóis e queria saber como vai ser com Portugal."

"Quanto custa uma brincadeira dessas?"

"O meu pessoal já fez as contas. Comboios, mais construção da linha e ainda a terceira ponte sobre o Tejo, é coisa aí para uns oito mil milhões de euros."

O primeiro-ministro esbugalhou os olhos.

"Oito mil mil... você está doido?"

"É o preço do progresso, mon cher."

"Nem pensar, Axel! Só se eu estivesse maluco de todo! Se gastarmos oito mil milhões de euros no projecto do TGV, fazemos um rombo nas contas públicas maior do que o buraco aberto pelo icebergue na Titanic. Não há dinheiro para uma loucura dessas!"

"Nós financiamos, Gonçalves."

"Quanto?"

"Vinte por cento."

O primeiro-ministro esboçou nova careta e abanou a cabeça.

"E nós entramos com oitenta por cento? Não dá..."

"Meta ao barulho uma dessas parcerias público-privadas que vocês têm em abundância aí em Portugal e digam que, para além dos vinte por cento da União, outros quarenta por cento virão do cash flow gerado pela operação. Isso permitir-vos-á alegar que o estado português só paga uns quarenta por cento do projecto. Os papalvos irão engolir essa, fique descansado."

"Esse dinheiro não é recuperável."

"Claro que não, mas vocês não vão dizer isso a ninguém, pois não? Basta encomendarem uns estudos de viabilidade financeira que digam o que vocês querem que eles digam, designadamente que o projecto pode ser rentável, metam no meio a expressão cash flow para ninguém entender patavina e a coisa fica resolvida."

"Mas, Axel, se nós avançarmos para isso vamos ter um problema sério de défice das contas públicas."

Axel! Seth respirou fundo, a impaciência a espreitar-lhe na voz.

"Oíça, Gonçalves, nós precisamos de arranjar negócio ao nosso fabricante de comboios de alta velocidade", disse num tom subitamente muito assertivo. "Andámos muito tempo a subsidiar a vossa economia com fundos de coesão, dinheiro dos nossos contribuintes que vocês entregaram às construtoras que vos financiavam os partidos, e agora queremos o retorno. Arranjem-se como quiserem, mas têm mesmo de nos comprar o TGV. Chegou a hora de os vossos contribuintes ajudarem quem financia o meu partido lá em França."

"Mas gastar oito mil milhões de euros num investimento que não é reprodutivo vai deixar-nos com a corda ao pescoço!..."

"Não se preocupe com isso, mon cher! Agora estamos todos no euro e isso põe-vos ao abrigo das desconfianças do mercado. Além do mais, você estará no governo quando, daqui a alguns anos, chegar a hora de pagar?"

O primeiro-ministro português ajeitou a gravata. "Pois é, tem razão."

"Não se apoquente, mon cher! Quem vier a seguir que resolva o problema! E se os contribuintes tiverem de pagar ainda mais, azar deles!"

Gonçalves da Cunha riu-se.

"Contribuintes? O que é isso? Quando estamos no poder, Axel, todo o dinheiro ao nosso dispor pertence-nos a nós! A nós! Isso dos contribuintes é conversa para papalvos. O dinheiro é nosso e servimo-nos dele como muito bem entendermos!"

"É mesmo assim!", assentiu o francês com entusiasmo. "Se vier a faltar dinheiro, cortam-se salários, aumentam-se impostos, despedem-se pessoas, far-se-á o que tiver de ser feito! O importante é sermos uns para os outros, não é verdade?"

O seu interlocutor assentiu.

"Tem razão, tem razão." Considerou as vantagens da ideia. "Além do mais, isto é obra que impressiona o eleitorado. Se meter as parcerias público-privadas no projecto, a factura só virá daqui a alguns anos. Isso permitir-me-á dizer que o estado português paga pouquíssimo e outras tretas do género. Por outro lado, posso ainda alegar que o TGV traz progresso e dá

emprego a muita gente..."

"Vai resultar! Você manda fazer, os palermas pagam e, a cereja em cima do bolo, ainda votam em si! É perfeito, mon cher Gonçalves! Parfait!"

As imagens no ecrã do computador portátil mostraram os dois homens a despedir-se, o primeiro-ministro a acompanhar o comissário europeu à porta e, uma vez só, a voltar para o sofá e a pegar no telemóvel. Digitou um número e aguardou que atendessem do outro lado.

"Está? Comendador Pereira? Daqui Gonçalves da Cunha. Tirei um minutinho antes do conselho europeu, aqui em Bruxelas, para lhe dar uma palavrinha, meu caro. Como vai isso?" Fez uma pausa, a escutar o que dizia o seu interlocutor. "Pois muito bem, muito bem." Segunda pausa. "Ah é? Aquela auto-estrada que vos dei a construir lá na Beira Baixa vai bem? Olhe que vocês estão a arrecadar uma boa maquia dos cofres do estado, hem? Essa auto-estrada não vai ter tráfego nenhum, mandei-a fazer de propósito para vos ajudar..." Nova pausa. "Fique descansado, homem, eu trato disso. Como o tráfego será tão insignificante que não vos dará dinheiro, a gente mete no contrato que o estado paga para que vocês tenham lucro. Comigo, já sabe, a sua empresa nunca terá dificuldades." Fez uma pausa para escutar o seu interlocutor. "Qual terreno agrícola? O de Vila Nova de Mexilhões? Fale com o nosso autarca, ele é um bom tipo.

O gajo altera o plano director municipal e passa-lhe isso a terreno urbano, fique descansado. Terá é de desembolsar mais uns tustos, já sabe." Afinou a voz. "Oiça, chegou-me agora às mãos um projectozinho que é bem capaz de render uns carcanhóis valentes, e é justamente por isso que lhe estou a ligar. Diga-me uma coisa, meu caro: o que percebe você de comboios de alta velocidade?" Outra pausa. "Pois, é uma coisa dessas. Acontece que vamos avançar aqui com um projecto e... e quero que você faça parte do consórcio. É muita massa envolvida, meu caro amigo. Vai dar dinheiro para toda a gente." Nova pausa. "Não, é evidente que a alta velocidade não é rentável, meu caro comendador. Também estas autoestradas não são rentáveis nem necessárias e isso não nos impediu de as fazer, pois não? Era preciso ajudar as construtoras amiguinhas e nós ajudámos, ou não ajudámos? Neste caso é o mesmo. A malta faz um contrato dos habituais, daqueles em que o estado paga para assegurar o lucro do consórcio encarregado do projecto. Será uma parceria público-privada segundo o esquema habitual, fique tranquilo." Ainda uma pausa. "Isso, isso. Mas, oiça lá, quero um bom financiamento para o partido, ouviu? Olhe que estou a dar-lhe muito dinheiro a ganhar." Mais outra pausa. "Está bem, depois falamos. Quando tivermos definido o itinerário que o TGV vai ter, dar-lhe-ei adiantadamente a informação para que possa comprar os terrenos a bom preço e ganhar uma bela maquia com as expropriações."

Respeitou uma nova pausa e, esboçando de repente uma careta, bateu com a palma da mão na testa. "Ah, pois, tem razão! Você já conhece bem esse esquema, quando foi do traçado das Scut, já nem me lembrava..." Afinou a voz. "Não se esqueça que esta história dos comboios vale milhares de milhões de eur... uh... quilómetros. Por isso, não aceito menos de umas dezenas de milhões de eur... quer dizer, de quilómetros para o partido, está a ver? Tenho eleições à porta e..." Pausa. "Está bem, está bem. Os homens da mala depois passam por aí para receber o dinheiro. A chatice é a comissão que eles levam, hem? Mas, enfim, tem de ser. É o preço para apagar o rasto dos... dos quilómetros." Suspirou. "Depois falamos melhor, meu caro comendador, ao telefone convém ser prudente, não é verdade? Além disso, vai agora começar o

conselho europeu e não posso chegar atrasado, senão a gorda ainda me passa uma descasca em alemão." Riu-se. "Cumprimentos à malta aí da sua construtora. Especialmente ao tesoureiro, ouviu?" Nova risada. "Bom rapaz, esse Teodoro! Uma maravilha a passar cheques, hem?" Ainda outra gargalhada. "Um abraço, um abraço..."

O chefe do governo português desligou o telemóvel e a imagem foi a negro, sinal de que a sequência de gravação estava concluída. Depois de carregar no pause, Tomás voltou-se para os procuradores do Tribunal Penal Internacional. "São três conversas muito instrutivas, não vos parece?"

Agnès Chalnot e Cano dei Ponte ainda estavam estarrecidos com o que haviam visto e ouvido. "Muito", murmurou a procuradora-geral, o assombro a empalidecer-lhe a face. "Muito mesmo."

"Não é que não suspeitássemos que as grandes decisões se tomassem assim, mas uma coisa é imaginarmos e outra é vermos e ouvirmos", considerou o historiador. "Há várias coisas essenciais que estas conversas nos mostram. A primeira é que existe um problema sério nas nossas democracias no que diz respeito ao financiamento dos partidos políticos. Quem dá dinheiro aos partidos não o faz por idealismo, mas para colher vantagens. E o que é grave é que as colhe de facto. O sistema está montado de tal maneira que, a troco de financiamentos para serem eleitos, os políticos tomam importantes decisões em função dos interesses dos seus financiadores e em grave prejuízo dos interesses dos seus cidadãos. Fazem-se obras que não são necessárias só para dar dinheiro aos financiadores. Uma inspecção do Tribunal de Contas permitiu concluir que quase setenta por cento das despesas de consultoria efectuadas num ano em Portugal eram por recurso a ajuste directo. Só em menos de três por cento dos casos houve consulta a mais de um prestador de serviços.

"Como é possível?", questionou-se Agnès Chalnot. "Portugal não é um país da União Europeia?"

"Oíça, este problema existe em Portugal, existe no resto da Europa, existe na América e existe em qualquer país onde haja democracia. Calcula-se que cada congressista americano, por exemplo, passe entre trinta e setenta por cento do seu tempo a angariar fundos para as suas campanhas eleitorais. Os políticos são muito mais sensíveis às necessidades dos financiadores do que do país e chegam a cooperar com os seus rivais, como aconteceu nesta negociata dos submarinos, para garantir o acesso tranquilo ao dinheiro. O actual sistema de financiamento partidário é altamente corruptor e, se não for seriamente reformado, não vamos a lado nenhum."

"É um facto", assentiu a procuradora-geral. "Já dizia o Garganta Funda do Watergate: sigam o dinheiro. Quem quiser identificar a fonte de todos os males só tem de seguir o rasto dos financiamentos."

Tomás apontou para o ecrã onde haviam visto as conversas.

"A segunda coisa que estas conversas nos mostram é que a corrupção em Portugal é um problema sério. Repararam naquela conversa sobre os terrenos agrícolas passarem para urbanos? Isso é um grande esquema de corrupção em Portugal. Os tubarões compram a um agricultor pobre um terreno agrícola que custa vinte mil euros, pagam por baixo da mesa para que as câmaras alterem os planos directores municipais e transformem esses terrenos em urbanos, e as propriedades passam assim a custar duzentos mil euros."

"Grande golpada..."

"Então não é? Este esquema tem diversas variantes e ouvimos uma delas na conversa entre o primeiro-ministro português e o construtor civil. O governante revela ao seu financiador o itinerário do TGV antes de essa informação ser pública, o financiador compra os terrenos agrícolas que se encontram no trajecto previsto e corrompe os autarcas para estes passarem esses terrenos a urbanos. Como por lei as expropriações dos terrenos urbanos são muito mais caras do que as dos terrenos agrícolas, os financiadores ganham uma fortuna quando o estado usa o dinheiro dos contribuintes para expropriar os terrenos agora urbanos onde vai circular o TGV. Este esquema, que envolveu governantes e financiadores, foi muito usado quando da construção das estradas, incluindo as Scut. Só à custa das expropriações de terrenos passados apressadamente a urbanos, a construção de estradas em Portugal deve ter custado o dobro do seu valor real."

Os magistrados entreolharam-se, estupefactos.

"Isso é... incrível."

"Outra variante deste negócio serviu para sacar dinheiro aos bancos em quantidades industriais. Os construtores compravam um terreno agrícola barato e, corrompendo os autarcas, passavam-no a urbano e obtinham licenciamento para um projecto. Depois pediam aos bancos que lhes financiassem trinta por cento da construção e ofereciam o terreno como garantia. Como o crédito estava barato, os bancos davam o dinheiro e os construtores, em vez de fazerem a obra, ficavam com a massa. Quando os construtores deixavam de pagar o que deviam, o banco ia buscar o terreno que ficara de garantia e descobria que ele afinal estava algures no meio de um campo e não valia nada. Só lá tinha umas hortas."

"Pois, mas isso é um negócio que não envolve dinheiros públicos, pelo que não está no âmbito da nossa investigação..."

"Está enganada", corrigiu Tomás, interrompendo a procuradora do TPI. "Metade da dívida privada deve-se às famílias que compraram casa e não a conseguem pagar, não é verdade? Mas e a outra metade da dívida privada que deixou Portugal com a corda no pescoço? São dívidas criadas por estes esquemas. Os bancos estão à beira da falência porque emprestaram dinheiro para obras em terrenos que afinal não valem nada. Como os bancos se encontram aflitos, quem os veio salvar?"

A pergunta ficou por um momento a pairar no ar até que o olhar de Marilú se acendeu com a resposta.

"O estado."

"E com que dinheiro?"

A procuradora suspirou, vendo a evidência.

"O dinheiro dos contribuintes, claro."

O historiador sorriu.

"Está a ver como os dinheiros públicos foram arrastados para este esquema? Os governos estão a cortar salários e pensões e a aumentar os impostos também para arranjar dinheiro para meter nos bancos que emprestaram milhares de milhões de euros e ficaram nas mãos com terrenos que afinal não valem nada."

"Pois, estou a ver."

"Outro pormenor interessante desta última conversa registada no DVD é a referência aos homens da mala. Trata-se dos angariadores do financiamento partidário, que cobram comissões

de quarenta por cento. O dinheiro que eles angariam é depois despejado aqui e ali, de tal modo que nos cofres dos partidos acabam por só entrar quinze por cento."

"Mon Dieu!", exclamou a procuradora-geral, abanando a cabeça. "Só negociatas!"

"É verdade. Mas a verdadeira negociata é a dos corruptores, claro. A conversa entre o primeiro-ministro e o dono da construtora é, a todos os títulos, ilustrativa. Graças ao dinheiro que dão aos partidos e aos decisores corrompidos, os grandes tubarões conseguem verdadeiros negócios mirabolantes. As PPP são exemplos de negociatas suspeitas, em que o risco foi transferido do privado para o contribuinte, o qual assegura ao privado rentabilidades de quinze por cento ao ano. Ou os governantes que decidiram isso são totalmente parvos, coisa de que tenho as maiores dúvidas, ou então fizeram-no porque havia interesses ocultos em jogo. Não há provas de nada, claro, mas não consigo imaginar outra explicação para decisões tão ruinosas. Reparem que, quando a legislação das PPP foi aprovada, seis deputados da comissão parlamentar de obras públicas eram administradores de empresas de construção envolvidas nestas parcerias..."

Agnès Chalnot sorriu.

"Deve ter sido coincidência..."

"Pois deve", devolveu Tomás. "A terceira coisa que estas conversas mostram é que os países do centro, como a França e a Alemanha, têm também uma importante fatia de responsabilidade na crise da dívida dos países da periferia. Quando a crise começou, os Alemães acusaram a periferia de gastar à tripa-forra, e tinham razão. O que eles não disseram é que eles próprios, Alemães e Franceses, encorajaram os periféricos a endividar-se para além do que podiam. A Alemanha e a França usaram a periferia para financiar indirectamente as suas próprias empresas, pressionando os países periféricos, em particular a Grécia e Portugal, para avançarem com projectos ruinosos que evidentemente não conseguiriam pagar. Ou seja, toda a retórica moral que agora apresentam, retórica que é aliás correctíssima, está impregnada da mais pura das hipocrisias. Os governantes dos países periféricos europeus merecem sentar-se no banco dos réus no processo de crimes contra a humanidade por decisões danosas que tomaram e que conduziram a esta crise, mas os governantes dos países do centro também. É importante lembrar que Portugal, sendo o país mais antigo da Europa, faliu menos vezes que a Alemanha e a França, por exemplo. Portanto, a falência não é algo que esteja necessariamente nos genes portugueses, como andam a insinuar."

Os dois procuradores do Tribunal Penal Internacional cruzaram o olhar; ambos tinham plena consciência de que não os aguardava tarefa fácil. Como iriam eles sentar no banco dos réus, além dos sucessivos governantes da Grécia, de Portugal e de Espanha, os presidentes de França e os chanceleres da Alemanha?

"Tudo isto é muito interessante", disse Agnès Chalnot. "Mas, com o que temos, receio que o processo não tenha pernas para andar."

A conclusão surpreendeu o historiador português. "Não? Porquê?"

"Porque não conhecemos a origem do dinheiro com que os países periféricos financiaram estes projectos", indicou ela. "No fim de contas, os financiamentos comunitários só cobrem uma parte das despesas, não é verdade? Sem termos uma coisa dessas apurada, não é possível processo nenhum..."

Tomás inclinou a cabeça.

"Acha que os dois técnicos franceses não gravaram nada sobre isso?", perguntou em tom de desafio. Desviou o olhar para o computador onde o DVD estava inserido. "Pois engana-se..."

O ambiente na sala dos Uffizi tornara-se denso, quase como se um nevoeiro pairasse sobre todo o espaço. O dedo de Tomás aproximou-se do botão de play do computador portátil. Antes de carregar, porém, o historiador encarou a procuradora-geral do TPI.

"O próximo segmento gravado pelos dois franceses lida justamente com a questão de determinar a forma como os bancos dos países centrais financiavam o despesismo nos países periféricos", disse. "O que vamos ver a seguir é uma conversa telefónica entre um banqueiro alemão e um banqueiro americano. O alemão tinha tido uma reunião com o ministro espanhol das Obras Públicas e ficou sozinho no gabinete, sem saber que estava a ser gravado. O telefone fixo que ele utilizou também se encontrava sob escuta, o que nos permite ouvir o que o seu interlocutor dizia em Nova Iorque."

Carregou no play e a imagem começou a rolar. Mostrava um homem gordo e engratado sentado a uma mesa, a fazer uma chamada a partir de um telefone fixo.

"Hallo, John? Aqui Mathias Glock, do Münchner Eurobank. Tudo bem?"

"Hi, Mattie! Como vai isso, old pai?"

"Wunderbar. Ouve, John, tive agora uma reunião com o ministro espanhol das Obras Públicas e ele pediu-me dez mil milhões de euros para financiar mais uma linha de alta velocidade. Será que me podes disponibilizar esse dinheiro?"

"A que juro, Mattie?"

"O do costume, claro."

"O juro do costume é muito baixo, Mattie! Já te enviei cinco mil milhões para umas auto-estradas em Portugal, mais sete mil milhões para o governo grego distribuir subsídios às suas clientelas e agora queres outros dez mil milhões para os Espanhóis? Olha que já mandámos trinta mil milhões para financiar a construção civil em Espanha e outros quinze mil milhões para o imobiliário na Irlanda! Essa gente está a estourar dinheiro que se farta! Será que eles depois nos pagam?"

"Ach, John, que pergunta! Não vês que estamos todos no euro? Agora é tudo a mesma coisa, mein Freund! Empréstar a um espanhol ou a um português é o mesmo que a um alemão!"

"Tens a certeza? Olha que a dívida desse pessoal já começa a pesar..."

"Confiança total, John."

"Esses países não têm medo de ficar sobre endividados?" "Qual quê! Olha, o governador do Banco de Portugal, por exemplo, já disse em público que, uma vez que o seu país está no euro, a questão do sobre endividamento não se coloca. E em privado encorajou os banqueiros portugueses a endividarem-se à vontade. De modo que só temos de aproveitar os juros baixos e usar o dinheiro. Empréstar aos países da zona euro, quaisquer que eles sejam, é absolutamente seguro! Se houver algum problema, as economias mais fortes servem de garantia implícita das dívidas das economias mais débeis."

O americano hesitou.

"Yeah, tens razão", acabou por dizer. "Okay buddy manda-me então os papéis e eu trato disso. Vamos ganhar boa massa em comissões, hem?"

"Jawohl, John. Vou falar com os Espanhóis para que eles formalizem o pedido. É ainda possível que haja outra encomenda dos Portugueses. Parece que agora também querem construir um aeroporto."

"Wow, Mattie! A Europa parece um estaleiro! É só obras, é só obras! E nós a facturar!"

A imagem foi a negro e Tomás carregou no stop.

"Esta conversa é muito interessante porque mostra como o esquema estava montado", sublinhou o historiador. "O dinheiro barato gerado pelas taxas de juro muito baixas era enviado para os bancos dos países centrais na Europa. Apesar de o Tratado de Maastricht ter uma cláusula de no-bailout, na qual é explicitado que a zona euro não se responsabiliza pela dívida individual de cada um dos seus países-membros nem a pagará, os bancos europeus e até os bancos centrais, COO o português, convenceram-se de que tal cláusula nunca seria accionada e alimentaram a ficção de que um empréstimo à Grécia era tão seguro como um empréstimo à Alemanha. Os Americanos compraram essa ficção e enviaram dinheiro a juro baixo aos bancos alemães, franceses, austríacos, belgas e holandeses, que o redistribuíram pelos países periféricos, onde foi aplicado em maus investimentos no sector não transaccionável e no alargamento desmesurado do estado social. O euro tornou-se assim um esquema gigantesco de reciclagem de dinheiro do centro da Europa para a periferia, tornando metade do continente credora e a outra metade especuladora, com os bancos a actuarem como intermediários que arrecadaram enormes comissões e aceitaram como garantia propriedades sobrevalorizadas pela bolha do imobiliário. Quando a bolha americana rebentou e o preço dos imóveis caiu, todo este edifício de cartas foi abaixo. Os países do centro, que canalizaram o dinheiro para a periferia e lhe impingiram negócios para financiar indirectamente as suas próprias empresas, viram a maré mudar e o que fizeram eles? Desataram a acusar a periferia de gastos irresponsáveis. Tinham razão, claro. O que não disseram, no entanto, é que eles próprios partilhavam grandes responsabilidades por esses gastos e que os seus bancos emprestaram dinheiro à doida, sem cuidar de verificar se os periféricos tinham meios de pagar o que deviam. Conclusão, ficou tudo encravado. Os bancos do centro europeu, em especial os franceses e os alemães, tornaram-se grandes credores da periferia. Os periféricos contraíram tanta dívida aos bancos do centro que, se entrarem em default e não pagarem, grande parte desses bancos irá à falência."

Agnes Chalnot trocou um novo olhar com Carlo del Ponte e, preocupada, suspirou.

"Pois é, isto vai ser um processo judicial muito complicado. Não sei como vamos nós..."

O historiador levantou a mão, sinalizando que ainda não tinha acabado, e voltou-se mais uma vez para o computador portátil.

"Calma que ainda há mais", avisou. "Agora vamos ouvir uma outra conversa telefónica, esta entre o primeiro-ministro português em Bruxelas e o seu ministro dos Assuntos Parlamentares em Lisboa. O chefe do governo está na delegação portuguesa da Comissão Europeia e as imagens foram captadas horas antes de outro conselho europeu."

Carregou no play e as imagens no ecrã, mostrando um homem sentado a uma secretária e agarrado a um telefone fixo, recomeçaram a movimentar-se.

"Ó António, que ideia é essa de estares a preparar uma lei sobre crimes da responsabilidade de titulares de cargos públicos?", questionou o primeiro-ministro em tom alterado. "Estás doido ou quê?"

"Mas, Gonçalo, já falámos sobre isso!..."

"Falámos sim, mas não foi disto exactamente. O Paulo leu-me há pouco algumas cláusulas e... com franqueza, fiquei estarecido!" A imagem mostrou o chefe do governo a consultar um

papel. "Oito anos de cadeia se um governante actuar de forma a beneficiar ou prejudicar alguém de forma indevida? Cinco anos de prisão para o governante que aceitar ou solicitar vantagem patrimonial ou não patrimonial para si ou terceiros? Três anos de prisão por violação de regras urbanísticas? Um ano de prisão para quem viole as normas de execução orçamental?" O primeiro-ministro português levantou os olhos da cábula que consultava. "Tu estás doido, António? Se tudo isto for penalizado, vamos todos para a prisão, caraças! O que temos feito nós todos os dias senão beneficiar ou prejudicar alguém de forma indevida? E quando pedimos aos financiadores vantagem patrimonial para as contas dos nossos partidos? E as vezes que temos violado as normas de execução orçamental? Uma lei destas não pode ser apresentada, António! Nem pensar!"

"Ó Gonçalo, já falámos sobre isso!", insistiu o ministro dos Assuntos Parlamentares. "Temos de dar o ar de que estamos a moralizar a coisa, estás a perceber? Isso dá boa imprensa."

"Pois, mas estes artigos todos parecem-me de mais, António. Imagina que amanhã rebenta uma crise e o país fica em situação de bancarrota ou coisa do género. O que acontece a seguir? Com base nesta lei que andas a congeminar, o Ministério Público abre-nos um processo por violação das normas de execução orçamental, por exemplo, e arriscamo-nos a ir todos para a choçal!"

O ministro dos Assuntos Parlamentares riu-se.

"Sabes bem que isso não vai acontecer, Gonçalo. O procurador está controladíssimo..."

"Sim, mas quando sairmos do poleiro os nossos sucessores podem nomear outro gajo para a procuradoria e aí..."

"Os nossos sucessores também vão ter muito cuidadinho. Tal como nós, têm favores a pagar e benesses a distribuir. Somos todos feitos do mesmo barro."

O primeiro-ministro impacientou-se.

"Pois sim", concedeu. "O problema, porém, mantém-se. Esta lei que andas a congeminar parece-me muito perigosa. É melhor parares com esse disparate, ouviste? Não quero cá confusões."

"Não te preocupes, Gonçalo", respondeu o ministro dos Assuntos Parlamentares com uma risadinha. "Está tudo previsto."

"O que queres dizer com isso?"

"Olha só o que diz o artigo sexto da lei", disse, afinando a voz e preparando-se para ler. "A pena aplicável aos crimes de responsabilidade cometidos por titular de cargo político no exercício das suas funções poderá ser especialmente atenuada, para além dos casos previstos na lei geral, quando se mostre que o bem ou valor sacrificados o foram para salvaguarda de outros constitucionalmente relevantes ou quando for diminuto o grau de responsabilidade funcional do agente e não haja lugar à exclusão da ilicitude ou da culpa, nos termos gerais."

Fez-se um silêncio momentâneo na ligação telefónica. "Não percebi patavina", confessou o primeiro-ministro. "O que raio quer isso dizer?"

O seu interlocutor riu-se do outro lado da linha.

"Isto está escrito num legalês propositadamente confuso para que ninguém entenda", explicou. "É um palavreado jurídico que o escritório de advogados do Manel, o nosso ilustre deputado, arranjou como escapatória. Na prática, este artigo significa que ninguém será

condenado por coisa nenhuma."

"De certeza?"

"Ó Gonçalves, francamente! Achas mesmo que eu ia parir uma lei que nos encravava a todos? Não, fica descansado! Mesmo que venha a pior das crises, vais ver que ninguém será processado, e muito menos condenado, pelo que quer que seja! Está tudo tratado. Continuamos inimpugnáveis."

Fez-se um curto silêncio na ligação, enquanto o primeiro-ministro digerira o que acabava de ouvir.

"Vendo bem, acho que essa lei é muito importante para moralizar a vida política em Portugal", sentenciou, a voz de repente serena. "Vou apresentá-la como uma reforma fundamental, destinada a credibilizar a actividade política no país, a prova de que encaramos com seriedade e responsabilidade os nossos deveres para com os Portugueses e não receamos as consequências dos nossos actos de gestão. Quem não deve não teme! É justamente por não termos que não temos apresentar uma lei como esta!"

Uma gargalhada soou do outro lado da linha.

"Primeiro-ministro que fala assim não é gago!"

A imagem voltou a dissolver-se em negro. Tomás parou a gravação e virou-se mais uma vez para os procuradores.

"Penso que o que ouvimos aqui é elucidativo sobre o estado de impunidade dos políticos", observou. "É significativo que num país como Portugal, por exemplo, haja corrupção mas não haja corruptos. Nenhum político foi alguma vez condenado por corrupção, são todos impolutos. Todas as acusações terminam sempre em nada, uma vez que a lei está concebida de tal forma que se torna muito difícil conseguir a condenação de quem quer que seja. Um autarca de Lisboa que, com a ajuda da polícia, gravou uma conversa com o dono de uma empresa que tentava aliciá-lo acabou condenado por difamação e gravação ilícita, e o corruptor não passou nem um minuto na cadeia. A corrupção é um crime de quem gere dinheiros públicos, e os políticos não têm o menor interesse em aprovar uma lei que seja eficiente no combate a um tipo de criminalidade que os envolve directamente. As pessoas que denunciam a corrupção são as únicas penalizadas. Uma secretária de uma junta de freguesia que afirmou em tribunal ter ouvido falar nuns pagamentos feitos a um ministro para aprovar um grande projecto de licenciamento viu-se, no dia seguinte, despedida da junta onde trabalhava."

"Não há protecção para quem denuncie corrupção?"

"Nenhuma. Os legisladores não estão obviamente interessados em punir a corrupção a sério e em proteger quem a denuncia porque isso significaria que se punham a si mesmos em causa. Legislam em causa própria. Vocês não notaram, na gravação desta última conversa, aquela alusão ao escritório de advogados de um determinado deputado, o tal Manei? Trata-se de uma referência a um dos esquemas com que se branqueia a corrupção fingindo-se combatê-la. O que se passa é que os governantes entregam a elaboração das leis a grandes escritórios de advogados, que as redigem de uma forma muito confusa."

"Então não devem ser grandes juristas", observou Agnès Chalnot. "Um bom jurista redige leis simples e claras."

"Não está a perceber", disse Tomás. "As leis que eles redigem são deliberadamente confusas!"

A francesa fez uma careta de incompreensão. "Deliberadamente?"

"Claro. Quanto mais confusa e contraditória é a lei, mais alçapões contém. Os advogados contratados pelos partidos e pelos governos lavram leis cheias de regras sempre numa linguagem ininteligível, carregadas de excepções formatadas para as conveniências. Além do mais, e como esses textos são propositadamente confusos, os escritórios de advogados ganham ainda dinheiro a elaborar pareceres sobre as leis que eles próprios fizeram. É uma gatunagem incrível. Andam a cortar salários e pensões às pessoas para pagar os prejuízos provocados por toda esta corrupção."

A procuradora-geral do Tribunal Penal Internacional suspirou.

"Pois é", anuiu ela. "Juntamente com a questão do financiamento partidário, esse problema é de facto central."

"As duas questões estão relacionadas uma com a outra", reconheceu Tomás. "Mas a questão mais central de todas é a suscitada pela próxima gravação, por sinal a última. Trata-se de Uma interessante conversa entre o primeiro-ministro português, que se encontrava em Bruxelas para outro conselho europeu, e o ministro das Finanças, que ligou de Lisboa. Ora vejam."

O historiador carregou no play e a imagem do gabinete da delegação portuguesa voltou a materializar-se no ecrã do computador portátil, mostrando de novo o chefe do governo sentado à secretária e agarrado ao telefone fixo.

"Então, Gonçalo?", perguntou a voz de Lisboa. "Preparado para mais uma cimeira?"

"Ufa, isto é uma seca das antigas! Vou ter de pedinchar mais umas ajudinhas..." Mudou o tom de voz. "Olha lá, conseguiste aquele investimento dos Americanos em Setúbal?"

"Nem me fales nisso!", devolveu o ministro das Finanças. "Fui lá a Seattle com a conversa de que investir em Portugal é que é bom e coisa e tal, mas os tipos responderam logo que não. Parece que andaram a informar-se e descobriram que, para um trabalhador relativamente bem pago, dois terços do custo para a empresa vão para impostos. Perceberam que temos das maiores cargas fiscais do inundo e disseram-me que não estão para vir aqui esbanjar dinheiro. Além do mais, foram avisados de que não se consegue despedir ninguém, que a burocracia é infernal e que os processos em tribunal levam quinze a vinte anos a ser resolvidos. Decidiram investir na Polónia..."

"Eh pá! Que chato! Não lhes explicaste que temos bom sol, que a comida é ótima, que as pessoas são muito simpáticas..."

"Os investidores não querem saber disso para nada, Gonçalo! Sabes o que te digo? Temos de mudar estas leis, porque senão não vamos a..."

"Nem penses numa coisa dessas!", cortou prontamente o primeiro-ministro, nada interessado em alimentar aquela conversa. "Só se quiséssemos perder as eleições! Além do mais, os sindicatos calam-nos todos em cima!"

"Isso é conversa! Achas mesmo que os sindicatos iam opor-se a medidas que permitiriam criar emprego?" O chefe do governo soltou uma gargalhada.

"Deves estar a gozar! Os nossos sindicatos exigem a criação de emprego e ao mesmo tempo querem manter as actuais leis, que dificultam a criação de emprego. Não percebem, ou fingem não perceber, que com a globalização as grandes empresas têm alternativas de investimento e que com as nossas leis ninguém abre negócio em Portugal." Suspirou. "Enfim,

não te rales. Quando isto der para o torto alguém que resolva o problema! Temos é de ir tratar da nossa vidinha, não é verdade?"

O ministro das Finanças não insistiu, tão peremptório fora o seu chefe. Em vez disso, afinou a garganta e baixou a voz.

"Bem, liguei-te por causa de outra coisa", disse de mansinho. "Tenho aqui um problema sério e preciso de falar contigo com urgência."

"Que se passa, Augusto? Não me digas que os cabrões dos jornais voltaram a..."

"Não é nada disso", cortou o ministro. "Recebi aqui uma informação da Direcção-Geral de Contribuições e Impostos que... enfim, isto é muito complicado, muito complicado mesmo."

"Então? Que aconteceu?"

"Parece que há uma quebra brutal das receitas." "Brutal como?"

"O IRS, o IRC, o IVA... as receitas do fisco tombaram em flecha."

"Estás a brincar!..."

"Quem me dera! Esta crise na América parece estar a atingir a economia de uma maneira que não prevíamos. As vendas caíram, as empresas estão a facturar menos e muitas até começaram a fechar, há por isso mais malta a ficar sem trabalho e... e anda tudo a pagar menos impostos. As receitas levaram um trambolhão do catano!"

Fez-se um silêncio súbito na linha, com o primeiro-ministro a ponderar o que acabara de escutar.

"Olha lá, isso já transpirou?"

"Não, não. Nada. Esta informação é interna."

O primeiro-ministro suspirou, aparentemente aliviado.

"Ufa, ainda bem!", bufou. "Mantém a coisa em segredo, ouviste? Vêm aí eleições e não quero cá mais chatices. A oposição é bem capaz de pegar nisso e os jornais..."

"Mas, ó Gonçalo, não estás a ver bem o problema", insistiu o ministro das Finanças. "Se temos menos receita, precisamos de baixar a despesa ou aumentar os impostos."

"Estás doido?", exaltou-se o chefe do governo, irritado com a sugestão. "Com as eleições à porta?"

"Se não fizermos nada, o défice dispara."

"A malta controla a coisa."

"Qual controla a coisa?! Se entra menos dinheiro, não podemos gastar tanto. Isto é simples aritmética. Temos de cortar na despesa ou aumentar a receita. O problema é que a receita está a levar um tombo dos antigos."

"Não, não", exclamou o primeiro-ministro. "Nem pensar!" "Então como fazemos?"

"Contraímos mais empréstimos para tapar esse buraco." "Mas assim a dívida pública vai disparar."

"Estou-me a borrfirar para a porra da dívida pública!", desabafou o chefe do governo, elevando de novo a voz. "Vêm aí eleições e é preciso distribuir umas benesses pela população. Por isso vamos até aumentar os salários e baixar os impostos."

O ministro das Finanças quase gritou do outro lado da linha.

"O quê?"

"É como te digo: vamos aumentar a função pública. Estava a pensar em... sei lá, três por cento."

"Um aumento de três por cento nos salários?!"

"Achas de mais?" Hesitou. "Está bem, ficamos pelos dois vírgula nove por cento." Nova hesitação. "Mas se os aumentos não chegam aos três por cento temos de dar umas alvíssaras com os impostos. Que tal baixar o IVA um ponto?" "Mas... mas..."

"As eleições estão à porta, meu caro amigo!", insistiu o primeiro-ministro. "Queres perdê-las ou quê?"

"Ó Gonçalo, isso é uma loucura! Não há dinheiro para aguentar uma coisa dessas."

"Tem calma. Ouve, vou explicar-te como vamos fazer a golpada. Aumentamos a função pública e baixamos o IVA, não é? Dizemos que isto tem a ver com a melhoria da economia e com a nossa gestão rigorosa dos dinheiros públicos e coisa e tal. Fazemos um vistaço do camano. Vêm as eleições, a malta ganha com uma perna às costas e, logo a seguir, pimba!, dizemos que afinal a situação internacional piorou, o que aliás não é mentira nenhuma, e cortamos regalias e deduções fiscais, de modo a reduzir os salários de uma forma invisível, e aumentamos outra vez o IVA e, se necessário, o IRS. Limpinho."

O tom de voz em Lisboa era de desaprovação. "Não me parece nada bem."

"A escolha é simples: queres perder ou ganhar as eleições?"

"Não é isso. A questão é que benesses desse calibre são ruinosas. Além do mais, ninguém vai acreditar nessa conversa..."

"Claro que vai", retorquiu o chefe do governo. "O De Gaulle disse uma vez que, como nenhum político acredita no que diz, fica sempre surpreendido quando vê que os outros acreditam nele. É mesmo assim, meu caro! As vezes digo com ar sério as maiores tretas que possas imaginar... e o pessoal papa tudo. Eu próprio às vezes fico espantado! De modo que podes ficar tranquilo. Já ando nisto há muitos anos e sei bem como é..."

"Mas achas que o pessoal não vai notar que estas medidas surgem em contra ciclo só por causa das eleições?"

"Mesmo que notem, qual é o problema? Dizes que os aumentos salariais em ano de eleições são 'mera coincidência' e o pessoal o que faz? Alguém vai opor-se ao aumento dos seus salários?" Riu-se. "Vai por mim, irá correr tudo bem..."

Sentiu-se uma hesitação no outro lado da linha.

"Pois, és capaz de ter razão."

"Claro que tenho razão!", exclamou o primeiro-ministro. "Mas é essencial que essa informação da Direcção-Geral de Contribuições e Impostos permaneça confidencial, ouviste? Nem um pio sobre isso!"

"Está bem, vou ficar caladinho", prometeu o ministro das Finanças. "Mas a carta existe, Gonçalo. O que vamos nós dizer se alguém a descobrir depois das eleições?"

"Dizemos que ela não nos chegou, que não a lemos, que não soubemos de nada... uma tanga dessas."

"Mas há alguém que acredite nisso?", questionou a voz de Lisboa, ainda carregada de cepticismo. "Isto são as receitas do estado, Gonçalo! Como é possível que uma informação desta importância não chegasse até nós? Dizer que não fomos informados de que as receitas sofreram um colapso é o mesmo que o imperador do Japão dizer que não foi informado de que caíram bombas atômicas no seu país. Não é possível! Ninguém vai comprar uma desculpa tão esfarrapada!"

"Compram, comprem!", retorquiu o chefe do governo, seguro de si. "Se a malta negar com convicção, as pessoas acreditam. Sem espinhas! E mesmo que algumas não acreditem, nunca ninguém poderá provar coisa nenhuma."

A imagem foi a negro e Tomás carregou no stop e voltou-se para os procuradores.

"Esta derradeira conversa ilustra o problema central que conduziu o planeta à crise", observou. "O facto de os políticos porem as suas eleições e reeleições à frente dos interesses dos seus países. Neste caso, tivemos governantes portugueses que, informados em vésperas de eleições da quebra das receitas fiscais, mesmo assim aumentaram salários e cortaram impostos com o único fito de serem reeleitos. Este problema não é, porém, do partido A ou do partido B, do país K ou do país W. Não foi o presidente americano que foi apanhado a segredar ao seu homólogo russo que teria de ser mais duro na retórica anti-russa por causa das eleições que se avizinhavam na América, mas que depois seria mais flexível? Trata-se de um problema geral e fundamental das nossas democracias. Na raiz de todas as dificuldades não estão as falhas ideológicas da direita e da esquerda, embora contribuam seriamente para elas, mas essa questão fundamental de os políticos porem a sua eleição à frente de tudo. É isso que viabiliza a corrupção no financiamento partidário e as interferências dos poderes económicos e financeiros nas decisões políticas, permitindo todos os joguinhos que põem interesses particulares à frente dos interesses colectivos. É isso que leva os políticos a fazerem promessas irrealistas e a adoptarem políticas despesistas que a prazo conduzem à bancarrota. Quando a crise vem, conseguem até convencer os eleitores de que a culpa é dos outros, e em particular dos especuladores, um bode expiatório conveniente porque não tem rosto e não se pode defender. Os políticos querem ser eleitos e fazem tudo, mas tudo mesmo, incluindo vender a mãe e sacrificar os interesses dos seus países, para conseguir esse objectivo pessoal. Põem as eleições e os seus interesses particulares à frente de tudo o resto. Podem dizer que na origem da crise está o facto de todos vivermos acima das nossas possibilidades. Isso é parcialmente verdadeiro e deve-se à nossa incapacidade de competir com os produtos provenientes das economias emergentes. Mas metade, ou mais de metade da crise, deve-se a negociatas de governantes em actos resultantes de tráfico de influências e de corrupção despudorada, situações de que o cidadão comum não tem a menor culpa mas cujos prejuízos é chamado a pagar." Apontou para Marilú. "É este o problema central com o qual o processo do Tribunal Penal Internacional terá de lidar frontalmente e sem tergiversações se quiser ser bem-sucedido."

Quando Tomás se calou, um silêncio pesado impôs-se na Sala Botticelli. Foi a procuradora-geral do TPI, como de resto lhe competia, quem por fim o quebrou.

"Vai ser um processo diabólico", desabafou ela, uma nuvem de cansaço a toldar-lhe o olhar. "Vamos ter de sentar os governantes de uma série de países no banco dos réus."

"Não se esqueça dos antigos..."

"Quais antigos?"

"A responsabilidade pela crise não se limita aos governantes dos últimos anos", lembrou o historiador. "As culpas são partilhadas por muita gente no passado. É preciso processar também muitos antigos governantes por crimes contra a humanidade. Primeiros-ministros, ministros das Finanças, ministros das Obras Públicas, presidentes de governos regionais, governadores de bancos centrais, a maioria dos autarcas..."

"Também os autarcas? Mas assim a lista nunca mais acaba!"

Tomás abriu os braços, num gesto de impotência.

"Pois é, minha cara!", exclamou. "Se queremos processar os suspeitos de responsabilidade pela crise temos de ter consciência de que há muita gente envolvida, embora com diferentes graus de culpa. E, se é assim em Portugal, também é assim em Espanha, na Grécia, na Irlanda, em Itália... em toda a parte."

A procuradora-geral esbracejou.

"Isso dá centenas de suspeitos, provavelmente milhares! Estamos a falar de um mega processo como nunca foi visto!"

Tomás não respondeu de imediato. Virou as costas, carregou no eject e o computador portátil vomitou o DVD. O historiador pegou no pequeno disco prateado e acenou com ele na direcção da procuradora-geral do Tribunal Penal Internacional.

"Quatro pessoas morreram para que este material chegasse à sua posse", lembrou. "O que gostaria agora de saber é o que vai fazer com o que aqui tem."

A professora Agnès Chalnot fitou-o de olhos arregalados, na incerteza sobre o que responder. Ela, como de resto todos os presentes naquela sala dos Uffizi, tinha plena consciência de que essa era naquele momento a mais importante pergunta de todas.

O problema é que, considerando a imensidão do processo, não tinha resposta para lhe dar.

A primeira pessoa a reagir na Sala Botticelli foi Axel Seth. Depois de observar o conteúdo integral do DVD e de ouvir a exposição de Tomás, e aproveitando a perplexidade das autoridades, o presidente da Comissão Europeia tentou abrir caminho através do cordão de carabinieri formado em torno da congregação satânica.

"Deixem-me passar!", ordenou o juiz francês em tom assertivo, indicando a porta. "Allez, abram alas! Zut, alors! Tenho mais que fazer."

Recuperado do espanto, e hesitando quanto ao procedimento a adoptar, o chefe dos carabinieri lançou um olhar inquisitivo a Marilú, que por sua vez se virou para a procuradora-geral do Tribunal Penal Internacional.

"O que fazemos?", perguntou a responsável da Interpol. "Levamo-lo dentro?"

Agnès Chalnot vacilou; no fim de contas estava em causa a detenção do presidente da Comissão Europeia e juiz no próprio processo em que ela era procuradora-geral. Não se tratava de uma decisão fácil de tomar e precisava de tempo para medir a situação.

"Bem...", balbuciou. "Quer dizer, o melhor é..."

As palavras hesitantes da procuradora-geral foram interrompidas por uma gargalhada de Axel Seth.

"Prender-me?", perguntou o juiz em tom de desafio, voltando-se para trás de mãos na ilharga. "Os senhores querem mesmo prender-me? Sabem quem eu sou e quais os meus poderes? Têm noção de que, se puserem um pé em falso, eu vos trituro vivos?"

"Ninguém está acima da lei", retorquiu a professora Chalnot, talvez com menos convicção do que aquela que gostaria de imprimir às palavras. "No fim de contas o senhor... enfim, também partilha responsabilidades pelo que se passou, não é verdade?" Ganhava coragem à medida que falava. "Este processo é relativo a crimes contra a humanidade cometidos pelos responsáveis políticos e pelos agentes económicos e financeiros no processo que conduziu à crise, e quando começámos já sabíamos que nos íamos meter com peixe graúdo." Apontou para o seu interlocutor. "O DVD mostra que o senhor também partilha responsabilidades nesta crise. Por isso terá de responder por elas. Se o nosso processo vai indigitar pessoas como todos os presidentes americanos desde Ronald Reagan, por que razão o presidente da Comissão Europeia seria poupado?"

Nova gargalhada de Axel Seth.

"Pobre tola!", exclamou o juiz, abanando a cabeça. "Pensa mesmo que os presidentes americanos e todos os outros que o seu colega Cano dei Ponte hoje nomeou na sessão preliminar alguma vez se sentarão no banco dos réus? É mesmo ingénua! Então não sabe que os Estados Unidos não reconhecem a autoridade do Tribunal Penal Internacional?"

Alguma vez os Americanos vão entregar um presidente seu, antigo ou actual, para ser julgado aqui? Deve estar a brincar!"

"Claro que sei que os Americanos não vão entregar ninguém", empertigou-se a procuradora-geral. "O senhor já o disse, eles não reconhecem este tribunal. No que diz respeito aos suspeitos americanos, o processo é sobretudo simbólico."

"Simbólico, disse-o bem!", atalhou o presidente da Comissão Europeia, erguendo o dedo para sublinhar esse ponto. "E simbólico continuará a ser, ma chère! Ninguém com verdadeiras responsabilidades pode ser julgado neste tribunal. Neste ou em qualquer outro, aliás. E muito

menos eu! A senhora não sabe que, devido às minhas funções, gozo de imunidade judicial? Para que eu perca a imunidade, o Parlamento Europeu terá de se reunir e votar nesse sentido."

"É o levantamento dessa imunidade que tentaremos obter", disse Agnès Chalnot de pronto. "O meu gabinete irá de imediato formalizar um requerimento que entrará em Estrasburgo nesta próxima segunda-feira, com o intuito de..."

"Não seja absurda, madame!", cortou de novo Axel Seth. "Não vê que, embora em diferentes graus, todos os governantes europeus partilham responsabilidades pelo que se passou? Uns porque impingiram dívida aos periféricos, outros porque gastaram o que não podiam, todos porque só se preocuparam com as suas eleições. O facto é que não há ninguém fora do barco, ma chère. Ninguém. Para me tirarem a imunidade, os governantes europeus terão de tirar a imunidade a si próprios, uma vez que sei de mais e ninguém sairia ileso desta história." Abanou a cabeça com veemência. "Não, madame. Não digo que não haja um escândalo e que nenhuma cabeça rolem e coisa e tal, mas nada de fundamental será feito nem o Parlamento Europeu me retirará imunidade. Os eurodeputados irão lamentar, claro, mas receberão ordens dos seus líderes partidários e será invocada uma qualquer razão técnica ou jurídica para me proteger. Sabe como é, a lei foi concebida cheia de alçapões. Ninguém tocará em mim, fique descansada. O mais que me pode acontecer é ter de me demitir da Comissão Europeia por declarações inapropriadas proferidas em privado, mais nada. Isso, porém, não me preocupa, porque nós, os políticos, cuidamos dos nossos, como já deveria ter percebido. Arranjar-me-ão com facilidade uns cargos generosamente pagos no sector privado e vou safar-me como todos os ex-governantes se safam. Além disso, o mais natural é que se encontre um subterfúgio legal qualquer que impeça que se conheça o conteúdo desse malfadado DVD. Penso até que poderemos arranjar um qualquer presidente de um Supremo Tribunal que, alegando não haver nada de relevante nesse disco, dê ordens para o destruir. Acreditem, meus caros, há mil maneiras de abafar esta história."

As palavras do juiz abalaram os dois procuradores.

"Mas então, se não é para os responsáveis pela crise serem julgados, para que estamos nós a fazer este trabalho todo?", questionou Agnès Chalnot com indignação. "Para quê este processo judicial? Acha que eu e os meus colegas estamos a esforçar-nos tanto para isto dar em nada?"

"Ainda não percebeu?", perguntou Axel Seth num tom de desdém. "Pauvre idiote! O processo do Tribunal Penal Internacional foi criado para entreter o pagode com irrelevâncias, para dar a impressão de que fazíamos alguma coisa sem fazermos realmente nada. Quando um político quer abafar um caso incómodo, o que faz ele? Manda instaurar um inquérito!" Fez um gesto na direcção de Tomás e Raquel. "O que estragou tudo foram esses dois intrmetidos, mais aqueles patetas que tiveram a infeliz ideia de gravar e guardar as nossas conversas no edifício da Comissão Europeia e ainda o cabrão desse Filipe Madureira. Se não fossem estas cinco pedrinhas de areia na nossa máquina, o plano teria corrido às mil maravilhas. Mandávamos umas acusações contra os responsáveis americanos pela crise de 2008, dizíamos umas coisas verdadeiras sobre os mercados financeiros desregulados, haveria uma pequena guerra de palavras entre os dois lados do Atlântico e no fim tudo ficava na mesma."

Fez-se um silêncio embaraçado na sala, o presidente da Comissão Europeia seguro de si, os polícias e os procuradores atarantados e sem saberem como proceder.

"E é mesmo assim que as coisas vão ficar", concluiu Tomás com um sorriso resignado, pegando na deixa largada pelo juiz. "Tudo na mesma."

Axel Seth voltou-se para o historiador e lançou-lhe um olhar divertido.

"Você é que já topou tudo, mon cher professor Noronha", observou com um sorriso trocista a bailar-lhe nos lábios. "Um vivaço dos antigos, sim senhor." Assentiu com a cabeça. "E tem razão, sabe? Como dizemos lá na nossa terra, plus ça change, plus c'est la même chose!"

Virou costas e fez sinal de que queria romper pelo cordão dos carabinieri. Vendo as agentes da Interpol e os procuradores do TPI de braços caídos e sem capacidade de resposta, os guardas italianos abriram alas e um deles puxou mesmo a porta de saída e, com uma vénia, deixou passar o presidente da Comissão Europeia. Caminhando com altivez e majestade, hirtos e com o olhar distante dos que se sabem intocáveis, Axel Seth mergulhou no manto ténue de sombra que abraçava o imponente edifício dos Uffizi, os passos a ecoarem no mármore dos longos corredores silenciosos até serem enfim engolidos pelo ar denso da noite.

Apesar de se tratar de um albergue de terceira categoria situado numa ruína perdida nas vizinhanças do Duomo, para alguém que como Tomás passara as duas últimas noites a dormir sentado, a primeira num camião e a segunda num comboio, a apresentação limpa e arrumada e o conforto do quarto davam a impressão de que se encontrava no mais luxuoso dos hotéis de Florença. O Ritz não lhe pareceria melhor.

Depois de tomar banho, o primeiro desde que saíra do seu apartamento em Lisboa para visitar a mãe em Coimbra, dois dias antes, estendeu-se na cama e sentiu os olhos pesarem; sabia que dormiria profundamente nessa noite. Havia uma coisa, porém, que precisava de fazer antes de adormecer. O seu olhar desviou-se para o mostrador digital do relógio pousado sobre a mesinha-de-cabeceira.

Duas e meia da manhã.

Não era propriamente a melhor hora para ligar a ninguém, pois não? O assunto, no entanto, era da máxima urgência e não ficaria descansado enquanto não o resolvesse. A confusão das últimas quarenta e oito horas mantivera-o de tal modo ocupado que não tinha tido oportunidade de lidar com a questão, mas agora que deixara de ter perseguidores no encalço e dispunha enfim livremente de acesso aos meios de comunicação, precisava de resolver as coisas.

Agarrou no telefone do quarto e digitou os algarismos no teclado, começando pelo indicativo internacional, zero zero, depois o de Portugal, três cinco um, e a seguir o número.

O sinal de chamada tocou três vezes.

"O Lugar do Repouso, boa noite."

Atendeu uma voz feminina estremunhada, com certeza a funcionária encarregada do turno da noite.

"Boa noite, minha senhora", disse com voz mansa, consciente de que a hora não era a melhor. "Peço desculpa por estar a ligar tão tarde. Sou o filho da dona Graça Noronha, uma das pessoas alojada aí no lar. Sabe dizer-me se a minha mãe está bem?"

Ouviu o que parecia um bocejo do outro lado da linha. "Sim, com certeza", foi a resposta da mulher, visivelmente fatigada. "Porquê?"

"É que... bem, havia um problema com o pagamento da mensalidade e foi-me dado um prazo até esta noite para regularizar a situação, senão... senão ela seria expulsa às oito da manhã de amanhã. Sabe dizer-me como está isso?"

"Sou a auxiliar de serviço, não sei nada sobre essas coisas. Se é para questões administrativas, terá de ligar amanhã de manhã."

"Pois, justamente, amanhã de manhã poderá ser demasiado tarde porque ela... enfim, será expulsa, não é? Queria tratar do assunto antes que isso acontecesse, como decerto compreenderá."

"Como lhe disse, sou a auxiliar de serviço", retorquiu a mulher, a impaciência a espreitar-lhe na voz. "Para questões administrativas ligue amanhã de manhã, se faz favor."

A pessoa do outro lado da linha começava a parecer uma gravação. Tomás percebeu que com ela não resolveria o problema.

"Tem por acaso o contacto da senhora directora?" "A doutora não está."

"Sim, com certeza. Mas tem o contacto dela?" A mulher hesitou.

"Não se telefona à senhora doutora a uma hora destas", acabou por dizer, empertigando-se.

"Faça o favor de ligar amanhã."

Não estava a ser fácil conseguir a cooperação daquela alma.

"Tem toda a razão", disse Tomás, sempre com a voz dócil. "O problema, como decerto compreenderá, é que queria evitar que a minha mãe amanhã fosse posta na rua. Daí a minha urgência em falar com a doutora Maria Flor..."

"Ligue amanhã."

O historiador massajou o couro cabeludo com a ponta dos dedos, como se tivesse esperança de assim arranjar ideias que lhe permitissem convencer aquela casmurra.

"Oíça, não haverá mesmo nenhuma maneira de..." "Ligue amanhã, já lhe disse!"

Esta última frase foi disparada de forma mais ríspida, como se a mulher indicasse, e não com subtilidade, que estava a atingir o limite da paciência.

Tomás suspirou.

"Pronto, está bem. Muito obrigado."

Desligou o telefone e ficou de olhar perdido na janela. Por cima dos telhados podia ver a cúpula iluminada do Duomo, mas a última coisa naquele momento presente no seu pensamento eram as maravilhas arquitectónicas de Florença. Agora que resolvera a inopinada situação em que se metera, precisava de desatar o nó que envolvia a mãe no Lugar do Repouso antes que ela fosse expulsa, mas a hora e a distância pareciam acorrentá-lo ainda.

A verdade é que não havia maneira de se assegurar de que as suas contas bancárias já estavam desbloqueadas. Com toda a certeza as autoridades não tinham tido tempo para resolver esse problema. Suspeitava até que teria de meter uns requerimentos em Lisboa e envolver-se numa complicada burocracia até conseguir superar a dificuldade. Assim sendo, de que lhe valeria falar com Maria Flor? A directora tornara muito claro que os proprietários não queriam conversa, mas o dinheiro em falta. E acesso ao seu próprio dinheiro era o que ele, bem vistas as coisas, ainda não tinha.

Nessas condições, a única coisa que poderia fazer era ir buscá-la ao lar e tratar dela enquanto o bloqueio das contas bancárias não se resolvesse. O problema é que ele se encontrava em Florença e, mesmo que apanhasse o primeiro voo da manhã, apenas poderia ter a esperança de chegar a Lisboa ao princípio da tarde, uma vez que de permeio teria de apanhar um voo de ligação, pelo que só chegaria a Coimbra umas duas horas depois. No entretanto, só Deus sabia o que aconteceria à mãe. Como poderia sair daquela alhada?

Um toque na porta interrompeu-lhe os pensamentos. Estranhando uma visita a hora tão imprópria, enrolou-se na toalha de banho, abriu a porta e espreitou para o corredor.

"Posso?"

Era Raquel.

"Passa-se alguma coisa?"

A bela espanhola, que se encontrava envolvida num roupão branco, tirou as mãos de trás das costas e exibiu uma garrafa de espumante italiano e dois copos.

"Trouxe isto para comemorarmos", disse ela com um sorriso juvenil. "Terminou o nosso pesadelo e parece-me uma óptima razão para improvisarmos uma pequenita fiesta, não achas?"

Tomás abriu totalmente a porta e, com um gesto, fez-lhe sinal de que entrasse.

"Vamos a isso."

A agente da Interpol invadiu-lhe o quarto e encheu os copos de champanhe.

"Qué pasa? Estás com cara de caso."

"É a minha mãe. Ando preocupado com ela."

"A tua mãe?", admirou-se a espanhola. "Aconteceu-lhe alguma coisa?"

O historiador sacudiu a cabeça; explicar a situação da mãe parecia-lhe muito complicado e até inútil, uma vez que Raquel não o poderia ajudar.

"Não aconteceu nada", disse. "Esquece." Pousou o olhar nos copos que ela acabara de encher e, esforçando-se por deixar as preocupações de lado, até porque nada poderia resolver nesse instante, tentou animar-se. "Então, esse champanhe?"

A visitante estendeu-lhe o copo dele e depois ergueu alto o seu.

"Salud!"

"Tchim-tchim!"

Tomás tinha sede e, fechando os olhos, engoliu todo o champanhe do copo de uma só vez. Quando reabriu as pálpebras quase deixou cair o copo. O roupão de Raquel escorregara até aos pés e ela estava nua diante dele, o corpo sinuoso e bem desenhado, o peito arrebitado e ofegante, os grandes olhos verde-esmeralda a cintilarem.

"A festa tem banquete", ronronou ela, deslizando para a cama e abrindo os braços convidativos. "Faz-me o que devias ter feito naquela sala de demónios, caríño..."

"O champanhe não estava mal", murmurou o português, contemplando o corpo bem desenhado da mulher, "mas o prato principal parece de arromba!"

Com um gesto rápido e uma gargalhada travessa, a espanhola agarrou a toalha que o cobria e puxou-a, desnudando-o também.

"Hola!", exclamou ela, arregalando os olhos perante o que via. "Também não me posso queixar..."

Tomás deixou-se resvalar para a cama e, como um náufrago, afundou-se num abraço feito de gemidos e suspiros, sentindo a carne quente e palpitante da mulher, a pele aveludada a tornar-se leitosa e arredondada nos seios e nas nádegas, a garganta a arquejar de volúpia, os olhos entreabertos de desejo, as entranhas húmidas e sequiosas, os corpos a contorcem-se no dueto de um movimento sincronizado, os lábios molhados entreabertos com sofreguidão, gulosos e glutões, as línguas sôfregas a digladiarem-se numa refrega sedenta, imitando os corpos na gula insaciável de amantes que se descontrolavam e perdiam numa sinfonia de vagidos ofegantes, espada a penetrar em carne, pedra áspera na almofada de seda, gelo no fogo, uma dança de ritmo crescente, primeiro devagar, a fruir

o toque, a saborear a lenta doçura do instante, depois a ganhar velocidade à medida que o corpo pedia mais e mais, como uma locomotiva a acelerar, a bigorna a bater em ferro em brasa, o...

"Não!", disse ele de repente. "Não!"

Saiu dela e rolou para o lado.

Raquel abriu os olhos, apanhada de surpresa com a interrupção, na verdade sem entender o que sucedera.

"Qué pasa?", perguntou, alarmada e atarantada. "Que aconteceu? Porque paraste?"

De pálpebras cerradas, o português abanou a cabeça.

"Não."

Ela apoiou o cotovelo na cama e ergueu-se, observando-o para ver se estava tudo bem.

"Não, o quê?"

Tomás respirou fundo e abanou a cabeça.

"Desculpa, mas não posso", titubeou. "Não posso, não posso."

"Porquê? O que se passa?"

O português ergueu o braço e indicou a porta do quarto. "Tu não tens culpa, não é nada contigo, mas... preciso de ficar sozinho." A espanhola abriu a boca, sem saber o que pensar. "Estás a mandar-me embora?" "Sim, por favor", confirmou ele, sem vontade de se explicar. "Desculpa, mas não posso. Preciso de ficar só." Raquel saltou da cama e vestiu o roupão com gestos bruscos, a fúria a crescer-lhe no corpo e a indignação a enrubescer-lhe a face. "Cabrón de mierda", resmungou entre dentes, "hijo de puta, coro de maricón!"

Sem olhar para trás, saiu do quarto como um furacão e bateu a porta com violência. Enfim sozinho, Tomás enroscou-se na cama e puxou o lençol, ele próprio sem compreender o que fizera e porque o fizera. A única coisa que sabia é que, enquanto amava e beijava e penetrava aquela mulher que tão inesperadamente rejeitara, um rosto se lhe impusera com tal força que fora incapaz de prosseguir, uma cara materializara-se-lhe diante dos olhos, travara-lhe o corpo e obrigara-o a parar.

Maria Flor.

Epílogo

O céu escurecia já sobre os pinheiros e o clarão crepuscular do Sol tornara-se um hálito arroxado no horizonte quando a pacatez na praticidade quebrada pelo guinchar da travagem repentina de um automóvel. O Volkswagen azul estacionou com grande fragor diante da vivenda no meio do pinhal, o motor traseiro a estalar de fadiga depois da corrida louca de Lisboa até Coimbra, e o silêncio só voltou quando a viatura foi desligada. Ouvia-se uma porta a abrir e o condutor saltou para o passeio e, apressado, correu a tocar à campainha da moradia.

Soaram passos no interior do edifício e uma mulher de bata e touca branca abriu a porta do Lugar do Repouso e olhou para o exterior.

"A minha mãe?"

A pergunta de Tomás foi atirada de chofre, com ansiedade e impaciência, sem sequer uma saudação preliminar.

"Boa tarde, professor Noronha", devolveu ela com um sorriso profissional. "Veio ver a dona Graça?"

"Onde a puseram?"

A empregada deu um passo para o lado, convidando-o a entrar.

"Faça o favor", disse. "Está lá em cima, no quarto dela. Faça o favor de subir."

Sem se preocupar com cerimónias, Tomás franqueou a entrada e trepou as escadas em grande velocidade, saltando de três em três degraus, e só abrandou diante do quarto da mãe. Tocou de mansinho, quase com medo que ninguém respondesse, e sentiu um alívio profundo quando ouviu do interior uma voz familiar.

"Quem é?"

"Sou eu, mãe. Posso entrar?"

"Tomás? Entra, filho, entra."

Abriu a porta e viu a mãe sentada num sofá a ler uma revista social preenchida de imagens de pessoas a posar com sorrisos artificiais.

"Tudo bem, mãe?"

"Claro que está tudo bem, Tomás", devolveu ela, estranhando a aflição que lhe surpreendia no rosto. "Porque não haveria de estar?"

O filho ficou desconcertado.

"Eles não... quer dizer, a mãe não... não teve de sair daqui?"

"Sair daqui? Para onde?"

Era uma boa pergunta. Tomás entrou, fechou a porta e foi beijá-la. Depois sentou-se na cama, ao lado do sofá dela, e pegou-lhe na mão.

"Não ligue", acabou por dizer. "Está tudo bem, não está?" Dona Graça encolheu os ombros, despreocupada. "Claro que está tudo bem." Fez um gesto a indicar uma fotografia na revista. "Já viste esta lambisgóia da televisão?"

Veio para aqui dizer que conheceu agora o amor da vida dela e que fez com ele... enfim, coisas na praia. Minha nossa senhora, as pessoas já não têm tino nenhum! Agora vêm para as revistas falar sobre a sua intimidade! Credo, que mundo este! Já viste isto?"

Depois de se despedir da mãe desceu as escadas e foi bater à porta do gabinete da directora. Ouvia uma voz mandá-lo entrar, abriu a porta e espreitou para o interior.

"Olá", cumprimentou com um sorriso. "Tem um minuto?" Ao vê-lo ali Maria Flor arregalou

os olhos de chocolate e pôs-se de pé num salto.

"Professor Noronha!", exclamou, surpreendida. "Por aqui?"

Tomás entrou e cumprimentou-a com dois beijos no rosto; eram macias e quentes aquelas bochechas. Depois acomodou-se diante da secretária da responsável do lar e tirou um cheque do bolso.

"Felizmente consegui resolver o equívoco e a polícia já reconheceu que foi induzida em erro", disse. "Vim aqui regularizar a situação da minha mãe."

Ao vê-lo de cheque na mão a directora corou.

"Oh, não precisava de ter vindo tão depressa!"

"Não precisava?", admirou-se ele. "O prazo para pagar a diferença em falta na mensalidade terminava ontem, não terminava? A senhora disse-me que, se não pagasse a horas, os proprietários do lar punham a minha mãe na rua. Como deve compreender, a minha prioridade logo que me vi livre da situação em que me envolvi inadvertidamente foi vir aqui pagar o que devia."

"Pois, mas isso era a situação de ontem. Neste momento está tudo controlado."

"Está? Os proprietários aceitaram dar-me mais tempo para repor a diferença?"

Maria Flor hesitou, na incerteza sobre o que deveria dizer.

"Não exactamente", acabou por admitir. "Mas a situação da sua mãe ficou regularizada e isso é tudo o que interessa."

Tomás esboçou uma careta de incompreensão.

"Regularizada? Mas como?"

A directora fez um gesto vago com a mão, como se quisesse passar à frente.

"Não interessa", disse ela, claramente com pouca vontade de remexer na questão. "Esteve agora com a sua mãe?", perguntou, mudando de assunto. "Que tal a achou?"

O olhar do visitante iluminou-se.

"Ah, muito melhor! Para começar, reconheceu-me. Só isso é coisa digna de registo, não é verdade? Além do mais, conversou normalmente. Até parece outra!"

"Pois é, tenho andado a controlar-lhe mais a medicação", sorriu Maria Flor. "Por outro lado, o facto é que ela tem uns dias melhores e outros piores, e hoje pareceu-me estar num dia bom. Fez ginástica de manhã e tudo! Já a tarde foi passada a ler."

"Pois é. A minha mãe gosta de cusquices e vocês arranjaram-lhe umas boas revistas de fofocagem, não foi?" Riram-se os dois como velhos cúmplices.

"Ela adora essas coisas, não há dúvida!"

Tomás deixou a boa disposição prolongar-se, mas havia uma questão ainda por resolver no seu espírito.

"A senhora disse há pouco que..."

"Não me chame senhora", cortou ela, empertigando-se. "Até pareço uma velha. Chame-me Maria Flor, se não se importar."

"Maria Flor?", disse ele, testando a sonoridade do nome. "Muito bem, desde que me chame Tomás. Era o que tínhamos combinado, não é verdade?"

"Tem razão, profes... uh... Tomás. O problema é que ainda não nos habituámos."

O visitante pigarreou, preparando-se para regressar ao terna que o apoquentava.

"Pois, dizia eu que a senh... há... a Maria Flor revelou há pouco que a situação da minha

mãe foi regularizada. O que queria dizer com isso?"

A directora voltou a fazer um gesto indefinido com a mão, tentando passar à frente.

"Ah, não se preocupe, isso já lá vai!", devolveu ela. "Já reparou que a sua mãe é um bocado vaidosa? Noutro dia levei-a a passear à Baixinha e dei com ela a apreciar um vestido numa montra."

Tomás fitou-a com intensidade e cruzou os braços, como um menino traquina a fazer birra.

"Já vi que está a tentar desviar a conversa", constatou. "Pois eu não saio daqui enquanto não me explicar como é que a situação da minha mãe foi regularizada. Pressinto que há aí um mistério qualquer e gostaria de o esclarecer."

"Apre que é teimoso!", protestou ela, carregando as sobrançelas. "Sempre foi assim?"

"Sempre", confirmou ele. "Então conte lá, como é que a situação da minha mãe foi regularizada?"

"Não interessa, Tomás." Ajeitou-se no assento. "Olhe, se fosse a si ia à Baixinha com ela. A dona Graça anda de olho num vestido que..."

"Escusa de tentar desviar o assunto porque daqui não saio", avisou ele, interrompendo-a. "Sou filho e responsável por uma pessoa que vive nesta instituição e tenho o direito de saber qual a situação das mensalidades dela." Inclinou a cabeça. "Ou não tenho?"

A directora engoliu em seco.

"Tem sim."

O visitante manteve os braços cruzados, manifestando a sua posição irredutível, e soergueu uma sobrançela. "E então?", insistiu.

"Desembuche."

"A situação da sua mãe está regularizada", disse ela num fio de voz tímido. "Não tem de se preocupar com nada este mês."

"Que a situação este mês está regularizada já eu percebi", devolveu ele. "Mas como foi ela regularizada?"

Maria Flor engoliu em seco.

"Pagaram a diferença em falta."

Tomás estremeceu, apanhado de surpresa.

"Pagaram?", admirou-se. "Quem?"

O corpo da directora do lar pareceu encolher-se no assento e os olhos de chocolate desviaram-se para o chão, incapazes de o encarar.

"Fui eu."

Fez-se um silêncio estarrecido no gabinete.

"Você?", perguntou Tomás quando recuperou a fala, ainda embaçado com o que acabava de ouvir. "Pagou o que faltava da mensalidade da minha mãe? Do seu bolso?"

Maria Flor assentiu com a cabeça, o olhar baixo, a garganta emudecida, incapaz de o dizer novamente.

"Porquê?", perguntou ele, assombrado. "Porque fez isso?"

A directora levantou enfim os olhos e fitou-o.

"Porque não podia deixar que a pusessem na rua!", retorquiu, a voz de repente assertiva, o olhar incendiado por uma paixão que Tomás sempre lhe adivinhara mas nunca realmente vira. "Porque estou aqui para cuidar de pessoas, não para alimentar um mero negócio! Porque o

mundo pode estar de pernas para o ar, mas eu ao menos ainda sei quais são as minhas prioridades e responsabilidades! Porque, enfim, tenho vergonha na cara e sei que há muito mais na vida do que vender a alma por um punhado de patacos!"

Falou com exaltação, com o arrebatamento das pessoas que sabiam quem eram e para onde iam, e Tomás teve nesse instante vontade de a abraçar e a beijar e fazer com ela o que ainda nessa noite não conseguira fazer com Raquel. Mas conteve-se. Até então tinha mantido com Maria Flor uma relação estritamente profissional, ela era a directora do lar, ele o filho de uma idosa ali alojada. Tornava-se evidente, todavia, que uma linha invisível entre os dois havia sido cruzada e não existia caminho de retorno.

Quando Maria Flor se calou, Tomás agradeceu-lhe por ele, pela mãe, pela compaixão que ela sentira por eles. Ainda pensou em pagar-lhe o valor que a directora metera do seu próprio bolso mas teve vergonha, percebeu que seria um insulto à grandeza e ao gesto de profunda humanidade de que fora objecto e por isso conteve-se. Agradeceu até ficar sem mais palavras e perceber que o agradecimento a embaraçava, que ela na realidade nada fizera em busca de reconhecimento mas apenas procedera com naturalidade, em verdade para consigo mesma.

De repente sem nada para dizerem um ao outro, como se à linha invisível que haviam cruzado se tivesse acrescentado uma barreira incorpórea mas estranhamente palpável, um silêncio desconfortável instalou-se entre ambos. Sentindo-se sem jeito nem conversa, atrapalhado pelo mutismo incómodo que surgira entre eles, o visitante levantou-se por entre palavras desajeitadas, dizendo que já se ia fazendo tarde e que estava na hora de se ir embora.

A directora permaneceu embatucada e balbuciou umas palavras de circunstância que ele nem percebeu, tão assarapantado se sentia. Ao chegar à porta do lar, porém, Tomás estacou e fitou-a naqueles olhos castanhos, tão abertos e verdadeiros. Tentou dizer alguma coisa que expressasse o turbilhão que lhe ia na alma, mas nada lhe saiu e, derrotado, desistiu. Levantou a mão em despedida e, o espírito num tumulto, começou a caminhar em direcção ao automóvel, a timidez a vencer a ousadia, a inibição a impor-se ao atrevimento, a razão a ganhar à emoção. Pensou que tinha era de ter juízo e respeitar aquela mulher e o seu gesto e não fazer disparates.

Deteve-se a meio caminho, a vontade a desobedecer à cabeça, o coração a rebelar-se contra as convenções, o corpo todo ele em insurreição. Porque não proceder como o instinto lhe sugeria?, porque não render-se à doce tentação da loucura?, porque não escutar a voz que lhe soprava sussurros de atrevimento? Virou-se e olhou-a de novo, a coragem subitamente recuperada, a ousadia enfim vencedora. Maria Flor permanecia à porta do lar, os olhos brilhantes, o rosto corado, o cabelo a esvoaçar sob o efeito da brisa que soprava fresca de norte, como se a noite acabada de cair a quisesse abraçar com tanta vontade como ele.

"E que tal se fôssemos jantar?"

Nota Final

É difícil escrever sobre a Segunda Grande Depressão sem, de uma maneira ou de outra, mesmo que não o queiramos, nos posicionarmos no aceso debate ideológico que esse traumático acontecimento suscitou. A esquerda diz que a culpa é dos mercados desregulados, da ganância e do liberalismo económico, a direita responde que a verdadeira causa é o despesismo desmedido e o enorme estado social que a menor riqueza gerada já não consegue sustentar.

Como falar sobre a crise e as suas causas sem ser catalogado como "esquerdista irresponsável" ou "neoliberal radical"? Como fazê-lo sem ser arrastado para o debate ideológico, político e até partidário que o colapso financeiro e económico radicalizou? Talvez não seja possível. Falar sobre economia implica necessariamente uma certa visão do mundo. Haverá forma de escapar a essa armadilha ideológica e mesmo assim abordar o problema nas suas vertentes essenciais?

No seu romance *I Married a Communist*, Philip Roth de certo modo resolveu o dilema quando pôs um personagem a reflectir sobre a diferença entre o comunismo e o capitalismo. "Tudo o que os comunistas dizem sobre o capitalismo é verdadeiro", disse ele mais ou menos assim, em conversa com Nathan Zuckerman, o alter ego de Roth. "E tudo o que os capitalistas dizem sobre o comunismo é também verdadeiro. A diferença, rapaz, é que os comunistas se baseiam no conto de fadas de que somos todos iguais e criam um estado policial para impor à força essa visão, enquanto o capitalismo se baseia em leis da natureza que, bem ou mal, existem de facto."

O mesmo, parece-me, se pode dizer sobre esta crise. O que a esquerda defende é verdadeiro, o que a direita afirma também. E ambas desvalorizam o que não lhes convém, embora igualmente verdadeiro. É verdade que a experiência mostra que os mercados não podem ser deixados à solta e que, como estabeleceu Marx, o capitalismo encerra em si contradições que conduzem à sua própria destruição; e é verdade que, maior do que a dívida pública, é a dívida privada contraída pelas famílias e pelas empresas com a cumplicidade gananciosa dos bancos. Mas também é verdade que o sonho do estado social se está a desmoronar perante o colapso do crescimento demográfico e a estagnação económica nos países industrializados e que não é possível sustentá-lo sem criar mais riqueza do que aquela que está a ser produzida; e é verdadeiro que as nossas economias enfrentam uma séria crise de competitividade perante os produtos oriundos das economias emergentes onde se praticam salários miseráveis, o que nos põe perante um dilema terrível: ou aceitamos que nos baixem os salários para que os bens que produzimos tenham preços competitivos, ou vamos para o desemprego porque as nossas empresas não conseguem sobreviver perante uma concorrência com preços tão agressivamente baixos.

Igualmente verdadeiro, existe um problema sério na forma como as nossas democracias estão a funcionar. Os políticos não buscam a resolução dos problemas, mas a sua eleição. Isto é válido para todos os políticos. Todos. O que levanta interrogações naturais sobre a maneira como governam e como financiam as campanhas para as suas eleições. Por que razão se constrói uma determinada auto-estrada? Porque ela é realmente necessária ou porque uma construtora civil deu determinada quantia para a campanha eleitoral de um partido e o político tem de retribuir o favor com o dinheiro dos contribuintes? E quando a Alemanha ou a França

financiam um projecto em Portugal ou na Grécia fazem-no realmente para ajudar os Portugueses e os Gregos ou para ajudar as suas próprias empresas, num esquema de subsídio indirecto e disfarçado de ajuda? Todos dizem que a primeira opção é a resposta, todos intuimos que a segunda é que é verdadeira.

A Mão do Diabo apresenta uma avaliação das economias feita com base nas opiniões de economistas eminentes. Nada é minha opinião, tudo o que está escrito resulta do diagnóstico feito por profissionais. O livro inclui por isso informação económica e financeira genuína. De resto, tratase quase sempre de informação pública. Contudo, o último segmento do romance, aquele em que se conhece o teor do DVD, apresenta-nos informação que não é necessariamente pública. Mas é, no seu espírito, verdadeira, embora devidamente mascarada pelas roupagens da "ficção". Trata-se de informação que me foi fornecida ao longo do tempo, mas que, para os efeitos deste livro, não passa de informação "ficcional". Este livro é um romance, isso é "ficção".

O processo do Tribunal Penal Internacional contra os responsáveis pela crise por crimes contra a humanidade é igualmente, e como parece óbvio, pura ficção. Esse processo não existe, não há qualquer lista de suspeitos. Mas pareceu-me que faria sentido usar a ficção para pôr a justiça a fazer uma coisa que na vida real não faz: apurar responsabilidades pela crise. É um facto que todos somos responsáveis pelo que aconteceu, nem que seja pelo facto de votarmos em quem votamos ou até por nos abstrairmos em absoluto da actividade política, por desinteresse ou nojo, atitude que na prática significa que a deixamos nas mãos de pessoas que não conhecemos verdadeiramente — pessoas amiúde desqualificadas e por vezes corruptas. Mas, ao dizermos que somos todos responsáveis, seria errado presumir que somos todos igualmente responsáveis. Não somos. A responsabilidade de um primeiro-ministro, de um ministro das Finanças ou do governador de um banco central é muito diferente da responsabilidade da minha mãe, por exemplo, que está reformada. Ou da sua responsabilidade, caro leitor.

Para a escrita deste livro consultei várias obras cujos títulos me parece importante partilhar para quem procure leituras adicionais. Assim, sobre a crise financeira, as principais fontes bibliográficas foram Freefall — America, Free Markets, and the Sinking of the World Economy, de Joseph Stiglitz; Crisis Economics — A Crash Course in the Future of Finance, de Nouriel Roubini e Stephen Milim; e uma série de ensaios publicados por Jeffrey Friedman em What Caused the Financial Crisis, designadamente "Capitalism and the Crisis: Bankers, Bonuses, Ideology, and Ignorance", de Jeffrey Friedman; "An Accident Waiting to Happen: Securities Regulation and Financial Deregulation", de Amar Bhidé; "Monetary Policy, Credit Extension, and Housing

Bubbles, 2008 and 1929", de Steven Gjerstad e Vernon Smith; "The Anatomy of a Murder: Who Killed the American Economy?", de Joseph Stiglitz; "Monetary Policy, Economic Policy, and the Financial Crisis: An Empirical Analysis of What Went Wrong", de John Taylor; "Housing Initiatives and Other Policy Factors", de Peter Wallison; "How Securitization Concentrated Risk in the Financial Sector", de Vira! Acharya e Matthew Richardson; "A Regulated Meltdown: The Basel Rides and Bank's Leverage", de Juliusz Jablecki e Mateusz Machaj; "The Credit-Rating Agencies and the Subprime Debacle", de Lawrence White; e "Credit-Default Swaps and the Crisis", de Peter Wallison. Destaque ainda para o documentário Inside Job, de Charles

Ferguson.

Sobre a crise do euro e das dívidas soberanas, as principais leituras foram *Bust — Greece, the Euro, and the Sovereign Debt Crisis*, de Matthew Lynn; *The End of the Euro — The Uneasy Future of the European Union*, de Johan van Overtveldt; *A Tragédia do Euro*, de Philipp Bagus; *The Imminent Crisis*

— *Greek Debt and the Collapse of the European Monetary Union*, de Grant Wonders; *Endgame — The End of the Debt Supercycle and how it Changes Everything*, de John Mauldin e Jonathan Tepper; *This Time Is*

Different Eight Centuries of Financial Folly, de Carmen Reinhart e Kenneth Rogoff; e ainda o estudo *"Back to Mesopotamia? — The Looming Threat of Debt Restructuring"*, de David Rhodes e Daniel Stelter.

Sobre a crise portuguesa especificamente, as obras de referência para este romance foram *O Fim da Ilusão*, de Medina Carreira; *Perceber a Crise para Encontrar o Caminho*, de Vítor Bento; *Como o Estado Gasta o Nosso Dinheiro*, de Carlos Moreno; *As 10 Questões da Crise*, de João César das Neves; *Portugal: Dívida Pública e Défice Democrático*, de Paulo Trigo Pereira; *Acabou-se a Festa*, de Pedro Cosme Vieira; *A Dividadura — Portugal na Crise do Euro*, de Francisco Louçã e Mariana Mortágua; *Só Um Milagre nos Salva — A Verdade sobre a Crise Portuguesa e a Sua Solução*, de Joaquim Vieira; *Economia Portuguesa — As Últimas Décadas*, de Luciano Amaral; *Má Despesa Pública*, de Bárbara Rosa e Rui Oliveira Marques; *Segurança Social — O Futuro Hipotecado*, de Fernando Ribeiro Mendes; *Olhos nos Olhos*, de Medina Carreira e Judite Sousa; e ainda o estudo *"O euro e o crescimento da economia portuguesa: uma análise contrafactual"*, de Luís Aguiar-Conraria, Fernando Alexandre e Manuel Correia de Pinho.

Por contributos vários que enriqueceram esta obra são devidos agradecimentos a Henrique Medina Carreira, antigo ministro das Finanças; a João Sâagua, director da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; ao advogado Fernando Carvalho; a Paulo Teixeira de Moraes, vice-presidente da Associação Transparência e Integridade; a Marina Ramos, antiga editora de Economia da RTP; e a pessoas de uma lista imensa de fontes anónimas que alimentaram o livro de informações menos conhecidas, de desempregados a empresários, banqueiros e antigos governantes, a juristas e magistrados que trabalham na área da corrupção e gestores e técnicos que lidam ou lidaram com investimentos públicos de contornos pouco claros.

Uma palavra final de apreço às minhas muitas editoras, de Lisboa a Atenas, de Roma a Nova Iorque, de Banguecoque a Moscovo, pelo entusiasmo que dedicam à publicação e à promoção dos meus romances. Um agradecimento também aos meus agentes literários em Madrid, Nova Iorque, Hamburgo e Estocolmo, e a Massimo, o meu guia em Florença. Ao meu irmão, João, com quem tanto discuto sobre tudo o que nos está a acontecer. E, por fim, à Florbela, sempre a minha primeira leitora.

Já agora, quando lá atrás disse que o conteúdo do DVD revelado no final do romance era "ficção", espero, amigo leitor, que tenha estado atento e reparado na forma como escrevi a palavra "ficção".

Entre aspas, claro.

Para que o mal triunfe basta que os homens bons nada façam.

